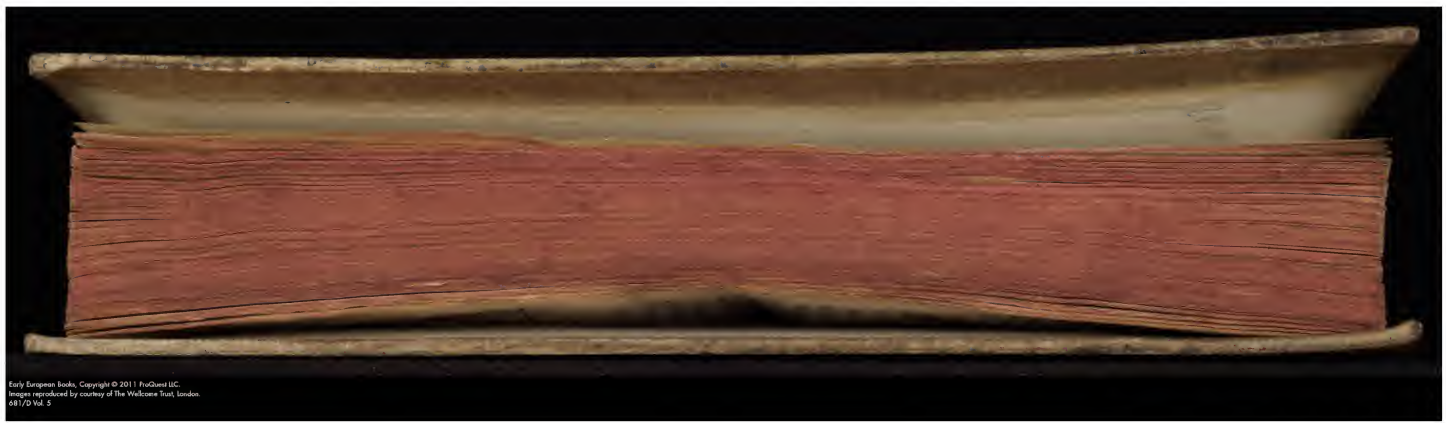


Early European Books, Copyright © 2011 ProQuest LLC.  
Images reproduced by courtesy of The Wellcome Trust, London.  
681/D Vol. 5



Early European Books, Copyright © 2011 ProQuest LLC.  
Images reproduced by courtesy of The Wellcome Trust, London.  
681/D Vol. 5





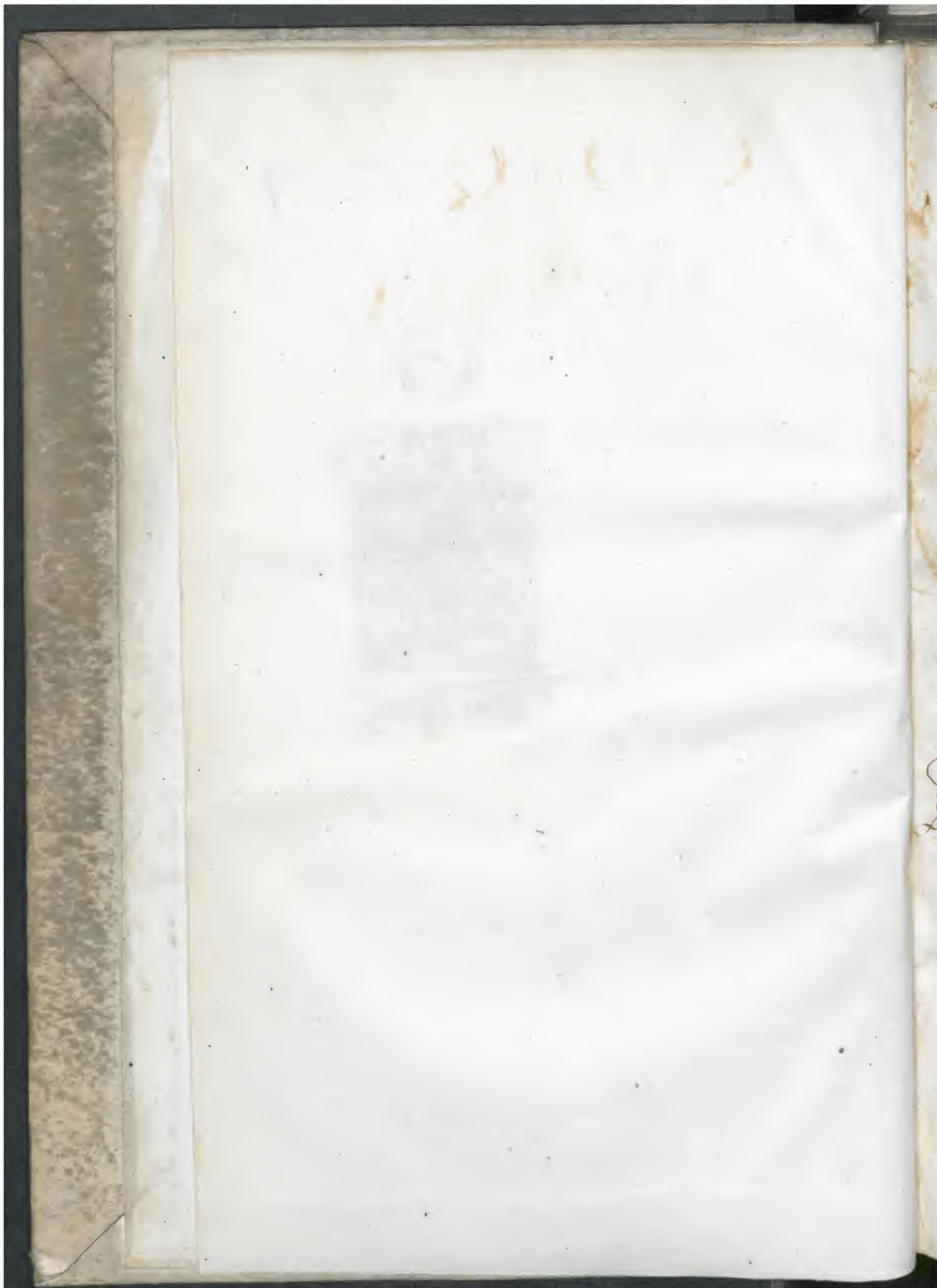
Early European Books, Copyright © 2011 ProQuest LLC.  
Images reproduced by courtesy of The Wellcome Trust, London.  
081/20 Vol. 5

681 (v)









# DECADA QVINT

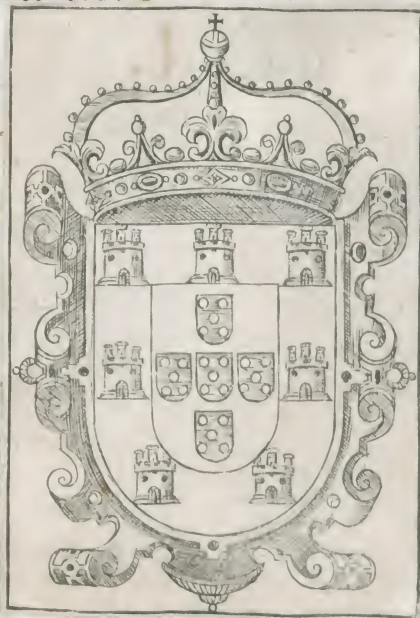
## A. DA ASIA.

Dos Feitos q̃ os Portugueses Fizer

no descobrimento dos mares & conquistas  
das terras do Oriente: emquanto gouernarã a  
India dom Garcia de Noronha, Nuno da Cun-  
ha, dom Estevão da Gama, & Martin Afonso de  
Seiça.

Composta por Diogo do Couto Chronista &  
guarda mór da torre do Tombo do estado da

In  
da Impressão do



dia

Bras. do Lito.



*Primer 1183.57*  
DE CADA QUINTA

A DA ASIA

Dos feitoros os Portuguezes fize-  
ram a descoberta da India e  
da China e de outros paizes  
daquelle parte do mundo e  
daquelle mar e de outros paizes  
daquelle parte do mundo e de  
outros paizes daquelle parte do mundo

Com o qual se descobriu a  
India e a China e de outros  
paizes daquelle parte do mundo

daquelle parte do mundo

daquelle parte do mundo



# LIVRO PRIMEIRO

## DA QVINTA. DECADA

### DA HISTORIA DA INDIA.

#### CAPITVLO I.,

*Dos grandes odios & guerras que ouue entre os Reis de Calcut & Cochim. E de como faleceeo Camorim: & das reuoltas que ouue em Cochim sobre o que socedeo se querer ir coroar a Repelim. E de como Martim Afonso de Sousa acodio a isso.*



A primeira decada de Ioaõ de Barros se cõta largamente, como magoadado o Camorim d'Elrey de Cochim se cõfederar com Pedraluarez Cabral, quando cõ elle fez aquelles contratos de pazes, obrigãdose a lhe dar carga de pimenta pera as naos do reino, dando-lhe logo em terra feitoria, onde deixou por feitor Gonçalo Gil Barbosa: & cõ elle Lourenço Moreno, & Bastiaõ Aluarez por escriuaes, com outros tres homens pera o seruiço da feitoria, & meneo da pimenta: deixandolhes fazendas & dinheiro pera comprarẽ toda aque ouuesse naquelle reino. O que sabido pello Camorim

depois da armada partida pera o reino, dádolhe os çiumes d'aquelle negocio, mandou dizer a Elrey de Cochim que lhe mandasse entregar os Portugueses que ali ficaraõ com toda sua fazenda. Elrey de Cochim pella palavra & sê q delles deu a Pedraluarez Cabral, zombou dião. Do que tomado o Camorim, foy com grande poder sobre aquelle Rey, destroindoo, & tomandolhe o reyno, matando-lhe o principe Naramohim, que era herdeiro do reyno, com outros dous sobrinhos por traiçoẽs de seus Naires, que os desemparrãõ, peitados do Camorim: ficando Elrey de Cochim perdido & desbaratado: recolhido cõ os Portugueses na ilha de Vaipim, que sõ lhe ficou, assi por ser mais defensauel, como por auer entre elles vm costume que ha entre os Christaõs: que he auerem por religiaõ serem os lugares sagrados valha couto dos que se acolhem a elles: & assi ficarem seguros dos males que lhe podẽ acontecer, colhendos fora delles. Assi aly ficou este Rey ate ser restituído a seu reino, pellos dous parentes, Francisco, & Affonso d'Albuquerque. Daqui ficaraõ estes dous Reis em

A . . . tamanho



*Quinta Decada. Da historia da India.*

tamanho odio, que nunca mais o perderão, nem o perderão, tra-uándose antre elles tão asperas & crueis guerras, como nas decadas de Ioaõ de Barros se conta: em q̃ socederaõ aquellas grandes façanhas, que fez Duarte Pacheco Pereira no paço de Cambalaõ.

Por estes odios se diuidio todo gentio do Malauar em dous Bandos, lançandose todos os Reys & senhores á parte a que mais obrigação tinhaõ: tomando apelidos pera serem conhecidos, & differencados vns dos outros, chamandose os da parte do çamorim paydaricuros: & os da d'Elrey de Cochim Logiricuros, como ja em Italia vimos aquelles dous tão periudiciaes bandos dos Golphos, & Elgibelinos. Os herdeiros destes dous Reys Gentios ficaraõ herdando com os estados este odio entranhauel, continuando sempre em guerras, com bem de dano de ambos. Socedeo este anno em que andamos, falecer o Çamorim, & herdar aquelle reino vm dos sobrinhos filhos de hũa de suas irmans, que se achou presente á sua morte. Porque estes Reys (como ja muitas vezes dissemos) não os herdaõ os filhos, pelos auerem por suspeitosos pella generalidade das molheres: mas herdaõ os sobrinhos filhos de suas irmans: por que estes (sejaõ seus pays quaes forem) sempre ficão sendo do sangue real

pella parte das mays. E destes ainda não herda o mais velho, nem o filho das irmãs mais velhas, senão aquelle que for tão ditoso, que ao tempo do falecimento do Çamorim se achar com elle. Somente os Reys de Cananor ficaõ fora desta ley, pellas rezoens que em outra parte diremos. Este costume não só se guarda entre os Gentios do Malauar, mas ainda antre os Mouros: aquẽ tambem não herdaõ senão os sobrinhos.

E tornando ao fio da historia. Este sobrinho do Çamorim que socedeo no reino, este inuerno em que andamos, era obrigado irse coroar sobre aquella pedra que estaua em Repelim, de que Ioaõ de Barros trata que os Chins deixaraõ em Cochim: que segundo algũas escrituras muito antigas dos Malauares, foraõ ja senhores de toda aquella fralda do Malauar, por onde fundaraõ cidades, & pouoaçoens, de que ainda oje ha algũa memoria, como em Calecut vm lugar chamado Chinacota, que quer dizer, fortaleza de Chins, & em outras muitas partes. Estes como acharaõ aquellas gentes barbaras, sem Rey, ordem, ley, nem policia algũa, ordenaraõlhe leis, fazendo em todo Malauar duas cabeças: hũa com todo o poder sobre o temporal, com este titulo de Çamorim, q̃ quer dizer imperar sobre todos: & outro com toda



toda a jurdição spiritual, com título de Bramene mór, a quem assentaraõ sua cadeira na cidade de Cochim, deixando por ley: Que todos os Emperadores que socedeffem no Malauar, fõsem tomar a inuestidura do imperio da mão do Bramene mór, que estaua em Cochim. Assim como oje vñão os Emperadores de Alemasña em a tomar da mão do Summo Pontífice, que preside na igreja de Deps. E pera isto deixaraõ os Chins hũa pedra em Cochim, sobre quem aquelles Emperadores eraõ obrigados a se coroarem.

A rezaõ desta pedra não achamos escrito em algum autor, nem os Chins a sabem: mas quanto a nós, deuia aquillo de ser costume vñado entre os antigos Reys da China. E aquella pedra deuia de ser algũa coula antre elles de grande religião, porque a trouxeraõ comsigo. Em fim como quer que fosse, esta ley se foi guardando ate o çamorim Perimal, q̃ recebeo a ley de Mafamede, & querendo ir acabar em religião na casa de Meca, repartio seus reinos, como oje estaõ, deixando ao que deu a cidade de Calecut o dominio sobre todos. E assim como seus herdeiros socediaõ no reino, yaõ coroar-se a Cochim sem impedimento algum: ate que o çamorim, de que a tras falamos, destruiu & tomou aquelle reino, & leuou a pedra a Repelim, a onde este que

agora socedeo se quis ir coroar, confederandose primeiro com o principe de Repelim, que era logiricuro do bando d'Elrey de Cochim: porque não podia passar áquella ilha sem seu consentimento: & ajuntou pera isso todo o poder de seu reino. Disto foi logo auisado Elrey de Cochim, & vendo que aquellas lianças & amizades do çamorim com o principe de Repelim podiaõ ser destruição sua, deu conta ao doutor Pero Vaz d'Amaral, capitão & veador da fazenda de Cochim, pedindolhe ajuda pera defender os passos: pera o que lhe elle deu alguns nauios de remo, q̃ se foraõ por naquelles rios pera defender a passagem ao çamorim. Elrey de Cochim tambem ajuntou todo o seu poder pera acodir áquelle negocio em pessoa, conuocando os do seu bando, que eraõ os Reys da pimenta de Porcá, de Diamper, de Palurte, os Mangates Caimal, & o de carta da Lua, & outros Mangates & Areis. O doutor Pero Vaz d'Amaral despedio logo recado muiy apressado ao Governador Nuno da Cunha com cartas suas & d'Elrey, em q̃ lhe pediaõ acodisse áquelle negocio. Vendo o Governador quão elle importaua despedio logo Martim Afonso de Sousa capitão mór do mar cõ tres Galés, & trinta nauios de remo cõ que estaua prestes pera ir pera a costa do Malauar. Os capitaens



*Quinta Decada. Da historia da India.*

que o acompanharaõ foraõ os seguintes. Antonio da Sylua de cãpo Mayor, Manoel de Sousa de Sepulueda q̃ yaõ nas Galés, Martin Correa da Sylua, Francisco de Sá o dos oculos, Francisco de Mello Pereira, Ioaõ de Sousa Rates, dom Diogo d'Almeida Freire, a que chamauaõ o Malauar, por ser muito cursado naquella costa, (que era irmaõ de dom Ioaõ de Sande vm dos grandes ginetairos que naceraõ em Portugal: & elle o naõ era meno's que seu irmaõ) & outros fidalgos & caualeiros q̃ foraõ nesta jornada a que naõ achamos os nomes. Dada esta armada á uela foraõ seu caminho, em que os deixaremos por continuarmos com outras cousas que neste tempo socederaõ.

**CAPITOLO II.**

*Que trata da viagem que Diogo Botelho Pereira fez pera Portugal em hũa fusta. E da fala que mestre Theofilo Na politano eremita, da ordem de Santo Agostinho, fez ao Papa Paulo terceiro, & ao sagrado collegio dos Cardeaes em louuor dos feitos que se fizeraõ na India em tempo d'Elrey dom Ioaõ o terceiro, pellas nouas que lhe*

*mandou da fortaleza que o Governador Nuno da Cunha fez em Diu.*



VIA vm fidalgo na India que se chamaua Diogo Botelho Pereira, filho bastardo de Antonio Real que fora capitão de Cochim, sendo Visorrey da India dom Francisco d'Almeida, & de hũa mulher que trouxera do reino, que se chamaua Iria Pereira, que ficando rica foi criando o filho em muita vaidade. E como elle era muito habil, & tinha grande inclinação á Mathematica, deuse a sabella & a arte de nauegar, & a Esphera, em que foi douto, & aproueitou muito nella, & fazia mūy bem cartas de marear. Crecendo na idade, foraõ tambem crecendo nelle os spiritos & pensamentos de maneira, que sendo mancebo foi leuado a Portugal, onde Elrey folgaua de falar com elle polo achar taõ habil & esperto, & taõ corioso naquellas cousas em q̃ praticaua cõ elle. Confiado elle nas partes q̃ tinha, & nos fauores q̃ lhe Elrey fazia quando lhe falaua, pediolhe vm dia que lhe fizesse merce da capitania da fortaleza de Chaul: Ao que lhe Elrey respondeo sorrindose, Que os pilotos naõ eraõ capitaes de fortalezas. Enfadado Diogo Botelho Pereira



Pereira da reposta que lhe Elrey deu, sayose pera fora pera a ante camara onde estaua dō Antonio de Noronha filho segūdo do Marquez de Villa real, e criuaō da puridade, que jà o tinha sido de Elrey dom Manoel, que perguntandolhe se o despachara Elrey bem? Respondeo Diogo Botelho Pereira, Senhor o bom despacho eu o buscarei onde mo daraō a meu gosto. Tanto que chegou á noticia d'Elrey a reposta que Diogo Botelho deu a dom Antonio de Noronha, mandouo Elrey prender no castello de Lisboa, & que o tiuessem a bom recado: porque arreceou que se fosse pera Castella, & là desse de si outro Magalhães. Ali esteue preso ate ir por Visorrey da India dom Vasco da Gama Conde Almirante, que o pedio a Elrey pera o levar consigo, por lho rogarem alguns fidalgos seus amigos. Concedeolho Elrey com condiçaō que não tornasse Diogo Botelho Pereira a Portugal sem seu expresso mandado.

Com este desgosto andou este fidalgo sempre na India, vendo se se lhe offerecia algũa occasiaō honrosa de poder tornar a Portugal. Aconteceo neste tempo dar Soltaō Badur Rey de Cambaya licença ao Governador Nuno da Cunha pera fazer fortaleza em Diu, couza que tanto se desejava, & por tantas vias se pretendia pera mor segurança do estado da In-

dia. Vendo Diogo Botelho Pereira taō boa occasiaō pera poder ir a Portugal, como era leuar nouas a Elrey d'hũa couza que elle tanto desejava, & por tal auia de festejar muito, & fazer grandes merces a quem lhas desse (como vemos que fez a vm Iudeu que o Governador Nuno da Cunha mandou por terra com cartas em que lhe daua nouas que o auiaō d'alegrar muito por lhe dizer que tinha fortaleza na ilha de Diu) determinou fazer este caminho nũa embarcaçaō taō pequena, & taō desacostumada em Portugal, que causasse grandissimo espanto ao mundo ver que se atreuera vm homem a cometer hũa viagem taō longa, & de taō grande perigo nũa embarcaçaō taō pequena, que por tal auia de causar grande admiracaō.

E assi sem dar conta a pessoa algũa de sua determinaçaō, gastou o inuerno em negociar a fusta de todas as cousas necessarias, fazendo-lhe hũa cuberta de popa a proa, & dous lemes, velas, traquetes dobrados, fateixas, & amarras de sobreseleto, & coatro fermosos tãques pera agoa: em fim tudo fez quanto lhe pareceo necessario pera poder passar a jornada que determinaua fazer.

E como entrou o veraō embarcouse com alguns homens de sua obrigaçaō, lançando fama, que auia de ir a Melinde, pera onde comprou algũas roupas & contas

A 3 & foise



*Quinta Decada. Da historia da India.*

& foise a Baticala onde fez hũa matalotagem muito á sua vontade com esta voz de ir a Melinde: aque acodiraõ alguns mercadores Gentios que meteraõ na fusta algũas fazendas: o que elle dissimulou por amor dos marinheiros, q realmente cuidauaõ que yaõ pera Melinde. E na entrada de Outubro se fez á vela com os Leuantres, & foi seguindo sua viagem ate Melinde, onde se desembarcaraõ os mercadores que leuaua: & elle fez logo agoa, lenha, & tomou algum refresco, tornando-se a sair com dizer aos marinheiros que ya a Quiloa. Tanto que se afastou da terra, ferrolhou todos os marinheiros com cadeas que pera isso leuaua, animandoos & prometendolhes muito dinheiro, sem toda via lhes dizer que ya pera o reino: Somente lhes metia em cabeça q ya a çofala, & por aquelles rios de sua costa a resgatar ouro, & así foi passando por todos, tomãdo agoa, & lenha, & fazendo mantimentos de carneiros, galinhas, capados, arros, milho, manteiga, q tudo achou bem barato.

De çofala foi seguindo sua jornada de logo da costa ate passar o cabo das Correntes & de logo da costa se se nũca alargar, nẽ apartar della, foi tomãdo todos os rios ate passar o Cabo de boa esperãça neste Ianeiro q vem de trinta & sete. Dali se foi engolfando com vêtos bonanças, & foi demandar a ilha

de santa Elena, onde varou a fusta pera a alimpar & concertar como fez, dando alguns dias de folga aos marinheiros, de que já leuaua alguns menos, que lhe morreraõ na terra fria: posto que elle leuaua vestidos feitos de pano pera todos elles já pera isso.

Partido daqui atraueffou aquelle grande golfo do mar, & tomou a derrota da ilha de São Thome, onde se refez d'agoa, lenha, & mantimentos: & dali foi tomar a barra de Lisboa em Mayo estando Elrey em Almeirim: & entrou por aquelle grande & feroso rio da cidade de Lisboa dentro a remo: & embandeirado foi surgir na ponta da Goiua, antes de Saluaterra por não poder a fusta passar mais acima. Causou esta nouidade em toda a cidade grande aluoroço, acodindo a ver a fusta tanta gente, que o Tejo era cheo de barcos. Diogo Botelho Pereira desembarcou em vm batel, & foise a Almeirim, & entrou com Elrey, quem deu conta de sua jornada, pedindolhe aluiças: que ja tinha hũa fermosa fortaleza feita na ilha de Diu. Posto que estimou Elrey muito as boas nouas que lhe leuaua da India, vendo que lhe não leuaua cartas do Governador, não lhe fez gafalhados, antes se carregou & pesou muito: & embarcando-se em vm bargantim, foi ver a fusta em que entrou & notou de uagar, folgãdo de ver aquella feição



ção de nauio, mandando dar de vestir & dinheiro aos marinheiros. E não deixou de ter a Diogo Botelho por homem de grande animo & coração, & pera se lhe entregar & encarregar qualquer grande feito que se offerecesse. E mandou que se varasse o nauio em Sacauem, onde esteue muitos annos ate que acabou, indoo ver a mayor parte da Europa por espanto. Dizem que depois d'elle chegou Isac do Cairo ludeu com as cartas do Governador Nuno da Cunha, que elle despidio de Diu pera Elrey, que elle festejou muito, & deu ao ludeo cento & corenta mil reis de tença em sua vida, & outras merces na mão. E Diogo Botelho Pereira esteue muitos annos sem lhe responder, & depois lhe deu a capitania de São Thome em Portugal, polo ter fora do reino. E depois o despachou pera a India com a de Cananor, como em seu lugar diremos.

Tanto que Elrey teue as nouas mandou logo fazer grandes & solennes procifsoens, & deuotos officios em louuor de Deos nosso Senhor pella merce que lhe fizera. E despidio cartas ao Summo Pontifice de Roma, que era Paulo terceiro, em que lhe fazia a saber de como ficaua tẽdo na ilha de Diu hũa ferosa fortaleza, com que esperaua de enfrear, & quebrar a soberba do Turco, por ser aquella a chaue de toda a India, & sobre q̃

o Turco tinha metido tanto cabedal, com o que ficaua aquella fortaleza de Diu fazendo seguro o estado da India: & esperaua em Deos nosso Senhor de trazer á obediencia da igreja Romana todo aquelle Pagão: mandandolhe hũa muito larga relação de todas as cousas socedidas, depois que intentou tomar aquella fortaleza de Diu ate que se lhe entregou.

Chegadas as cartas ao Summo Pontifice, vendo nellas taõ boas, taõ felices, & alegres nouas pera toda a Christandade, mandou ordenar hũa muito solenne procifsaõ em que se elle achou com todo o sagrado collegio dos Cardeaes, & disse Missa em Põtifical, & no cabo della fez mestre Theofilo Eremita Napolitano da ordẽ de santo Agostinho hũa muito elegante fala em latim encomendandolha o Summo Pontifice por ser homem doutissimo. E porque nella se trata hũa breue relação de todas as cousas que temos contado neste negocio de Diu, & muitos louuores d'Elrey dom Ioaõ o terceiro, & da nação Portugueza, nos pareceo bem pormola aqui toda de verbo ad verbum: assi pera autorizar com ella nossa verdade, como por mostrarmos que os louuores ditos por boca dos estranhos, ficão menos sospeitosos. Pera q̃ veja o mudo, como algũas vezes dissemos que nos mesmos somos os q̃ menos caso fazemos de nos-



fas cousas, que os estranhos.

*Fala que mestre Theosilo Napolitano eremita fez ao Papa, & ao collegio sagrado dos Cardeaes.*



A D R E santissimo, Cardeaes principes da terra: Se em algum tempo julgastes deueres a alguns dos mortaes estas solennes festas, santissimas cerimonias, & muy claros pregoens, com muita verdade & rezaõ se deue julgar deuerense principalmete ao muito vitorioso Rey de Portugal dõ Ioaõ o terceiro: que com taõ singulares nouas, & prosperas victorias dos imigos de Christo, & de nossa santa fe cada dia acrecenta, & emnobresce a Republica Christã, & sempre nella poem & intifoura noua gloria, como poucos dias ha que trouxe & sojeitou ao seu senhorio a fortissima cidade de Diu, vnica defenõ contra o furor dos soberbos & arrogantes Turcos, & ao mesmo senhor da dita cidade, que he o muito grande & poderoso Rey de Cambaya: & desta maneira adquirio a si facil & commodissima entrada pera sogigar a Christo o muito grande senhorio de toda a India. Obras saõ estas a que se deuem estas grandes honras pera que os autores dellas pera mayores cousas cada

dia mais se animem. E posto que por este respeito as naõ fazem, entendem daqui que quando as executaraõ foraõ suas obras acertadas. Mas primeiro que tudo confessemos recebermos estes taõ singulares beneficios da poderosa & liberalissima maõ do Senhor Deos, & tambem se deue confessar que os recebemos pella felicidade & santa religiaõ de Paulo terceiro presidente da Republica Christã: porque nunca Deos tem tanta ira contra nos, nem estã taõ commouido contra nossos peccados, que se esqueça de sua bondade & clemencia. Nem jã mais esta taõ aparelhado pera vingança, quando o offendemos, que naõ esteja mais pronto pera perdoar quando conhecermos nossa culpa.

Isto confessão todos aquelles que pella inclinaõ que tem de peccar, mediraõ a facilidade do Senhor pera perdoar: & muito mais o deuemos confessar os que viuemos atẽ este tempo em que como que estiuesse taõ prouocado a ira por nossa maldade, que parecia tirar sua maõ de nõs: & como por isso eramos auexados com tantos males, & postos no fundo com tantas perdas, que naõ auia jã lugar pera onde se podesse fogir, nem modo pera poder escapar. Entaõ mouido esse mesmo Senhor pellos rogos & lagrimas dos humildes, aplacou sua ira, & foccor-



que  
en-  
exe-  
erta-  
con-  
o fin  
la &  
nhor  
nfes-  
elici-  
Paulo  
blica  
s tem  
ta taõ  
becca-  
onda-  
is esta  
gança,  
naõ e-  
rdoar  
culpa.  
uelles  
em de  
de do  
muito  
os que  
m que  
ouoca-  
le, que  
nõs: &  
auexa-  
ostos no  
que naõ  
podesse  
er esca-  
mesmo  
agrinias  
a ira, &  
foccor-

foccorreo nossas misérias, pois deu  
por guia & regedor da Republi-  
ca Christã ao religiosissimo & san-  
tissimo Papa Paulo terceiro: por  
cujos merecimentos nos quis an-  
tes perdoar, que castigar por nos-  
sas culpas. Por que tanto que foi  
criado por nosso pastor, logo nas  
coufas resplandeceo noua figura  
como que as da fortuna & natu-  
reza se mudassem, & todas come-  
çaraõ focer prosperamente. An-  
tes disto o crudelissimo Rey dos  
Turcos mouia atrocissimas guer-  
ras contra Christaõs, fazia muitos  
estrágos, combatia & tomava mui-  
tas cidades, & reinos: & por derra-  
deiro o seu Barba roxa, ousado ca-  
pitaõ inimigo de Christo com hũa  
grande frota ameaçando, rodeou  
nossos côfins, & occupou em Afri-  
ca vm reino, & ordenou ahi assen-  
to contra Italia, principalmente  
contra esta nossa cidade de Ro-  
ma, & ahi se fez forte & acrecen-  
tou seus exercitos & forças pera q̃  
com mais facilidade nos cometes-  
se. Mas tanto que começou a go-  
uernar a igreja o Papa Paulo ter-  
ceiro este inimigo inchado com tã-  
tas vitorias tornou a tras: & aleuã-  
tado com tantos triumphos, voltou  
as costas: & soberbo com tantos  
esbulhos, aprendeo a auer medo.  
Digo que começando a reinar  
Paulo terceiro, os inimigos de Chri-  
sto mui poderosos foraõ afugen-  
tados, & derramados, & suas cida-  
des & monicoens tomadas, & suas

forças abatidas. E das primeiras  
vitorias que delles se ouueraõ, he  
sem nenhũa differença aquella q̃  
se ganhou na India por Elrey de  
Portugal dom Ioaõ o terceiro.

Mas pera que hũa taõ insigne  
vitoria se estime como ella merce  
ce ser estimada de todos os Chri-  
staõs: peço que me ouçais, & que  
com todo vosso animo atenteis,  
porque ey de dizer coufas naõ só  
dinas de serem ouuidas, mas me-  
recedoras que de necessidade se  
saibaõ: ainda que a grandeza de  
este negocio me pedia mais tempo  
do que me he dado, & pella bre-  
uidade delle recusara com rezaõ  
este trabalho de dizer se me fora  
dado, naõ obedecer a quem mo  
manda. E se me naõ parecera ser  
mais feyo a vm homem religioso  
calar em vm triumpho & prazer de  
Christaõs taõ commum, que falar  
o que podesse, ainda que falar naõ  
foubesse.

O grande Rey dom Manoel  
pay deste vitorioso Rey dô Ioaõ  
o terceiro fez muitas guerras, &  
ainda que deixo de falar nos ou-  
tros Reys de Portugal atras, claros  
& naõ de menos virtudes por fa-  
ma: por quem toda a Lusitania  
foi tirada do poder dos Arabios,  
& ganhado o reino pera seus soc-  
cessores, & os muitos templos &  
casas sagradas que edificaraõ, po-  
dem dar testemunho de seu Ca-  
tholico animo pera com Deos.  
Mas este grãde Rey dom Manoel  
conqui-



*Quinta Decada. Da historia da Índia.*

conquistou por armas a Etiopia, Arabia, Persia, & a India citerior, & navegaraõ os seus aquelle grãde espaço de mar Oceano, que nenhum dos mortaes antes delles ousaraõ navegar passando de todo pello mar Roxo. E nas ditas partes teue muitas guerras, & deu muitas batalhas, occupou muitas & diuersas regioens: Sojeitando muitos reinos, & senhorios a seu poder. E o que foi muito mayor do que he todo o louuor, leuou o nome & fe de Christo aos mais remotos fins da redondeza da terra. E em taõ claros feitos & vitorias, ficaua na India inteiro, & sem ser tentado dos Portugueses o reino de Cambaya: principalmente aquella muito fortificada cidade & fortaleza celebrada no dito reino jardim de todo o Oriente a que chamaõ Diu, que está posta na entrada do mar Indico, & no estremo promontório da enxada Catincolpus, cidade muito conueniente pera os Portugueses della resistirem ao poder & furor dos Turcos. Que com grande frota junta no mar da Arabia ameaçauaõ auerem de ir a dita cidade polas fozes do mar Roxo & tomarem por força tudo o que os Christaõs tinhaõ occupado, & q̃ assi seriaõ senhores de todo o imperio do mar Indico.

Era esta cidade, assi pella condiçaõ & natureza do lugar, como por artificio humano inexpugna-

uel: porque estaua edificada sobre hũa rocha, cercada de muros, & de muitas torres, & valada toda em roda com vm aparato de machinas de arame, que parecia ser mais propria pera ser guarda de molheres, que pera se nella exercitarem homens. Esta posto que muitas vezes os Portugueses a cometessem com todas suas forças, & nenhũa cousa aproueitasse, com tudo Elrey dom Manoel, que todas as mais cousas acabara com facilidade, pera que não fosse visto com algũa quebra, desistio desta impresa, onde fizera tantos gastos, com perda de homens & naos, & nenhũa cousa mais desejava & menos esperaua: por que em pouco estimaua o nome & senhorio que ganhara na India, pois não tomava este lugar. E como não visse modo pera pôr por obra seu desejo, & desconfiasse poder alcançala por faber humano, determinou de a deixar, & dilatar esta impresa pera outro tempo que lhe socedesse melhor, & se offerecesse occasiaõ de mais prospero & felice soccesso.

O Rey vitorioso, pera isto vos chama vossa boa fortuna, & esta vitoria se guarda pera vossa dita & grande felicidade. Ora armai-vos pera obra que he de tanto trabalho. Que cousa auerá que vos possa mouer disto? Por ventura a a difficuldade do lugar? Como, a prudencia não vence tudo? Não he ella mais poderosa que a fortaleza?



leza? Onde o liaõ não chega traga  
assi a pelle da raposa. Pola ventu-  
ra o poder & grande numero dos  
inimigos poem esse medo? Parece  
que não, porque lemos serem  
muitos quasi sem numero ven-  
cidos & desbaratados de pou-  
cos, porque não he a multidão  
a que vence, se não o valor & a  
prudencia. Detemos pella ventu-  
ra as grandes fortalezas, & gran-  
deza dos trabalhos, & exercitos de  
socorro? Todas estas & outras ma-  
yores difficuldades, vence a indu-  
stria & saber da guerra. Aja von-  
tade de cometer a obra, que não  
faltará poder pera a acabar. Se cõ-  
sideraes a difficuldade presente,  
ponde os olhos na gloria que se es-  
pera alcançar, & seruos à tudo fa-  
cil: por que mais he o que se espe-  
ra de premio, do que he o que se  
representa de trabalho: porque o  
perigo de pouco tempo, se restau-  
ra & satisfaz com se alcançar hũa  
gloria perpetua & fama que sem-  
pre dura. E alem disso tanto mais  
doce & gostosa soe ser a vitoria,  
quanto com mor risco & perigo  
se alcançou.

Cuidando comsigo Elrey dom  
Ioaõ estas cousas, ouçaõme o mo-  
do que teue de alcançar a vitoria.  
Este valeroso Rey verdadeiro imi-  
tador da gloria de seu pay, pare-  
cendolhe que não ficara tanto  
herdeiro do reino, quanto da vir-  
tude: & como tiuesse pera si que  
não bastaua pera seu estado defen-

der somente o que lhe ficou de  
seu pay, Rey taõ vitorioso, se elle  
não fizesse outras cousas algũas di-  
nas de immortal memoria, & me-  
recedoras de seus socessores as imi-  
tarem. (Porque os Reys não se aõ  
de entregar ao ôcio & deleitações,  
mas aõ sempre de trabalhar por  
cousas que dem aos que depois  
vierem testemunho de como vi-  
ueraõ, & foraõ merecedores do  
reino, & de como fizeraõ feitos,  
que os outros podessem escrever,  
& imitar.) Manda a seus capitaes  
que tinha na India que não cessẽ  
do negocio da guerra, nem me-  
nos trabalhem, em quanto elle rei-  
nar, por fazerem cousas nouas, &  
ganharem nouos reinos, do que  
trabalharaõ em tempo de seu pay:  
mas antes com mais prontos ani-  
mos, & esforçados coraçoens insis-  
taõ na gloria da guerra, & que  
cometessem outra vez a cidade  
de Diu, impresa que seu pay já  
deixara, & em que elle não desfa-  
leceria, em taõ honrados come-  
ços: E que pera tomarem aquella  
fortaleza não perdoassem a traba-  
lhos, nem a despezas, porque na-  
quelle negocio consistia toda a  
summa & perfeição das vitorias:  
& com aquelle feito acabado se  
ficaua aprovando sua fẽ & con-  
stancia.

Os seus capitaens por obede-  
cerem mais á vontade & manda-  
mento do seu Rey, que por terem  
confiança de aproueitarem algũa  
cousa



*Quinta Decada. Da historia da India.*

cousa no que lhe mandaua, começaraõ logo a renouar a guerra, poe sua frota de fronte da cidade, lançaõ gente fora, & com diligencia atentaõ todos os lugares donde se possa cometer, insistem na obra cometendoa muitas vezes com grande impeto & furor, às vezes simulauaõ & fingiaõ retrairse pera tomarem algũas guardas descuidadas, naõ deixando cousa que naõ tentassem, cometessem, & experimentassem: & por derradeiro escreuem a Elrey naõ terem esperança de algum bom effeito sem o socorro diuino: & que se insistissem em cometerem a fortaleza, affirmauaõ que seria com grande dano dos seus, & perda da frota. Ouuido isto Elrey, toma melhor conselho, por naõ pór os seus a tanto perigo: & ordena leuar se aquelle negocio por outra via, fazendo guerra continua áquelle Rey, & ao reino saqueandolhe cidades, destruindolhe os campos, & impedindolhe por mar & por terra os mantimentos, atè que cansado, & forçado da necessidade viesse a concerto, & offerecesse fortaleza na ilha de Diu, onde tanto auia que se desejava: & o caso focedeo cõforme aos desejos d'Elrey. Por que Soltaõ Badur Rey de Cambaya perseguido com tantas perdas & danos do reino, que lhe naõ dauaõ lugar pera poder respirar, espantado do grande esforço dos Portugueses, pera que

merecesse sua graça & amizade entrega a Nuno da Cunha Governador da India em nome d'Elrey de Portugal, a cidade de Baçaim com todos os seus termos & rendas:

Está esta cidade junto do mar, assentada pera a parte do Oriete, muy rica de campos, lugares, aldeas, & ilhas que daõ a Elrey cada anno de pêsão cem mil cruzados. E pella grande fertilidade da terra he muito populosa, & abundante de todas as cousas, principalmẽte de matos, que em muita abundancia daõ madeira pera edificação de todas as naos & armadas. E naõ dahi a muito tempo, pera q o Badur confirmasse a paz & amizade com os Portugueses, fez a saber a Nuno da Cunha que determinaua entregar se a si, & a cidade de Diu com alguns honestos partidos, & que pera isso fosse logo ver se com elle pera que fizesse hũa fortaleza no lugar que quizesse. Aluoroçado Nuno da Cunha cõ nouas de tanto gosto & contentamẽto, partio pera a cidade de Diu com sua frota bem armada, que com muita diligencia ordenou edificar hũa fortaleza na melhor parte da cidade sobre o porto, cõ baluartes & muros sobre o mar, & fez pacto com Elrey de Cambaya que naõ consentisse entrarẽ os Turcos pellos termos de seus reinos, nem os ajudasse com socorro, nem mantimentos: & assi fez



fez outros concertos de muita hõ-  
ra aos Portugueses, sobre o q̃ Nu-  
no da Cunha escreueo cartas a seu  
Rey muito mais discretas & co-  
piosas, do que eu poderei em bre-  
ue dizer com palauras.

Mas estãdo as cousas neste esta-  
do, socedeo vm caso muito oppor-  
tuno pera boa felicidade & dita  
d'Elrey de Portugal: este foi, que  
Hamaú Paxa Rey de Carmania  
veyo cõtra o Badur Rey de Cam-  
baya (naõ sei por q̃ causa) com se-  
renta mil frecheiros de caualo, se-  
gũdo os costumes dos Parthos, &  
cõ elles duzentos mil de pé: & El-  
rey de Cambaya bẽ podera encõ-  
tralo no caminho, naõ cõ menos  
exercito que o seu, mas vsando de  
maos conselheiros pera q̃ naõ pas-  
sassem seus soldados o perigo a ar-  
bitrio da fortuna, q̃ principalmen-  
te tem dominio nas guerras re-  
traindo-se de pelejar, & se recolheo  
a parte segura. Mas Elrey de Car-  
mania lhe tomou todos os manti-  
mentos por ser mais esforçado cõ  
gente de caualo. Vêdo Soltaõ Ba-  
dur perecer a sua gente á fome pe-  
ra que elle com os seus juntamẽte  
naõ fosse catiuo do imigo, tomou  
conselho sobre a fogida que tãto  
que se publicou, naõ se pode crer  
quaõ derribados & postos por ter-  
ra ficaraõ os coraçõens & animos  
dos soldados, & tanto enfraque-  
cераõ cortados do medo & temor,  
que como os imigos os comete-  
raõ, facilissimamente se lhe rediaõ

& entregauaõ cruzando as maõs,  
sem esperarẽ golpe d'espada. Pel-  
lo q̃ saindossẽ Badur secretamẽte  
do arrayal com sua familia & ri-  
quezas, & cõ todo o mouel de sua  
casa real se foi acolher a cidade  
de Diu, fortaleza muito segura  
mais pera ser vista de longe, que  
pera se combater de perto, pera q̃  
nella os Portugueses fossẽm a sua  
total defenõsaõ.

Esta fortaleza se entregou com  
todas as suas cousas a Nuno da  
Cunha Gouernador da India em  
nome d'Elrey de Portugal. Desta  
maneira socedeo q̃ os Portugueses  
naõ somente tiuessẽm a cidade de  
Diu, por tanto tempo desejada,  
mas ainda a de Baçaim cidade in-  
signe, chea de muitas riquezas, cõ  
o seu proprio Rey, & todo o reino  
que era terror da India: Este vi-  
toriosissimo Rey dom Ioaõ fez  
vaõs os votos de Alexandre, quan-  
do sacrificou aos seus deoses no  
mar Indico, & depois de feitos seus  
sacrificios lhe rogou naõ permitis-  
sem a algum dos mortaes passar  
alem d'aquelles termos que elle  
passara: mas Elrey dõ Ioaõ o ter-  
ceiro fez pór mais largos termos  
muito certo caminho aos seus. Ale-  
xandre Magno alem do rio Gan-  
ge caminhou por terra pera a In-  
dia por caminhos sabidos & trilha-  
dos: mas Elrey dom Ioaõ, q̃ abriu  
caminhos aos mortaes por onde  
antes naõ era caminho, por que se  
naõ chamará magno? Entrou pel-

B lo mar



*Quinta Decada. Da historia da India.*

lo mar Oceano a te chegar as re-  
gioens & lugares mūy desconheci-  
dos aos homēs, onde nunca se che-  
gou por nauegaçāo, & entrou pel-  
los fins da redondeza da terra. A-  
lexandre temse por magno, por q̃  
por onde passaua trazia, & sojeita-  
ua a seu jugo Reys & seus reinos:  
pois por que por isso mesmo não  
se terá así por magno Elrey dom  
Ioaõ o terceiro, que todas as par-  
tes que conquistou, trouxe a seu  
poder & senhorio.

Dizem de Alexandre magno,  
que alem de outros feitos illustres  
com que grandemente floreceo,  
foi edificar a cidade de Diu nas  
partes da India, q̃ cō nenhūas for-  
ças se podesse vécer pelejando, &  
q̃ fosse senhora da terra & do mar:  
por q̃ não se terá por mayor q̃ elle  
Elrey dō Ioaõ, que por sua indu-  
stria tomou & senhoreou a mesma  
cidade, ainda q̃ fosse inexpugna-  
uel, ficando senhor do mar & da  
terra? Por q̃ se affirma com rezaõ  
que Alexādre fundou esta cidade,  
& lhe chamou de seu nome Diu:  
por q̃ elle dos aduladores & ligon-  
geiros se chamaua Diuus filho de  
Iupiter Amon: este vocabulo Gre-  
go, Diuo, em lingoa Latina, quer  
dizer, diuino: E tambem edificou  
outra na Asíria do mesmo nome.

Elrey Badur não recusou pele-  
jar cō Hamaú por amoestação hu-  
mana, mas o conselho diuino, que  
tudo dispoem suauemente, o de-  
teue, pera que não experimentasse

suas forças, nem ouzasse cometer  
as dos imigos: por que Elrey de  
Carmania, ainda que potētissimo,  
não era tão poderoso, que pozesse  
em fogida a Elrey de Camba-  
ya: o poder de Deos o compelio  
& o fez fogir, & não o impeto &  
forças de Hamaú, mas o poder da  
diuina vontade o constrangeo vir  
fogindo a tè a cidade de Diu, pera  
q̃ o sometesse ao arbitrio & poder  
dos Christaõs. E isto se deue ter  
por muito certo argumēto da diui-  
na prouidécia, sem o q̃ deuem to-  
dos ter pera si que nenhūa cousa  
acontece, nenhūa se faz nas cousas  
humanas, que Deos o não proue-  
ja, determine, & declare.

O Rey inuenciuel, não vedes  
quāto Deos estima vossa religião,  
quanto fauorece vossa virtude,  
quāto presente está a vossos inten-  
tos & desejos: mais tendes do que  
desejastes, mais alcançastes do que  
esperaueis, & mais do que se po-  
de crer. O verdadeiro Rey dom  
Ioaõ o Magno que pera si ganhou  
grande nome antre naçoens tão  
estranhas, estranhas mostrastes  
vossas forças a poucos indomitos,  
ferocissimos, & pertinazes desisti-  
madores da vossa & nossa santis-  
sima fé. Enxiristis a religião Chri-  
stã nos lugares & coraçõens das  
gentes remotissimas & ferozes:  
ganhastes tão grãde numero d'al-  
mas a Deos nosso Senhor. Com  
verdade bẽm auenturado, que cō  
a prospera felicidade de Paulo ter-  
ceiro



ceiro vencestes a difficuldade da natureza & grandeza das forças humanas: & o que vossos antepassados não poderaõ, vos só o acabastes. Com que lououres vos louuarei, que tão longe estêdestes & tanto dilatastes o imperio de Christo? Que graças, que lououres vos podemos dar por cerrar-des o impeto ferõz dos Turcos, pera não poderem ter entrada nas terras dos Christaõs? Que insignias, q̃ estatuas vos leuantaremos por destruides tãtos exercitos de Mouros, & vencerdes tantos & tão poderosos Reys? Que triũfos vos ordenaremos por tantas vitorias quantas alcançastes dos inimigos de Christo? Que titulo vos daremos, por ganhardes tantos reinos.

Publio Cornelio Scipiaõ porq̃ venceo em Africa Anibal, se chamou Africano, Leucer seu irmão por vêcer em Asia Elrey Anthio-co, Asiatico. Publio Cornelio Scipiaõ Emiliano porque destruy-o a Numancia, Numantino. E outros muitos mereceraõ nomes por gentes que venceraõ: mas Elrey dom Ioão que com soccorros muito fortes, & gastos immensos sustenta noue cidades fortissimas em Africa, & com fortaleza & constancia as defende dos encontros & cõbates dos imigos de cada dia, & ainda de cada hora, & segura não somete a Lusitania de que he Rey, & muitos reinos fez seus,

& sempre com felicidade pelejou tendo a Deos por sua guia, não se chamarà certo Elrey dom Ioão Africano, não Ethiopico, não Persico, não Arabico, não Indico, mas domador de todas estes gentes & senhorios: mas perseguidor dos Mouros, & defensor da religiaõ Christã. Padre beatissimo cõ rezaõ vos deueis de alegrar muito, q̃ sendo Governador da barca de Christo, este Rey tão vitoriozo ajã passado tão sem medo tantos mares, & trazido á verdadeira fe as mais apartadas & remotas partes da redõdeza da terra. Porq̃ as vossas oraçoẽs, & as nossas juntamete sendo vos o autor, offerecidas diãte de Deos, não foraõ em vaõ, nẽ o Senhor Deos de todo desistimou vossas nẽ nossas lagrimas & sospi-ros. E posto q̃ Reys Christianissimos, & religiosissimos contendãõ antre si cõ odios, & perturbẽ a paz & sossego dos Christaõs, & leuantem muito grãdes ondas na vossa barca, não falece com tudo em outra parte Rey potetissimo, Rey poderosissimo, Rey religiosissimo, que não peleja contra Christaõs, mas contra os inimigos de Christo: não faz entradas por terras de Catholicos, mas de Mouros. Não toma cidades d'aquelles que estaõ conjuntos com a fé, mas dos infieis que saõ contra ella. Não persegue aos principes pios, mas aos impijsimos. Não derrama sangue de fieis, mas de infieis.



Esta só empresa tomou á sua conta de destruir o poder dos Mouros, & tirarlhes de todo o senhoria. Este só caminho ordenou pera adquirir louuor: debilitarlhes as forças, por que nenhũa cousa lhe parece melhor que mostrar-se delles temido: nenhũa julga por mais honesta, que serlhes contrario: nenhũa por mayor, que constituir-se por senhor delles. Prouesse a Deos que os outros Principes Christãos fizessem isto, & os odios que se tem vns contra os outros, cõueressem contra os inimigos de Christo. Senhor se vos aprouesse que estes trabalhassem por este genero de gloria, & que as forças q̃ contra si experimentaõ, se empregassem todas nos Turcos, & que de tais feitos como estes se ouuessem inueja vns aos outros.

Padre santissimo se não trabalhaes com vossa prudencia, saber, & autoridade de concordar as differenças dos principes Christãos, & cortar toda a occasião de guerra (como na verdade fazeis) se os não exhortaes, a que não somente deixem as armas, que tomaraõ pera se destruir, mas ainda conformes nas vontades, as tomem pera apagar os inimigos de Christo, & do seu santissimo & gloriosissimo nome: & se os não amoeftaes, q̃ não somente tornem em graça & firme amizade, mas q̃ se vnaõ pera destruição dos Turcos: se algum tempo não prouerdes a nossas cousas que assi

estão affligidas, miseros de nos cõ que trabalhos não seremos auexados? Que inuenção de males & desauenturas não experimentaremos? Por isso Santissimo padre não desistaes de com continuas oraçoens, & piadosos votos pedir a Deos que ajunte & vna em amor os coraçõs & vótades destes principes, & os incite & inflame pera oprimirem o furor dos Turcos: E com esta tal obra nos restituão paz & espirito, & elles fiquem mais gratos a Deos, & dos homẽs mais encomẽdados, & por taes merecimentos na Republica de Christo, não hũa vez, mas muitas sejaõ celebrados, como he agora o mũy claro Rey de Portugal dom loãõ terceiro, com os mesmos sacrificios, & solennes cerimoniaes, & iguaes pregoens de lououres.

### CAPITULO III.

*Da alteraçãõ que Manoel de Sousa capitão de Din sentio na gente da terra. E de como o Governador Nimo da Cunha acodio a isso. E despedio Martin Afonso de Sousa pera a costa do Malauar.*



ESPEDIDO Martin Afonso de Sousa pera Cochim, teue o Governador logo cartas de Manoel



noel de Sousa capitão de Diu, em que lhe pedia com muita instancia fosse acodir às cousas d'aquella fortaleza, porque auia grandes mouimentos & alteraçoes nos naturaes: & q̃ tinha por mūy certo que Soltao Badur descarregaria sobre ella toda sua potencia, como de feito elle se preparaua pera isso: por que des que teue recado de serem os Magores saídos de seus reinos, começou a resfolegar, & a tomar alento. E assi logo lhe começaram a acodir alguns Rayas, Resbutos seus vassallos que se fortificaraõ em ferras & passos difficultosos a onde escaparaõ da furia dos Magores. E recrecendo muita gente a ver o seu Rey, tornou a fazer vm potente exercito, com que foi visitar seus reinos, tornandoos a foflegar & quietar, no q̃ gastou o inuerno: & na entrada do veraõ tornou-se pera a cidade de Amadaba.

Vêdosse este barbaro outra vez em sua potencia, cuidando nos socessos passados, & de como por sua fraqueza estiuera arriscado a perder vm tamanho imperio, & q̃ ella fora causa de elle conceder fortaleza em Diu aos Portugueses (cousa que mais sentia que todas, de que andaua tão triste & malenconizado que não admitia conselho de ninguem: porque via que suas naos, que d'aquella ilha partiaõ pera Meca, não podiaõ já negociar com aquella liberdade que

dantes, & que forçado auiaõ de tomar saluo conduto dos Governadores da India, do que se auia por muito afrontado: porque lhe ficauaõ tendo os Portugueses com aquella fortaleza vm pe no pescoco, como em outro tempo a cidade de Argos em Corintho em poder de estrangeiros a toda Grecia, que pello muito que sojugauaõ aquelle imperio lhe chamauaõ grilhoens de Grecia. Assi na verdade esta fortaleza de Diu o ficaua sendo a todo o reino de Cambaya. Do que o Badur andaua tão apaixonado, que não auia poderemno consolar, com lhe affirmarem os grandes, que todas as vezes que quizesse isentaria a sua ilha: o que podia fazer pola fraqueza d'aquella fortaleza, & da falta da agoa, & lenha, & de todas as mais cousas de que se prouia da ilha: que como se lhe defendessem, sem golpe de espada lha tornariaõ os Portugueses a entregar. Com isto se moderaua elle algũa cousa em sua paixãõ: mas não pera deixarem de lha entender todos, tratando de pôr logo as mãos áquelle negocio.

E como todos entendiaõ a vótade de seu Rey, começaram os nossos em Diu a sentir algũa alteração na gente da cidade, onde yaõ comprar as cousas necessarias, por que lhes faziaõ os Mouros algũas sobrançarias, que muitos sofriaõ tão mal, que lançauaõ mãos



Quinta Decada. Da historia da India.

às espadas pera logo se satisfazerê:  
& assi se altercauaõ algũas brigas  
em que ouue dano de parte a par-  
te. O que Manoel de Sousa capi-  
taõ da fortaleza sentia muito, mas  
dissimulaua por lhe ser assi neces-  
sario, por que não tinha outra a-  
goa, senão a que lhe leuauaõ da  
ilha. De todas estas cousas auisou  
logo ao Governador, & lhe pedio  
que acodisse com muita pressa a  
ellas. Vendo Nuno da Cunha tão-  
tos mares aleuantados pola proa,  
encomendou tudo a Deos. E pon-  
do em conselho aquelle negocio,  
assentouse ser necessario largar tu-  
do, & acodir a Diu que era o mais  
importante da India. Com esta  
resolução despedio logo Diogo  
de Mesquita em Catur muito li-  
geiro pera ir a Cambaya visitar  
Soltaõ Badur como de si, porque  
era muito seu amigo do tempo q̃  
la esteue catiuo: porque como sa-  
bia muito bem a lingua Guzara-  
ta, & era fidalgo de muito bom in-  
tendimento, podia notar tudo, &  
saber por suas intelligencias a de-  
terminação de Soltaõ Badur. En-  
comendadolhe muito aquelle ne-  
gocio, & que o fosse esperar a Ma-  
dre Faual, pera que quando elle  
atraueessse a Diu, o achasse já ali  
pera o auisar do que lá ya.

Partido Diogo de Mesquita,  
despachou o Governador as naos  
do reino, de que era capitaõ mór  
Iorge Cabral, pera irem tomar a  
carga a Cochim, escreuendo a El-

rey o estado em que a India fica-  
ua. E desembaraçandosse de todos  
os negocios, embarcouse pera Diu  
no primeiro de Janeiro de 1531.  
com so coatro Galeoens, & doze  
nauios de remo, & foi tomar Cha-  
ul, onde o deixaremos: porque he  
rezaõ que continuemos cõ Mar-  
tim Afonso de Sousa, que deixa-  
mos despedido do Governador  
Nuno da Cunha pera se partir pe-  
ra Cochim.

CAPITOLO IIII.

*Que trata da viagem que Mar-  
tim Afonso de Sousa capitaõ  
mór do mar fez quando o Go-  
uernador Nuno da Cunha o  
mandou à costa do Malauar.  
E de como destruiu & desba-  
ratou os Principes Malaua-  
res na ilha de Repelim, indo  
em sua ajuda Iorge Cabral  
capitaõ mór das naos do rei-  
no, com os capitaens das naos  
de sua conserua, que estauaõ  
em Cochim pera tomar a car-  
ga da pimenta.*



OMO ventauaõ  
os Leuantes q̃ eraõ  
prosperos pera a jor-  
nada que Martim  
Afonso de Sousa a-  
uia de fazer pera a costa do Ma-  
lauar, em poucos dias a foi tomar,  
por



por onde foi dando, destruindo, & assolando todos os lugares maritimos do reino do Camorim, q̃ estaua já com todos os Principes do seu bando na ilha de Repelim: posto que sua pessoa não tinha ainda passado a ella, por lho defenderem os nossos nauios, que já la andauão nos passos: & os Principes da sua liga primeiro que elle chegasse se tinha já metido dentro com corenta mil homens: & o Camorim estaua da outra banda cõ outra mayor copia. Elrey de Cochim, & o doutor Pero Vaz d'Amaral veador da fazenda, & capitão de Cochim estauão tambem com todo o poder nos paços, por que o Camorim não passasse á ilha, tendo com a sua gente muitas escaramuças, em que os Portugueses, que eraõ seis cêtos, tinhaõ sempre o milhor quinhaõ, porque sobre elles descarregaua Elrey aquelle negocio. Depois que Martim Afonso de Sousa deu aquelle grande & soberbo castigo pella costa do Malauar deixandoa quasi toda metida a ferro & fogo, foi passando a Cochim onde chegou, & foubes estar Elrey de Cochim cõ o capitão sobre os passos de Repelim, & ajuntandosse com Iorge Cabral capitão mór das naos, & cõ os capitaens dellas, & da armada, pôs em conselho o que faria naquelle negocio: & assentouse que era necessario meterse todo o resto, & trabalharse por deitarẽ fora

aquelles Principes: porque se se dissimulasse com elles, podia ser destruição do reino de Cochim, & de toda a India. Pera o que Iorge Cabral se offereceo com toda a gente de suas naos.

Assentado isto, negociouse o capitão mór, & Iorge Cabral, com todos os capitaens das suas naos nos seus bateis, em que mandou meter falcoens, & berços, & a mór parte da gente das naos, & prestes tudo foraõse pellos rios dentro, & chegaraõ aos passos em que Elrey de Cochim, com o capitão estauaõ, de quem foi muito festejado. E praticando sobre aquelle negocio, ordenaraõ de passarem logo á ilha de Repelim, & não consumirem o tempo em saltos & escaramuças. Martim Afonso de Sousa fez alardo de todos os Portugueses, & achou mil & duzentos de que fez duas baralhas: elle, que auia de leuar a dianteira, hũa de toda a soldadesca, & o doutor Pero Vaz d'Amaral capitão com toda a gente das naos & a de Cochim a outra, que auia de acompanhar Elrey de Cochim, que tinha com os do seu bando perto de quinze mil homens, quẽrendo Iorge Cabral cõ os seus capitaes acharse na dianteira com Martim Afonso de Sousa.

Negociados todos vm dia de madrugada saltaraõ em terra, onde acharaõ os Principes com grosso poder, que acodiraõ a lhes de-

ca-  
los  
diu  
31.  
oze  
ha-  
he  
lar-  
xa-  
dor  
pe-  
  
tar-  
itaõ  
Go  
ha o  
uar.  
esba  
aua-  
indo  
ibral  
rei-  
naos  
tauaõ  
a car  
  
itauaõ  
q̃ eraõ  
a ajor  
lartim  
ousa a-  
o Ma-  
omar,  
por



fender a desembarcação, trauandosse entre todos hũa muito aspera & cruel batalha, em que começou auer muito dano d'ambas as partes. Das particularidades desta batalha não trataremos, por que não achamos já homens dos que nella se acharão, nem lembranças algũas: somente sabemos que estiueraõ os nossos de todo perdidos: tanto, que lhes foi necessario a todos pelejarem polas vidas, que todos tiueraõ bem arriscadas. E foi a cousa de feição, que começou a auer desmando nos nossos em algũas partes. Elrey de Cochim, & o doutor Pero Vaz d'Amaral tam bem estiueraõ em grande perigo: mas Martim Afonso de Sousa foi o que esteue de todo desbaratado por carregar sobre elle todo o poder. Aqui fizeraõ elle, Iorge Cabral, Antonio da Sylua, & outros capitaens & caualeiros cousas muito notaueis, sustentando elles o pezo dos inimigos, que como desesperados remetiaõ com os nossos metendosse por suas armas sem receyo nem temor da morte. E assi apertaraõ tanto com os nossos, q se vio Martim Afonso de Sousa perdido, & recolheremse os seus como desbaratados:

E vendosse naquelle trance o lhou pera Antonio da Sylua, que estaua mais perto d'elle, & perguntoulhe o que fariaõ? Ao que lhe elle respondeo, que já não auia outro conselho mais que encomen-

dar a Deos, & ao valor do braço.

E acodindolhe á memoria um remedio muy apressado (que foi a total saluação de todos) mandou o pór por obra. Que foi mandar a um d'aquelles capitaens: que se embarcasse em alguns nauios, & fosse dar por outra parte da ilha pera diuertir os inimigos, o que elle logo fez, (& quem foi não achamos em lembrança, somente sabemos que se embarcou) & com alguns nauios cheos de moços, & muitos com muitas lanças, tocado trombetas & tambores, foi demãdar outro passo, fazendo tamanho estrondo com os gritos, vozarias, & bombardadas, que sendo ouuidas dos inimigos, que andauaõ já como vitoriosos, embaraçados com aquelle negocio pararaõ, levando já Martim Afonso de Sousa de arrancada. E elle como bom caualeiro que era, & de grande acor-do, entendeo aquelle termo que os inimigos fizeraõ, & ouuindo lá os estrondos dos nauios, apelidando rijamente Santiago, foi carregando sobre elles, acompanhado de Iorge Cabral, de Antonio da Sylua, & dos mais fidalgos & capitaens, levando com aquelle impetu os inimigos de arrancada os começou a pór em disbarato.

Assi lemos que acôteceo a Minucio Rufo naquella grande batalha que teue com os Scordises & Decios: mas este, primeiro que desse a batalha, tinha mandado a seu



seu irmão que com os escravos & outra gēte inutil, arreventasse por outra parte como que ya de refresco: com o que disbaratou os inimigos. Mas Martim Afonso de Sousa não tinha dado ordem a este negocio: antes ali se lhe offerceo de repente, & foi de tanto proveito, que logo os inimigos se poserao em fogida. Vista aquella supita mudança pellos nossos, tornarao a voltar, bradando vitoria, vitoria. Elrey de Cochim, & o doutor Pero Vaz d'Amaral capitão de Cochim, que tambem estiuerao em grande balanço, ouuindo a voz, arreventarao sobre os inimigos em que foraõ matando cruelmente. O principe de Repelim vedosse perdido, & a destruição que os nossos yaõ fazendo nos seus, tratou de salvar sua pessoa, & logo se passou á outra banda por outro paço, por onde se passaraõ a mór parte dos seus. Martim Afonso de Sousa foi seguindo os inimigos até os enfacar & ficar senhor de toda a ilha, que foi saqueada & roubada: & ali a entregou a Elrey de Cochim, que a mandou fortificar muito bem pellos paços.

E por que já ali não avia que fazer, por ser o Camorim recolhido: deu o capitão mór ordem á guarda dos rios com navios & Máchuas, que pera isso deixou ordenados. Elrey recolheo aquella pedra em que os Camorins se costumavaõ a coroar, que elle estimou

sobre todos os tesouros da vida, & com isso se foraõ pera Cochim, deixando Elrey alguns Caimais seus na ilha com gente de guarda.

Iorge Cabral tratou logo da carga das naos, pera o que começou a correr a Pimenta muito bê, por ordem d'aquelles Principes & Caimais do bando d'Elrey de Cochim. E pello serviço que nisto fizeram a Elrey de Portugal, lhes ordenou o veador da fazenda de Cochim, com parecer do capitão mór setenta mil reis de renda cada anno a cada hum, pagos na feitoria de Cochim. Estas tenças se lhe pagaraõ sempre muy bem, até o mesmo Martim Afonso de Sousa tornar por Governador da India, que lhas mandou tirar por poupar a fazenda d'Elrey: o que se logo começou a sentir na falta que começou aver de pimeta pera as naos, sobre o que se gastou de pois infinito dinheiro em armadas por aquelles rios, como em seu lugar mais largamente diremos.

Isto foi sempre muito ordinario, pouparem (como diz o adão velho) os farelos, & derramarem a farinha: por que estas cousas, não empobressem o Rey, antes o enriqueessem mais. E sempre foi muito antigo enganaremse os Reys com lhe escruerem que lhe acrecentaõ a fazenda, encobrindolhe as perdas & danos que por essa causa & por outras



outras lhe daõ . E deixando esta materia, primeiro que tratemos das cousas de Diu, nos pareceo bẽ darmos relaçaõ das de Ceilaõ, por naõ largarmos das maõs Martin Afonso de Sousa: & já que está victorioso, sigamos sua fortuna a tẽ o cabo, & depois tornaremos às cousas que trataremos de por si pollas naõ misturarmos.

CAPITVLO V.

*Da antiguidade da pouoaçaõ da ilha de Ceilaõ: do principio & origem dos seus Reys, & de todos os que teue a tẽ Bonoega Bao pandar, que neste anno de trinta & sete reinaua.*



A que nos cabe aqui entrar com as guerras de Ceilaõ (que des que descobrimos aquella ilha foi sempre ao estado da India outro Carthago a Roma: por que pouco & pouco a foi consumindo em despezas, gente, & artelharia. Tanto, que ella só tem gastado com suas guerras mais que todas as outras conquistas deste Oriẽte) serà bem darmos rezaõ do principio de sua pouoaçaõ, & da origem dos seus Reys, cousa de que a tẽ gora ninguem escreueo senaõ nõs, o que nos custou muito aueriguar

por suas proprias escrituras, que achamos em maõs d'alguns Principes d'aquella ilha que vieraõ a esta cidade de Goa.

Pello que se a de saber que perto de quinhentos annos antes da vinda de Christo, reinando no reino de Ajota (a que oje chamamos Tanaçarim) vm Rey gentio, que entaõ possuy a mayor imperio do Oriente: por que tinha debaixo do seu cetro tudo o que jaz da ribeira do Gange a tẽ Cochim, China, & pello ferto a tẽ quasi corenta graos do Norte. Este Rey tinha vm filho chamado Vigia Raya herdeiro do reino, taõ auesso, & de taõ estragada natureza, que em todos os senhorios do pay lhe naõ escapaua molher casada, ou donzella que desejasse, que lhe naõ fosse logo trazida, afrontandoas, & deshonrandoas: matando & espedaçando a todos os que lho queriaõ defender: vsando outras deshumanidades brutaes: com o que escandalizou tanto a todos, que de já õ naõ poderem sofrer, se ajuntaraõ os pouos & foraõ clamar ao pay, & a pedirhe justiça de tantas afrontas & cruezas. E como elle estaua escandalizado do filho, por lhe naõ ver emmenda, nem finter inclinaçaõ pera o bem, tendoo já muitas vezes amoestado: mãdou em segredo negociar muitas embarcaçoens, & meterlhes dentro mantimẽtos & cousas necessarias, & tendo tudo prestes, tomou o filho



filho de sobre salto, & o embarcou com sete centos mancebos de sua idade, & de sua criação, que nas suas torpezas todos lhe foraõ sempre companheiros: porque era costume naquelle reino o dia que nacia o filho herdeiro, mandar Elrey por todos os reinos que tinha escreuer & matricular todos os filhos machos, que no mesmo dia naceraõ, que traziaõ á corte de sete annos por diante pera serem criados em companhia do Principe: & o dia em que este naceo, se achou hũa grãde soma delles, de q̃ setecentos eraõ ainda viuos.

Depois de Elrey embarcar o filho, lhe disse: que se fosse pello mundo buscar terras que pouoasse, & que naõ tornasse a seu reino, por que o auia de matar a elle & a todos os mais. Partido este Principe, deu á vela, & foi á vontade dos ventos sem saber por onde ya, & em poucos dias foi auer vista de hũa ilha deserta, que he esta de Ceilaõ, que tomou pella banda de dentro, em vm porto que se chama Preaturè, que está entre Triquillimalé, & a ponta de Iafanapataõ: & desembarcando em terra ficaraõ muito satisfeitos da suauidade de seus cheiros, da brandura de seus ares, da fresquidaõ de suas ribeiras, & da fermosura de seus arvoredos, pello que determinaraõ de se deixar ali ficar, & começaraõ a fazer suas pouoaçoes. A primeira cidade que fudaraõ foi naquella

parte da Mantota, defronte a Manar. Aqui se ficaraõ sustentando alguns tempos do muito pescado do mar, & dos rios, & das muitas & muito excelentes frutas dos matos, que todos eraõ de laranjas, limas, & limoens, & de outras differêtes sôrtres, muiy suaues ao cheiro, & muiy saborosas ao gosto. E pella grande fertilidade que acharaõ de tudo, poseraõ nome áquella ilha Lancao, que he vocabulo que vem a responder ao paraíso terreal. Este foi o primeiro nome que teue, & o seu verdadeiro que ainda conferua.

Auendo alguns meses que estes estrangeiros ali estauaõ, foraõ ter áquella ilha hũas embarcaçoens da outra costa á pescaria dos aljofres (de que ali ha grande cantidade) & vindo á falla com os que nellas yaõ, souberaõ serem de vm reino, que ficaua da outra banda da terra firme, vm dia de caminho, em que reinaua vm senhor chamado Cholca Raya, & tomãdo a informação do seu estado & poder, tratou o Principe de se apresentar com elle. Pello que despedio nas mesmas embarcaçoens alguns embaixadores, por quẽ lhe mandou pedir que pois ficauaõ taõ vezinhos, ouuesse por bem que se communicassem, & se juntassem em parentesco, dandolhe hũa filha em casamento, & algũas outras de pessoas nobres de seus reinos, pera molheres d'aquelles homens, que trazia



*Quinta Decada. Da historia da Índia.*

trazia em sua companhia. Estes embaixadores chegaram á outra costa, & foraõ leuados a Elrey, que os recebeo bem: & sabendo do Principe, & cujo filho era (por ser o pay muito conhecido por todo o Oriente) ouuesse por ditoõ em se querer aparentar cõ elle, respondolhe a proposito, & mandandolhe fazer muitos comprimentos. E depois de passarem visitas de parte a parte, lhe mandou hũa filha pera elle, muito bem acompanhada de donas & donzellas, & hũa soma de outras filhas de homens nobres pera os da sua companhia celebrandosse as vodas entre todos com grandes solennidades, dali por diante continuaraõ, & communicaraõ d'hũa parte a outra: passandosse muitas pessoas a viuer áquella ilha, principalmẽte os officiaes de toda a Mecanica, & agricultores cõ seus arados, sementes, gados, & todas as mais cousas necessarias pera a vida humana. Cõ isto se começou aquella ilha a engrandecer, & a pouoar pello ferto de maneira, que fizeraõ grãdes & fermosas cidades, & pouoaçoens.

E por que aquellas gentes ali foraõ degradadas, lhes chamaraõ os da outra costa, Gallas, que he o mesmo que desterradas. Vendo aquella Principe como as cousas d'aquella ilha creciaõ tanto, se intitulou por Emperador da ilha Lancao: posto que tambem os

estranhos lhe chamaraõ Illenãre, que em lingua Malauar quer dizer, o reino da ilha que he o segundo nome que teue. E como estes desterrados falauaõ a lingua Tanaçarim, que era sua propria, depois que se juntaraõ por casamẽtos com as mulheres da outra costa, que falauaõ Malauar (que he a mais vsada que ha naquella costa do Canará) misturandosse estas linguas ambas, vieraõ a formar a que oje vsaõ, posto que os mais falaõ Malauar estreme. Viueo este Rey vinte & cinco annos, & por naõ ter filhos deixou o reino a um seu irmaõ, que em sua vida mandou pedir ao pay: porque logo, tanto que assentou viuenda naquella terra, se communicaraõ & comerciaraõ vns cos outros.

Este irmaõ, que lhe socedeo, teue muitos filhos, em cujos descendentes andou aquelle reino noucentos annos sem sair da linha. Passados elles, foi ter a poder d'um chamado Dambadine pandar pra cura mabago, ou bao, de quem logo trataremos. Daqui por diante começou esta ilha a ser famosa no mundo, pella muita & muito fina canella que seus matos daõ.

E como os Chins foraõ os primeiros que nauegaraõ pello Oriente, tendo noticia da canella, acodiaraõ muitos luncos áquella ilha a carregar della, & dali a leuaraõ aos portos de Persia, & da Arabia dõde passou a Europa, como adiante milhor



milhor diremos. Afsi ficou esta ilha  
taõ continuada dos Iuncos Chins,  
que todos os annos yaõ a ella grã-  
de copia delles, de q se deixaraõ  
ficar muitos Chins na terra, & se  
misturaraõ por casamentos com  
os naturaes: d'antre quem nace-  
raõ vns mistiços, que se ficaraõ  
chamando Cim Gallás, ajuntando  
o nome dos naturaes, q eraõ Gal-  
las, aos dos Chins, cujo proprio no-  
me he, Cim, & formaraõ aquelle q  
oje corruptamente chamamos  
Chingallas: q vieraõ por tempos  
a ser taõ famosos, que deraõ o seu  
nome a todos os da ilha.

E afsi como procedê dos Chins,  
que saõ os mais falsos Gentios do  
Oriente, & dos degradados q fo-  
raõ lançados de suas proprias ter-  
ras, por maos & crueis: afsi saõ to-  
dos os desta ilha os mais fracos,  
falsos, & enganosos que ha em to-  
da a India. Por que nunca a tẽ oje  
em Chingalla se achou fẽ, nẽ ver-  
dade. E como os Chins ficaraõ  
continuado o comercio desta ilha,  
& saõ maos (como dissemos) foi  
ali ter hũa armada sua sendo Rey  
Dambadine pandar, que acima  
nomeamos, & naõ se receado del-  
les os da terra, o dia que se quise-  
raõ embarcar, catiuraõ o Rey, &  
saquearaõ lhe a cidade, & leuan-  
do della muito grossos tisouros  
se foraõ pera a China, & apresen-  
taraõ o Rey catiuo ao seu. Isto  
fintio elle muito pella traiçaõ que  
seus vassallos fizeraõ a vm Rey

que os agazalhaua na sua terra:  
& logo lhes mandou que sob pe-  
na de môrte o tornassem a por  
em seu reino, pera o que mandou  
ordenar hũa armada em que o  
embarcou muito honradamente.  
E deixaloemos por hora a tẽ tor-  
nar a elle.

Tinha este Rey catiuo hũa filha  
viuua, que com dous filhos mini-  
nos que tinha, quis sua ventura q  
escapasse aos Chins o dia do sacco,  
& com elles se foi recolhendo pera  
esse fertoão. Embarcados os Chins  
como naõ ficou filho ao Rey, lan-  
çou maõ do reino vm Gentio cha-  
mado Alagexere, a quem o mes-  
mo Rey tinha dado o gouerno  
do reino. Este vendosse naquelle  
estado, fazendo a cobiça de reinar  
seu officio, trabalhou muito por  
auer a Princesa com os Principes  
às maõs pera os matar, & ficar se-  
guro no reino. Esta senhora foi  
auisada deste negocio, & queren-  
do segurar os filhos, passouse com  
elles às partes de Ceitauaca em  
trajos mudados, & em tanto segre-  
do, que se naõ fiou de pessoa al-  
gũa. Ali se deixou estar sustentan-  
do os filhos pobrementemente. O trai-  
dor auendo os moços por mortos,  
corrouse por Emperador de toda  
a ilha. E auendo pouco mais de  
dous annos q governaua, chegou  
a armada da China q trazia o seu  
Rey, & foi tomar o porto de Colũ-  
bo: O tyrão o foi receber cõ mo-  
strasmũy enganosas, & leuadoo pera

C a cida-



a cidade aquella noite o matou, ficando elle Rey, em que viueo dez annos. Deste tyrão não ficaram filhos, & ficou o governo do reino a um Chagatar, homem sabio, & moralmente virtuoso. Este a primeira cousa que fez foi, mandar buscar os Principes que andauão desterrados já sem mãe: & sendo trazidos diante delle os recebeu como senhores, jurando logo por Emperador o mais velho que se chamaua Maha Pracura Mabago, que já seria de dezasseis annos, & o casou com hũa filha do senhor de Candia seu vassallo & parente: & ao outro irmão, que se chamaua Madune Pracura Mabago, deu Elrey o estado das coartas Corlas. Este Maha Pracura mudou sua corte para a cidade da Cota, que fundou de nouo pella mesma maneira & occasião que os Reys do Decan tão depois fundaraõ a cidade de Xarbedar, como dissemos no coarto capitolo do liuro decimo da coarta de cada, do tempo em que os Mouros conquistaraõ o Decan: & ordenou que todos os seus herdeiros se coroa-se nella pella engrãdecer. Este Rey não teue filho macho, mas teue hũa filha que foi casada com Cholca Raya da geração dos antigos Reys, de que teue um filho que o avô jurou por herdeiro do reino. No tempo deste foi ter á cidade da Cota um Panical da outra costa, da casta daquelles Reys, homem de grande esforço & conselho, que Elrey aga-

falhou, & o casou com hũa mulher principal, de que ouue dous filhos & hũa filha: estes moços se foraõ criado em companhia do Principe, com quem também andaua um primo com irmão destes moços, filho de hũa irmã de sua mãe. Estes tres moços vieraõ a crescer & a ter tanta posse no reino, que sentio Elrey nelles hũa alteração de animo, de quem recebeu que por sua morte lhe matassem o neto. E dissimulando com isto, tratou de os diuidir como fez: mandando aos dous irmãos que lhe fossem sojeitar o reino de Iafanapataõ, que lhe estaua rebellando, dando ao mais velho, que se chamaua Québa Permal, titulo de Rey d'aquelle estado, com obrigação de vassalagem. Este homem, que era muito grande cavaleiro, & do mor corpo & forças que auia naquella seu tempo, em poucos dias se senhoreou d'aquelle estado.

O Emperador Maha Pracura Mabago Pandar socedendo no estado auêdo anno & meyo que este reinou, faleceu o tio senhor das Corlas: Elrey deu aq̃lle estado ao irmão do Rey de Iafanapataõ. Este Emperador Iauirá casou com hũa princesa das sete Corlas, que era do sangue real já viuua, de quem ouue um filho que nasceu doudo, & hũa filha de que as suas chronicas não falaõ, por que deuia de falecer minina. Este Rey viueo poucos annos, & hũa sua irmã chamada



mada Manica pandar, tomando o sobrinho doudo nos braços, o fez jurar por Rey, & a ella por titora & governadora do reino, que era muito prudente & varonil. Aueendo dous annos que esta senhora governaua o reino vêdo q̃ era necessario Rey varaõ, por que auia já algũas alteraçõs, & o sobrinho era incapaz do reino, mandou com muita pressa chamar Quebá Permal Rey de Iafanapataõ pera lhe dar o reino, por ser o mais valeroso de todos os Principes da ilha. Isto foi ter às orelhas do irmão Rey das Corlas, que acodio logo a este negocio pretendendo o reino pera si. Mas como o irmão chegou, posto q̃ tiueraõ muitas differenças, ficou Quebá permal Rey, & mudando o nome se chamou dali por diante Boenegabao pandar, q̃ quer dizer Rey por força de braço. Este casou cõ hũa mulher fidalga, que lhe Elrey de Cândia deu por mulher, dizêdo q̃ era sua filha, não no sendo: mas nomeaua a por essa pella criar de minina. Desta ouue vm filho chamado Caipura pandar, que por morte do pay ficou herdando o Reino. Este não foi coroado mais de coatro vezes (porq̃ costumauaõ aquelles Reys coroar-se cada anno hũa vez no proprio dia em q̃ a primeira foraõ coroados: & por aqui se contaõ os annos do seu gouerno, pellas vezes que foraõ coroados.) Assim este sendo já coroado coatro vezes, o

matou o Rey das Corlas, & se levantou por força por Emperador & mudou o nome chamandosse Iauira pracura Mabagó pandar. Este tinha já coatro filhos, & não foi coroado mais que tres vezes. Por sua morte socedeo no Imperio o filho mais velho, chamado, Drama pracura Mabagó, que casou com hũa senhora da casta dos antigos Reys, de quem ouue tres filhos.

Neste tempo faleceo vm dos irmãos d'Elrey a que ficaraõ coatro filhos, & duas filhas, & a mãy se casou com outro irmão do marido, chamado Boenegabo pãdar, que era senhor de Reigaõ. Este Rey depois de ser coroado oito vezes, faleceo deixando tres filhos mininos, de que o fio lançou mão, & em segredo os matou, ficadolhe a elle só o direito do reino, coroadosse logo por Emperador, criadose em sua casa os tres enteados que dissemos, que tambem eraõ seus sobrinhos filhos de seu irmão, que se chamauaõ Boenegabo pandar, que era o mais velho, & o segundo Reigaõ pandar, & o terceiro Madune pandar.

Em tempo deste Rey Boenegabo pandar, foi dom Lourêço d'Almeida, filho do Visorrey do Francisco d'Almeida nos annos do Senhor de mil quinhentos & cinco, ter áquella ilha, & mādando á terra fazer agoa & lenha, lha quiserão defender: pello q̃ mandou a tirar



*Quinta Decada. Da historia da India.*

dos Galeoens algúas bombardadas com o q̃ os espantou de maneira, que se meterao pello ferto por não serem aquelles naturaes costumados a ouuir aquelle nouo estródo pera elles. Por q̃ neste tempo nem húa só espingarda auia em toda a ilha: & depois que nós entramos nella, com o contino vso da guerra q̃ lhe fizemos, se fizerao taõ destros como oje estaõ, & a fñdirem a milhor & mais fermosa arrelharia do mũdo: & a fazerem as mais fermosas espingardas & milhores que as nossas, de que oje ha na ilha de ventagem de vinte mil. Esta era a rezaõ por que Scipiaõ era de parecer que se não fizesse sempre guerra a húa mesma naçaõ, por que se não fizessem destros, como o nós temos feito aos Chingalas & Malauares, q̃ pello contino vso, o estaõ oje mais que todas as naçoens do Oriente: & assi nos tem dado mais trabalho ao estado que todas.

E tornando à nossa ordem, tanto que este Rey soube da armada Portuguesa que estava em seu porto, foi o seu medo tamanho, que mandou cometer pazes a dom Lourenço, & a offerecer vassalagẽ que se lhe aceitou com coatrocentos bares de canella, que sãõ mil & duzentos quintaes de pareas cada anno. Foraõ estes tres iffantes sobrinhos & enteados deste Rey crescendo & fazendosse homens, começandosse o tio & padraсто a

pejar tanto com elles, que tratou de os matar, como já fizera a outros tres sobrinhos primos com irmaõs destes: mas não faltou quem auissasse os moços, pello q̃ fogiraõ á ira do tio pera o reino de Candia. Dali có o fauor d'aquelle Rey, & de outros senhores sairaõ com grandes exercitos, & deraõ na Cota, matando o tio & tomandolhe o reino. E como nestes ainda a inueja & cobiça não tinha lugar por ser ainda aquelle negocio em fresco, repartiraõ entre si o Imperio, ficando ao mais velho, que se chamaua Boenegabágo pandar, o reino da Cota que era a cabeça: & ao do meyo, que se chamaua Reigaõ pandar, lhe coube o reino de Reigaõ com aquella cidade onde primeiro foi cabeça do Imperio. Ao mais moço chamado Madune pandar lhe ficou a cidade de Ceitauaca com seus termos, iurandosse todos tres por Reis d'aquillo que lhes coube. O da Cota casou com húa bisneta d'Elrey Iaurá pracula Mabago. Depois que sócedeo a repartição destes reinos, foi ter a esta ilha o Governador Lopo Soarez nos annos do Senhor de mil, quinhentos, & deasete, & fez a fortaleza de Colúbo, ficando aquelle Rey da Cota renouado a vassalagem com obrigação de trezentos bares de canella, & doze aneis de Rubis & Safiras, & seis Alifantes pera o seruiço da ribeira de Cochim.

Estas



Estas pareas se pagaraõ alguns annos, a tẽ de todo se perderem, como em seu lugar mais largamente diremos.

CAPITVLO VI.

*De como o Madune Rey de Ceitauaca tratou de tomar o reino ao irmão mais velho com o fauor do Camorim, que pera isso lhe mandou hũa grossa armada. E de como Martim Afonso de Sousa teue auiso della, & afoi buscar, & a destruiu de todo, & passou a Ceilaõ.*

**E**ICARAM estes tres irmãos em seus estados alguns annos, mas o Madune mais moço asy como foi crescendo em idade, asy o foi fazendo em cobiça, desejando summamente de sobir á monarchia d'aquella ilha, intetando modos, & ardis pera isso. E o melhor que lhe pareceo foi, pretender matar o irmão mais velho, por que cõ o outro tinha pouco que fazer. Andando com estas imaginações socedeo irem este Agosto passado vns sete paraos de Malauares a tẽpo que Nuno Freire d'Andrade, Alcaide mór & feitor d'aquelle porto estaua na Cõta com Elrey,

tendo em sua companhia sete ou oito Portuguezes, que Elrey tinha muito mimosos, por que era muito amigo de todos. Os Mouros dos Paraos, como eraõ soberbos, mandaraõ pedir a Elrey que logo lhes mandasse todos aquelles Portuguezes. Tomado Elrey disto, disse que si: & dando conta do negocio a Nuno Freire d'Andrade lhe disse, que elle queria mandar alguns capitaes a que elles chamaõ Modeliares, a dar nos Malauares, & castigalos por aquelle atreuimento. Nuno Freire lhe pedio de merce aquella jornada, pello que tambem lhe tocava a elle: Elle lha deu, dandolhe Sam lupur Arache com seis centos homẽs. Nuno Freire com esses poucos Portuguezes q̃ tinha partio no coarto d'alua, & foi amanhecer sobre Columbo, tomando os Malauares em terra descuidados, & dando nelles fez hũa grande matança, & os que poderãõ escapar vns se lançaraõ ao mar & se recolherãõ aos nauios, outros se meteraõ por esse sertão & foraõ parar em Ceitauaca. Os do mar se recolherãõ a tres dos nauios & se foraõ: ficando os coarto em poder dos nossos com todo o seu recheio. Deste caso se escandalizou tãto o Madune Rey de Ceitauaca contra o irmão, que depois de recolher os Malauares, dandolhe conta de como determinaua de fazer guerra ao irmão Rey da Cõta, lhe disserãõ elles que mandasse



dasse pedir socorro ao Camorim, & que como elle lho mandasse, aueria pouco que fazer naquelle negocio, offerecendosselhes elles pera lhe encaminharem seus embaixadores. O Madune com isto os despedio logo com pessoas principaes, que pera isso escolheu: por quem mandou peças ricas ao Camorim, & pera os seus regedores, pedindolhe hũa boa armada, pera o que pagaria os gastos muito a seu gosto.

Estes embaixadores recebeo o Camorim bem, & persuadido dos Mouros, & vencido do interesse, mandou recolher os nauios que andauão fora, & armar outros cõ muita pressa, & perfee o numero de corenta & cinco, em que mandou embarcar dous mil homens: & fez capitão desta armada a Ali Abrahem Marcá, Mouro grande coffairo & muito caualeiro. Esta armada chegou a Columbo na entrada de Outubro passado: & como o Madune estaua já prestes cõ grandes exercitos, ajuntandose os Mouros com elle, abalaraõ contra a cidade da Cota pondolhe cerco à roda.

*Descripção da cidade da Cota.*

**E**sta cidade está situada em meyo d'hũa fermosa alagoa, & tem vñ só passo estreito por onde se serue: que por ordem de Nuno Freire tinha fortificado com vñ Baluarte, & tranqueiras, em que se

pós a artellaria que tomaraõ dos Paros: & por derredor da cidade ordenaraõ muitas embarcações pera defenderem os imigos, se qui sessem passar a ella ou em outras, ou em jangadas. E a primeira cousa que Elrey fez, foi despedir recado mûy apressado ao Governador, em que lhe daua conta do risco & perigo em que ficaua, pedindolhe o mandasse socorrer, pois era vassallo d'Elrey de Portugal: & outro pera Martim Afonso de Sousa, q̃ sabia estaua em Cochim, em que lhe pedia pois estaua com a armada á mão, o fosse liurar do poder d'aquelles imigos. O Madune continuou o cerco dando grandissimos assaltos, & cometêdo os passos muitas vezes, que lhe foraõ valerosamête defendidos, sendo os poucos Portugueses que auia os que se apresentaraõ a todos os perigos, onde fizeraõ espantosas caualarias, sendo todos feridos muitas vezes, a que Elrey logo acodia, & mandaua curar como sua propria pessoa, por ter nelles o principal remedio de sua defensão: E assi se foi o cerco dilatando por espaço de tres meses, em que ouue calos dinos de memoria.

O inuiado d'Elrey, que ya com o recado ao Governador, chegou a Cochim, onde achou o capitão mór do mar Martim Afonso de Sousa, a quem deu as cartas d'Elrey, & de Nuno Freire, presentandolhe o aperto em que Elrey ficaua.



o dos  
idade  
çoens  
se qui  
utras,  
a cou-  
reca-  
erna-  
do rif-  
pedin-  
r, pois  
tugal:  
nso de  
ochim,  
ia com  
rar do  
O Ma-  
dando  
netêdo  
lhe fo-  
os, sen-  
que a-  
a todos  
spanto-  
feridos  
logo a-  
mo sua  
elles o  
defen-  
atando  
em que  
oria.  
ya com  
chegou  
capitão  
onso de  
as d'El-  
sentan-  
lrey fi-  
caua.

caua. Vendo o capitão mór que era obrigação forçada soccorrer áquelle Rey, & mais estando co a mão folgada da grande vitória de Repelim, negociouse com muita pressa: & deixando as Galés na costa do Malauar, com as Fustas se fez na volta do cabo de Comorim já em Feuereiro. Dali foi correndo a costa a tè os baixos de Manar (que tambem se chamaõ de Chilao) & atraueffou à outra bãda: & tomando a costa de Ceilaõ na mão foi demandar Columbo. Os Malauares tanto que a nossa armada partio de Cochim, logo foraõ auisados, & receandosse perderem os nauios, despediraõse do Madune: & embarcandosse nelles, atraueffaraõ logo a outra costa. O Madune aleuantou també o cerco, & mandou reconciliarse com o irmão primeiro que a armada chegasse. Quando Martim Afonso de Sousa chegou a Colúbo, auia quasi dez dias que os Malauares eraõ partidos, & ali soube estarem já os irmãos concertados & amigos: & já que estava ali quis verse com Elrey, & partio pera a Cota onde elle o recebeo mûy bê, & Martim Afonso o animou, & esforçou contra o irmão dizendo-lhe, que a todo o tempo que lhe fosse necessario, teria o soccorro dos Portugueses mûy certo. Elrey estimou muito ver áquelle amor & diligencia com que os Portugueses acodiaõ a suas cousas, têdo

com o capitão mór grandes palauras & comprimentos, dandolhe peças & brincos, así a elle como a os capitaens da sua companhia. Martim Afonso de Sousa vendo que não tinha ali mais que fazer, se despedio d'Elrey, & passouse á outra costa, & em breues dias chegou ao Malauar, onde teue por nouas que não eraõ os Paraos ainda recolhidos, pello que os andou esperando ao recolher, lançandolhes suas espias.

Poucos dias depois de sua chegada, socedeo andarem apartadas duas fustas de sua companhia, de que eraõ capitaens Francisco de Mello Pereira, & Ioaõ de Sousa Rates, irmão de Thome de Sousa veador que foi d'Elrey dõ Ioaõ. Estes tanto auante como Monte Deli, ouueraõ vista de vm Parao de Malauares, & correndoo o alcançaraõ & tomaraõ: & dos Mouros delle souberaõ, que a armada de Ali Abraham Marca estava em Mangalor, & cõ aquellas nouas foraõ buscar o capitão mór & lhas deraõ. Tanto que Martim Afonso de Sousa o soube, ajútou logo sua armada & voltou em busca do imigo. Indo com ella vm pouco afastado da terra, tanto auante como Coulete, ouueraõ vista da armada do imigo, que vinha á vela com o Noroeste despregada, & tomando as armas fazendo sua armada em dous batalhoens os foi demandar. Os imi-



gos tanto que conheceraõ a nossa armada Portugueza, voltaraõ pera a terra com tenção de se saluarem nella: mas os nossos nauios ligeiros apertando o remo os atalharaõ, & ferrando com alguns os embaraçaraõ a tè chegar toda a armada, que desparou nos imigos sua monição, metendolhes logo alguns no fundo, & desaparelhando outros: baralhando-se todos os mais, trauandosse hũa fermosa batalha que durou pouco: porque logo todos se desbarataraõ, rendendo vns, & varando os outros em terra, perdendosse mais de mil & duzentos Mouros, com muito pouca perda da nossa parte, com que a vitoria ficou sendo mais fermosa. O Camorim ficou co a perda desta armada mûy desbaratado & quebrâtado: & os Mouros de Calécut mûy pobres, por que elles foraõ os armadores dos mais dos nauios. Todo o mais resto do veraõ andou Martim Afonso de Sousa na costa a tè ser tempo de se recolher. E por aqui côluimos com as cousas deste veraõ, que nos pareceo melhor contar as do Malauar juntas, por nos ficar todo o mais tempo pera as de Cambaya, pellas naõ misturarmos.

## CAPITVLO VII.

*Das varias opinioens que ouue entre os Geographos sobre*

*qual seja a Tapobrana de Ptholomeo: & das rezoens que damos pera ser esta ilha de Ceilaõ: & dos nomes que sua canella tem antre todas as naçoens.*

**P**RIMEIRO que entremos em outras materias, já que estamos com as mãos nas cousas de Ceilaõ, & mostramos o principio de sua pouoação, & origem de seus Reys, & nomes que os naturaes lhe deraõ, serà rezaõ que digamos tambem os que teue antre os estrãgeiros, & que mostremos como he esta a verdadeira Tapobrana de Ptholomeo: sobre o que ouue tanta confusão antre os Geographos, & as rezoens por que todos cuidaraõ ser esta a ilha de Camatra. Plinio falando da Tapobrana diz que he de seis mil estadios de comprido, & cinco mil de largo, & que quasi era tida por vm nouo mundo: & que em tempo do Emperador Claudio se descobrira, & que vm Rey d'aquella ilha lhe mandara embaixadores, & que as naos que a yaõ demandar, naõ se regiaõ nem gouernauaõ por Estrella, por que naõ viaõ os Polos.

Estribaõ falando da Tapobrana, a faz do tamanho que a faz Plinio. Onesicrito capitão de Alexandre



de Magno, que nauegou esta costa da India, diz que a Tapobrana he de cinco mil estadios, sem dizer se he de largura, se de comprimento, & que estaua apartada dos pouos Prasís sobre o Ganges, nauegação de vinte jornadas: & que antre a India & ella auia outras muitas ilhas, mas que esta mais q todas estaua pera o meyo dia.

Arriano autor Grego no tratando que fez da nauegação da India, diz que quem partir da costa de Comora & Poduca, iria ter a hũa ilha que estaua ao Ponente chamada Pallesimonda, & dos antigos, Tapobrana, que todos tinhaõ por vm nouo mundo, & em seu tempo fora muito conhecida, & que nella se criauão os mayores & milhores Alifantes de todos os da India.

Erastróthenes autor Grego, diz q a ilha Tapobrana está no mar de Eoo antre o Oriete & occidete, ao encôtro da India por vinte jornadas de nauegação da Persia. Ptholomeo nas suas tauoas mete a ilha Tapobrana na costa da India de fronte ao Comori promontorio, que situa em treze graos & meyo do Norte. E Plinio lhe chama Colaium Promontorium, & que antes delle se chamaua, Simoda: mas que no seu tempo se nomeaua por Salica, & seus naturaes por Salim, & que tinha de comprimento noucentas & trinta milhas, que são duzentas & dez legoas das nossas:

& que nella nacia muito arroz, mel, gengiure, berillo, jacintho, & outras muitas sortes de pedras & metaes, que sã ha na ilha de Ceilaõ.

Vamos aos Geografos que fazem esta Tapobrana a ilha de Camatra. Micer Pogio Florentino Secretario do Papa, homem douto que escreueo por mandado do santo Pontifice a viagem que Nicolao de Conti Venezeano fez por terra por toda a India ate o Cathayo, diz nella, que fora ter este Venezeano a Camatra antigamente Tapobrana.

Maximiliano Transilvano, varão tambem douto & Secretario d'vm Imperador, em hũa carta q escreueo ao Cardeal Sauleburgense, em que lhe daua conta das primeiras viagens que os Portugueses fizeraõ á India, diz que foraõ ter ás prayas de Calecut, & dali a Camatra, que antigamente se chamaua Tapobrana.

Benedeto Bordone no seu Insulario diz, que a ilha de Madagascar (que he a de São Lourenço) estaua ao Ponente de Ceilaõ mil & trezentas milhas: & ao Sul da Tapobrana mil & oitenta. E outros muitos Geografos, que tem o mesmo, que deixamos por escusar prolixidades.

So o nosso grande Ioaõ de Barros homem doutissimo na Geografia falando nas suas decadas na ilha de Ceilaõ, diz que he a Tapobrana

a de  
goens  
ilha  
s que  
todas  
que  
outras  
esta-  
maõs  
Cei-  
io de  
le seus  
turaes  
gamos  
s estrã  
como  
brana  
e ouue  
eogra-  
todos  
Cama-  
obra-  
tadios  
de lar-  
or vm  
tempo  
desco-  
quella  
dores,  
eman-  
uerna-  
õ viaõ  
pobra-  
faz Pli  
Alexã-  
dre



*Quinta Decada. Da historia da India.*

pobrana de Ptholomeo, como mais largaméte prouaua nas suas tauoas da Geografia, q̃ depois de sua morte desapareceraõ, que foi perda muito notauel. E posto que bastaua esta sua autoridade pera proua bastante de ser Ceilaõ Tapobrana, & metella Ptholomeo do Gange pera dentro na costa da India (o que se não pode entender de Camatra, que está do Gange tanto pera fora: todauia examinaremos os Geografos antigos que nomeamos & mostraremos como todos falaõ de Ceilaõ, & não de Camatra.

Plinio diz, que a Tapobrana he de seis mil estadios de comprido, que são duzentas & dez legoas, & que no tépo do Emperador Claudio fora descuberta por vñ liberto de Anio Poclano, que andando ao longo de Arabia em vñ nauio, fora arrebatado dos Ponentes & em quinze dias passára alem da Carmania, & chegara a Tapobrana, & que aquelle Rey o agasalhara mūy bem, & elle lhe dera algũas moedas que leuaua, das que em Roma corriaõ, que tinhaõ a imagem do Emperador esculpida: & que Elrey mandara cõ elle seus embaixadores a visitar aquelle Emperador.

Por todas estas cousas auemos de prouar ser esta a ilha de Ceilaõ. Quanto á grandeza da ilha he a mesma q̃ Ptholomeo lhe dá, por que em suas tauoas lança a tè pas-

far a Equinocial dous graos da banda do Sul: por que parece que em seu tempo teue a mesma grandura. E os naturaes affirmão, & té por muito aueriguado por suas escrituras, que já esta ilha fora tamanha, que pegara co as ilhas de Maldiuia, & que por tempos a gastara o mar por aquella parte cobrindo da maneira que se oje ve: & que as partes mais altas ficaraõ separadas em muitas ilhas, como oje estaõ lançadas todas em hũa corda pello rumo, a que os mareantes chamaõ, Noroeste, Sueste, em que affirma auer mais de treze mil ilhas. E já em tempo do mesmo Ptholomeo, que concorre nos annos do Senhor, cento corenta & tres, parece que o mar começaua a fazer este estrago: por que diz que derredor da Tapobrana auia mil, trezentas, setenta & oito ilhas. E ser leuado o Liberto de Anio dos ventos des da Arabia em quinze dias a tè Tapobrana, mūy claramente se ve falar de Ceilaõ, que está quinhentas legoas da costa de Arabia, que he o mais que em quinze dias podiaõ nauegar: E esta ilha está na costa da India alem da Carmania, & Camatra está fora de toda a India, & alé do Gange muitas legoas. E so pera ir de Ceilaõ a Camatra, ha mister outros quinze dias de ventos em popa. E sobre todas estas rezoens, achamos oje em Ceilaõ sinas de edificios Romanos, que parece



parece que já tiueraõ communi-  
cação naquella ilha. E ainda dize-  
mos mais, que se acharaõ nella as  
mesmas moedas q̃ este Liberto  
leuou: sêdo capitão de Manar em  
Ceilaõ Ioaõ de Mello de São Pa-  
yo nos annos do Senhor de seten-  
ta & coatro, ou setenta & cinco, a-  
brindosse hũs edificios que estaõ  
da outra banda, nas terras que cha-  
maõ Matota, a onde ainda oje a-  
parecem muito grandes ruinas a  
partes de obra Romana de cantaria:  
& andando hũs trabalhadores  
tirando pedra, deraõ em o fundo  
de vm pedaço de alicesse, & reuol-  
uendoo, acharaõ hũa cadea de ferro  
de taõ estranha feiçaõ: que naõ  
ouue em toda a India official, que  
se atreueffe a fazer outra como el-  
la. E assi acharaõ duas moedas de  
cobre, hũa toda gastada, & outra  
de ouro baixo, tambem gastada de  
hũa banda, & da outra se enxerga-  
ua ainda vm vulto de vm homẽ,  
dos peitos pera cima, com vm pe-  
daço de letreiro á roda, gastado  
em algũas partes, mas ainda se en-  
xergaua claramente no começo  
esta letra C. E as continêtes gasta-  
das, & voltaua á roda o letreiro em  
que se viaõ estouttras letras R. M.  
N. <sup>Re</sup>. Esta cadea, & medalhas fo-  
raõ leuadas a Ioaõ de Mello, que  
as estimou muito, & as leuaua pera  
o reino, pera as dar a Elrey, & per-  
deosse no mar o anno de no-  
uenta que ya na nao São Bernar-  
do, em companhia de Manoel

de Sousa Coutinho, q̃ acabara de  
fer' Governador da India, q̃ ya na  
nao bom Iesus. E cousa he possi-  
uel, que fossem estas moedas das  
que ali leuou o Liberto de Anio,  
& que nos seis meses que esteue  
naquella ilha, daria ordem áquel-  
les edificios ao vso Romano, & q̃  
lançaria nos fundamentos aquel-  
las moedas (cousa mũy ordinaria  
em toda a Europa.) E considerã-  
do nós as letras da moeda, & tẽdo  
lido muitos letreiros antigos, nos  
parece que esta letra C. he a pri-  
meira do nome de Claudio, & q̃  
nas continentes & q̃ estauaõ ja ga-  
stadas auia de dizer, Imperator,  
porque as outras R. M. N. <sup>Re</sup>. cla-  
ramente se vé dizer, Romanorũ.

Outra moeda se achou como  
esta, nas Indias de Castella, que  
descobrio Pedro Colon, (segun-  
do refere Lucio Marino Ciculo,  
no liuro das cousas memorauẽs  
de Espanha, na vida dos Reys Ca-  
tholicos) andandosse abrindo ou-  
tros alicesses como estes, que tinha  
a imagem de Cesar Augusto: Esta  
moeda ouue dom Ioaõ Rufo, Ar-  
cebispo de Cuenca, & a mandou  
ao Summo Pontifice: Do que Lu-  
cio Marino infirio, q̃ os Romanos  
nauegaraõ já pera aquellas partes.

E tornando à nossa ordem, se  
he verdade o que diz Heçtor de  
Laguna; que em tempo do Papa  
Paulo, fora achado vm pao de ca-  
nella (que estaua em Roma guar-  
dado como cousa preciosa) o que  
por



*Quinta Decada. Da historia da India.*

por vm letreiro que tinha, se via q̃ ficara do tempo do Emperador Arcadio, filho de Theodosio, que foycedo no Imperio os annos do Senhor, de trezentos, nouenta & sete: que foi, cēto & vinte & seis annos depois de Claudio, que imperou nos de duzentos setēta & vm. Bem podia ser fosse leuada de presente por aquelles embaixadores que foraõ com o Liberto.

E deixando Plinio vamos ao Nisecrito. Diz este, que a Tapobrana era de cinco mil estadios, & que estaua apartada Brasis sobre o Gange, por nauegação de vinte jornadas: & que antre a India, & elle, auia muitas ilhas, mas q̃ estaua esta mais que todas pera o meyo dia. Quanto ao tamanho, conforma com Ptholomeo, a ser apartada do Gange, por espaço de vinte jornadas, & a auer antre ella, & a India, muitas ilhas, claramēte mostra falar de Ceilaõ, porque está do Gange as mesmas jornadas, & está ao Sul de toda a costa da India, & as muitas ilhas que diz, são as de Mamale, & outras todas, de q̃ Ptholomeo faz mēção, & Camatra está ao Levante da India, muito afastada della.

Ariano autor Grego, em dizer que quem partir da costa de Comara & Poduca ao ponente, iria tomar Tapobrana, bem claro se vé falar de Ceilaõ: por que Comara & Poduca mete Ptholomeo nas suas tauoas, em quatorze graos

& meyo, na contra costa da India do promontorio Comori pera dentro, que parece ser São Thome, ou Nega pataõ. Por que que partir d'aquella costa pera ir buscar Ceilaõ, á de nauegar ao ponente, & pera Camatra ao Levante, & a ilha de Ceilaõ sabido he q̃ cria os mayores, & milhores Aliantes de todos os da India, como o mesmo Ariano diz. E tanto he assi, que todos os outros lhe conhecem tanta superioridade, que vendo qualquer delles vm de Ceilaõ, assi lhe vay fogindo como doudo, o que cada dia experimentamos nesta cidade de Goa, nos q̃ Elrey traz na sua ribeira de diferentes terras.

Eraſtothenes autor Grego, diz que a Tapobrana está no mar de Eoo, antre o Oriente, & occidēte, apartada por vinte jornadas de nauegação da Persia, ao encontro da India. Este ainda fala mais claro de Ceilaõ, que está em oito graos do Norte, antre Levante & ponēte. E por muito vento que hũa nao leue, não fará mais, partindo da boca do estreito Persico, que chegar nos vinte dias a Ceilaõ, q̃ são quinhentas legoas: & Camatra não está no mar Eoo, senão debaixo da Equinocial; & por aqui temos prouado Ceilaõ ser a Tapobrana.

Vamos agora aos Geographos modernos que a fazem Camatra. Estes todos buscando esta ilha  
Tapo-



Tapobrana, debaixo da Equinocial onde Ptholomeo a poe (porq̃ em seu tempo, como dissemos, lançaua dous graos da banda do Sul,) & discorrendo por toda a costa da India a tè alem do Gange, não achando outra senão Camatra, sem outra consideração, a fizeram Tapobrana, como também sem ella lançarão o rio Indo na enxada de Cambaya: que he erro q̃ adiante com o fauor diuino mostraremos donde naceo. E assi considerando Benedeto Bordone, aquelle lugar de Plinio, falando da Tapobrana, onde diz (Septentrion non cernitur) na annotação q̃ sobre isso faz, reprende Plinio por dizer q̃ nella se não via a estrella do Polo Arctico. Por que diz, que os que viuem na Tapobrana pera a parte do promotorio Colaicu, vem este Polo aleuantado por treze graos, & q̃ assi conforme as alturas, em q̃ os d'aquella ilha viuem, assi veraõ sua eleuação: mas que os q̃ viuiaõ debaixo da Equinocial, nem vni polo nem outro podiaõ ver, no q̃ se encontra por que faz Camatra a Tapobrana: E esta ilha de Camatra corta a Equinocial pello meyo, & não lança de hũa parte & da outra, pera os Polos mais de cinco graos: porque os que viuem na pòta de Daya, que he a mais Septentrional, não vê aquella estrella aleuantada mais que por cinco graos, & pella mesma maneira, os q̃ viuem na outra pera a banda do

Arctico, escaçamente a enxergão, o que he ao contrario em Ceilaõ, por que os que viuẽ na ponta de lafanapataõ vem o Polo Arctico leuantado por oito graos & meyo, & os que habitaõ a ponta de Gale (que he a mais Meridional) a vem aleuantada por cinco: por onde claramente se vê ser esta a Tapobrana, que naquelle tempo se estendia a tè dous graos do Sul. E que o Colaicu promontorio de Plinio, & o Comorim de Ptholomeo chegue ao cabo Comorim, por sem duuida o auemos, porque naquelle tèpo, & muitos annos depois, o reino de Coulaõ foi o mayor de todo o Malauar, & se estedia a tè quasi os baixos de Chilaõ, & como aq̃lle cabo Comorim ficaua d'aq̃lle reino, & he vni dos famosos do mundo, foi nomeado de Plinio por Colaicu promontoriũ, como dizer, o promotorio de Coulaõ, ou do reino de Coulaõ. E chamarlhe Ptholomeo Cori promontorio, pode bẽ ser seja pello lugar de Titi Cori, que está adiante delles, que naquelle tempo seria couza grande, & continuada dos estrangeiros, pello que lhe daria Ptholomeo aquelle cabo o seu nome. E por esta rezaõ & por outras que deixamos, nos parece que também esta ilha de Ceilaõ he aquella de Iambolo, de q̃ Diodoro Cicolo faz menção no fim do segundo liuro da breuição de sua historia, que Baptista Ramnufio, & outros fa-

D zem



*Quinta Decada. Da historia da India.*

zem Camatra. E não nos té dado pouco trabalho, queremos saber este nome de Tapobrana, donde teue principio, & origem, sobre o que temos dado bem de voltas: porque em toda a ilha de Ceilaó não ha porto, baya, cidade, villa, promontorio, fonte, nem rio, que tenha algũa semelhança com este nome, nem em suas Chronicas, nem nas dos Canarás, nem em lingoa algũa da India tem significação algũa, nem se conhece, por onde nos parece que he nome Grego imposto por Ptholomeo, que quererá significar algũa grandeza, ou propriedade d'aquella ilha: porque tambem o nome de Ceilaó foi imposto d'aquelles baixos em que os Chins se perderão junto d'aquella ilha, que ficaram tão famosos de então peraca, que já se não conhecia a ilha por seu nome proprio, senão pello dos baixos: porque como os Persas, & Arabios nauegauão pera aquella ilha, & yaó temerosos dos baixos, sempre os traziaó na imaginação, dizendo que yaó para Cinlaó, ou que vinhaó de Cinlaó, que quer dizer q̃ yaó ou vinhaó dos baixos dos Chins: & assi mudádosse por tépos as letras se ficou chamando aquella ilha Ceilaó.

E porque cada vez que se nos offerecer pretendemos mostrar a grande corrupção que o tempo tem feito em todos os nomes proprios de cidades, reinos, rios, mon-

tes, simples, drogas, & mais cousas d'estas partes, queremos logo começar por aqui, já q̃ estamos nesta ilha, & dizermos todos os nomes de sua canela, assi os que lhe deraó os Gregos, Latinos, Parseos, & Arabios, como os que tem entre todas as nações do Oriente, & mostraremos a corrupção que o tempo nelles fez, do que naceo auer antre todos os Medicos grande confusão.

A canela nesta ilha onde nace a melhor de todo o oriente se chama Corundo potra, que quer dizer, aruore de casca. Os Malauares, a onde se cria a mais roim, & mais grossa lhe chamaó Caroa potu, que he o mesmo que aruore de casca: porq̃ a casca a que os Chingallas chamaó Corundo, dizem os Malauares Caróa. Os Arabios lhe chamaó Carfa. Este nome anda corrupto antre os nossos Medicos, porque vns lhe chamaó Quirfe, outros Quirfa. Os Parseos a nomeaó por Darcin, que quer dizer pao da China: porque como os Chins foraó os primeiros que leuaraó ao estreito da Persia as drogas, roupas, & louçainhas do Oriente, & dali por mãos dos Persas passou tudo à Europa com os nomes que lhes elles deraó, por onde estas cousas eraó conhecidas, & não pellos seus proprios que em suas terras tinhaó. Sarapio, interpreta este Darcin, & diz que quer dizer, aruore da China, porque cuidou auellas



auellas naquella prouincia, por se achar a canela em mãos dos Chins, como dissemos. Da mesma maneira se enganou Ariano, em dizer que a Casia, & Zinguir, que eraõ certas sortes de canela, que naciaõ em algũs lugares da Troglodita, & que d'ali as leuauaõ os mercadores a Grecia.

No mesmo erro cayo Plinio, q̃ diz que o Cinamomo, nacia na Ethiopia vizinha a Troglodita, & que aquella parte por que corria a Equinocial, era chamada dos autores antigos, Cinamomi fera: que quer dizer, terra que produz o Cinamomo, o que auia de nacer, de esta canela lhe ir ter as mãos, por via do mar roxo, pella dos mercadores Arabios que viuiaõ n'aquella parte da Troglodita, & naõ perguntando na Grecia, onde nacia esta droga, auia que se daua na terra dos Arabios, que lha leuauaõ: como tambem algũs escritores antigos, porque viaõ ir a canella por via de Alepo, lhe chamaraõ Cinamomo Alipitino: & por esta confusão naõ sabemos oje, que sortes de especiarias & cheiros saõ, duaca, mocrato, magla, & asiplij, de q̃ Ariano faz meçaõ, que diz nacerẽ em Arabia, & em Ethiopia, nem o nicato, gabalio, & tarro, que Plinio nomea por cheiros de Arabia, onde nunca soubemos mais que encenso, estoraque, & myrrha: q̃ posfuiel he sesaõ estas de Plinio, nem em todas as Ethiopias ouue nũca

outra droga senaõ gengiure, & este bem roim, & só no reino de Damute.

E tornando aos nomes da canella, os Malayos lhe chamaõ, cacio manis, que em sua lingoa quer dizer, pao doce: que he o caisman, ou caesmanis dos Gregos: porque parece que tambem foi ter a elles com este nome malayo, & lho corromperaõ chamandolhe tambem os Gregos, casia lignea, nome que em nenhũa naçaõ destas do Oriente achamos, inquirindo nos bem por todos os medicos. E lançando nosso juizo, nos parece que a de dizer cais lignea, que he o mesmo que pao de cais, porque antigamente, antes do reino de Ormuz se passar pera a ilha Gerum, onde oje está, era cabeça & emporium de todo aq̃lle estreito a ilha de Cais, que está adiante de Ormuz pello estreito dentro. E como naquelle tempo continuauaõ os mercadores da Europa naquella ilha, como oje fazem na de Ormuz, leuando d'ali a canella que os Chins lhe traziaõ, parece que em Grecia diziaõ, q̃ a leuauaõ da ilha de Cais, & que por isso lhe chamariaõ, cais lignea. Isto tudo dizemos debaixo da correição dos Doutores da medicina, por tocarmos em cousa de sua profissão, porque nossa tençaõ, naõ foi mais que mostrar a corrupçaõ que o tempo fez nos nomes da canella.



CAPITULO VIII.

*Do que passou Diogo de Mesquita na corte de Cambaya, & de como Soltaõ Badur foi a Diu, & tratou de tomar aquella fortaleza por engano. E do espantoso caso que aqui aconteceu a Manoel de Sousa, capitão da fortaleza.*



O fim da coarta decada, capitulo nono, liuro decimo demos cõta, de como o Governador Nuno da Cunha se partio pera Diu, por ser auisado q Soltaõ Badur andaua com roim animo contra aquella fortaleza: & como despidira Diogo de Mesquita pera ir. á corte de Cambaya visitar aquelle Rey, pera dissimuladamẽte lançar o olho ás cousas, & ver se podia alcançar sua determinação. Agora continuaremos com elle, & com as cousas de Cambaya, que guardamos pera este tempo.

Partido Diogo de Mesquita, em breues dias foi em Cábaya, & chegou á corte onde Elrey o recebeo bem, por ser muito seu amigo. Elle o visitou da parte do Governador, dizeõdolhe como ficaua em Baçaim fazedo algũs negocios, pera dahi passar a Diu, & q a primeira cousa q fizera fora despedilo pe

ra o ir visitar, & saber de sua saude, pella obrigação q tinha de o fazer assi, a vm Rey tão grande amigo dos Portugueses, & de quẽ elle era tamanho seruidor. O Badur mostrou folgar muito de o ver, & da lèbrança do Governador, tendo cõ elle palauras muito hõradas. Diogo de Mesquita, deixouffe ficar algũs dias na corte, & como tinha muitos amigos, & sabia muito bẽ a lingoa, em praticas q teue assi cõ Elrey, como cõ seus priuados entẽdeo seu mao coração, & o pejo q tinha com aquella fortaleza: q era tamanho, q o alcançou Diogo de Mesquita claramẽte em palauras. E ainda se affirma que Xacoes (que da jornada q fez por Embaixador a Goa duas vezes, ficou muito afeiçoado aos Portugueses) lhe descobrio o odio cõ q Elrey andaua: & q nenhũa coula trataua em seu animo, senão de como poderia tornar a tomar aquella fortaleza.

Depois de ter alcançado tudo o que pretendia, querendosse partir, o deteu Elrey: porque o quis leuar comfigo a tẽ Diu, pera onde logo partio afforrado: & entrou naquella ilha, & se aposentou nos seus paços. Manoel de Sousa capitão da fortaleza, sabẽdo q era chegado, o foi logo visitar: porque posto que estaua jã auisado da inclinação com que ya, eralhe necessario dissimular pella necessidade em que estaua. Elrey o recebeo bẽ, & depois de passarem as palauras de



de visitaçãõ, se despedio delle, & se tornou pera a fortaleza. O Badur como esperaua cada dia pollo Governador, querendo ver se podia primeiro que elle chegasse tomar a fortaleza; pos em parecer dos seus capitaens, o modo que se nifso teria: & todos assentaraõ que vissem se auia algum descuido na fortaleza, & que dandolhe o tẽpo algũa occasiãõ a não perdessem, & que trabalhassem polla entrar. Mas o capitãõ Manoel de Sousa, andaua taõ recatado, & com tanta vigilancia, que em todo aquelle tempo não deixou ir Portuguez algum á cidade; dando a entender que o fazia, por euitar defauencas antre elles, & os d'Elrey, mandando somente os seruidores, que caretauaõ a agoa & lenha, a que daua pressa por lhe não faltarem estas cõusas, se socedesse algũa nouidade.

Vendo o Badur o grande resguardo que auia na fortaleza, & q̃ o tempo, lhe não daua lugar pera esperar tanto: mandou chamar os capitaens, & lhes disse, que estiuessẽ prestes, porque ao outro dia auia de mandar chamar o capitãõ Portuguez, & o auia de matar, & logo auia de cometer a fortaleza: & mandou fazer prestes as cousas necessarias pera isso: Manoel de Sousa estaua bem descuidado de tamanha traicãõ, de q̃ elle se não podia liurar, se Deos não acodira. E sendo o coarto da Modorra re-

dido, chegou hũa pessõa muito encuberta, & da ponte chamou pellos da vigia, que logo acodiraõ: & lhes disse, que chamassem o capitãõ á varanda de seus aposentos, porque era cousa que lhe importaua muito. Assomãdo o capitãõ a ella, lhe disse esta pessõa. Não estejas capitãõ descuidado, vigiate muito bem: & sabe que pella menhã serás chamado d'Elrey pera te matar: dissimula, & fazete mal desposto porque te releua así. E porque te não pareça que te digo isto por te lisonjar, ou por querer de ti algũa cõsa, não saberás que sou, porque me não moueo a isto, senão vñ não sey que, que te não sey declarar. E pera certeza de ser isto que te digo verdade, em amanhecendo terás logo recado d'Elrey, & ficate embora. E voltando as costas se foi de longo da praya, sem ninguẽ saber delle mais. Não deixou o capitãõ de sospeitar q̃ este era Medinarraõ; capitãõ, & Governador da cidade, por que já o tinha auisado da tençãõ & odio do Badur, por que sempre foi muito seu affeicoadõ, & corriaõ em muita amizade: Mas quanto a nós, não foi senão Xacoës, q̃ sempre foi muito amigo dos Portugueses: & elle tambem foi o que auisou o Governador, que o Badur o queria matar, como logo diremos.

Manoel de Sousa passou toda aquella noite em discursos sobre



*Quinta Decada. Da historia da India.*

aquelle negocio : hūas vezes lhe parecia que poderia ser mentira, outras tambem que poderia ser verdade, vendosse na mór confusão que se podia imaginar : por q̃ aquelle negocio não consistia, nē em prudencias, nem em cautelas de capitaō : porque se o Badur o mandasse chamar, & não fosse, seria declarar-se, & dar-lhe a entēder que fora auisado, pera o que estava desapercebido, se lenha, agoa, nem mantimentos, de que se prouia da cidade, que se lhe logo auia de tolher, & não auia outro remedio mais que entregar-se : por que contra fome, & sede, não auia forças, nem armas que bastassem. Por outra parte via que se fosse a seu chamado, o auia de matar. Sobre estas considerações se determinou em ir se o chamassem, por que antes queria arriscar a vida que a honra: por que depois d'elle morto, tomandosse, ou entregandosse a fortaleza, não seria a afronta sua, senão do Alcaide mór a quem auia de ficar entregue.

Com esta resolução esperou a menhã, em que chegou o recado do Badur, que o mādaua chamar, mandandolhe dizer, que tinha algūas cousas que tratar com elle. Manoel de Sousa muito seguro, & sem alteração algũa, vendo que o auiso começaua a ter mostras da verdade, respondeo, que logo iria. E encomendandosse a Deos em seu coração, pedindolhe que o

guiasse, & encaminhasse naquelle negocio : supitamente lhe veyo hūa noua consideração (parece q̃ inspirado delle.) E foi esta. Que sendo costumado cada vez que ya a Elrey, ser por terra, & á caualo, com sessenta espingardeiros de sua guarda, com pifaro, tambor, & outras insignias de capitaō : agora determinou de ir por mar cō vm só page, porque na segurança com que se apresentasse ao Badur, lhe desse a entender, que estava innocente de suas malicias : & que poderia ser, que vendo sua confiança, mudaria á vontade, ou lha moueria Deos, a quem deixou todo aquelle negocio. E entregando a fortaleza ao Alcaide mór, lhe disse, que por nenhum caso se mouesse a nada, posto que ouuisse dizer que o mataraō, & que trabalhasse por defender a fortaleza a tē chegar o Governador, que não podia tardar muito. E embarcandosse muito seguro, & com mostras de alegria, foi desembarcar á porra d'Elrey, & sobio por suas escadas acima só com vm page, & entrou na camara d'Elrey acompanhado já de muitos que o esperauaō ; & fez suas cortezas com tanta confiança, que palmou Elrey, & vēdo a segurança com que ya a seu chamado, supitamente lhe tirou Deos do coração a tenção com q̃ estava, & o agazalhou muito bem com o rosto rizonho, dizendolhe que o mandara chamar pera saber delle, se o



se o Governador seria cedo naquella ilha, porque já desejava de o ver, pera o agasalhar & festejar. Manoel de Sousa lhe respondeo, q̃ ficava em Baçaim fazendo algũs negocios, & que lhe parecia q̃ não tardaria muitos dias. E praticado em outras cousas bem diferentes de suas tençoẽs, o despedio graciosamente. Manoel de Sousa se tornou pera a fortaleza, dando muitas graças a Deos, por elle ser o autor d'aquellas cousas, & o livrar das mãos d'aquelle barbaro.

Se Valerio Maximo, Tito Livio, & todos os mais escriptores, louvaõ, & engrandessem aquelles Deos Romanos, que se lançaraõ em meyo das hostes dos imigos por saluarem sua patria: que menos fama merece este valeroso capitão? ou que menos fez que elles? Porque se se lançaraõ em meyo dos imigos, este tambem se entregou a um o mais cruel, & tyranno, que se sabia no mundo: saluando com isso a vida de muitos, & a fortaleza do seu Rey. E não faltou a este, (& a outros muitos Portuguezes, pera auantajarem em tudo aos Romanos,) mais que outro Tito Livio, que lhe engrandecera seus feitos: posto que são elles taes, q̃ nem por meu fraco estilo, nem pellos descuidos que ha nesta nossa nação, de procurarem gloria, & fama por escriptura deixaraõ os famosos de conseguila: porque bem se sabe, que nenhũa virtu-

de merece tantos louvores, como a fortaleza.

## CAPITOLO IX.

*De como o Governador Nuno da Cunha partio pera Diu, & no caminho encontrou cõ Diogo de Mesquita. E de como Elrey Soltaõ Badur foi visitar o Governador ao Galeão, & de outras cousas.*

**E**ST EVE o Governador Nuno da Cunha todo o mez de Janeiro em Baçaim esperando por Diogo de Mesquita, pera d'elle saber a certeza do que o Badur determinava. E vendo que ya tardando deu á vela pera Diu, levando consigo Antonio da Sylveira seu cunhado, capitão de Baçaim: & atravesando o golfo encontrou Diogo de Mesquita, que Elrey despachou da cidade de Goga, de quem soube o mau animo com que Elrey Soltaõ Badur andava, & que já ficava na ilha de Diu: & que sem duvida trabalharia todo o possivel por tornar a aver aquella fortaleza ás mãos, por todo o engano & treição que pudesse. O Governador sentio muito aquillo, pello desapercebimento com que a fortaleza estava, principalmente de agoa, por não ter ainda cister-



*Quinta Decada. Da historia da India.*

na. E bem entendeu que Deos o leuaua lá pera euitar algum dano. E apressandosse o mais que pode, foi auer vista da terra a Madrefaual, cinco legoas de Diu, dõde despedio vm catur ligeiro a Manoel de Sousa, pera que se fosse ver cõ elle: & elle se deixou ir de longo da terra, a tè anoitecer, que sorgio hũa legoa de Diu. Aqui foi ter cõ elle Manoel de Sousa capitão da fortaleza, & recolhidos na sua camara lhe deu conta de todas as cousas que lhe tinhaõ socedido cõ o Badur, así como já as temos cõtado. Bem entendeu o Governador que se lhe offereciaõ trabalhos, & que lhe era necessario declarar-se com o Badur: porq̃ todas as dissimulaçoens que naquelle negocio tiuesse, lhe poderiaõ ser muito perigosas. E depois de passarem a mór parte da noite em praticas sobre esta materia, despedio o Governador ao capitão Manoel de Sousa, que se tornou pera a fortaleza. Ao outro dia, tanto q̃ ventou a viraçãõ, deu a armada á vela, com vento prospero & galerno, & foise de longo da terra pera demandar o porto. Andaua neste tempo o Badur da outra banda da terra firme á cassa das gazellas: & tanto que vio a armada foisse chegando á praya, & de longo della foi vendo a fermosura d'aquella frota, que foi a mais fermosa q̃ nunca vira, que era de mais de 400. velas de toda sorte. s. cinco

Iuncos grandes de Malaca carregados de mantimentos: oito naos do reino: catorze Galeoës: duas Galeças: doze Galés reaes: dezaseis Galeotas: & as mais eraõ fustas, catures, bargantins, que passauaõ de duzentas & vinte & tantas velas. Yaõ mais a fora estas, naos, zambucos, & cotias de tauerneiros da gente da terra que faziaõ hũa muito grande pouoaçãõ. E á vista della foi sempre, a tè sorgir na baya de fora, junto ao baluarte do mar: & por ser já tarde se recolheu Elrey a seus paços.

Aquella noite chamou todos os seus grandes a conselho, & com elles tratou o modo de como poderia matar o Governador, pera lhe ficar mais facil o poder tomar a fortaleza: & antre todos se assentou, que corresse com elle com grandes comprimentos, & dissimulaçoës, fingindosse lhe grande amigo, & que o mandasse couidar pera lhe dar vm banquete em terra, em hũa quinta q̃ tinha na ilha, ao longo de vm fermoso tanque, & que ali o matariaõ a elle & a todos os que com elle fossem. Cõ esta resoluçãõ se recolheraõ. Ao outro dia tanto que amanheceo, (que era vespora d'entrudo,) chegou a bordo do Galeaõ do Governador, vm nauio com vm criado d'Elrey, que o mandaua visitar com vm presente. (O Governador dizem que aquella noite fora auisado da parte de Xacoes, que



que em nenhum caso fosse a ter-  
ra, se Elrey o mandasse conuidar.)  
Pello que tanto que soube estar  
ali recado d'Elrey, lançou-se em  
cama, fingindo-se doente. O cria-  
do do Badur foi leuado ao Gouer-  
nador, que estava acompanhado  
de muitos fidalgos, & capitaes: &  
elle lhe deu os parabes de sua vin-  
da, da parte d'Elrey, dizendolhe,  
que estava muy aluorocado pera  
o ver, pella grande obrigacao que  
lhe tinha: que ao outro dia q era  
do Entrudo, que sabia que os Por-  
tugueses festejavão, o avia por cõ-  
uidado cõ todos os seus capitaes,  
pera lhe dar um banquete em hũa  
quinta sua: & que entre tanto par-  
tia com elle da caça que aquelle  
dia fizera da outra banda, (que lo-  
go foi trazida á tolda,) que era  
hũa quantidade de gazellas mor-  
tas com suas pelles, mas todas cõ  
algũa parte menos, pé, perna, ou ca-  
beça: & outra soma de galinhas,  
todas com as cabeças cortadas. O  
Gouernador muito seguro respõ-  
deo á visita, dandolhe os agarde-  
cimentos d'aquella merce: & que  
quanto a ser seu hospede ao outro  
dia não podia ser, de que ficava  
muito pezaroso, por q estava em  
cama de hũas febres, & posto em  
dieta, que tanto que melhorasse  
lhe iria bejar as mãos, & aceitar a-  
quellas merces & honras, & com  
isto despedio o criado.

O Gouernador aleuantou-se da  
cama, & sayo á tolda a ver o pre-

sente das gazellas & galinhas, &  
considerando em todas as partes  
que lhes faltavaõ, bem entendeu  
o animo d'Elrey, por que todos  
os Mouros são muy dados a para-  
bolas, & figuras: assi elle desejaua  
despedaçar os Portugueses, da ma-  
neira que as gazellas & galinhas  
yão: & parece que as partes que  
lhes faltavaõ, as tinha mandado  
sacrificar ao Diabo, pera que elle  
o favorecesse naquillo: ou també  
lhas tiraria pera fazer seus feitiços,  
por que era grande feiticeiro, &  
dado a agouros. Ioaõ Rodriguez  
fisico mór da India, que estava  
presente, notando aquellas partes  
cortadas, disse ao Gouernador, q  
tudo aquillo ya empeçonhento,  
pello que mandou logo meter tu-  
do em um nauio, pera que se fosse  
lançar no mar largo com a vaza-  
te da maré. Elrey soube do seu  
criado, como achara o Gouerna-  
dor em cama, & que por causa de  
sua infirmitade, deixara de acei-  
tar o seu conuite, & determinou  
pera mayor dissimulacao illo visi-  
tar ao Galeão, pera cõ isso o obri-  
gar a lho aceitar, quando pera elle  
o conuidasse.

E ao outro dia, que foi coarta  
feria de cinza, mandou recado a  
Manoel de Sousa, que sobre a tar-  
de se fosse pera elle, pera o acom-  
panhar, porque queria ir visitar o  
Gouernador. Manoel de Sousa o  
mandou logo auisar, o que o pós  
em confusao: por q por hũa parte  
via



via que lhe era neceſſario prèder, ou matar Elrey, pois o elle pretendia fazer a elle: & por outra, que ſeria couſa muito fora de toda a lealdade Portugueza, matar homẽ inda que inimigo, que com còr de amiſade, & confiado nella, ya ſeguramente meterſe em ſeu poder. E cuidando no que faria, aſſentou de o mandar prender tanto q̃ ſaiſſe do Galeão, & metello na fortaleza. E preparandoffe pera o receber, mandou negociar o Galeão, & armar muito ricamente, cobrin doſſe a tolda toda, camara, & varãda de panos d'ouro, & de alcatifas ricas: & deu recado a todos os capitaes, & fidalgos, da armada, que aquelle tempo ſe foſſem pera elle, o mais cuſtoſamente veſtidos que podeſſem, & que toda a armada ſe embandeiraffe, & preparaffe a artelharia pera ſaluar Elrey: mandando & encomendando, que ſe lhe fizeſſem todas as moſtras de alegria que podeſſem.

O Badur, tanto que Manoel de Souſa ſe foi pera elle, que ſeria a horas de velpora, logo ſe embarcou com elle no ſeu nauio que leuou, muito ricamente toldado, & alcatifado: levando comſigo treze capitaes dos ſeus principaes, de q̃ não achamos os nomes, mais que a cinco. Langarcan, homem mancebo, de nação Guſarate, ſenhor de grande eſtado: Aminacem, tambẽ Guſarate, & homem de muito preço & grande eſtado: Cogeçoſar,

Italiano arrenegado, a quem Elrey ſe moſtrava afeiçoado por amor de um ſeu filho moço de muitas partes, & lhe tinha dado a villa de Currate com todas ſuas rendas, & mando abſoluto: Carafen, & Aſetcan gẽro de Cogeçoſar, a que chamauão o Tygre do mundo, por ſer um Ianiffaro muito grande de corpo, homem muito eſforçado, q̃ foi o que não quis ſair ao deſaſio a Manoel de Macedo, como na coarta Decada, capitulo oitauo, liuro oitauo diſſemos. Yaõ mais cõ Elrey dous pagẽs ſeus mimoſos, um com um arco & coldre muito rico, outro com um terço d'ouro, & cõ um cofo: ya veſtido em trajos do monte, de pano de Portugal verde fino, por que faziaõ terrenhos frios, na cabeça touca de muitas voltas negra, & um punhal d'ouro metido em um rico camarabando, com que ya cingido. E como ya com roim tenção (q̃ era matar o Governador, ſe viſſe tempo pera iſſo,) deixou negociados al guns nauios com gente, & recado a ſeus capitaes, pera que eſtiueſſe a ponto, & que vèdo deſpedir hũa frecha pera o ar acodiſſem com muita preſſa, por que era final de guerra.

Partido Elrey do cais foi de mandar a armada, & ao entrar por antre ella, começaraõ a ſalualo cõ toda a artelharia, & depois com muitos instrumentos de charamelas, trombetas, folias, & outras muitas



tas mostras de alegria. Os nauios de remo que eraõ muitos abiraõ-se pello meyo pera elle passar, fazendo-lhe todos suas fainas, & o forão acompanhando a tè o Galeão. Ya Elrey praticando com Manoel de Sousa mui rizonho, & alegre, & chegando ao Galeão sobio por elle acima mui desembaraçadamente, indo sempre pegado com elle Manoel de Sousa, & Ioaõ de Sanctiago lingoa, que já era mais Mouro que elle. Sobido Elrey no Galeão, foi pondo os olhos por todo elle, que estaua cheyo de todos aquelles fidalgos, & capitaes, postos em fileiras pellos bordos, & entrando na tolda, achou outros setenta dos mais velhos, mui bem concertados, & ricamente vestidos, & com armas secretas por baixo. Dali foi leuado á camara, onde entrou com um page, & com tres dos seus capitaes, Langarcán, Amínacem, & o Tygre do mundo. O Governador estaua deitado em hũa camilha muito rica, armado por baixo, & com hũa espada por dentro de longo de si. Tinha comtigo Antonio da Sylueira, Gonçalo Vaz Coutinho, Antonio De Sá o Rume, Ioaõ Iuzarte tição, & dõ Manoel de Lima.

Tanto que Elrey entrou dentro elle se suspendeo na cama, fingindo-se muito fraco. Elrey se assentou em hũa rica cadeira de brocado, que pera elle estaua posta, sobre ricas alcáfitas: & depois de as-

sentado pos os olhos no Governador, & esteue um pequeno espaço em que polla ventura passaria pela memoria o erro que tinha feito, em se meter em poder de homẽs a que elle queria tamanho mal. Passado aquelle pequeno termo lhe mandou perguntar por Ioaõ de Sanctiago como estaua, dizendo-lhe que lhe pezaua muito de sua infirmitade. O Governador lhe respondeo, que agora que via S. A. esperaua de sarar cedo, que estaua fraco, mas que já se ya achãdo melhor das febres. Elrey tinha os olhos na porta da varanda, que estaua emparada com um pano d'ouro, porque sospeitaua, q̃ estaua dentro gente escondida: & dizem, que pello Parseo differa a Ioaõ de Sanctiago, que dissimuladamente fosse ver o que estaua dentro. Mas um page do Governador (que estaua na camara auanandoo, q̃ nesta era de nouenta & seis ainda viue, & se chama Vicente Paes) nos disse, que o mesmo Rey, como homẽ deseioso de ver tudo o do Galeão, se aleuantara & entrara na varanda, & que não vendo gente ficara algum tanto desaliuado, mas não pouco arrependido do que tinha feito, & despedindosse do Governador se foi embarcar.

O Governador mandou meter na mão a Manoel de Sousa um escrito, em que lhe mandaua, que tanto que Elrey se saísse do Galeão o prendesse & leuasse á fortaleza.

Elrey



Elrey como ya apressado, lançou-se em um dos seus navios, & foy logo afastando. Manoel de Sousa deteu-se com o escrito, & quando chegou a bordo já Elrey se afastava, pello que se embarcou no seu navio, & com elle Diogo de Mesquita, Pedralvarez d'Almeida, Antonio Correa, & algus da obrigação destes homes, & foi seguindo Elrey. O Governador tanto que se elle foy do Galeão, logo se levantou, & disse áquelles fidalgos que estauão na tolda, que se embarcassem muito depressa, & fosse sem fauorecer Manoel de Sousa em um negocio a que ya: o q' elles fizerao, lançando-se aos navios q' poderao alcançar.

Nesta visitaçao d'Elrey, achamos algua differença nos que escreuerao estas cousas, do que geralmente se conta entre os Mouros, & Gentios antigos de Diu, & ao que em suas cantigas cantaõ: por que todo este soccesso poserao em verso, & o cantaõ o dia d'oje, por todo o reino de Cambaya. Dizem algus dos nossos, que Elrey entrara no Galeão, & que o Governador o fora receber a bordo, no que se encontrao com a dissimulaçao que teue de se fazer enfermo por não ir ao banquete. E dizem mais, que o Badur depois de entrar na camara do Governador, cõ o desatino que tinha feito naquella visitaçao, & o Governador com o ter diante de si: vendo

que lhe era necessario prèdello, o matou, que com estas consideraçoes ficarao ambos como mudos, com os olhos um no outro mais de meya hora, sem auer entre elles copia de palauras: & que o Badur se levantara & se fora sem dizer cousa algua. Tudo isto he contra a obrigaçao de um Rey tao poderoso, & de um capitao tao valeroso como Nuno da Cunha, que tao trabalhaua por se fingirem um ao outro, o que não podia ser sem auer palauras, como na verdade ouue, da maneira que temos dito.

CAPITOLO X.

*Da desestrada morte de Manoel de Sousa, capitao de Diu. E de como os nossos matarao Elrey. E da variedade que ouue sobre o modo de sua morte. E da vida de Ioaõ de Sanctiago, & da cruel morte que aqui recebeo.*



**EMBARCADO** Manoel de Sousa no navio como disse-mos, foi seguindo Elrey que se ya um pouco alongando, auendo que escapara de hua & boa, em que se metera sem cõsideraçao: mas não se ouue ainda de todo por seguro a tè chegar a terra, pera onde mandou remar com muita pressa, levando



uando Manoel de Sousa a mesma por chegar a elle. Ioaõ de Sancti-ago vendo a que leuauaõ aquelles nauios a pos Elrey, lhe disse, que lhe não parecia aquillo bem. Elrey embarçado com o negocio, tomou o arco, & despidio hũa frecha pera o ár, (que era o final que tinha dado a seus capitaes, pera q̃ lhe acodissem) mandado aos marinheiros que remassem muito ri-jo, prometendolhes grandes merces. Manoel de Sousa chegando perto do nauio d'Elrey, chamou por Ioaõ de Sanctiago, dizendo-lhe, que dissesse a Elrey que se detiuesse, por que lhe queria dar vm recado do Governador, q̃ importa-ua muito. Ioaõ de Sanctiago bẽ entendeo que aquillo não era pera bem: & assi o disse a Elrey, que se leuanto em pé, & mandou remar depressa. O nauio de Manoel de Sousa como era muito ligeiro alcançou o d'Elrey, & lhe pos a proa, com o q̃ se embarçaraõ os remos, ficando os nauios abordados. Ma-noel de Sousa saltou logo dentro, & cõ elle os companheiros, & che-gado a Elrey liouffe cõ elle pera o prèder. Os seus tanto que aquillo viraõ remeteraõ com Manoel de Sousa pera o matarem, dandolhe algũas cotiladas, q̃ lhe não fizeraõ dano por ir armado secretamete. Elrey que era homem forçoso, tambem se liou com Manoel de Sousa taõ rijamente, que o teue fospendido. Diogo de Mesquita

que estaua mais perto delle, deu hũa cotilada a Elrey por cima da touca, que lhe cortou todas as vol-tas, & o ferio na cabeça, ficando a coufa baralhada antre todos às cotiladas, os nossos coatro, (que não achamos mais, ao menos de nome) com os quatorze d'El-rey, fazendo todos maravilhas nas armas. Elrey & o capitaõ anda-uaõ liados, bracejando, & lutan-do, & de volta em volta se foraõ encostando sobre a percha do na-uio, & por cima della foraõ am-bos ao már. E como Elrey era le-ue, & ya desarmado desapegouff-se logo: mas Manoel de Sousa cõ o pezo das armas se foi ao fundo sem nunca mais aparecer. E aqui acabou vm fidalgo de grande va-lor, & esforço, & dos mais primo-rosos pensamentos d'aquelles tem-pos. Era filho de Gonçalo de Sou-sa, o Laurador d'alcunha, era pri-mo com irmaõ do primeiro Con-de da Castanheira, filhos de dous irmaõs. conuem a saber, Gonçalo de Sousa, & dona Violante de Tauora. Elrey como se vio li-ure, não se quis recolher á fu-fsta, por que ouue por milhór par-tido nadar pera a terra que foi de-mandar, trabalhando tudo o que podia por chegar a ella: mas quis sua ventura que começasse a descabeçar a maré para baixo, que o foi leuando pera o már, ja taõ cansado que se ouue por per-dido. E porque áquelle tẽpo che-

E gava

lo, ou  
idera-  
tidos,  
mais  
e elles  
Badur  
dizer  
contra  
pode  
leroso  
e tãto  
n vm  
er sem  
erdade  
s dito.

Ma-  
aõ de  
nossos  
varie-  
modo  
ida de  
da  
cebeo.

ADO  
ousa no  
disse-  
guindo  
ya vm  
que ef-  
que se  
as não  
seguro  
de mã-  
ta, le-  
uando



gava perto delle vm nauio, de que era capitaõ Tristaõ de Paiua, oune por menos mal entregar-se, que morrer afogado, & assi lhe capeou, & bradou, nomeandosse Badur, Badur. Tristaõ de Paiua em ouindo apelidar, acodio pera o salvar, dizendolhe que naõ temesse, por que nenhum mal receberia. Elrey já muito cansado ferrou dos remos de proa, onde estava vm homem de baixa sorte, & alguns dizem que alabardeiro do Governador, que vendo chegar aquelle Mouro, sem saber quem era, embebeo hũa chuça ferrugenta, & lhe deu duas chuçadas, de que o matou, sem lhe poder valer Tristaõ de Paiua, que ya saltando os bancos da fusta pera o salvar.

Os nossos que ficaraõ na fusta pelejãdo cõ os d'Elrey, receberam todos muito grandes feridas, porq̃ tinhaõ muito asperos & duros imigos, tendo já delles mortos sete, sendo o já Pedralvarez d'Abreu, de muitas & grandes feridas. Os nauios que yaõ em fauor de Manoel de Sousa apertaraõ o remo pera chegarem, mas o page do Soltraõ Badur, que estava na proa do seu com o arco, despedio nelles tantas frechas, que ferindolhes muitos marinheiros os fez deter por algũas vezes, a te que chegou vm nauio, vns dizem que de Gonçalo Vaz Coutinho, outros que de vm catureiro, que se

chamaua o Pantafasul, que lhe pos a proa, & saltando dentro, acabouse de aueriguar aquelle negocio, cõ morte de todos os Mouros. Caracen, Cogeçofar, & Ioaõ de Sanctiago somente, que se tinhaõ lãçados ao mar a pos Elrey, yaõ buscando sua vctura. Os nossos ficaraõ todos atassalhados, salvo Antonio Correa, que leuou mais de vinte feridas, & algũas pellas pernas, de que depois viveo aleijado muitos annos. Caracen, Cogeçofar, & Ioaõ de Sanctiago, indo nadando a pos Elrey, deulhes tambem a vazante que os foi levando pera fora, somente Caracen ferrou a terra ja taõ cansado que naõ podia comfigo. Cogeçofar foi dar com vm nauio em que yaõ Antonio de Soto Mayor, & Diogo de Reinoso seu irmão, & indo já tal que naõ podia remar, o foi demandar, pedindo q̃ o recolhessem. Antonio de Soto Mayor & seu irmão, acodiraõ pera o salvar das maõs dos soldados, q̃ fizeraõ muito pello matar, & com grande trabalho o recolheraõ, cõ algũas cotiladas grandes pella cabeça, apiadandosse de sua miseria & desauentura: porque os animos grandes & valerosos, a tè da de seus imigos se compadecem. Na mesma conjunção chegaraõ algũs nauios, que yaõ em fauor d'Elrey, & os tres delles socedeo chegarem aquella hora de Mangalor cheyos de muita & lustrosa gente: &



te: E como os nossos nauios andauão já todos baralhados, ferrando nos dos imigos, em breue espaço os axoraraõ a todos, custando esta trisca a vida de oito dos nossos, & muito sangue a mais de corenta, ficando este negocio de todo concluido já sol posto. Em todo aquelle tempo estiueraõ do Galeaõ do Governador vendo a reuolta, sem saber o que era passado, do q̃ elle estaua bem enfadado.

Ioão de Sanctiago, com quem ainda não temos continuado, foi o a maré lançando pera fóra, sem poder ferrar terra, se não ao pé do baluarte que está sobre o cais, que se chama oje de S. Martinho: E como era já escuro bradou aos de cima, que o mandassem tomar, nomeandosse, (porque era mûy conhecido de todos, & auido por muito mau homem.) Os da vigia tanto q̃ o ouuiraõ, sabêdo ser elle, ajuntaraõse todos, & lançaraõ sobre elle tantas pedras, paos, & outras cousas que acharaõ á mão, que o matareaõ, sem se elle poder afastar, de fraco & cansado: & assi onde cuidou que achasse o remedio da vida, achou & padeceo o mais cruel genero de morte que podia ser. A vida deste homem foi monstrosa, & muito pera notar nella a variedade, & inconstancia da fortuna. Era natural de Africa, em moço foi catiuo dos Portugueses em hũa caualgada: Em Lisboa o fizeraõ Christaõ, & foi ven-

dido a um calafate que lhe ensinou o seu officio, que aprendeo mûy bem, em que o seruiu algũs annos, ajudando a sostetar o amo: Era de taõ agudo & sutil engenho que pasinauaõ todos. Embarcouse algũas vezes com seu senhor pera a India, que foi por calafate d'aquellas primeiras naos, que a ella passaraõ, ou naquelles primeiros annos: & falecendo em Goa o amo, o deixou forro, tẽdo elle já adquirido algũa sustancia, & vèdosse liure ajutou tudo o q̃ pode, & passouse ao reino do Canará a comprar pedraria, pera tornar a vender ás naos (porque naquelle tempo, cõ pouco enriquecia um homem depreffa.) Ali se deixou andar, & em breues dias aprendeo a lingua Canará: & como era homem de engenho, soube se entremeter de maneira, que pella grãde prudencia que nelle entendeo Elrey, (algũas vezes que com elle praticou) o recolheo á si, & o teue em seu seruiço, em que o satisfez tanto, assi por sua habilidade, como pella veneração com que adoraua seus idolos, quando ya com elle a seus pagodes: que o veyo a governar todo absolutamete, do que os grandes do reino andauaõ mûy afrontados. E fazendo a enieja seu officio, la lhe ordiraõ cousas que não só o fizeraõ descair da graça, mas julgalo á morte, sendo leuado do mayor & mais alto lugar do reino, pera o mais vil, infame, & baixo



*Quinta Decada. Da historia da Índia.*

d'elle, que era a força, donde foi liure pellos mesmos que o chegaram aquelle estado, que o pedirão de merce a Elrey: & ordenou o Deos assi, porq̃ não tinha ainda ali seu termo limitado. Vendosse este homẽ liure, & q̃ escapara de hũa morte tão infame, não parou ali mais, & voltou pera Goa m̃uy apressado, dõde se passou a Ormuz, & se pos no seruiço d'aquelle Rey, & nelle o agradou tanto, q̃ o fez dos principaes diante d'elle, dandolhe rendas, dinheiro, & casa. E como era homem m̃uy cobiçoso, & vio a posse que no reino tinha, assi tyrânizou os estrangeiros mercadores, que por amor d'elle deixauão já de vir á aquella cidade: o que sabido por Elrey o quisera mandar matar, se o capitaõ d'aquella fortaleza, que era Diogo de Mello, lho não pedira por ser Christão, tendo elle todo o tempo que seruió áquelle Rey dado mostras de um fino Mouro, visitando as mesquitas, & fazendo todas as cerimoniaes Mahometicas.

Liure deste perigo tornou-se pera Goa a onde residio a tẽ que o Governador Nuno da Cunha mandou o Secretario Simão Ferreira jurar as pazes cõ Soltaõ Badur, quando deu Baçaim, q̃ o leuou por linguo, por ser tão perito em todas as do Oriẽte, como se se criara em cada hũa dellas. Neste negocio de Simão Ferreira, as vezes que tratou com o Badur, o achou tão ex-

perto, & de tanta viueza, que o perdio a Simão Ferreira que lho deixasse, como deixou quando se tornou pera Goa, ficando tão mimoso, & valido d'Elrey, q̃ lhe veyo a dar, perto de vinte mil cruzados de rēda cada anno em aldeas: pello q̃ teue grãde casa, & riqueza, sendo elle um dos q̃ gouernauão, o q̃ lhe durou tão pouco como se vio, porq̃ em menos de tres annos, veyo acabar de hũa morte tão miseravel. Era homẽ muito pequeno de corpo, & com sinaes de mal de São Lazaro, que o fazião nogēto.

E tornando a nossa historia. Algũes escritores cõtaõ esta morte d'Elrey, & de Manoel de Sousa, por differēte maneira, por q̃ dizẽ, q̃ Manoel de Sousa indo a pos Elrey, chegãdo à sua fusta, dera hũa na outra tamanha pãcada, q̃ caira da percha ao már, indo encima della em pé, & q̃ em caindo lhe acodira Elrey, & o recolhera na fusta, onde o Tygre do mũdo lhe dera hũa estocada pellos peitos de q̃ o matara: nõ q̃ se encõtraõ bẽ claro cõ o q̃ passou. Porq̃ como Ioaõ de Sãtiago tinha auisado Elrey, q̃ lhe parecia mal a pressa cõ q̃ Manoel de Sousa ya a pos elle, parece q̃ se não auia de deter pera o tomar, antes auia de folgar cõ aquelle estoruo, pera lhe ficar mais tempo de se saluar. E quãto á morte de Manoel de Sousa ser de estocada, não ouue tal: porque ya armado, & as espadas dos Mouros são largas, & sem



& sem ponta, & não lhe podiaõ  
passar as armas: & se tal fora seu  
corpo ficara na fusta, & ali se acha-  
ra, mas elle desapareceo no mar,  
porque o pezo das armas quando  
cayo, o leuou logo ao fundo. E assi  
o contaão os Mouros d'aquelle  
tempo aquem o nõs ouuimos.

CAPITVLO XI.

*De como foi trazido Cogeçofar  
ao Governador Nuno da  
Cunha: & da liberdade que  
lhe deu: & de como se leuan-  
tou por Rey em Cambaya  
um cunhado do Rey dos Ma-  
gores: & da embaixada que  
mudou ao Governador.*



CONCLVIDO  
o negocio, ou de  
hũa maneira, ou da  
outra, recolheraõse  
os nossos ao Galeão

do Governador, que em estremo  
fintio a morte de Manoel de Sou-  
sa, & tambem a d'Elrey, porque  
desejava de o auer ás mãos viuo,  
porque montara muito ao estado  
da India, & mandou com muita  
pressa buscar estes corpos que se  
não acharaõ, & o de Manoel de  
Souza não era d'espantar, porque  
o pezo das armas o auia de leuar  
ao fundo: mas Soltaõ Badur sem  
ellas, não appareceo mais, nem no  
mar, nem na terra, onde he natu-

ral irem ter os corpos mortos, pel-  
los o mar lançar de si. E como El-  
rey era grande feiticeiro & Magi-  
co, (pellõs muitos annos que an-  
tes de ser Rey tinha andado pello  
mundo em trajos de logue fugido  
ao pay) tem os Guzarates pera si  
ainda oje que não podia morrer,  
& que está viuo, & que anda em  
figura de peixe naquelle rio, que  
ainda por tempos á de tornar a  
reinar: qual outro Artur em In-  
glatterra em figura de coruo. An-  
tonio de Soto Mayor, & Diogo de  
Reinofo, entregaraõ ao Governador  
Cogeçofar, que elle recebeu  
humanamente, mandandoo leuar  
á fortaleza, & encarregalo ao Al-  
caide mór, pera que o curasse com  
grande relguardo, & o mesmo a  
Pedralvarez d'Almada, Diogo de  
Mesquita, & Antonio Correa.

Ao outro dia pella menhá foi  
o Governador auisado, que a gen-  
te da cidade amedrontada com a  
morte d'Elrey, se passaua á outra  
banda, & querendo prouer nisso,  
mandou leuar Cogeçofar diante  
de si: & lhe disse, que compria ao  
seruiço d'Elrey de Portugal, ir  
quietar aquella gente, porque elle  
determinaua de fauorecer a todos,  
& sustentalos em pax, & justiça, &  
que por aquelle seruiço promeria  
de lhe fazer honras & merces, &  
de lhe dar liberdade. E que entre  
tanto mandasse leuar á fortaleza  
seu filho, que se chamaua Marran,  
a onde estaria honradamente em

E 3

refens.



*isto sem  
quan do  
vier El  
Rey do  
Sebastião  
aos Portu-  
gezes, &  
Mexias  
aos Bu-  
dres, &  
spiritus  
qui uadi  
non red  
dignus ist  
ao no q' t' a  
ao huma  
no, q' no q'  
toca ao  
diuino,  
menas m  
to, porq  
o mexias  
já uio  
cos outra  
faluro rã  
que tuorã*



refens, ate ver como elle naquele negocio seruia Elrey de Portugal, & que entao lhes daria liberdade a ambos. Cogeçofar se lhe lançou aos pés, agardcendolhe a merce que lhe fazia, prometendo-lhe de o servir muito bem naquele negocio, & em todos: & logo mandou leuar seu filho á fortaleza, que se entregou ao Alcaide mór, que lhe deu casas pera elle, & pera algũs criados que leuou. E elle se foi á cidade, leuando seguro geral que lhe o Governador passou, pera todos os moradores della viuerem na liberdade em que estauão, & que se lhes não faria agrauo algum, se não muitos fauores. Isto he o que achamos por mais aueriguado, que aquillo que algũs escreuem, que o Governador soltara Cogeçofar, tomandolhe a menagem de se não sair da cidade sem sua licença: porque parece q se não auia o Governador de fiar tanto d'aquelle homem, que cuidasse que lhe auia de guardar palavra: por que bem sabia a pouca fê de todos os Mouros: mas tomoulhe os refens que dissemos, pera que com mais vigilancia, & cuidado, tratasse de ter maõ na gêre da cidade, por que se não despouoasse de todo, & pera outras muitas cousas de que tinha neçesidade pera a fortificação da fortaleza, & de hũa cisterna que determinou logo fazer, que pretendia de auer per ordem & industria

de Cogeçofar, que com o interesse da liberdade do filho, se auia de desuelar no seruiço d'Elrey de Portugal:

Partido Cogeçofar pera a cidade, como tinha muita pôsse, & antre todos os naturaes grande authoridade, & era naturalmente sagas, & prudente, tal ordem teue naquelle negocio, que não só quietou a todos os que achou ainda na cidade, mas fez tornar a ella, os q já eraõ passados á outra banda: tornando a ficar a cidade, em sua antigua prosperidade. O Governador desembarcou aquelle dia á tarde, & se agasalhou na fortaleza, mandando Antonio da Sylueira, Fernão de Sousa de Tauora, & o Secretario, com cada vm leuar sua companhia de soldados, pera se meterem nos paços d'Elrey, como fizeraõ, sem auer contradição algũa, & poseraõ em arrecadação tudo o que se achou de ouro, prata, pedraria, arreos, caualos, cousas de recamara do Badur, cuja quantidade não achamos em lembrança: mas deuia de ser coufa pouca, porque Elrey tinha mandado todos os seus thesouros pera Meca: E antre elles foi o que tinha tomado a Madre Maluco que mandou á serra onde tinha suas molheres, & as dos seus capitaes polos ter a elles mais seguros, & não se lançarem co Magor, & mandou os por seu sobrinho o Miraõ, que por ser homẽ de valor faria aquelle ne;



le negocio bem. O tisouro que Soltao Badur tomou a Madre Maluco, erao cento & vinte cofres q cada vm tinha trezentos mil pagodes d'ouro: & duzentos & coreta cheyos de moedas de prata, de que quasi nao fazia caso. Ya mais vm cofre que pesaua coatro quintaes, que nenhũa outra cousa leuaua mais que perolas, & aljofar. Ya outro cofre que leuaua mil adagas d'ouro & de pedraria. E afirmaraõnos por cousa muito certa ser este o somenos tisouro dos que tinhaõ os antigos Reys de Cambaya, que os tinhaõ taõ soterrados & incubertos, que só a pessoa do Rey, & o Regedor do reino sabiaõ delle.

Deste barbaro soube hũa cousa que mostra bem claro quaõ grandes eraõ os tisouros que tinha. Depois de se ver desbaratado do Magor, & estar em Diu fortaleza inexpunhuauel, nao se auendo nella por seguro por quaõ senhareado & apoderado estaua o medo do seu coraçao, mandou vm recado ao graõ Turco, em que lhe pedia pera segurança de sua pessoa, dous mil Rumes que queria trazer a soldo em sua companhia. E pera que o Turco lhe concedesse o que lhe pedia com facilidade, ya o recado acompanhado d'vm muito rico presente, pedindolhe muitos perdoens de lhe mandar aquella pouquidade. Sendo o presente tal, que a valia delle podera fazer ri-

co a qualquer Rey, a que se dera. Por que era hũa cabaya de fio d'ouro de martello, laurada toda de perolas de muito preço, & os botoens q a abotoauaõ, eraõ todos de diamates engastados em ouro, muito juntos, & de grãde valia, tamanhos como grandes tremoços. Mãdauaõlhe mais hũa cinta d'ouro, & pedraria muito rica, com vm terçado & adaga do mesmo feitiõ & riqueza, pera nao desdizer da obra da cabaya. Mãdauaõlhe mais hũa coroa serrada, como coroa de Emperador, d'ouro & muito rica pedraria. E diziaõ alguns mercadores que a viraõ, que só ella valia mais de dous contos d'ouro. E a cabaya era de muito mór preço, pella muita cantidade de perolas que leuaua, de muito preço, de q a somenos dellas, valia quinhentos pardaos d'ouro & a mór parte do que Elrey trazia pera seu seruiço, se passou aquella noite pera a outra banda com suas molheres. Nos almazens acharaõ hũa grande copia d'artelharia, & armas de todas as sórtas, poluora, pilouros, & muitos materiaes pera ella, & na ribeira muita madeira, & nauios de toda a sórtas, & tantos mantimentos, assi na ilha, como na villa dos Rumes, que depois de se encherem os almazẽs da fortaleza, & se prouer toda a armada muito bastantemente, se vdeo hũa grande copia, por se nao auer mister.



*Quinta Decada. Da historia da Índia.*

Feitas estas cousas, entendeo o Governador no gouerno da cidade, pondo nella os officiaes á vontade do pouo. E proueo os officios da Alfandega, Iuiz, Feitor, & Thesoureiro a Antonio da Veiga, & na de Gogalá pos Francisco Pacheco com seus escriuaes, & contadores, mandando que vsassem nellas do costume antigo, não querendo innouar cousa algũa, por não escandalizar o pouo: o que tudo fez com conselho & parecer de Cogeoçar: que por se mostrar agardecido as honras & merces do Governador, o seruia em tudo mui promptamente, do que elle estaua tão satisfeito, que lhe deu o gouerno da cidade, porque Medinarraõ ja se tinha ido della, mostrando o Cofar sua prudência, na quietação & sossego, com que viuiaõ todos os moradores, correndo sempre em grande amisade cõ Antonio de Soto Mayor, & Diogo de Reinoso, que o liuraraõ da morte, pello que lhes ficou tão afeiçoado, que em quanto viueo, os nomeou por filhos, prouendoos sempre de dinheiro & peças, muito abastadamente. E chegou a tão esta obrigação, que cometeo a Antonio de Soto Mayor, pera casar com sua filha, que viuvara do Tygre do mundo: que depois casou com um Esclauones arrenegado, que tambem veyo em companhia do mesmo Cogeoçar, chamado Zinguircan, por outro no-

me Caracen, que he o que se saluou da fusta d'Elrey a nado. Este veyo depois a ter tanta authoridade no reino de Cambaya, que lhe deu Soltaõ Mahamud, o titulo de Caracen, que he como Condestabre do reino.

Era este homem muito graue, honrado, mui grande amigo de Portugueses: aquem nos o anno de sessenta & tres, que fomos á cidade de Baroche, comunicamos, estando elle ali por capitaõ, & liamos Ariosto, Petrarcha, Dante, Pietro Bembo, & outros poetas Italianos, aque elle era muito afeiçoado, & gostaua muito de o nos entendermos. Este nos cõton algũas vezes, muito particularmente da jornada de Rax Soleimaõ, em que se elle achou: & desta do Governador, & morte do Soltaõ Badur, estando nos ainda bem fora de imaginar que a auiamos de escrever, porque entãõ não tratauamos liuros, senãõ a espingarda.

E tornando a nossa ordẽ. Estaua na quinta do Melique um Principe chamado Mirmahamede Zaman, cunhado d'Elrey dos Magores, irmão de sua molher: q̃ como dissemos, sempre andou esperando algũa occasiãõ pera ver, se podia meter pé em algum d'aquelles reinos, recẽdo antre aquelles dous barbaros os odios passados, cuidãdo que delles lhe resultasse o que pretendia, que era ver, se desbaratado algum delles, lhe ficaua a fortuna



fortuna abrindo caminho pera  
fer Rey, o que entao não ouue  
efeito. E vendo agora que com  
a morte de Soltao Badur, lhe of-  
ferecia o tempo tamanha occa-  
siao pera ser Rey d'aquelle rei-  
no, por não ficarem filhos ao Rey  
morto, ajuntando dous mil Ma-  
gores que comsigo trazia, meteo-  
se na cidade de Nouanager, duas  
legoas de Diu, & começouse a  
apelidar Rey do Guzarate. E ven-  
do que pera seguramente se po-  
der sustentar naquella estado, lhe  
era necessario fauor do Governador  
da India: Despedio logo um  
dos principaes de sua companhia  
chamado Coge Afizamo por em-  
baixador ao Governador, com a-  
pontamentos das cousas que auia  
de tratar com elle. Este homem  
chegou á villa dos Rumes com  
grande acompanhamento, onde  
o Governador o mandou buscar  
pellas fustas da armada muito  
embandeiradas, & o recebeo em  
sala acompanhado de todos os  
capitães. O Embaixador, depois de  
passadas as palauras formaes, pro-  
pôs sua embaixada na forma se-  
guinte.

Que Elrey Mahamede Za-  
man seu senhor, lhe fazia a saber,  
que ao tempo da morte de Soltao  
Badur, se achara no reino de Cam-  
baya, & que por não auer herdei-  
ro aque por direito aquelle reino  
viessse, vendo que lhe cabia a elle  
milhor, que a nenhum outro ca-

pitaõ delle, se apelidara por Rey,  
& que folgaua de estar tao perto  
delle, pera tratar sobre suas cou-  
sas, & fazer nouos contratos de  
pazes & amizades. Que lhe pe-  
dia, que pois não auia Principe  
que herdasse aquelle reino, que  
lhe parecesse bem que o fosse el-  
le, por filho d'Elrey dos Coraço-  
nes, & do antigo sangue do grao  
Tamorlaõ: & que lhe desse toda  
ajuda, & fauor, que lhe fosse pe-  
ra isso necessario, por que tam-  
bem elle estaua prestes, pera con-  
ceder todos os partidos, que fos-  
sem justos & honestos. O Gover-  
nador muito graciosamente lhe  
respondeo, que lhe parecia muito  
justo o que determinaua, por que  
por todas as vias o reino lhe esta-  
ua muy bem: que elle estaua pre-  
stes, pera o fauorecer em tudo co-  
mo pedia. E que quanto aos a-  
pontamentos, & contratos das pa-  
zes, elle Embaixador com os offi-  
ciaes d'Elrey de Portugal, os de-  
terminassem: Entregandoo logo  
ao Secretario, Veador da fazen-  
da, & ouuidor geral que o aga-  
lhasse em calas na fortaleza,  
que pera isso se despejaraõ,

onde se lhe deu todo o que  
necessario em a-  
bastança.

CAPITULO

do primeiro



CAPITOLO XII.

*Que contem os contratos que o Governador Nuno da Cunha fez com Mir Mahamed de Zaman: & de como o Secretario os foi ver jurar por elle. E de como por morte de Manoel de Sousa deixou a Antonio da Sylveira por capitão da fortaleza de Diu. E de um homem que trouxerao ao Governador, de trezentos, trinta & cinco annos, & de outras cousas.*



O outro dia ajuntandosse os officiaes d'Elrey com o Embaixador pera assentarem os contratos das pazes, dandosse hús aos outros seus apontamentos, que se examinarao de parte a parte, & por fim se vierao a concluir, pella maneira seguinte.

Que tanto que elle Mir Mahamed de Zaman, fosse pacificaméte Rey de Cambaya, daria a Elrey de Portugal pera todo sempre, o porto, & cidade de Mágalar, com todos os direitos, rendas, & jurdição, com dous coces & meyo (que he húa legoa & um coarto) de húa & da outra banda, com todos os portos & lugares do mar: com outros dous coces & meyo pera o

fertaão, com todas as aldeas, villas, & lugares que naquella distancia ouuesse, assi & da maneira q̃ Soltao Badur o possuía.

Que outro si lhe daria a cidade de Damao, com todas as suas Tanadarias, & aldeas que tiuesse a te as terras de Bacaim, assi como d'antes erao do estado de Cambaya.

Que todos os nauios de guerra & naos, que foraõ de Soltao Badur, com todas as fazendas q̃ nellas viessem de fora, tomar os portos de Cambaya, seria obrigado a mandar entregar em Diu.

Que em nenhús de seus portos poderia elle Mir Mahamed de Zaman mandar fazer, nem consentir fazeremse nauios de guerra: & q̃ fomento poderiaõ fazer naos de carga, pera mercadores.

Que os caualos que fossem teo a Diu, pagassem os direitos a Elrey de Portugal, assi como se pagauao em Goa. Estes saõ os apontamentos que o Embaixador concedeo. Os que lhe concederao a elle, saõ os seguintes.

Que as moedas todas que corressem nas cidades que foraõ do reino de Cambaya, que fosse da jurdição d'Elrey de Portugal: & na ilha de Diu fossem cunhadas com os cunhos & marca d'elle Mir Mahamed de Zaman.

Que nas suas mesquitas, & alcorões de todas as ditas cidades, & lugares, fosse elle Mir Mahamed de Zaman



Zaman aclamado por Rey do Guzarate, como o era Soltao Badur.

Que os contratos que estauão feitos antre elle Governador, & Soltao Badur, sobre as naos & caualos irem áquella ilha de Diu, ficassem correndo, & nelles se não innouasse cousa algũa: samente q as armas que viessem nas naos, lhas não tomassem, por virem pera aquelle reino.

Que a toda a gente de guerra de Soltao Badur, que estiuesse em qualquer porto de Cambaya, que se quisesse ir pera elle Mir Mahamede: o podesse fazer liuremente, sem ningem lho impedir: com outros aponramentos que não são essenciaes. Concluidos estes capitulos se passaraõ dous estrometos em Parseo, & Portugues, vm pera darem ao Embaixador, & outro pera ficar no estado. E logo o Governador presente o Embaixador, & Antonio da Sylueira, Vasco Perez de Sampayo, Ruy Diaz Pereira, Gaspar de Sousa, Garcia de Sá, & outros fidalgos, & capitaes, jurou nos sanctos Euangelhos, de os comprir & guardar em nome d'El rey de Portugal seu senhor, muito inteiramente, & de lhe serẽ guardados por todos os Governadores da India. Deste juramento se fizeram outros dous autos em Parseo, & Portugues, pera se darem ao embaixador, em q o Governador se asinou, com todos os que presen-

tes estauão. Acabado isto, fez o Embaixador logo ali o mesmo juramento, que lhe foi dado no seu moçoço pello lingua, obrigandose a fazer com Elrey, a jurar os mesmos contratos presentes as pessoas que o Governador a isso mandasse. O que tudo se fez cõ a mayor solennidade que podia ser, desparandosse toda a artelhaia, assi da armada como da fortaleza, em final de festa, & alegria. Estas pazes, & contratos se apregoaraõ logo pella cidade, ao som de muitas charamelas, & trombetas.

O Governador mandou logo fazer prestes o Secretario, para ir em companhia do Embaixador á cidade de Nouanager, a ver jurar os contratos ao Mir Mahamede: & ao outro dia o despedio, indo o Embaixador muito satisfeito, das honras & merces que lhe o Governador fez, leuando o Secretario por lingua Marcos Fernandez, & perto de vinte pessoas de caualo pera seu acompanhamento, leuando peças, & brincos coriosos pera dar ao nouo Rey. O Mir Mahamede Zaman, teue auiso da sua ida, & o foi esperar á quinta do Melique, mandandoo buscar ao caminho pellas pessoas principaes de sua casa, por quem foi leuado ao nouo Rey, que o recebeu muito bem. E depois de saber da saude do Governador, o mandou agasalhar & banquetear muy bem. Ao outro dia jurou as pazes publicamente



*Quinta Decada. Da historia da India.*

licamente em seu moçofo, nas mãos de Cadiçahar justiça da cidade de Diu, que o Governador pera isso mandou, o que se fez cō grandes solennidades, & festas, ao seu modo, mandandoas logo apre- goar por todo o exercito, & na ci- dade de Nouanager. Disto tudo se passaraõ instrumentos em lin- goa Persa, asinados por Mir Ma- hamede, & pello Cadi, lingoa, & mais pessoas principaes.

Acabado este negocio em que se gastaraõ cinco dias, despedio se o Secretario d'Elrey, que lhe deu muitas peças, assi pera o Gouerna- dor como pera elle, & o mandou acompanhar a te a villa dos Ru- mes. Dali se passou á outra bāda, & deu conta ao Governador do q̃ ficaua feito, o que elle estimou muito: porque se aquelle homem se soubesse cōseruar naquelle rei- no, ficaua o estado da India, muito prospero & poderoso, em terras & rendas. O Governador foi dādo pressa as cousas de Diu, porque se ya gastando o veraõ, mandando reformar a fortaleza, & prouer os passos da ilha, pera que não po- dessem entrar nella, deixando no rio muitos nauios, dando regimē- tos as Alfandegas.

E porque a capitania d'aquella fortaleza, vagara por morte de Manoel de Sousa, a deu a Antonio da Sylueira seu cunhado, que era irmão do Cōde de Sortelha dom Luis da Sylueira, Guarda mór d'El

rey dom Ioão: a quem deu oito centos homēs pera com elle fica- rem, ordenandolhe capitaes pera lhes darem mesas, deixandolhe dinheiro pera pagas, & muitos mō- timentos, & moniçoēs. Na villa dos Rumes pos Ioão de Mendo- ça com cincoenta soldados. Esta villa, seu proprio nome he Goga- lá: mas depois que a armada de Mirocen, que o Visorey dō Fran- cisco d'Almeida desbaratou n'aquelle porto, foi ter áquella ilha, por que a gente della que era a mór parte Rumes, se agasalhou da outra banda, se ficou chamando do seu nome a villa dos Rumes. E por que não he rezaõ, que passe- mos por hũa monstruosidade de natureza, a contaremos breue- mente.

Andando o Governador ja pe- ra se embarcar, lhe trouxeraõ da outra banda vm homem que se affirmaua ser de trezentos, trinta & cinco annos, que era de me- estatura, as pernas muito arcadas, bem assombrado, de casta Benga- la, Gentio de nação, mas seguia a feita de Mafamede: tinha n'aquel- la idade hũa simplicidade espan- tosa, & cō ella daua rezaõ de mui- tas antiguidades, & alcançou a in- da aquelle reino em poder de Ge- tios, pella conta que daua dos Reys Mouros, que todos nomeaua com os annos que cada vm reinou. Ti- nha dous filhos, vm de nouēta an- nos, & outro de doze: & teria ou- tros



eu oito  
le fica-  
es pera  
ndolhe  
tos mã-  
Na villa  
Mendo-  
s. Esta  
e Goga-  
nada de  
lô Fran-  
tou n'a  
ella ilha,  
ue era a  
alhou da  
amando  
Rumes.  
e passê-  
dade de  
s breue  
or ja pe-  
xeraõ da  
a que  
os, trinta  
de me  
arcadas  
a Benga  
seguia  
n'aquel  
le espar  
de mu  
nçou a  
er de G  
dos Rey  
eua com  
inou. Ti  
ouêta an-  
teria ou-  
tros

tros muitos q̃ lhe morreriaõ . Af-  
firmava que cinco vezes mudara  
os dentes velhos , & lhe naceraõ  
nouveos : & que outras tantas lhe en-  
canecera a barba, & se lhe tornara  
a fazer preta . Esta renouação da  
natureza não lemos em escriptura  
algũa que ella fizesse em algũ ou-  
tro homem : por que Adão q̃ vi-  
ueo nouecentos & trinta annos, &  
seu filho Set, nouecentos & doze,  
Caõ, nouecentos & dez : Noe, &  
outros Patriarchas, setecentos, seis-  
centos, mais, & menos, como te-  
mos na escriptura Diuina, não acha-  
mos que viuessen se não via or-  
dinaria da natureza , sem aquella  
renouação & reformação.

O Governador folgou muito de  
ver aquelle homem, & lhe pergũ-  
tou por muitas cousas de que lhe  
elle deu rezaõ : & antre ellas lhe  
disse, que todos os Reys antigos q̃  
alcançara, lhe dauaõ cada mes vm  
cruzado & meyo de tença, que lhe  
pedia que pois aquella ilha viera a  
seu poder, onde elle tinha quebra-  
da a pobre comedia, lhe fizesse  
merce delha conceder, porque sua  
idade ja não era pera buscar o ne-  
cessário pera a vida . O Governador  
lho outorgou de muito boa  
vontade, mandandolhe assentar  
aquelle cruzado & meyo por mes,  
por ordinaria, no regimento d'a-  
quella fortaleza, com o que o ve-  
lho ficou muito centente: por que  
n'aquelle tépo pella barateza das  
cousas, montaua aquelle cruzado

& meyo mais de oito d'oje : por q̃  
o arroz valia a medida a dous ba-  
zarucos & meyo, & a tres quando  
caro: o arratel da vaca a coatro: o  
paõ de coatro bazarucos era mui-  
to mayor que o de dez d'oje: & as-  
si todas as mais cousas. Viueo este  
homem a te o anno de corenta &  
sete, por que ainda em tempo do  
Gouernador dom Ioão de Castro  
depois do cerco de Diu, de seu té-  
po, o viraõ n'aquella ilha, & não  
foubemos de sua morte, nem po-  
demos achar pessoas que nos disses-  
sem della . O Governador Nuno  
da Cunha despachou as cousas de  
Diu com muita pressa, & em Mar-  
ço se embarcou, & foi tomar Ba-  
çaim, a onde deixou Garcia de Sá  
por capitaõ, que o acabara de ser  
de Malaca, por vir della muito po-  
bre. E prouendo Baçaim, & Chaul  
de moniçoës & mantimentos, deu  
á vela pera Goa, a onde depois q̃  
chegou, despedio os prouimentos  
ordinarios pera Malaca, & Malu-  
co: & cõ isto se cerrou o inuerno.

### CAPITVLO XIII.

*Que dâ cõta de quem era o Mir  
Mahamede Haman, que se  
apelidaua Rey de Cambaya.  
E de quem são os Vsbeques:  
& de como se fizeraõ senho-  
res do estado de Camarcant:  
& dos nomes que esta pro-  
uincia teue.*

F Quando



*Quinta Decada. Da historia da India.*



VANDO tratamos da origem, & principio dos Magos, demos larga conta d'aquelle grande Chinguiscan, que conquistou as prouincias Sogdiana, Baetrian, Parthea, Persia, & outras que repartio com seus filhos: dando a de Camarcant a vm chamado Chacata: & parte da prouincia Turchestan a outro chamado Vsbeque, com quem cotinuaremos. Este Principe teue alguns filhos co q por sua morte repartio seus estados, & os soccessores pello tempo em diate os diuidiraõ ainda mais, partindo com filhos & netos: & de vm só reino q era constituidaõ muitos, como o de Hircan, Badaxan, Taxcan, Condux, & outros, prezadosse todos os descendentes a tẽ oje, deste apelido Vsbeque. Estes estados conquistou depois o Graõ Tamorlaõ, & por sua morte os herdeiros dos Reys a que os tomou, lançaraõ maõ do que cada vm lhe pertencia: ficando tudo o mais q possuia repartido co dous filhos, & vm neto, por esta maneira. O Imperio de Camarcant co tudo o q ha detro dos famosos rios Oxo, & Iazartes, ficou a seu filho mais velho chamado Mirmiruxa. A prouincia Coraçone ao filho segundo chamado Miraxaroc, q seu irmão mais velho depois predece, & o soltou dandolhe o mesmo estado. O reino de Balc, & Bochará, ficou

a seu neto, filho de Ianguir seu filho mais velho chamado Pirmahomad, como muito bem o declara Ruy Gonçalvez de Clauijo, no seu Itinerario. Agora continuemos com estes tres soccessores do Tamorlaõ.

Na prouincia Coraçone soccedeo vm filho de Mirunxá, por cuja morte em defeito de filhos, soccedeo n'aquelle estado Badur Paxa por parente mais chegado, que era pay de Hamau Paxa, de qui agora tratamos, que contende com Cambaya. Este reinou alguns poucos annos, porque leuantando os Patanes com os estados que tinha derredor do Indo, & Hidaspes, que seus auós tinhaõ ganhado, como temos dito, acodindo lá deixou em Camarcant vm parente seu, que era seu Veador de fazenda, & Cancahaná de seus reinos, (que he vm titulo supremo como Cõdestabre) que se lhe aleuantou com aquelle estado, que nunca mais o Badur Paxa poder cobrar. E por morte do aleuantado, soccedeo vm filho seu chamado Babu Soltan: & por morte deste herdou aquelle reino vm filho que tinha chamado por sobrenome Bolá Corná, que quer dizer Bebedor de cerueja, (por que parece que era amigo de vinho em cujo poder se acabou este estado, como logo diremos: por que he necessario continuar com os outros principados. Por morte de



te de Pirimahomad neto de Tamur Langar socedeo no reino de Balc, Xaroc, seu tio, & não sabemos se em defeito de filhos, se por lho tomar. E por morte de Xaroc ficou o estado do Coraçone a seu filho mais velho chamado Soltan Hocé: & no de Balc, vm filho segúdo por nome Xabeq can, a que os escriptores erradamente chamaõ Xabascan. Este foi tão valeroso & esforçado caualeiro, que determinou de conquistar todos os estados que foraõ do Tamur Langar seu bisauó: & ajuntando vm grande exercito, entrou pella provincia Coraçone, em que reinaua Iá Bedeat Hocén, filho de Soltaõ Hocén, de q̃ acima falamos: & como este Bedeat não era menos valeroso que o Xabeq. Sabendo que lhe entraua por seu reino, o foi esperar, & lhe apresentou batalha, em que o Bedeat foi morto com tres irmãos seus: & o Xabeq se apoderou do reino. Foi este pertodos annos do Senhor de mil quinhētos & dez, & a mulher do Rey morto fogio com vm filho, & hũa filha (que ambos eraõ mininos) & se passou a Camarcant, onde ainda reinaua Badur Paxa, que tambem era neto de Tamur Langar. Que a recebeo mūy bem, & criou os filhos como se foraõ seus, & a filha como teue idade a casou com seu filho Hamau Paxa, & o moço q̃ era este Mir Mahamed Zamá foisse fazēdo homem, & de muito

grādes pēsamētos, & bõ caualeiro.

Morrēdo o Badur, socedeo nos reinos do pay, seu filho Hamau, q̃ não fez conta do cunhado. E vendosse elle desfavorecido delle, passouse a Cambaya a Soltaõ Badur, onde lhe socedeo o q̃ temos contado. Daqui começou Hamau a ter odio a Soltaõ Badur, por q̃ lhe recolheo o cunhado, & lho não mandou, mandadolho elle pedir. E tornādo ao Xabeq. Depois q̃ se vio senhor do Coraçone, sabēdo q̃ na Persia era nouamēte aleuātado Xá Ismael, lhe inuiou Embaixadores a pedirlhe, que lhe largasse aquelle reino, q̃ fora de seus auós. Xá Ismael como andaua fauorecido da fortuna, mandoulhe dizer, que elle lhe leuaria a reposta. E ajuntando logo vm poderoso exercito, foi buscar o Xabeq, assi por lhe quebrar sua soberba, como por vingar a morte d'Elrey Bedeat, pellas obrigaçoens q̃ tinha a seu pay Soltaõ Hocén, que sempre o amou como filho, & lhe deu muito grande ajuda pera sobir á Monarchia da Persia. O Xabeq sabendo de sua ida o foi esperar, & encontrandosse nos campos de Maron, vindo a batalha, que foi asperíssima, por fim della ficou o Xabeq morto, & o seu exercito disbaratado. E o Xá Ismael (segūdo alguns escriptores) mandou fazer do casco da cabeça de Xabeq vm vaso guarnecido de ouro, por onde bebia, como já os Boyos



*Quinta Decada. Da historia da Índia.*

fizeraõ da cabeça do Consul Posthumio, quando o desbarataraõ em Triana de França. Desta vez ficou o Xá Ismael, senhor da prouincia Coraçone, que de entaõ pera cá se ajuntou à da Persia.

Foi esta batalha segundo a cõta de Ioaõ Maria Angelo (que naquelle tempo viuia, & escreueo as cousas da Persia) junto dos annos do Senhor, de mil quinhentos & onze. Mas pella do nosso Ioaõ de Barros, na de mil quinhentos & treze. Micer Catherino Zeno, q̃ concorreo no mesmo tempo, & escreueo esta batalha, diz que o Xabeq. naõ morreo, mas que se recolhera pera seus reinos. As chronicas Persias todas affirmaõ que morreo: mas ou fosse agora ou depois, por sua morte socedeo naquelle estado Escander Can, que as escrituras naõ declaraõ se era filho, se tio, se irmaõ. Este homem foi muito valeroso, & ganhou os estados de Hiarcán, Badaxan, Taxcan, Condux, & outros pera a parte do Turchestan, & começou a conquistar o de Camarcant, a onde reinaua Bosá Corná: & andãdo nesta impresa, faleceo na entrada deste anno de trinta & sete, em que andamos. Socedeolhe seu filho chamado Abdula-can, que acabou aquella impreza, & se senhoreou de todo o estado de Camarcant, & de outros muitos que ha derredor do Oxo, & Isartes: com o que ficou ym dos mores

senhores do mundo.

E como era ambicioso de honra, & fama, mudou o nome áquella prouincia (que a te entaõ se chamaua Zagatay,) em Vsbequia, & mandou que todos os seus naturaes se chamasssem Vsbeques: por este nome saõ oje taõ conhecidos, & temidos, em todo o Oriente, que a te os Magores que saõ os mais soberbos homens d'elle, lhe reconhecem superioridade. Com isto fica bem conhecida a prouincia Vsbequia, & confundido o erro dos que fizeraõ o Xabeq. tartaro, sendo na verdade Chaquatay.

Esta prouincia Coraçone, de que falamos, affirmasse que foi a antiga Parthia, & seus naturaes os famosos Parthos, taõ nomeados de Plutarco, Apiano Alexandrino, & de todos os escritores Romanos. Estes foraõ os que desbarataraõ o grãde exercito de Marco Crasso, matãdo a elle, & a dez mil Romanos, & catiuãdolhe outros tantos: cuja morte exclama aquelle grãde Poeta Mena, dizendo:

*E vimos a Crasso sangrienta  
espada,  
De las batallas que hizo en  
Oriente,  
Aquel de quien vido la Roma  
na gente,  
Su muerte planida, mas nunca  
vengada.*

Tomou



Tomou esta prouincia o nome de Horacanja, que he o seu verdadeiro (& não Coraçone como vulgarmente se chama) de Horacan Soltao, neto de Mafamede, que os Persas affirmão estar enterrado na cidade de Maxet, principal d'aquelle reino.

São os Vsbeques homens robustos, espadaudos, rostos largos barbaçudos, olhos fogosos, encarniçados, & tão destros archeiros, que indo correndo a cavallo, assi peras como pera diante vão derribando as aues nos ares: quando caminhaõ não leuão mais que suas armas, & ceuadeiras com farinha de trigo, & onde chegaõ mataõ vacas, bufaras, & outras alimarias que comem tão mal assadas, que o sangue lhes corre pellas ilhargas das bocas, & das farinhas fazem seus bollos. E se não achão gado, sangraõ os caualos, & o sangue misturado com a farinha, fazem hūas papas cozidas com q se sustentão, & cõ que engordaõ. Pello que parece serem estes os antigos Masagettas, de quem Lucano no terceiro da Pharsalia, diz: (Os Ma-

sagettas que de sua longa abstinência na guerra mataõ a fome com o sangue de seus caualos.) E por q estes homēs não vñão outro mantimento: pòde aquelle Rey cada vez que quer, caminhar com cem mil caualos, por que estes se sustentão das eruas dos campos, & das agoas dos rios, com q andaõ gordos: & são tão aturadores do trabalho, que antre dia & noite andaõ vinte, & mais legoas. Seguem estes homens os Arabios em sua seita, sobre o que tem com os Persas grandes contendias, & são inimigos mortaes, por auerem vns aos outros por hereges, & tem tomado diuísas de suas opinioes. Os Persas turbâtes vermelhos, a que os Turcos chamaõ, quizilbax, que quer dizer, os das cabeças vermelhas: & os Vsbeques toucas verdes, a que chamaõ, ifilbax, a que o doutor varaõ Paulo Iouio chama cuselbas, & caselbas: por que lhe não foubereaõ dizer a verdadeira etimologia destes nomes, ou apelidos: que he o em que consiste o verdadeiro intendimento das coufas, & no saber inquirilas, vai tudo.

*Fim do Primeiro Liuro.*

F 3 LIVRO





# LIVRO SEGUNDO

## DA QUINTA DECADA

### DA HISTORIA DA INDIA.

#### CAPITULO I.

*De como os grandes de Cambaya aleuantaraõ por Rey Soltaõ Mamud, & do exercito que mandou contra Mirmamede Haman, que se apellidaua Rey de Cambaya, & do recontro que tiueraõ com os Magores, em que ficaraõ desbaratados.*



**S**ABIDAS as nouas da morte de Soltaõ Badur por todo o reino, & depois da morte do Miraõ seu sobrinho que logo lhe socedeo no reino, em que não viuẽo um anno: & que o Mirmamede Haman se apellidaua Rey, & estaua em Nouanager com um exercito de Magores, a que em Cambaya tinhaõ odio mortalissimo: ajuntandosse todos os grandes a conselho, assentaraõ que era necessario atalhar-se áquelle negocio logo em fresco, primeiro que o nouo Rey aleuantado viesse a cobrar maior poder: por que não viessem todos a ficar debaixo de

jugo alheyo. E passandosse á cidade de Amadabá, onde estaua Soltaõ Mamud, sobrinho de Soltaõ Badur, filho de um seu irmão, que era moço de quinze annos, & pôdo na cadeira real o juraraõ por Rey com grande solennidade. Feito isto elegeraõ logo tres titulos pera lhe ajudarem a governar o reino: estes foraõ Madre Maluco, genro de Cogecofar, Driarcan, & Alucan: todos homens estrangeiros, Turcos, & Rumes, que entaõ eraõ as mayores pessoas do reino. A primeira cousa que estes fizeraõ, foi, quietarem alguns tumultos que auia, & castigarem alguns aleuantados que não quizeraõ acodir ao seu Rey, deixando as cousas de Mirmamede pera depois que o Governador Nuno da Cunha se partissem de Diu (por que isto foi pouco depois da morte de Soltaõ Badur) por que soberaõ elles os contratos que elle tinha feito com o Governador, que se não podia deter muito, por causa do inuerno que se vinha chegando. Estas nouas teue logo o Mirmamede Haman, que as inuiou ao Governador, mandandolhe pedir conselho sobre o que faria naquella



quelle negocio. O Governador Nuno da Cunha lhe mandou dizer, q̃ lhe conuinha com essa pouca gente que tinha acodir logo á cidade de Amadabá, & saltar o nouo Rey primeiro que lhe acodisse o poder: por que elle sabia de certo, que auia diuisoens, & muitos descontentes da eleição dos Turcos, que começauão a castigar alguns que auiaõ por culpados, que estaua certo acodirem-lhe, & ajuntarem-se com elle. E q̃ sempre nos reinos auia homẽs amigos de nouidades, que auiaõ de folgar de o seguirem, com quem lhe era necessario mostrar-se no principio liberal, por que nisto estaua virem-se todos pera elle: & que se não descuidasse naquelle negocio, por que depois que os titores ajuntassem poder, não lhe sintia remedio.

Este conselho pareceo m̃uy bẽ ao Mirmamede Haman: & sem duuida que se o tomara ficara Rey de Cambaya, por que a gente que tinha bastaua pera saltar o nouo Rey, & apoderar-se da cidade de Amadaba: mas elle descuidou-se, & deixou-se estar em Nouanager em passatempõs, como outro Anibal em Capua, pello que deixou de ser senhor de Roma, como este do Imperio do Guzarate. Os titores, & Governadores do reino, depois que deraõ ordem a muitas cousas delle, & de saberem ser o Governador partido pera Goa, &

que não auia de tornar por entãõ a ajudar com gente Portuguesa a Mirmamede Haman, com quem se tinha concertado quando se aleuantou por Rey de Cambaya, ajuntãdo dez mil caualos, & quinze mil de pé, os dous Regedores Madre Maluco, & Alucan, se partirãõ com elles m̃uy apressadamente em busca do Mirmamede Haman, & em poucos dias chegaraõ aos campos de Nouanager, de que logo teue auiso o Magor, & ouue-se por perdido, conhecendo entãõ o grande erro que tinha feito em não seguir o conselho que lhe dera o Governador Nuno da Cunha. E preparãdo sua gente assentou de esperar os capitaens em campo, por que na cidade facilmente se podia perder, por ser toda aberta, & não ter comodo pera se defender nella. E querendo sair-se, acharaõ-se ali ja cercados dos inimigos. Mirmamede Haman, q̃ era homem muito animoso, disse aos seus, que não auia já que fazer, se não cometerem os inimigos, & trabalharem por d'aquelle primeiro encontro os romper, & que os que escapassem se fossem recolhendo pera a bãda do Cinde, pera áquelle Rey, que tambem era Magor, & muito seu parente, & que dali fariaõ o que a fortuna lhes ordenasse.

Com esta resolução se poseraõ a cauallo, & de dous mil que eraõ fez Mirmamede Haman duas ba-



talhas, húa que elle tomou que era de mil & duzentos, & a outra de oito centos deu a outro capitaõ. E saindo ao campo levando Mirmamede Haman a dianteira, remeteo com os imigos como vm liaõ brauo, & pondolhes as lâças com grandes gritas & alaridos foi rompendo por elles, partindoos pello meyo, derribandolhes d'aquelle encontro mais de duzêtos, saindosse ao campo largo com perda de só tres homês, & assi como foraõ varando foraõ caminhando adiante. O segundo escoadraõ vêdo Mirmamede Haman misturado com os imigos, que assi como se abrião se tornaraõ logo a fechar, auendoos a todos por perdidos, porque os não viraõ arrebeitar fora ao campo, & tomando outro conselho, voltaraõ & foraõ fugindo pera a banda de Diu. Os imigos os foraõ seguindo, matando, & derribando nelles sem piedade, acrecentandolhes o esforço, o medo que viaõ levar a homês, a que todos os de Cambaya tiueraõ tamanho medo. O Mirmamede Haman tanto que se vio em saluo, & alongado dos imigos, parou por esperar pello segundo escoadraõ, o que fez muitas horas sem chegar, pello que o ouue por perdido, & de magoa parecia querer arrebeitar: & ajuntãdo os seus, assi lhes disse.

Naõ me consinte o animo & amor que a todos os meus natu-

raes tenho, valerosos & esforçados companheiros meus, que os veja a elles em perigo, ficando eu fora delle: antes desejo ser o primeiro em todos os trabalhos & riscos. Pello que he necessario que tornemos a voltar em busca do outro escoadraõ, que pois tarda deue de estar em perigo. Vamos & corramos cõ elles a mesma fortuna, & não vos affombre a multidaõ dos imigos, que estes são os mesmos, q̃ muitas vezes fugiraõ só de nos ouuir nomear, & ninguem os pode oje fazer esforçados, se não nossa couardia: & eu confio que em nos vendo outra vez com elles, percaõ o furor se o tiuerem, por que bem aõ de entender de nossa volta, que he pera liurarmos os nossos, a custa de nossas vidas, que a elles aõ de ser bem caras: & não os tenho por taes que queiraõ esperar esta determinação. A nenhum dos seus pareceo bem aquilo, dando-lhe rezoens taes, & taõ frias, que entendeo de seu temor, que não fariaõ coufa algũa, & assi triste & malenconizado foi seguindo seu caminho pera o Cinde, lembrandolhe nouamente pera mór magoa sua que deixara de ser senhor de vm tamanho Imperio por seu proprio descuido & negligencia. E estes deixalosemos, porque não sabemos mais que irem ao Cinde.

Os do outro escoadraõ que yaõ pera Diu, foraõ sempre fugindo sem fazerem volta, perdendosse  
na



na jornada perto de coatro cêtos. Os outros que escaparaõ chegarão à villa dos Rumes, onde estava por capitaõ Ioaõ de Mendoça, que acodio com muita pressa às portas da villa, & vendo aquella reuolta, & os Magores ao longo dos muros pedindolhe fauor, & ajuda (por que já vinha entrando com elles a gente de Cambaya, q̃ começaua a encher os campos) mandou desparar nelles algũas peças d'artelharia com que os deteu. Os Magores estauaõ recolhidos ao longo dos muros, & ferrados às portas, pedindo que os recolhessem, o que os porteiros fizeram a alguns, por vm muito pequeno postigo, por que lhes encherão as mãos de dinheiro.

Aqui aconteceu vm raro exemplo de amor, que por tal o contaremos, & foi, que trazendo vm destes Magores sua molher nas ancas do caualo, moça, & fermosa, vêdo que por dinheiro recolhiao alguns dentro na fortaleza, chegoiffe ao porteiro & lhe disse, que tudo o que trazia consigo lhe daria, & que lhe recolhesse dentro sua molher, por que como a visse liure, naõ lhe daria cousa algũa do perigo que elle corresse: o q̃ disse com mostras de tanto amor, que venceu aos da porta a querela recolher: & entregandolha elle, & apartandosse della com palauras de muitas saudades, sintio ella isto tanto, que indo já entrando, tor-

nou a voltar pera fora dizendo:

Nunca Deos queira que te deixes de acompanhar na morte, assi como o fiz sepre na vida, o mesmo risco q̃ tu correres, quero eu correr, por que em quanto te vir, todos auerei por pequenos, & sem ti naõ quero vida nem liberdade, & assi se deixou ficar de fora sem se querer recolher, por muito que lho elle rogou.

Ioaõ de Mendoça tinha mandado recado a Antonio da Sylueira capitaõ da fortaleza sobre aquelle negocio: elle lhe mandou dizer que recolhesse na villa todos os Magores, & que naõ deixasse chegar ao campo a gente de Cambaya. Elle o fez assi, abrindo as portas a todos. E na entrada ouue tamanha reuolta com o medo que leuauaõ, que vns por cima dos outros se arremessauaõ taõ desatinadamente, como se os inimigos fossem alcançandoos, estando elles bẽ apartados, por que a nossa artelharia os fez afugentar: mas o medo da morte lhes fazia parecer q̃ lhes yaõ elles dando nas costas. Ioaõ de Mendoça os recolheo, & agasalhou com muita humanidade, mandando curar a muitos que yaõ feridos.

Elles mandaraõ pedir a Antonio da Sylueira embarcaçoens pera se passarem a Dabul, que lhes elle logo deu, & foraõse muito satisfeitos do gasalhado & fauor que acharaõ em os Portugueses.

Madre



*Quinta Decada. Da historia da India.*

Madre Maluco, & Alucan, vendo os Magores recolhidos, contentando-se com os danos que lhes tinhaõ feito, tornaraõ-se pera Amadaba, a onde Elrey estava, & com elle andaraõ todo este inverno visitando seus reinos, amostRANDO a seus vassallos, que todos lhe acodiraõ.

Antonio da Sylueira vendo o negocio baralhado, lançou maõ da Alfandega de Diu, & de todas as rendas da ilha, que começou a arrecadar pera Elrey sem achar inconueniente algum: porque Elrey Soltaõ Mamude andaua occupado em outras cousas que lhe mais importauaõ, que era quietar seus reinos, castigar, & reduzir à obediencia alguns vassallos rebeldes, que nas guerras dos Magores não acodiraõ a Elrey Soltaõ Badur seu tio. Antonio da Sylueira auisou logo ao Governador do que passaua, o que já não pode fazer se não por terra, por ser o inverno de todo entrado: pelo que deixaremos agora estas cousas, por continuarmos com as de Maluco, por guardarmos em tudo a ordem da historia.

CAPITULO II.

*Das cousas que este anno acontecerão em Maluco: & da chegada de Antonio Galuaõ àquella fortaleza: & de co-*

*mo foi buscar os Reis da Liga à ilha de Tidore a onde lhes deu batalha, em que os disbaratou.*

**E**STANDO as cousas da fortaleza de Ternate, no pior estado q se podiaõ imaginar, pello grãde aperto em que os Reis conjurados tinhaõ posto os nossos, defendendo-se por todas as partes os prouimentos, de que totalmente estavaõ muito faltos, & sem duvida se perderaõ, se Deos naquella derradeiro estremo não trouxera Antonio Galuaõ, q sempre teue muito boa viagem, a te lançar ferro diante daquella fortaleza, que pera todos os que nella estavaõ foi vm nouo resuscitar, por que realmente se auiaõ por acabados. Antonio Galuaõ tomou posse da fortaleza, onde foi recebido com cruz alçada: & tomando informação do miserauel estado em que aquellas cousas estavaõ, & de como todos os Reis da liga estavaõ na ilha de Tidore, com taõ grande poder, que se affirmava terem perto de vinte mil homens, & que estavaõ cõjurados pera cometerem, & escalam a fortaleza, pera o que tinhaõ já prestes muitas embarcações pera passarem a Ternate, com muito aluoroço de todos: que dos bens dos nossos



Li-  
onde  
ue os  
  
as  
aleza  
pior  
odiaó  
o grã-  
onju-  
, de-  
s par-  
total-  
& sem  
os na-  
naó  
sem-  
, a re  
a for-  
nella  
citar',  
por a-  
omou  
cebi-  
ando  
estado  
naó,&  
iga e-  
m taó  
ua re-  
mens,  
ra co-  
rtale-  
restes  
passa-  
aluos  
dos  
nossos

nossos tinhaõ já feito grandes re-  
partiçoës . Informado Antonio  
Galuaõ de tudo, como era fidalgo  
virtuoso, & em estremo deuoto de  
nossa Senhora , encomendoulhe  
muito todas aquellas cousas com  
muy deuoto coração. E tomando  
conselho sobre o que faria , foraõ  
todos de parecer, que tentassem os  
imigos com pazes, cometendolhes  
algum modo de satisfação, & que  
quãdo elles a naõ quisessem accei-  
tar , era necessario arriscarse tudo,  
por que com guerra lenta , naõ se  
podiaõ desfazer aquelles imigos,  
& que quando elles naõ ousassem  
a vir cercar a fortaleza , por ser  
chegado focorro da India, com só  
se espalharem por antre aquellas  
ilhas, & lhes impedirem os manti-  
mentos, era a mayor guerra que se  
podia reccar. Antonio Galuaõ des-  
pedio logo vm Embaixador a El-  
rey de Tidore, que o ouuio diante  
de todos os Reys da liga : & elle  
lhe disse: que Antonio Galuaõ era  
chegado áquella fortaleza por  
mandado d'Elrey de Portugal, &  
que desejava muito de correr com  
todos os senhores d'aquelle Archy-  
pelago em paz & amisaõ, por que  
assí o trazia muito encomendado  
por regimêto do seu Rey: que lhe  
pedia por merce, que deixados os  
agrauos a parte ( que elle estaua  
prestes pera satisfazer & emendar )  
tornassem a antiga paz & amisa-  
de: por que se naõ perdesse aquel-  
le taõ antigo comercio , de que a

todos tinha resultado taõ grandes  
proueitos . Os imigos como esta-  
uaõ soberbos, & confiados no grã-  
de poder que tinhaõ, responderaõ  
dispropósitos, zombando, escarne-  
cendo, & dizendo grandes oppro-  
brios , & afrontas contra o nome  
Portugues, taõ auorrecido a todos.  
O Embaixador se recolheo sem  
conclusaõ algũa, & quasi que este-  
ue arriscado.

Sabido por Antonio Galuaõ o  
que passaua , resolveosse em por  
todo o remedio nas armas , enco-  
mendado aquellas cousas a Deos,  
com verdadeiro coração, ordena-  
do logo todas as cousas que pera  
isso lhe eraõ necessarias: por que  
assentou de ir buscar os imigos, &  
darlhes batalha . E as primeiras  
achegas que juntou, foraõ procif-  
soens, oraçoens, esmolos, & outras  
obras pias, tudo á custa de sua fa-  
zenda ( que estas eraõ as merca-  
dorias que este fidalgo foi fazer á  
sua fortaleza , de que os de oje bẽ  
se riraõ.) E pondo toda a armada  
no már, embarcando as moniçoës  
que auia , vltimamente se embar-  
cou: entregando a fortaleza a Tri-  
staõ de Tayde, & fezse á vela . A  
armada que leuaua , eraõ coatro  
Galeoens, que estauaõ no porto, &  
algũas Corocoras , nestas vasilhas  
yaõ embarcados, cento & setenta  
Portugueses, & duzentos & trinta  
da terra, em que entravaõ alguns  
escrauos dos casados . Com toda  
esta frota foi forgrir defronte da ci-  
dade



*Quinta Decada. Da historia da India.*

dade de Tidore, saluandoa com sua artelharia, que não deixou de por espanto nos imigos, cuja multidão acodio á praya a dar vista a os nossos, com tamanhos alaridos, q̃ poderaõ por medo a qualquer outro capitaõ, que não fora taõ confiado no fauor diuino. Surta a armada, meteosse Antonio Galuaõ em hũa Corocora ligeira, & foisse chegando á terra pera reconhecer a cidade, que estaua estendida de longo da praya, cercada por detras de muros, & com hũa caua á roda. Na face da praya tinha alguns baluartes muito fortes, & mûy bem guarnecidos de gente & artelharia. Da banda do fertoã vm pouco afastado da cidade, tinha vm monte, que lhe ficaua como padraõto, em cima de quem estaua vm castelo roqueiro, arrezoado. Antonio Galuaõ foi notando a cidade muito deuagar, & rodeãdo a ilha por toda aquella parte, por ver onde acharia melhor disposiçaõ pera desembarcar com menos risco, & notou vm lugar comodo pera isso, vm pouco afastado da cidade. E tomando parecer com os que leuaua consigo, sobre o modo de como se cometeria a cidade: assentouffe que se desembarcasse naquella parte de madrugada, & que fossem por detras ganhar o castello, & que de pois se cometesse a cidade, por que já entãõ estariaõ os imigos amedrõtados cõ a perda do castello.

Assentado isto preparouffe Antonio Galuaõ pera o outro dia, q̃ era do Apostolo São Thome, padroeiro da India, em cujo dia por seus merecimentos fez Deos nosso Senhor muitas merces aos Portugueses (como pello discurso da historia apontaremos.) Tanto que o coarto dante alua se rendeo, embarcouffe Antonio Galuaõ nas Corocoras, com cẽto & vinte Portugueses, & cento & oitenta Christãos da terra, deixando a mais gente na armada pera guarda della, que ficou encarregada a hũa pessoa de confiança, com ordem do que auia de fazer, & elle em muito silencio foi desembarcar no lugar determinado, leuando muito boas guias pera o encaminharem ao castello. Ao mesmo tẽpo se leuou toda armada, & com os traquetes se foi chegando á cidade, fazendo mostras de quererem desembarcar em os bateis, disparãdo toda sua artelharia. Os imigos tanto que aquillo viraõ, acudiraõ todos á praya pera defenderem a desembarcaçaõ, descuidandosse de todas as mais partes, de feiçaõ, que teue Antonio Galuaõ tempo de chegar acima ao castello, sem serem sintidos. Era isto já a tẽpo que a menhá começaua a descobrir.

Os nossos tanto que chegaraõ acima cometeraõ o castello com muito animo, trabalhando pello entrar, os de dentro em sintindo, que



que eraõ Portugueses fizeraõ final pera que na cidade se soubesse, & elles se poseraõ á defensão mūy determinadamente. Elrey Ayalo de Ternate, que lá andaua fogido, ouuindo o final, ajuntou vm corpo de gente, & acodio acima a ver o que era, porque não sabiaõ do que era passado, & chegando ao monte deu de rosto com os nossos que estauaõ mūy acesos na briga, & algũs tratauaõ de quebrar as portas, com quẽ remeteo Ayalo com grande furor, mas Antonio Galuaõ acodio ali, pondosse diante dos seus, & como vm leaõ pelejaua por hũa parte, & como prudente capitaõ trazia os olhos nos seus animandoos, & esforçandoos, por que não tiuessem tempo algũs de se escoarem, por q̃a todos via & notaua. Elrey Ayalo andaua diãte dos seus armado em hũa faya de malha, & vm capacete, & com hũa espada de ambas as mãos pelejaua valerosamente. Antonio Galuaõ em o vendo remeteo a elle com hũa espada & rodella, começando a ferir denodadamente. Os de Ayalo acodiraõ ali pera o ajudarem. Os Portugueses tambem o fizeraõ ao seu capitaõ, tratandoosse antre todos hũa muito aspera batalha, & muito arriscada da parte de Antonio Galuaõ, por que os imigos eraõ muitos: mas quis Deos, que dessem hũa espingardada em Elrey, de que cayo, estando já ferido das mãos

de Antonio Galuaõ, & com a rainha da morte se tornou aleuantar logo: mas como a ferida era mortal, tornou a cair, bradando pellos seus, que o recolhessem primeiro que os caens (que así chamaua aos Portugueses) espedaçassem seu corpo como desejauaõ. Os seus vendoo d'aquella maneira o tomaraõ nos braços em que lhes logo morreo, & recolheraõse. Os seus em o sabendo se começaraõ a desbaratar, & largando as armas foraõ fogindo pera a cidade, a onde já se sentia o reboiisso, & vinha outro corpo de gente em seu soccorro: & encontrádosse cõ elles que yaõ desbaratados, & os Portugueses matando, & ferindo nelles, voltaraõ todos, sem verem quaõ poucos os nossos eraõ. Antonio Galuaõ vendo a vitoria por si, a foi seguindo com grande estrago dos imigos. E alguns delles que não poderaõ fogir pera baixo, foraõse recolhendo pera o castello, indo apertados de algũs dos nossos. Os de dêtro acodiraõ aos recolher, abrindolhes as portas: mas foi tamanho o medo, & embaraço, q̃ entraraõ os Portugueses de enuolta com elles, matando, & derribando muitos. Os imigos largando as portas, & vendosse perdidos, lançaraõse dos muros abaixo, espedaçandoosse vns, & outros caindo nas mãos dos nossos, que não passauaõ melhor: por que lhes abriaõ as entranhas de feiçaõ, que

G poucos



poucos escaparaõ . Antonio Galuaõ acodio aquella parte, & vëdo tamanha merce de Deos, tomou logo hũa muito prudente resoluçaõ, que foi mandar dar fogo ao castello, por que os seus não tiuessem esperanças de se saluar nelle. E ajuntando todos lhes disse.

Ora sus meus caualeiros de Christo, pois nos elle faz tâtas merces, não arrefeffamos, saibamonos a prouectar do tẽpo, & vamos cometer em fresco a cidade, por que os inimigos estaõ com o medo nas entranhas: & agora vendo este incendio aõ de acabar de descoraçoar, & não aõ de esperar nossa furia, por isso seguime, q̃ Deos he com nosco. E tomando a bandeira de Christo a par de si, arremessouffe pello monte abaixo como vm toruaõ, & foi demandar a cidade ao som de muitas caixas & tróbetas, com grãdes gritas de todos os nossos, q̃ com vm nouo animo yaõ seguindo seu capitaõ. E entrãdo por hũa parte foi tamanho o medo dos inimigos, q̃ largaraõ a cidade, recolhendosse pera o sertão, ficando ella com todo o seu recheo em maõs dos nossos. Antonio Galuaõ como teue auiso q̃ tudo era despejado, receãdosse d'algũas desordẽs dos seus soldados, mãdoulhe secretamẽte dar fogo, & como toda era de madeira & palha, começou a arder com grande estrondo, queimandosse dentro nas casas muitas molheres & mininos q̃ não pode-

raõ fugir. E por que foi auifado de vns almazens de mantimentos & moniçoẽs, mãdou ter nelles grãde resguardo, pella necessidade q̃ de tudo isto tinha.

Os bateis & bantins acodiraõ logo a praya, onde o capitaõ mãdou recolher tudo, o que se fez cõ muita pressa, por auer muitos marinheiros & seruidores. Recolhido tudo, & a cidade feita em cinza, se começou a embarcar, não deixãdo de auer antre os soldados alguns desmandos, por que muitos se espalharaõ pella cidade a roubar, catiando muitas pessoas, que pellas casas estauaõ escondidas. Embarcado Antonio Galuaõ, mãdou por o fogo a algũas Corocoras que estauaõ varadas, & a outras embarcaçoẽs, & a vm Iunco que estaua na baya, mandando recolher algũas: o que tudo fez muito á sua vontade, sem ter sobressalto dos inimigos. Assim se recolheo, com hũa taõ grande victoria, qual nunca lemos, nem ouuimos, desbaratando com cento & vinte Portugueses, coatro Reys, cõ vinte mil homens, & em sua propria terra: por onde podemos dizer, que Deos foi o que pelejou em fauor deste capitaõ, q̃ por sua virtude mereceo alcançar delle tamanha merce. Chegou Antonio Galuaõ a Ternate, onde foi recebido com procissaõ solenne. Os Reys inimigos ficaraõ taõ desbaratados, perdidos, & amedrõdos,



dos, q̃ em nenhũa parte se tinhaõ por seguros: tratãdo os da liga de se irẽ pera seus reinos, o q̃ não poderã fazer, por que Antonio Galuã mandou logo hũa armada de Corocoras q̃ rodearã aq̃lla ilha, por se elles não fairem della: por q̃ determinaua de consumir a todos dentro, mandando ter grande resguardo, & vigia nos mantimẽtos, pera quẽ lhes não fossem. E assi os pòs em tanta necessidade, q̃ metidos nos matos, comiaõ todas as eruas, & ceuandilhas da terra. Mas todauia como a necessidade era grande, la tiueraõ maneira com q̃ se arriscarã aquelles Reys a embarcarem em embarcações, pequenas, por que os nossos não poderã ter tanto resguardo, q̃ se lhes não faissem da ilha muitos: ficando Elrey de Tidore só, & assombrado, desejando occasiã pera cometer pazes, por se não acabar de perder de todo. Neste estado ficaõ as cousas de Maluco, a te tornarmos a ellas.

### CAPITVLO III.

*Da armada que este anno de trinta e sete partio do reino, de que era capitã mor Jorge de Lima: & de como Martim Afonso de Sousa foi ao Malauar, & o Governador Nuno da Cunha partio pera Diu.*

Anno. 1537.



PELLOS correos (que na India chamaõ Patamares) que Antonio da Sylueira mandou ao Governador, soube elle o soccesso das cousas d'aquella fortaleza de Diu: & de como Soltaõ Mamude estaua pacificamente obedecido por Rey em Cambaya. E entendendo bem que não auia de querer perder hũa ramanha cousa, taõ rica, & taõ importante, como era a ilha de Diu: & que estaua muito certo quererse senhorear della: ouue que lhe era necessario acodir lá, & prouer em muitas cousas de que tinha necessidade: por que por descuido não viesse a acontecer algum defastre. Pello que mandou dar logo pressa a toda a armada, pera tanto que as naos do reino chegassem, se embarcar. Estas não tardarã muito, que na entrada de Setembro não forgissem na barra de Goa tres, de cinco que de Portugal tinhaõ partido: de que era capitã mór Jorge de Lima, & os outros eraõ dom Fernando de Lima, & Lopo Vaz Vogado. Das outras duas, que eraõ a Raynha, era capitã dom Pedro da Sylua da Gama, filho do Conde Almirante. E da Galega, Martim de Freitas: q̃ ambos partirã de Portugal, com regimẽto q̃ fossem demãdar a ilha de Diu, & lançassẽ gente, & moniçoens na-

G 2 quella



*Quinta Decada. Da historia da India.*

quella fortaleza, por que tanto q̃ Elrey soube, assi por Diogo Botelho (que foi na fusta como ja difsemos no segūdo capitulo do primeiro liuro) como pellas cartas que Isaac do Cairo leuou, que ficaua já ali feita, a mandou prouer mūy bem de gente, artelharia, monçoens, & armas, de que nestas duas naos, mandou hũa grande quantidade: & ambas quasi em vm mesmo tempo foraõ tomar á quella fortaleza, & deitando nella tudo o que leuauaõ, se fizeraõ na volta de Goa, a onde chegou dom Pedro da Sylua da Gama por fim de Setembro.

Depois de Martim de Freitas dar á vela em Diu, foi demandar a costa de Damaõ, a cuja vista forgio, & se embarcou no batel, com hũa soma de veludos & damascos que leuaua, pera os ir vèder a Surráte, por ser hũa muito grande escalla. Este homem desapareceo neste caminho, sem se saber delle cousa algũa. Muitas pessoas quise-raõ dizer que em Surráte o mata-raõ, pello roubar: mas se assi fora, forçado se ouuera de saber. Os da nao esperaraõ todo o mes de Setembro, & vèdo que não vinha, nem recado seu, elegeraõ Bernaldim de Sousa, irmão de Diogo Lopez de Sousa, o Diabo, que ali ya embarcado por passageiro. E dando á vela chegaraõ á barra de Goa, estãdo já o Governador Nuno da Cunha prestes pera se em-

barcar. Estas naos tiueraõ muito boa viagem, & chegaraõ com toda sua gente sã, o que o Governador estimou muito, por que a auia mister. E por que estaua já ordenado ir Martim Afonso de Sousa a Cochim, a fauorecer aquelle Rey, por q̃ lhe fazia o Camorim guerra, & pera fazer correr a pimenta pera a carga das naos, o despedio logo, com coatro Galés, & vinte nauios: & não achamos de toda esta armada os nomes mais que dos capitaes das Galés, q̃ a fora Martim Afonso, eraõ Manoel de Sousa de Sepulueda, Fernaõ de Sousa de Tauora, & Martim Correa da Sylua.

Esta armada se fez á vela de vinte de Outubro por diãte. No mesmo tempo despachou tambem o Governador as naos do reino, penta irem tomar a carga a Cochim. E por que a Galega, de que era capitão Martim de Freitas estaua vaga, deu o Governador a caip-tania della a Ruy Diaz Pereira, que aquelles dous inuernos passados tinha andado por capitão, nos rios de Goa, fazendo guerra ao Accedecan. Nestas naos mandou Elrey vns apontamentos ao Governador, em que lhe mandaua, que nellas lhe inniasse Garcia de Sá prezo em ferros, & lhe socrestasse sua fazêda, por que sendo capitão de Malaca, batera moeda sua sem licêça, em perjuizo do po-uo, cousa tanto contra seu seruiço:  
& ain-



& ainda diziaõ que em Portugal o mandara riscar dos seus liuros. O Governador vendo a aspereza dos apontamentos, entendendo que foraõ más informaçoes que mandaraõ a Elrey: & como era grande amigo d'aquelle fidalgo, quis remedialo por q se não perdesse, por estar pobre & cõ filhas, & era velho, & de muitos merecimentos. E por q Elrey lhe mandaua tirar noua deuassa sobre o caso, a encomendou ao Doutor Pero Fernandez Ouuidor geral da India. Que atirou por homens que em Goa auia de Malaca, do seu tempo: em que todos testemunharaõ, que sendo Garcia de Sá capitão de Malaca, não mandara bater mais que hũa moeda miuda, pera o meneo da praça, a requerimêto do mesmo pouo, por que não auia naquella cidade se não cruzados com que se não podiaõ remedear nas cousas miudas, pello q viuião com oppressão.

Esta deuassa folgou muito de ver o Governador, & despedio o Ouuidor geral diante, pera q fosse a Baçaim suspender Garcia de Sá da fortaleza, & escreuerlhe a fazenda como Elrey mandaua, & depositala em mãos de pessoas abonadas, & que a elle o emprazasse pera Goa. Despedido o Ouuidor geral, logo o Governador se desembaraçou de todos os negocios, & se embarcou pera acodir as cousas de Diu, levando oiten-

ta náuios antre grandes & pequenos, & não se deteu em cousa alguma, atraueßando logo a Diu, porque d'aquella fortaleza determinaua escreuer a Elrey, & despedir as vias pera Cochim. Chegando o Governador a Diu, começou a entender nas cousas que cõpriaõ á defensão d'aquella fortaleza: & a primeira & principal foi, mandar fazer hũa fermosa cisterna pera recolher agoa, por que nenhũa auia dentro na fortaleza. Esta cisterna se começou a fazer de tres naues de esteos fermosissimos, a mayor, & mais fermosa que oje se sabe no mundo. He de vinte & cinco palmos d'alto, & cada palmo recolhe mil pipas d'agoa.

Poucos dias depois do Governador chegou a Diu o Doutor Pero Fernandez com a diligencia de Garcia de Sá feita: por que logo em chegando a Baçaim o suspendeo da fortaleza, & o mandou prezo pera Goa, fazendo inuentairo de sua fazenda, & nenhũa outra cousa lhe achou, se não hũa soma de caldeiroens, tachos, gamellas, facas, garfos, escudelas, toa-lhas, & em fim toda a cousa desta sorte do meneo dos Galeoens, em que sempre andara no seruiço d'Elrey, & das mesas em que em tera daua de comer aos soldados: & com isto lhe achou mais suas armas, & cama, & coatro escrauos de seu seruiço, sem outra fazenda

G 3 de que



de que se podesse lançar mão, do que confuso o Ouvidor geral, lhe tornou a entregar tudo.

O Governador vendo o inuentario ficou embarçado, & atonito da pobreza d'aquelle fidalgo, & mandádo'o tresladar por tres vias, & assi mesmo a deuassa que se delle tirou, inuiou tudo a Elrey, escreuendolhe muito particularmente sobre este negocio, mostrádo-lhe como fora mal informado das cousas de Garcia de Sá, & que pello inuetairo veria seu cabedal, que não era outro, mais que petrechos de cozinha, & do seruiço de muitos soldados a que sempre daua de comer: & que o suspendera da fortaleza por S. A. o mandar, mas que o deixara ficar na India, por que entendia que compria assi a seu seruiço. Por que aquelle fidalgo era velho, de grandes merecimentos & conselho: & q̃ era necessario andar sempre junto dos Governadores da India, pera acertarem no gouerno della: & q̃ entendia, que não só não era dino de culpa, mas de muita merce. Esta carta & os treslados que mandou foraõ dados a Elrey, que estimou muito o que o Governador fizera naquelle negocio: escreuendolhe em reposta disso, que se ouuera por muito bem seruido d'elle, & lhe agardecia o que tinha feito naquelle particular: & a Garcia de Sá escreueo cartas honradas, & teue dali por diante tanto mais cõta

com elle, que o meteo logo na terceira socessão da gouernança da India, como a diante se verá.

E certo q̃ escreuendo nós estas cousas, & vendo a mudança que o tempo depois fez nos fidalgos & capitaens, pasmamos, & nos parece que está o mundo em artigo de morte, pello recolher da roupa que todos fazem, porque não vemos soldados agasalhados se não pellos alpendres dos mosteiros, comendo da pobre ração dos frades, q̃ quasi o não tẽ pera si. E as casas dos capitaens que eraõ suas antigas morádas, & enfermarias, & em que costumaua a auer os petrechos de seu seruiço (como se acharaõ a este fidalgo) saõ já agora tornadas casas de contratações, onde tudo saõ fardos, caixas, comprar, vender, & tyrannizar em suas fortalezas aos pobres dos Portugueses casados nellas, como se o mundo se fizera só pera elles. Pois em alguns Governadores, & Visoreys não acharaõ os pobres soldados depois melhor emparo, como se não foraõ naturaes & proximos, & não custaraõ a Elrey muito de sua fazenda em os pór na India, onde os mais delles acabaõ á mingoa, pedindo esmolas pellas portas. Desejo de bradar nesta materia, & de gritar aos pés do Rey, q̃ ou remedec isto, ou não mande seus vassallos que lhe tanto custaõ a morrerem á mingoa, á vista dos Mouros & Gentios, que já se compadeßem



padessem delles mais q̃ nòs. Aqui nos cabe muito a proposito (vendo o estado em que oje a India está.) Aquella exclamação de Lucano no primeiro da Pharsalia, onde diz. Mas a causa de estarem em nosso tempo pellas cidades de Italia as casas meyo derribadas & vazias, & as pedras dos muros caídas & espalhadas, & muitas casas sem moradores, muitas & muiy populosas cidades quasi desertas, Italia toda montuosa, & tantos annos por laurar, dando vozes os campos sem auer quem os cultiue: não es tu Pirro ferós? nem he Africano Anibal, autores de tantas perdas & danos, que nenhum de vós outros teue poder pera suas armas atalharem a tanto: antes a mão cidadã he a que vos deu tão penetrante ferida, & a que foi a causa de tantos males.

Afsi o estado a que oje a India tem chegado, não foi causa delle, poder de algum imigo, por que a tẽ oje nenhum permaneceo cõtra elle. Cobiça, & tyrannia foraõ as que lhe deraõ tão penetrantes feridas: por que tambem isto foi o que destruy o Imperio Romano (como diz o mesmo Lucano) que depois que conquistou o mundo todo, começando a gostar das riquezas, & adquirilas, logo as boas fortunas deixaraõ seu lugar às prosperidades. E já se não conheciaõ aquellas herdades, que foraõ lauradas com a rexa do forte Ca-

milo, & que foraõ abertas com os arados d'aquelles antigos Curios. Afsi tudo isto he já esquecido na India, & aquellas artes com que se ella descobrio, & ganhou, que foraõ verdade, & liberalidade, tudo he já mudado ao contrario: tanto, que a tẽ as naos que naquelle tempo vinhaõ á India, carregadas de soldados, & armas, agora vem cheas de mercadores, & respondentes: que trouxeraõ a ella delicias, logros, vsuras, de que toda a terra está mais chea que de armas. Deixemos esta materia que magoa, & tornemos a nosso fio.

O Governador foi continuado com as obras da fortaleza, com muita pressa: mandando fazer da outra banda da villa dos Rumes, ym fermoso baluarte á borda da agoa, pera recolhimento dos officiaes d'aquella alfandega: & hũa casa muiy grande & fermosa, que entestaua no baluarte, pera o despacho das fazendas, correndo Cogefosar com tudo muiy pontualmente. E porque he necessario continuarmos com outras cousas deixaremos estas por ym pouco.

### CAPITULO III.

Das guerras que em Ceilaõ ouue, antre aquelles dous Reys Irmaõs: & do soccorro que o Camorim mandou ao Madune: & de como Martin

G 4 Afonso



*Afonso de Sousa desbaratou a armada do Camorim em Beadala.*



R A tamanha a ambição do Madunepandar, Rey de Ceitauaca, & assi lhe era máo de sofrer ver seu Irmão, ainda que mais velho, igual com elle em estado, que não se quietaua em cuidar, & tratar modos, de como lhe daria a morte, & lhe tomaria o reino: pera ficar com a Monarchia de toda aquella ilha. E assi tratou por muitas vezes darlhe peçonha, que não veyo a effeito, por que tomaraõ com ella alguns que pera isso peitou grandemente, que no tormento confessaraõ a verdade: pello q̃ dali por diante trouxe Elrey da Cotta grande resguardo em si, não comendo se não cousas guisadas por sua mão. Vendo o Madunepandar eraõ descubertas suas traças, determinou de lhe tomar o reino por guerra, & valerse outra vez do Camorim, despedindo em Agosto passado Embaixadores com hũa soma de dinheiro, & muitas joyas de presente pera o Camorim, mandandolhe pedir hũa grossa armada, pera o que mandaua as despezas, pera o ajudar naquella impreza, offerecendolhe alguns portos de már naquella ilha. O Camorim recebeo bem estes embaixadores, & mandou logo por

todos os portos do seu reino negociar todos os nauios que ouuelle: & elegeo pera esta jornada tres Mouros principaes, chamados, Paichimarca, a que alguns chamaõ erradamente, Patemarca. E seu irmão Cunhale marcá, ambos naturaes de Cochim, nacidos & criados antre os Portugueses. E o outro era Aly Abraham. O Camorim mandou pagar gente pello reino, & fez oito mil homens, pera irem nesta jornada: dando ordem que todos os nauios se foffem ajuntar em Panane, onde viuiã o Paichi marca. A armada foisse fazendo prestes pellos rios: & assi como os nauios estauaõ pera partir se yaõ pera Panane. O Aly Abraham, que viuiã no rio de Pudepataõ, sayo delle com dez nauios na entrada de Nouembro, & sendo tanto auante como Panane, ouue vista da nao Galega que ya pera Cochim, & querendo prouar a mão a foi demandar muito crespo, & com todos os nauios postos em armas, rodeandoa por todas as partes, começandoa a bater rijamente. Ruy dias Pereira que era capitão, negoceou a sua naõ muy bem, defendendosse delles com muito valor, & assi os escandalizaraõ com sua artelharia, que os fizeraõ afastar com alguns desapparelhados: o que não foi sem dano, por que de hũa pilourada q̃ deraõ pello pescoço a Ruy Dias Pereira, o mataraõ, (ainda que alguns



guns dizem que hũa racha de hũa tauoa que o pilouro leuou, lhe deu pellas guellas que o degolou.) Afastados os Paros, a nao foi seu caminho pera Cochim, levando algũs feridos. A capitania desta nao deu o Governador a Iurdaõ de Freitas. Recolhido o Aly Abraham em Panane, ficaraõ esperando pellos mais nauios que se yaõ ajuntando.

Poucos dias depois deste negocio da nao, indo outros noue Paros de vm desses rios pera Panane, deraõ com hũa fusta que ya de Cananor pera Cochim, & cometendo a abordaraõ, & axoraraõ, matando quantos nella yaõ, somente vm moço de idade de dez annos (que nella ya com seu pay) chamado Marcos, ficou catiuo. Lũta toda a armada em Panane: tanta que passou a lũa de Nouebro (em que elles fazem suas grandes festas) fairaõ d'aquelle rio. Eraõ os nauios por todos cincoenta & vm, em que entravaõ cinco galeotas latinas de coxia, que jugauaõ por proa meas esperas. Ya toda esta armada chea de muita gente, espingardas, arcos, lanças, & com mais de coatrocentas peças de artelharia, & a mór parte della de bronzo. E alem da gente de armas que eraõ oito mil, todos os remeiros leuauaõ arcos & frechas debaixo dos bancos em que yaõ, pera pelejarem quando fosse necessario.

Esta armada toda foi passando de longo das naos do reino, que estauaõ na barra de Cochim á carga, & foi vista da cidade que se meteo em aluoroço, cuidaõdo que quisesse pelejar com ellas, mas foi passando adiante. E chegando á barra de Coulaõ, acharaõ nella hũa nao á carga, que tinha saído de Cochim, onde se fez aquelle anno, pera ir pera o reino, & chamaualle Saõ Pedro, que foi a mais bem escansada nao que ouue na carreira da India, & durou vinte & dous annos nella: por que no de cincoenta & noue que nos partimos do reino, tinha ella ido da India, & ficaua no rio de Lixboa seruindo de cabrea, pera emmaftear as outras. Paichi Marca, vendo a nao só a foi cometer, auendo que nella tinha pouco que fazer, & rodeando a começou a bater. Nicolao Iuzarte que era capitão della, se pos á defensaõ, tendo a nao mũy bem negociada, defendendosse com muito valor: & de tal maneira tratou os imigos (por ter muita & grossa artelharia) que lhes desaparelhrou muitos dos nauios, matandolhes dentro muita gente. Vendo PaichiMarca o dano que recebia, & que a nao era muito forte, afastouffe della, dandolhe a derradeira salua: & quis a fortuna, que hũa racha de vm pao que leuou vm pilouro, tomasse o capitão pella sola de vm pé, (que tinha aleuantado, & posto no pé



*Quinta Decada. Da historia da Índia.*

pé do carneiro, na tolda onde estava assentado em hũa cadeira, mal desposto, donde mandava, & governava tudo) & abrindolho todo o derribou mortal.

Apartada a armada, foi Nicolao Iuzarte a Cochim, leuado dos seus, pera o curarem, mas durou poucos dias. O Doutor Pero Vaz d'Amaral capitão, & veador da fazenda de Cochim: tanto que a armada passou pellas naos, despedio logo recado a Martim Afonso de Sousa, que sabia que era partido de Goa, pera que se apressasse. Este recado o tomou em Chale: & dandosse pressa chegou a Cochim a onde desembarcou pera negociar algũas cousas pera passar a Ceilaõ em busca dos inimigos, que já tinha auiso da derrota que leuavaõ. E indo pella rua direita em hũa faca, lhe sayo de hũa casa hũa mulher viuua Portugueza carregada de dó, (que era mãy d'aquelle moço Marcos, que pouco atras dissemos que os Malauares leuavaõ catiuo, que o tinha ella sabido por alguns marinheiros, que se saluaraõ d'aquelle nauio a nado.) E chegandosse a Martim Afonso, lhe lançou as mãos as redeas do coartao, taõ desconfolada, & com taõ viuas & acesas lagrimas, & sospiros, que parecia que tinha perdido o fiso: & clamando alto lhe disse: Senhor valeime, que me mataraõ os Malauares meu marido, & me leuaõ meu filho

Marcos catiuo: & pois ides apos os inimigos, peçouos pellas chagas do filho de Deos que mo liureis, & tragais. Martim Afonso a consolou, dizendolhe, que rogasse ella a nosso Senhor, q̃ lhe desse victoria delles. Ella lhe respondeo: a victoria senhor, Deos vola dará: mas vos me auéis de prometer de me trazer meu filho, por que vos não ei de largar, ate me dardes disse vossa palaura, pera eu ficar algũa cousa consolada.

Vendo Martim Afonso a confiança que aquella molher tinha, de lhe elle trazer seu filho, ouueo por muito bom pronostico: & disse-lhe, que se consolasse, que elle lhe prometia de trabalhar todo o possível por lhe trazer seu filho: que rogasse ella a Deos que o encaminhasse, & lhe desse victoria dos inimigos: ella entaõ o largou com grandes bençoens, & com muitas lagrimas. Martim Afonso se embarcou logo, & foi a pos a armada do Camorim: & chegando a Ceilaõ, achou a nao São Pedro desparelhada de algũas cousas, da batalha passada, & dos da nao soube o que lhe tinha acontecido, & apressandosse chegou ao cabo do Comori, a onde teue fala de algũas embarcaçoens que achou, & lembre que os inimigos faziaõ seu caminho por dentro, pera passarem os baixos de Manar. Martim Afonso de Sousa por que leuava Galeas & nauios muito peçados, que eram perigosos



perigosos pera os baixos, com conselho de todos tornou a voltar pera Cochim, pera se negociar em nauios pequenos: & esta volta lhe deu a vitoria: por que como Paichim Marca tinha já auiso da armada Portuguesa, & trazia espias sobre ella, chegando a Beadala, foi auisado que se tornaria do cabo do Comori: & parecendo-lhe que fora cô receo delle, desembarcou ali, & varou os nauios pera os concertar & alimpar, deixádo-se estar deuiagar.

Martim Afonso de Sousa chegou a Cochim, & deixando ali as Galés, tomou alguns nauios de remo que achou, & com os que leuaua perfes vinte & dous, pera onde se mudaraõ, os capitaens das Galés, & toda a gente da armada, que por toda seriaõ coatrocentos & cincoenta homens. Os capitaes que o acompanharaõ, (aos que achamos os nomes,) saõ os seguintes.

Fernaõ de Sousa de Tauora, Manoel de Sousa de Sepulueda, Martim Correa da Sylua, dõ Diogo d'Almeida Freire, irmão de dõ Ioão de Sande, (a quem na India chamauaõ o Malauar, por saber muito bem aquella costa, & falar a lingoa) Miguel d'Ayala, Ioão de Sousa Rates, Francisco de Mello Pereira, Francisco Fernandez o Moricale, & o Siqueira, ambos Malauares, naturaes de Cochim, grandes cofsauros, & valentes ho-

mens, & outros.

Partido Martim Afonso de Sousa com esta armada ligeira, passou o cabo do Comori, & foi tomádo fala dos imigos, que soube estar em Beadala com os Parós varados, & tendas postas em terra: pello que se apressou, & foi hũa tarde aparecer sobre a barra de Beadala, onde surgiu. Os capitaes Mouros vendo a armada, & notando a pouquidade della, mandaraõ lançar ao mar trinta nauios, pera a irem cometer, deixando os outros varados, começando-se a embarcar a gente, & como isto era tarde anoiteceo logo. Martim Afonso de Sousa teue aquella noite conselho com os capitaens, & assentaraõ que cometessem os imigos por mar & por terra: por que assi alcançariaõ delles mais depressa vitoria, pello descuido cõ q auiaõ de estar em terra. E assi ordenou Martim Afonso de Sousa, ficarem na armada cento & cincoenta homens com vm d'aquelles fidalgos, (& segundo nos parece foi Fernaõ de Sousa de Tauora) a quem deu por regimento, que tanto que ouuisse desparar hũa camara de falcaõ, que pera isso leuaua, cometessem a barra, & pelejassem com os nauios que estauaõ no már: & elle foi desembarcar em hũa ponta, abaixo de Beadala, pera os baixos, espaço de mea legoa, onde se pos em terra com trezentos homens no coarto d'alua, começando logo a mar-



*Quinta Decada. Da historia da India.*

a marchar pera a pouoação, em muito boa ordem. A armada tanto que o lançou em terra, tornou-se a pôr sobre a barra, a onde se deixou estar esperando pello final. E entolhandosse que lho fizerao, mandou o capitão mór della levar ancora, & postos em armas cometerão a barra ao som de muitos instrumentos & bombardadas. E endireitando com os Parós que estauão no már com algũa gente, os inuestirão, lançandolhes dentro muitas panellas de poluora com q os abrazarão. Os capitaens Mouros que estauão em terra, ouuindo a reuolta acodirão á praya, a mandar gente aos nauios, pera elles os soccorrerem.

Estádo así nesta pressa chegou Martim Afonso de Sousa ao lugar, & com grandes estrondos, gritas, & alaridos cometeo os imigos, dandolhes a primeira surriada de arcabuzaria, com que lhes derribarão muitos, inuestindo logo cõ elles ás cutiladas, ficando todos baralhados, & como os tomaraõ de supito, fizeraõ nelles grande destruição. Os capitaens Mouros vendo aquillo, cuidando que era outro poder, & outra armada, começaram a desemparrar tudo. O Si- queira pediu licença a Martim Afonso de Sousa <sup>por</sup> pera ir foga aos Parós, que estauão varados, (porque em quanto não ardessem, os Mouros os não auiaõ de desemparrar, & auiaõ de trabalhar pellos defen-

der.) E dandolha Martim Afonso de Sousa lhes foi pôr fogo por algũas partes, que começou a atear nelles com grande braueza. Neste tempo andaua a batalha, así no már como na terra mui acesa. E vendo os Mouros arder os nauios, logo desacoroçoarão, & se começaram a retirar.

Estaua na tenda de Paichi Marca (que elle mãdou armar em vñ palmar afastado da praya) o moço Marcos, & ouuindo a reuolta, & entendêdo que eraõ Portugueses, posse na porta a esperar o fim da contenda: por que ainda era escuro, & não se oulha de sair, & ir pera os Portugueses, por que receaua que o matasem, cuidando era Mouro: por que tudo quanto yia & ouuia era fogo, espingardadas, & gritas muito pera recear vñ homem muito animoso, quanto mais vñ minino.

Os Mouros começaram a desbaratar & a fugir, & alguns chegaram á tenda onde o moço estaua, & perguntarão por Paichi Marca, & sabendo não estar ali forão passando. Alguns Mouros moços que seruião o Paichi Marca, estauão na tenda, vendo o disbaratar, ferrarão do moço Marcos, pera o leuarem comfigo, por que já se queriaõ tambem pôr em saluo: mas elle lhe escapulio das mãos, & por se temer que alguns Mouros o quisessem levar, determinou se arriscar a hũa espingardada, deitando



tando a correr pera onde os Portugueses andauão, por que já começaua a esclarecer, & foi gritado que era Portugues: & assi foi dar com vns poucos de soldados, que encararaõ pera o matarem, mas como elle ya bradado Portugues, Portugues, quis Deos mouido das orações da triste mãy, que o ouuise vm, que foi á mão aos de mais, dizendolhes q̃ aquelle era o moço, que o capitaõ mór encomẽdara a todos: por que teue elle tanta lembrança das lagrimas da mãy, que antes de entrar a pouoação disse a todos, que lhes encomẽdaua muito o filho da viuua de Cochim. E lêbrandolhes a estes soldados o tomaraõ nos braços, & o leuaraõ a Martim Afonso de Sousa, que em o vendo foi sua alegria tamanha, que ouue que por elle lhe dera Deos aquella vitoria, q̃ se acabou de arrematar manha clara, assi no már, como na terra, ficando todos os nauios em poder dos nossos.

Paichi Marca, & seu irmão, & Aly Abraham, vendo tudo perdido se recolheraõ a dous nauios ligeiros em que se acolheraõ. Os nossos andauão em terra seguindo a vitoria, & depois dos da armada renderem a dos imigos desembarcaraõ, & todos em vm corpo já de pois da menha clara deraõ na cidade, pondolhe o fogo por muitas partes, em que se consumio toda: fazendo todo o mais dano que po-

deraõ, pello fauor & ajuda que deraõ aos Mouros. Auida esta vitoria, que foi hũa das famosas da India, mandou Martim Afonso de Sousa xaquear as estancias dos imigos, onde acharaõ grandes despojos, principalmente de armas: por que tomaraõ trezentas espingardas, & mais de duzentas peças d'artelharia, muitas moniçoens, & outrascousas. E antre isto se tomou vm sôbreiro que o Camorim mãdaua ao Madune: & de todos os cincoenta & vm nauios, sô os dous se saluaraõ, em que foraõ Paichi Marca & seu irmão: & os mais delles foraõ queimados, & os outros recolheo Martim Afonso de Sousa, & os leuou consigo ajuntandoos á sua armada.

## CAPITULO V.

*Das cousas que mais acontecerão a Martim Afonso de Sousa em todo o resto do verão. E de como passou a Ceilão, & das pazes que aquelles Reis fizeram.*

**P**ORQUE temos muitas cousas que tratar primeiro que se nos acabe o verão, pareceonos bem concluirmos com as de Martim Afonso de Sousa pollas contarmos juntas, já que estamos  
H com



*Quinta Decada. Da historia da India.*

cõ as mãos nellas. Auida tamanha vitoria, armou ali muitos caualeiros, & antre elles foi vm Simão Rangel de Castello branco, irmão do Doutor Fernão Rodriguez de Castello branco, homem fidalgo, cujo aluara de caualeiro (que lhe ali passou) está em nosso poder o proprio, de quem nós tiramos as forças principaes deste soccesso. E parecendo a Martim Afonso de Sousa que era obrigação, auisar ao Governador desta vitoria, despedio Miguel d'Ayala, capitão de vm catur, por quem escreueo ao Governador, & ao capitão de Cochim, a merce que lhe Deos fizera: & a Elrey de Cochim mandou o sombreiro, que o Camorim mandaua ao Madune. Neste catur mandou embarcar o moço Marcos, entregue a Miguel d'Ayala, a quem encomendou muito o entregasse da sua parte a sua mãy. E nesta era de noueta & seis, em que escreuemos isto, viue este homem ainda, & chamasse Marcos Rodriguez, & he casado em Baçaim com hũa molher fidalga, do apelido dos Mirandas, de que tem filhas que viuem oje casadas com fidalgos muito honrados, & bem despachados.

Despedido este catur, logo Martim Afonso de Sousa se negociou, & embarcou pera ir a Ceilaõ ver-se com aquelle Rey, leuando dos nauios dos imigos os milhores, com que reformou a sua armada,

& os mais mandou pera Cochim, & assi foi demandar os baixos já em fim de Feuereiro, que passou muito bem a tè Manar: & dali de longo da costa foi demandar Columbo. E deixaloemos vm pouco, por que he necessario cõtinuarmos com Miguel d'Ayala, que ya com o recado pera Goa.

Este homem chegou a Cochim, & deu ao capitão as cartas, & a Elrey o sombreiro, que o estimou muito: & assi leuou o moço Marcos, & o entregou a sua mãy da parte do capitão mór, dizendolhe que ali lhe mandaua seu filho, & que ficaua desobrigado da promessa que lhe fizera. A triste viuua foi o seu aluaroço tamanho, que não cria o que via, abraçandosse com o filho tornãdo com elle a renovar a dôr da morte do pay.

As nouas de tamanha vitoria se festejaraõ em Cochim o milhor que pode ser, que logo se espalharaõ por todo o Malauar onde ouue vm geral pranto, por que morreraõ na batalha mais de tres mil Mouros, dos principaes: ficando assi o Camorim, como os armadores muyto quebrados, por q̃ naquella armada meteraõ todo o cabedal. O Miguel d'Ayala tanto q̃ deu as nouas em Cochim, tomando cartas do capitão, & d'Elrey pera o Governador, partioffe com muita pressa, por que o auia de ir tomar em Diu.



Diu. E sendo tanto auante como Chalè, encôtraraõ húa galeota de Malauares mûy fermosa, & chea de muita & boa gente, & pondo a proa no catur do Miguel d'Ayala o inuestio, lançandolhe logo gente dentro. O Miguel d'Ayala não leuaua mais de quinze soldados, que yaõ com animo mûy alegre da vitoria de Beadala. E vendosse entrados dos Mouros, se poseraõ com elles às cutiladas, com tanto valor & esforço, que lhes mostraraõ logo por obra, que naquelles quinze homens estauaõ muitos: por que começaraõ a atafalhar nos Mouros brauissimamente, tendo já o catur coalhado de corpos mortos. Mas como os Mouros eraõ mais de duzentos, vns de dentro, & outros de fora, perseguiaõ os nossos com todos os tiros que podiaõ, de que derribaraõ alguns mortos. Em fim por não recitarmos golpes, a briga durou todo o dia, que ouue tamanho estrago de ambas as partes, q̃ não ficou nos nauios quem os podesse mandar, por todos estarem estirados, ou mortos, ou feridos. Os marinheiros vendoos d'aquella maneira, ventando o vento bem pera Goa deraõ á vela, & tomaraõ Cananor, onde desembarcaraõ ao outro dia, os mortos pera lhe darem sepultura, & os viuos que não eraõ mais de cinco (em que entrava o Miguel d'Ayala) pera os curarem: & quis nosso Senhor q̃ não

perigasse o Ayala, que não pode passar dali, & o capitão de Cananor despedio o catur com as cartas ao Governador, escreuendolhe aquelle socesso. Este catur chegou a Diu, & deu as cartas ao Governador Nuno da Cunha que mandou festejar as nouas da vitoria com toda a artelharia, & o tornou a despedir cõ cartas pera Martim Afonso de Sousa, & pera os fidalgos de sua companhia de lóuoures d'aquelle negocio.

E tornando a Martim Afonso de Sousa que ya sua jornada pera Ceilaõ, em poucos dias chegou ao porto de Columbo, com toda sua armada, & ali desembarcou, & com toda a gente posta em ordem marchou pera a Cota, pera se ver com aquelle Rey, que o recebeo muito honradamente, achandoo já desapressado, & em pazes com o irmaõ: por que tanto que soube do disbarato de Paichi Marca, & da chegada da nossa armada a Columbo, mandou pedir pazes ao irmaõ, que lhas concedeo, porque naturalmente era bom homê. Pello que Elrey da Cota, deu os agardecimêtos a Martim Afonso de Sousa, estimando muito a cõta que com elle tinhaõ os Portuguezes, & de como acodiaõ a seus trabalhos. Martim Afonso de Sousa vendo que não auia ali, que fazer, tratou com Elrey de sua ida, & lhe pedio algum emprestimo pera as despezas da armada, &



paga de soldados, (por que tinha elle mandado offerecer tudo isto.) Elrey lho concedeo com muito gosto, mandandolhe dar corenta & cinco mil cruzados, que se carregaraõ por empréstimo sobre o feitor de Columbo, em cuja receita fomos ver este dinheiro: & assi este, como outro muito que de pois emprestou, lhe foi muito mal pago, & ainda oje se lhe deve a mór parte d'elle (encomendando Elrey de Portugal muito a seus Governadores que lhe fizessẽem muito bõ pagamẽto.) Martim Afonso de Souza se despedio d'Elrey, que lhe deu peças & brincos, assi a elle, como a todos os capitaens, & fazendossẽ á vela se tornou pera Cochim, a onde achou as Galês: & com toda a sua armada formada andou o resto do veraõ na costa do Malauar, fazendo toda a guerra que pode ao Camorim, tomando ainda outros muitos Parós, com que acabou de destruir os armadores. E como foi tempo se recolheo a inuernar a Goa.

CAPITVLO VI.

*De como o Governador Nuno da Cunha por culpas que teve de dom Pedro de Castello branco capitaõ de Ormuz, o mandou desapoßar da fortaleza. E de como dom Fernando de Lima foi com hũa*

*armada ao estreito: & das mais cousas que o Governador passou em Diu, até se recolher.*



EL LAS naos que vieraõ em Novembro de Ormuz a Diu, teve o Governador Nuno da Cunha muitos capitulos de grandes culpas & queixas, contra dom Pedro de Castello branco, que eraõ de qualidade; que lhe pareceo necessario, pera quietação da terra (por não auer outro aleuamento como em tempo de Diogo de Mello) mandalo tirar da fortaleza: por que naturalmente era vm fidalgo muito forte de condição, & tão vingatiuo, que não perdoava cousa algũa. E assi estava toda a terra tão escandalizada d'elle, que foi necessario ao Governador acodir áquelle negocio, & determinou de mandar lá o Doutor Pero Fernandez Ouvidor geral pera o suspender do cargo de capitaõ da fortaleza, & mandalo prezo á India.

E porque por entãõ não auia nenhum prouido d'aquella fortaleza, & o Governador estava muito afeiçoado ao auiso, arte, & primor de dom Fernando de Lima, que nas naos passadas tinha vindo do reino por capitaõ de hũa dellas



dellas, como diffemos no capitulo 3. do 2. liuro despachado cō Goa, determinou de lhe dar aquella fortaleza, de que poderia tirar aquella anno coufa com que se podesse ir pera o reino. Era este fidalgo da criação d'Elrey dom Ioão, sendo Principe, & foi sempre tão limpo, tão graue, & tão cortezaõ, q̃ era vm dos fidalgos em que naquella tempo se trazia o olho. Caſouſſe por amores com hũa dama do paço, que se chamaua dona Frãcisca de Vilhena: filha do grande Ruy Barreto, Fronteiro mór do Algarue, & de dona Branca de Vilhena, irmã de Francisco Barreto, que foi Governador da India, q̃ era pobre, & tinha pouco dote: & como Elrey lhe era afeiçoado, despachou o anno paſſado pera a India com a capitania de Goa, por ſer coufa que lhe entraua loggo, & com a capitania de hũa nao. Chegou á India com grande caſa & ſeruiço de ſua peſſoa, por que era muito concertado no tratamẽto della. Embarcouſſe logo com o Governador pera Diu, & conuerſandoo na jornada, vendo ſua arte, auifo, & mais partes: aſi ſe lhe afeiçoou, que o gouernaua todo. (E coſtumaua a dizer em ſua auſencia nas conuerſaçõens dos fidalgos, que ſe não cõuerſara dom Fernando de Lima que fora ao inferno.)

E vendo que ſe abria caminho pera moſtrar quaõ grãde ſeu ami-

go era, quis lhe dar a vagante deſta fortaleza de Ormuz: porque ainda que não acabaffe tres annos, ſempre auia de tirar mais que de Goa, por que deſejaua de o ver tornar pera o reino remedeado. E eſtando com elle em conuerſação lhe diſſe, que viera enganado de Portugal, por que a capitania de Goa não era coufa pera elle, aſi por que daua de ſi pouco, como por eſtar nella ſempre o Governador da India, & o capitão ficar com elle muito acanhado, que deſejaua de o milhorar, pera que ſe podesſe tornar pera o reino mais cedo, & com mais remedio. Que elle mandaua deſapoſſar dom Pedro de Caſtello branco da fortaleza de Ormuz: & que não auia nenhum prouido, que elle em nome d'Elrey lhe fazia merce della, & q̃ poderia ſer ficaffe ſeruindo tres annos por em cheo. Dom Fernãdo de Lima lhe teue em merce áquella vontade, dizendolhe que a não aceitaua, por que não lhe cõuinha ir deſapoſſar de ſua fortaleza vm fidalgo tão honrado. O Governador parecendolhe muito bê áquella primor lhe diſſe, que elle daria a iſſo vm talho muito bom: eſte era, que iria ao eſtreito em hũa armada, por que auia nouas de Galés, & que entre tanto iria o Ouuidor geral fazer aquella execução em dom Pedro, & o mandaria pera Goa. E que como foſſe tẽpo de ſe elle recolher do eſtreito, foſſe



*Quinta Decada. Da historia da India.*

ro, fosse inuernar a Ormuz, a onde acharia prouisoão pera tomar posse d'aquella fortaleza. Dom Fernando lhe disse, que por aquelle modo 'aceitaua. O Governador Nuno da Cunha mandou logo preparar dous Galeoens, & algũas fustas com que dom Fernando de Lima se fez á vela entrada de Fevereiro: & de sua jornada adiante daremos rezaõ.

O Governador ficou em Diu, dando muita pressa ás obras da cisterna, & renouando muitas cousas da fortaleza, & mandou correr com as obras do baluarte da villa dos Rumes, dando Cogeoçar auimento pera tudo, no que correo tão pôtual, que disse o Governador a Antonio da Sylueira, que a seu filho (que estava na fortaleza reteudo) de quando em quando lhe desse licença pera ir á cidade visitar sua mãy, com alguns homens de sua guarda. E porque entrava já o mes de Março, tempo de se recolher pera Goa, pera prouer nas cousas de Malaca & Maluco: proueo nas da fortaleza, dando a capitania do baluarte da villa dos Rumes, a Francisco Pacheco, com o cargo de Iuiz d'Alfandega, prouendo todos os officiaes della. E o baluarte do mar proueo de artelharia, & monicoens, cuja capitania deu a Antonio de Sousa Coutinho, (ym fidalgo de Lamego) dandolhe trinta soldados. E assignou pera ficarem na fortaleza

za grande, seiscentos homens, com capitaens, pera lhes darem mefas: que foraõ, Lopo de Sousa Coutinho, de Sanctarem, Gonçalo Falcão, Luis Rodriguez de Carualho, Gaspar de Sousa, Manoel de Vasconcellos, Rodrigo de Proença, da obrigação do Governador. E a capitania da armada que deixaua no rio, deu a Francisco de Goueca: & a Alcaidaria mór da fortaleza a Payo Rodriguez d'Araujo, & a feitoria a Antonio da Veiga. Pruido tudo muito bem, despedio-se o Governador de todos, & foisse pera Goa, a onde proueo nas cousas de Malaca & Maluco, & em todas as mais: & com isto se serrou o inuerno.

C A P I T V L O VII.

*Do que aconteeo a Casarcanã Soltaõ Badur tinha mandado nos Galeoens á Meca: & de como foi leuado com todos os thesouros que leuaua ao Turco. E da armada que elle mandou negociar pera mandar a India contra os Portugueses. E do auiso que El-rey teue della: & do soccorro que mandou.*



O capitulo setimo do liuro nono da quarta decada temos dada larga contra de como



como Soltao Badur mandou pera Meca sua molher, & seus thifouros, entregues a Cafarcan, por que não tinha ainda de todo perdido o medo aos Magores. Agora he necessario continuarmos com Cafarcan, por que conuem así ao fio de nossa historia. Partido este Mouro com suas naos, foi seguindo sua viagé até a cidade de Meca: onde desembarcou tudo o que leuaua, & o Xarife dalios recebeo bem, dando aposentos á Raynha muito á sua vontade. Ali se deixaraõ ficar sem receberem agrauo, nem escandalo de pessoa algũa, esperando por recado d'Elrey Soltao Badur, a tè este Abril passado, que chegaraõ as naos de Surrate, por quem tiueraõ nouas da morte de Soltao Badur, escreuêdo Cogeofoar a Nacodá Amet, Rey de Zebit, com quem tinha muita rezaõ de amizade & criaçaõ, pedindo-lhe encarecidamente, que persuadisse aos Baxás do conselho do Turco, que mandasse suas armadas á India contra os Portugueses, & que fossem demandar aquella ilha de Diu, a onde lhe seria muito facil tomar aquella fortaleza, & onde elle esperaria com muita gente, mantimêtos, & todos os mais petrechos de guerra, pera os ajudar: & que d'ali ficauaõ abalrauento de toda a India, pera onde a todo o tempo que quisesse poderiaõ partir, & fazer guerra ás mais fortalezas dos Portugueses, q

lhes não auiaõ de poder resistir, & así os lançariaõ fora da India, & ficaria outra vez o comercio antigo em sua liberdade como dantes, & a romagem da casa de Mafamede desempedida aos romeros della, cuja deuaçaõ estaua perdida, pella potencia das armadas Portuguesas, que tanto em offensa de sua religiaõ tinhaõ tapadas as bocas d'aquelle estreito. Por estas cartas se espalhou logo a noua da morte do Badur, taõ nomeado por todo o Oriente, a tè chegar ao Cairo a onde estaua por Governador Soleimaõ Baxá Eunuco, homem muito velho, que muitos annos seruio ao graõ Turco Soleimaõ, de sua camara pera dentro. E quando deu a governança do Cairo ao outro Soleimaõ Baxá general da armada que mataraõ, que era guarda da sua porta da camara, lhe deu a este o mesmo officio, & por morte do outro tambem o passou á governança do Cairo.

Este Eunuco tanto que lhe chegaraõ as nouas da morte do Badur, despedio logo recado ao Xarife da casa de Meca, que lhe mandasse a molher, & tisouros d'aquelle Rey, que estauaõ naquella cidade, por que era así seruiço do Turco: o que tudo lhe foi leuado, indo Cafarcan acompanhando á Raynha. Outros dizem q o mesmo Cafarcan eni sabendo da morte do senhor tomara tudo comfigo, & se fora ao Cairo, & dahi á

H 4 corte



corte do Turco . Ou foſſe de hũa maneira, ou da outra , tudo foi leuado ao Turco, que já era Celim, por auer pouco que ſeu pay era morto. Vendo eſte barbaro tanta pedraria & ouro, marauilhouſſe : & ouue que reino dõde vm Rey ſó de ſua recamara tirara aquelles tiſouros pera mandar a Meca, auia de ſer riquiſſimo d'aquellas couſas: com o que lhe creceo a cobiça de o conquistar, acrecentando-lha mais o Eunuco com as couſas que lhe diſſe , & com a carta de Cogeoſar que lhe moſtrou: que Elrey de Zebit mandou, dizendo-lhe, que não ſó ſeria facil mandando ſuas armadas, fazerſe ſenhor de vm Imperio tão rico como aquelle: mas ainda lançar fora da India os Portugueſes, & tornar a caſa de Meca a ſua antiga deuação.

E como o Eunuco trataua eſta materia com tamanha cobiça como o Turco , & deſejaua de ſe achar naquella jornada, tratou aquelles negocios com a mãy do Turco , que elle em moço ſeruiuo, metêdo a por terceira pera lha dar, dizendo que não queria pera ella mais que as vaſilhas, artelharia, & gente: & que todas as mais despesas elle as faria á ſua cuſta. Isto ſolicitou com tanta iſtancia, q̃ lhe concedeo o Turco a jornada, deſpachandoo logo pera ir a Sués fazer preſtes a armada que auia de levar, dandolhe mil & quinhentos Ianiçaros de ſua guarda , & a arte-

lharia que lhe pareceo neceſſaria. O Baxá ſe foi ao Cairo, onde mādou ajuntar muita madeira, & cordalha: & dali em camellos ſe paſſou tudo a Sués . O Turco mandou com elle pera ſeu conſelheiro o Cafarcan, por homem pratico nas couſas de Cambaya. E por que eraõ neceſſarios muitos officiaes pera concerto das Galés, & gente pera ſua chuſma, ſocedendo no meſmo tempo quebraremſe as tregoaſ que eſtauaõ feitas antre o Turco & a Senhoria de Veneza, que ſe tinhaõ celebrado com Bajazeto os annos de mil & quinhentos, de que foi autor Andre Griti prouedor dos Venezeanos. E eſta quebra das pazes foi eſte Setembro paſſado, eſtando já o Baxá no Cairo , fazendo preſtes as couſas pera a jornada: & chegandolhe as nouas a tempo, que eſtauaõ algũas Galés de Veneza em Alexandria, de que era capitão Miſſer Antonio Barbarigo . Mandou o Baxá logo a Chiquierqui Baxá daquella cidade, que lançaſſe mão de toda a couſa de Veneza que ali eſtiueſſe: o que elle fez, lançando mão do Conſul dos Venezeanos que ali aſiſtia, que era Miſſer Alinaro barbaro, & de todas as Galés, & gente dellas , & todos mandou meter na torre das lanças, donde poucos & poucos mandou levar a Sués todos os que eraõ officiaes, indo em ſua guarda Icuſ Amede , capitão mór do mar de Alexandria, que o auia



auia de acompanhar naquella jornada. Antre esta gente se acharão muitos carpinteiros, calafates, & comitres, que foi todo o aparelho pera aquella jornada: por que sem elles mal se podera negociar tamanha armada. Vm comitre destes Venezeanos fez vm roteiro de toda esta viagem, dia por dia, a quem nos em muitas cousas seguimos, por que escreueo como testemunha de vista.

Destas cousas que passaraõ na corte do Turco, teue logo Elrey dom Ioaõ auiso, pellas muitas intelligencias que nella trazia: pello que assentou em seu conselho, mândar em Outubro algũas naos á India, com auiso as fortalezas de Ormuz & Diu, & com gente, & prouimentos pera ellas. E cõ muita breuidade mândou negociar cinco naos, que nos primeiros dias de Outubro fez á vela, de que eraõ capitaens Diogo Lopes de Sousa, o traquinas de Sanctarem, que ya prouido da capitania de Diu, & leuaua por regimento que fosse tomar Goa. E Fernão de Castro pera ir a Ormuz, & Fernão de Moraes pera Diu, pera todos deitarem naquellas fortalezas, gente, monicoens, & artelharia. Das outras duas naos eraõ capitaes, Aleixos de Sousa, & Anrique de Sousa Chichorro, filhos de Garcia de Sousa: que foi muitos annos prouedor do hospital de Lixboa, & por sua vagante se deu aos padres

Loyos, em cujo poder andou muitos annos. Estes dous capitaes yaõ pera Moçambique, de cuja capitania ya prouido Aleixos de Sousa que era mais velho: porque se receou Elrey que fossem ter a ella algũas Galès, & quis ter prouido a tudo. E cõ serem os Reys de Portugal pobres, prouiaõ a India, com taõ grossas & amudadas armadas, como se vé pello discursõ de nossa historia: por que traziaõ nõ coração (primeiro que o interelle) o zelo do seruiço de Deos, & da propagação de sua santa fé, elle lhes daua forças, poder, & cabedal pera tudo.

## CAPITULO VIII.

*De como o Doutor Pero Fernandez chegou a Ormuz, & desapoßou dom Pedro de Castello-branco da fortaleza: & do que aconteceu a dom Fernando de Lima na jornada do estreito, a te ir á Ormuz: & do que aconteceu ás naos do reino na viagem.*

**P**ARTIDO o doutor Pero Fernandez de Goa, foi seguindo sua jornada a tè chegar a Ormuz, & desembarcando em terra o recebeu dõ Pedro de Castello-branco muy bemi, fazendolhe muitos galhados.

aria.  
e mã-  
& cor-  
e pas-  
man-  
elhei-  
prati-  
E por  
offi-  
lès, &  
lendo  
remse  
antre  
eneza,  
n Ba-  
inhê-  
Griti  
E esta  
etem-  
xá no  
cousas  
lhe as  
algũas  
ndria,  
Anto-  
Baxá  
quella  
e toda  
stiuef-  
maõ  
que a-  
linaro  
, & gé-  
meter  
oucos  
tés to-  
do em  
apitaõ  
que o  
auia



*Quinta Decada. Da historia da India.*

dos. O Doutor lhe disse: não me faças senhor tanta festa, por que não venho aqui a cousas de vosso gosto. O Governador por culpas q̃ de vos tem, vos manda desaposlar desta fortaleza como vereis, por estas prouisoens que aqui estaõ: por cuja virtude vos notifico da parte d'Elrey nosso Senhor, q̃ dentro em vinte & coatro horas vos sayaes desta fortaleza, & vos embarqueis em hũa nao que ali está no porto de verga d'alto, pera se partir pera Goa. Dom Pedro ficou sobressaltado com diligencia taõ apressada: mas todavia disse q̃ estava prestes pera obedecer ás prouisoens do Governador. O ouuidor geral mandou fazer vm auto da notificação dellas, em que dom Pedro se asinou com elle. Feito isto mandou dom Pedro logo tirar o seu fato, & embarcalo na nao, & elle no mesmo dia o fez tambem, ficando a fortaleza entregue ao Ouuidor geral, que ficou deuaassando & tirando sua residécia, com que como foi tempo se embarcou pera a India, deixando na fortaleza o Alcaide mór, com regimento pera a entregar a dõ Fernando de Lima, com quem he necessario que continuemos.

Partido este fidalgo pera o estreito' pera onde o Governador Nuno da Cunha o mandou com hũa armada, foi seguindo sua derrota a tè auer vista de monte de felix, na costa da Arabia, a onde se

deixou andar esperando as naos de Cambaya, & Achem: mandando vm nauio de remo a tè as portas do estreito, a tomar fala da terra, & a saber das Galés. Este nauio tomou hũas Geluas, em que catiuou algũas peffoas, de quem souberaõ que em Sués se faziaõ prestes Galés, pera em Setembro passarem á India. Com estas nouas despedio dom Fernando de Lima vm nauio ligeiro ao Governador, que chegou a Goa já em Mayo, causando com ellas grande aluoroço na terra. O Governador mandou com muita pressa negociar a armada grossa, pera que tanto q̃ dellas tiueffe recado as ir buscar. Dom Fernando de Lima andou por aquella paragem a tè meado Abril, lē lhe ir cair nada nas maõs: & sendo já tempo se fez na volta de Ormuz. E passando por Xael, forgio sobre aquella barra, & mandou tratar com aquelle Rey, sobre o resgate de trinta Portugueses, q̃ ali estauaõ catiuos, de hũa embarcação que deu á costa, que lhe Elrey deu a troco de roupas, & fazendas, que já pera isso leuaua. E dando dali á vela chegou a Ormuz em fim de Mayo, & tomou posse d'aquella fortaleza, pellas prouisoens que achou. Quasi no mesmo tempo chegou a nao do reino, de que era capitão Fernão de Craсто, que dom Fernando de Lima recebeo bem, desembarcando os prouimentos, moniçoens, & artelharia



telharia que leuaua : & aos soldados se ordenaraõ mesas , & pagaraõ seus quarteis. Dom Fernando de Lima sabendo da certeza das Galés , así pello recado do reino, como do auiso que teue pella fusta que mandou ao estreito: mandou recolher todos os mantimentos, agoa, & lenha que pode , renouando, & fortificando a fortaleza com muita pressa , achando por todos os Portugueses que podiaõ pelejar seiscentos : que recolheo dêtro na fortaleza, despedindo nauios ligeiros cõ recado aos Xeques de Mascate, Calayate, Curiate, & por toda aquella costa a tè o cabo de Rosalgate, pera que estiuessẽ sobre auiso, se as Galés fossẽm pera aquella fortaleza , dando por regimento aos capitaens dos nauios , que se deixassẽ andar naquelle cabo a tè todo o mes de Agosto esperando: pera que se entrassẽm naquelle estreito , lhe leuarem d'ite auiso, ficando mûy aluoroçado esperando por ellas, auêdo que seria grande boa vêtura a sua, se em seu tempo fossẽm ter áquella fortaleza. Mas a morte inuejosa de todos os pensamentos honrosos, lhe atalhõ os seus : por que naõ auendo tres meses que estaua naquella fortaleza, veyo a falecer de hûas febres, com grande dor & sintimêto de todos, pellas boas partes & qualidades de sua pessão, pollo que era muito amado, & respeitado. Seu corpo foi enterrado antre as por-

tas da fortaleza : & seus ossos depois foraõ postos na parede antre as mesmas portas , onde oje estaõ com hûas grades de ferro. Ficaraõ a este fidalgo vm filho & duas filhas. O filho se chamou dô Diogo Lopez de Lima Pereira, que foi veador d'Elrey dom Sebastiaõ: & as filhas, hûa se chamaua dona Isabel de Vilhena, que calou com Iorge de Lima: & a outra dona Maria Manoel, que foi casada cõ Manoel de Sousa , aposentador mór d'Elrey . Socedeo por sua morte na fortaleza Fernaõ d'Aluarez Sarnache, q̃ andaua por capitaõ mór n'aquelle estreito, por ter hûa prouisaõ do Governador Nuno da Cunha pera isso . Fernaõ de Crasto capitaõ da nao do reino , ficou ali inuernando, & em Outubro se partio pera Goa . As outras naos do reino tiueraõ todas muito boa viagem. Fernaõ de Moraes foi tomar Diu conforme a seu regimêto em Abril: & dando as cartas a Antonio da Sylueira , & deitando a gente & prouimentos que leuaua em terra, voltou para Goa , onde chegou já em Mayo , com Diogo Lopez de Sousa o traquinas : que o Governador recebeo muito bê.

Nestas naos diziaõ , que tiuera o Governador cartas d'alguns amigos do conselho , que sem duuida no Setembro seguinte, lhe mandaria Elrey socessor, o que elle sintio tanto , que logo se mostrou triste, & malenconizado, auendosse por muito



*Quinta Decada. Da historia da India.*

muito offendido, & agrauado d'El rey, & dos do seu conselho: tendo elle seruido quasi dez annos, com tanta satisfacção, & com tamanhas vitorias alcançadas, & agora auêdo certeza de Galés, quereremlhe tirar das mãos tamanha honra, & hũa occasião que elle estimaua sobre todas as da vida, era lhe cousa muito pesada, & má de sofrer. E todauia com seu descontentamento começou a prouer os almazens de tudo muy bastantemente: mandando fazer muitas monicoens, & preparar a armada, repartindo o trabalho destas cousas pellos fidalgos, & capitaens, entregandolhes as naos, & Galeoens, de que auiaõ de ser capitaens, pera correrem cõ seu concerto: mandando que nos almazens, ferrarias, cordoarias, se desse tudo o que por seus afsinados se pedisse, pera correr tudo cõ mais pressa: visitando elle em pessoa todos os dias as ribeiras, & almazens: & despedio cartas por terra ao capitaõ & veador da fazêda de Cochim, pera que lá lhe negociasse com a mór breuidade q̃ fosse possiuel toda a armada, & naos que ouuesse, pera que a té vinte de Setembro fossem ter com elle, por que esperaua de ir buscar os Rumes, & pelejar com elles. As outras duas naos de que eraõ capitaens Aleixos de Sousa Chichorro, & Anrique de Sousa Chichorro seu irmão foraõ tomar Moçambique, entregando Vicente Pega-

do aquella fortaleza a Aleixos de Sousa, por hũa prouisaõ d'Elrey q̃ leuaua, que mandou logo reedificar a fortaleza, & recolher nella mantimentos, & lenha. E por que chegou com muitos doentes, lhes mandou fazer hospitaes, que os não auia, onde os recolheo, curandoos, & prouendoos muito bẽ, & exercitando o officio da caridade em todos os annos: que naquella fortaleza esteue: de feição q̃ quando sayo della, foi em estado que estaua pera se recolher no hospital por pobre, por que tudo gastou naquellas obras de caridade & hospitalidades. Estas eraõ as veniagas, & mercadorias dos fidalgos d'aquelle tempo, de que os deste se rim bem: mas nós não lhe vemos morgados, nem contos de juro de tantos milhoens de cruzados como tiraõ de suas fortalezas, nem sabemos por onde se lhe consumem todos: por que elles não se lograõ, & muitos na mór cobiça, & sede de ajuntar na sua fazêda, vem hũa dór de cabeça, & leuaos primeiro que acabem seu tempo. Por isso veja cada vm o como se negoceia, que Deos não dorme, & os brados dos pobres que não deixaõ viuer em suas fortalezas, chegaõ aos ceos. Mas deixemos esta materia, pois he pregar no deserto, & continuemos com as couças de  
Diu.

CAPITULO



CAPITVLO IX.

*Das cousas que acontecerão em Diu, depois do Governador Nuno da Cunha partido pera Goa: & de como Cogeofofar se foi secretamente da cidade, & se passou a Cambaya, & persuadio àquelle Rey a fazer guerra aos Portugueses.*

**E**M quanto o Governador Nuno da Cunha esteue em Diu: com tanta prudência, arte, & manha se ouue Cogeofofar em todas as cousas que se lhe encomendaraõ (de que o Governador ficou taõ satisfeito) que lhe deixou licença pera mandar hũa nao sua pera Meca, pagãdo naquella alfandega os direitos, & com obrigação, que tornasse àquella fortaleza. Esta nao pos elle logo á carga. O filho de Cogeofofar sempre esteue na fortaleza em refens, & algũas vezes ya á cidade visitar sua mãy, como o Governador tinha dado licença a Antonio da Sylueira. Poucos dias depois delle partido pera Goa, pediu licença pera a ir ver, & lhe trouxeraõ de sua casa vm fermosissimo caualo, q̃ deuia de ter experimentado naq̃lle negocio pera q̃ o queria: indo cõ elle algũs homẽs da guarda. E chegando ao cais d'alfandega,

pondosse á borda da agoa, como q̃ estaua vendo as embarcaçoens, apertou as pernas ao caualo, dãdo-lhe cõ o chabuco (q̃ he vm açoute q̃ todos trazẽ na maõ, cõ q̃ os açoutaõ rijamente) cõ o q̃ arrancou o caualo como vm trouaõ, & arremessandosse ao már, em breue espaço passou aq̃lle tránsito a te Galá. E como se vio da outra bãda foisse pera Nouanager, & dahi se passou a Cábaya, & foi muito bem recebido d'Elrey, q̃ lhe deu o titulo de Rumecan, q̃ he o mayor do reino. Antonio da Sylueira foi logo auisado de sua fogida, & mãdou por hũa cópanhia de soldados leuar diãte de si Cogeofofar, que foi muito cõfiado, & lhe deu suas rezoẽs, dizẽdo, q̃ se elle fora em consentimẽto da fogida de seu filho, não auia de ficar na cidade cõ sua molher & fazẽda, q̃ era muita, nem auia de por sua nao á carga cõ tamanha segurança: q̃ seu filho era homẽ, & não lhe daua cousa algũa de o deixar a elle em trabalhos q̃ ali o tinha, & podia fazer delle tudo o que quisesse. Vendo Antonio da Sylueira sua segurãça, & parecendolhe, pellas rezoens que lhe deu, que estaua sem culpa, o deixou, pedindolhe q̃ corresse cõ o seruiço d'Elrey de Portugal como tinha por obrigação. Isto fez tambem Antonio da Sylueira por não causar algũa alteraçã na cidade que estaua quieta, por que se o prẽdera estaua certo tornar-se logo.

I a des-



*Quinta Decada. Da historia da India.*

a despouoar. Cogeçofar era taõ sagas, & assi se soube fingir, que andando negociando fugir d'aquella ilha, ya todos os dias à fortaleza, apresentar-se ao capitão, & ya carregando a nao de toda sua fazenda pouco & pouco, sem fiar sua determinação mais que de si proprio: pello que nunca o capitão lhe pode alcançar cousa algũa de seus desenhos, por muitas intelligencias que sobre elle trazia. Cogeçofar foi corrédo cõ a carga da nao: & o dia em q̃ tinha determinado sua fogida, embarcou suas molheres com tanto segredo, & resguardo, que nunca se soube.

E o dia que se auia de fazer á vela pedio licença ao capitão, pera ir com o Alcaide do már desamarrala, que lhe elle deu. De madrugada se embarcou no nauio do guarda, & Alcaide do már, & entrando na nao recolheosse com elle pera a camara, onde o fechou: & largando a amarra por maõ diffirio a vela com vento prospero, & em pouco espaço se alongou da terra. O nauio do Alcaide do már (a que os Mouros chamaõ miraba) quis chegar a bordo, mas não o deixaraõ, pello q̃ voltou apressadaméte pera a terra, & deu rebate ao capitão, que em estremo sintio aquelle negocio, & logo com muita breuidade mandou dar nas casas de Cogeçofar, a onde não acharaõ se não cousas que elle não quis levar. O capitão mádou tirar grã-

des deuassias, pera saber se ficara na cidade fazêda sua, mas não achou rasto de cousa algũa, de que ficou magoadado: & bem entendeu que auia aquellle homem de dar ainda grande trabalho áquella fortaleza, por sua grande industria, saber, & artificio, como se vio nesta sua fogida: que vendo que se não podia sair da ilha, nem passar a outra banda, pellas grandes vigias que nos paços aua, ordenou de se ir por már, pera o que pôs aquella nao á carga pera Meca, pagando direitos das fazendas que nella embarcaua, pera mayor dissimulação.

E tornando a Cogeçofar: tanto que deu á vela foi demandar Surate, a onde desembarcou sua casa, & despedio a nao pera Meca. E como foi em terra largou o Alcaide do már com que teue satisfações, & lhe deu peças d'ouro, & brincos, & embarcação pera se tornar pera Diu, como fez: & deu ao capitão conta de tudo o que passaua. O capitão despedio logo um nauio ligeiro cõ cartas ao Governador Nuno da Cunha de tudo o q̃ era socedido, afirmãdolhe q̃ Cogeçofar auia de persuadir a Elrey a fazer guerra a aquella fortaleza, & q̃ sem duuida aquelle inuerno a teria. E assi foi, por q̃ Cogeçofar se passou logo á cidade de Amadaba, & lançouse aos pés d'Elrey q̃ o recebeo bẽ, & o estimou muito. Cogeçofar depois de se agasalhar pedio



pedio a Elrey que o ouuissê vm dia perante os do seu côselho, por que tinha algũas cousas de seu seruiço que lhe dizer: o que Elrey fez tendo comsigo todos os seus capitaens. E Cogeçofar leuantandosse em pé, & tomãdo suas saluas fez a Elrey esta pratica.

*Fala que Cogeçofar fez a Soltaõ Mamude Rey de Cambaya, em que o persuadia a que mandasse por cerco à fortaleza de Diu, ajudandosse d'hũa grossa armada que lhe o Turco mandou em seu fauor.*

**A**Ntre as partes que o bom vassallo á de ter, muito poderoso senhor, a principal á de ser lealdade, & fidelidade a seu Rey: & como nelle ouuer esta virtude, logo se seguem a ella, amor, zelo de seu seruiço, esforço, prudencia, segurança, & todas as mais cousas semelhantes a estas: o que tudo falece ao que falta hũa virtude taõ principal, por que logo tem odio & auorecimento ao seruiço do seu Rey, logo fica timido & acouardado, pouco seguro, malenconizado, & sobre tudo imprudente. E como eu pellas muitas & grandes merces que tenho recebidas d'Elrey vosso tio ( cujo sangue está diante de Mafamede pedindo vingança dos Portugueses, que debaixo de fé & amizade o mataraõ) dese-

jo de se me não enxergar ingrati- daõ a ellas, & não ser tachado de desleal, como pretendo mostrar nos grandes seruiços que espero fazer a V. A. a te sacrificar esta vida, & a de minha mulher & filhos, sendo necessario, com muito gosto: por que com o direito do reino ficastes herdando as mesmas obrigaçoens que lhe todos tinhamos, principalmente eu, que me recolheo, honrou, & fez rico. Pello que se a tè gora me não vim apresentar ante vossos pés, não foi por auer em mim algũa diuida em vosso seruiço, se não por desejar de me desarreigar de todo dos Portugueses, por que pellos penhores q̃ na ilha de Diu tinha, me era necessario dissimular, & fingirme a tè buscar modo, como fiz, pera me sair della com minha mulher, filhos, & fazenda, pera mais desembaraçado, & com mais cabedal seruir vossa Alteza, pera o que estou prestes com tudo o que tenho, por que pera isso trabalhei de o saluar. E pois já estou em vosso poder, pello muito que vos deuo como a meu Rey, & senhor, vos lembro as rezoens que tēdes, pera vingardes a morte d'Elrey vosso tio, & de tornardes a cobrar a ilha de Diu, que he a melhor peça de vosso reino, & as portas & chaues delle: que em quanto estiuier em poder dos Portugueses, vos aõ dé ter vm pé no peçoço, & aueis de perder o trato



*Quinta Decada. Da historia da India.*

& comercio do estreito de Meca, com o que vossas rendas aõ de vir tanto a menos, que do mais rico Rey do Oriete, fiqueis o mais pobre & fraco delle. E sobre tudo afrontada nossa religião, & impedida a romagem da casa de nosso Profeta, por q̃ não tinheis em vosso reino outro porto milhor, nem mais continuado, que aquelle de Diu. E se aueis de acodir a estas cousas, não sey tempo mais acomodado & acezonado q̃ este, que a fortuna vos offerece tamanha occasião, como he a pouca gente que naquella fortaleza fica, a fraqueza della, & de seus baluartes, & sobre tudo nenhũa agoa: porque a cisterna que o Governador Nuno da Cunha mandou fazer está ainda imperfeita: & os Portugueses não tẽ donde beber se não dos poços da ilha, q̃ tão que lhos tomarem, não tẽ outro remedio se não entregarẽse vos: & o inuerno he entrado, & não podẽ ser soccorridos de nenhũa parte: & pois tudo está tanto da vossa, não dilateis este negocio, por q̃ sem duuida vos será muito facil tornardesuos a senhorear d'aquella ilha, & lãçardes della tamanhos imigos. E pera mais vos assegurardes neste negocio vos affirmo, q̃ na entrada de Setebro tereis em vosso fauor hũa grossa armada de Turcos, por que tenho cartas d'Elrey de Zibit, q̃ se está preparando em Suès com muita pressa. E espero em Mafamede, q̃

desta vez auemos de lançar estes homens fora da India, pera que a nauegação della fique liure & desembaraçada como dantes. E porque V. A. veja que lhe não aconselho couisa em que eu aja de ficar de fora, me offereço pera esta jornada com mil de caualo, & tres mil de pé pagos á minha custa. E sobre isto todo o mais dinheiro q̃ for necessario, por que tenho muito, & todo auerey por bem empregado no seruiço de V. A.

Elrey o ouuiu com muita atenção, & lhe agradeceo cõ palauras honradas aquellas lêbranças & offerecimẽtos. E por parecer bem a todos os do conselho, assentouffe fazerse logo aquella jornada, elegendo pera ella Alucan, vm dos titores d'Elrey, & cõ elle Cogeoçar, com igual mando, que Elrey logo fez do seu cõselho, & lhe fez merce da cidade de Surrate, pera elle & seus filhos, (que Soltaõ Badur tinha dado a Mostafa Baxá, o que se passou pera os Magores, como já dissemos no capitulo 5. do 9. liuro da 4. decada.

Este Mostafa Baxá chamauasse tãbem Rumecan, & era general do exercito de Soltaõ Badur, q̃ tinha começado nella hũa muito forte fortaleza pello rio acima mais de tres legoas, assentada sobre o rio, que defendia a passagem pera a cidade. Esta fortaleza mandou logo Cogeoçar acabar cõ muita breuidade.) E começoou logo a fazer



a fazer ajuntamento de capitaens, & gente, a que se deu pressa, pera partirem na lúia noua de lunho. Agora os deixaremos por vm pouco, por que he necessario continuarmos cõ as cousas de Ceilaõ.

CAPITVLO X.

*Das cousas que acontecerão em Ceilaõ. E de como o Madune por morte do irmão Reigaõ Pandar se apoderou de seu reino: & de como Elrey da Cota casou sua filha com vm Principe da casta do sol: & que casta he esta: & porque se chama assi.*



VY magoado ficou o Madune do disbarato de Paichi Marca, & da grande amisade & fauor que seu irmão Elrey da Cota tinha com os Portugueses: o que lhe era tão mau de sofrer, que morria de puro pezar. E em nenhũa outra cousa trazia o pensamento se não em buscar modos pera matar o irmão, a tẽ peitar os de dentro da sua camara para lhe darem peçonha, o que tentaraõ algũas vezes, mas foraõ achados & justificados. Estando as cousas neste estado, & o Rey da Cota assombrado do irmão, faleceo o outro irmão Reigaõ Pandar, sem lhe fi-

carem filhos: & por que aquelle reino vinha de direito ao Rey da Cota, acodio muito depressa o Madune, & entrou na cidade de Reigaõ Corlé, que era a cabeça do reino, & se apoderou della, & dos thifouros do irmão, ficando com isto mais poderoso q̃ o Rey da Cota. E como o desejo de se ver senhor de toda aquella ilha, era o que o inquietaua, tentou logo de meter contra o irmão todo o cabedal como entrasse o veraõ, & aueriguar logo aquelle negocio, primeiro que tiuesse outro socorro dos Portugueses. E querendosse ainda valer do Camorim, lhe inuiou outros embaixadores, por quem lhe mandou pedir outra armada, mandandolhe muito dinheiro pera suas despezas. Esta armada lhe pedia mandasse na entrada de Setembro, por que já o acharia sobre a Cota. Disto foi logo auisado este Rey, & vendo os riscos em que andaua, & que estaua sem filho herdeiro: determinou de casar hũa filha que tinha, pera que os filhos que della procedessem fossem herdeiros d'aquelle reino: & assi elegeo pera gero vm Principe que viuia nas sete Córlas chamado Treaua Pandar, que he ao que as historias da India corruptamente chamaõ Tribuli Pandar. Que assi por pay, como por mãy procedia d'aquella Real geração da casta do Sol: por que não podiaõ herdar o Imperio de Ceilaõ,



Quinta Decada. Da historia da Índia.

laõ, se não os q̃ directamente viessem desta casta: que os Chingalás tem por diuina, como logo diremos: & assi não farão suas simbayas, nem obedecerão a Rey de outra casta, ainda que os matem.

*Donde vem os Reis da casta do Sol, & a rezaõ porque se chamaõ assi.*

**E** Por que nos não fique por darmos rezaõ desta casta do Sol, diremos o que elles disto fabulaõ, por daré vm honroso principio a seus Reis. Dizé suas Chronicas ( & nos o ouuimos cantar a vm Principe de Ceilaõ em versos a seu modo, que vm interprete nos ya declarando, por que todas suas antiguidades andaõ postas em verso, & se cantaõ em suas festas) que viuendo os Gentiõs todos d'aquella parte do Gange pera fora, em tudo o que oje comprende os reinos de Pegú, Tanaçarim, Siaõ, Cáboja, & em todos os mais d'aquelle fertaõ, sem Rey, sem leis, nem policia algũa que os differençaſſe dos brutos animais, agasalhandoſſe por lapas, & couas, comendo eruas, & raizes: sem terem conhecimento de agricultura, nem grangearia dos campos. E que estando aquelles naturaes de Tanaçarim vm dia pella menhá ao nascer do Sol, vendo sua fermosura, & ferindo os seus primeiros rayos na terra, de improuiso a viraõ abrir, &

fair de dentro della vm fermosissimo homem, graue na pessão, de presença venerauel, & em todas as mais feiçoens differente de todos os homens: a quem acodiraõ todos os que o viraõ, admirados d'aquella marauilha, & com grande humildade lhe perguntaraõ, que homem era, & o que queria? Ao que respondeo na lingoa Tanaçarim, que era filho do Sol, & da terra, & que Deos o mandaua áquelles reinos pera os réger & gouernar. O que ouuido por todos se lançaraõ pello chaõ, & o adoraraõ, dizendolhe: que estauaõ prestes pera o receberem, seguiré, & aceitarem suas leis & costumes. Dali foi leuádo & posto em vm lugar supremo, & lhe deraõ obediencia como a Rey, & elle os comecou a mandar & gouernar.

A primeira cousa que fez foi tiralos dos matos, & ajuntalos em ciuijs conuerſaçoens, ordenandolhes pouoaçoens, dandolhes modo & ordem pera fabricarem casas, & laurarem os campos: & depois a lhes darem leys suaues & brandas, com o que se foraõ achando bem, & a viuerem differentemente do que a tẽ entaõ. Reinou este Rey muitos annos, & deixou muitos filhos com que repartio seus reinos, em cujos descendêtes andaraõ mais de dous mil annos, & a todos os herdeiros que socediaõ lhe chamauaõ, Suriauas, que quer dizer, da casta do Sol. Destes vinha directamente



reitamente Vigia Raya, que foi (como já dissemos no cap.5. do 1. liuro) degradado pouoar aquella ilha de Ceilaõ, em cujos herdeiros o Imperio della andou direitamente, & anda a tè oje: Porque Elrey dom Ioaõ que está antre nós, & he o verdadeiro herdeiro de toda a ilha, procede desta casta, & so nesta ilha de Ceilaõ se cõseruou por linha direita de herdeiro em herdeiro: o que não foi nos outros reinos onde ella começou, por que todos por tépos foraõ ter a mãos de tyrannos, & totalmente he extinguida & apagada: & só em este Rey dom Ioaõ se cõserua oje, & nelle se acabará, por que não tem filhos, nem netos, como na verdade se acabou. E así se jaetuaõ todos estes Reys de Ceilaõ de procederem do Oriente. E así elles todos lhe conhecem hũa certa superioridade, & lhe mandaõ pedir suas filhas pera se casarem cõ ellas.

Desta casta vinha directamente este Principe que o Rey da Cota casou com sua filha, posto que era desherdado & pobre. Celebradas as vodas, ficou aquelle Rey tendo com o génro mais algum aliuiio. E sendo auisados da determinação do Madune, fortificaraõ a cidade da Cota muito bem, recolhendo dentro mantimentos & armas. A isto acodio Nuno Freire Alcaide mór de Columbo, com algũs Portuguezes que tinha a se lhes offerrecer: animando Elrey, & fauorecendoo: certeficandolhe que o estado da India todo se auia de arriscar pello socorrerem & ajudarem, pello que não tinesse receo de cousa algũa: ficandoõ seruindo na fortificação da cidade cõ muita diligenciã, pello que Elrey lhe estaua muito obrigado. E neste estado ficaõ estas cousas a tè tornarmos a ellas.

*Fim do Liuro Segundo.*

I 4

LIVRO





# LIVRO TERCEIRO

## DA QVINTA DECADE

### DA HISTORIA DA INDIA.

#### CAPITVLO I.

*De um maravilhoso prodigio,  
das grandes vitorias que os  
Portugueses ouueraõ dos Tur-  
cos, que acõteceo em Diu: &  
de como os capitaens d'Elrey  
de Cambaya chegarão àquel-  
la ilha com seus exercitos: &  
do desastre por que se ateou o  
fogo na fortaleza.*

**P**ORQUE d'aqui  
por diante começa-  
mos com o fauor di-  
uino a entrar nas  
grandes guerras que  
Elrey de Cambaya Soltaõ Ma-  
mude sobrinho de Soltaõ Badur  
(que socedeo ao Miraõ sobrinho  
do mesmo Soltaõ Badur filho de  
hũa sua irmã que desbaratou o  
Magor Mirmamede Haman, que  
se tinha aleuantado com o reino  
tyrannicamente, & apelidaua Rey  
de Cambaya) com o fauor das ar-  
madas do graõ Turco fez á nossa  
fortaleza de Diu, nos pareceo bẽ,  
naõ passar por um espantoso caso,  
que aconteceo antre os nossos, que  
parece que foi prodigio das gran-

des vitorias que os Portugueses  
ouueraõ de todas estas gentes, que  
foi desta maneira. Hũa das oita-  
uas da Pascoa da Resurreiçaõ to-  
dos os moços Portugueses da for-  
taleza, que naõ eraõ de idade para  
tomarem armas, desafiaraõ os mo-  
ços da terra, assi catiuos como for-  
ros, que tambem naõ eraõ de ma-  
yor idade, pera se darem hũa ba-  
talha (coula muito vsada antre os  
moços de Portugal, os de hũa es-  
cola desafiarem-se contra os da ou-  
tra pera o campo, onde às pedra-  
das, ou às pãcadas se trauaõ de tal  
feiçaõ, que saem muitos bem es-  
calaurados.) Assi estes desafiados  
pera a batalha, ordenaraõ vns &  
outros antre si seus capitaens, com  
seus guioens & bandeiras, leuando  
os moços Portugueses na sua, a di-  
uisa da cruz de Christo. E juntos  
todos no terreiro da fortaleza, po-  
stos em dous esquadroes, fazendo  
seus sinaes, remeteraõ vns aos ou-  
tros. E trauados em batalha, assi  
às pedradas, como as pancadas, co-  
tamanha furia & odio, como se fo-  
raõ inimigos de muitos dias, esca-  
urandosse, & ferindosse vns aos ou-  
tros. Mas os moços Portugueses  
(posto que muito menos que os  
outros)



outros,) vendosse feridos, ferraraõ com elles, & muito mal tratados os arrancaraõ do campo, & os foraõ seguindo, bradando, vitoria, vitoria. D'aqui ficou antre estes o odio taõ areado, que onde quer que se encõtrauaõ, ou fossem dous & dous, ou menos, ou mais, trauaõ brigas, de que sempre auia sangue, & os da terra leuauaõ a pior. E assi auendosse por afrontados tornaraõ a desafiar os moços Portugueses pera vm domingo, que no terreiro da fortaleza ordenaraõ suas tranqueiras mûy bem feitas, em que se meteraõ, pondo por ellas muitas bandeiras, & metendo dentro paos, pedras, & algũas armas, & panellas de poluora. Os moços da terra tambem negociãdo algũas armas escõdidamete, & algũas bombas de fogo, & cõ suas bandeiras aruoradas arrebẽtaraõ pello terreiro cõ grandes gritas, & remeteraõ com as tranqueiras cercandoas em rõda, começandosse a trauar a batalha, de pedradas, pãcadas, & com algũas panellas de poluora, com tamanha braueza & estrondo, que parecia já batalha mais que de moços. Mas como os de fóra eraõ muitos mais, trataraõ raõ mal aos da fortaleza, & assi apertaraõ com elles, que os tiueraõ entrados. Os moços Portugueses crescendolhes a furia arrebentaraõ pellas tranqueiras fóra, & dando nos da terra os arrancaraõ do campo muito mal tratados, ficando el-

les cõ a vitoria. O capitaõ que esteue vendo a batalha das suas janellas, folgou de ver a colora, paixãõ, & furor dos moços Portugueses, que dali por diãte ficaraõ sempre sopeando os outros onde quer que os achauaõ, trauandosse em brigas, sem auer quem os podesse apaziguar. Durou isto a tè o mes de Junho, que os capitaens d'Elrey de Cambaya chegaraõ áquella ilha com seus exercitos.

Atras os deixamos no fim do cap.9. do 2. liuro fazendo seus ajuntamentos de gentes, & petrechos, pera virem cercar aquella fortaleza: & tendo tudo preparado partiraõ de Amadaba na entrada de Junho. Alucan leuaua debaixo de sua bandeira, cinco mil de caualo, & dez mil de pé: & Coçofofar mil de caualo, & tres mil de pé, em que entravaõ muitos Rumes & Turcos: gente que elle toda fez, & pagou á sua custa. Desta expedição teue logo Antonio da Sylueira auiso, pello que mandou ordenar as cousas q̃ lhe eraõ necessarias pera a defensão da ilha, encomendando ao capitaõ mór da armada a guarda do rio com nauios, & manchuas: & prouendo na fortificação da fortaleza, reformãdo os baluartes, & fortificandoos muito bem.

Andando nesta occupação, succedeo vm desfastre na fortaleza q̃ esteue a risco de se perder com todos os que nella estauaõ, que foi, hũa



*Quinta Decada. Da historia da India.*

hũa noite tomar fogo a pouoa-  
ção com tanta braueza, que pare-  
cia que ardia o mundo. Antonio  
da Sylueira com os fidalgos & ca-  
ualeiros que acodiraõ, foi logo  
prouer nos almazês das moniçoës,  
com muita gente, & muita agoa,  
pera a defenſaõ do fogo se lhe  
chegasse. E deixando tudo proui-  
do muito bem, & encarregado á-  
quelle negocio a pessoa de muita  
confiança: foisse com toda a mais  
gente acodir ao fogo que cada  
vez crecia mais: por serem as ca-  
sas ainda entaõ cubertas de palha,  
& o vento ser muito grande, que  
foi o que deu o trabalho todo. Os  
Mouros da cidade vendo aquel-  
las chamas, cuidaraõ que a fortale-  
za toda era consumida nellas, &  
acodiraõ com grande aluoroço  
por fora a vér se os nossos fogiaõ  
do fogo, pera darem nelles. Anto-  
nio da Sylueira com toda a solda-  
desca trabalharaõ tanto aquella  
noite, lançandosse em meyo das  
chamas, em que se muitos quei-  
maraõ por muitas partes, que a  
força de braço, depois de durar  
muitas horas, o apagaraõ de todo:  
& não com taõ pequeno dano que  
se não queimassẽ sessenta mora-  
das de casas, o que causou em to-  
dos muito grande tristeza, & em  
seus donos dór & magoa da per-  
da que receberaõ: por que se lhe  
consumio todo o seu mouel, sem  
se saluar cousa algũa. Antonio da  
Sylueira como fidalgo de bom co-

ração, & muito liberal, suprio ali  
com seu dinheiro, dando a todos  
pera tornarem a reedificar & re-  
nouar suas casas.

Affirmaſse que começou este  
fogo em casa de hũa mulher sol-  
teira, estando em roim acto: no q  
parece que quis Deos mostrar sua  
justiça em castigar áquelle offen-  
sa, que se lhe fazia em tempo que  
elle determinaua de fazer a to-  
dos os d'aquella fortaleza tantas  
merces, & darlhes tantas vitorias,  
como lhes depois deu. Os Mou-  
ros da cidade despediraõ recado  
aos Regedores, de como os Portu-  
gueses ficauaõ sem terem defen-  
saõ algũa, por lhes arderem todas  
suas moniçoens.

Esta noua se deu no exercito, q  
se recebeo com grande aluoroço,  
auendo que tinhaõ pouco que fa-  
zer, em tomarem a fortaleza. An-  
tonio da Sylueira não se descui-  
daua de sua obrigação, assi na da  
fortificação, como das espias, que  
todos os dias mandaua saber dos  
inimigos, que gente traziaõ, & a on-  
de estauaõ. Mas sempre achou em  
todas variedade: por que como  
eraõ Mouros, nunca lhe falauaõ a  
verdade. Antre todas as cousas a  
que daua pressa, na cisterna a pu-  
nha, muito mayor, por que lhe era  
necessario recolher agoa pera o  
inuerno. No baluarte da outra bã-  
da de Gogalá, mandou dobrar os  
officiaes, por que com muita bre-  
uidade se acabasse, & assi em pou-  
cos



cos dias sobio em altura de vinte palmos, & a sala que fechaua nelle, na de oito.

## CAPITULO II.

*De como Cogeçofar cometeo o baluarte da villa dos Rumes, & da grande resistencia que achou nos Portugueses: & de como se recolheo ferido, & desbaratado: & das cousas em que Antonio da Sylueira proueo.*



**P**ARTIDOS os capitaens d'Elrey de Cambaya, de Amadabá, chegaram a Nuanager, duas legoas de Diu já de noite, sem os nossos terem nenhum auiso delles. Cogeçofar como desejava de se acreditar com Elrey, & de toda a honra d'aquella jornada ser sua, imaginando (pellas nouas que lhe derao das nossas monicoes serem queimadas) que os Portugueses estariao descuidados, & sem terem com que se defender: determinou de ir ganhar o baluarte da villa dos Rumes, primeiro q̃ tiueſsem auiso: & sem dar conta a Alucan d'aquella jornada, a 26. de Junho, tanto que entrou o coarto d'alua caminhando com sua gente, que erao mil de caualo, & tres mil de pé tao apressado, que antes que

rompesse a manhã chegou à villa dos Rumes, & entrando por ella foi logo demandar o baluarte. E posto que os Portugueses estauao descuidados, não deixarao de ser sintidos de um que vigiaua, que bradoti alto, Mouros, Mouros. A estes brados, os officiaes da Alfandega, & os outros Portugueses, q̃ por todos seriao vinte & coatro, q̃ viuiao fora do baluarte, por não estar ainda acabado por dentro, leuarao as maos as armas, tomado as que poderao, & foraose recolhendo pera o baluarte, já baralhados com os imigos. E como o baluarte estaua imperfeito, & não tinha seruintia, mais que por andaimos, por onde corriaos os materiaes pera a obra, arremeteraio por elles acima, & alguns pellos dentes das paredes do baluarte onde a falla auia de ir fechar, & com muito trabalho & risco de todos se poserao em cima, perdendo coatro companheiros, que lhe matarao às espingardadas. Os mais como se viraio em cima poseraose em defensão, resistindo aos imigos valerosamente, que por todas as partes trabalhauao pellos entrar, custando esta sua determinação a vida a muitos: por que alguns dos nossos leuarao espingardas que nelles fizerao grande dano. A manhã começou a aparecer, & da fortaleza grande se ver claramente a reuolta, (posto que já tinhao auiso por alguns escravos que se lança-

rao



*Quinta Decada. Da historia da Índia.*

raão a nado.) E ouuindo as espingardadas que laborauão de parte a parte. Antonio da Sylueira mandou logo preparar embarcações pera lhes soccorrer, & embarcou-se com quasi duzentos homens, deixando a fortaleza entregue a Payo Rodriguez d'Araujo, Alcaide mór. E por que podia ser que aquelle rebate fosse pera na cidade se dar outro algum que podesse fazer mór dano (ainda que pera passarem á ilha em alguns passos della estiuessẽ guardas, por serem muiitos os lugares por onde se podia passar) mandou a Lopo de Sousa Coutinho com a sua gente aos muros da cidade d'aquella parte que olha pera o campo, que se fez na dita ilha. Cogeoçar bẽ via a pressa que na fortaleza ya pera irem soccorrer o baluarte, por que claramente se via embarcar a gente, pello que determinou de aueriguar aquelle negocio, primeiro que o socorro chegasse.

E tomando os Turcos & Rumes consigo, cometeo a subida do baluarte muiy determinada-mente, os decima que seriaõ perto de 20. homens lhes defenderaõ o passo com grande valor & esforço: por que com verem que o capitão se apressaua pera os vir soccorrer, se lhes dobraua o animo, & as forças, pelejando como liens, fazendo tal estrago nos Mouros, q os fizeraõ retirar. Cogeoçar vêdo que fogiaõ, acodio aos afron-

tar de palauras fazendoos voltar, o que elles fizeraõ, tornando acometer a sobida com a furia q lhe fazia leuar o desejo de se desafrota-rem. Mas nem desta vez acharaõ nos decima menos resistencia, antes receberaõ delles muito maior dano: por que como os Mouros eraõ muitos, & estauaõ amontoados, & como brutos queriaõ sobir pellos andaimos, fizeraõ os de cima nelles muiy grandes estragos: por que com vigas, pedras, & outros instrumentos os lançauaõ delles abaixo feitos pedaços. Cogeoçar que andaua por baixo, amandoos, & fazendoos sobir, não ficou sem seu quinhaõ, por que um pilouro perdido de hũa espingarda lhe deu em hũa mão que lhe cortou toda: & retraindo-se quasi mortal em braços de homens, cuidando todos os seus que era morto, largaraõ tudo, & foraõ pera onde elle estaua.

A este tempo chegou Antonio da Sylueira ao baluarte, & saltando em terra com toda a sua gente, meteo-se no baluarte aruorando logo em cima a bandeira de Christo, que logo foi vista de todos. E deixando o combate se foraõ recolhendo pera Nouanager, pera onde leuaraõ Cogeoçar, ficando-lhe muitos mortos no campo, & levando muitos feridos, de que depois morreo a mór parte. Antonio da Sylueira vendo afastados os inimigos, & o grande dano que os



os do baluarte lhes tinhaõ feito, achando a todos muito animosos, & banhados em seu proprio sangue, pellas muitas feridas q̃ tinhaõ, os abraçou, & o mesmo fizeraõ todos os da sua companhia, não sem inueja de os verem tão gentis homens. O capitaõ mandou os feridos pera a fortaleza pera serẽ curados, & deitou espias pera saber dos imigos, que lhe disseraõ como se recolheraõ a Nouanager, & que Cogçofar estava muito mal da ferida. Com isto tratou de prouer naquellas cousas com mais cuidado, por q̃ aquella leue afronta & sobre salto o espertou muito.

E logo mandou dar pressa ao baluarte & sala, q̃ em breues dias pòs em altura de corêta palmos, & como foi capaz de artelharia, lha pòs: & proueo de moniçoës & mâtimentos, & de muitas pipas & jaras de agoa: & confirmou a capitania delle ao mesmo Frâncisco Pacheco, & lhe deu setenta homens, em que entraraõ todos os que cõ elle se acharaõ no feito passado, q̃ como fararaõ se foraõ pera elle. A estes desejamos de saber os nomes pera lhes darmos nesta escriptura os lououres que merecẽ: mas seja a culpa do pouco caso que a tẽ gora fizeraõ destas cousas na India, & dos pouco coriosos q̃ nella ouue.

E tornando ao capitaõ: depois de ter prouido em tudo o do baluarte, o fez tambem na fortaleza,

mandando recolher todos os mantimẽtos & lenha q̃ pode. E por ser auisado por espias q̃ na cidade trazia, q̃ nos Mouros da cidade auia algũa alteraçã, & q̃ o dia do fogo ouuera antre elles mûy grande reboliço, & o mesmo quando se cobateo o baluarte: receando que aquelle negocio chegasse a mais, de terminou de lhes dar vm grande castigo. E sem dar a ningem conta de cousa algũa, pellos não auisarẽ, sayo da fortaleza com trezentos homens, repartidos por tres bandeiras, & deu busca na cidade a todas as casas, & as armas que por ellas achou mandou recolher, que foraõ muitas, & prendeo algũs por se ver serem causa de ajuntamẽtos & tumultos. E como em os da cidade pòs freyo, em aquelle mesmo dia proueo os lugares q̃ o rio, que diuide a ilha da terra firme, tẽ fracos & possiueis a serem vadeados, o q̃ tudo se fez sem alteraçã algũa, por que tinha assentado de a sustentar por causa da agoa, por que a não tinha na fortaleza, & dos pòços de fóra se sustentaua. E nos dous baluartes que ficaraõ feitos do tempo de Soltaõ Badur nos passos mais sospeitosos, por serem mais secos (que elle madoi ali fazer quãdo se recolheo áquella ilha fogido dos Magores) em vm delles pòs Gonçalo Falcaõ, & no outro Luis Rodriguez de Carualho, fidalgos honrados, & de muita cõfiança, por seu esforço & saber: a

K

quem



*Quinta Decada. Da historia da India.*

quem deu gente, artelharia, & moniçoens, que lhe pareceraõ necessarias. E em outro passo que era mais estreito, que se chamaua Palerim, mas de canal alto, pòs Lopo de Sousa Coutinho de Santa-rem, fidalgo bem conhecido por seu esforço & valor: & que neste cerco todo dos Rumes pelejou valerosamēte, & depois fez os Commetarios d'elle, em estylo excellente & graue, & foi o milhor de todos, por q̃ escreueo como testemunha de vista. A este fidalgo deu duas Fustas, hũa Galeota, & hũa Barcaça. Pellos mais passos espalhou Francisco de Gouuea, capitão mór do már de Diu, & Antonio da Veiga, feitor d'Elrey.

Prouidos os passos, pòs o capitão as mãos na obra da cisterna para recolher agoa: em que se correo com tanta pressa, que nem de dia, nem de noite largauão a obra, sendo os fidalgos, & todos os mais Portugueses os acarretadores dos materiaes: & acabandoa por baixo, estando ainda aberta por cima, mandou o capitão comēçar a deitar-lhe agoa, pella pressa & necessidade que se esperaua, que se acarretaua dos poços da ilha com todos os bois que se poderaõ ajutar, com seus odres, a que chamaõ paicais, & em breues dias recolheraõ dentro perto de tres mil pipas d'agoa. E posto q̃ era perjudicial á saude dos homēes recolherse por entaõ, por estarẽ os betumes & arga-

maças da cisterna frescas, não podia ser menos, por não auer outro remedio. E ainda quis Deos q̃ succedesse aquelle defastre a Cogeoçar, por q̃ o tēpo que gastou em se curar, esle tiueraõ os nossos para se aperceberem de tudo: que d'outra maneira estaua certa a perdição d'aquella fortaleza: por que tanto que os imigos entrassem a ilha não tinhaõ os nossos dōde se proverem d'agoa.

E posto q̃ por entaõ parecia a meridade, querer defender hũa ilha tão grande cō tão pouca gente, depois mostrou a experiencia aquella determinação foi inspirada por Deos, por que em quanto se defendeo, se proueraõ da cidade de agoa, & lenha. E quanto a baluarte da villa dos Rumes, que alguns tacharaõ a Antonio da Silueira querelo defender: essa foi a saluação da fortaleza: por que sabido está quebrarem os imigos nelle a furia todos aquelles dias, posto que depois se largou ou perdesse, por que se logo largaraõ, & os imigos todo aquelle tēpo bateraõ a fortaleza, sem d'uida se perdera: por q̃ com virem da villa dos Rumes com a soberba perdida, nesses poucos dias q̃ bateraõ, esteue perdida, como se verá pello discursõ da historia.

E tornando a Cogeoçar, esteue em se curar todo o mes de Julho & sendo já saõ, posto q̃ aleijado tratou de se satisfazer: & leuante



tando seu campo elle & Alucan, forão marchando pera Diu. E passando pella villa dos Rumes, sem ousarem acometer o nosso bualarte, pello verem differente, & em melhor estado que da outra vez, assentaraõ de o deixar, & passarem à ilha: & assi forão cometer os passos, assentando Cogeço far o seu arrayal de fronte do que guardaua Lopo de Sousa Coutinho, & nelle assentou tres canhoens. Alucan foi adiante com quinze mil homens, & repartio sua gente em algũas partes: hũa dellas pòs fronteira ao passo de Gonçalo Falcaõ, & a outra onde Antonio da Veiga, & Francisco de Gouuea tinhaõ os nauios, & outra no de Luis Rodriguez de Carvalho: & algũa gente pòs em outros passos, em que fizeraõ seus valos, & trincheiras, & fortificandosse á sua vontade, como quem estaua na sua terra.

### CAPITVLO III.

*Dos combates que os Mouros deraõ aos passos da ilha: & de como Antonio da Sylueira lhe pareceo bem largalos: & de como os inimigos entraraõ a ilha, & tomaraõ os nauios dos passos.*

**D**E POIS dos Mouros terem prantado suas estancias, & assentado sua artelharia, começaraõ a bater os passos, com grande furia & terror, fazendo grande dano em todos, principalmente no de Lopo de Sousa Coutinho, por que era mais estreito, & as suas fustas ficauaõ mais em barreira á sua artelharia: mas como era caualeiro & animoso, naõ largou vm palmo de seu lugar, antes d'elle se pòs à bataria com os inimigos, matandolhe algũs, assi de pé, como de caualo: & o mesmo fizeraõ pellos outros passos em róda, cõ taõ grande terremoto, q̃ só o terror & estrôdo da artelharia metia medo & espãto aos seus, que estauaõ pellas aldeas apartadas: mas nenhum nos nósos, posto que dauaõ em meyo delles aquella multidaõ de pilouros enuoltos em fogo & fumo, a que estauaõ costumados.

Esta bataria se foi continuando alguns dias, & cada vez com maior furia: & o em q̃ os inimigos mais tiueraõ o tento, foi em impedir o soccorro que da fortaleza ya todos os dias aos nósos: por q̃ Antonio da Sylueira, naõ se descuidado de sua obrigação, os mãdaua muito amiude visitar & prouer de poluora, monicoes, & mâtímétos: por embarcaçoens pequenas, de que algũas forão metidas no fundo: & totalmente impediraõ aquelles

K 2 soccor-



foccorros, que pera os que estauão nos paços foi de grande sintimento, por q̃ receauão vir lhes a faltartudo: & todavia por terra eraõ prouidos o melhor q̃ podia ser. Os Mouros trabalharaõ por entulhar algũ dos passos, pera por elle passar à ilha: pera o q̃ mandaraõ trazer das aldeas vizinhas muitos seruidores pera a obra do entulho, em que começaraõ a trabalhar de dia & de noite ao som das bõbardadas, que de ambas as partes não cessauão, leuando diante de si mōtes de terra a tè a borda da agoa, a onde melhoraraõ suas estancias. Lopo de Sousa Coutinho, Francisco de Gouuea, & Antonio da Veiga acodiraõ cõ os seus nauios a impedir a obra, sobre o que se trauaraõ algũas escaramuças com muito dano & mortes de ambas as partes, não deixando porem os Mouros de irem melhorando, & estreitãdo os passos, a tè porem os nossos em desconfiança.

Antonio da Sylueira, que cada hora tinha auiso do que lá passaua, entendendo mūy bem o risco em que todos estauão, & q̃ os inimigos não poderiaõ deixar de ganhar os passos, & q̃ não auia mais proueito de os querer defender, q̃ perda de homẽs & moniçoẽs, de q̃ depois auia de ter necessidade: & q̃ a principal cousa por q̃ tratãra de defender a ilha, fora por se prouer d'agoa & lenha, de q̃ jã tinha recolhido hũa grãde copia: assen-

tou por conselho de todos os fidalgos & capitaẽs, de largar a ilha, & q̃ a artelharia dos passos se passasse à cidade, & q̃ trabalhassẽ pella defeder, por q̃ não chegassẽ os inimigos aos incurralar na fortaleza.

Disto se fez vm termo afsinado por todos, que Antonio da Sylueira guardou pera sua satisfação. E logo mandou Payo Rodriguez d'Araujo com alguns nauios, pera recolher a gente, & a artelharia, leuãdo hũa prouisaõ do capitaõ, em q̃ mandaua a todos aquelles capitaẽs, que logo tanto q̃ aquella vissem largassẽ os passos, & se recolheffẽ à cidade: & que elle Payo Rodriguez d'Araujo tomasse hũa das fustas de Lopo de Sousa Coutinho & a barçaça, & as entregasse a Gonçalo Falçaõ, & a Luis Rodriguez de Carualho, pera nellas recolherem toda a artelharia & moniçoẽs dos seus baluartes.

Com este recado partio Payo Rodriguez d'Araujo aos noue de Agosto, que tanto auia que os Mouros eraõ chegados aos passos, Payo Rodriguez d'Araujo chegou a elles, & mostrou aos capitaens a prouisaõ, & não podendo fazer outra cousa trataraõ de se recolher. Antonio da Veiga q̃ andaua por capitaõ mór de duas Galeotas, & de tres nauios mais: em vêdo o recado saltou em terra, & deixou os nauios encomẽdados aos capitaẽs com todos os soldados, pera q̃ se fossẽ pera à fortaleza: & elle por



por terra se foi, tendosse a mal  
deixar os seus nauios: mas deuia  
de ser inaduertidamente, por que  
este homeni em todas as cousas da  
guerra em que se achou deu sem-  
pre muito boa conta de si. Os capi-  
taens dos seus nauios vendoo par-  
tido, quiserão se logo recolher, sen-  
do ainda de noite: & tomando o  
remo na mão foraõ com a enchê-  
te da maré entrando pera dentro.  
O vento era mûy grande, & o rio  
andaua mûy alterado, & passando  
pella estancia de Cogeçofar, que  
estaua quasi sobre o canal, q̃ não se  
podia já passar se não pellas bocas  
das bôbardas, em os sintindo des-  
carregaraõ suas cargas nelles, de q̃  
lhe mataraõ & feriraõ alguns ma-  
rinheiros: os mais descoraçoados  
não atinãdo o canal deraõ com as  
Galeotas em seco. E como as bom-  
bardadas não cessauaõ, os solda-  
dos atemorizados sem fazerem di-  
ligencia algũa, lançaõse ao már,  
não os podendo os capitaens tér  
por muitas cousas que lhes disse-  
raõ, ora pondolhe diante a obriga-  
ção da hõra Portuguesa, ora amea-  
çandoos que auiaõ de ser castiga-  
dos como homens que fogiaõ da  
guerra: & não lhe deixando o me-  
do ver a infamia que corriaõ, se fo-  
raõ anãdo pera a outra banda da  
ilha que era perto: & por terra se  
recolheraõ á fortaleza. Os capitaes  
que ficauaõ sós nos nauios, não  
lhes podendo dar remedio, vendo  
q̃ os inimigos se metiaõ pella agoa

pera os irem demandar, ajuntãdo  
a lenha que poderaõ, pondo a pol-  
uora no meyo dos nauios, & a le-  
nha por derredor lhe deraõ fogo,  
por que não fossem a poder dos  
inimigos, por que se não lograssem  
da artelharia: & como o fogo ate-  
ou lançaõse ao már, & passaraõ  
á outra banda, comprindo a tẽ o  
cabo com sua obrigação muito bê,  
& certo que folgaramos de lhe a-  
char os nomes, pera o terem nesta  
escritura, porque o mereciaõ bem.  
Os inimigos que yaõ pella agoa de-  
mandar os nauios chegaraõ á tem-  
po que o fogo andaua mûy bra-  
uo, & como eraõ muitos os rodea-  
raõ por estarem já em seco: & lan-  
çaraõlhes ás mãos tanta agoa, que  
o apagaraõ, sendo já a mór parte  
dos nauios queimados, mas ainda  
lhes tomaraõ os falcoes & berços.

Deste defastre socedeo outro  
mayor, & foi, que andando Gon-  
çalo Falcão recolhendo as cousas  
do seu baluarte na barçaça, faltan-  
dolhe por meter nella tres ou coa-  
tro barris de poluora, os soldados  
que andauaõ ao trabalho, em vê-  
do o fogo nos nauios, foi tamanho  
o seu medo, que desempararaõ tu-  
do, & trataraõ de se recolherem  
por terra. Gonçalo Falcão vendo  
aquelle defatino, & que ficando só  
poderia ser causa de sua perdição,  
deixando as cousas da barçaça a-  
codio a terra, & pedio a todos que  
o não quisessem desemparar, que  
vissem que aquillo que queriaõ

K3 come-



*Quinta Decada. Da historia da India.*

cometer era hũa coufa tão afrontosa, pera homens que tinhaõ ganhado tanta honra, assi naquelle negocio, como em todo o outro em que se acharaõ, que bastaria pera ficarem afrontados pera toda a vida: que vissem bem quanto mais honroso seria morrerem em companhia do seu capitaõ, que salvar as vidas com tamanho vituperio. E que lhes affirmava, que passado aq̃lle termo de temor auiaõ de desejar antes de ter perdido mil vidas, que viuerem com tanta vergonha.

Tantas coufas destas lhes disse, que os tirou de seu proposito, & os fez embarcar: & todavia não quizerão recolher os caixões da poluora por muito que Gonçalo Falcaõ nisso trabalhou, de que enfadado, vendo que era forçado ficarem mandoulhes dar fogo, & forão as labaredas tamanhas, que os Mouros da outra banda, que era perto, viraõ mūy bem a barça, & que estaua muito carregada, & mal aparelhada, a que deraõ todos grandes gritas, a fim de amedrontarem os nossos: o que lhes não sayo em vaõ, por que os soldados como se embarcaraõ amedrontados, tornou a dar nelles o temor, & como o vento não cessaua, antes cada vez parecia crescer mais, quis a desauentura, que assi com os mares, como com o medo dos remeiros que yaõ desatinados dessem em seco, mas em parte q̃

facilmente se podera tirar, se o medo nelles não fora tamanho, que em ella tocando, & em se elles lançando ao mar vergonhosamente, tudo foi vm: sem lhes dar pellas obrigações que Gonçalo Falcaõ lhes pôs diante, deixando só n'aquelle cõflicto, de que se não pode valer, por que de todas as partes se vio cercado de ameaços da morte: de hũa o vento que esbrauejava, da outra os mares que lhe entravaõ, d'outra muitas & grossas bombardadas que sobre a barça chovia. E vendo que se não podia salvar aquelle nauio, cõtra sua vontade (por não ir contra a obrigação de Christaõ) se lançou a agoa, & se passou à outra banda, triste & desconsolado, por lhe acõtecer aquelle desfastre pella falta & couardia dos seus soldados. Neste nauio se perderaõ bem dez peças d'artelharia grossa & miuda, & armas, & outras coufas necessarias.

Ainda aqui não cessou o mal, por que parece que estaua tudo conjurado neste dia contra os nossos: & foi que a mesma desauentura aconteeo a Luis Rodriguez de Carualho. Este fidalgo depois de Payo Rodriguez d'Araujo lhe dar recado que se recolhesse, lhe entregou pera isso hũa Galeota, recolhendo nella todo o fato do baluarte, & foi remando pera passar pera a fortaleza, mas foi varar em hũa restinga, onde também o deixaraõ os seus soldados: & depois que



que trabalhou quanto foi possivel, por ver se podia remediár aquelle dano, vendo ser tudo em vão por ser só, & os imigos virem já comendo a fusta, auendo que era temeridade querer só defendella, lançou ao mar, & passouse á outra banda.

Lopo de Sousa Coutinho, tambem se foi recolhendo, & não cessando ainda o vento & os mares foi trabalhado a tè a maré lhe dar de rosto, & começar a vazar, como que as agoas o foraõ encostando á outra banda das estancias dos Mouros, a tè o encalharem em seco, sem lhe valer a força do remo, nem do brãço, em que todos trabalharaõ bem. E por que receaua deixaremno os soldados, teue nelles grande tento, fazendolhes hũa honrada fala, que toda redundaua em as obrigaçoens de suas pessoas, & nação: & achou a todos muy animosos, & esforçados, & assi se deixou ficar a tè que amanheceo, & que foi visto dos Mouros: que como andauão contentes das prezas passadas, entraraõ pella agoa um grande numero delles, & cercaraõ a Galeota em rãda, trabalhando pella entrarem: mas Lopo de Sousa com os companheiros lha defenderaõ valerosamente, fazendo nos imigos grande estrãço, ficando elles sem dano seu nem dos seus. E vendo que não auia outro remedio mais que o valor dos brãços, trabalharaõ com elles

coimo liens, sustentando aquella furia a tè a maré tornar a encher, que o nauio começo a nadar, & por lhe o vento servir deraõ algũs marinheiros espertos á vela, & foraõ se saindo do perigo, deixando feito nos Mouros um grãde estrãgo: que seus capitaens sintiraõ mais, do que foi o gosto das outras vitorias, por auerem por afronta escaparem lhe taõ poucos homẽs das mãos.

### CAPITULO IIII.

*De como os Mouros entraraõ a ilha, & Antonio da Sylueira largou a cidade: & de como os capitaẽs prantaraõ suas estancias sobre a nossa fortaleza: & de alguns recontros que os Portugueses tiueraõ com elles, de que sempre leuaraõ a milhor.*



A mesma noite que os soldados da companhia de Gonçalo Falcaõ, & de Luis Rodriguez de Carvalho, desempararaõ os nauios, & seus capitaens, chegaraõ à fortaleza, & delles soube Antonio da Sylueira do desfastre acontecido, & perda dos nauios, o que sintio em extremo, assi por lhe acontecer aquillo em principio do cerco que esperaua, (por que receou amedronta-



*Quinta Decada. Da historia da India.*

drontarem felhe os homens) como pella perda da artelharia, que nos nauios tomaraõ, que eraõ dez ou doze peças com que determinaua defender a cidade. Receando tam- bem Lopo de Sousa Coutinho, q̃ sabia estaua em trabalho, & não tinha nauios com que lhe soccor- rer. E estando nesta grande ago- nia chegou elle, o que estimou muito, assi por não ir o dano a tè o cabo, como pello preço da pes- soa d'aquelle fidalgo, que auia de auer muito mister pera os traba- lhos que esperaua. E sabendo del- le seu soccesso, & que os imigos co- meçaraõ a passar à ilha, chamou em segredo os fidalgos, & capitaes principaes, & lhes disse que bem sabiaõ, como estaua assentado em conselho, defenderse a cidade, & q̃ a gêre & artelharia que estaua nos paços da ilha, se passasse a ella, o q̃ já agora não podia ser pello defa- stre acontecido, & que pera tirar a artelharia da fortaleza pera isso, lhe não parecia licito pella pouca que auia, que lhes pedia lhe aconselhassem naquelle negocio o que fosse mais seruiço de Deos & d'El rey. Todos votaraõ que se largas- se a cidade, pellos inconuenientes que elle mesmo apontaua, & por outros muitos que auia: por que pera defenderem bem a fortaleza lhes faltaua ainda muitas cousas.

Estando concluindo isto tiue- raõ rebate, que os imigos eraõ che- gados ao campo: porque logo pas-

saraõ à ilha, & Cogeçofar foi dar vista á cidade com tres mil de ca- ualo, & sete ou oito mil de pé. Os Mouros della, que cõ os defastres passados se tinhaõ alterado, tanto que viraõ a gente no campo, & co- nheceraõ as insignias de Cogeço- far, aruoraraõ muitas badeiras de suas diuissas por cima do muro, pe- ra lhes darem a entender, que a ci- dade estaua despejada dos nossos. Antonio da Sylueira largando o conselho, acodio com muita pres- sa á cidade, & mandou queimar a Galés que estauaõ varadas na ri- beira junto da Alfandega por al- guns homens, por se não aproue- tarem os imigos dellas: posto que eraõ suas, & as tinhaõ ali por este- do. E assi mandou por outros al- guns homens dar fogo a vns almas- zens que estauaõ cheos de enxofre & salitre, q̃ se não pode recolher, por não ficar aos Mouros: & como na cidade andaua já grande aluo- roço, & alguns dos moradores tor- mauaõ armas, foi tamanho o me- do dos que yaõ áquellas cousas, q̃ pondolhe o fogo sem o deixarem atear, se foraõ recolhendo vergo- nhosamente, sem deixarem feiro couisa algũa, por que o fogo foi lo- go apagado, & aquelles materias ficaram aos imigos: q̃ depois lhes feruiraõ contra nós.

Vendo Antonio da Sylueira q̃ a cidade andaua toda leuantada, escolheo cem homens, & elle com elles em pessoa, & entrou por ella dentro,



dentro, & todos os que encontrou com armas meteo á espada: & mādou enforcar pellas ruas a muitos pera espanto. E correndo a fama do estrago que os nossos yaõ fazendo pella cidade, foraõse todos os moradores pera Cogeoçar, q os recebeo bem, & delles soube o q o capitaõ andaua fazendo. Antonio da Sylueira, como naõ teue em quem executar sua furia, mandou prender coatro Gentios mercatores dos mais ricos & principaes da cidade, & os leuou consigo: por q pella ventura socederiaõ depois cousas que fosse necessario aproveitarse delles, por serem ricos & aparentados, que foraõ sempre muy bem tratados, & depois de se acabar o cerco foraõ postos em sua liberdade. E por que já Cogeoçar vinha entrando a cidade, se foraõ os nossos recolhendo pera a fortaleza. Cogeoçar como se vio senhor da cidade, mandou recado a Alucan, que ao outro dia entrou, & começaraõ logo a assentar suas estancias por esta maneira.

Cogeoçar se alojou no Mandouim, que he vm lugar como terreiro, que serue de recolher os mantimentos: & em vm cais que lança sobre o már, mandou prantar toda a artelharia que se tomou nos nossos nauios, pera dali bateré o baluarte do már, & os nauios q estauaõ ao cais, em que estaua Lopo de Sousa Coutinho.

Alucan se alojou nas casas da Raynha mãy d'Elrey Badur, que estauaõ no lugar mais alto da cidade. E no mesmo dia começou Cogeoçar a bater os nauios com muitas & amiudadas bombardadas, com que logo meteo duas fustas no fundo, matando alguns soldados que nellas estauaõ, & na Galeota de Lopo de Sousa deraõ alguns pilouros, sem fazerem dano. Durou este combate a tè o meyo dia, que cessou, dando os inimigos no arrayal grandes gritas de aluorço, quando meteraõ as fustas no fundo. Antonio da Sylueira determinou de ver, se no que faltaua do dia, se podia satisfazer nos inimigos, por que de todo se naõ ficasse sem louuando.

E por que alguns Portugueses que poulaõ fora da fortaleza, se recolheraõ á chegada dos inimigos com tanta pressa, que deixaraõ em suas casas a mór parte de suas fazendas: quis o capitaõ mandar recolher tudo: & encarregou á Gaspar de Sousa, que com cincoenta homens fosse dar fauor aos donos, pera irem buscar sua pobreza. Gaspar de Sousa com os companheiros foraõ caminhando, a tè as casas em q já andauaõ muitos Mouros espalhados por dentro a roubar, bem descuidados de tal sobre salto: & dando os nossos nelles mataraõ muitos: & os donos das casas com os moços & seruidores que para isso leuauaõ, carregandosse



*Quinta Decada. Da historia da India.*

dosse de tudo o que poderaõ, se forão recolhendo, por que já recreciaõ os imigos. Naõ custou esta caualgada mais que vm soldado, posto que tambem foraõ alguns feridos, nisto se passou este dia.

Ao outro tratou Antonio da Sylueira de prouer na defensão da fortaleza, & os baluartes de capitaens: & no de São Thomè pos Gonçalo Falcaõ com cincoenta soldados: & no que fica sobre as casas do capitaõ na entrada da caua pòs Gaspar de Sousa com outros tantos: sobre a porta pòs Payo Rodriguez d'Araujo que era Alcaide mór. Os mais baluartes por ficarem sobre o már, & naõ terem necessidade de capitaes deixou com alguns poucos soldados. A Lopo de Sousa Coutinho deu sessenta soldados para ir todas as manhãs dar guarda a muitos escrauos, & seruidores, que yaõ a carretar agoa de vns poços que estauaõ perto da cidade, & a desfazer as casas dos Portugueses que estauaõ fora, & recolher a lenha dellas, & pera ficar mayor terreiro á fortaleza. Lopo de Sousa continuou esta guarda alguns dias, tendo em todos elles alguns encontros com os imigos, de que sempre os deixou escallaurados. A catorze de Agosto, vespõra da gloriosa Assumpção de nossa Senhora, dia em que quis dar a Lopo de Sousa hũa mûy honrosa vitoria: & foi desta maneira.

Saindo este capitaõ esta madrugada, deste taõ ditoso dia perãõs, a dar guarda aos acarretadores, deixando corenta soldados com elles, apartouffe com catorze, & meteosse por hũas ruas em que achou alguns Mouros desfinandados, & remetendo com elles supitamente, matou alguns, & os mais com muitas feridas os pòs em dilbarato. Taõ cortados foraõ estes de medo dos nossos, que naõ pararaõ se naõ dentro na estancia de Cogeçofar: & sabendo delles o que passaua, despedio coatro cẽtos homens pera irem vingar aquella afronta. Estes foraõ dar cõ os nossos, que estauaõ em hũa rua estreita, que ya sair a vm lugar largo, por onde os imigos vinhaõ com grandes estrondos, & algazaras. Lopo de Sousa quizer sair ao largo a pelejar com elles, mas vm Simaõ Furtado homem sesudo, & mûy bom caualeiro lho atalhou, dizendolhe, que aquillo era temeridade, que deixassem entrar os imigos pella rua em que estauaõ, & elles se deixassem estar no cabo da mesma rua, por que estaua certo apinhoaremse de feição, que se naõ auiaõ de poder menear, pella multidaõ delles, por ser a rua estreita, & que entaõ esses poucos que eraõ se poderiaõ melhor ajudar contra elles como senhores da rua, & que mais desembaraçadamẽte podiaõ menear as armas. Lopo de Sousa lhe agradececo o conselho, & reco-



recolheosse pera o cabo da rua, em que os imigos começaraõ a entrar taõ sofregos & apinhoados, que vns sobre os outros chegaraõ aos nossos, cuidando leuaremnos nas vnhas.

Lopo de Sousa vendo aquella occasiaõ, apellidando Sanctiago, deu nos imigos com tanto esforço, que foi fazendo nelles vm mui to grande estrágo: por que como tinhaõ lanças compridas os nossos, & estauaõ senhores da rua, me neauaõse nella mui bem, & não faziaõ se não enforpar á suas vontades as armas, & muitas vezes varauaõ de dous em dous, não fazendo mais que tirar & embeber as lanças nelles. E assi os apertaraõ taõ rija & cruelmente, que os diãteiros por fugirem á morte, romperaõ pera tras com tanto impeto & força, que cairaõ vns sobre os outros, fazendo os nossos nelles muito grande mataça. Os que escaparaõ fairaõ ao campo largo, & foraõ fogindo com tamanho medo, que não pararaõ se não nas estancias, como se foraõ a pos elles quatorze mil homẽs: & assi desatinados & sem ordem, vns feridos, & outros sem armas, chegaraõ a Cogeçofar taõ cortados de temor, que não sabiaõ dar rezaõ do que viraõ, o que embarçou a Cogeçofar, por que cuidou que todo o poder dos Portugueses ya sobre elles. E depois que soube a verdade do que passara, afrontou, & in-

jurou a todos de palauras & maõs. Lopo de Sousa ficou na rua, não lhe parecendo rezaõ sair dèlla, & ir a pos os imigos, de cujos corpos ella estaua entulhada, sem dos nossos perigar algum, só ficaraõ algũs feridos, em que entrou Lopo de Sousa pella perna esquerda, & vm page seu com vm olho perdido, & outro homem com hũa estocada por hũa perna. Com esta tamanha vitoria se recolheraõ os nossos, dina por certo de ser muito celebrada, por tamanha desigualdade, como a de catorze, pera quatrocentos escolhidos, em que entravaõ Rumes, Turcos, & outras naçoens brancas, & belicofas.

Antonio da Sylucira recebeo os nossos á porta da fortaleza, com grandes festas, & alegrias, dando a todos grandes & publicos louvores. Lopo de Sousa Coutinho ficou algũs dias impedido por causa da ferida, em que encomendou o capitaõ a guarda a Gonçalo Falcaõ, & Gaspar de Sousa, pera cada vm seu dia continuarem nella: & assi mandaua todos os dias buscar agoa & lenha, que não queria bolir nada da fortaleza, por que não sabia os trabalhos que socederiaõ. E por que o tempo já daua jazi-go, despidio hũa embarcação com cartas ao Governador, em que lhe daua conta do estado em que aquella fortaleza estaua, & das coufas que a tè entaõ eraõ acontecidas.

Os



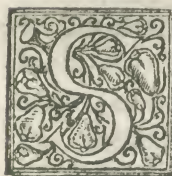
*Quinta Decada. Da historia da India.*

Os dous capitaens a quem era encomendado a guarda dos caretadores, continuaraõ os seus dias ordinarios nellas, tendo em todos elles encontros com os imigos. E vm que era o de Gaspar de Sousa, em hũa reuolta destas ouue ás mãos vm Mouro homem de bom intendimento, que Antonio da Sylueira estimou muito: & delle soube que Alucan & Cogeçofar tinhaõ dezanoue mil homês dentro na ilha, & que esperauaõ cada dia por hũa grande armada de Turcos: por que com essa confiança vieraõ sobre aquella fortaleza: & que andaua já no exercito hũa vòz furda, que auia tres dias que chegara a Mangalor hũa nao de Meca, que daua nouas ficar já em Adem. Naõ pôs isto espanto em Antonio da Sylueira, que logo despedio recado ao Governador, & mandou negociar vm catur ligeiro, em que mādou vm Miguel Vaz bom caualeiro, pera que fosse a tè Mangalor a tomar fala por aquella tosta das Galés: & com isto se deu mais pressa à agoa & lenha, em cuja guarda tornou a cōtinuar Lopo de Sousa, por estar já saõ. Os imigos foraõ batendo o baluarte do már, & o de Gogalá, de que tambem foraõ mūy bem hospedados, matádolhes, & ferindolhes muita gente nas estancias. E posto que os nossos naõ receberaõ dano, ficaraõ pior do partido, pella muita poluora que despenderaõ,

que depois lhes veyo a faltar. Os capitaens Mouros vendo quanta gēte perdiaõ na defensão da agoa, mandaraõ lançar nos poços onde a yaõ buscar, grande quantidade de peçonha, de qlogo quis Deos os nossos fossẽ auifados, primeiro que della bebessem.

CAPITVLO V.

*Da armada que o Graõ Turco mandou pera lançar os Portugueses fora da India: & da derrota que leuou por todo o estreito: & dos portos, ilhas, & sorgidouros que tomou a tè chegar a Adem: & de como o Baxâ ouue aquelle Rey ás mãos, & o mandou enforcar.*



**S**OLEIMAÕ Baxâ tanto que despedio do Cairo pera Sués os officiaes, & cousas necessarias pera a armada que auia de leuar, ficou no Cairo recolhendo a gente que tinha mandado fazer pellas prouincias de Asia, & Ethiopia, ajuntando hũa grande soma de ouro & moeda, pera as despezas da jornada, tudo tyrannizado por aquelles pouos, que deixou bem escandalizados. E na entrada de Junho, se pôs em caminho pera Sués, mandâdo que se ajuntasse ali toda a gente

*Fernas mondes Pinto na im  
preza Castelhana fol. 299  
trata desta Armada -*



tar. Os  
quanta  
da agoa,  
os onde  
ntidade  
is Deos  
primei-

7.  
Turco  
s Por-  
lia: &  
por to-  
portos,  
que to-  
em: &  
aque-  
randon

Ó Ba-  
despe-  
to pera  
aes, &  
ariaspe  
uar, fi-  
a gente  
pellas  
pia, a-  
de ou-  
zas da  
por a-  
em ef-  
de lu-  
Sués,  
li toda  
gente  
a im

299

a gente meado Junho. Chegado áquelle porto deu pressa a armada, de que já achou a mór parte no mar, & a primeira cousa que fez foi despedir navios ligeiros pera todos os portos d'aquelle estreito, de hũa & da outra banda, a impedir com grandes penas, que nenhum navio partisse pera a Índia, nem saísse das bocas do estreito pera fora, por que não fossem as novas da armada ás orelhas dos Portuguezes. E así escreueo ao Xarife de Meca, que as naos em que Cafarcan fora de Cambaya, as tiuesse negociadas & prestes pera quando elle chegasse as levar comfigo. E tambem escreueo ao Governador de Iuda, q̃ tres naos que naquelle porto estauão de Amenzoy Mouro, grãde senhor no Cairo as tiuesse prestes, & que elle tambem o ajudasse com algũas naos suas. Com este recado mandaraõ todos fazer prestes as naos que lhe pedia, que se auiaõ de ir ajuntar com elle na ilha de Camaraõ por todo Julho: ficando o Baxá dãdo ordem a muitas cousas: & ao tempo limitado chegou a gente que esperaua, que era a seguinte.

Mil & quinhentos Ianiçaros da guarda do Turco: dous mil Turcos, que mandou fazer pella Tracia: tres mil homens outros dos portos da Natolia, de Damiata, de Alexandria, & de outros, de maneira que iriaõ por todos sete mil

homens. E tanto que chegaraõ fez pagas a todos, & repartio pella armada a gente Venezeana, que seriaõ coatrocentos homẽs, bombardeiros, comitres, calafates, carpinteiros: & aos vinte & dous de Junho se embarcou, & se afastou do porto, & foi sorgir no porto de Farã em coatro braças de fundo, lugar apartado de Sués hũa legoa & meya. Ali fez de notio alardo da gente, & armada. As pessoas principaes que nesta jornada yaõ, saõ as seguintes.

Isuf Amede, capitaõ mór do mar de Alexandria, que leuaua o gouerno de toda a armada, por ser o Baxá velho, & não poder correr com as cousas della. Chiclierchi Baxá de Alexandria. Beram Baxá, Mir Mostafa, ambos capitaens dos Ianiçaros. Mostafa Naxar. Outro Beram Baxá Ianiçaro: a fora muitos Sangiacos, & patroens das Galês, homẽs escolhidos antre todos os Ianiçaros do Turco. Ya também Cafarcan em hũa Galé, pera conselheiro do Baxá, por ser muito pratico nas cousas de Cambaya. Dali se fez o Baxá á vela, & seguiremos nesta jornada o roteiro de um Venezeano (dos que foraõ tomados em Alexandria) que ya por comitre de hũa destas Galês, que anda impresso em Italiano, & jũto as varias viagens, que recopilou Ioaõ Baptista Rannulsio, que por ser corioso, & nomear muitos portos & lugares, q̃ não andaõ nas nos

L fas



*Quinta Decada. Da historia da India.*

fas cartas de marear, nos pareceo bem seguirmolo aqui: & assi o faremos em algũas cousas do cerco, que elle conta, como testemunha de vista.

Saida a armada da ponta de Faraó, foi surgir em vm lugar que chamaõ, os doze poços de Moyses, tres legoas & meya adiante. Dali foraõ tomar Corondollo, quatorze legoas de jornada, onde forgiraõ em doze braças, (nestelugar ferio Moyses com a vara, & abrio o már, pera passar a outra banda.) D'aqui atraueßaraõ a costa da Arabia, & foraõ surgir no lugar de Toor, a onde ha muitos Christaõs dos que chamaõ de cintura, hũa jornada & meya do mosteiro de Sancta Caterina de monte Sinay: este dia andaraõ vinte & oito legoas, & nelle estiue- raõ cinco dias. Aos tres de Iulho deraõ á vela, & foraõ á tè vm lugar chamado Charas, treze legoas de Toor, & ali forgiraõ em doze braças. Ao outro dia foraõ caminhando, & passaraõ de longo de hũa ilha chamada Soridaõ, que está afastada da terra firme doze legoas: & por ser por ali tudo limpo, & o vento brando andaraõ toda a noite. Ao outro dia amanheceraõ de fronte de hũa grande serra, que está da banda do Abexim, chamada Marzoan, que está afastada do lugar de Charas, cincoenta & cinco legoas, que tantas andaraõ em duas noites & vm dia. Dali foraõ

nauegando á vista da terra do Abexim, & este dia, que foraõ seis do mês, andaraõ vinte & oito legoas: & aos sete do mês vinte & cinco: & aos oito vinte & oito. Esta noite toda nauegaraõ, & andaraõ outras vinte & oito legoas. Aos noue dias se lhe mudou o vento, & acharaõ hũa baixia afastada da terra firme oito legoas, & este dia & noite andaraõ duas & meya. Aos dez dias foraõ tomar vm porto chamado Cór, muito deserto, a onde forgiraõ em fundo de oito braças: aquelle dia andaraõ vinte & tres legoas. Aos onze de Iulho ao meyo dia, tendo andado sete legoas, chegaraõ á cidade de Ziden, mūy celebre em todo aquelle estreito, hũa jornada & meya antes da casa de Meca. Té esta cidade vm muito bom porto, de grãde escala, mas não tem agoas se não as da chuua, q̃ recolhem em cisternas. Vm pouco pella terra dentro está hũa muito celebrada mel-quita, em que os Mouros affirmão estar enterrada nossa mãy Eua. Os moradores daqui, & de toda aquella costa são Ethyopios, comem peixe torrado ao Sol, & são todos homẽs magros, & fuscõs, & andaõ quasi nus: aqui chegou a armada, com menos cinco nauios, que se perderaõ por effes baixos. Deteueße neste porto o Baxá coartro dias, em fazer agoa & refresco. Aos deza seis de Iulho se fez a armada á vela, & andou de noite & de



& de dia, a té entrar por antre hũa ilhas despouoadas, chamadas Atfas, que estão cento & cincoenta legoas de Zidem: & por antre ellas andaraõ tres dias & tres noites. (Aqui vem os pescadores da terra firme, & das outras ilhas pescar perolas, que achaõ em coatro braças.) Aos vinte & dous do mes foraõ tomar a ilha de Camaraõ, a onde a mór parte dos nauios de alto bordo estauaõ já esperádo. Aqui desembarcou o Baxá, & mandou dar querena ás Galés, & despedio duas fustas ligeiras, hũa a Elrey de Zebit, & outra ao de Adem, pera que lhe tiuessem prestes refresco, & agoa pera toda a armada: & ao Rey de Zibit que o esperasse no porto, & que lhe trouxesse os tributos que diuia, & lhe viesse dar a obediencia, como vassalo do Graõ senhor. Aqui fez o Baxá alardo da armada, & achou setenta & seis velas, por esta maneira.

Seis Galeaças, a que os Turcos chamaõ Maonas, dezafete Galés bastardas, vinte & sete Sotijs, noue fustas, dous Galeoens, seis Naos, & outras noue embarçaõens grãdes carregadas de salitre, poluora, biscouto, farinha, pilouros, artelharia, & todas as mais coulas necessarias pera tamanha armada. Aqui em Camaraõ esteue o Baxá dez dias, & aos trinta do mês se fez á vela, & ao derradeiro tendo andado vinte & oito legoas chegaraõ a hũa ilha chamado Tuicce,

a onde acharaõ a Fusta que foi com o recado a Elrey de Zebit, q mandaua vm presente ao Baxá, de espadas, & punhais laurados d'ouro & prata, com alguns rubijs, turquescos, & perolas, algũas rodellas, & cofos, mũy ricos, & outras peças curiosas. E lhe mandou dizer que fosse fazer a jornada contra os Portugueses, & que da volta o esperaria pera tudo o que lhe mandaua. Disto ficou o Baxá muito enfadado, mas guardou o pera seu tempo. A armada foi seu caminho, & ao primeiro de Agosto foraõ sorgir em duas braças junto da ilha Bebelmandel, que está na garganta do estreito, a que os Mouros chamaõ dos Robóis, que quer dizer dos Pilotos, por que ali os vaõ tomar os nauios que querẽ entrar pello estreito dentro.

A esta ilha chegou Afonso d'Albuquerque quando entrou aquelle estreito, & mandou nella aruorar hũa cruz mũy fermosa, & lhe pôs nome a ilha da vera Cruz: onde com taõ diuino marco tomaraõ os Reys de Portugal ha tantos annos a posse da garganta do mar roxo: permitirá o Senhor, que o Principe dom Felipe (depois de muitos & largos annos da vida d'Elrey seu pay do mesmo nome,) quãdo vier herdar os reinos de Portugal, mande & ordene, q este diuino marco passe a diante, & que seja elle o que execute



*Quinta Decada. Da historia da India.*

aquella tenção, que o felicissimo Emperador Carlos V. seu auó pôs ao redor de sua diuisa das columnas, Plus Ultra, & que fosse aquillo profecia do que em seus dias lhe aja de acontecer, passando nelles aquella columna de nossa redemção, a tẽ se plantar nos môtes de Sués, & Synai, & que faça leuãtar sumptuosissimos templos na casa de abominação de Masamede, pera que no lugar de tanta torpeza, se offereça ao altissimo Deos muitos sacrificios de louuor.

E tornando a nossa ordem. Ao outro dia que foraõ dous de Agosto, se fizeraõ á vela, & ao terceiro foraõ sorgir em Adem, que estã da boca do estreito pera fora corenta legoas. Elrey tanto que a armada sorgio, mandou visitar o Baxá com muito refresco, & peças de presente. Estes inuiados recebo o Baxá mûy bem, & lhes deu cabayas de veludo alto, & baixo, & os despedio com vm saluo conduto do Turco, pera que Elrey fosse seguramente verse com elle. Disto se mandou elle escusar, offerecendolhe tudo o de que tiuesse necessidade: do que o Baxá ficou muito agastado: & mandou logo destoldar as Galés, & pôr toda a gente em armas, & fazer prestes os Ianiçaros pera desembarcarem em terra, mandando adiante o Chachaya, a persuadir a Elrey que fosse seguramente vello. O Chachaya

se foi ver com Elrey, & depois de muitas praticas que com elle teue, o tomou sobre sua fé & palavra, com o que o segurou, & foi á Galé acompanhado de alguns dos seus principaes. O Baxá o recebo com muitas honras, & apartandosse com elle, com grande fingimento. E depois de praticarẽ algumas cousas, o despedio, dandolhe duas cabayas mûy ricas, lauradas d'ouro, & a todos os seus cada vm sua de veludo. E chegando á proa da Galé pera se embarcar, foi leuado nos ares pellos Ianiçaros, & enforcado no penaõ da verga, & jûto d'elle coatro dos seus os principaes. E logo mandou o Baxá vm Sanguaco, com quinhentos Ianiçaros pera ficarem em guarda d'aquella cidade.

Alguns escritores contaõ isto d'outra maneira: & dizem que de Zebit mandara o Baxá algumas fustas carregadas de Ianiçaros fingidos doentes, & que mandara pedir a Elrey de Adem que lhos agasalhasse & mandasse curar, & que nas padiolas que pera isso mandou fazer, em que os desembarcaram, leuaraõ secretamente armas, & que depois do Baxá chegado, vendo que Elrey o naõ queria ir visitar, mandara desembarcar a gente em terra, & fazer final aos doentes que estauaõ dentro, que já yaõ ensayados do que auiaõ de fazer, & que em os de fora cometendo a cidade, se leuantaraõ elles



elles cō suas armas, & fizeraõ grã-  
de destruiçãõ, & que tomaraõ El-  
rey, ou se lhes entregara, & o leua-  
raõ ao Baxá, que o mandou enfor-  
car. O Venezzeano que escreueo  
esta jornada, a conta da maneira q̃  
o nos temos dito: & isso mesmo  
os Mouros, que desta armada fica-  
raõ em Cambaya, com quem nós  
comunicamos estas cousas, & di-  
zem que naõ ouue taes enfermos.

CAPITVLO VI.

*Do que o Baxá fez em Adem,  
& do que lhe aconteeo a te  
chegar a Diu: & de como  
um Galeão seu foi ter desgar-  
rado à costa do Malauar,  
& foi tomado por Antonio  
de Soto Mayor: & de como  
por elle soube o Governador  
Nuno da Cunha as nouas  
da armada do Turco: & dos  
soccorros que de Goa parti-  
raõ pera Diu.*

**E**NFORCADO  
o Rey de Adem,  
mandou o Baxá a  
Beran Baxá cō qui-  
nhentos Ianiçaros, q̃  
se fosse meter na cidade, o que elle  
fez sem contradiçãõ algũa: & co-  
mo estes homens são crueis & so-  
berbos, logo começaraõ a pôr os  
moradores a fado, vñado deshuma-

nidades espantosas. Os Turcos da  
armada ouuindo a reuolta na ci-  
dade, acodiraõ lá, & ajudaraõ a as-  
solar, & roubar tudo, enchendosse  
todos de riquezas, por que estaua  
aquella cidade recheada de mui-  
tas fazendas ricas, por ser aquelle  
porto muiy continuado de todos  
os mercadores do Oriente. Solci-  
maõ Baxá general da armada co-  
mo era cheyo de cobiça, & com  
ser de oitenta annos, & Eunuco:  
sem ter ninguem pera quẽ o auer  
mister, naõ auia cousa que o farta-  
se. E sabendo das grandes rique-  
zas da cidade, naõ lhe sofrendo sua  
ambiçaõ, que outrem as lograsse  
se naõ elle, desembarcou em terra  
com os da sua guarda, & foisse pôr  
à porta da cidade que saya pera a  
banda do mar, & a todos os que  
fayaõ por ella pera se recolherem  
às Galês com suas prezas os bus-  
caua: & todo o ouro, prata, pero-  
las, pedraria, & dinheiro lhes to-  
mou. E assi lhes foi ter as mãos to-  
da a riqueza da cidade, ficando o-  
diado com todos os da armada.  
Depois de farto se recolheo, dei-  
xando a cidade muiy bem provida  
de tudo. E querendosse partir mã-  
dou tomar tres naos de Calecut, q̃  
ali estauaõ com suas fazendas, a  
quem elle tinha dado seguro quã-  
do logo chegou: & meteo nellas  
gente, & moniçoens, mantimẽtos,  
& outras cousas que na cidade a-  
chou. E a os dezanoue de Agosto  
se fez á vela, & foi seguindo sua  
L3 derrota



*Quinta Decada. Da hiſtoria da Índia.*

derrota com tempo muito freſco, & com algũas trouoadas, que lhe deſaparelharaõ algũs nauios, & ſe apartaraõ ſeis, correndo por onde cada vm pode. Hũa Galé quaſi deſtroçada foi tomar a enxada de Iaquete, na coſta dos Sanganes, a onde ſurgio, & mandaraõ a bateira a terra a buscar alguns mantimentos, por que todos os q̃ leuauaõ ſe lançaraõ ao már.

Os naturaes dali, que ſaõ mũy grandes ladroẽs, tomaraõ a bateira, & mata-raõ todos os que nella yaõ: & em algũas cotias foraõ cometer a Galé, rodeando por todas as partes, atirandolhe muitos tiros & pedradas (em que ſaõ taõ deſtros, como os das ilhas de Melhorca) com que lhes mata-raõ ſeſſenta peſſoas. E eſſes poucos que ficaraõ védolhe perdidos largaraõ a amarra, & deraõ á vela: & por terẽ venito por ſiſe foraõ ſaindo.

Das outras velas que ſe apartarrõ, foi vm Galeaõ, correndo tormenta quaſi perdido, & ferrou os Ilheos de Sancta Maria, na coſta de Canará, antre Baçanor, & Mangalor, a onde auia dous ou tres dias que era chegado Antonio de Soto Mayor, por capitaõ mór de alguns nauios, que tinha ſaído de Cananor, a onde eſtaua por capitaõ Fernande Anes de Soto Mayor ſeu pay. E ás oito horas de pella manhã ouue viſta d'aquella vela que foi demandar, & conheceo ſer de Rumes, & tomando as

armas a cometeo com grande aluoroço de todos os ſeus, pera o q̃ não ouue miſter perſuadilos, por q̃ o deſejo da honra foi o que os animou. E cercandoo á roda o bateiraõ fortemente, dandolhe grandes ſurriadas de arcabuzaria, de q̃ lhe mata-raõ muita gente: & não lhe ſofrendo o coração aquelle vagar, pozeraõlhe as proas abordando por todas as partes, começandolhe hũa muito alpera & rija batalha, mũy bem pelejada d'ambas as partes: & foi o negocio dẽ feiçaõ que aſſi aferrados lhes anoiteceo, determinando os noſſos de a não largarem, a té a renderem, ou morrem: & aſſi o fizeraõ, por que com morte da mór parte dos Turcos, entraraõ o Galeaõ já muito tarde: & de alguns que acharaõ ainda viuos ſoube Antonio de Soto Mayor ſerem da companhia de Soleimaõ Baxá, que ja deuia de eſtar em Diu. E informandolhe da armada, gente, & mais couſas, os mandou logo ao Gouernador, em vncatur muito ligeiro, pera delles ſaber a verdade de tudo. Eſte nauio chegou em poucos dias a Goa, & com as nouas que leuou pós toda a cidade em reuolta.

O Gouernador depois de informado de tudo, foiſſe pór na ribeira, & mandou negociar a armada, por que logo determinou de ir pelear com os Rumes. Alguns fidalgos & caualeiros tomaraõ o meſmo dia que a noua chegou catures ligeiros



ligeiros, & conuocando soldados de sua obrigação fairo pella barra fora, & tomaraõ o caminho pera Diu: & estes foraõ tres. Fernão de Moraes, Simão Rangel de Castello branco, & Antonio d'Araujo, & Gaspar d'Araujo, ambos irmãos de Payo Rodriguez d'Araujo, que yaõ juntos em um catur. Cada nauio destes leuaua vinte soldados: & os caualeiros principaes que antre elles yaõ, a que soubermos os nomes foraõ: Lançarote Pereira, Rodrigo Homem, Antonio Manhõz, Tristaõ da Sylua, & Fernão Correa. Destes capitaes, só Fernão de Moraes se despedio do Governador, que escreueo por elle a Antonio da Sylueira, q̃ estivesse de bom animo, por que elle se ficaua preparádo pera o soccorrer. E así logo despedio recado a Martim Afonso de Souza, que inuernou em Cochim, pera que se apressasse com toda sua armada, por que ficaua esperando por elle, pera ir buscar os Rumes. E escreueo á cidade as nouas que tinha, pedindolhe o ajudassem com toda a gente, & nauios que podesse: representandolhe a necessidade em que a fortaleza de Diu estaua.

E tornando a continuar com Soleimaõ Baxá, foi seguindo sua derrota, corrédo o mesmo tempo com bem de trabalho: & a cabo de muitos dias foi auer vista da terra, na paragem de Mangalor, na costa de Diu. E correndo de

longo della aos tres de Setembro, foi vista a armada de Miguel Vaz, que a andaua por ali vigiando: & tanto que a vio notou muito denegar o numero, & depois de se certificar deu á vela pera Diu: da nossa fortaleza foi visto, & logo entêderaõ que vira a armada dos Rumes, que os Mouros da cidade começaraõ a enxergar de cima das mesquitas, & os nossos viraõ acudir pera fora toda a gente da cidade, pera a verem. Miguel Vaz chegou á fortaleza, & deu ao capitão as nouas da armada, & não fazendo aquillo abalo algum em seu animo, logo ali escreueo ao Governador hũa breue carta, em que se reportaua a Miguel Vaz, & o despedio com ella, encomendandolhe que com a mór breuidade q̃ podesse, leuasse aquellas nouas ao Governador. Miguel Vaz se sayo logo pella barra fora, & como era homem animoso, quisse segurar de nouo na copia dos nauios pera falar pontual, pois o capitão se reportaua na carta a elle. E tomado o remo na mão foisse pór ao már por descobrir a armada, que ya de longo da terra á vela bulcando o pouso pera surgir, & esteue muito á sua vontade notandoa, & contãdo as velas. Os Turcos enxergaraõ aquelle nauio ao már delles, & saindolhe doze Galés ligeiras o foraõ demandar. Miguel Vaz deu á vela por ser o vento bom, & foisse engolfando: as Galés meteraõ o bafardo,



*Quinta Decada. Da historia da India.*

stardo, & tomaraõ o remo, indoo  
seguindo muito apressadamente,  
& entrandoo muito. Isto tudo se  
via muiy bem da fortaleza, & ou-  
ueraõ que o nauio não poderia ef-  
capar, o que em estremo sintiaõ,  
tendoo por perda notauel se tal  
fosse, & por roim pronostico em  
principio do cerco que esperauaõ.  
Miguel Vaz, que era homem mui-  
to esperto, & bom caualeiro, foi  
com grande segurança, animando  
os marinheiros, & lançandolhes  
dinheiro a todos, pera trabalharẽ  
com mais vontade, & elles assi o  
fizeraõ de feição, que se desfaziaõ.

E como Deos nosso Senhor ti-  
nhá os olhos n'aquella fortaleza,  
& não a queria desamparar: per-  
mitio, que depois de muitas horas  
que o seguiaõ, no tempo em que  
ja cuidauaõ q̃ o tinhaõ nas mãos,  
nessẽ lhe encalmasse o vento, com  
o que o nauio que era pequeno te-  
ue tempo, & mais occasiaõ pera v-  
sar do remo, muito mais desemba-  
raçadamente: & assi se foi saindo  
das Galés muito á sua vontade. Os  
Turcos magoados de assi lhe ef-  
capar das mãos, lhe atiraraõ com  
algũas esperas, cujos pilouros de-  
raõ por derredor da Fusta, que se  
ya escoando com vento galerno,  
& com o remo muito bem. Os  
Turcos tornaraõse pera a armada  
que ja estaua surta defronte das  
melquitas grandes. Miguel Vaz  
vendosse ja desapressado, deu fol-  
ga aos marinheiros, animandoos,

& louuandoos, & dandolhes do  
seu dinheiro, & assi o deixaremos  
ir seu caminho, pera cõtinuarmos  
com as cousas de Diu.

Alucan, & Cogeçofar, tanto q̃  
viraõ a armada surta, embarca-  
raõse cada vm em seu nauio, & fo-  
raõ por fora da ilha da banda do  
ponente a visitar o Baxa, que os  
recebeo com muitas hõras, & del-  
les soube o estado em que a nossa  
fortaleza estaua, facilitandolhe sua  
tomada, pedindolhe artelharia, &  
moniçõs: & que se deixasse estar,  
& descansasse, que elles lha entre-  
gariaõ. O Baxá festejou muito a-  
quellas esperanças, dandolhes os  
agardcimentos da vontade & de-  
sejo que mostrauaõ ao seruico do  
Graõ Senhor.

CAPITVLO VII.

*De como os Janiçaros desem-  
barcaraõ em terra, & sa-  
quearaõ a cidade: & da vista  
que deraõ â nossa fortaleza:  
& de um espantoso cometa q̃  
se vio no ceo: & de como a ar-  
mada esteue perdida naquel-  
le pouso, & se passou a Ma-  
drefaual.*



M quanto os capi-  
taens d'Elrey de Cã-  
baya se detiueraõ  
na Galé, falandosse  
os Ianiçaros vns cõ  
os



hes do  
aremos  
uarmos  
tanto q  
nbarca-  
o, & fo-  
nda do  
que os  
, & del-  
a nossa  
lhe sua  
aria, &  
e estar,  
entre-  
uito a-  
hes os  
& de-  
iço do

I.

esem-  
sa-  
vista  
leza:  
eta q  
o a ar  
quel-  
Ma-

capi-  
e Câ-  
teraõ  
dossẽ  
s có  
os

os outros, tomaraõ as bateiras, & outras embarcaçoens, & desembarcaraõ em terra por vezes, setecentos delles, & foraõ á cidade, & com a desordem & braueza com que costumaõ fazer suas coufas, a entraraõ & meteraõ a saco, roubando, & escalando o melhor della: & tomando as molheres & filhas aos naturaes, deshonrandoas, & tratandoas mal, não lhes escapando os aposentos do Alucan, q̃ tambem foraõ estragados, leuandolhe toda sua recamara, de ouro, prata, arreos, & tudo o mais de valia, que mandaraõ pera as Galés. E por que vinhaõ taõ arrogantes, q̃ cuidaõ que elles sós bastauaõ, pera tomarem a nossa fortaleza, a foraõ cometer, pondossẽ derredor dos muros ás elpingardadas, & ás frechadas: & cometẽdo as portas, cuidaraõ q̃ as leuassẽ nas mãos: mas em breue espaço foraõ desenganados, por que os nossos das primeiras furriadas lhe derribaraõ cincoenta logo mortos, & lhes feriraõ mais de cento, do que ficaraõ taõ escandalizados, & amedrontados, que com a soberba perdida se foraõ recolhendo, custando porẽ esta breue vista as vidas de seis dos nossos, & vinte feridos. O Baxá, sem saber o que ya na cidade despedio Alucan, & Cogeçofar.

Estes chegaraõ á cidade, que a acharaõ posta em pranto, & entaõ foubearaõ o destroço que os lantçaros andaraõ por ella fazendo, a

tẽ chegarem a suas casas, onde acharaõ tudo escalado, & roubado. Alucan entendendo que pior auiaõ elles de ficar da vinda dos Rumes, que os Portugueses (por q̃ bem sabia delles, quaõ bem costumauaõ a defender suas coufas: & que por fim do negocio auia o Baxá de se querer satisfazer nelles) não querendo aguardar ali mais, passou se á outra banda, & tomou logo o caminho de Amadaba, leuando a mór parte da sua gente, indo taõ escandalizado, q̃ por toda a parte por onde passaua ya metendo em odio com os Turcos: & o mesmo fez com Elrey, a quem deu conta do que passaua: affirmãdolhe que os Portugueses d'aquella feita lhe auiaõ de defender seu reino: por que se elles não estiueraõ n'aquella ilha, sem duuida se auiaõ de fazer senhores della, & dali pouco & pouco de todo o reino do Guzarate. Mas que elle sabia mûy bem, que assi auiaõ de ficar escandalizados das mãos dos Portugueses, que quando bem escapassem, seria destroçados, afrontados, & com a soberba perdida.

O mesmo dia que o Baxá sortio, chegou a elle hũa fusta, que Elrey de Cambaya lhe mandou chea de refresco: por que em tendo as primeiras nouas, a despedio pera o ir tomar, a onde quer que o achasse, tudo isto passou este dia.

E tanto que anoiteceo ás dez horas



*Quinta Decada. Da historia da Índia.*

horas, viraõ todos ir corrédo pelo ár vm cometa á maneira de traue de fogo : que foi da banda da cidade a té parar sobre a armada dos Turcos, a onde se esteue desfazendo em labaredas. Foi isto visto de todos com geral espanto, mas com differente agouro: por q os nossos o tiueraõ por final de lhes Deos fazer muitas merces, & os Rumes a notaraõ a muito roim prodigio:& o Baxá que de sua natureza era acouardado, ficou com receos,& desconfianças. A esta sorte de cometas (segundo Plinio, & outros autores) chamaõ os Gregos Docci, que quer dizer, traue, pello parecer que com ella tem, Outra semelhante a esta se vio tambem desfazer sobre a armada dos Lacedemonios, quando foraõ vencidos no már, & perderaõ o Imperio de Grecia.

E tornádo á nossa historia : taõ escandalizados ficaraõ os Gentios da cidade das cruezas, & deshumnidades dos Turcos, q muitos delles se passaraõ á outra banda, & outros se recolheraõ debaixo dos muros da nossa fortaleza. Disto foi auisado o Baxá, & despidio ao outro dia vm capitão cõ o seu Chachaya, com dous mil homens, pera quietarem aquella gente, por q de todo se não despejasse a cidade, no que se fez pouco, por que ficaraõ todos taõ amedrontados, q se não quiserãõ mais fiar dos Turcos : & poucos & poucos se passa-

raõ á outra banda, ficando a cidade quasi deserta.

Antonio da Sylueira não estava descuidado na fortaleza, antes de dia & de noite sem tomar repouso trataua de se fortificar, & reparar o melhor que podia : mandando prouer o baluarte da outra banda de todas as monçoens, & cousas que lhe pareceraõ necessarias, por que receou que depois q os Turcos desembarcassẽ, o não podesse fazer. E mandou aleuantar a ponte que ficaua sobre a caua, & tapar as portas de pedra & cal. O mesmo mandou fazer no baluarte de Gogalá, por que tiuesse menos cousas que guardar. E mandou reformar o baluarte do már de que era capitão Antonio de Sousa Coutinho, a quem deu corenta soldados : & de forte proueo tudo, & em tudo, que quando os Turcos desembarcaraõ já não auia que fazer.

O Baxá esteue furto de fronte da mesquita a té os sete dias do mês, em que lhe deu hũa tormẽta do Sul taõ braua, que esteue a armada de todo perdida. Os nossos que da fortaleza viaõ a braueza do már, & o trabalho em q estauaõ, pediaõ a Deos com grandes oraçoens, que crecesse a tormenta, & que os Turcos perecessẽ nella : & ouue pessoas que fizeraõ grandes votos pera isso. Os barreis dos Galeoens que yaõ da terra carregados de gente foraõ comidos



dos das ondas, sem escapar hũa só  
pessoa. E em toda a armada crecia  
o trabalho, por que tambem o tẽ-  
po era cada vez mayor. As Galés  
desembarcaram, & recolherão de-  
tro a apellação, tendo ja todas as  
postças quebradas, & a mór parte  
dellas os esporoens, & estauão em  
estado, que não apparecia dellas  
mais que os cascos. Os Galeoens  
perderão algũas ancoras, & alija-  
rão a mór parte do que traziaõ:  
durou a tormenta vinte & coatro  
horas. E tanto que o vento acal-  
mou, receandosse o Baxá de outro  
perigo (por que naquelle se vio de  
todo perdido) leuouffe com toda  
a armada, & foisse pera Madrefa-  
ual, que he pouco mais de cinco  
legoas de Diu, pera dentro da en-  
ceada, pera ali espalmar, & concer-  
tar as Galés, que ficaraõ de todo  
destroçadas, & á vela foi passando  
á vista da fortaleza, mas afastado  
por se recear da artelharia, & a foi  
saluando por ordem. Antonio da  
Sylueira lhes mandou responder,  
deitandolhes dentro nas Galés al-  
guns pilouros grossos, pera que vis-  
sem o com que os auiaõ de hospede-  
dar. Chegados a Madrefaual, ao  
entrar do porto se lhe perderão  
coatro naos de virtualhas. O Baxá  
desembarcou em terra, & mādou  
armar tendas, & despejar as Galés,  
pera se concertarem.

Ali foi ter com elle Cogeçofar,  
& trataraõ ambos o modo que se  
auia de ter no situar da nossa for-

taleza, & assentaraõ, que, por que  
a armada não podia entrar em  
Diu, pello risco que corria da arte-  
lharia da fortaleza, & baluarte do  
már, que mandassem cercar o ca-  
stello de Gogalá, & que depois de  
tomado se passasse por ali toda a  
gente, artelharia, & petrechos ne-  
cessarios pera o cerco. Com esta  
resolução mandou o Baxá desem-  
barcar a artelharia que estaua nas  
coatro Maonas, (a que nos chama-  
mos Galeças) que eraõ tres bafa-  
liscos, seis esperas, que encarregou  
a Beran Baxá Ianiçaro, com mil &  
quinhentos Turcos, pera ir em cõ-  
panhia de Cogeçofar, a cercar, &  
bater o castello de Gogalá, em  
quanto elle mandaua reformar a  
armada. Este mesmo dia chega-  
rão ali, hũa nao, & hũa Galé das q̃  
desapareceraõ no caminho, & ao  
entrar da barra deraõ no banco,  
em que se perdeo a nao, que ya  
carregada de poluora, moniçoens,  
& outras virtualhas: & a Galé se ti-  
rou & concertou.

#### CAPITVLO VIII.

*De como Elrey dom Joaõ tra-  
tou de madar à Índia o inff-  
fante dom Luis, seu irmão,  
pellas nouas que teue de Con-  
stantinopla, da armada que o  
Turco mandaua: & das re-  
uoltas que ouue no reino, so-  
bre*



*Quinta Decada. Da historia da India.*

*bre Elrey querer obrigar os morgados ao acompanharem. E de como o Iffante desistio da jornada, & foi eleito dom Garcia de Noronha por Visorey. E da armada que leuou no anno de 1538. E de como Elrey ouue bullas do Papa, pera fazer Bispado a igreja de sancta Caterina de Goa. E do primeiro Bispo q se sagrou.*

Anno 1538.

**D**E POIS de Elrey dom Ioão despidir em Outubro a armada que dissemos, por ter nouas de Galés, lhe chegou recado certo da copia da armada que o Turco mandaua preparar em Sués, & dos grandes apercebimentos que em Constantinopla se faziaõ pera aquella jornada. Isto meteo grande aluoroço em todo o reino, & algum temor em Elrey, que neste tempo estaua em Euora, onde auia cinco ou seis annos que residia, por estar afeiçoado á terra, & se achar nella bẽ, pello que se não sabia sair della, de que todo o reino estaua escandalizado, pellos muitos gastos que os fidalgos faziaõ em seguirem a corte. As nouas das Galés, q correrão por todo o reino, acodiraõ muitos fidalgos a se offerecerem pera á-

quella jornada, a que Elrey determinaua de acodir com mui groso poder, por que naquelle negocio estaua perderse ou ganharse a India. E pondo estas cousas em conselho, ouue alguns de parecer, que mandasse o Iffante dom Luis seu irmão, por que tão que os homẽs o vissem embarcar, todos auiaõ de folgar de o acompanhar. Outros dizem que o mesmo Iffante se offerenceo. Como quer que fosse Elrey o declarou pera a India com corenta naos, & oito mil homens. Com isto todos os fidalgos de sua casa que tinhaõ posse, mandaraõ com muita pressa tomar naos por Villa de Conde, pello Porto, por Aueiro, & por outros lugares, começandosse a fazer prestes, com o que se meteo todo o reino em reuolta. Elrey mãdou chamar muitos fidalgos velhos & ricos, pera irem com o Iffante seu irmão, & quis obrigar os morgados ao acompanharem, como costumaua a fazer aos soccorros de Africa. A isto acodiraõ os pays agrauandosse d'Elrey. Dos primeiros chamados foi dom Pedro Deça, de Sanctos: que se escusou com dizer que elle não possuy a cousa algũa da coroa, & se algũa cousa tinha, que bem lha podiaõ tirar. Elrey escandalizado o mandou riscar dos seus liuros. Pella mesma maneira se escusaraõ outros, ainda que mais suauemente. E todauia insistindo Elrey em mandar os morgados, agraua-



agruaraõ seus pays pera a mesa da consciencia, a onde allegaraõ de sua justiça. Era presidente della o Bispo de Coimbra dom frey Ioaõ Soarez, religioso da ordem de Santo Agostinho, que fora mestre do principe seu filho, q com os deputados pronunciou, que Elrey não podia obrigar os morgados a ir á India: por que como aquella terra fora descuberta pera commercio & trato, não tinhaõ os morgados obrigação de acudir a ella: & que só aos lugares de Africa por serem fronteiros os poderia obrigar. Vendo Elrey aquillo desistio da ida do Iffante (posto que diziaõ os pragueiros, que a Raynha dona Caterina, & o Conde da Castanheira foraõ a causa principal de sua ficada, allegando inconuenientes de grandes gastos, & despezas, q o reino não podia soprir, & do titulo que se auia de dar ao Iffante: & q aquillo era quasi separar a India da jurdição do reino: com outros que nós sendo moço ouuimos na guarda roupa do Iffante, a onde nos criamos de idade de dez annos a tẽ elle falecer.

Em fim desistindo Elrey deste negocio, tratou em seu conselho o que faria no soccorro & prouimentos das cousas da India, & que armada mandaria: & assentou se que fossem coatro mil homens em doze naos: & que prouesse a India de vm fidalgo velho com titulo de Visorrey, por que fol-

gassem muitos fidalgos que desejauaõ de se achar no negocio das Galés, de o acompanhar: o que pella ventura não quereriaõ fazer a nenhum capitaõ mór. E que com os Turcos ouuiren, que era chegada á India hũa armada gróssa, com vm homem intitulado por Visorrey, causaria nelles o espanto, que soya causar aos inimigos do pouo Romano, quando se elegia Dictador. E que bem podia ser que só esta fama os fizesse aleuantar do cerco que tiuessem posto, em qualquer das fortalezas da India. Isto pareceo bem a Elrey, & lançando os olhos a todos os fidalgos do reino, satisfes se muito de dom Garcia de Noronha (assi pellas partes & qualidades de sua pessoa, & pellas mostras que tinha dado de seu saber, & esforço, em todas as cousas em que se na India achou em companhia de Afonso d'Albuquerque seu tio, como pella grande pessoa que tinha) por que era vm dos maiores homens do reino, & por ser muito cheyo de cans, que sempre são muito respeitadas: por q naquelle tempo era homem perto de setenta annos, que só esta era a tacha que todos lhe punhaõ, o que a Elrey pareceo milhor que tudo: por que só pretendeo buscar homem que soubesse mandar, & a que todos folgassem de obedecer: por que pera pelejar, todos os Portugueses o faziaõ muito bem.

M Tristaõ



*Quinta Decada. Da historia da India.*

Tristaõ da Cunha pay do Governador Nuno da Cunha, q̃ ainda viuia, vendo que Elrey disistia da ida do Iffante, & que elegia outro homem por Visorrey da India o sintio muito, & agrauouffe a Elrey, de satisfazer a seu filho taõ mal tantos seruiços como lhe tinha feito, em perto de dez annos que na India o siruia, & que quem lhe tinha dado as fortalezas de Diu, & Baçaim, tambem lhe dera as Galés dos Rumes se passassem á India: por que elle confiava de seu filho, que estaria já no már com vm muito grosso poder pera os ir buscar. E que não parecia justiça, que a armada que elle com tanto luor auia de ter negociada, fosse outrem a tomarlha, & roubarlhe com ella a honra, que esperaua da vitoria dos Turcos, & mais quando seu filho o não tinha deseruido em cousa algũa. Elrey diziaõ que desejava bem de satisfazer aos agrauos de Tristaõ da Cunha: mas já que não podia, consou o, & quietou o, com palauras satisfatorias á honra de seu filho, como principe muito Christaõ, & que desejaua de não agrauar seus vassallos. E assi foi dando grande pressa á armada, com que correo o Conde de Castanheira, que era Veador da fazenda.

Vendo Elrey que já tinha prouido a India de nouo capitaõ no temporal, o quis tambem fazer

de outro no espiritual, pella necessidade que na India auia delles: pello muito que creciaõ as coufas de nossa Religiaõ Christam: por que o Bispo dom Fernando Vaqueiro, da ordem de São Francisco, que Elrey mandara á India o anno de trinta & dous, na armada do Doutor Pero Vaz d'Amaral (como na coarta Decada ficado no liuro oitauo, capitulo segundo) falecera o anno de trinta & coatro, estando em Ormuz, a onde jaz enterrado na igreja da fortaleza, na parede da capella mór, a onde tem hũa pedra com duas vaccas, q̃eraõ suas armas. E por q̃ a India estaua em necessidade de prelado, quis prouer nisso, & suplicou já o anno passado ao Summo Pontifice Paulo III. que lhe concedesse fazer Arcebisnado a Sé do Funchal, & Bisnados as igrejas, São Salvador do Cabo verde. Sanctiago da ilha de São Thome. E sancta Caterina de Goa, mandandolhe consentimento. pera que lhes podesse aplicar de suas rendas quinhentos cruzados a cada Bispo, pera as suas mezas, & pera as ordinarias das dignidades da igreja de Goa, com que só continuaremos.

Cem cruzados ao Adayaõ, coarenta ao Arcediago, & outros tantos ao Chantre, Thesoureiro, Mestre Scola, & trinta cruzados a cada conego, que auiaõ de fer



fer doze: o que tudo lhe concedeo o Summo Pontifice, per suas bullas Apostolicas, com priuilegio pera os Reys de Portugal, poderem apresentar os Arcebispos, Bispos, & todas as mais dignidades, Vigairarias, beneficios, como Mestre que era da ordem da cavallaria de nosso Senhor IESV Christo. E que os limites da diocesi de Goa, começassem, & se acabassem, & fossem instituidos & julgados, des do cabo de boa Esperança, a tè a India inclusiuè: & da India a tè a China, com todos os lugares assentados, assi nas terras firmes, como nas ilhas, achadas, & por achar: em que os Reys de Portugal tiuesse fortalezas, & morassem Portugueses & Christãos, anexando assi este Bispado, como os de São Thome, Cabo verde, ao direito da Metropolitana do Funchal, como se vé mais largamente nas Bullas que andão no tombo da Sé de Goa, a onde nós vimos isto.

Elrey com estas bullas nomeou pera Bispo de Goa, vm dom Francisco de Mello homem fidalgo, que foi sagrado em Lixboa com grandes cerimonia. E por falecer este veraõ em que andamos, suplicou Elrey novos breues, por cuja virtude nomeou pera Bispo de Goa, vm frade da Ordem do glorioso Padre saõ Francisco, chamado dom Ioaõ d'Albuquerque, Castelhana, varaõ Apostoli-

co, & virtuoso, da prouincia da piedade, em Portugal: a que por virtude de outro breue, lhe deu Elrey por coadiutor, & futuro soceffor, outro religioso da mesma ordem, chamado frey Vicente, homé virtuoso, & muito bõ letrado. A que mandou fazer prestes, & lhes deu despezas, & todas as cousas necessarias pera sua embarcação.

E por que pera a copia da gente que Elrey queria mandar, ya faltando muita, passou hũa prouisão, & perdaõ geral, em que auia por perdoados todos os casos, (tirando o da fé, & lesa majestade,) & todos os degredos, ou por tempo limitado, ou pera sempre, a todo o homem, com tanto que se embarcasse n'aquella armada pera a India. Esta prouisão se publicou por todo o reino, a que acodiraõ muitos homens a se registarem: & por que ainda com isso não enchia a copia, mandou Elrey por todas as cadeas & prisoes do reino, que todos os homens que estiuesssem presos, degradados, & ainda sentenciados á morte, se leuasssem ás prisoes de Lixboa, pera dali se embarcarem pera a India: comutando aos sentenciados á morte, em pena de degredo perpetuo pera aquellas partes, & aos de degredos perpetuos, em tres annos: & aos de tres, & coatro, que lhos perdoaua embarcandosse pera a India.

Antre muitos que acodiraõ a este



*Quinta Decada. Da historia da India.*

este edicto geral, foi um fidalgo chamado Manoel de Mendoça, que estava degradado por nove annos para os lugares de Africa, por matar um homem, de que Elrey estava muy escandalizado. Este acodio á corte com dous irmãos seus, Ioaõ de Mendoça, & Diogo de Mendoça, offerecendo-se a Elrey para aquella jornada, o que elle estimou muito. E pedindolhe o Manoel de Mendoça perdao do seu degredo: não quis Elrey, mas disselhe, que pois todos tres yaõ á India, que se repartisse por elles o tépo do degredo: & que andando todos tres na India tres annos, lhe auia por supridos os nove, & que lhes faria merces, pello q̃ lhe bejaraõ a mão, & se fizeraõ prestes.

O Conde da Castanheira deu tal pressa á armada, que meado Março a fez á vela, & Elrey a foi lançar fora. Era esta armada de onze naos, em q̃ yaõ de ventagem de coatro mil homens, muito dinheiro, armas, monicoens, artelharia, & todas as mais cousas necessarias, & muitos & muito honrados fidalgos contentes, & satisfeitos, por q̃ a todos fez Elrey merces de dinheiro, fortalezas, cargos, ordenados, & outros despachos, por q̃ entendia bem quaõ necessario era homẽs contentes para a guerra.

Os capitaens que nesta jornada yaõ nas naos eraõ Bernaldim da Sylueira o Drágo, q̃ ya despacha-

do com a fortaleza de Diu (com quem se embarcaraõ todos os homiziados, & degradados: & todos os mais condenados á morte, que se tiraraõ das cadeas do reino) Ioaõ de Sepulueda, filho de Diogo de Sepulueda fidalgo Castelhano: que em Portugal casou com hũa mulher fidalga, do apelido dos Soufas, da casa do Pradõ. Este Diogo de Sepulueda auia ja sido capitaõ de Cofala, & da mesma fortaleza tãbem o filho ya prouido. Dõ Ioaõ de Castro, filho de dõ Aluaro de Castro, gouernador da casa do ciuel, a quem Elrey daua a fortaleza de Ormuz, que elle não quis aceitar, dizendo q̃ lhe não tinha merecido, q̃ como lhe merecesse entaõ lhe faria merce della, o q̃ Elrey estimou muito: & lhe fez merce de coatro cẽtos mil reis de tẽça em cada um anno, em quaõ andasse na India. Dõ Francisco de Meneses, filho de dom Anrique de Meneses, irmão do Marquez de villa Real. Este dom Francisco era um dos milhores, & mais bem acondicionados fidalgos, & das milhores partes que auia em seu tempo, ou ao menos, nenhum lhe precedia em cousa algũa: ya despachado com a fortaleza de Baçaim. Dõ Christouaõ da Gama, que ya prouido da fortaleza de Malaca, era filho de dom Vasco da Gama, o primeiro Conde Almirante. Dom Garcia de Crasto que leuaua a de Goa. Luis Falcaõ a de Baçaim.

Ruy



Ruy Lourenço de Tauora a mesma fortaleza. Dom Ioaõ Deça a de Goa. Francisco Pereira de Berredo, que ja tinha sido capitão de Chaul.

Os fidalgos aventureiros que se embarcaram nesta armada, os de que podemos saber os nomes são os seguintes. Dom Aluaro, & dom Bernardo de Noronha, filhos do Visorrey dõ Garcia de Noronha. Dom Martinho de Sousa, filho de dom Iorge de Sousa. Dom Ioaõ Manoel, d'alcunha o Alabastro, por ser muito gentil homem, filho de dom Nuno Manoel, & irmão de dom Fadrique Manoel. Este dom Ioaõ tinha mais de um conto de renda, & por um desgosto que se embarcou contra vontade dos irmãos & parentes. Dom Luis de Tayde, que depois foi Conde d'Atougia. Dom Antonio de Noronha Catarras. Fernão da Sylua, commendador & alcaide mór de de Alpalhaõ. Dom Diogo d'Almeida, filho do Contador mór, a que depois na India chamaram o alfenim, por ser muito mimoso & limpo de sua pessoa, & foi sempre tamanho na India, & lhe tiueram todos tanto respeito, que em sua ausencia o nomeavam todos os fidalgos, pello senhor dom Diogo. Dom Ioaõ Mascarenhas. Francisco Lopez, & Pero Lopez de Sousa, ambos irmãos. Dom Ioaõ Anriquez. Dõ Duarte Deça. Os tres irmãos Manoel, Ioaõ, & Diogo de

Mendoça. Dom Iorge de Menezes, que depois se chamou, Baroche. E outros fidalgos & cavaleiros. E por Veador da fazenda geral da India, o Doutor Fernão Rodriguez de Castello branco: que lá tinha ja sido Prouedor mór dos defunctos, & Ouvidor geral: que fez despois em Lisboa hũa casa junto de nossa Senhora da Graça, q' agora são do Comendador mór dom Dinis d'Alencastro.

CAPITULO IX.

*Do que aconteeceo na jornada a esta armada, a té chegar a Moçambique, & se perdeu o Galeão de Bernaldim da Sylueira o Drago. E de como dali despedio o Visorrey Anrique de Sousa Chichorro com cartas à Elrey: & de como o Visorrey chegou a Goa: & das cousas em que logo proueo.*



AD A armada á vela, foi seguindo sua derróta, não lhe faltando a variedade & inconstancia dos tempos que soem auer em tão comprida viagem, em que desapareceo a nao de Bernaldim da Sylueira o Drago, em que yaõ todos os homiziados, que o tempo comeo, o que pareceo permissão divina; de toda esta armada não se

M 3 perder



*Quinta Decada. Da historia da India.*

perder outra se não ella: por que como leuaua muitos homens condemnados á morte por casos graues & feyos, parece que quis Deos nosso Senhor fazer justiça delles, já q̃ em Portugal se não fizera: por que não se ouue por seruido ainda neste negocio que era de sua honra (pois yaõ a pelear por sua santa fé contra seus imigos) de homens tão abominaueis & crueis, como alguns que ali yaõ. Todas as mais naos chegaraõ a Moçambique, & o Visorrey foi muito festejado de Aleixo de Sousa Chichorro q̃ ali estaua por capitaõ: mandando agasalhar todos os doctes das naos, que eraõ muitos, em casas, & ramadas, que pera isso mandou ordenar, curando a todos, & dando-lhes todo o necessario do seu dinheiro, como fez aos doentes de todas as naos, que em seu tẽpo ali foraõ ter: por que em todos os seus tres annos, o mór emprego q̃ fez, foi nestas & outras obras de charidade, & misericordia, em que gastou tudo o que aquella fortaleza lhe deu, pello que sayo della tão pobre, como adiante se verá. O Visorrey mandou dar muita pressa a agoada das naos, & a outras cousas necessarias, por que determinaua de se partir logo.

E por que achou ali a nao, em q̃ fora por capitaõ Anrique de Sousa Chichorro, como atras temos dito no capitulo 7. do 2. liuro, querẽdo mostrar-se agardecido ao

gasalhado que lhe seu irmão Aleixo de Sousa Chichorro fez na aquella fortaleza, determinou de o mandar com nouas a Elrey de sua chegada, por que como elle estaua escãdalizado do mesmo Anrique de Sousa, por certas palauras que disse ao partir do reino, q̃ depois Elrey soube, por que o mandou riscar de seus liuros, quis o Visorrey dar-lhe esta jornada, pera se reconciliar com elle: escreuendolhe largamente do socello da viagem, & de como chegara a Moçambique com todas as naos, saluo a de Bernaldim da Sylueira o Drago, de q̃ não auia nouas: & que ainda ali não achara nenhũas dos Rumes, & q̃ a India estaua de paz, & quieta: & que se partia entrada de Agosto: dando por regimẽto a Anrique de Sousa, que se partisse dali na entrada de Nouembro, como fez: & chegou ao reino a saluamento. E não achamos lembrança se tomou ainda as naos que auiaõ de partir aquelle anno pera a India: mas sabemos que Elrey estimou muito as nouas do Visorrey, & perdoou a Anrique de Sousa, & o tornou a mandar assentar em seus liuros.

O Visorrey deu á vela entrada de Agosto, & foi seguindo sua derrota a tẽ a barra de Goa, onde foi surgir a doze de Setembro com noue naos: por que a de Ioão de Sepulueda por mã nauegação foiz se encostar a Sacotora onde as agoas



agoas a leuaraõ, & por causa dellas se deteu ali tanto tempo, que por não ser ja moução pera passar a India, foi inuerner a Ormuz. As nouas da chegada do Visorrey dom Garcia de Noronha soaraõ logo por Goa, & os fidalgos como he muito antigo na India, largando o Governador Nuno da Cunha, foraõ logo á barra a visitalo. Nuno da Cunha sintio muito o agrauo q̃ lhe Elrey fez, & por cartas de seu pay Tristaõ da Cunha soube o q̃ com elle passara sobre aquelle negocio: & assi se malenconizou, q̃ nunca mais o viraõ alegre: & todaui mandou visitar o Visorrey. Os Vereadores da cidade acodi-raõ a darlhe os parabês de sua chegada, & a saber quãdo auia de ser sua desembarcação, por que lhe queraõ ordenar recebimento: elle lhes agradeceo muito aquelle desejo, dizendolhes, que não era tempo de detenças, & que ao outro dia auia de desembarcar. Pello que elles se foraõ pera terra, & fizeram com muita breuidade as cousas que conuinhaõ pera o receberem.

O Governador como dissemos, ficou malenconizado, & quasi só, por se irem todos os fidalgos ao Visorrey: & alguns que se dauaõ por muito seus amigos & parêes o acompanharaõ. E pedindolhe vm destes licença pera ir visitar o Visorrey, lhe respõdeo: Ide senhor & falareis cõ o mais auisado dou-

do que naceo em Portugal. Isto disse o Governador assi, por que era verdade ser elle muito discreto, & auisado, como por aquella foltura, & encadarrowamento de falar que tinha: que he quasi natural nos mais dos Noronhas: & em muitos outros que o fazem por arte. (E tanto o tinha este Visorrey por natureza, que se conta delle, q̃ andando negociado a armada pera ir buscar os Rumes, nestes primeiros dias que chegou, entrando vm Domingo na Sé a tempo que os clerigos estauaõ nos kyrios da Missa que se dizia de canto d'orgaõ com grande vagar: & ouuindo lá cantar kyrie, kyrie, virando pera o choro disse alto, queria eu que fosseis vos aos Rumes, & maddou dizer a Missa rezada, & foisse á ribeira.) Passados os douz dias, entrou o Visorrey em Goa, & foi recebido da cidade muy bem, & o Governador lhe entregou a India, & toda a armada que tinha ja de verga d'alto, que eraõ perto de oitenta velas, em que entravaõ corenta grossas, Galeoens, Naos, & Carauelas: & as de mais Galês, & Fustas: & assi lhe entregou os almazens cheyos de muita artelharia, monçoens, & mantimentos: como quem tinha tudo feito pera si, por que determinaua de ir buscar os Rumes, & pelejar com elles.

A primeira cousa que o Visorrey fez, foi despedir logo Ioaõ de



*Quinta Decada. Da historia da India.*

Cordoua, capitão de um catur com cartas a Antonio da Sylueira, em que lhe fazia a saber de sua chegada, por que ainda não auia novas de serem os Rumes em Diu, (por não ser ainda chegado Miguel Vaz com as novas certas das Galés.) E assi despedio do Pedro de Castello branco em alguns nauios com cartas pera a cidade de Cochim, em que a auisaua de sua chegada, & das novas que auia dos Rumes, dandolhe conta de como se ficaua negociado pera os ir buscar. Pedindolhe que pera as despesas da armada o quisessem ajudar com algum dinheiro, assi do pouo, como dos orfaos emprestado, pera o pagar dos primeiros rendimentos do estado. E assi alguns escravos pera as chufmas das Galés, que se lhes tornariao como se acabasse a jornada, ou lhos pagariao se nella morressem. Leuando dom Pedro regimento pera ajutar toda a armada d'Elrey, & nauios de partes que ouesse em Cananor, & Cochim: & que por todo Outubro fosse com elle. O Visorrey ficou continuando com os prouiimentos da armada, repartindo os nauios que achou pellos fidalgos que foraõ em sua companhia, ficando os mesmos que foraõ nas naos, nas que yaõ ordenadas pera ficarem na India, de que yaõ só quatro declaradas pera a carga da pimenta, que eraõ as mais velhas: visitando o Visorrey em pessoa to-

dos os dias a ribeira das armadas, & os almazens a pé, por que este he o verdadeiro officio & obrigação dos Visorreys.

Pouco depois chegou o catur de Miguel Vaz, de quem o Visorrey soube a grande armada que ficaua sobre Diu, & o que lhe acontecera, & informadosse delle muito miudamente, o tornou o outro dia a despedir com cartas pera Antonio da Sylueira, em que lhe affirmaua que muito cedo seria com elle. Neste catur mandou embarcar dom Duarte de Lima, pera ir ver o estado em que a fortaleza estaua, & lhe tornar a dar rezaõ do que visse, em quanto se elle negociava. Partido este nauio começou o Visorrey a embarcar, & pôs fora do banco toda a armada de alto bordo, & fez alardo da gente que auia de leuar, & achou quasi numero de seis mil homens, toda gente limpa, & aluoroçada pera se verem com os inimigos ás guedelhas. Por fim do mês de Setembro chegou Martim Afonso de Sousa na Galé bastarda com alguns nauios, mas o Visorrey deixou pera si o Galeão São Dinis (que Nuno da Cunha tinha muito bem negociado pera sua pessoa) dando a dianteira da armada a Martim Afonso de Sousa, como capitão mór do mar, pera que se passaraõ muitos fidalgos, seus parêres & amigos, & affirmauasse q tinha na sua Galé, mais de duzentos homens.

O Vi-

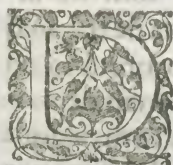


O Visorrey embarcou sua pessoa, pera esperar o recado de Cochim, & de Diu: & despido cinco nauios de remo, de que eraõ capitães Gonçalo Vaz Coutinho, Gabriel Pacheco, Martim Pacheco, Francisco Mendes de Vasconcellos, & Antonio Mendez de Vasconcellos, pera que se fõsser meter em Diu, mandando meter nos nauios muitas monicoens. Cõ estes capitaens se embarcavaõ alguns fidalgos & caualeiros seus parentes, & amigos, desejosos de ganharem honra. Assim mesmo despedio o Visorrey, Lourenço Botelho, por capitaõ mór de coatro nauios, pera se ir pór na ponta de Diu, onde as naos de Ormuz costumavaõ a ir demandar, pera as auisar, & fazer voltar pera Goa. E juntamente com elles despedio Luis Coutinho por capitaõ mór de seis nauios de remo, pera se ir pór na enxada de Cambaya, a defender que da costa de Baçaim, & Damaõ, não passassẽ mantimentos pera a armada do Turco. E com isto deixaremos as cousas de Goa, pera continuarmos com as de Diu.

# CAPITULO X.

*De como os Turcos assentaraõ suas estancias sobre o castello da villa dos Rumes: & da grande & espantosa machi-*

*na que ordenaraõ, pera o cometerem pella banda do mar: & de como Antonio da Sylveira lha mandou queimar: & dos nossos nauios que chegarãõ àquella fortaleza.*



E S E M B A Rcada a artelharia dos Turcos, como dissemos no fim do capitulo setimo deste terceiro liuro foraõ Beran Baxá & Cogeçofar caminhãdo muito deuagar, por causa da artelharia que era grossa, & do caminho que era de areia, em que as carretas se afogavaõ. E por que lhes não pareceo possivel leuarem os basiliscos, os deixaraõ, & só tres peças (q não eraõ taõ pequenas, que não lançassẽ pilouro de ferro coado de cento & cincoenta liuras) com essas foraõ caminhando, ficando as outras pera mais deuagar. E aos dez dias do mês de Setembro chegaraõ á villa dos Rumes, & plantaraõ suas estancias sobre aquella castello, fortificandosse á sua vontade.

Francisco Pacheco, capitaõ do baluarte, tanto que vio os inimigos, não lhe metendo medo sua multidãõ, tratou do que conuinha a sua defensão, mandando logo tapar as portas da seruintia da sala, (por não occupar nellas gente) reformandosse por dentro, o melhor que



*Quinta Decada. Da historia da India.*

que pode. Ao outro dia deraõ os imigos mostra aos nossos a modo de assalto, assi pella bāda da terra, como do már, chegando-se ao castello cō algũas escadas pera o cometerem: mas decima q̃ estauaõ ja prestes, & desejosos de os desenganarem, os saluaraõ com sua artelharia, & arcabuzaria de feição, q̃ lhes fizeraõ perder o orgulho cō que yaõ, afastando-se mais depressa do que chegaraõ com alguns menos, que deixaraõ de leuar, por naõ perderem outros. Os Turcos, vendo o dano que receberaõ n'aquella primeira mostra, bem entenderaõ quanto lhes auia de custar aquelle negocio, se por assaltos o quisessem concluir: por que se queriaõ poupar pera a fortaleza grande.

E praticando os capitaes o modo que naquillo teriaõ sem lhe custar muito, assentaraõ que se fabricasse hũa machina sobre hũa grãde barça que estaua na cidade, pera q̃ chea de materiaes peçonhentos com a prea már se encostasse ao castello, & lhe dessem fogo, pera que com o fumo se afogassem os nossos, & perdessem o tino, & q̃ entaõ os cometessem por assalto, & que facilmente seriaõ entrados. Cogeçofar mandou logo á cidade dar ordem áquella fabrica, & sobre a barça, que atraueffaraõ cō grossas vigas, armaraõ no meyo della um castello taõ alteroso, como o da villa dos Rumes, q̃ man-

daraõ encher, de salitre, enxofre, rama verde, bosta, & outras immundicias fedorentas: nisto gastaõ alguns dias. E taõto que se acabou mandaraõ surgir a barça cō coartro amarras no meyo do rio pera esperarem as agoas viuas q̃ vinhaõ cedo, pera mais á sua vótade abordarem o castello.

Esta machina diabolica foi vista da nossa fortaleza tanto que surgiu: & entendendo Antonio da Sylueira o effeito pera que se faria, determinou de a mādar queimar, o que encarregou a Francisco de Gouuea, por ser homẽ muito determinado pera todos os negocios, & tomando duas fustas com os soldados que escolheo, em que entravaõ muitos fidalgos & caualheiros, esteue prestes, & de noite na entrada do coarto da modorra sayo ao longo da couraça cō a enchente no mór silencio que pode, por naõ serem sintidos dos imigos, o que naõ pode ser, pellas muitas vigas q̃ em todas as partes tinhaõ, & logo comecaõ a chouer sobre as fustas pilouros taõ apressados, & cō tamanho terremoto, & estródo, q̃ parecia q̃ se desfazia a terra, & o már, em trouens & relampagos. Francisco de Gouuea sem se espantar de cousa algũa foi passãdo auante por todas áquellas carancas a tẽ chegar á barça, a que mandou muito deuagar por fogo por todas as ilhargas: estando dentro alguns Mouros, que nella ficaraõ



rao pera a vigiarem, que por adormecerem, não fintiraõ os nossos, se não quando já o fogo ateaua, & deitandosse ao már se passaraõ á terra. Tanto que o fogo deu naquelles fedorentos materiaes, começou a arder com tanta braueza, que parecia que o mundo se consumia, em labaredas: o q̃ tudo se via com grande gosto & aluoroço dos nossos, & muito mayor magoa & pezar dos imigos. Francisco de Gouuea como era caualheiro, & pontual, não se quis recolher a tè de todo se não desfazer a barçaça em cinza, chouendo todo aquelle tempo sobre elle nuuens de pilouros mortalißimos: & sendo tudo consumido se recolheraõ os nossos pera a fortaleza, a onde foraõ muy bem recebidos de todos.

Ao outro dia, que foraõ treze de Setembro, chegaraõ coatro nauios á barra, os tres de Fernão de Moraes, Simão Rangel, & o dos Araujos, que deixamos partidos de Goa, & o coarto era de Pero Vaz Guedes, sobrinho de Simão Guedes, capitão de Chaul, que chegando ali estes nauios, mādou em sua companhia o sobrinho, cõ aquelle nauio carregado de mantimentos, & monicoens, pera ir ver o estado da fortaleza, & lhe tornar com nouas della. Estes nauios causaraõ grande aluoroço em todos, & Antonio da Sylueira recebeo os que nelles yaõ com mui-

tas honras. E vendo a carta de Simão Guedes, em que lhe pedia lhe mandasse depressa o sobrinho cõ recado do estado em que estaua, logo lhe respondeo, & o despidio, mandandolhe cartas pera o Governador (por que ainda não sabiaõ da chegada do Visorrey.) Fernão de Moraes que leuaua ordem do Governador Nuno da Cunha pera ver a fortaleza, & lhe tornar com recado, por que queria saber delle a certeza, por ser vm homem de muita autoridade, dando contra disto a Antonio da Sylueira, lhe pedio elle, quisesse ali ficar, por que tendoo por companheiro, não fintiria tanto os trabalhos, por que aquelle era o tempo em que elle tinha necessidade de seu esforço, & conselho: & que pera satisfação do Governador bastauaõ cartas suas. Fernão de Moraes o fez assi, & despedio a fusta, por quem ambos escreueraõ ao Governador muito largamente, de tudo o que era socedido a tè entaõ. Antonio da Sylueira repartio aquelles fidalgos que chegaraõ de nouo, pellos baluartes fronteiros ao campo, a onde Simão Rangel reue todos os soldados que leuou, dandolhes meza á sua custa, por q̃ foi de Goa pera isso muito bem negociado.

Este mesmo dia veyo á fortaleza Francisco Pacheco, capitão do castello de Gogalá, em hũa pequena almadia, a verse com o capitão



*Quinta Decada. Da historia da Índia.*

pitaõ, & ordenar algũas cousas que compriaõ a sua alma & conciência, pello risco em que estaua. E depois de fazer tudo, querendosse tornar, o embargaraõ os officiaes d'Elrey por certa contra de dinheiro q̃ lhe diuia, apertando com elle que o pagasse, primeiro que se fõsse. Frãcisco Pacheco tomado d'aquella desordem, lhes disse palauras afrotosas perante o capitaõ: & foi tamanha sua paixãõ, que disse ao capitaõ, que aquillo era caso dino de se castigar, & que se o não fizesse, que prouesse o baluarte de capitaõ, por que elle o não queria fer. Antonio da Sylueira sofrendo-lhe sua paixãõ, com muita brandura lhe disse, que visse o q̃ fazia, que aquillo não conuinha a sua honra: & que não perdesse o credito que tinha cobrado, por hũa cousa em que tão pouco ya. E cõ isto lhe disse outras palauras de amigo, que a colera lhe não deixou entender: antes virando as costas

se foi. Lopo de Sousa Coutinho q̃ se achou presente se offereceo ao capitaõ pera se ir pera o baluarte: o q̃ lhe elle agardeceo muito, mas não aceitou, por q̃ delejaua de Frãcisco Pacheco não perder de todo com elle o credito: por que aos caualeiros tão honrados, & que tão se arriscaõ pella honra de Deos, & de seu Rey, aõ os capitaens & Guernadores de sofrer muito, & tratar de tẽperar cõ brandura, & não danar de todo com paixãõ: como fez Antonio da Sylueira, q̃ buscou todos os meynos, pera q̃ este homẽ se não deshonrasse, pedindo a Fernãõ de Moraes que era seu amigo, que o temperasse, o que elle fez de feiçãõ que cayo na conta, & foille reconciliar com o capitaõ, que o despedio com palauras de muita honra pera o baluarte: encomendandolhe algũas cousas, principalmente, que como tiuesse necessidade lhe fizesse final, pera o socorrer como podesse.

*Fim do Terceiro Liuro.*

LIVRO





# LIVRO QVARTO

## DA QVINTA DECADA

### DA HISTORIA DA INDIA.

## CAPITVLO I.

*De como os Turcos começaram a bater o baluarte de Gogala, & de como Lopo de Sousa Coutinho foi saber o estado em que estava. E da vista que a armada imiga deu à nossa fortaleza. E do desastre que aconteceu nos baluartes. E da constancia & grande fortaleza que teve hũa pobre mólher na morte de dous filhos que lhe mataraõ.*



**A**NTO que os Turcos viraõ desfeita & queimada, a grãde machina com que esperauaõ ganhar o baluarte por assalto, defendidos de o poderem fazer se não por bataria, lha começaram a dar tão furiosamente, que os pilouros varauaõ o castello por cima de parte a parte: fazendo as pedras que cayaõ das ruinas grande dano nos nossos, matado algũs, & ferindo aos mais. Francisco Pacheco andaua prouêdo tudo com

muito animo, esforçando, pelejando, & reparando com muita presteza as partes deribadas, & dãnificadas. Os companheiros pelejauaõ todos com grande valor, sem fazerem conta das feridas que tinham, fazendo com sua arcabuzaria grande emprego nos inimigos, porque como dauaõ em meyo delles nũca perdiaõ tiro. Antonio da Sylueira, tanto que ouuiu a bataria, mandou fauorecer os do baluarte com sua artelharia: & como viaõ da fortaleza as estancias dos Mouros claramente, fizeraõ nelles muito grande estrago: Os capitaens Mouros vendo o dano que tinhaõ recebido, afastaraõse cessando a bataria. Francisco Pacheco fez logo curar os feridos, & lançar os mortos ao már com a vazante da maré, por que não auia onde os enterrar, & toda a noite passaraõ em grande vigia. Por esta maneira foraõ continuando os Mouros a bataria com dobrada furia, cinco dias continos, em que o baluarte ficou quasi desfeito por cima, & todos os que nelle estauaõ feridos de muitas feridas, por rostos, braços, pernas, cabeças, das cousas que os pilouros ao passar do baluarte deribauaõ

N



*Quinta Decada. Da historia da India.*

ribauão sobre elles: mas nem com tudo isto perdiaõ o animo, nem deixauão os lugares, antes com muita vigilancia & cuidado gastauão de dia em pelejar, & de noite em vigiar & reparar, tão alegres todos, que parecia que tinhaõ a victoria nas mãos.

Passados os cinco dias, chegou a Diu o catur de Ioão de Cordoua, com as cartas & nouas da chegada do Visorrey, que encheo a todos de mūy grande aluoroço. O capitão mandou logo embandeirar a fortaleza, & saluar as nouas com muitos tiros. No baluarte foi visto aquelle aluoroço, & como não sabião o que era, ficaraõ em grande confusão, mas todavia bem entenderaõ pello que viraõ, que eraõ boas nouas, & responderaõ de là, com outra salua, & com outras bandeiras. Antonio da Sylueira vio as cartas do Visorrey, em que lhe certeficaua ficar-se fazendo prestes pera o soccorrer, & as amostrou a todos pera os animar. O Visorrey escreueo a algūs fidalgos dos que ali estauão como he obrigação, pois estauão seruindo & cercados: só a Fernão de Moraes deixou de escreuer, ou por esquecimento, ou por lhe parecer seria voltado pera Goa: do que elle ficou quasi afrontado, & logo mandou fazer prestes o seu nauio pera se embarcar, o que lhe Antonio da Sylueira quis estoruar como amigo, sobre o que se apaixonaraõ:

dizendo Fernão de Moraes, que pois se lhe tinha tão pouco respeito, que não queria mais ficar naquella fortaleza, nem seruir Elrey. E depois de o capitão ver que o não podia tirar de sua paixão, lhe disse que se fosse muito embora, que sem elle defenderia a fortaleza. Fernão de Moraes se embarcou & se foi.

Antonio da Sylueira desejou de mandar aos do baluarte as nouas do Visorrey, & a saber o que la era passado, por que a tè entaõ não tinha recado algum: Lopo de Sousa Coutinho se lhe offereceo pera isso, & se embarcou no catur de Ioão de Cordoua, cõ algūs parentes & amigos, leuando algūas monições pera lhe meter dẽtro, & as couças necessarias pera os feridos: & esperãdo pella marẽ da noite, tanto q̃ esteue meya chea, se afastou do cais muito caladamẽte, & se foi pór na vea da agoa, pera que ella o fosse leuando, por que não bolissem com os remos, por não serẽ fintidos: & assi foi gouernando ao som della. Mas todavia como os Mouros tinhaõ mūy grãde vigia foraõ fintidos, & por todas as estancias se leuãtou hũa grãde grita, & começaraõ a varejar o nauio com a artelharia, derredor de quem cayaõ tantos pilouros, que parecia feruer o rio, que estaua muito brando & soffegado, sem pella bondade de Deos receberem dano algum. Lopo de Sousa Coutinho



tinho foi passando auante, a tè pór a proa ao pé do castello: & bradando alto chamou por Francisco Pacheco, que logo acodio pella muita vigia que tinha. Lopo de Sousa por ser a noite escura lhe disse que era, & ao que ya, dandolhe as nouas do Visorrey, & perguntando-lhe como estaua, & o que era soccedido os dias passados. Francisco Pacheco, & todos os companheiros ouuindo as nouas do Visorrey derão grandes gritas de aluoroço, & contou Francisco Pacheco tudo o que lhe tinha acontecido a tè então, & como lhe tinhaõ mortos seis companheiros, & estaua com todos os mais feridos: & que os pilouros varauão o castello todo, mas que cõ tudo isso estaua muito bem. Lopo de Sousa lhe pedio mandasse abrir as portas, por que lhe queria deixar algũas moniçoës que leuaua pera o mesmo castello, & ficar por seu soldado acompanhando. Francisco Pacheco lhe deu os agradecimentos, dizen-  
dolhe que não podia ser, por que a porta estaua tapada de pedra & cal: & por os Mouros terem impedida a seruintia da praya pera a falla com grandes valos. Que se recolheffe embora, que não tinha necessidade de cousa algũa por então, mais que do fauor de Deos: que pedisse ao capitão da sua parte, que lhe soccorresse em algum estremo grande se nelle se visse, por que logo lhe faria final.

Neste dialogo gastaraõ mais de hũa hora, por que como estauaõ longe, & a artelharia dos imigos não cessaua, o estrondo della lhes apagaua muitas vezes as palauras na boca, pello que se não entendiaõ bem, & foilhes necessario repetilas tantas vezes a tè que se entendessem. Lopo de Sousa Coutinho se despidio delle, & tomando o reimo o foi apertando rijamente pera a fortaleza, seguindo um grande numero de pilouros, que sobre elle foraõ sempre chouendo, a tè entrarem pella porta da couraça. O capitão & todos os fidalgos o foraõ receber, & o leuaraõ nos braços com muitas palauras de lououres: & presentes todos contou tudo o que passara com Francisco Pacheco, & como todos os do castello estauaõ taõ animados, que lhes tiuera inueja. Antonio da Sylueira & todos festejaraõ muito aquellas nouas.

Francisco Pacheco com as do Visorrey ficou taõ vfano, que em amanhecendo mandou embandeirar o castello, & disparar toda a artelharia nas estancias dos imigos, tangendo, bailhando, foliando, & fazendo outros sinaes de alegria, chamando pellos Mouros, dizendo: Ah caens que logo virá o Visorrey com hũa grossa armada, & a todos vos á de meter a banco das suas Galés. Este aluoroço não causou pequeno aba-



lo nos Turcos, por quẽ logo se es-  
palharaõ as nouas da chegada a  
Goa de vm nouo Visorrey, com  
grande poder, & que ficaua embar-  
cado com hũ grossa armada mũy  
poderosa pera ir áquella fortale-  
za: o que em todos meteo vm ge-  
ral medo & espanto.

Antonio da Sylueira despedio  
ao outro dia o mesmo nauio com  
cartas ao Visorrey de tudo o que  
era passado, & no nauio mandou  
embarcar alguns doentes que esta-  
uaõ mal, pera os lançar em Chaul.  
Nesta embarcação determinou  
Manoel de Vasconcellos mandar  
sua molher. Era este homem vm  
fidalgo honrado natural da ilha  
da Madeira, casado com hũa do-  
na mũy nobre, chamada Isabel da  
Veiga, com quem se passou a vi-  
uer áquella fortaleza, afsi pella ba-  
rateza da terra, como por hũas tẽ-  
ças que ali tinha. E vendo os tra-  
balhos que ao diante se esperauaõ,  
pedio á molher que se embarcasse  
naquelle nauio pera Goa, o que  
nunca pode acabar com ella, dizẽ-  
dolhe: Que nunca Deos quisesse  
que ficando elle em trabalhos &  
perigos estiueffe ella ausẽte delles,  
& fora delles: por que todos os  
em que se visse em sua companhia  
aueria por pequenos: & por penas  
& tormentos todos os descansos  
fora delle: que oueffe por bem fi-  
casse ella ali, ao menos pera ser  
sua enfermeira quando tiueffe dis-  
so neccsidade. E se pello perigo

em que via aquella fortaleza  
queria mandar fora della, q̃ qua-  
do ella fosse taõ mofina que e-  
corresse risco & o mataassem a  
le, que ella entaõ naõ queria ma-  
uiuer. Mas por que naõ tiue  
muitas cousas de que se temesse  
que ella era contente que elle m-  
dasse pera Goa hũa filha que  
nhaõ d'antrambos ao auo da m-  
nina, pay da Isabel da Veiga: p-  
que se Deos fizesse algũa cou-  
d'aquella fortaleza, & lhe acco-  
tecesse por seus peccados algũa  
auentura, que hũa tenra idade  
naõ condenasse. Isto disse com  
ta força de lagrimas, que o co-  
uenceo, & delistio de sua determi-  
nação: ficando esta matrona em  
todo aquelle cerco fazendo cou-  
dinas de serem celebradas, como  
faremos pello discurso da historia  
a diante em seu lugar.

Os Turcos foraõ proseguindo  
na bataria do castello taõ con-  
tinuo, & com tanta furia & for-  
ça, que derribaraõ toda a falla  
por terra, & todos os altos do ca-  
stello, matando & ferindo mu-  
tos dos de dentro. E o que fo-  
pior que cegaraõ toda a artelharia  
que já naõ laboraua: mas nem co-  
isso deixauaõ os nossos de empe-  
cer aos imigos com tudo o que  
podiaõ. E afsi se tinhaõ taõ satis-  
feitos dos danos que delles tinhaõ  
recebido, que lhes tinhaõ mor-  
tos mais de quinhentos homens.  
Antonio da Sylueira mandaua as  
mais



mais das noites hũa almadia pequena com vm homem pera ir saber o estado do baluarte, mandado algũas vezes dizer a Francisco Pacheco, que se estaua em perigo, largasse tudo, & de noite pella calada se saisse do baluarte de lógo do mar, & que dali se lançasse a nado, & que em duas vogas seriaõ nelle, já que não tinhaõ embarcaçoens pera os mandar recolher, & que nisto perigasse quem perigasse: por que do mal, sempre se auia de escolher o menor. A isto lhe mandou responder q̃ estauaõ tão bem, que assi estiuessem elles la na fortaleza. Este conselho se o elle entaõ tomara, não chegara o mal ao que depois chegou: & foralhe muito facil recolherse a nado como lhe o capitão mandaua dizer.

O Baxá que estaua em Madrefaual, tanto que lhe chegaraõ as nouas do Visorrey, logo se leuou com toda a armada, & foi demandar a nossa fortaleza pera ver se podia aueriguar aquelle negocio primeiro que o Visorrey chegasse. E aos vinte & oito de Setembro appareceo à vista da fortaleza com as Galés a fio, indo diante a de Icus Amede, todas toldadas, & fermosamente embandeiradas com seus estandartes & galhardetes de cores, que lhes arrojauaõ a tè baixo: por que este dia mostraraõ todas as suas carrancas, determinádo de dar a primeira salua á nossa fortaleza. E assi a fio foraõ todas pas-

sando, saluandoa hũa & hũa, & fazendo-se logo à banda. Antonio da Sylueira acodio ao baluarte de Antonio de Gouuea, a onde toda a artelharia imiga desparou por ficar sobre a barra: & mandou embandeirar toda a fortaleza, & saluar a armada com sua artelharia, por que vissem os Turcos o gosto & o banquete com que os esperaua. Mas permitiraõ os peccados dos homens que os bombardeiros desatentadamente carregassem as bombardas com poluora d'espingarda, & não podendo soffrer a força della, arrebentaraõ dous fermosos Bazaliscos, vm de metal, & outro de ferro, que era fechado com muitos arcos de ferro, q̃ espalhando-se em pedaços, fizeraõ em todos os que acharaõ á roda vm grandissimo estrago, ficando logo ali coatro homens feitos pedaços, & feridos dez com muitas feridas. E não parando aqui o mal, tábem no baluarte saõ Thome, & em outros arrebentaraõ cinco pessas, ainda que menores, que tambem fizeraõ mūy grande dano. Os Turcos tanto que ouuiraõ arrebentar as pessas, de lá da armada deraõ hũa grande grita: & assi foraõ passando deuagar & dando sua salua. Mas isto não foi tanto a seu saluo, que lhe não metessem hũa Galé no fundo, & lhe não ficassem outras desaparelhadas de mastos & vergas, recebendo os nossos muito mayor dano da sua propria artelharia



*Quinta Decada. Da historia da India.*

lharia, que da dos imigos. Por que lhe não mataraõ mais q̃ vm mancebo de menos de vinte annos, q̃ tinha sua mãy na fortaleza, em cuja morte se mostrou o grande valor & animo da triste & desconfolada mãy: & foi desta maneira.

Auia na fortaleza hũa molher Portugueza viuua que se chamaua Barbora Fernandez, que fora ama de Manoel de Noronha, natural da ilha da Madeira, esta tinha dous filhos mancebos de grande valor, & mūy esforçados caualeiros. O mais velho se chamaua Luis Franco, & estaua no baluarte da villa dos Rumes: o outro se chamaua Christouaõ, era de dezanoue a tè vinte annos, estaua coa mãy na fortaleza. Este estãdo vm dia no muro com suas armas, lhe deu vm pilouro de espera pola barriga, que a tiraraõ d'hũa Galé que o espedacou todo. Foi trazido ainda falando, & assi o lâçaraõ nos braços da mãy, que o recebeo nelles, dizendo o pobre moço: Mãy minha veja eu, vos peço, primeiro a confissão que vossas lagrimas: por q̃ temo que a dór que vós vir padecer me seja impedimento á breue despedida & partida de minha alma. A velha & desconfolada mãy sustentando coas mãos as espedacadas entranhas do filho, com o rosto quieto & sereno, & os olhos enxutos (sendo ella só a que por boa rezaõ entre os muitos que na casa estauaõ, auia de padecer a dór

& tormento que as palauras do filho nella causauaõ, sem romper em gritos & brados ao ceo, q̃ vm moço naquelle estado em que este estaua costuma causar na mãy) lhe respondeo. Filho, da neccesidade q̃ tens do confessor me pesa, que de tua morte, a esperança que me fica do bõ lugar que tua alma possuirá, ma fara sofrer bem. Encomendate a Deos, & esforçate em morrer conforme com sua santa vontade, que só isso bastara pera eu ficar muito consolada. Desta maneira se animaraõ & consolaraõ vm ao outro, dando a triste mãy animo ao filho pera que sofresse bem a arrebatada & apressada morte, & assi mesma pera lha poder ver receber. Cõfessouffe o ditoso mancebo, que este he o nome que merecem os que acabaõ taõ gloriosamente, com muito grandes mostras de dór & arrependimento de seus peccados, & assi passou desta vida a gozar dos grandes & infinitos bens da outra. Cujo fim foi recebido da triste mãy com taõ inteiro & igual animo, que os que a vinhaõ consolar, yaõ alegres & contentes de a verem taõ inteira & conforme coa vontade de Deos em caso que de força auia de sentir & cortar muito. E por que a dór do filho morto não parasse aqui, aconteceu que logo ao outro dia seguinte se perdesse o baluarte da villa dos Rumes, onde o outro filho mais velho estaua, pera q̃ coa perda



perda do outro filho se lhe dobrar  
se a magoa de os perder ambos.  
Pois ambos estes desastres & desa-  
uenturas que acontecerão a esta  
valerosa matrona, sofreo ella com  
hũa noua & desusada, & ainda in-  
criuel fortaleza, & igualdade d'a-  
nimo, sem romper nem em pala-  
uras de dór, nem em lagrimas de  
compaixão, nem em exclamações  
molheris, que em outros casos me-  
nores costuma a auer. Exemplo foi  
este mercedor de perpetua me-  
moria, & de andar escrito no mun-  
do com vm muito sobido & ale-  
uantado estylo que nos a nós falta,  
com que mostrassemos a todos os  
que o vissem que não só Roma, &  
Grecia criaraõ molheres famosas,  
pois tãbem as ouue no nosso Por-  
tugal: mas faltou quem perpetuas-  
se sua memoria, & o valor de que  
usaraõ. Por que não he menos di-  
na della esta molher, que aquella  
Archelonyde que os Gregos en-  
grandecem tanto. Por que dando-  
lhe nouas que seu filho Brasidas e-  
ra morto na guerra, pergütara sem  
se turbar, se morrera pelejando, &  
dizendolhe que si, ficara consola-  
da. A esta molher chama Plutar-  
cho Argelona: pois esta ainda não  
vio espirarlhe o filho nos braços  
feito pedaços do cruel pilouro, co-  
mo vio esta nossa Portuguesa, por  
que as chagas do filho era muito  
certo causarem lhe bem diferente  
magoa & sentimêto, que a da Gre-  
ga, que não vio o filho cõ os olhos,

por que as coufas ausentes, ainda q̃  
sejaõ asperas, sentense menos que  
as presentes. E vos ó nobre matro-  
nã, já que o tempo, & o descuido  
Portugues vos não satisfez os me-  
recimêtos de vossos filhos, ao me-  
nos não perdereis de todo a me-  
moria de vossa cristandade, & va-  
ronil cõstancia, por que já esta vos  
ficará nesta minha historia, ainda  
que em stylo taõ rude & grossei-  
ro: mas por vos, & por outros mui-  
tos feitos semelhantes, espero ve-  
nha a ser aceito a todas. As Galés  
depois de darem sua salua, foraõ  
surgir no primeiro pouso que to-  
maraõ de fronte da misquita grã-  
de, onde se deixaraõ estar.

## CAPITULO II.

*Do grande assalto que os Tur-  
cos deraõ ao baluarte de Frã-  
cisco Pacheco: & do valor  
com que dous homẽs o defen-  
dêraõ. E de como vm soldado  
chamado Antonio Falleiro  
foi à fortaleza com hũa carta  
de Francisco Pacheco, &  
das roins sospeitas que deste  
homem se conceberaõ.*



Em quanto durou a  
salua na armada,  
não deixaraõ os Tur-  
cos de continuar cõ  
a bataria do castello  
da outra banda, por que determi-

N 4 nauaõ



*Quinta Decada. Da historia da Índia.*

nauaõ de lhe dar vm affalto , em que esperauaõ de concluir aquelle negocio . Pello que dobraraõ a bataria pera fazerẽ caminho por onde o cometessẽ : & naõ desfiraõ della, a tẽ quasi sol posto, em que acabaraõ de arrasar a falla, & vm grande pedaço da frontaria do baluarte : sofrendo os de dentro aquelle dia, toda aquella tempestade de tiros & pilouros , com que lhe mataraõ perto de quinze companheiros, & feriraõ quasi todos os mais: mas com muito grande dano & estrago dos imigos, por que tambem ali ficaraõ mais de duzentos estirados. Os Mouros ao outro dia vendo a nossa artelharia de todo cega, & que lhe naõ podia fazer nojo, & o baluarte arruinado todo, & que por aquella parte por onde a parede da falla entestaua nelle, lhes deixara vns dentes pello muro acima, como hũa escada muito bem feita, por onde podiaõ sobir muito á sua vótade, naõ quiserãõ perder tempo, encomendando o affalto aos Ianicãros: destes fairaõ setecẽtos dos valos, com hũa bandeira vermelha muy grande desenrolada, ao som de seus instrumentos. E como homens que tinhaõ a vitoria nas maõs, & que cuidauaõ que os nossos estariaõ taes, que se naõ podessem defender, remeterãõ ao baluarte, & comecaõ a subir pellos dentes & ruinas da parede, sendo fauorecidos dos debaixo com a

arcabuzaria & frechas, com que jugauaõ em roda viua, porque os de dẽtro se naõ podessem aflomar á defenfaõ d'aquelle lugar.

E como aquella parte onde a parede ya responder a cima, naõ era capaz de mais que de dous homens, por ser vm recanto, os primeiros que se ali poseraõ effes ficaraõ em sua defenfaõ, & a defenderãõ taõ valerosamente com duas lanças de fogo nas maõs, cõ q̃ fizeraõ tamanho estrago nos imigos, que se naõ pode imaginar de dous homens, por que as lanças de fogo derribauaõ os q̃ chegauaõ, & estes leuauaõ outros a pos si a tẽ cairem em baixo, encima d'aquella multidaõ de imigos, vns com pernas quebradas, outros com braços, & cabeças: por que aquelles dous esforçados soldados, com as maõs, com os pés, & com tudo offendiaõ aos imigos: por q̃ depois que se lhes gastaraõ as lanças, lançaraõ sobre os debaixo hũa soma de panellas de poluora, com que abrazaraõ os que estauaõ ao sopé, & com os pés derribauaõ sobre os que yaõ sobindo grandes pedras & cantos, que estauaõ postos por ali pera o mesmo effeito, estando os mais de dentro ceuandoos com panellas de poluora, & com lanças de fogo, cõ que naõ dauaõ vagar aos Turcos pera poderem sobir, nem decer, senaõ em trambolhoes a tẽ o pé do muro, onde tudo eraõ labaredas das panellas de poluora.

Os



Os Ianiçaros auiaõ pella mayor afronta que nunca passaraõ, dous homens sós fazerem nelles tamanho estrago & dano, & defenderẽ a sobida a tantos, & taõ experimẽtados Ianiçaros, & taõ vitoriosos em tãtas guerras na Europa, & determinando de acabarem aquelle negocio, ou morrerem todos na demanda, tornaraõ a cometer a sobida, como homens offerecidos á morte, onde a acharaõ muito certa, por que logo tornaraõ a voltar pellos ares sobre os mais: por que aquelles dous esforçados Manlios sobre o alto capitolio, defendiaõ valerosamẽte aquella sobida, sem quererem tomar vm pequeno de repouso, nem largar o lugar a outros companheiros, q̃ lhes pediaõ se recolheßem a curar (por estareõ ambos feridos de muitas frechadas, & espingardadas: por que todos os debaixo acertauaõ nelles seus tiros, como aquelles q̃ estauaõ por aluo, sem lhes dar d'aquelle granizo de pilouros & frechas, que sobre elles cayaõ, cousa algũa. O capitãõ Frãcisco Pacheco chegou a elles, & lhes pedio, que quiseßem partir com elle hũa pequena d'aquella honra, em quanto elles se curasse, & que logo lhes tornaria o lugar: mas elles sem darem pellos rogos do seu capitãõ, embebedos na batalha, naõ faziaõ se naõ callar, bracejar, & derribar nos inimigos, sendo aquillo causa de se lhes vazar mais o sangue, o que a furia,

& a colera lhes naõ deixaua sentir. Da fortaleza se via mũy bem o assalto, & as marauilhas que faziaõ aquelles dous soldados: & por naõ auer embarçoens em que os fossem soccorrer, estauaõ se todos debatendo, desejanõ de se lançarẽ a nado pera se irem achar com seus companheiros naquelles taõ honrosos trabalhos & perigos.

E certo que esta foi a mór afrenta em que Antonio da Sylueira se vio, & todos os mais fidalgos & cavaleiros com elle, em todo o discurso do cerco: por que lhes rebẽtaraõ os coraçõens dentro nos peitos, de pezar, de verẽ seus amigos em perigos, & naõ lhes poderem valer: mas de lá com as vontades, desejos, & com os meneos os ajudauaõ. Antonio da Sylueira os mandou fauorecer com a artelharria, já que com o mais naõ podia, desparandoa nas estãcias dos inimigos, & ao pé do baluarte, matandolhes muitos. Os Turcos estauaõ pasmados de verem o disbarato, & estrago, que sós dous homens tinhaõ feito, na milhor & mais escolhida gente que auia antre os Ianiçaros da guarda do Turco: cuja soberba lhes fazia parecer, antes de cometerem o assalto, q̃ nem toda a gente que estaua na fortaleza grande, lhes poderia defender aquella entrada: & como atonitos, & pasmados, estauaõ com os olhos postos nas cousas q̃ aquelles dous homens faziaõ. Durou esta contenda



*Quinta Decada. Da historia da India.*

contenda a tè que o sol se pós, que os inimigos a seu pezar deixaraõ sua porfia, recolhendo-se a seus valos, desbaratados, & destroçados de dous homens sós.

Francisco Pacheco como se vio desapressado, mandou os recolher, & curar muito bem: & foraõ tirados dali nos braços de todos com grandes louvores. Muito trabalhámos por saber os nomes destes dous valerosos & esforçados soldados, só d'um delles o soubemos que se chamaua Antonio Pinheiro, mancebo de vinte & cinco annos, filho d'um caualeiro de Faro: o nome do outro não achamos por que o descuido, ou a inueja o tem posto em esquecimento, não sendo suas obras se não pera viuerem eternizadas na memoria dos homens, com titulos tambem merecidos, como aquelle celebrado dos Romanos Marco Manlio, a quem deraõ o sobre nome de Capitolino, por defender o capitolio aos Franceses, não sendo batido, né arrazado com canhoens, & bazaliscos medonhos, nem perseguido de tantas nuens de pilouros, & frechas como estes. E ainda que em nos não aja o estilo, & eloquência de Tito Liuius: vos meus valerosos soldados, & outros a quem o descuido Portugues tem sepultados nas treuas do esquecimento, trabalharemos por vos tornar a resuscitar nesta nossa historia, por que veja o mundo, que não falta-

raõ ante Portugueses, Manlios, Torquatos, Cornuinos, Ceuolas, Decios, nem Oracios: mas faltaraõ a tè agora fauores, honras, & merces, que saõ as cousas que fazem resuscitar os engenhos, & habilidades, que ante todas as outras naçoens foraõ sempre taõ fauorecidas & estimadas.

E tornãdo à nossa historia. Esta mesma noite, estãdo os do baluarte de Gaspar de Sousa na fortaleza grande vigiando, sintiraõ chamar debaixo, & perguntando o que era respondeo um homem, que era Antonio Faleiro, que ya do baluarte de Gogala, & leuaua hũa carta de Francisco Pacheco pera o capitão. Este homem andara já em Africa, & sabia bem a lingua Arabia. Deusse disto recado ao capitão, que o mandou recolher por hũa escada de corda, & o esperou com todos os capitaes & fidalgos: & chegado a elle lhe deu hũa carta cerrada, que mostraua ser de Francisco Pacheco, & no lugar de sobrescrito dizia, que podiaõ dar credito a tudo o que Antonio Faleiro de sua parte lhe dissesse: & dentro lhe daua breuemente cõta d'algũas cousas socedidas antes do assalto, & mostraua ser feita auia tres dias. O capitão não lhe soube bem aquelle negocio, & disse ao Faleiro, que podia liurementes dizer ao que ya ali perante todos, & fazendoo assi, disse desta maneira.

Senhor



Senhor, eu sou mandado da parte de todos os do baluarte de Gogala, a tẽ fazer a saber como o capitão Francisco Pacheco fica em artigo de morte, de hũa grande infirmitade que á dias que tem. A isto lhe atalhou Lopo de Sousa Coutinho, dizendo, que por que dizia aquillo se elle auia menos de coatro dias que falara com elle, & o vira muito saõ & bem despolto? Antonio Faleiro ficou embaraçado, & vendo que corria risco sua verdade disse, que ainda que o ouuira falar já estaua muito doente, & que pera morrer vm homem, não auia mister mais de vm momento, quanto mais tres & coatro dias. E proseguindo seu recado, disse, que nos combates passados lhe tinhaõ já mortos vinte companheiros, & que todos os mais estauão feridos de muitas & grandes feridas, & que todas as munições eraõ já gastadas, & o q̃ pior era, que estauão sem agoa, por que as pipas em que a tinhaõ, se lhe fora a mór parte, & que o castello estaua todo arrasado, & com a artelharia cega de todo, & sem poder laborar: por onde já não auia outro remedio mais que irem todos morrer no exercito dos inimigos, ao que estauão determinados tanto que amanhecesse, por que já que auiaõ de morrer, queriaõ que fosse de hũa morte hórada, & dina de eterna memoria. E que estando com esta determinação vigiando

elle Antonio Faleiro o coarto da prima, a hũa bõbardeira, vira passar vm Mouro, a quem falara em lingoa Arabia, & lhe dissera, que pera que era tanta crueldade, & tantas mortes, que se buscasse algum meyo honesto pera se euitar tãto dano: por que todos os Portuguezes estauão determinados a morrerem sobre a primeira pedra, ou derradeira d'aquelle baluarte, que os Turcos não auiaõ de ganhar sem lhes custar a mór parte de sua gente. E que a isto lhe respondera o Mouro, que iria falar com seus capitaens, & que logo tornaria cõ a resposta: com que não tardara, & lhe dissera da parte de Cogecofar, que lhe mandasse o capitão vm homem de credito pera com elle praticar sobre algum modo de concerto, & que elle Antonio Faleiro fora eleito pera isso: & lançado logo fora pella bombardeira, & fora levado a Cogecofar, & aos capitaens Turcos, que lhe disseraõ, que se se entregassem todos à merce do Baxá, que era magnânimo, liberal, & grandioso, que usaria com elles de muita clemencia, & misericordia. Ao que o Faleiro respondera, que os Portuguezes não costumauão a se entregar se não com muito grandes seguraças das vidas, & liberdades: ainda que cada vm delles soubesse passar mil vezes pellos fios da morte. E que nenhum partido, nem esse, nem outro, auiaõ de aceitar, sem se dar primeiro



*Quinta Decada. Da historia da India.*

meiro conta ao capitaõ da fortaleza, no que elles consintiraõ, & o despediraõ, dizendolhe, que a tẽ o outro dia lhes leuasse a reposta: & que a isso o mandauaõ os do baluarte, que agora viffe elle o que deuiã de fazer.

Antonio da Sylueira & todos os mais deitaraõ sobre este negocio diferentes juizos, concebẽdo roim opiniaõ do Faleiro: mas como aquillo eraõ sospeitas, naõ se seguraraõ nellas. E pedindo áquel les capitaens que o aconselhassem naquella materia, foraõ todos de parecer, que pois naõ podiaõ ir ajudar, & fauorecer aos do baluarte, que naõ era licito, que homens que estauaõ fora do perigo, obrigassem a outros a morrerem: que pois elles estauaõ no risco, escolhessem o melhor partido que entendessem, conforme ao estado em que estauaõ. Disto se fez vñ termo, em que todos assinaõ, q se deu ao Faleiro pera o levar por reposta, sem se lhe escreuer nada mais, & o despediraõ. Este homem segundo depois se soube, teue alguns tratos secretos com os Mouros: & affirmauasse que por tres vezes fora falar com elles escondidamente, sem nunca os do baluarte sospeitarem cousa algũa: & naõ se soube na verdade o que se passou, por que como todos os do castello foraõ depois falsamente mortos, naõ ouue quem a dissesse. E esta he a rezaõ por que cuidamos,

que o nome d'um d'aquelles dous valerosos soldados, & de outros cinco (de que adiante falaremos) ficaraõ em esquecimento, por que naõ ouue quem os dissesse.

CAPITVLO III.

*De como os do baluarte da villa dos Rumes se entregaraõ a partido aos Turcos: & de como Joaõ Pirez com cinco companheiros foraõ mortos em defensão da bandeira de Christo, & lançados no mar: & de como seus corpos milagrosamente foraõ a portar à fortaleza.*

**P**ARTIDO Antonio Faleiro, com o assento que se tomou, chegando ao castello o mostrou a Francisco Pacheco, & aos companheiros todos, a quem Francisco Pacheco pedio que lhes dessem seu parecer naquelle negocio. E praticando tudo antre elles, & apresentadas as difficuldades que auia pera se poderem defender pela falta que auia de tudo, & pello pouco remedio que da fortaleza lhe podiaõ dar, assentaraõ que se tratasse da segurança das vidas, q era necessario pouparem pera ajudarem a defender a fortaleza grãde, em que estaua toda a importância



tancia do negocio. Sobre o modo que se nisso teria debateraõ, & deu cada vm seu parecer, não se conformando todos: por que vns diziaõ que morressen antes ali como caualeiros, que entregaremse como couardos: por que pera se defenderem não estauaõ tão impossibilitados, que não tiuessen ainda alguns mâtimentos, & agoa: & que posto que de todo lhes faltasse, q os homêspodiaõ viuer sete dias sem comer, & que nesses soccorreria Deos, & poderia chegar o Visorrey. Outros foraõ do parecer de Francisco Pacheco, que era, que se o Baxà lhes concedesse as vidas, & os deixasse ir liuremente pera a fortaleza, que lhe entregassem o castello, que nisso ya pouco: por que não era perder mais que paredes quebradas, que com a chegada do Visorrey se tornariaõ a cobrar, & que no discurso do cerco estando elles na fortaleza se poderiaõ bem satisfazer nos imigos, d'aquella quebra. Estes venceraõ os mais, & logo despidaõ Antonio Faleiro com o recado a Cogeofofar que estaua aguardando por elle, & lhe deu conta do que era passado, affirmandolhe, que se não deixassem ir os Portugueses do castello pera a fortaleza, que nenhũ outro partido auiaõ de aceitar. Neste tempo amanhecia já, pelo que o detiueraõ, & despidaõ recado ao Baxá do que se faria. O Baxá mandou logo a reposta,

& com ella vm formaõ, ou saluocundo chapado & sellado, com a chapa & sello do Graõ Turco, em que em seu nome concedia as vidas aos que estauaõ no baluarte da villa dos Rumes, & que os deixaria ir liuremente pera a fortaleza, sem dano, nem defeito algum em suas pessoas. Chegado o formaõ o leuou Antonio Faleiro a mostrar a Francisco Pacheco, q lhe pareceo necessario ir elle em pessoa verse com Cogeofofar como fez: & ambos assentaraõ que lhe entregasse o castello, & que se fosse pera a fortaleza, indo todavia elle Francisco Pacheco primeiro verse a Galé com o Baxá, & dar lhe a obediencia como rendido, & que todos os companheiros se poriaõ da outra banda da cidade, & que de lá se poderiaõ ir pera a fortaleza liuremente.

Assentado isto ao primeiro dia de Outubro, auendo vinte que sustentauaõ o cerco, sayosse Francisco Pacheco da fortaleza com alguns companheiros, & Cogeofofar o encaminhou pera o Baxá, mandando com elle vm Sangiaco. Francisco Pacheco, & alguns que com elles foraõ se embarcaraõ com grande dór & magoa de seus coraçoes, por se verem chegados ao mais infelice estado, em que vm peito valeroso se podia ver. Francisco Pacheco foi metido em vm batel pera ir ao Baxá, & com elle vm Gonçalo d'Almeida seu parente

O

rente



*Quinta Decada. Da historia da India.*

rente, & o Antonio Faleiro pera lingoa. Chegados á Galé, foi Francisco Pacheco leuado ao Baxá, diante de quem se apresentou com um rosto tão descontente, que bem mostrava a dor & magoa que levava no coração de se ver chegado aquelle estado: & humilhando-se honestamente, lhe apresentou o seu salvo conduto, pedindo-lhe o comprisse como era obrigado por ley da guerra, & o deixasse com todos seus companheiros passar pera a fortaleza. O Baxá o recebeu com muita honra, & lhe mandou dar logo hũa fermosa cabaya, & lhe confirmou o salvo conduto, com condição q̃ senão iriaõ pera a fortaleza em quanto durasse o cerco, & que estaria na cidade em casas que lhe mandaria dar a tè ver o fim d'aquelle negocio. Com isto o tornou a mandar a Cogeçofar: com ordem que os puzesse na cidade com grãde resguardo & vigia. Francisco Pacheco vêdo q̃ em parte lhe quebrauaõ os partidos cõ q̃ se entregara, arrepedeosse do q̃ tinha feito, por que recebeu mais mal. A alguns homes d'aquelle tempo ouuimos dizer, que Francisco Pacheco se negociara mui mal nesta entrega: por que já que se não quizera recolher como lhe Antonio da Sylveira tinha mandado dizer, podera pretear-se com os inimigos, com condição q̃ lhe puzessem hũa fusta ao pé do baluarte pera se embarcar nella,

& que leuãtasse o campo de sobre o castello em coanto o fazião, & que assi segurava a vida de todos, por q̃ tudo lhe aviaõ os Turcos de cõceder, pello que lhes importava aver aquelle castello às mãos, & o principal pella muita gente q̃ sobre elle perdiaõ, por que pera Turcos & Mouros, que per natureza são falsos, & fementidos, ha mister grandes cautelas.

E tornando à nossa ordem. Em quanto Francisco Pacheco se foi apresentar ao Baxá, ficaraõ os Portugueses que com elle se fãraõ, no exercito: & alguns ainda ficaraõ na fortaleza: Os Iançaros sofregos do sacco do castello, não aguardando que se destapassem as portas, ajuntando-se coatrocentos delles, remeteraõ cõ as paredes, & pellos dentes dellas uns, & outros por traues, que encostaraõ, sobiraõ acima com grandes estrondos, & remeteraõ logo com a badeira de Christo (que ainda estava aruorada em cima do castello) & a deitaraõ no chaõ, & naquelle lugar poseraõ hũa vermelha muito grãde, com as insignias do grão Turco. Os nossos que estavaõ ainda no castello, vendo aquelle desprezo feito áquella insignia de nossa redenção, movidos da honra de sua religião, fãraõ seis, de que era cabeça Ioaõ Pirez, homem de mais de sessenta annos, mui grãde cavaleiro, & como doudos remeteraõ cõ os Turcos, & leuãdo Ioaõ Pirez



Pirez a bandeira de Christo nas  
maãos a tornou a pôr no seu lugar,  
& deitou pello chaão a dos Turcos,  
de que elles tomados acodirão a  
isso, & começarão a ferir nos seis,  
& elles com grande animo nelles,  
ateandosse hũa muito aspera, &  
muito desigual briga. Insistindo  
os Portuguezes tanto em terem a  
sua bandeira em seu lugar, que  
com lha arrancarem tres vezes,  
outras tantas a tornaraõ a aruorar,  
fazendo sobre isto marauilhas nas  
armas, não lhes deixando ver a-  
quelle grande zelo da honra de  
Deos, o notauel & certo perigo a q̃  
se punhaõ contra tantos, & em  
parte que não podiaõ ter soccor-  
rõ humano, andãdo antre os Tur-  
cos como liens brauos (do que  
elles mesmos estauão pasmados.)  
Os da fortaleza grande bem viaõ  
aquelle aleuantar, & abater, hora  
de hũa, hora de outra bandeira,  
mas não sabiaõ o que seria, por  
que não tinhaõ nouas do que era  
passado, pello q̃ estauão em gran-  
de confusão. Ioaõ Pirez & os mais  
andauão mûy açesos na batalha  
contra os Turcos, de que tinhaõ  
mortos alguns: mas todauia anda-  
uaõ já todos com muitas feridas,  
ferrados sêpre na badeira de Chri-  
sto, pera que estiuessse aruorada:  
do que enuergonhados os Iani-  
zaros, (vendo que só seis homens  
lhes dauão tanto que fazer) carre-  
garaõ todos sobre elles, & os aper-  
taraõ tanto, que os atassalharaõ: o

que elles antes quiferaõ que verê  
com seus olhos tamanha offensa  
feita á cruz de Christo.

Mortos estes seis animosos &  
esforçados caualeiros, a bandeira  
dõs Turcos foi logo aruorada, sem  
se mais mudar, (o que se notou da  
fortaleza) mas como não sabiaõ  
o que la ya não o souberaõ deter-  
minar. Os Mouros como ficaraõ  
escandalizados d'aquelles cau-  
leiros & martyres de Christo, lan-  
çaraõ os seus corpos da torre abai-  
xo da banda do már enchendo a  
maré: cousa marauilhosa, que  
querêdo logo Deos mostrar quaõ  
aceito fora diante d'elle, aquella  
grande amor & zelo de sua hon-  
ra, no mesmo instante que os cor-  
pos tocaraõ na agoa, refreando  
o mar seu curso, indo pera cima  
com grande furia, tornou logo  
com outra tamanha a decer pera  
baixo, que leuou aquelles corpos  
juntos a tè os pôr todos na por-  
ta da couraça, & depois de os ter  
juntos neste lugar seguro, tor-  
nou a maré a continuar o seu  
curso ordinario. Era isto a ho-  
ra de meyo dia. Foraõ aquelles  
corpos vîstos de cima do baluar-  
te, & acodindo Antonio da Syl-  
ueira os mandou recolher dentro,  
notando todos o milagre taõ eui-  
dente, sem saberem o que tinha  
acontecido. Dali foraõ leuados á  
igreja com grande honra, & en-  
terrados todos juntos em hũa co-  
ua defrõte do altar mór da capella  
pera



*Quinta Decada. Da historia da India.*

pera fora: & de crér he, que suas almas sobiriaõ triumphantes diante da diuina Majestade, onde receberiaõ a gloriosa coroa de martyres. E se he verdade, (como os Doutores affirmão) que não só a pena faz o martyr, se não tambem a causa (por que pera ser perfeita rezaõ de martyrio, não basta morte, mas tambem vontade) logo pois, tudo isto concorreo nestes nossos martyres de Christo. Com muita rezaõ os podemos nomear por esses: & mais quando taõ claramête mostraraõ morrer por honra de sua fé. E nós tambem nomearamos a todos estes feis neste lugar, se lhes acharamos seus nomes, sobre o que trabalhamos bem. A estes descuidos já não ha remedio, mas trabalharemos de os emendar em nossos tempos, cõ segurarmos, que todo o que merecer nome na historia, o não perca nesta nossa.

E tornando a continuar com Antonio Faleiro, ficou na Galé com o Baxá, muito seu mimoso: & logo em se saindo Francisco Pacheco, lhe mandou o Baxá, que escreuesse hũa carta em seu nome, que o mesmo Baxá notou, & mandou a Cogeçofar que fosse ter com Francisco Pacheco, & lha fizesse alsinar, & fizesse ir a bom recado a tè defronte da fortaleza ao mesmo Antonio Faleiro, & que leuasse a carta a Antonio da Sylueira, & falasse com

elle, & o persuadisse a lhe entregar a fortaleza, & que nas promessas não fosse auaro: mandando a Cogeçofar que estiuessse presente as praticas pera ser testemunha dellas. Foi cousa espantosa, que logo na fortaleza se começou a dizer (sem auer quem tal soubesse) que Francisco Pacheco auia duas ou tres noites que ya falar com os ditos capitães Turcos: & outras particularidades desta calidade: que depois se affirmaraõ ser assi, como foraõ adiuinhadas.

CAPITVLO IIII.

*Que contem o teor de hũa carta que o Baxá escreueo a Antonio da Sylueira, em nome de Francisco Pacheco: & do que passou na falla que teve com Antonio Faleiro, & da resposta que lhe deu. E de como os Turcos assentaraõ suas estancias, & começaraõ a bater a fortaleza.*

**E**STANDO Antonio da Sylueira muito triste & malenconizado todo aquelle dia, sem saber o que era socedido no baluarte, mais que entenderse estarem os Turcos senhores delle, sem saber o como



o como : ao outro dia que foraõ  
dous do mês de Outubro ás dez  
horas do dia , appareceo á vista da  
fortaleza Antonio Faleiro, em  
meyo de coatro Ianiçaros,vestido  
em hũa cabaya d'escarlata com  
muitos alamares de fio d'ouro , &  
na cabeça turbante a modo Tur-  
quesco : & bradando aos do ba-  
luarte de Gaspar de Sousa, disse q̃  
trazia hũa carta de Francisco Pa-  
checo pera o capitaõ , que logo  
mandou pór vm d'aquelles Iani-  
çaros q̃ chegou ao pé do baluarte,  
& a atou a vm cordel q̃ de cima  
lhe lançaão , & tornouſſe aſtaſtar.  
Gaspar de Sousa a mandou ao ca-  
pitaõ,& elle ficou á falla com o Fa-  
leiro,que lhe diſſe , que Francisco  
Pacheco & Cogeoſar eſtauaõ ali  
perto eſperando pella reſpoſta : &  
ali lhe contou o modo de como ſe  
entregaraõ , & de como o Baxá os  
recebera com honras , engrande-  
cendo muito ſua authoridade,pru-  
dencia,liberalidade,& outras par-  
tes que elle não tinha : contando-  
lhe o grande poder que trazia, di-  
zendoſſe que o bom ſeria entrarẽ  
tambem em algum partido com  
elle , & entregarſſe aquella forta-  
leza,por que não era poſſiuel po-  
derſe defender a tantos & taõ po-  
deroſos canhoens,& feroſes baza-  
liſcos : & que o Baxá eſtaua apo-  
ſtado a fazer tudo o que lhe o ca-  
pitaõ pediſſe. Gaspar de Sousa tan-  
to que aquillo ouuiu, logo enten-  
deo que era velhaco , & que fora

nos tratos,o que todos ſoſpeitaraõ  
delle: & com muita paixãõ & co-  
lera lhe diſſe : que era vm fraco  
traidor,& couarde , & que diſſeſſe  
ao Baxá , que onde vira elle vm  
capitaõ como Antonio da Syluci-  
ra,que tinha vns teſticulos tama-  
nhos como os de vm touro,entre-  
gar a fortaleza que tinha em ſeu  
poder a vm Eunuco como mo-  
lher,fraco, ſem fé, nem palaura, &  
que ſe mais lhe dizia ſobre aquil-  
lo algũa couſa,que o mandaria eſ-  
pedaçar com vm camelo:com iſto  
ſe callou. A carta foi leuada ao ca-  
pitaõ , que a não quis abrir ſe não  
preſentes todos os fidalgos & ca-  
pitaens, de que ſe encheo toda a  
caſa : & mandandoa lér, ſem a  
querer tomar na mão , viraõ que  
dizia aſſi.

**S**Enhor,forçado da neceſſidade  
me entreguei ao Baxá Solei-  
maõ, com ſegurança das vidas &  
liberdades, de que nos paſſou vm  
ſaluo códuto, com o ſello do graõ  
Turco, contentandoſſe com lhe  
largarmos o baluarte, & que lhe  
foſſemos á ſua Galé dar a obediẽ-  
cia: o que fiz,& leuei comigo An-  
tonio Faleiro,& Gonçalo d'Almei-  
da,& elle nos fez muitas honras &  
merces,& nos tornou a confirmar  
o ſaluo conduto com condiçaõ q̃  
nos não iriamos pera a fortaleza,  
em quanto o cerco duraffe : por q̃  
como determinaua de ſe não le-  
uantar de ſobre ella ſem a tomar:  
não queria que a foſſemos ajudar



*Quinta Decada. Da historia da Índia.*

a defender. Este homem tras muito grande poder, & tem mandado desembarcar grande soma de bazaliscos, & outras peças grossissimas: & informado da pouca gente que está nessa fortaleza, & da falta da agoa, & mantimentos, & monições, deseja de não chegar ao cabo com a guerra, & de auer algum meyo pera escusar tanto dano: pelo que senhor vos peço ajaes bom conselho, & que lhe entregueis essa fortaleza com toda a artilharia, que elle vos dará embarcações em que todos vos possais ir pera Goa liurementemente.

Antonio da Sylueira tanto que ouuiu falar na entrega da fortaleza, não deixou ir mais por diante a carta (por que ainda era mayor) & perguntando aos que estavam presentes que era o que dizião áquillo? responderão todos a hũa voz, que sobre a mais pequena pedra d'aquella fortaleza, perderião mil vidas se tantas tiuessem. Antonio da Sylueira com grande aliuoroço os abraçou a todos: & logo na mesma carta (que não quis que lhe ficasse) mandou responder o seguinte.

Pera capitaão que tanto me engrandeceis, ouuera de comprar com vosco milhor o saluo conduto que vos passou, dos partidos com que vos entregastes: mas não me espanto de ser falso, & mentiroso, que tem por ley & natureza não guardar verdade: De vos si, que tão liure-

mente me aconselhais hũa cousa tão longe da que eu tenho em meu coração: por que não só cuido de lhe defender esta fortaleza, mas de o ir desbaratar dentro em seus exercitos. E vos não sejaes mais ousado, a me escreuer semelhantes cousas, por que a todos os que vierem com vosso recado, maldarei espedassar às bombardadas. E cerrando a carta lha mandou lançar do baluarte abaixo, & foi leuada a Antonio Faleiro, que se foi ajuntar com Cogeçofar, & com Francisco Pacheco, & todos se foram à Galé, & leuaram a reposta ao Baxá, que se ouue por muito afrentado das palauras com que o tratauão. E assi com aquella ira mandou meter a banco das Galés a Francisco Pacheco, & a todos os mais que foram da villa dos Ruimes, que seriaõ muito perto de sessenta pessoas, em que entraraõ alguns Christãos da terra.

As nouas desta carta do Baxá correrão pella fortaleza, & não tão na gente nobre, mas ainda na popular, a tẽ nas molheres, causou tamanha ira & furor, que desejauão de irem cometer os inimigos dentro em suas estancias. O Baxá mandou logo trazer toda a artilharia que tinha deixado em Madrefaual, que foi trazida com grande trabalho de muita gente da terra em juntas de bois, & foi passada á ilha em grandes barcas: & o cargo de mestre do campo deu a

Icuf.



Icuf: & o da artelharia a Hamede Baxá com dous mil Turcos: & a Cogecofar com toda sua gente q̃ eraõ treze mil homens deu o cargo de general sobre elles: por que elle ficaua na sua Galé: assi por que era muito velho, como por que era muito couarde, & não se queria pôr a algum risco. Icuf aos coatro de Outubro plantou sua artelharia sobre a fortaleza de már a már, em seis lugares, por onde pôs as peças todas por esta maneira.

Na ponta da terra que fica de frente dõde oje está situada a igreja de são Domingos & onde se vê vm fermoso piramide que ali se pôs depois pera memoria, que se rá pouco mais de trezentos passos pella esquadria) poseraõ hũa colubrina, que lançaua pilouro de ferro coado de pezo de sessenta & cinco liuras, & dous pedreiros, vm de pilouro de trezentas liuras, & o outro de duzentas: vm passa volante, & hũa colubrina de pilouro de cento & cincoenta liuras: vm bazalisco mũy grãde, duas aguias, dous liens, & outros canhoens pequenos.

Em outro lugar q̃ fica naquella alto, que está sobre o jogo da bolla, a pouco mais de oitenta passos da fortaleza, poseraõ dous bazaliscos, vm passa volante, duas aguias, dous liens, & outros canhoens menores, & vm temerosissimo quartao, pera com elle arruinar a cisterna, que leuaua pilouro como

vm fardo d'arroz.

A diante pera a banda do már, de frente do baluarte são Thome, affestaraõ dous bazaliscos, duas aguias, vm sacro, vm mortarro de coatrocentas liuras de pilouro, & outros canhoens.

Naquella parte em que depois se fundou a Ermida de nossa Senhora, que era o lugar da forca: plantaraõ dous bazaliscos, duas aguias, vm espalha fato, hũa colubrina de cem liuras de pilouro, & outros canhoens: & assi por esta maneira correraõ com as outras duas estancias, a tẽ cingirem toda a frontaria da fortaleza: de sorte que em todas estas estancias auia cento & dez peças de artelharia, sem se bolir em algũa das Galés, por que toda esta vinha de sobre celente nos Galeoens. Por estas seis estancias se repartiraõ coatrocentos bombardetros, Esclauoneses, Vngaros, Venezeanos, & de outras naçoens. E depois que se fortificaraõ & fizeraõ seus repairos, bastiaens, & mantas, assentaraõ seus exercitos antre estas estancias, & a fortaleza, naquella parte a onde está o jogo da bolla, que ficaua mais baixa: de sorte que por cima delles jugaua toda a artelharia d'aquella parte, & ali se fortificaraõ de vallos, trincheiras, & cauas: o que tudo fizeraõ aquella noite com perda & dano de muitos dos seus: por que dos nossos baluartes, em o sintindo, despararaõ nelles toda

O 4 a noite



*Quinta Decada. Da historia da India.*

a noite sua artelharia.

Ao outro dia pella menham se viraõ todas as estancias plantadas: & fortificadas com muito boa ordem, & com ellas começaraõ logo a dar a primeira salua á fortaleza com tamanho estrondo & terremoto, que parecia que o mundo se desfazia em coriscos & trouões, eclypsandosse o sol com a escuridade, & espessura das nuuens do fumo, com que deixaraõ de se ver vns aos outros. Os pilouros faziaõ pellas ameaas do muro taõ grãdes terremotos, que parecia que todos os Cycoples infernaes estauaõ nellas martelando, mas nada destas carrancas espantou os nossos, por q̃ desprezãdo tudo acodiaõ a reparar com muita presteza algũas partes arruinadas, respondendolhes tambem com sua artelharia que se desparou em todas as estancias, em que lhes mataraõ & feriraõ muitos. Antonio da Sylueira como capitãõ animoso corria a todas as partes, pera ver com o olho o de que tinhaõ necessidade, pera logo mandar prouer. No baluarte de Gaspar de Sousa (por onde os Turcos tinhaõ determinado de dar o assalto, por estar fora da caua) poseraõ elles muita força, batendoo de tres estancias, por q̃ determinauaõ de o arrasar: por q̃ este de nenhum outro trauez podia ser soccorrido, & ajudado, se não se fosse do baluarte do már, de que era capitãõ Antonio de

Sousa. Este capitãõ tanto que vio começar a bataria, mandou apon-  
tar todas as peças no exercito imigo, que lhe ficaua pella banda do már vm pouco descuberto, começandoo a bater rijamente, fazendolhe muito grande dano. Os Turcos acodiraõ logo áquellas partes, & fizeraõ reparios, pera não serem por ali taõ offendidos.

A bataria foisse continuando naquelle baluarte de Gaspar de Sousa, em q̃ se descarregou aquella tempestade & multidaõ de bazaliscos, saluagens, liens, aguias, com que lhe arrasaraõ (nesta primeira mostra) todos os altos, ameaas, & contra ameaas, cegãdolhe as mais das peças, que era o que elles pretendiaõ, quebrandolhe vm camelete em muitos pedaços, & a boca a vm fermoso liaõ. E não querẽdo desisttir d'aquelle negocio a tè não derribarem todo o baluarte pello chaõ, mandaraõ reuezar a bataria, alternandoa duas vezes, assi aquelle dia todo, como a noite seguinte: em que por cõta dos de dentro a tiraraõ duzentas & corenta bombardadas. Em todo este tempo não ouue poderem tomar os nossos vm pequeno de repouso: por que repartidos todos pello trabalho acodiraõ a reparar, & reformar as ruinas que eraõ muitas.

Ao outro dia tornaraõ á bataria pella mesma ordem, em que acabaraõ de arrasar o baluarte a te  
o entu-



o entulho, ficando as peças da ar-  
telharia todas cegas, & elle descu-  
berto por todas as partes, quebran-  
dolhe mais vm saluagê de ferro,  
& outras peças miudas. Entendê-  
do Antonio da Sylueira, que por  
aquelle baluarte pretendiaõ dar-  
lhe o assalto, deu ordem a todos os  
capitaens das outras estancias, que  
no tempo do cometimento o mã-  
dasssem socorrer cõ a melhor sol-  
dadesca que tiuesssem. E logo mã-  
dou acarretar pera o pé do baluar-  
te muita madeira, & pedra, pera o  
fortificar, & renouar, prouendo de  
muitas lanças de fogo, panellas de  
poluora, & de outros petrechos de  
guerra pera sua defensão. Pondo  
por todo elle muitas tinas cheas de  
água, & ordenou pipas, & cestoens  
cheos de terra, que se poseraõ á ro-  
da do baluarte pera reparo. Os  
inimigos vendo que só em dous dias  
poseraõ aquelle baluarte naquel-  
le estado, ficoulhes esperanças de o  
arrasarem de todo, & mandaraõ  
continuar a bataria, & bater a cor-  
tina do muro com oito peças jun-  
tas, o q se fez por mais cinco dias  
continuos, em que derribaraõ hũa  
grande parte do muro, q ya fechar  
no baluarte são Thome, que ficou  
de feição, que se via a fortaleza to-  
da por dentro, & o trauez do ba-  
luarte foi tambem derribado por  
algũas partes, & cegas as peças que  
delle jugauaõ. D'aquella parte do  
baluarte que se derribou cayo tã-  
ta pedra & califfa pera fora, q lhe

ficou vm entulho que chegaua atê  
cima, por onde muito bem se po-  
dia sobir. Ficaua esta rotura do  
muro muito perto do baluarte de  
Gaspar de Sousa, que acodio a re-  
parar tudo o melhor que pode, cõ  
muito grande risco, & trabalho de  
todos.

Esta noite chegou á fortaleza o  
catur de Miguel Vaz, em, que vi-  
nha dom Duarte de Lima, que foi  
recolhido pella couraça, & recebi-  
do do capitão com grandes hon-  
ras. Delle soube como o mandaua  
o Visorrey ver o estado em que a-  
quella fortaleza estaua, por que cõ  
a certeza do q lhe diffesse se auia  
de aballar, por q ficaua ja no már,  
com hũa muito poderosa arma-  
da. Com isto ficaraõ todos muito  
alegres, & toda a noite passaraõ  
em festas, & folias. E ao outro dia  
se embandeirou a fortaleza, as si pe-  
ra darem a entender aos Mouros  
o pouco que os temiaõ, como por-  
que soubesssem que esperauaõ pel-  
lo Visorrey.

## CAPITULO V.

*Do primeiro assalto que os Tur-  
cos deraõ ao baluarte de Gas-  
par de Sousa, & do que nelle  
passou.*



ENDO Antonio da  
Sylueira o baluarte de  
Gaspar de Sousa arras-  
ado, acodio ao fortificar com hũa  
grossa



*Quinta Decada. Da historia da India.*

grossa parede pella banda de dentro, que logo começou a fazer com muita pressa de noite. Isto foi sentido dos inimigos, que por não dar tempo aos nossos de se repairar, baterão toda a noite o baluarte, fazendo nelle grande dano, matado, & ferindo alguns dos nossos, que andauão na fabrica da parede: por que os muitos pilouros que chouião sobre o baluarte, não dauão lugar pera se correr com a obra. Mas Antonio da Sylueira, que com o seu grande intendimento, andaua traçando modos, pera contra os ardis dos Mouros, mandou que com muito silencio se corresse ali com a obra, & que no pano se batesse com muitos picoens, & se fizesse grande estrondo, pera que os inimigos acodissem ao som das pancadas, pera assi darem algum folego aos que corriaõ com a obra da parede: o que lhe não sayo em vão, por que como a noite era muito escura, & elles não viaõ a onde a tirauão, affestauão as peças da artilharia ao tom do trabalho dos picoens: & assi ficaraõ correndo com muito silencio na obra da parede, que começou a crescer, indoa fabricando pella borda do baluarte de pedra & barro, & aquella noite a poseraõ em altura de um homem, & tão larga, que com hũa escada que fizeraõ pera a seruintia, ficaua tomando a terça parte do baluarte, com o que ficou por entãõ seguro, & defensauel.

Ao outro dia tanto que amanheceo, que os inimigos viraõ a obra feita ficaraõ como pasmados, & sem embargo disso determinaraõ de dar aquella dia um assalto pella rotura do muro: & delle encomendaraõ a dianteira a setecentos Iançaros, debaixo das bandeiras de Beran can, & Mamede can: que em dous escoadroens foraõ remetendo com o muro. Os dianteiros que começaraõ a sobir pelas roinas, foraõ cincoenta Iançaros, armados de todas as armas. No mesmo tempo se começou á bataria em roda da fortaleza, pera diuertirem os nossos, & pera ficar aquella parte mais fraca, & com menos esperança de soccorro. Os dianteiros com grande oufania & arrogancia, cometeraõ a sobida, auendo que d'aquella feita leuariaõ a fortaleza nas vnhas: mas Gaspar de Sousa deixando o baluarte prouido, tomou alguns companheiros que pera isso escolheu, & acodio áquella parte com algũas lanças de fogo, & panellas de poluora, & chegando os Iançaros a pôr as mãos no muro, dando nelles os fez virar de pernas acima, levando a pos si outros. Os capitaens Turcos que estauão ao sopé do muro, vendo vir aquelles mandaraõ outros: & assi foraõ ceuado aquelle lugar: por que como se vazaua dos que os decima derribauão, logo se enchia de outros, que parecia que á porfia yaõ buscar a morte, que



te, que lhes não tardaua mais, que em quanto o ferro Português lhes não chegaua.

Os Turcos vendo a grande resistencia que nos de cima achauão, começaram a perder o brio & soberba com que ali chegaraõ, (porque auiaõ que tudo se lhes desemparraria em elles chegando.) Isto lhes sayo bem ao reuez: por que os de cima, quantos mais dos inimigos recreciaõ, tanto mais se lhes dobraua o animo, forças, & alento. Gaspar de Sousa deu aqui hũa grã de proua de seu muito valor & esforço: por que em quanto durou o assalto, sempre se apresentou no mayor perigo diante de todos os seus, fazendo taes obras, que obrigaua a todos ao imitarem. Dom Duarte de Lima (que tinha chegado aquella noite) quis ser testemunha de tudo, pera informar de vista ao Visorrey, & posto diante de todos, fez cousas bem dinas de serem muiy particularizadas: o que a nossa historia não sofre, por que se de todos o ouueramos de fazer, sem duuida, que pera cada vm dos que neste cerco se acharaõ, ouuera mister muitos capitulos: & por isso não faremos mais que nomeallos, por que pello discurso do cerco se verá bem a gloria que se deu a cada vm, & a todos.

Antonio da Sylueira chegou áquella parte, acompanhado d'alguns fidalgos que o seguião (que elle chamaua pera se aconselhar

nas cousas arduas.) E foi passando por todos pera se pôr no lugar da defensão, por que lhe não sofria o animo ver os seus em perigo, & elle ficar de fora: mas os que yaõ com elle o detiñeraõ, dizendolhe, que não era aquella sua obrigação, & que lhe não auiaõ de consentir arriscarse a perigo algum, por que nelle estaua o remedio d'aquella fortaleza: & q̃ em quanto o vissem viuo pelejariaõ todos com as tripas em hũa mão: & com a espada na outra, o que seria ao contrario, se lhẽ acontecesse desastre. Antonio da Sylueira deteu-se entãõ no baluarte prouêdo d'ali nas cousas neccessarias. Os nossos que estauaõ ao encontro com os inimigos, fizeraõ nelles tamanho estrago, que de já não poderem os Turcos ver tanto, arrancaraõ do exercito com todo o poder, & chegaraõ a fauorecer os seus com tamanho estrepito & roido, q̃ atroauaõ os ares, com que espantauaõ as aues do ceo.

Aqui foi a reuolta muito grande, por que os inimigos como magoados trabalhauaõ por entrarem a fortaleza: & os nossos como quem em sua defensão estaua seu remedio, faziaõ maravilhas pola não deixarem entrar. Ali acodiaraõ de refresco Lopo de Sousa Coutinho, Manoel de Vasconcellos, & outros fidalgos, & caualeiros: & pediraõ aos que estauaõ no lugar da defensão, que descansasse  
vm



*Quinta Decada. Da historia da Índia.*

vm pouco, que elles ficariaõ ali a tè tornarem o que alguns não quiferaõ fazer, & outros quasi por força por se irem curar de muias feridas que tinhaõ. Em fim os nossos trataraõ os imigos de feição, q quantos mais sobiaõ, tantos mais tornauaõ a voltar feitos pedaços, levando outros a tè baixo a pos si. Durou este assalto a tè o meyo dia que se retiraraõ os imigos pasmados de verem taõ poucos homens fazer tamanhas marauilhas, blasfemando de Mafamede, auendo q elle era o q os castigaua por maõs de taõ poucos.

Os nossos vendosse desaliuados recolheraõ os feridos q eraõ muitos, custando so as vidas a dous. O capitão mandou repairar aquelle lugar com muita presteza, no que trabalharaõ o que restou do dia, & toda a noite, sem tomarem repouso. Os Mouros cheyos de ira & furor do mao socesso passado, tornaraõ a redobrar a bataria naquelle lugar pera o acabarem de arrasar, insistindo, em que por ali auiaõ de entrar a fortaleza, & assi o bateraõ que tornaraõ a deitar por terra tudo o que se renouou. Aquella noite pedio Antonio da Sylueira a dom Duarte de Lima, que se tornasse com o recado, do que vira, ao Visorrey, pois esperaua por elle, pera que se apressasse, escreuedolhe hũa breue carta, em que se reportaua a elle. Dom Duarte de Lima se embarcou contra sua vô-

tade, por que desejou de ficar na fortaleza: & com grande vigia nas Galés sayo pella barra no coarto da modorra, & foi seguindo seu caminho.

Ao outro dia pella menhá, chegou a armada, hũa das naos q eraõ desaparecidas, em q vinha o Armiraglio, q trazia muitas vidualhas. Cõ sua chegada, por lhe fazerem festa, quiferaõ os imigos dar outro assalto á fortaleza, & assi sairãõ de seus exercitos, com suas bandeiras desenroladas, & remeteraõ com a quebrada do muro, por onde comecaõ a sobir, como homens magoados, & desesperados, a receberem a morte das maõs dos de cima, q os esperaraõ cõ muito animo pera lhe darem: & assi os escandalizaraõ este dia, que a pezar seu os fizeraõ afastar com tanto ou mayor dano que o passado. E por não particularizarmos tãto, q enfaltia: tres vezes cometeraõ este dia o assalto, achando de cada hũa mayor desengano nos nossos, & assi tornaraõ a sua bataria, coufa que os de dentro mais sintiaõ que os assaltos: por que nelles não faziaõ mais que matar, & derribar nos imigos, com tanto gosto, que elle lhes fazia parecer o perigo muito leue: mas na bataria andauaõ occupados no repairar, & renovar, sem poderem tomar por suas maõs vingança, de quem lhes daua aquelles trabalhos.

CAPL



CAPITVLO VI.

*Do grande medo que deu no Baxâ, tanto que soube que o Visorrey ficaua pera o ir buscar. E da contagiosa infirmitade que deu em todos os da fortaleza: & do valor cõ que as mulheres acodiraõ aos trabalhos da fortificação.*



**B**A X A que estava no már, tanto q̃ entrou dom Duarte de Lima na fortaleza (pello aluoroço que nella ouue, & por tambem os nossos lho dizerem de noite de cima do muro) soube logo de como o Visorrey ficaua no már pera o ir buscar: pello que se passou d'aquelle porto, (por que tambem nelle os Noroestes lhe dauaõ trabalho) & se foi pera a outra parte da terra firme, da banda de Gogala, por que ficaua mais abrigado. E como era homem fraco, & acouardado, mandou aferrolhar logo todos os Christãos, & passou da Galeaça em que estava pera a Galé bastarda por ser muito ligeira, & mandoulhe tirar o toldo & vela, que era todo quarantineado, diuisa pera ser conhecido no mar, & mandou a guarnecer de velas brancas, por que se não foubesse em qual das Galés estava: deixando a sua bandeira & di-

uisa na Galeaça: & mandou guarnecer as Galés todas de arrombadas, & padezes fortes, por que se viesse a armada do Visorrey (que elle não determinaua de esperar) estaria prestes, asy pera fogir, como pera pelejar, quando mais não podesse.

E por que não ficasse trabalho algum, que os da fortaleza não passassem, sobre veyo em todos hũa geral infirmitade da boca & gengiuas, com tamanha inchaço & dores, que nem o arroz mole podia mastigar: & era mui grande lastima de ver & ouir os gritos & ais das dores que padeciaõ. Este mal se causou da agoa q̃ bebiaõ da cisterna, que por necessidade se recolheo nella, com o betume & cal ainda fresca, o q̃ a corrompeo de feição, q̃ causou este mal tamanho em todos, mui grande espâto, & medo: por q̃ se viaõ vns aos outros como mortaes, com as bocas abertas, estilando vm humor peço nhentissimo, como se foraõ mordidos de nociuas biboras, sem comerem, dormirẽ, nẽ tomarẽ repouso algum. Mas todauia nos rebates acodiaõ todos com vm feruor, & animo, que lhes fazia esquecer as dores que tinhaõ.

E como em todas as batarias matauaõ & feriaõ aos da fortaleza, começaua a faltar gente pera o trabalho da reformaço das ruinas: do que mouidas as mulheres todas com vm zelo honroso Portuguez,



*Quinta Decada. Da historia da India.*

tuguez, ordenaraõ tomar á sua cõta o trabalho manual das obras, pera que ficassem effes poucos homens que auia desoccupados pera a defenfaõ da fortaleza. As autoras desta obra taõ heroica foraõ Isabel da Veiga, & hũa Ana Fernandez. A Isabel da Veiga (que he a de quem ja falamos no capitulo primeiro do coarto liuro) que se naõ quis ir pera Goa, quando seu marido Manoel de Vasconcellos a mandaua) foi filha de vm cidadão de Goa, nobre, chamado Francisco Ferraõ, que foi juiz d'al-fandega de Goa em vida, foi casada com este Manoel de Vasconcellos homem fidalgo, d'antre que ficou no mundo grande posteridade, & ampla geraçaõ: por que tiueraõ estas filhas: dona Luiza de Vasconcellos, que foi casada duas vezes: a primeira com Diogo de Mesquita, de quem nesta quinta decada, & na coarta falamos muitas vezes, que foi capitão de Cofala, de quem naceraõ Manoel de Mesquita, casado na India, que faleceo sem lograr a fortaleza de Chaul, de que era prouido: & dona Isabel de Vasconcellos, que tambem foi casada duas vezes como sua mãy: hũa com Ruy Diaz Cabral, filho de Fernaõ d'Alvarez Cabral, de que naõ ouue filhos: & a outra com Manoel de Miranda, filho de Diogo de Miranda, camareiro mór que foi do Cardeal dom Anrique:

D'atre estes naceraõ muitos filhos, & filhas, que saõ viuos. A segunda vez foi dona Luiza casada com Pantaliaõ de Sá, filho de Ioaõ Rodriguez de Sá do Porto: que foi capitão de Cofala, de que ouue hũa filha, que está casada em Portugal, que se chama dona Barbona de Meneses, cõ Lourenço de Mello, filho de Christouaõ de Mello, & de hũa filha do nosso Ioaõ de Barros, a que chamauaõ dona Caterina. As outras duas filhas, que Isabel da Veiga teue de Manoel de Vasconcellos, foraõ dona Caterina casada com Pero de Mesquita, & dona Ioana com Diogo Lopez de Mesquita de Guimaraens que foi capitão de Maluco.

A outra matrona Ana Fernandez, que se juntou com esta pera governarem as outras, foi casada com vm Fernaõ Lourenço, Christaõ velho, professor da Surugia. Estas apellidando todas as mães com seus cestos nas cabeças muyto alegres & contentes, começaraõ a carretar a pedra, terra, madeira, & outros materiaes, pera as obras, & repairos, que se faziaõ, que logo foraõ crescendo muito, sintindosse ja dali por diante menos a falta dos doentes. Este seruiço faziaõ todas com hũa presteza & alegria, que dobraua os animos a todos. E naõ contente Ana Fernandez com este exercicio, começou a exercitar outro de muito grande charidade, que era, a todos os feridos que se yão curar



curar a sua casa com seu marido, ella com suas proprias mãos lhes alimpava as feridas, & fazia os fios, concertava os vnguentos, & ainda os agasalhava em sua casa, & lhes fazia as dietas, & dava as suas conseruas, & mimos, com tanto amor, como se todos foraõ seus proprios filhos. E não satisfeita ainda disto, sem tomar repouso, tanto que era noite, & que os agasalhava, sayasse de casa encoitada a um bordão (por que era velha & pejada) & ya correr todas as estancias & baluartes, animando a todos, lembrando-lhes suas obrigaçoens, & fazendoos estar prontos á vigia. E ainda passou mais adiante, que todas as vezes que a via assaltos acodia á parte em que pelejavaõ, & com um animo varonil se metia em meyo de todos, animandoos, & persuadindoos a pelejarem pella fé de Christo. Algũas vezes acertou de ver pelejar alguns floxamente, & chegando-se a elles os reprendeo, & esforçou. E vendo hũa vez, ou duas que se yaõ uns escoando, & saindo da batalha, có ira & menecoria os tomou pellos braços, & afrontandoos com palauras muiy honradas, os fez tornar a seus lugares. E assi trazia o olho nestas cousas, que nada deixava de ver: & tamanho medo, & respeito, lhe tinhaõ já todos, que em ella chegando no tempo da briga, & levantando a voz, se metia em meyo

delles, chamando-lhes filhos, & caualeiros de Christo, assi trabalhavaõ todos por lhe parecerem bem, & de se arriscarem nos lugares mais perigosos, como se pelejassem diante do seu Rey que os ouvesse de galardoar.

Tinha esta matrona um filho de dezoito annos na fortaleza, chamado Francisco Mendez, muito bom caualeiro, & que sempre pelejou bem: andando ella neste assalto visitando os baluartes o achou morto de hũa espingardada pella cabeça: & muito inteira & constante o tomou nos braços, & o recolheo. E como se acabou a briga lhe fez dar sepultura, com hũa segurança, & sofrimento, que espantou a todos, não deixando de continuar có seu piadoso exercicio, encobrando a dor & magoa, que em seu coração tinha, por não entristicer a todos que a amavaõ, como mãy. Desta maneira ficaraõ estas matronas continuando no trabalho de noite, & de dia: & em qualquer parte que por ellas chamavaõ pera algũa necessidade, logo acodiaõ com todo aquelle feminino escoadraõ, carregadas todas de materias, & de todas as mais cousas necessarias.



CAPITULO VII.

*De como os Turcos milhorarão  
suas estancias, a tè as porem  
à borda da caua.*

**E**SCANDALIZADOS os Turcos dos assaltos passados, determinaraõ de não leuarem maõ da bateria, a tè não arrasarem de todo o baluarte de Gaspar de Sousa pera entrarem por elle na fortaleza, no que poseraõ toda sua industria, & poder. E assi foraõ continuando a bateria com grande terror, & espanto alguns dias, em que tambẽ derribaraõ a igreja que estaua no meyo da fortaleza, no mais alto lugar della, que era vm edificio muito arrezoadado, de tres naues, cõ hũa torre sobre a porta, taõ alta, & quasi tamanha como a antigua de sã Vicente de fora em Lixboa, que se descobria toda de fora muito bem, & tudo arrasaraõ, & derribaraõ: no que acrecentaraõ nos Portugueses mayor odio, & ira, de sejando de vingar aquella offensa feita ao templo dedicado ao altissimo Deos. D'aquella estancia que os Mouros tinhaõ sobre o jogo da bõla (de q̃ tambem batiaõ todos aquelles dias o baluarte de Gaspar de Sousa) despararaõ aquella temeroso coartao, q̃ tinhaõ afeitado por elcoadria no lugar da cisterna,

que estaua a cargo de Roque de Nauaes, vm caualeiro honrado, que mandou com muita diligencia armar sobre ella alguns andaimos fortissimos, pera que os pilouros embaçassem primeiro nelles que dessẽ na abobada: o que foi parte pera se não arrombar de todo: posto que alguns pilouros lhe deraõ, de que recebeo algum dano. O baluarte de Gaspar de Sousa, foi batido de tres partes com tanta furia, que lhe arrasaraõ toda aquella parede que os nossos tinhaõ fabricada. A isto acodio logo Antonio da Sylueira, & mandou edificar outra mais forte pella banda de dentro, que tomaua tanto do baluarte, q̃ já lhe não ficaua mais que vm terço d'elle em que se recolhessem.

A este seruiço acodio com muito feruor aquelle feminil esquadraõ, carregado de pedra, barro, terra, agoa, madeira, não lhes impedindo esta obra, nẽ a grande queitura do sol, de q̃ ellas não resguardauaõ seus delicados caroens, nem o sereno & escuridaõ da noite, nẽ os grandes & medonhos coriscos, & tepestades da artelharia, cujos pilouros lhes zoniao & affouiauaõ pellas orelhas, sem ellas mudarem passo, nẽ largarem o seruiço. Antonio da Sylueira receando que lhe tornassem a derribar aquella parede, & que o baluarte se perdesse, ordenou de fabricar pella banda de dentro hũa torre á maneira de caualeiro,



caualeiro, pera defensão da fortaleza.

Nesta obra (q̃ foi muito proveitosa) se poseraõ as mãos com muita diligencia. E por que começou a faltar pedra, mandou o capitão derribar algũas casas, o q̃ se fez com muita presteza, acarretando as molheres a pedra & madeira dellas, com o que a obra foi crescendo de feição, que em poucos dias se pôs na altura do baluarte, com o que elle ficou seguro. Foi esta fabrica tão necessaria, & importante, que parece q̃ Deos moveo o coração do capitão pera á ordenar: por que sem duuida ella foi a principal parte da defensão da fortaleza, & de os imigos a não entrarem. Em quanto durou este trabalho nunca Antonio da Sylveira se apartou do baluarte, a onde era sua estancia. E onde estaua sempre de dia, & de noite ao pé delle assentado em hũa cadeira, armado, mandando & governando tudo: & sempre com a bolsa aberta chea de dinheiro. que despendia muito liberalmente por todos: & assi deu tanto que lhe veyo a faltar: & soccorresse á prata de seu seruiço, que toda cortou em pedaços com que fazia as pagas sem pezo nem conta. Esta foi hũa das grandezas que se notaraõ em Cesar, que mandaua pagar a os soldados ás mãos cheas de dinheiro, mandando que cada vm metesse a mão em hũa alfofa que

estaua chea delle, & que tomasse tudo o que elle podesse leuar, por que dizia, que d'outra maneira o enganariaõ na conta.

Os Turcos vendo derribada a segunda parede, & o baluarte tão danificado que já se podia cometer, determinaraõ de melhorar suas estancias a tè as poremsobre a borda da caua: pera o que ordenaraõ grandes ballas de algodaõ, & vns fardos grandes de couros cruís dobrados, muito redondos & compridos, cheos de terra. Depois de tudo isto feito, hũa noite os foraraõ rolando, indo detras delles os lançaros emparados por amor da nossa artelharia & arcabuzaria: por que os nossos tinhaõ tamanha vigia, que em sintindo aquelle rumor, despararaõ pera aquella parte toda a monição, com q̃ lhes mataraõ & feriraõ muitos. Todavia elles foraõ por diante, a tè chegarem a dous fornos de cal mūy grandes, que os nossos tinhaõ feito perto da caua pera a obra da fortaleza, que por descuido ficaraõ em pé, cujas paredes ficauaõ sobre a terra altura de vm homẽ. E pondo aqui os fardos, entulharaõ os fornos com muita presteza: & de vm ao outro fizeraõ logo hũa grossa parede de terra & pedra, com o que ficaua vm grande & fermoso repairo, & por cima delle puseraõ as ballas d'algodaõ, sobre que armaraõ vns caualos grandes de madeira, forrados de



*Quinta Decada. Da historia da India.*

couros crus, q̃ pera aquillo tinhaõ feitos: com o q̃ ficou aquella estãcia quasi tão alta como aquella baluarte, apartado delle a largura da caua. Estes caualos tinhaõ muitas feteiras pera jugar a sua artelharia: & com muita arte & industria fizeraõ algũas profundas cauas pera a firuentia des do exercito a tẽ ali, por onde se seruião de hũa parte pera a outra, sem serem vistos dos nossos, & por ellas trouxeraõ algũas peças de artelharia, q̃ plantaraõ contra o baluarte: & por fora desta estancia abriraõ outra muito fermosa & larga caua.

Esta obra se fez toda esta noite, & no outro dia seguinte em que receberaõ assas de dano dos nossos que não estauaõ descuidados, antes vns pelejando, & outros fortificando, tambem gastaraõ todo aquelle tempo. Os Turcos tanto que acabaraõ as estancias, começaram a bater o baluarte de Gaspar de Sousa com grande furia & continuação. Tinhaõ os nossos aruorada hũa fermosa bandeira em cima da torre nõua, que o Baxá vio da Galé, & mandou dizer a todos os bombardeiros do exercito, que o que lha derribasse lhe daria liberdade, & sessenta cruzados, & ṽm vestido. Com este interesse lhe atiraraõ muitos, & ṽm delles que era Esclauones aos tres tiros deu com ella embaixo, ao que os Turcos deraõ grandes gritas, & fizeraõ muitas festas. A bataria foiz-

se continuando a tẽ derribarem toda a parede q̃ de nouo tinhaõ feita, & parte do mesmo baluarte, cuja terra, calissa, & pedra, que cayo pera fora, fez ṽm entulho tão alto como o muro, por onde não podiaõ bater no viuo, & todos os tiros embaçauaõ. Vendo Cogecofar aquillo, mandou trazer das aldeas vizinhas muita gente inutil, por quem mandou furtar o entulho por baixo sem emparo algum, & por força, & às pancadas os faziaõ chegar ao trabalho, em que a mór parte pereceo: por que a espingardaria de cima, se empregaua nelles bem á vontade sem se perder tiro. Os Turcos em quãto se isto fazia, não desistiaõ da bataria dos outros baluartes, o q̃ não fizeraõ a seu saluo: por que do baluarte do már lhes fizeraõ sempre muito dano: por que os varejauaõ por hũa ilharga do exercito, & todauia o baluarte de Gonçalo Falcaõ ficou tão arrasado, que por cima ficou descuberto todo, sem emparo algum.

**CAPITVLO VIII.**

*Do grande, & geral assalto, que os Turcos deraõ à fortaleza, & dos espantosos casos que nella acontecerãõ.*

Postos



**P**OSTOS os baluartes no estado em que diffemos, determinação os Turcos de dar á fortaleza um geral assalto. E um dia pella menha saíram de suas estancias com todas as bandeiras desenroladas, & remeterão com o baluarte de Gaspar de Sousa, cuidando que d'aquella feita se concluisse aquelle negocio. Os Iançaros que eram os dianteiros, começaram a sobir pello entulho com grande determinação & soberba, que se lhes quebrou, tanto que os de cima lhes poderao chegar & alcançar com o ferro, com que os cortarao de feição, que muita parte delles tornarao de pernas acima feitos pedaços, & abrafados das muitas panelas de poluora, que sobre elles lançarao. A bataria neste tempo não cessava nas outras partes, pera diuirtirem os nossos. Gonçalo Falcao andava em cima do seu baluarte, que estava todo arrasado, & descuberto, mandandoo reparar, & fortificar: & como tinha ali seu fim limitado, o tomou um pilouro de hũa bombarda pella cabeça, que logo lhe fez em pedaços. A morte deste fidalgo foi muito sentida de todos, pellas muitas partes que tinha, de conselho, esforço, & liberalidade, que em todo o tempo podera fazer muita falta, quanto mais naquella em q tanta necessidade tinha de homens

d'aquella qualidade, por que nelles traziaõ todos os mais os olhos, & elles os faziaõ ousados, & confiados. No baluarte de Gaspar de Sousa foi a referta grande: por q os Turcos yaõ sobindo com grande determinação, uns pellas quebradas das paredes, & outros pello entulho, a tẽ chegarem a experimentar o dano que em cima lhes estava aparelhado, por que os nossos assi os escandalizaraõ como a os primeiros.

Os capitães Turcos vendo aquelle estrago, remeterão ao baluarte com todo o poder, lançando os Iançaros armados de armas brancas diante: que enuergonhados de verem tantos dos seus tornarem do mais alto feitos pedaços, desfistimando a morte a forão buscar á porfia: trauandosse hũa cruel batalha, em que os do baluarte se viraõ em grande risco & aperto. Disto se deu logo rebate a Antonio da Sylueira, que estava no seu lugar governando, & prouendo a tudo: & sabendo o trabalho em que estavaõ, mandou todos os que trazia em sua companhia, que acodissem lá, & o mesmo fizeraõ dos outros baluartes muitos fidalgos & caualeiros, que com um grande odio, & desejo de vingança se poseraõ ao encontro dos inimigos, começando a cortar por elles sem piedade. Mas como eraõ muitos, não lhes fazia falta os que lhe matauaõ: por que logo se

P 4      tornauão



*Quinta Decada. Da historia da India.*

tornauão a encher os lugares de outros folgados, renouandosse o furor & ira em todos, por que vns por sobir, & outros por lhe defender a sobida fazião marauilhas, naõ tanto a saluo dos nossos que n'aquelle conflicto lhe naõ matasem coatro, & ferissem os mais delles: & antre estes deraõ a vm Ioaõ da Fonseca muito bom caualeiro hũa espingardada pello collo da maõ direita, que lhe varou todo o sangradouro, ficandolhe o braço dependurado: & como elle estaua com aquelle animo & furor, naõ fazendo caso da ferida, nem lha entendendo os que estauão de tras d'elle, por que estaua diante de todos, mudou cõ muita presteza hũa adarga q̃ tinha pera aquelle braço, & tomando a espada com a maõ esquerda, fez com ella taes cousas, que se lhe naõ sintio o defeito do outro braço, que elle trabalhaua por encobrir, acodindo de quando em quando com a maõ esquerda a aleuantalo pera cima, por que tinha os ossos quebrados, & com o pezo da adarga lhe caya ao longo da perna, & nunca esta falta se lhe enxergara, se se lhe naõ fairsa, & vira o muito sangue que d'elle corria, de que estaua o chaõ todo cheyo.

E como aquelle lugar em que pelejauão naõ era capaz de mais que de doze ou treze pessoas, tinhaõ muitos que estauão de fora o olho no que se faria, pera o tira-

rem & se porem em seu lugar. Duarte Mendez de Vasconcellos, que estaua detras d'elle, vendolhe correr tanto sangue, & entédendo quaõ mal ferido estaua, & que só o espirito & confiança o detinha ali, puxando por elle lhe pedio se quisesse ir curar, por que affastinha dado proua de seu muito grãde valor & esforço: por que seria perda muito grande, acontecerlhe algum desastre por dissimular cõ as feridas: que depois lhe naõ faltaria tempo, & lugar, em que mostrasse seu valeroso animo: Ioaõ da Fonseca fez taõ pouco caso d'aquillo, que sem lhe responder, nem fazer mudãça algũa, foi continuãdo na briga com tanto furor, que fez pasmar a todos: & certo que parecia, que quanto mais sangue d'elle se vazaua, tanto mais lhe creciaõ as forças & o animo. Duarte Mendez como estaua desejofo d'aquelle lugar, & todavia era grande magoa, ver vm taõ valeroso manco, taõ arriscado por se naõ querer sair da batalha, tornou a puxar por elle, & a lhe rogar que naõ quisesse insistir naquella porfia, ainda que taõ honrosa, que se fosse curar, que elle lhe guardaria o lugar a tè tornar, Ioaõ da Fonseca virando o rosto lhe disse. Pedissem senhor bem grande sem rezaõ: se eu tenho este braço esquerdo saõ, & posso com elle menear esta espada, como eide deixar o lugar, em quãto nelle naõ perder a vida?

E tor-



& tornando à sua defensão, não pelejava com furor de homem q queria defender aquelle lugar, senão como quem parecia que se queria lançar dali em meyo dos imigos, pera de mais perto tomar delles vingança, do odio que lhes tinha, & satisfazerse da dór da ferida. Todavia chegou áquelle tépo Lopo de Sousa Coutinho, q vendo tão honrada porfia, pedio a Ioaõ da Fonseca que se fosse curar, por que elle tinha já ganhado tanta honra, que não auia cousa algũa mais que desejar: & que a mayor que tinha auido n'aquelle cerco, era a muito honrosa inueja, que todos lhe ficauão tendo. Ioaõ da Fõseca vendossê importunado, & tendo respeito a Lopo de Sousa, sayossê do lugar, em que se meteo Duarte Mendez, que trabalhou tudo o q pode por se não sentir nelle sua falta, fazêdo tais cousas, elle & todos, que tinhaõ palmados os imigos, em que tinhaõ feito tamanho estrago, que já os mais delles cometião a subida mais froxamente.

Sintindo isto Antonio da Sylueira (que a todos os momentos era auisado de tudo o que se passaua) mandou a Lopo de Sousa Coutinho, que com a gente que podesse ajuntar se decessê á caua pello baluarte são Thome, & que fosse por fóra dar nos imigos, que elle confiava em Deos, que auia de alcançar hũa grande vitoria. Lopo

de Sousa ajuntou logo trinta & cinco soldados, & por escadas de cordas se lançaraõ na caua, pera aquella parte que olha pera o már, donde não podia ser visto dos imigos, & com hũa resoluta determinação arrebentou pella boca da caua fóra, dâdo Sanctiago nos Mouros, que estauão ao sopé do muro do baluarte da porfia, bem descuidados de tamanha ousadia. E com tão grande estrondo os cometeo q parecia que daua sobre elles um grande escoadraõ, começando a sentir em suas carnes o ferro dos nossos: & sem o medo lhes deixar ver o pequeno numero delles, desemparraraõ o lugar, & foraõ fogindo pera as estácias. Os que estauão em cima do entulho cometendo a entrada, tanto q ouuiraõ em baixo o estrondo, & virão o desarranjo com que os seus fogiaõ, sem fazerem discurso algum, mais q aquelle que o medo, & desejo de saluarem as vidas lhes representou, sem verem o risco a que se punhaõ, se lançaraõ dali abaixo, vindo muitos espetarse nas lanças dos nossos, & os mais que escaparaõ foraõ tão amedrontados, que dentro em suas estancias, não perderão ainda o medo que leuauaõ, ficando o baluarte desapressado. Lopo de Sousa Coutinho tornou-se a recolher á caua sem dano algum, cõ grande gloria & honra daquelle feito: & mandou dizer ao capitão, que lhe parecia bem auer de continuo guarda



guarda naquella caua, pera impedirem aos imigos, que com pequenos assaltos não inquietassem os nossos: por que posto que então lhes fosse necessario cometerem có mayor poder, & isto fosse mór perigo, & risco pera os nossos: todavia resultaria vñ effeito de muita importancia, que era ficarlhes então mais tempo pera se fortificarem, & que elle se offerencia pera ficar na caua. O capitão pondo aquelle negocio em conselho, assentou se ser muito necessario: & que todos os dias ficasse vñ capitão na caua, & que de noite se recolhesse á fortaleza, por que de dia estauão nella seguros, por que era muito alta, & os imigos não podião chegar á borda della pera os empefferem, que não fossem logo desbaratados dos de cima do muro. Com esta resolução mandou dizer o capitão a Lopo de Sousa Coutinho, que lhe agardecia muito aquelle conselho que lhe dera: & que fosse elle o que começasse aquella guarda: com o que Lopo de Sousa se deixou ficar todo aquelle dia, com agoa, & biscoito, q̃ de cima lhe lançaraõ, & como a-noiteceo se recolheo á fortaleza. Ao outro dia teue outro capitão a guarda, & assi foraõ continuando, pondosse os nossos na boca della que era mais estreita, & poucos homens podião defender a entrada, que os nossos tinhaõ sempre occupada, com as lanças enrestadas aos

coartos. E quando aũta algũa cousa lhe faziaõ de cima final, & daqui lhes sayão muitas vezes de trauiés, & sempre os escandalizauão como adiante se verá, de feição q̃ se refrearaõ em seus assaltos, & os nossos ficaraõ tendo mais algum folego pera se poderem fortificar, & remediar suas necessidades.

CAPITULO IX.

*De algũas cousas notauẽis que acontecerã aos que vigiaũão a caua: & de alguns assaltos que os Mouros derã á fortaleza: & de como minaraõ o baluarte de Gaspar de Sousa.*



ONTINUA N-  
dosse esta ordem da guarda da caua: succedeo ser vñ dia de Simaõ Furtado, que com oito soldados se pós nella. Antre estes se meteo vñ moço de dezannos, criado de Lopo de Sousa Coutinho, Galego de nação, & muito pequeno de corpo, mas terribel, & indiabrado, chamado Ioaõ: este leuaua sua espada & espingarda. Estando assi, deraõ de cima auiso que alguns Mouros estauão fauorecendo aos trabalhadores que furtauão o entulho do baluarte: & arrebetando Simaõ Furtado com os seus companheiros



ros pella caua fora, deu nos imigos como vm rayo, derribando dos primeiros golpes alguns: os mais cortados do medo fogiraõ, sem verem o pequeno escoadraõ que os punha em disbarato. O moço Ioaõ depois que desparou a espingarda em vm Mouro, arrancou da espada, & remeteo com outro, que era vm façanhoso homem de corpo, com quem apertou taõ rijamente, que lhe fez virar as costas, (por que tambem seus companheiros já yaõ fogindo) o moço o foi seguindo, que com o desatino que leuaua do medo, foi tomando o caminho do mar, pera a banda do cais da fortaleza que lhe ficaua mais perto que o exercito, & o moço sempre a pos elle; a tè se meter pella agoa, por onde o Mouro se meteo, & entrou tanto por ella q̃ lhe deu pello pescoço. E como o Mouro era homem grande, chegou a tè parte que o moço lhe não pode chegar: & com a raiua & desejo que leuaua de o ferir, metido na agoa quasi a tè o pescoço, se desfazia em golpes que cortauaõ pella agoa. De cima do muro foi visto o trabalho em que estaua, & conhecendo Lopo de Sousa lhe bra dou, estocadas, estocadas, Ioaõ. O moço conhecendo a voz do amo, encolheo o braço, & lhe atirou algũas estocadas, metendosse com a furia tanto pella agoa que perdeu o fundo, & indoselhe os pès ficou

todo mergulhado (sem largar nũca a espingarda da outra mão, nem a espada.) O Mouro vendoo submergido, virou sobre elle pera o afogar, auendoo os de cima do baluarte já por perdido: mas elle tornou a sordir acima quasi afogado: & sintindo o Mouro aferrar d'elle, (naõ perdendo o animo naquella hora, & trabalhoso transe,) encolheo o braço, & deu-lhe duas ou tres estocadas pella barriga: o Mouro com a dõr da morte o largou, & o moço que já tinha tomado pè lhe deu tantas a tè que o acabou de todo. E vendosse desfaliuado d'elle, sayosse da agoa banhado todo no sangue do Mouro: & com a espada em hũa mão, & a espingarda na outra, se foi recolhendo pera a caua, seus passos ordinarios, & muito seguro, chouendo sobre elle nuens de espingardadas que os Mouros lhe atirauaõ, saindo a recolher Simaõ Furtado, q̃ já se tinha apartado dos Mouros, deixando feito nelles grande estrago. O moço foi chamado a cima á fortaleza, & Antonio da Sylucira o leuou nos braços, dizendolhe palauras, & gabos de muitos lououres.

Este feito admirou a todos. E assi não lemos, nem ouuimos que aconteeceõ outro semelhante a Gregos, nem a Romanos, por que fora delles mais celebrado, & em mais volumes, & com mais copia de palauras amplificado, do que o

nos



*Quinta Decada. Da historia da India.*

nòs fazemos a os nossos naturaes, como o faz Tituliuiò ao seu Coruino, que matou vm Frances em desafio em terra raza & chã, sendo ajudado de vm coruo que lhe perseguia o imigo: Mas nos tratamos as cousas fingelamente, como socederaõ, por que ellas mesmas ficaraõ sendo o louuor de quem as obra. Este moço se chamou depois Ioaõ Gil, d'alcunha o pequeno, por que o era, como já dissemos, & viuco depois muitos annos casado em Diu, rico, & abastado, a onde o nos alcançamos, & cõmunicamos alguns inuernos que inuernamos naquella fortaleza, sendo Visorrey da India o Conde do Redondo: a este Ioaõ Gil ouuimos contar estas cousas, & outras deste cerco.

E tornando ao nosso fio. Ao outro dia depois que isto passou, coube a vigia da caua a Manoel de Vasconcellos, que com trinta homens se meteo nella, & de madrugada sayo aos imigos, que começauaõ a acodir á obra do entulho: mas como elles já estauaõ preuinidos, não o poderaõ os nossos fazer taõ incubertamente, q̃ não fossem sintidos, pello que os acharaõ já prestes, trauandosse entre elles hũa aspera briga, de que os nossos se recolheraõ com mayor dano, por que lhes mataraõ Christouaõ de Sousa, mancebo fidalgo, de grandes pensamentos, & que prometia de si muy grandes esperanças: que primeiro que o

matastem vingou bem sua morte, fazendo marauilhas, como a tè entaõ tinha feito, em todo aquelle cerco. Manoel de Vascócellos enfadado do roim soceffo que teue, negociouffe pera se satisfazer. E na mór força do dia, estando os imigos descuidados, deu sobre elles, vingandosse bem da perda passada: & depois de fazer nelles grandes danos, recolheosse a seu saluo.

Os Turcos afrontados d'aquelles assaltos, vendo que não só defendiaõ os Portugueses a sua fortaleza, mas que ainda lhes yaõ dar em seu exercito, determinaraõ de lhe dar ao outro dia vm geral assalto, pera o que se prepararaõ toda à noite. E em rompendo a manhã, arrebentaraõ com todo seu poder, & cercaraõ a fortaleza à roda. Mas os Ianiçaros todos cometeraõ o baluarte de Gaspar de Sousa com grandes gritas, & estrôdos, começando a sobir pello entulho, a tè chegarem a onde os de cima lhe alcançaraõ, achando nelles a resistencia acostumada, & desenganandoos bem, com morte de muitos. Era este dia da guarda da caua, de Lopo de Sousa Coutinho, que já de madrugada estaua dentro, & sintindo os imigos dar o assalto, arrebentou pella caua fora, & deu nos que estauaõ ao sopé do baluarte taõ de supito, que o não viraõ, se não depois que sintiraõ os fios de suas espadas, baralhandoosse com os imigos, fazendo todos



todos os nossos marauilhas. E andando Lopo de Sousa como um liação, lhe derao hũa bombardada do baluarte do mar (que em todos os assaltos varejava de lá os Mouros) mas quis Deos que o tomou em sollayo por hũa espada que a foi roffando, & o pilouro passou a diante, & deu em tres soldados dos seus de que cairão mal feridos. Os mais vendo Lopo de Sousa ferido, & os companheiros, recolheramnos com muita pressa pera a caua, & forão alados á fortaleza pera os curarem.

Os Turcos ficarao este dia bem escalaurados: & todavia ouuerao seu conselheiro, de proseguirem a bataria a tẽ arrasarem o baluarte, por que os assaltos lhe custauão muito: & así a tornarao a continuar mais coatro dias, mettendo nelles todo o resto da artilharia em todas as estancias, & desta vez arrasarao todos os aposentos do capitaõ, ao que elle acodio logo, mandando fazer por dentro um nouo contra muro. Isto passaua aos imigos, por que em derribando algũa cousa, ao outro dia a viao repairada, & feita de nouo, como se nunca recebera dano.

A principal cousa por que quiferao os Turcos continuar com a bataria, mais aquelles coatro dias, foi, por que pretenderao minar nelles o baluarte de Gaspar de Sousa, pera o que tinhaõ prestes

as cousas necessarias: & ao outro dia de noite trouxerao hũas grandes traues com vns olhos que as furauaõ de parte a parte, ao direito vns dos outros: que com muita presteza encostarao ao baluarte alamboradas pera fora: & logo lhe passarao pellos olhos alguns barrotes que se fechauaõ nas pontas, por naõ se afastarem as traues, & por cima dellas pregarao grossos tabooens, pera lhe ficarem como mantas, & nos pés fizerao fortes repuxos, por que naõ corresem pera tras: & pera se segurarem dos que lhes sayao da caua lhes entupiraõ aquella mesma noite a boca com muitas ballas d'algodão forrados de couros crús.

Feitas as mantas, nesta noite forão logo metidos muitos officiaes de minas debaixo pera trabalharem seguros dos tiros de cima: & começaraõ a pôr as mãos á obra, com muita presteza. Antonio da Sylueira tanto que ao outro dia vio as mantas encostadas ao baluarte, bem entendeu que o minauaõ: pello que mandou Gaspar de Sousa, que com setenta homens se metesse na caua, & desse um assalto nos imigos pera os embaraçar: & cõ elle mandou algũas pessoas que tinhaõ conhecimento de minas, pera que em quanto durasse a briga se metessem dentro nellas, & as medissem, pera saber sua altura: & onde lhe respondiaõ.

Q



*Quinta Decada. Da historia da Índia.*

pondiaõ . Gaspar de Sousa muito aluorçado , escolheo parentes & amigos pera aquelle feito que era muito honroso, ainda que arriscado : & repartio por todos lanças de fogo, bombas , panelas de poluora , & saquiteis de couro cheyos della . E tanto que entrou o coarto d'alua , meteoosse na caua , repartindo pellos companheiros as cousas que auiaõ de fazer , pera que se naõ embaraçassem . A vns deu cuidado de queimarem as ballas d'algodaõ , que entupiaõ a boca da caua : a outros o reconhecerem as minas : a outros de derribarem & desfazerem as mântas , & estes todos yaõ aforrados , & leuauaõ muitos escrauos , & seruidores pera os ajudarem , por que em quanto elle pelejaua com os Mouros , tiuesses elles tempo pera fazerem o que tinhaõ a cargo.

CAPITVLO X.

*De como Gaspar de Sousa cometeo os inimigos : & os nossos reconhecerão a mina . E do desastre por que Gaspar de Sousa foi morto . E de como um soldado morreo de puro medo . E dos assaltos que os Turcos derão à fortaleza . E de outras cousas.*

**E**STANDO os nossos na caua prestes pera o assalto , sendo meado o coarto d'alua , tomou Gaspar de Sousa cincoenta escolhidos antre todos , deixando os mais em guarda dos que auiaõ de reconhecer as minas , & queimar as ballas : & arrebetando por cima do releixo que vay de longo do muro, deu nos inimigos que estauaõ nas estancias sobre a caua . E tomandoos descuidados de tal sobre salto , entrou os bastiaens matando logo as vigias , & com tanta pressa & furia foraõ passando auante , matando & derribando nos Mouros , que poseraõ todos em fugida , metendosse com isto todo o exercito em reuolta : por que os nossos poucos , de tal maneira fizeraõ nelles um taõ cruel estrago , que parecia que era outro poder taõ grande como o seu . Os Portuguezes que tinhaõ as outras cousas a cargo , tiueraõ bem de tempo pera as executarem : por que vns arremeteraõ com as ballas , & rompendoas por partes lhes meteraõ poluora , & de raõ fogo , com que começaraõ a arder , outros entraraõ nas minas , & as mediraõ muito á sua vontade : & os outros desfizeraõ com muita pressa as mantas , com que deiraõ embaixo , & lhe poseraõ fogo . Gaspar de Sousa depois que fez o assalto muito deuagar,



gar, auendosse por satisfeito do dano que tinha feito nos Mouros, & tambem por vir já amanhecendo foisse recolhendo, indo já os imigos rececendo sobre elle, tendolhe sempre o rosto, indo elle detras dos seus por se não desmandarem.

E como o defarranjo dos soldados da India he muy grande, por totalmente carecerem da disciplina militar, & da principal parte della, que he a obediencia: deixaraõse ficar tres delles atras, por fazerem sortes aos imigos. Gaspar de Sousa tanto que o soube voltou sõ pera os recolher, mandando aos seus que fossem deuegar, com as espingardas no rosto: & elle chegou a vm portal velho, que fora do antigo muro, a onde os seus soldados pelejauão, & já os não achou, por que se tinhaõ recolhido por de tras de vm pedaço de parede. Gaspar de Sousa não os vendo tornou a voltar, mas achouffe rodeado dos imigos, que tinhaõ dado a volta á parede apos os soldados, que já eraõ recolhidos: & dando com elle o cometeirão muy determinadamente. Gaspar de Sousa com hũa espada & ro della, cõ o rosto sempre nos Mouros, que o perseguirão bem, se foi recolhendo o melhor que pode, pe lejando valerosamente, auendo por afronta virarlhes as costas: & quis antes que o mataassem, que veremno fogir, podendoo elle fazer

cõ honra sua. Os imigos cada vez recreciaõ mais sobre elle, que ya fazendo marauilhas. Do muro bem viaõ o trabalho em que estaua, & o fauoreceraõ com alguns tiros. Os Mouros foraõ no apertando de feição, que vendosse taõ perseguido, remeteo com os de diante, com taõ grande furia, que os fez voltar, derribando alguns, leuandoos com aquelle impeto a tè fora do portal: saindo elle com aquelle furor de enuolta com elles ao largo: aqui o rodearaõ por todas as partes, mas asy se fazia temer a todos, que não oufado a lhe chegarem o perseguião com tiros de arremesso, de que o feriraõ em algũas partes, & por detras o acosfaraõ tanto a tè lhe garretarem as pernas & cair morto, depois de ter feito cousas que se esperauão de seu valor & esforço. Isto tudo foi visto do muro com grande magoa & dór de todos, por perderem nelle vm dos principais defensores d'aquella fortaleza. Os seus soldados não viraõ isto, porque estauão já na boca da caua ás lançadas com outro tropel de Mouros, que os foraõ perseguindo.

Morto Gaspar de Sousa, logo lhe cortaraõ os Turcos a cabeça, os pés & as mãos, & o tróco do corpo lhe deitaraõ na praya, por se vingare nisso dos grandes danos, que delle tinhaõ recebido, por que pellas armas o conheciaõ já: & por triũfarem



*Quinta Decada. Da historia da India.*

farem desta vitoria, auendoa pela mayor que ali alcançaraõ, lhe meteraõ a cabeça em hũa lança, & a leuaraõ aruorada por todo o exercito. E posto que neste recontro se perdesse vm varaõ taõ afsinaládo: todauia foi vm dos mayores que os nossos tiueraõ mais em dano dos imigos, de que morreraõ mais de cento: & lhes desmancharaõ as mantas, & queimaraõ as ballas, em que o fogo andou com muita braueza contra tro dias. Antonio da Sylueira finio em estremo a morte de Gaspar de Sousa, & sabendo dos que foraõ reconhecer as minas pella medida dellas, que chegauaõ já ao meyo do baluarte, tomando a medida da altura, mandou logo com muita presteza fazer outras contra minas, com seus repairos & repuxos muito fortes, & por dentro mandou desfazer a mina, & entulhar o lugar por onde ya, com hũa muito grossa parede de pedra & cal, o que tudo se fez logo. E mandou recolher o corpo de Gaspar de Sousa, por homens que a isso fairaõ de noite pella couraça, & lhe deraõ muito honrada sepultura com muitas lagrimas de todos. Naõ dizemos a geraçaõ deste fidalgo, por que a naõ foubemos, sua morte (& de todos os outros que morreraõ na guerra, & as infirmitades, & a falta que se começaua a sentir de todas as cousas, & sobre tudo verem quan-

to tardaua o soccorro de Goa: & que das fortalezas de Baçaim, & Chaul, os naõ soccorriaõ com couisa algũa, por que naõ ousauaõ atirar nada de si, que tambem se receauaõ dos Turcos) & todas estas cousas tinhaõ metido tamanhos medos & desconfianças em algũs homens, que andauaõ como pasmados, principalmẽte em vm chamado Ioaõ da Noua, auido por muito bom soldado, & que sempre o viraõ pelejar muito bem.

Este auêdo a fortaleza por perdida, parece que imaginando na morte, lá lhe correo vm humor frio, & malenconico pellas veas de tal feiçaõ, que ficou como homem tonto, & pasmado, & esquecido de tudo, sem armas, como homem assombrado andaua pellos baluartes persuadindo a todos que se entregassem aos Turcos a partido, & que grangeassem as vidas, por que a fortaleza estaua em estado, que se naõ podia defender. Disto zombauaõ todos, entendendo que aquillo era malenconia, & já o naõ deixauaõ entrar nas estancias, do que o triste com grãde dór & tristeza, de lugar em lugar andaua solitario, cuidando na agonia da morte, & chegou isto a tanto, que veyo a cair em cama, resfriandofelhe de todo o calor natural, & espirito vital, & em poucos dias morreo, entendendolhe mūy bem os medicos sua infirmitade, applicadolhe os remedios



medios necessarios a ella, que eraõ  
esforçallo, animallo, affirmando-  
lhe que já vinha o Visorrey, & q̃  
os Turcos se embarcauão: o que  
nada aproueitou, por que tinha já  
o mal tomado tamanha pósse do  
coração, que não deixou obrar al-  
gũa cõsa destas.

Este caso foi ainda mais espan-  
tofo que o d'aquelle Ditamo sol-  
dado d'Elrey Antigono, que sen-  
do muito enfermo, auorrecendo-  
lhe a vida pellas dores que passa-  
ua: todas as vezes que entrava nas  
batalhas fazia tamanhas façanhas,  
que espantava a todos: pondosse  
sempre na dianteira nos móres ris-  
cõs, como quem não estimava a  
vida, pello que Elrey o veyo a esti-  
mar tanto, que o mandou curar co-  
mo sua propria pessoa: & assi foi  
curado, que veyo a sarar de todo:  
& gostando da saude, assi estimou  
por ella a vida, que quãto primei-  
ro a arriscaua pella infirmitade,  
tanto depois a poupava, & resguar-  
dava: com o que ficou taõ acouar-  
dado, que publicamente fogia das  
batalhas, & se regelava de medo  
todas as vezes que as via romper.

Tornando a nossa historia. Os  
Turcos foraõ continuando sua ba-  
taria asperrimamẽte, fazendo mui-  
tas ruinas por muitas partes: prin-  
cipalmente no baluarte que foi de  
Gaspar de Sousa, que o capitão deu  
a vm caualeiro muito hõrado cha-  
mado Rodrigo da Proença, q̃ era  
da obrigação de Nuno da Cunha:

que trabalhou muito por se não  
sintir nelle a falta do capitão pas-  
sado. Este dia que foi o derradei-  
ro dos coatro da bataria, acabaraõ  
de arrasar este baluarte a tè o en-  
tulho, ficando todo defabrigado,  
& sem defensão: & os Portugue-  
ses recolhidos de tras da derradei-  
ra parede que tinhaõ feita: com o  
que ficauão só com vm terço do  
baluarte, & ainda delle derribado  
muita parte: ficando só da altura  
de vm homem a tè os peitos. Os  
Turcos vendo o baluarte naquel-  
le estado, fairoão de suas estácias cõ  
as bandeiras estendidas, & o co-  
meteraõ, entrãdo logo em cima,  
por que se lhe não pode defender:  
ficando d'aquella feita senhores  
das duas partes d'elle, & antre elles  
& os nossos, aquella pequena pare-  
de que os Turcos cometeraõ com  
grande determinação: mas os nos-  
sos lha, defenderaõ mūy bẽ: por  
que como o que ficava aos Mou-  
ros não era capaz de muita gente,  
quasi pelejavaõ ignaes, mas tinhaõ  
muita vêtagem nos soccorros: por-  
que em lhe matando vm Mouro,  
se punhaõ logo outros, o que os  
nossos não podiaõ fazer. Aqui fi-  
zeraõ os Portugueses grande de-  
struição nos inimigos. A referta foi  
crescendo muito, & pella fortaleza  
correo a fama do baluarte estar  
pellos Turcos, com o que muitos  
descoraoaraõ. Antonio da Syl-  
ueira não perdendo ponto de seu  
animo, mandou soccorrer com gẽ-  
re das



*Quinta Decada. Da historia da India.*

te das outras estancias, prouendo em as armas & cousas necessarias, animando a todos com grande segurança, & confiança. E por que isto era já de noite, & os imigos não deixauão de porfiar sobre a entrada da parede, que lhe os nossos com grande valor defendiaão, sem lhes lembrar repouso, nem quererem dar lugar a outros de refresco, & a escuridaão era grãde, & o estrondo, & bramidos muitos, metiaão grande medo, & causauão espanto na fortaleza.

E por que algũs se yaão retraindo do baluarte, de medo, & se passauão pera os outros, foi Antonio da Sylueira auisado: & receando que aquillo fosse causa de sua perdição, mandou com muita pressa tirar tres ou coatro de graos antefachados da escada que ya pera aquelle baluarte, que era de madeira, por que os que fossem fogindo, dessem por elles abaixo de fochinhos, pera os auer as mãos, & castigar, pera exemplo dos outros, como fez a algũs. Isto lhe foi mui grande remedio, por que de vergonha o deixaraão de fazer. Esta noite foi pera todos os da fortaleza de mór trabalho & confusão q̃ todas as que ouue em todo o discurso do cerco: por que sempre estiueraão com as armas nas mãos, pelejando com os Turcos, que por hũa parte apertauão com os nossos, & pella outra trabalhauão em fazer vns vallos n'aquella parte do

baluarte, que lhes ficaua pera sua defensão, cauando o entulho pera isso, o que se não fez sem muita perda, & dano seu: por que os nossos como estauaão á lerta com a espingardaria, não faziaão se não derribar nelles: & com as panellas de poluera abrazalos. Neste trabalho & conflito passaraão a noite toda.

CAPITVLO XI.

*De um nouo, admirauel, & nunca visto ardil de fogo que os nossos inuentaraão pera se defenderem. E dos assaltos que ouue. E do soccorro que chegou de Goa.*



O outro dia tanto que amanheceo, meteraão os Turcos todo o resto por entrarem as paredes, mas acharaão os nossos taõ espertos, como se toda a noite repousaraão, rebatendoos com grande valor & esforço, matando, & ferindo muitos. Foi este cometimento medonho, cruel, & espantoso: por q̃ parecia que se desfazia o mundo em gritos, prantos, estrondos. E así cõ a barbara vozaria dos Turcos, como com os clamores, & misericordias, que as molheres, & mininos (que acodiraão áquella parte) pediaão a Deos pellas ruas. Os Turcos apertaraão muito cõ os nossos, & esteue



& esteue a cousa arriscada a se perder, se Deos (que ainda não queria desemparrar aquella fortaleza) não inspirara no coração de um d'aquelles homens, um nouo feruor & conselho. Que vendo tudo tão perigoso, bradou alto por fogo & por lenha, & corrédo esta voz pela fortaleza, em muito breue espaço acodio aquelle exercito feminino carregado de tudo isto.

E tomando os nossos a lenha a poserao sobre a parede que os diuidia, que era muito larga: & pondolhe fogo começou a atear com grande estrondo, com o que os Turcos se afastarao pera fora, por não poderem soffrer suas labaredas. Vendo os nossos quanto aquelle remedio aproueitaua, mandarao levar muita lenha, com que foraõ ceuando o fogo, & assi com este nouo arteficio se defenderaõ doze dias, o que foi unico remedio d'aquella fortaleza, cujo autor merecia não ser esquecido no mundo, como este foi, por que nem Lopo de Sousa Coutinho, q se achou presente, & escreueo este cerco, né loão de Barros, que tambem o fez separado, nem outros escritores, né os homens que se nelle acharaõ (que alcançamos muitos a quem o perguntamos) daõ rezaõ de seu nome. E se não foi voz do ceo, (por que se em todas as cousas da India faltaraõ milagres, fora tudo acabado) deuia de ser algum homem apagado, & não conhecido,

como se este negocio não bastara pera dali em diante vir a ser honrado, & nomeado no mundo, em q não faltaraõ sempre estas misérias & descuidos. Por que d'aquelles Lacedemonios tão politicos lemos, que dando no Senado um homem (que deuia de ser tão apagado como este) outro conselho, em grande prol, & utilidade d'aquella Republica, lançandoo fora, mandaraõ ao mais honrado d'aquelles Senadores, que o tornasse a recitar com as mesmas palauras: como se elle fosse o autor delle, auendo por vituperio seguirem o conselho de homem de baixa sorte, como se não fora aquillo um furto manifesto, & encobrir a virtude alhea, q he um dissimulado vituperar, por que sempre se deue diate dos grãdes do mundo mais premio & lugar ás virtudes, & ao valor, ganhado por proprio braço, que as herdadas dos auós, como disse Elrey Antigono, áquelle mancebo mal acostumado, que por muito nobre diante delle queria preceder a os outros. E posto que deuia muito a Deos o que nace nobre, por que nelle resplandessem sempre mais as virtudes, quando saõ em igual grao do outro não tambem nacido: todauia nem por isso deuem de deixar de ser louuadas, & engrãdecidas neste, com este nosso Portugues, que deu um tão proueitoso conselho, & seja quem quer que fór, não perderá nesta nossa historia



*Quinta Decada. Da historia da India.*

ria o preço de sua virtude, todas as vezes que lhe foubemos o nome, do que lhe ficaraõ em obrigação de restituiçaõ os homens d'aquelle tempo, que de proposito lho encobrião.

E por que nos vem aqui apello, não deixaremos de estranhar a desconfiança. (a que não sey outro nome) dos Governadores, & Visorreyes da India, que por não chamarem aos conselhos publicos homens que não são fidalgos se arriscaõ muitas vezes a delacerar: por que muitos caualeiros, & homens nobres ha na India, que não forão pior nacidos que alguns destes fidalgos, que tem mais experiencia, & discursos nos negocios todos, & que seu parecer pôde aproveitar muito ao serviço de Deos & d'Elrey. Por que, que rezaõ ha pera dar o fidalgo de coatro dias na India seu voto, nas coufas arduas que se offerecê de Malaca, Maluco, Ceilaõ, & dos estreitos: se nunca viraõ mais que a armada do Malauar: quando ha caualeiros honrados & velhos que as viraõ & trãtaraõ, & que de tudo podem dar muito boa, & certa informaçãõ: E posto que alguns Visorreyes, como cada dia costumaõ os mandem chamar sós pera tomarem seu parecer: o meu seria q̃ lho não dem, nem lhe respondeão a proposito, pois lhe negaõ o lugar em publico, q̃ lhes a idade, esforço, experiêcia, & hõra, tẽ dado.

Tornando a nosso fio. O fogo foi cõtinuando, & o grande ardor delle fez retirar os Turcos, & largarem o baluarte: mandando das estancias a tirar ás fogueiras em q̃ deraõ muitas bombardadas que leuaraõ os tiçoens por effes ares, donde tornauaõ a cair sobre os Portugueses tratandoos mal: mas pella necessidade em que estauaõ não sintiaõ tanto as chagas, nem largauaõ o lugar, trazendo tanto tento no fogo, que assi como as bombardadas o desfaziaõ, assi o tornauaõ logo a renouar. E já se não contentaraõ de o sustetar em cima da parede, mas ainda o deitaraõ da bãda de fóra, pera a parte em que os Turcos estauaõ, ceuando de ordinario, pera o que fizeraõ grandes bicheiros de ferro com que lhes chegauaõ a lenha, & desta maneira se forão sustentando, ainda que com muito trabalho.

Antonio de Sousa capitão do baluarte do már, não se descuidaua de sua obrigação, antes estaua tanto á lerta, que todas as vezes q̃ os imigos sobiaõ pera o baluarte, empregaua nelles toda a moniçaõ, por que lhe ficauaõ em descuberto, fazendo nelles tal estrago, que de escandalizados, determinaraõ os Turcos de o cometerem por már, & ganharemno: por que depois lhes seria mais facil o negocio da fortaleza. Pera este cometimento mandaraõ preparar muitas



muitas barcaças: & entre tanto viraraõ pera elle todos os bazalifcos & canhoens d'aquellas estancias que o descobriaõ, & lhe deraõ todo vm dia hũa espantosa bataria, com que lhe derribaraõ a parede da couraça, & a seruintia da porta, que se logo repairou com muita pressa. E primeiro que cometessẽ o baluarte do mar (em quanto durou a bataria, por naõ estarem aquelle dia ociosos) determinaraõ de ver se podiaõ acabar de ganhar o baluarte do fogo, em q̃ já tinhaõ os dous quinhoes, & pera isso se armaraõ alguns de armas inteiras, com çapatos de ferro, pera porem os pés seguramente por cima do fogo, & com mascarás de aço, por causa das labaredas, leuando outros bicheiros de ferro que mandaraõ fazer, como os que os Portugueses tinhaõ, pera com elles espalharem o fogo. E assi com muito grande determinação cometeraõ a entrada, deitando muitos arteficios de fogo sobre os nossos pera os afastarem da parede: & com os bicheiros começaraõ a afastar o fogo, pera os armados passarem: mas os nossos assi os escandalizaraõ, que passando pello fogo lhe deitaraõ em cima muita poluora com que abrasaraõ muitos, começandosse a retrair, & os bicheiros de parte a parte a laborar: vns espalhando o fogo, outros ajuntando, & applicadolhe cada vez mais lenha, com o

que as labaredas eraõ cada vez mayores. Muitas vezes se encontravaõ vns bicheiros com os outros trauandosse, & embaraçandosse: & por esta rezaõ, hũa vez, vm homem chamado Ioaõ Rodriguez (homem quasi agigantado, que naquelle negocio dos bicheiros tinha trabalhado mais q̃ todos) este ganchando o seu bicheiro com outro dos imigos, em que estauaõ aferrados coatro ou cinco, taõ fortemente puxou por elle, que os trouxe a todos arrastoados dando com elles sobre a fogueira, de que fairaõ bem escaldados.

E por naõ particularizarmos os casos que aqui acontecerã (que foraõ tantos & taõ grandes, que pera cada vm auia mister vm capitulo) dizemos aqui em soma, que este foi o mais bem cometido, & defendido dia a tẽtaõ: fazendo os Portugueses todos tamanhas cousas, que era espãto: por que ali acodio toda a força da fortaleza, reuezendosse na briga, & no trabalho, por assi tomarem mais alento. Antonio da Sylueira em pé junto da escada que ya pera o baluarte, via com seu olho tudo o que se nelle fazia, & os que sobiaõ & deziaõ, trazendo homens que naõ faziaõ mais que repartirem monicoens, pelos que pelejavaõ.

As molheres naõ descansauaõ de acarretar lenha, no que andauaõ taõ prestes, & continuas, q̃ nem de dia,



*Quinta Decada. Da historia da India.*

de dia, nem de noite tomauão vm pequeno de descanso. Os Mouros perdida de todo a confiança recolheraõse, de já não poderem aturar, nem soffrer as muitas cousas com que os nossos os derribauão. Neste combate morrerão coatro Portugueses, & ficaraõ vinte & cinco feridos, em que entraraõ Francisco de Gouuea, Manoel de Vasconcellos, Duarte Mendez, & Rodrigo de Proença, que lhe deraõ hũa frechada pella boca, & outros a que não achamos os nomes. A quem nẽ cansaõ, nem as muitas feridas foraõ parte pera se recolherem, por que ali se mandauão curar, & ali se deixauão ficar. Ia neste tempo eraõ mortos corenta homens, & estauão sessenta feridos, & faltauão moniçoens, & muitas outras cousas necessarias, pello que auia grandes desconfianças na fortaleza.

Mas como Deos nas mores necessidades soccorre a seus seruos, quando mais atribulados estes seus estauão, chegaraõ áquella fortaleza, os nauios que tinhaõ partido de Goa, de que eraõ capitaens Gonçalo Vaz Coutinho, Francisco Médez de Vasconcellos, Antonio Médez seu primo, & Martim Pacheco: que depois que deraõ á vela, sem se deterem em cousa algũa, foraõ auer vista da outra costa aos vinte & sete de Outubro: & indo demandar Diu ao Sol posto, ouue raõ vista da armada Turquesca,

& della tambem foraõ vistos, mas como já ya escurecendo, & os Turcos não poderaõ diuisar bem quantos nauios eraõ, & tinhaõ por nouas que o Visorrey ficaua pera partir, ouue o Baxá que seriaõ aquelles nauios da sua dianteira, pello q se começou a preparar, & toda a noite estue com grande temor, & vigia.

Os capitaens dos nauios, tanto que anoiteceo, tomando o remo em punho, foraõse desuiando da armada, & entraraõ em Diu muito a seu saluo. Da couraça grãde foraõ vistos, & perguntando que nauios eraõ, deraõse a conhecer pello que com grande aluoroco deraõ recado ao capitaõ que acodio a recebello, mandandolhes abrir a porta da couraça pequena, por onde entraraõ, & foraõ leuados nos braços de todos, com grãdes festas & alegrias. Antonio da Sylueira sem se apartar dali, mandou recolher dentro todas as moniçoens, & mantimentos que traziaõ, & algũa artelharia miuda: & escreuendo hũa breue carta ao Visorrey, em que lhe pedia o soccorresse em todo caso com á mór breuidade que podesse, tornou a despedir os nauios, entregues a seus mocadoens, por que não vissem os inimigos pella menhami o pequeno soccorro que lhes viera. E pera os mais embaraçar mandou de madrugada embandeirar a fortaleza, & fazer muitas folias, como ho-

mens



mens contentes & alegres, & que tinhaõ já o soccorro dentro. Os Turcos ao outro dia pella menhã vendo aquellas mostras, entendendo que era soccorro que lhes viesse, & não vendo no rio nauios alguns, tẽdo de noite vistos aquelles, ficaraõ embaraçados, auendo que a copia dos nauios era mayor do que de noite enxergaraõ: & que depois de lançarem gente dentro na fortaleza se tornaraõ a partir. Com esta magoa ficaraõ por entaõ, sem saberem o que era.

## CAPITULO XII.

*De como dom Duarte de Lima chegou com as nouas de Diu ao Visorrey dom Garcia de Noronha: & das armadas que despedio em seu soccorro. E do grande assalto que os Turcos deraõ ao baluarte do mâr.*

**D**O M Duarte de Lima deuse tanta pressa no caminho, que em poucos dias chegou a Goa, & deu ao Visorrey as cartas de Antonio da Sylueira, & o informou do que vira, & do estado em que a fortaleza de Diu ficaua, pello que com muita pressa despedio Antonio da Sylua com corêta nauios ligeiros, com regimento, que visse se se po-

dia meter em Diu sem risco algũ, & que quando naõ, de noite se pofesse á vista da armada do Turco, & lhe fizesse grandes carrancas de bombardadas, & fuzis: por q̃ cuidassem que era a sua dianteira, cõ o que poderia ser se recolhessem: & que de tudo o que lhe socedesse, o auisasse por vm nauio muito ligeiro: & que de Chaul a tẽ Goa, teria nauios por paragens, pera q̃ em poucos dias tiuesse rebate. Antonio da Sylua se fez á vela, & dos capitaens que o acompanharaõ, sõ de poucos achamos os nomes, mas por que de todo se naõ esqueçaõ, diremos os dos que vieraõ a nossa noticia. Dom Luis de Taidẽ, que depois foi Conde d'Atouguia, dom Martinho de Sousa, dõ Duarte de Lima, o que veyo de Diu. Fernaõ de Moraes, Antonio Fernandez de Siqueira, Matheus Pereira, Gaspar Moniz, Francisco Martins, Ieronymo de Figueiredo, Aluaro de Siqueira, Francisco de Siqueira o Malauar, & outros. Em algũas lembranças achamos, que dom Manoel de Lima foi em alguns nauios diãte, mas naõ sabemos o que lhe socedeeo.

Seguindo Antonio da Sylua sua jornada, de Chaul despedio Francisco de Siqueira o Malauar, por fer muito ligeiro o seu nauio, & elle grande homem do mâr, pera q̃ fosse entrar em Diu: & por elle escreueo hũa carta a Antonio da Sylueira de sua ida, pedindolhe o auisasse



*Quinta Decada. Da historia da Índia.*

auisasse do modo, o como, & quando poderia entrar naquella fortaleza: encomendando ao Siqueira notasse muito bem a armada. O Visorrey tanto que despedio esta armada, o fez logo a outros vinte & coatro nauios de remo, de que fez capitão mór Iorge de Lima, com regimento que se estendesse com elles dos ilheos queimados a tè Chaul, pera lhe mandar todos os dias recado da armada dos inimigos. Nestes nauios cuidou eu que foi dom Manoel de Lima, & que Iorge de Lima o apartou com sete ou oito nauios pera andar de Chaul a tè Baçaim, & elle com os mais se estedeo de Chaul a tè os ilheos queimados, tendo de dous em dous em paragens.

Partidos estes nauios, despachou o Visorrey as naos do reino pera irem a Cochim tomar a carga, que eraõ coatro as mais pequenas & velhas, por que as outras de mayor porte tinha metidas na sua armada, que eraõ as principaes forças d'ella. Nuno da Cunha (segundo nos disse ym fidalgo bem honrado) se offereceo ao Visorey pera o acompanhar na jornada, de que elle o escusou, por que queria toda a honra pera si: o que visto por Nuno da Cunha lhe pedio hũa nao boa pera se embarcar, porque o tinha asy prometido a seu pay Tristaõ da Cunha, que lhe elle negou dizendo, que quando lhe fizesse aquelles comprimentos, não

estaua cercado de Turcos, como entaõ se via. Sobre isto tiueraõ algũas rezoens de que Nuno da Cunha ficou desgostoso, & se embarcou pera Cochim, a onde se negociou pera o reino: & das naos que estauaõ á carga, escolheo hũa que era de Vicente Gil pequena, mas muiy boa de manhas. E por que adiante auemos de tratar de sua viagem, o deixamos a tè lhe caber seu lugar, por que he necessario tornarmos a Diu que está em aperto.

Os Turcos depois de entrado o socorro que dissemos, não deixaraõ de continuar com a bataria do baluarte do már, a tè lhe acabare de arrasar a couraça: Ao outro dia seguinte que foraõ vinte & nove do mês, em que tinhaõ determinado de lhe dar o assalto, arrebetaraõ da cidade cõ cincoenta embarcaçoens, em que yaõ perto de mil & quinhentos Turcos, cujo capitão era Mamede can, & com grandes estrondos de tambores, trombetas, & outros instrumentos barbaros remeteraõ com o baluarte pella parte da couraça que olha pera dentro do rio. Antonio de Sousa vendo aquillo, preparouffe o melhor que pode, acodindo a aquella parte com trinta companheiros que tinha muiy animosos, & todos com grandes desejos de mostrarem já aos inimigos a vontade que lhes tinhaõ, repartindosse pellas partes mais necessarias, com muitas



muitas lanças de fogo, panellas de poluora, & outros instrumentos mortaes. Da fortaleza grande foi visto passar aquella frota contra o baluarte, & como lhe passaua perto & a geito, despararaõ nella muitas bombardadas, que deraõ em meyo dos nauios, metendolhes no fundo duas barças, & matando-lhes nas outras muita gente. A armada passou auante a tẽ pôr a proa no baluarte, que de maré vazia fazia n'aquella parte um releixo, que tambem estaua entulhado a tẽ cima com a califfa & pedra da parede, que com a importuna bataria foi derribada naquella parte. Este lugar seria capaz de duzentos homens que logo saltaraõ nelle cometendo a sobida do baluarte, que lhe era muito facil na opiniaõ, mas muito difficultosa na obra dos nossos. Das barças atiraraõ muitas bombardadas, pera despejarem aquelle lugar que esta ua roto & defabrigado, por onde subiraõ alguns em cima: mas os nossos que ficauaõ com elles já emparados arrebertaraõ como trouens com as lanças de fogo a cezas, & aos primeiros bõtes deraõ com os Turcos em baixo bẽ queimados, & escallaurados: sendo Antonio de Sousa o dianteiro, que cõ o seu grande animo pelejaua, & esforçaua aos seus, que assi trabalhauaõ de o satisfazer, q̃ já se não contentauaõ de lançar os imigos fõra de sua casa, se não ainda desejaõ de

se baldearem com elles em baixo pera satisfazerem nelles sua ira. Os Turcos afrontados do socesso tornaraõ a cometer a sobida, acendendosse mais a furia da batalha, não cessando a bataria das barcaffas, q̃ nos nossos fez muito dano, por q̃ pelejauaõ descubertos, & não se queriaõ recolher pera dentro: & assi os Turcos tornaraõ a caualgar em cima do baluarte: mas Antonio de Sousa afrontado d'aquelle negocio, remeteo com os seus soldados, que andauaõ como lieus raiuosos, & a pezar dos Mouros cõ grandes estragos os tornaraõ a lançar embaixo, & apos elles muitas panellas de poluora, de que abrazados se recolheraõ ás embarçaens mais depressa do que elles saltaraõ em terra: & tomando o remo em punho se foraõ afastando, por que começaraõ a chouer sobre elles bombardadas, & espingardadas, assi do baluarte, como da fortaleza grande, com o que lhe mataraõ muitos.

Os Turcos sendo já afastados, & em parte q̃ lhes não chegauaõ os tiros: tornaraõ a cuidar quaõ grãde vergonha & afronta era fogirem a taõ poucos homẽs, sendo elles tantos, & os mais escolhidos em todo o exercito, & voltãdo outra vez com a furia q̃ lhes fazia levar tamanha afronta pera a satisfação della, com determinação de ou morrerẽ todos, ou ganharem aquelle baluarte, & desembarcãdo

R

outra



*Quinta Decada. Da historia da India.*

outra vez nelle, cometerão a sobrida como desesperados. Mas os valerosos soldados com as lanças de fogo de refresco se meterão no meio delles, & de tal maneira os abraçaráo & escaldaráo, q̃ tornaráo a dar com elles em baixo, tão escandalizados, & tão mal tratados, que determinaráo de se tornarẽ antes com sua magoa, que experimentarẽ outra vez o ferro & braço Portuguez. E assi se embarcárao m̃uy apressadamente, dandolhes da fortaleza grandes apupadas pera os enuergonharem: mas o medo que leuauão era tal, que não curaráo de mais que de saluar as vidas.

E sendo já defronte da cidade fóra de medo, tornou Mamedecan a cair em quaõ afrontado ficaua d'aquelle negocio, que lhe tão foi encomendado, & que lhe bastaua pera o danar com o Turco, com quem estaua muito bem acreditado: & correndo as embarcações todas, fez a todos hũa breue fala, em q̃ lhes lembrava as obrigações q̃ tinhaõ por Ianiçaros da guarda do Graõ senhor, & que aquella afronta ficaua sendo em vituperio de sua nação: por que, que rezaõ auiaõ elles de dar a fogirem a menos de trinta homẽs, sendo elles tantos & tão escolhidos? que lhes pedia tornassem por sua honra, por q̃ era muito melhor morrerem, q̃ viuerem tão afrontosamente: & com isto os fez voltar. Chegados

outra vez ao baluarte, com noua soberba & furor, querêdoõ comer, quis Deos guiar vm pilouro de vm berço pera o Mamedecan, q̃o tomou pellos peitos, & o derribou logo mortal. Os seus que yaõ mais por vergonha que por honra, tornaráo a voltar com grande pressa, não querendo experimentar terceira vez a ira dos nossos; indo a pos elles muitos pilouros de bombardas que da fortaleza lhe atiraráo, dandolhes outras gritas & apupadas, & assi se recolherão á cidade com muitos mortos & feridos.

E por que das barcaças que se arrombarão com as bombardadas andauão alguns Mouros sobre a agoa, que não poderaõ tomar as embarcações, por causa da corrente da marẽ, mandou Antonio da Sylueira alguns homens em hũa almadia, pera que lhe tomassem algũs viuos, pera delles saber algũs auisos: estes soldados mataráo todos os que acharão no már, recolhendo sós dous. Antonio de Sousa, tanto que os Mouros se recolherão, mandou os mortos á fortaleza pera os enterrarem, & aos feridos pera os curarem: & antre estes ya vm Fernão Pentéado, homem nobre & muito bom caualeiro, q̃ ya ferido na cabeça, & Antonio Manhoz com vm braço quebrado, & Fernão Correa com outras feridas, que todos pelejaraõ muito valerósamente.

CAP.



CAPITVLO XIII.

*Do grande & perigoso assalto, q os Turcos derao ao baluarte do fogo. E de um honroso & espantoso feito que fez Fernao Penteado: & de outro muito notauel & gracioso que fez hũa d'aquellas molheres: & da morte que os moços da fortaleza derao a um escravo por hũa palaura que disse em fauor dos Mouros.*



OM o roim socessão do baluarte do mar, ficaraõ os Turcos muiy quebrantados, & cheyos de ira, & querendosse vingar de tantas afrota: tanto que se as embarcaçoens recolheraõ, sairaõ de seus exercitos com todo o poder, suas badeiras desenroladas, & com grande estrondo de instrumetos & gritas, remeteraõ cõ o baluarte do fogo, por onde sobiraõ com grãdes terremotos, pondosse os q couberaõ nas duas partes q estauaõ por elles, & á porfia cometeraõ as paredes, em q os nossos já os esperauaõ, cõ as forças taõ inteiras como se nunca tiueraõ trabalhado, acodindo vns ás fogueiras, deitadolhes lenha & sustêrandolha cõ os seus bicheiros, & outros cõ suas armas & espingardas cõ q empeciaõ bẽ aos inimigos, outros cõ panellas de poluora.

Os inimigos pella mesma maneira, vns se occupauaõ em espalhar o fogo, outros em pelejarẽ ás espingardadas, & em fim todos de hũa & outra parte em trabalharẽ, vns por ganhar aqllas paredes, outros polas naõ perderẽ, sobre o q se baralhou a couisa de feiçaõ, q tudo o q se via & ouuia eraõ coriscos, labaredas, & incédios, vozes, bramidos, & tudo o mais hũa representação do inferno.

Antonio da Sylueira estaua em seu lugar, prouêdo tudo, mādando reforçar o baluarte cõ mais gente, acodindo ali aqllas capitaes, q chegaraõ de Goa de refresco, tomādo os lugares mais perigosos, obrādo todos couisas dinas do valor Portuguez. E tudo foi necessario, porq os Turcos pelejauaõ cõ desesperaçāo apostados todos a morrerẽ d'aqlla feita, ou concluirẽ cõ aqlla fortaleza: & assi se metiaõ pello fogo como barbaros, sẽ ordẽ nẽ cõsideraçāo, o q tudo era muito diferente nos Portugueses, q pelejauaõ com muita confiança, segurāça, & ordẽ, por q cõ serẽ taõ poucos, assi estauaõ repartidos por seus lugares, q nẽ os q pelejauaõ cõ as espingardas embaraçauaõ aos das panellas de poluora, nẽ os dos bicheiros tinhaõ quem os estoruasse, & assi faziaõ couisas taõ grandes & taõ admirauẽs, que em pouco espaço poseraõ os inimigos em desconfiança: por que lhes tinhaõ tantos mortos & abrafados, que os viuos



*Quinta Decada. Da historia da India.*

lhes era necessario pera pelejarem por cima dos que estauão estirados acabádoos de matar. Aqui foi a reuolta tamanha que parecia q se entrava a fortaleza, & o reboliço por ella foi tal, que chegou esta voz a casa de Fernão Lourenço marido d'aquella boa Ana Fernandez que estaua curando os feridos, que áquella hora chegaraõ do baluarte do mar: & sendo ouvido por Fernão Penteado (que estaua aguardádo q se acabasse de curar outro, pera o elle fazer tambem) & perguntando o. que era, dizendolhe q se entrava o baluarte, não lhe sofrendo o coração, & animo Portugues estar ali, sayosse pella porta fora com hũa alabarda nas mãos, & sobindo ao baluarte passou com grãde furia por todos, a tẽ se pór no lugar da batalha, em que começou a fazer marauilhas, apresentandosse no mayor perigo, a tẽ que lhe deraõ outra cutilada pella cabeça, q o obrigou a ir buscar o remedio pera ambas. Chegando a casa do Surujaõ achouo occupado na cura de outros homes, por q não tinha hora vaga: & como o negocio do baluarte esteue desta vez mûy arriscado, & nelle creciaõ os gritos & alaridos cada vez mais, & pellas ruas andauão corrédo molheres & mininos pedindo misericordia a Deos com grãdes gritos & prantos: dãdo isto outra vez nos ouuidos de Fernão Penteado, affirmandosse q o ba-

luarte era perdido (feruendolhe o coração no peito por que estaua ali ocioso, auendo q o lugar da briga era o mais seguro & descáfado) sem esperar pella cura, tornou a lançar pella porta fora, & entrando no baluarte passou ao lugar da briga, que estaua no mais arriscado ponto em que se nũca vio (por terem os Turcos espalhado o fogo, & já pelejauão sobre a entrada da parede) & como se não tiuera coula algũa começou a pelejar como vm liaõ, por vm grande espaço, a tẽ que a fortuna inuejosa do valor de seu braço, ordenou que lhe dessem por elle hũa lançada, q de todo o inhabilitou pera mouer as armas, & sêdo lhe necessario recolherse o fez com muita tristeza & magoa de seu coração, por ser a ferida por parte que não podia tomar della satisfação, & foi demandar a casa do mestre onde se curou de tres feridas q eraõ todas bẽ perigosas, de q sarou. Mas o q o ferro & o fogo não poderaõ acabar, o fez a agoa, por q depois deste cerco passado, morreo este valeroso soldado afogado, em hũa fusta q se perdeu. E posto q não chegou a ter satisfação de seus merecimẽtos darlha emos nòs nesta nossa historia, com o deixarmos conhecido ao mûdo, em quãto elle durar: por que estes sã os galardoes que os varoẽs famosos mais pretenderaõ que todos, q os Philosophos antigos ouueraõ pellos mayores premios que



que a virtude podia ter: como sentia Bruto escreuendo a Cicero dizendo assi. Que cousa ha milhor que a memoria dos bõs feitos, posto q̃ os illustres animos não vão tanto a pos os premios & lououres, quanto a pos a virtude: por q̃ ainda que muitos por sua grandeza de animo não procuraſsem gloria, nem por isso deixaraõ de a alcançar: por que depois lhe veyo com mayor vontade: & bem se sabe, que nenhũa virtude recebe tantos lououres como a fortaleza.

E tornando a nosso fio. A brigada no baluarte ya crescendo cada vez mais com grandes danos de parte a parte: mas da dos inimigos foi o estrago tamanho, que não o podendo sofrer se lançaraõ do baluarte abaixo, pasmados do que viraõ, deixando aquelle lugar entulhado dos corpos dos seus mortos, levando a mór parte dos que escaparaõ bem grandes sinais das mãos dos nossos, de que não morreraõ mais de dous, ficando porem corenta mal feridos. Ia neste tempo não auia mais de duzentos & setenta homens saõs, pera poderem pelear, por que cinquenta erãõ já mortos, & auia mais de setenta feridos & aleijados, & sobre tudo isto, auia já falta de poluora d'espingarda, & de chumbo.

Passado o combate (por que a tẽtaõ não ouuera tempo) mandou Antonio da Sylueira levar diãte de si os dous Turcos que foraõ

tomados no már, de quem soube tudo o que quis: & lhe affirmaraõ, q̃ no exercito auia grãde medo da armada do Visorrey: & que eraõ mortos na guerra quasi oitocentos homẽs, & que passauaõ de mil os feridos: & que o Baxá determinaua de meter todo o resto por ganhar aquella fortaleza, primeiro q̃ o Visorrey chegasse. O capitaõ depois de informado de tudo, entregou os Turcos a certas pessoas, pera que de noite lhe fossem dar fũdo no már, & foraõ por entre tâto recolhidos em hũas casas.

Pella fortaleza se diuulgou logo tudo o que os Turcos disseraõ, & que o Baxá não se auia de aleuantar de sobre a fortaleza sem a tomar. Isto foi sabido pellas mulheres que andauaõ ao trabalho: & passando hũa dellas pella porta das casas em que estauaõ os Turcos, (& foi a tempo que de dentro sayu vm soldado) & perguntandolhe ella pellos Turcos, & pello q̃ o capitaõ mandaua fazer delles, lhe respondeo o soldado zombando, pella sentir com paixãõ, que os Turcos estauaõ dentro, & que o capitaõ os mandaua soltar liuremente. Ella ouuindo aquillo, cheia de ira, & de paixãõ entrou pella porta dentro como douda, & encontrou Francisco de Gouuea, que estaua todo abrafado em viuo fogo, (por que foi vm dos homens que neste dia, & em todos se abalizou bẽ, não se saindo do baluarte



*Quinta Decada. Da historia da India.*

se não queimado, dos pés, mãos, rosto, & de todo o mais corpo, ficando tal & tão desfigurado, que o não conheciaõ. E neste estado q̃ podera achar piedade na mais deshumana fêra que no mundo ouuera, a não achou nesta mulher, que com a furia que leuaua cuidando que era um dos Turcos, alevantando hũa gamela que trazia nas mãos, remeteo cõ elle pera lhe dar com ella na cabeça, dizendo: Ah perro imigo, & viuio as tu de tornar d'aqui? sabe que ás minhas mãos às de morrer tu, & esfoutro perro como tu. E querendo descarregar o golpe, elle se lhe afastou o melhor que pode, dizendo-lhe que na outra casa de dentro tinha os Turcos. Ella cuidando todavia que elle era um delles, & q̃ a enganaua, tornando arremeter a elle pera lhe dar lhe disse: Ah caõ, queresme enganar? olhay como espiuita o Portuguez, pois sabe q̃ nada te á de valer, que te eide fêder esta gamela nessa cabeça: & sempre lhe dera com ella, segundo Francisco de Gouea estaua fraco, se a áquelle tempo não acudiraõ alguns homẽs que lho tiraraõ das mãos, dizendolhe quem era. Ella vendo aquillo, com a mesma paixãõ com que estaua, se sayo polla porta fõra, & ajuntando muitas das companheiras se foi ao capitãõ, & com aquella furia & colera com que estaua contra os Turcos, lhe disse. Como mandais vos se-

nhor dar vida, a vns imigos que tanto tem trabalhado por nos beber o sangue? Se tal hẽ verdade, eu & estas minhas companheiras, que neste cerco temos tamanho quinhãõ como todos os homens, o não auemos de consentir, antes os auemos de espedaçar com nossas mãos, por isso manday que nolos entreguem. O capitãõ pasmado de ver aquelle animo, ira, & furor, em peitos fracos & medrosos per natureza, auendo que a tẽ a ella tinha em seu fauor: muito alegre & rizonho lhes respondeo, que se quietassem por que elles não ficariaõ com vida: & que já tinha mandado que os lançassem no mar.

Que mais espantoso caso se viu que este nestas nossas Portuguezas. Por estas com muita rezaõ se pode dizer, o que disse aquella Lacedemonia á outra Espartana, chamandolhe mulher, que era verdade que as Lacedemonias sãs mereciaõ esse nome, pois ellas sãs pariaõ homens. Quanto mais honrada paixãõ foi esta, que a d'aquellas Romanas que foraõ conuocadas pella mãy do moço Papyrio, que por não descubrir o segredo do Senãdo á mãy, que apertaua cõ elle que lho dissesse, lhe disse que se tratara aquelle dia se casariaõ os homens com duas pera a multiplicação da geraçaõ, & que ficara por determinar: Do que indignada a mãy, ajuntando as outras matronas, entraraõ no Senado cõ grandes



grandes clamores & brados, dizendo aos Senadores, que quando aquillo ouuesse de ser, que antes ordenassem, que as Romanas tiuessem dous maridos.

Outro caso semelhante ao passado de ira, & paixão, aconteceu a os moços da fortaleza ( que também andauão acarretando couças pera os reparios, & fortificaçoens, não se escusando catiuo, nem liure de dez annos pera cima ) quis a má fortuna de vm d'aquelles escrauos, que disse que vm dia: se estes Turcos foraõ homens, & souberaõ o estado em que esta fortaleza está, já a ouueraõ de ter tomada. Os moços Portugueses em ouuindo isto, dandolhes a ira, & a paixão, largando os cestos remeteraõ a elle, leuandoo logo nos ares pera o matar, & assi chegaraõ a onde estaua o capitaõ, a quem contaraõ o caso, requerendolhe que logo o mandasse justicar pois tiuera tamanho atreuimento, & pera que outro não fosse ousado a falar, né imaginar outra semelhante couça. O capitaõ espantado de ver naquella tenra idade vm zelo taõ honroso louuoulho muito, & lhes disse q se recolheffem, & lhes deixassem o moço, que elle o manda-

ria castigar. Os moços descontentes d'aquella reposta, como yaõ cegos da paixão, sem fazerem discusso, nem consideração, todos a vm tempo remeteraõ ao escrauo, com paos, & pedras: & em breue espaço o desfizeraõ em pedaços, sem o capitaõ lhe poder valer: & tomando o corpo nos ares o leuaraõ com grandes gritas á couraça, & o lançaõ no mar. Este caso admirou a todos, mas também os encheo de alegria, por verem que a tè nos mininos crecia o animo, & furor contra os Turcos, o que lhes daua bom agouro, por que auiaõ que todas aquellas couças eraõ mouidas por Deos, que os queria animar, esforçar, & dar confiança nestes trabalhos.

Pouco depois chegou Francisco de Siqueira o Malauar que Antonio da Sylua mandou cõ a carta ao capitaõ, que se alegrou muito, por saber q tinha o soccorro taõ perto: & logo o tornou a despedir, escreuendolhe que de noite cometeffe a entrada, & que Francisco de Siqueira o guiaria, ficando ali dez ou doze homens q yaõ no catur, que na mesma noite se tornou a sair pera fóra.

*Fim do Liuro Quarto.*



# LIVRO QVINTO

## DA QVINTA DECADA

### DA HISTORIA DA INDIA.

#### CAPITVLO I.

*Do ardil de que os Turcos vza-  
raõ, pera verem se podiaõ to-  
mar os da fortaleza descuida-  
dos. E do grande & geral af-  
salto que lhe deraõ. E dos ra-  
ros & espantosos casos que  
nelle acontecerãõ.*



**V**ENDO os Turcos que por força naõ podiaõ entrar a fortaleza, & que todas as vezes que a cometiaõ lhes custaua muito, determinaraõ de ver se por ardil podiaõ fazer algũa cousa que lhes fosse de mais effeito. E assi deitaraõ logo fama que se embarcauaõ por auer nouas do Visorrey: & de dia se comecaõ a recolher ás Galés, pera verem se os nossos se descuidauaõ, pera tornarem a voltar, & cometerem a fortaleza com mayor força. Antonio da Sylueira vendo a prèssa com que os Turcos se embarcauaõ, entendeolhes logo seu desenho: & naquelle pouco tempo que lhe dauaõ de folego, mandou reformar os lugares

mais perigosos, pondo mais astucia & diligencia no do fogo, mandando acrecentar a parede que cortaua o baluarte, & pór nella todos os petrechos neccessarios pera o assalto, por que tiuessem os soldados tudo á maõ. E assi mandou acarretar muitas traues das casas, pera as fogueiras, de que nunca leu- tãraõ maõ: & a artelharia do baluarte são Thome, mandou apontar pera este, na parte por onde os Turcos auiaõ de sobir. E a Antonio de Sousa capitão do baluarte do már mandou recado, pera que estiuesse sobre auiso. Os Turcos depois de embarcados, se afastaraõ as Galés pera fóra, como que se queriaõ fazer á vela. E tanto que a noite escureceo (por que estaua a lúia em conjunção de coarteiraõ da crescente, que daua claridade a tè meya noite) tornaraõse pera a terra, onde desembarcaraõ, & se passaraõ á ilha, metêdosse em seus exercitos em muito silencio. Ali se prepararaõ pera o assalto que auia de ser de madrugada por esta maneira.

Tres mil Turcos repartidos em tres bandeiras. A primeira de Isuf Amed: a segunda de Beran Baxa: a tercei-



O a terceira de Baxá Maméde : que auiaõ de cometer o baluarte do fogo, & Cogeçofar com os mais capitaens de Cambaya, com a gēte Gufarata, auiaõ de cometer as mais estancias á roda pera diuertirem os nossos.

Estando prestes nesta ordem, vm pouco antes de romper a mēnhã, arrebentaraõ de suas estácias, & com hũa barbara confusaõ & borborinha, remeteraõ com o baluarte do fogo, & com as casas do capitaõ, aruorádo logo nellas muitas escadas, por onde começaraõ a sobir com grande determinação.

Os Portugueses que estauaõ á lerta, acodiraõ com muitas panelas de poluora que lançaraõ sobre os imigos, pera com as labaredas verem as partes por onde cometiaõ, que muito claramente viraõ & notaraõ. A parte que foi cometida com mais instancia, & em q os Turcos aruoraraõ mais escadas foi no muro que corria do baluarte do fogo pera o de saõ Thome, em que auia tres ou coatro partes derribadas & abertas da bataria.

E pella mesma maneira se aruoraraõ outras escadas no muro que corria por baixo dos aposentos do capitaõ, por que determinaraõ de lhe entrar pellas janellas & varandas. Antonio da Sylueira que de tudo foi auisado, mandou Gonçalo Vaz Coutinho, & Antonio Mendez de Vasconcellos, que

acodissẽm ao muro antre os baluartes. E a Francisco Mendez de Vasconcellos, & Manoel de Vasconcellos, mandou que se fossẽ meter nos seus aposentos com a gente de suas obrigaçoens : & das outras estancias mandou vir todos os soldados pera aquellas duas partes, que eraõ as mais perigosas. Os capitaens Turcos cometeraõ cada vm sua parte, Isuf Amed, que leuaua hũa fermosa bandeira branca & vermelha, começou a sobir pello baluarte do fogo, aruorando logo o seu alferes a bandeira sobre elle, enchendosse aquelles dous tercos do baluarte dos mais escolhidos delles, que cometeraõ as paredes com grande determinação.

Rodrigo de Proença que estaua prestes pera os receber acompanhado da melhor gēte da fortaleza acodio ali, & vêdo os imigos apinhoados, & sofregos pellas casualgarem, deitaraõ em meyo delles muitas panelas de poluora, que os abrazou a todos, fazendoos afastar. E sendolhe mao de sofrer aos nossos soldados verem o estandar-te Turco aruorado no seu baluarte como senhor delle, crescendo-lhes o furor, arrebentaraõ perto de trinta, & deraõ consigo das paredes abaixo no meyo dos imigos, como liens famintos, que desejavaõ de os comerem a os bocados, começando a matar & ferir nelles cruellissimamente, & chegádo vm delles ao Alferes Turco o matou, dando



*Quinta Decada. Da historia da India.*

dando com a badeira pello chaõ. Os Ianiçaros vendo aquella afrota, aferrando della a tornaraõ a aruor: mas o mesmo soldado, que era valeroso, (a que tambem naõ achamos o nome) tornou a endereitar com elles ás cutiladas, ferindo muitos, & trabalhou por chegar outra vez á bandeira, por que se naõ jaçasssem que a tiueraõ leuantada naquelle lugar sem lhes custar muito. Aqui creceo a referita, por que todos se baralharaõ vns com os outros, & quasi que chegaraõ as punhadas por ser o lugar pequeno, & os imigos muitos, & tanto apertaraõ os Portugueses com elles, que com morte de muitos os lâçaraõ do baluarte em baixo, abatendolhes a bandeira a seu pezar. Mas como os contrarios eraõ muitos, & todos os d'aquella primeira batalha estauaõ ao pé d'aquelle baluarte, tornaraõ logo a subir outros de refresco, que acharaõ os nossos taõ encarniçados, que lhes naõ daua coufa algũa de sobirem todos. Ali se trauou hũa muito cruel & desigual batalha, em que os deixaremos, por q he necessario continuarmos com as outras estancias.

A segunda batalha de que era capitaõ Beran Baxá, que ya aruorar suas escadas nos aposentos do capitaõ, achou já tal defensão & guarda, que com a espingardaria lhes derribaraõ muitos: & tanto q vns cayaõ com as escadas, chega-

uaõ logo outros pera as leuantarẽ, que yaõ pello mesmo caminho. E tal manha tiueraõ os nossos neste jogo, que em quanto vns desparauaõ, outros carregauaõ, por que naõ ficasse momẽto vazio aos das escadas pera chegarem com ellas ao muro, sobre o que morreraõ tantos, que ouueraõ por seu partido largarem nas, & desistirem d'aquelle lugar: & assi voltaraõ pera se ajuntarem com os que pelejauaõ no baluarte do fogo. Aqui se acendeo mais a crueza: por que os Mouros como desesperados punhaõ todas suas forças em se senhorearem de todo d'aquelle baluarte: os Portugueses o mesmo, pello defenderem: por que nisso estaua a saluação da fortaleza: & assi retiniaõ os golpes, acendiaõ as chamas, atroauaõ os gritos & bramidos de tal maneira, que tudo era hũa confusaõ.

Cogeçofar andaua com treze mil homens do seu terço, fauorecendo os que sobiaõ, franqueandolhes as estancias, com tantas nuens de frechas, que escureciaõ o sol, que já começaua a nacer.

E certo que bem se podia dizer naquella hora, pellos nossos, o que respondeo Leonides aos seus, cometendo os Parthos, (dizendolhe que as frechas eraõ tantas que encobriaõ o sol) pois filhos que mao he, dixe elle, que pelejemos á sombra dellas? Os Turcos estauaõ taes que naõ receauaõ a morte, a troco de se



de se satisfazerem das quebras passadas : mas cada vez se achauão mais embaraçados, por que parecia que de seu furor, & braueza, nascião aos nossos nouas forças peralhes resistirem.

O dano de ambas as partes era grande, por que ainda que da dos Portugueses era muito menos, sintiasse tanto mais conforme a quantidade, por que tanta falta lhes fazia um como aos Mouros cento, por que no lugar que caya entravaõ outros dobrados : & no que caya da parte dos Portugueses, não podia entrar mais que outro, assi pella estreiteza do lugar, como pellos poucos que já auia. E chegou a cousa aqui a tanto, que mandou o capitão a Góçalo Vaz Coutinho, Gabriel Pacheco, Martim Vaz Pacheco, Antonio Mendez de Vasconcellos, Francisco Mendez, Luis Rodriguez de Carualho, Antonio da Veiga, Lopo de Sousa Coutinho, Payo Rodriguez d'Araujo, Simão Rangel de Castello branco, & a Manoel de Vasconcellos, que estauão repartidos pelas outras estancias, que acodissem áquelle baluarte, onde estaua metida toda a potencia dos inimigos. Chegados estes fidalgos a elle, tomaraõ todo o trabalho sobre si, fazendo nelle o que lhe pedia o valor de quem eraõ.

Rodrigo de Proença capitão do baluarte do fogo, deu neste dia mostras de um valeroso caualei-

ro, & prudente capitão, por que quando era necessario pelejava como soldado com grande valor, & quando compria mandaua & governaua como astuto capitão : acodindo de tal maneira ás necessidades, que em gritando um por poluora, & panelas, já as ali achaua, por lanças de fogo, ás mãos as tinhaõ : em fim, tudo estaua tambem negociado, que nada faltaua a seu tempo. O capitão ao pé do baluarte onde estaua vendo, & governando tudo, dali compria tanto com sua obrigação, & trazia tantas intelligencias, que nada se fazia sem seu conselho, mandando ter muito tento nos feridos, q logo mandaua recolher, & curar, com muito cuidado. A briga cada vez se acendia mais, & o dano crecia dobrado : mas não com isso as forças enfraqueciaõ nos nossos : por q quando parecia que tudo estaua mais arriscado, o tornauaõ a segurar com o estrago que faziaõ nos inimigos : & com o que cada um via fazer, ao que tinha apar de si, lhe crecia hũa tão honrosa inueja, que se desfaziaõ todos em colera, ira, & braueza.

Neste tempo em que a cousa estaua em balanço, se leuaraõ quatorze Galés, & se chegaraõ a hũa estacada que estaua perto da fortaleza, & dali a começaraõ a bater com grande furia, que logo os nossos lhe quebraraõ : por que Francisco de Gouuea capitão do baluarte



*Quinta Decada. Da historia da India.*

luarte de sobre a barra lhes mandou tirar com algúas peças, & forão tábem empregadas, que lhes meteo húa Galé no fundo, & lhes desaparelhrou as mais das outras. Antonio de Sousa capitão do baluarte do már tambem os escandalizou com a sua artelharía bem. No baluarte da briga ya cada vez o mal em mayor crescimento, por que os imigos trabalhauão por aruorarem outra vez a sua bandeira nelle, & os nossos por lha derribar & abater, sobre o que faziaão d'ambas as partes grandes cousas. Neste conflito deraão húa ferida a Martim Vaz Pacheco, de q̃ cayo logo morto, tendo bem mostrado seu esforço. Gabriel Pacheco seu primo com irmão, q̃ estaua a par delle, imitando nas obras, védoo d'aquella maneira, como o amaua muito, desejando de vingar sua morte, auorrecido já da vida, saltou entre os Mouros com húa espada & rodela, com que a húa & a outra parte foi ferindo, derribando, & destroçando a todos os que podia alcançar, tomando bem grande satisfação da morte do parente. E como não fogia aos perigos, antes a onde eraão mayores ali se arremeçaua, deraãohe duas feridas no rosto, de que lhe corria muito sangue, do que lhe elle deu pouco, antes lhe acrescentaua a furia & braueza, com que andaua como liaão, que os imigos sentiaão bẽ em suas carnes. Vm dos nossos, q̃ esta-

ua junto delle, vendoo taõ mal tratado, lhe pedio que se recolhesse a curar, por que assás tinha feito: & que lá lhe ficaua tempo, se escapasse dali, pera tomar vingança daquellas offensas. Não quero eu (lhe respondeo elle) poupar a vida, quando eu vejo a do homem a que tanto quis perdida, que parece que me está pedindo vingança de sua morte: & pois fomos cõpanheiros tãtos annos na vida, rezaão he q̃ o sejamos tambem aqui na morte. E fazendo seu officio, se meteo pellos imigos como liaão raiuoso, fazendo nelles grãde destruição, a tẽ que lhe deraão húa espingardada, de que cayo morto a par do parente, comprindolhe nisto a fortuna bem seus desejos, que tanto trabalhou por ficar naquelle lugar.

Dos dous baluartes são Thome, & do már, que ficauão de húa parte & da outra d'aquella do fogo, em quanto o assalto durou, sempre varejaraão os imigos que estauão apinhoados ao pé delle, em quem fizeraão mui grande, & notauel estrago. Neste tempo em que mataraão estes dous fidalgos parentes, se sobio vm soldado em cima de húa parede do aposento do capitão, & com sua espingarda começou derribar nos Mouros muito á sua vontade sem o verẽ: & vendo andar vm Mouro, que na louçainha do trajo se diferenciava dos outros, & como capitão andaua



andaua governado a gente, ficando a tiro, apontou nelle, & quis sua ventura q o tomou pellos peitos, derribadoo logo morto. E em caindo chegou vm Mouro pera o levantar, & carregando o soldado a espingarda depressa tornou a apontar nelle, & acertou tambem o segundo tiro, que derribou o outro morto sobre elle: & acodindo outros pera o leuarem, tornou o soldado a desparar outra vez, & derribou o terceiro, ficando ali todos estirados por saluarem o seu capitão. O que era muito differente dos nossos, por que caya o parente & o amigo aos pés do outro, sem auer quem tiuesse mais tento que nas mãos com que pelejauão, fazendo alguns o finca pé em seus corpos, como aconteceu a vm Fernão d'Afonso, homẽ de mais de setenta annos, muito bom caualeiro, que assi desta vez como de todas as mais, tinha pelejado como se fora de trinta, que cayo aqui de muitas feridas: & como os mais estauão occupados em sua defensão, curando pouco do bom velho, em lugar de o aleuuntarem o acabaraõ de atropellar: por que naquelle tempo, toda a charidade que se quisesse vsar nesta parte, podia vir a ser crueza pera todos: por que cada vm cuidaua que só em seu braço estaua a defensão d'aquella fortaleza: & como esse pelejaua sem dar mais fé de outra cousa.

Em hũa guarita do baluarte saõ Thome, que estaua derribada, se meteo tambem vm soldado, & d'ali com sua espingarda matou muitos Mouros, & ao tempo que no baluarte do fogo crecia a referta & crueza sobre a bandeira dos Mouros, vns pella aleuuntarem, & outros pella abaterem, quis a ventura deste soldado (a que tambem lhe roubou o descuido Portugues esta gloria, com lhe esconderem o nome) que apontando no alferes o derribou logo morto, & a bandeira cayo pello chaõ, a que os nossos deraõ grandes gritas, & os Mouros começaraõ a afloxar. O que visto pellos nossos apertaraõ tanto com elles, que os lançaõ do baluarte abaixo.

## CAPITOLO II.

*De como as outras duas batalhas cometeraõ o baluarte. E dos casos que acontecerã a alguns dos nossos. E de como os inimigos se retiraraõ desbaratados.*



**D**ESBARATADOS estes da primeira batalha, de q era capitão Isuf Amed com muito grande dano seu, acodio Beran Baxá capitão da segunda, & remeteo com o baluarte pera



te pera vingar a afronta feita aos seus: & como chegou de refresco, & com mil Turcos, & Ianiçaros folgados, tornou-se logo a por em cima, ainda que com grande perda sua, & logo aruoraraõ coatro bandeiras de ceda em grandes asteas de lanças, & em cima hũas maçans douradas muito grandes, & bem lauradas, de que pendiaõ muitos cordoens com borlas brancas de algodão muito fino. Estas coatro bandeiras mandou o Califa de Meca ao Baxá, que foraõ sanctificadas ao seu modo na casa de Mafamède, & tocadas em sua sepultura, concedendo mũy grandes & geraes perdoens, a todos os que em sua defensão morressem, prometendolhes da parte do seu falso profeta, que alcançariaõ vitoria naquella jornada contra os Portuguezes. E assi as estimauaõ & tinhaõ em taõ grande veneração, que nunca as quise-raõ tirar, & desenrolar se não este-dia (que auiaõ, que auia de ser o vltimo de seus trabalhos) & que sem duuida d'aquella feita por sua virtude, ganhariaõ aquella fortaleza.

Aruoradas as bandeiras, remeteraõ os Turcos com as paredes que os nossos defendiaõ, a que se tinhaõ já recolhido, (a onde ainda duraua o fogo, de que se te-ue sempre grande cuidado) lan-çando sobre os nossos hũa grande soma de arteficios de fogo, & ou-

tros infinitos tiros de arremessõ, zargunchos, lanças, pedras, & outras cousas com que feriraõ, & abrazaraõ alguns: que assi arden-do não faziaõ mais, que chegar às tinas da agoa a se refrescar, & tornar a seu lugar, onde logo e-raõ outra vez tostados, & assa-dos, ficando alguns taes, que se não conheciaõ. Os Mouros que estauaõ debaixo, que não cabiaõ no baluarte, despendiaõ pera den-tro da fortaleza tantas nuuens de frechas, que era cousa espantosa de ver: por que todas as lanças dos nossos estauaõ empenadas, & algũs com as mãos encrauidas nellas, & outros pellos rostos, cabeças, bra-ços, & em todas as mais partes de seus corpos. E certo que foi a-quelle vm expectaculo piadosissi-mo de ver: por que vns cayaõ pe-dindo confissão, outros abrazados corriaõ às tinas da agoa, outros bradauaõ que lhes desencraua-se as mãos, outros que lhes tirassem as frechas do rosto, & cabeças, por que lhes fazia impedimento pera a briga, outros gritauaõ por panel-las de poluora, por lanças de fogo, & por outras cousas semelhantes: & com tudo isto faziaõ todos ta-manhas marauilhas, quaes se não podiaõ esperar de muitos homens saõs, quanto mais de taõ poucos, & taõ cruelmente feridos.

Aqui esteue a cousa tanto em balanço, que todos os que de fóra a viaõ, ouuieraõ tudo por acabado.

O capi-



O capitão sobre quem carregaua tudo, governaua todas as cousas sem perturbação, & com grande animo, não se afastando do pé da escada, donde despedia pera cima toda a gente que podia, tendo muy grande conta com as moniçoens, que não faltassem, no que andauão occupadas aquellas honradas matronas, com que he rezaõ que continuemos em todo o tempo, pello muito que aqui mereceraõ. Isabel da Veiga, & Ana Fernandez cujos annos & idades eraõ já mais pera repouso, que pera aquelles trabalhos, subidas ambas ao baluarte, metidas no meyo dos que pelejauão, aleuantando as vozes esforçauão a todos.

Aqui Ana Fernandez com vm feruor Christianissimo, arrancou de vm deuoto crucifixo, & aruorandoo no ar disse: Ah filhos, que aqui tendes quem vos á de dar a vitoria, ponde os olhos neste Senhor, q̃ d'elle vos á de vir todo o socorro, pelejai caualeiros de Christo, esforçados capitaens & soldados seus cõ muita confiança cõtra vossos & seus imigos, q̃ aqui tendes cõ vosco aquelle q̃ defende & guarda todas as cidades & lugares d'aquelles q̃ pelejaõ por sua fé sagrada & Catholica, (Isabel da Veiga tãbem pella sua parte fazia outro tanto, tã seguras ambas, & constantes, q̃ nada lhes daua dos pilouros & das frechas q̃ lhes yaõ zonindo pellas orelhas. E se algum dos nossos ca-

ya ferido, ou morto, chamauão pelas companheiras que acodiaõ logo, & os tirauão d'ali por não estoruaem aos viuos.) Os nossos que estauão acesos na peleja, vendo a figura de Christo aruorada, & ouuindo as palauras d'aquellas animosas matronas, de repête se lhes acendeo vm nouo furor em seus animos & coraçõens, com que começaram a fazer cousas não esperadas de homẽs que tanto tinhaõ sofrido, & que estauão tã escalurados, por que antre todos não auia já vm saõ.

Antonio da Sylueira, posto que não tinha como elles os trabalhos dos braços, tinha os do animo, & do vigilantissimo cuidado, por q̃ o tinha repartido por muitas partes, prouendo todas de tal feição, q̃ nunca faltou cousa que se pedisse, & de que se tiueſſe necessidade. Neste exercicio andauão as moheres, & alguns homẽs muito velhos, a quem particularmente era dado o cuidado de recolher os feridos, & de os mandar curar, prouendo o capitão logo aq̃lles lugares de outros saõs, se os auia: & antre estes feridos q̃ se tirauão (& muitos quasi por força) se foraõ tãbem faindo alguns de pequenas feridas, que foraõ vistos de Ana Fernandez, q̃ com grãde colera & paixãõ os tomou pellos braços, & os tornou a seu lugar, dizendolhes que pelejassẽ, q̃ as feridas não eraõ de perigo: & assi como aos q̃ faziaõ



marauilhas louuaua, & engrandecia, com palauras de amor, chamandolhes filhos, & caualeiros de Christo: assi aos que sintia fracos, & medrosos, os afrontaua & reprehendia, de maneira, q̃ vns por hõra, & outros por vergonha, & medo desta honrada velha, pelejauão a tè morrerem, sem mudarem o pé de vm lugar: mas destes ouue poucos, por que todos fizeraõ taõ heroicis proezas, que naõ ha copia de palauras com que se possaõ particularizar. E assi aconteceraõ em todo este cerco casos mūy raros, & nunca ouuidos: como vm nesta mesma briga.

Estando vm soldado nosso pelejando com sua espingarda, com grande feruor, tendo mortos muitos Mouros, & despendida toda quanta monição tinha, bem á sua vôtade: & tendo lançado hũa carga de poluora na espingarda, foi á bolsa buscar pilouro, & naõ no achando, como estaua aceso naquella furor, magoado de se lhe acabarem os pilouros, & naõ ter com q̃ desparar aquella carga nos inimigos: leuou a mão com grande colera á boca, & pegou de vm dēte, (que deuia de lhe bolir) & com tanta força puxou por elle, que o arrancou & meteo na espingarda por pilouro com que a tirou aos inimigos. Caso he este por certo pera se engrandecer & louuar com melhor & mais alto estylo que este nosso, em que nos pareceo melhor

(pois o tempo deixou taõ valeroso soldado, com outros taes, em esquecimento) contar o caso assi como passou, por que elle por si se realça, & engrandesse.

Rodrigo de Proença, q̃ neste dia fez cousas bem dinas de se celebrarem, vêdo o aperto em q̃ estaua, se pôs diate de todos, fazendo bem o officio de soldado, por que o estado em q̃ via aquelle negocio o fez esquecer da obrigação de capitão, por que entendeo que ali cõuinha mais pelejar, que mandar: mas a fortuna inuejosa do seu esforço, ordenou, que em aleuando a viseira de vm elmo que tinha, pera resfolegar vm pouco, endireitasse hũa frecha por ali dentro que o tomou por vm olho, & outra logo pella boca, de que cayo mortal. Aqui acodio a boa Ana Fernandez, & o mandou tirar com muita pressa, pera lhe darem remedio, que lhe naõ aproueitou, por q̃ logo morreo. No mesmo instante deraõ outra frechada á Antonio Mendez de Vasconcellos, que o tomou pella garganta, de que tambẽ logo cayo morto. Aqui declinou a batalha contra os nossos: porque estes homens, & outros que ja ali estauão estirados, eraõ os que sustentauão o pezo della.

Neste perigoso trance chegou Ioaõ Rodriguez (de que já falamos no cap. 11. do 4. liuro q̃ trauou do bicheiro dos inimigos) q̃ trazia aos hombros hũa jarra de poluora



uora d'espingarda, que leuaua per-  
to de hũa arroba: & como era ho-  
mem mūy grande & forçoso, foi  
passando por todos os q̃ pelejauão  
dizendolhes que lhe dessem cami-  
nho, por q̃ ali leuaua o com que a-  
quelle negocio se auia de cōcluir.  
E passando adiante de todos che-  
gou ao lugar dos imigos, & leuan-  
tando a jarra cō as mãos deu cō el-  
la antre elles, recolhendosse pera  
dêtro. A jarra em dando no chaõ  
fezse logo em pedaços, & tomado  
o fogo de muitos murroes q̃ leua-  
ua acesos, leuātou aquellas labare-  
das ardētissimas em cujo meyo fi-  
caram logo vinte Mouros abraza-  
dos, & mais de ceto foraõ voando  
por esles ares: & as coatro diaboli-  
cas badeiras foraõ desfeitas em cin-  
za. A isto deraõ os nossos hũa grã-  
de grita, & os imigos se foraõ re-  
traindo, com o q̃ cobrado os nos-  
sos nouo animo (quãdo já estauão  
mais desconfiados) deraõ sobre os  
Mouros, q̃ yaõ já em disbarato, &  
os deitaram do baluarte abaixo, &  
sobre elles lançaram muitas pane-  
las de poluora, que se foraõ desfa-  
zer antre os que estauão apinha-  
dos ao pé do baluarte, em que fi-  
zeraõ grandes incēdios, & destrui-  
ção. As mais destas panelas foraõ  
lançadas por Ioaõ Rodriguez, que  
era homem muito braceiro, & foi  
vm dos que neste cerco merece-  
raõ mais, & d'aqui lhe ficou o a-  
pellido de Ioaõ Rodriguez pane-  
las de poluora, pello que foi muito

conhecido. (Viueo depois muitos  
annos casado em Goa, & Elrey lhe  
deu por este seruiço os cargos de  
guarda dos contos de Goa, & thi-  
soureiro dos restes, pera elle, & pe-  
ra seu filho Martim Rodriguez  
panelas de poluora, que nesta era  
de nouenta & seis, em que isto ef-  
creuemos viue, homem honrado q̃  
imita a verdade & bõdade de seu  
pay.) Neste tempo em que se co-  
meçaua a declarar a vitoria pellos  
nossos, quis Deos q̃ do baluarte do  
már, & do de saõ Thome, acertaſse  
algũs tiros no meyo d'aquelle car-  
dume de imigos, em q̃ fizeraõ ta-  
manha destruição, q̃ de todo se ou-  
ueraõ por desbaratados.

A terceira batalha de que era  
capitaõ Baxá Mamède, vendo o  
deſtroço que era feito na gente da  
companhia de Beran Baxá, foi  
lhe necessario soccorrerlhe, & co-  
meter os nossos, o que fizeraõ com  
menos confiança, pello grande e-  
strago que vira fazer em tãtos dos  
seus. E sobindo ao baluarte, já os  
nossos os não quiserão esperar de-  
tras das pãredes: por que vendo a  
merce que Deos lhes tinha feito,  
& fazia, fãraõ das paredes, & dã-  
do nos Mouros como lioens bra-  
uos, ferindo & matãdo nelles bem  
à sua vontade, os lançaram fóra cō  
pouco gosto delles. Na dianteira  
dos Mouros pelejaua Caracen (que  
já demos a conhecer no capitolo  
nono do liuro primeiro, que era  
casado com a filha de Cogeçofar, q̃



*Quinta Decada. Da historia da India.*

foi molher do Tygre do mundo) que como homem animoso & esforçado se quis asinalar, & auentear de todos, indo acompanhado de alguns lançaros que escolheu. E remetendo com os nossos achou logo o desengano d'aquella confiança, por que a poucos golpes cayo, así de feridas, como de abrasado em fogo, & em estado que o recolherão os seus. Depois viueo este Mouro a tè o anno de oitenta & tres, com grãdes sinaes deste fogo, nas mãos, pernas, & rosto: coula de que elle se muito jactaua, cõuerfando os Portugueses, de que depois foi muito amigo. A falta deste homem, & o veremno leuar d'aquella maneira, fez grande temor, & pôs em grandes desconfianças, aos que estauão ás mãos com os nossos, pello que se começaram a retirar com grande pressa: o que visto pellos nossos, começaram a apellidar vitoria, vitoria, tocãdo-se logo todos os instrumentos, así pera animarem a todos os da fortaleza, como pera descoraçoaem mais os imigos. Durou este combate coatro horas, ficando já os nossos desfaliuados, porem não cõtaõ pequeno dano, que não morressem catorze, ficando mais de duzentos feridos, & queimados.

Dos imigos passaraõ os  
mortos de quinhentos,  
& de ventagem de  
mil os feridos.

CAPITVLO III.

*De como o Baxã mandou recolher os seus, & se embarcaram. E dos apercebimentos q' Antonio da Sylueira fez pera se defender, cuidando ser ardil, como da outra vez: & de como Francisco de Siqueira o Malauar tornou com recado de Antonio da Sylueira. E da desastrada morte de Antonio da Veiga.*

**LE**EVADAS as novas ao Baxã d'aquelle soccesso, ficou como sem fizo, & fora de si: & vendo quanto lhe tinha custado a quella jornada, & que cada vez lhe socedia pior: & que cada dia podia arrebentar ali a armada do Visorrey: & que já não tinha poder pera a esperar, por ser a mór parte de sua gente mórtã naquella guerra, & cõsumidas todas as muniçoens, & sobre tudo sentir já hũa alteraçãõ & mudança em Cogefar, com quem auia pouco tiuerã hũas rezoens roins, & palauras o dia que chegaraõ á fortaleza as novas que o Visorrey ficaua pera partir, dizendolhe que era falso, & que o enganara, (por que lhe tinha elle affirmado, que o Visorrey não se auia d'abalar de Goa, nem o auia de ir



de ir buscar : & como Cogeçofar era mūy recatado, & via o roim soçeffo que as coufas do Baxá yaõ tendo,conhecendo a sua maldade & falsidade,receandosse que o qui fesse levar ao Turco pera descarregar sobre elle as culpas do pouco que fizera no cerco : andaua já retirado & apartado, sem ir á sua Galé. Via mais o Baxá,que os naturaes andauaõ alterados, & não acodiaõ com os mantimentos como costumauaõ: o que era verdade,por que ou de escandalizados, pellas auexaçoes & afrontas que os Turcos lhes tinhaõ feitas,ou induzidos de Cogeçofar:eraõ todos ausentes. Isto tudo entendido do Baxá,logo q mesmo dia,primeiro que anoitecesse mandou a seus capitães que se recolhessem, & que tiuessem tento em si,por que a gente não os acabasse de desbaratar, & lhes tomasse a artelharia: o que elles logo começaraõ a fazer no que restaua do dia, passando logo á outra banda toda a artelharia q poderaõ, & algũas peças muito grandes deixaraõ entregues a Cogeçofar,pera dar cõta dellas todas as vezes que lhas pedissem.

Disto foi logo Antonio da Sylueira auisado:& receando que podesse aquillo ser algum ardil,ou inuenção,como da outra vez,toda aquella noite não quietou,nem repousou, mandando fazer prestes de nouo as coufas que auia pera se defenderem, se o tornassem a

cometer. Mas não achou nos almazês poluora algũa, por ser toda gastada : nem auia já em toda a fortaleza mais de corenta homens que se podessem repartir pellos baluartes.

Pello que vendo tamanha pobreza,soccorreosse a Deos,& mandou tirar a poluora que estaua já carregada em coatro bombardas grossas,de que se encheraõ corenta panelas de poluora, que se repartiraõ pellas estancias : que mādou guarnecer de muitas pedras, que arrancaraõ aquellas matronas honradas. Estas vendo o perigo em que a fortaleza estaua,& a pouca gente que auia pera sua defensão, acodiraõ todas com vm animo & valor sobre natural, repartindosse pellos baluartes, pera suprirem a falta dos homens,armādosse algũas dellas, em armilhas, & cosfoletes,com lanças & alabardas nas maõs, muito alegres & cõtentes,determinadas a morrerem na defensão d'aquella fortaleza, vestindosse todas pera isso dos mais ricos, & galátes trajos que tinhaõ. O mesmo fizeraõ todos os homens,pondosse de plumas,& louçainhas,&os que as não tinhaõ as pediaõ a outros,querendo neste dia (que auia de ser o derradeiro) mostrar o gosto que tinhaõ de morrerem pella fé de Christo. Os feridos que estauaõ em suas camas,sabendo o que por fóra ya, & do aparelho que todos faziaõ, os



mais se mandaraõ leuar por seus escrauos aos baluartes, por que aquellos lugares auiaõ por mais seguros. Antonio da Sylueira muito contente & alegre com este pobre aparato que tinha feito, pera esperar os imigos, gastou toda a noite em visitar as estancias, animando, & esforçando a todos, & dando alguns rebates falsos, em que sempre os achou em seus lugares mūy aparelhados, & apercebidos, pera resistirem aos imigos.

Esta noite que foi a derradeira do mês de Outubro, por hũa parte parecia a mais medonha que se podia imaginar, & por outra em certo modo muito cheya de alegria, pella muita que todos tinhaõ na determinação cõ que estauaõ: & acabou de os alegrar Francisco de Siqueira o Malauar, que na entrada do coarto d'alua entrou pella barra dentro: por que depois q se fez á vela com as cartas de Antonio da Sylueira (como atras difemos no capitulo 12. do 4. liuro) foi tomar Antonio da Sylua na costa de Baçaim, pera atraueffar a Diu: & dandolhe as cartas o despedio logo, metendolhe dentro vinte homens, & o mandou com outra carta a Antonio da Sylueira, em que lhe dizia, como ya já atraueffando: dandolhe por regimêto que o esperasse á vista da armada dos Turcos, pera o auisar do modo em que estaua. O Siqueira voltou taõ depressa, que ao segundo

dia entrou por aquella barra, & metido pella couraça deu a carta ao capitaõ, & lhe affirmou que ao outro dia seria Antonio da Sylua naquella fortaleza, o que pôs grãde aluoroço em todos, & metendolhe a gente dentro, tornou logo a voltar antes que amanhecesse: & afastado das Galés se deixou estar donde lhes enxergaua os penões, esperando por Antonio da Sylua. Vindo a manhã, que foi do dia de todos os Sanctos, o mais alegre, & fermoso pera todos q nunca viraõ, por que já não ouuiaõ estródos de bombardas, nem viaõ labaredas de poluora, nem escadas aruoradas pello muro, nem aquelle terror & espanto que tantos dias auia, que viaõ & ouuiaõ. Não viaõ já os imigos, por que eraõ embarcados, & as Galés estarem recolhendo a artelharia cõ muita pressa, & feruerem os Turcos na embarcação. Tudo isto viaõ os nossos com os olhos, & não o criaõ de aluoroço.

Cogeçofar tanto que os Rumes se embarcaraõ, recolheosse com a sua gente pera os primeiros alojamentos, em que se deixou ficar aquelle dia, em quanto se recolhia a artelharia que lhe ficaua entre-gue, que com muita pressa fez passar da outra banda. O dia passou-se todo em verem recolher os imigos, & tanto que anoiteceo desejou Antonio da Sylueira, mandar fora algũa gente pera derribarem os bestiaes,



bastiaes, & trincheiras de junto da caua, & pera darem vm toque nas estancias de Cogeçofar, por que entedia quão medroso auia d'estar só pera o quebrantar. Esta faida lhe pedio muito de merce Antonio da Veiga fagitor da fortaleza, (que em todos os rebates & perigos deste cerco foi sempre dos primeiros, & deu de comer á sua custa a muitos homens) o capitão lhe concedeo, dandolhe vinte & cinco soldados, dos que auia saõs, em que entravaõ os que leuou o Siqueira. E fazeñdoffe prestes, no coarto d'alua se lançou na caua, & em muito silencio foi demandar as estancias dos imigos: & cometendoas por hũa parte com grãde determinação, ás entraraõ, fazedo nos imigos vm grande estrago, por que os tomou bem descuidados. O arrayal foi todo posto em reuolta, por que cuidaraõ que era o poder mayor, pondoffe todos em desbarato. Antonio da Veiga depois que fez aquelle negocio muito á sua vontade, & sem lhe custar cousa algũa, foisse recolhendo pera a boca da caua, a onde achou muitos seruidores que o capitão pera aquillo deitou fora: & dando nas estancias de sobre a caua, em breue tempo as desmanchou, & pôs por terra.

Em quanto se isto fazia, vm dos seus soldados tomou o caminho da caua pera a banda do már, & sobindo acima foi demandar vm

bastiaõ, que os Turcos tinhaõ naquella parte, que achou despejado com sua bandeira ainda aruorada, que com a pressa deixaraõ ali os Mouros: & achou mais vm fermosissimo liaõ de metal posto em seu repairo, & tomando a bandeira tornouffse pera Antonio da Veiga, a quem deu conta de tudo o qvuo, & como já tinha feito tudo ao que fora, recolheoffse pera a fortaleza, & deu conta ao capitão do q deixaua feito, & da bombarda que o soldado achara no bastiaõ, pedindolhe licença pera a ir recolher. O capitão se escusou com lhe dizer, que pois os Turcos ali a deixaraõ deuia de ser arrebetada, & q ella ali estaua sempre, & que a todo tempo se recolheria: que se era pera mostrar valor & esforço, asfas tinha já dado de si bastãtes prouas, que naõ ouueffe por honra ir ganhar o que naõ era defendido d'alguem. Antonio da Veiga naõ satisfeito d'aquellas rezoões o tornou a importunar de feição, que lhe concedeo a jornada.

Depois de todos jantarem, com grande regozijo, escolheo Antonio da Veiga vinte companheiros & vestindoffe muito galante de plumas & medalha, sayo pella caua, & foi demandar o lugar em q o liaõ estaua: & chegando a elle vio que era arrebetado, & sem embargo disso determinou de o recolher, fazendoo arrastar pellos seruidores a té a borda da caua, pera dar



*Quinta Decada. Da historia da India.*

ra dar com elle embaixo. Mas como não ha fogir á morte, & ella o esperaua n'aquelle lugar, pera onde se elle fez tão gentil homem, quis Deos (que he o que tudo moue) que chegasse áquelle tépo vm Moura a vm alto que estaua d'ali a mais de trezêtos passos, pera ver o que os nossos fazião, & vendoos estar no trabalho do liaõ, desparou hũa espingardada a montaõ, sem lhe parecer que podia lá chegar, & endireitando o pilouro com Antonio da Veiga, que estaua no meyo de todos os seus soldados, & sendo mais pequeno de corpo que todos elles, & tomando pella cabeça o derribou logo morto. Os seus soldados vendo tamanho desfastre o tomaraõ em os braços, & o recolheraõ pera a fortaleza, onde foi enterrado honradamente, com grande magoa & dór de todos. Este caso sintio muito o capitão, así pella perda d'aquelle homem, como por que foi áquelle ne gocio, contra sua vontade & gosto. Destes casos aconteceraõ alguns na fortaleza, pello discurso do cerco, que se notaraõ bem. Vm soldado mancebo muito lustroso, & gentil homem, estando vm dia de vm assalto n'aquelle baluarte do fogo, pelejando muito bem, a caso se, layo d'ali, & se foi pera o pé da escada onde estaua o capitão (deuia de ser a lhe levar algum auiso) & estando bem ao pé do baluarte, foi vm pilouro perdido apos elle,

& lá em baixo lhe deu pella cabeça de que logo cayo morto: escapando elle em quanto esteue em cima no meyo d'aquellas espessas nuuens de pilouros & frechas, que sobre o baluarte cayaõ. E tornando aos Turcos, foraõ recolhendo suas cousas, & prouédosse de agoa & mantimentos. E aqui os deixaremos, por continuarmos com Antonio da Sylua.

CAPITVLO IIII.

*De como Antonio da Sylua chegou á vista da armada do Turco: & de como o Baxá cuidando ser a armada do Vicerrey lhe foi fogindo: & de como a nossa armada entrou em Diu: & do que aconteceu ao Baxá na jornada.*



ANTO que Antonio da Sylua depidio o Siqueira Maluar (como disse mos no capitulo 3. do 5. liuro) foi logo atraueessando o golfo, & aos cinco dias do mês de Nouembro ouue vista da terra, & juntaméte do Siqueira, que estaua á vista das Galés, & delle soube o estado da fortaleza, & de como o Baxá estaua recolhido, & com a armada afastada, pera de todo se ir: & por ser isto sobre a tarde foi se detendo pera de noite cometer a barra.



a barra. Alguns nauios da sua companhia que se adiantaraõ, foraõ auer vista da armada, & tomando as velas tornaraõse ao capitaõ mór, o que não quiserão fazer dõ Martinho de Sousa, & dom Luis de Tayde, que yaõ com elles, antes desuiandoõse da armada, tomando o remo em punho, foraõ demandar a barra de Diu, por onde entraraõ á boca da noite. E surgindo á couraça deraõ rebate aos da vigia, que logo deraõ recado ao capitaõ, que acodio, & os recolheo por ella, fazendolhes grandes festas. Delles soube como Antonio da Sylua ficaua á vista dos imigos, com o que todos os da fortaleza parecia que resuscitaraõ: & assi passaraõ toda aquella noite em festas, folias, & outros passatempõs de alegria, sem quererem repou-sar. Antonio da Sylua deixouõse estar sobre o remo, & tanto que o sol se pôs, se foi chegando á vista da armada, de que logo foi visto. E como o dia se ya escurecendo, não diuisaraõ os Turcos, mais que hũa quantidade de nauios, sem se determinarem em o numero, nem no porte. Antonio da Sylua tanto que de todo escureceo mandou desparar toda a artelharia da armada muitas vezes, assi pera animar aos da fortaleza, como pera meter terror & espanto nos Turcos. Depois de os nossos darem suas saluas ficaraõ sobre o remo, mandando fazer toda a noite mui-

tos fuzis, & acender pella armada muitos foroës. E como a noite era escura, parecia que o már se desfazia em fogo: & ainda pera mór espanto, socedeo na mesma conjunção vm Eclypse da lûa, que fez parecer aquellas carrancas mais medonhas. E como o Baxá de seu natural era fraco, & medroso, ouuindo aquelle terror da artelharia, vendo a multidaõ dos fuzis, & sobre tudo o Eclypse, que tomou & notou por muito roim agouro, tendo por certo que aquella seria a armada do Visorrey, fez final a toda a armada que se leuasse, o q fez com tanta pressa, que deixaraõ em terra todos os doentes & feridos, que seriaõ perto de coatroçẽtos, de que viueraõ muitos que ficaraõ a soldo. d'Elrey de Cambaya, que tanto que soube aquella deshumanidade do Baxá, os mandou buscar a todos & os curou cõ muito grande cuidado.

E por que não fique vm louuor, que vm destes disse dos Portugueses, o contaremos, por ser dito de boca estranha, & de imigo: o que contaua muitas vezes Caracen. Estando Elrey de Cambaya vm dia praticando com estes Turcos, & perguntandolhes pellos successos da guerra: & se os Portugueses eraõ taõ esforçados como se dizia? Respondeo vm delles: sa-bei senhor, que elles só são dinos de trazerem barbas no rosto.

E tornando ao Baxá, afastado da ter-



da terra deu á vela, tirando cada Galé tres bombardadas, & com o terreno foraõ passando a ponta de Diu, & costeando a costa da outra banda. E parece que aquellas faluas que o Baxá mandou dar cõ a artelharia, deuia de ser por entreter o Visorrey, que cuidaua que estaua ali, pera com isso lhe mostrar o aluoroço com que o esperaua, pera ter tempo de se fazer á vela: & foi seguindo sua derrota com que logo continuaremos.

Antonio da Sylua deixou-se estar a tè o coarto d'alua, mandando vigiar as Galés pello Siqueira Malauar, que as vio fazer á vela. Cogeçofar tanto que ouiu as bombardadas no már, & vio os fogos, folias, & festas que se fazião por toda a fortaleza, parecendolhe que era a armada do Visorrey chegada, logo deu fogo a todo o arayal, & passou-se á outra banda com muita pressa. Antonio da Sylua tanto que começou a esclarecer a manhã, tomando o remo, entrou em Diu com toda a sua armada fermosamente embandeirada, saluando a fortaleza com toda a artelharia, & com muitos instrumentos, assi de guerra, como de paz & alegria. Antonio da Sylueira mandou embandeirar os baluartes, & desparar algũas peças de artelharia: & pera receber Antonio da Sylua com mayor aparato, mandou abrir a porta da fortaleza, que estaua tapada de pedra & cal, &

nella o esperou com todos os que auia faõs.

Antonio da Sylua pojou no cais com toda a sua armada, & logo desembarcou com os capitaens fidalgos, & toda a mais gente da armada, postos em armas mũy galantes & custosos. No cais o esperou o capitão, onde se abraçaram todos, com grandes mostras de alegria, leuando o capitão a Antonio da Sylua, & aos mais dos fidalgos pera sua casa, & aos outros mandou aposentar pella fortaleza. Aquelle proprio dia escreuerão ambos os capitaens ao Visorrey tudo o que passaua, despedindo logo o Siqueira Malauar como testemunha de vista, pera o informar do que vira.

Partido o Siqueira, ao outro dia foraõ os capitaens ver as effeicias dos imigos, mandando receber logo dentro toda a pedra, mudeira, & cal que acharaõ: & aos moradores da cidade mandaram recado que se naõ boliffem, & estivessem seguros em suas casas por nenhum mal receberiaõ. Ficaram estes capitaens ambos corrédo em amizade alguns dias, mas logo se perturbaram, começando a ter differenças sobre pontos bem pouco substanciaes: por que Antonio da Sylua dizia que os Turcos tanto que viraõ a sua armada logo se embarcaraõ, & se foraõ fogaõ. Antonio da Sylueira, que naõ auia tal, por que auia cinco dias que estauaõ



estauão embarcados pera se irem, desbaratados de suas mãos, o que atiffauão homens amigos de defauenças.

E deixando estas cousas que não pararaõ mais que em arrufos, primeiro que tratemos da jornada do Visorrey, nos pareceo bem darmos rezaõ da do Baxá que ya seguindo sua derróta. Depois de costear a costa de Pór, & Mangalor, atraueffou da ponta de Iaquete, & aos vinte & sete do mês de Novembro foi tomar Acer, vm lugar d'Elrey de Dofar, na costa de Arabia, em dezaseis graos & meyo do Norte, pouco mais de cem legoas antes de Adem. He este lugar seco & esteril: são os moradores daqui Ethiophagis, & mantense de peixe seco ao sol. O Rey de Dofar tanto que soube estar ali a armada surta, mandou prender corenta Portugueses, que ali estauão fazendo suas mercadorias, & os mādou de presente ao Baxá, com outros refrescos da terra, por se sañear com elle, ou ao menos por q̃ lhe não fizesse mal. O Baxá os estimou muito, & os mandou aferrolhar pellas Galés. Aqui se deteu tres dias, em que lançou fama que deixaua a India tomada, & os Portugueses todos mortos: & depois de tomar agoa & lenha se fez á vela, & aos dezaseis de Dezembro foi surgir no porto de Adem, onde se deixou estar deuagar, prouendo em muitas cousas, pôdo ali

por Baxá a Mirmostafa, torto de vm olho, com quinhētos Turcos, guarnecendo a fortaleza de cem peças de artilharia, & de muitas moniçoens & mantimentos.

Aqui mandou o Baxá cortar a cabeça a Cafarcan, por que não diffesse ao Graõ Turco suas couardias, & velhacarias. E quem lér esta jornada no roteiro d'aquelle Italiano, que já diffemos no capitulo setimo do segundo liuro (que anda impresso, & junto ás varias viagens, que recopilou Misser Baptista Ramnufio) achará que diz, que mādara neste porto de Adem o Baxá chamar vm Turco, que já fora Christão, arrenegado, homē de grande conta, & patraõ de hũa Galé, & lhe mandara cortar a cabeça: do que se murmurara em toda a armada, por se recear de elle o mexiricar com o Graõ Turco. E diz mais, que este arrenegado, estiuera já a soldo d'Elrey de Adem, & depois se achara em Diu no tempo em que Elrey de Cambaya foi morto pellos Portugueses: & que a Raynha molher do Rey morto persuadida delle se embarcara pera Meca com grande quantidade douro, & que por força a leuara ao Cairo, & d'ali a Constantinopla: & que o Turco pello ver pratico nas cousas de Diu, o mandara por patraõ de hũa Galé nesta jornada, pera conselheiro do Baxá. E como o Venezeano que fez aquelle roteiro lhe não

T

ya



*Quinta Decada. Da historia da India.*

ya coufa algũa em aueriguar aquellas coufas, não fazia mais que escreuer o seu roteiro dia por dia, & as coufas que via & ouuia. E pelo que temos contado da jornada de Cafarcán, & da Raynha, & de como o Turco o tornou a mandar com o Baxá, fica bem claro ser elle o que mandou aqui matar.

Oito dias esteue a armada em Adem, & deixando ali cinco fustas pera seruiço da fortaleza, deu o Baxá á vela, & embocando as portas do estreito foi correndo a terra firme, & entrando por antre ella, & a ilha de Camaraõ, surgio da outra banda della em vm lugar chamado, Cubit Sarif. Aqui mandou o Baxá desembarcar algũas peças de arrelharia de campo, & dous mil homens, & foi em pessoa contra Coja Amede Rey de Zebit, por que da outra vez não fora a seu chamado. E sendo a meyo caminho, tendo auiso os de Zebit de sua ida, desempararaõ o seu Rey, & a sua cidade, & os mais delles se passaraõ ao Baxá. Elrey vendosse desemparado dos seus, tomou por melhor remedio (que lhe foi bem roim) irse apresentar ao Baxá, cuidandó que achasse nelle o que não tinha, que era algũa piedade. E assi o foi esperar ao caminho com hũa touca atada ao pescoço, em final de culpado & escravo, & lançado a seus pés lhe pedio perdaõ, & misericordia: mas como elle não tinha algũa, lhe man-

dou logo ali cortar a cabeça. E chegando a Zebit achou a cidade despejada, & mādou logo pregoar pellas aldeas seguro geral a todos, & que fossem receber soldo q̃ lho pagaria. A isto acodiraõ duzentos Abexins, que eraõ da guarda do Rey morto, & chegados ao Baxá, logo ali os mādou fazer em pedaços pellos Ianiçaros. E deixando ali Mostafa naxar por Baxá, cõ quinhentos homens, se tornou pera a armada. Chegado á praya de Cobit Sarif, mandou tirar nella todos os Christaõs Portugueses, & da terra, que eraõ mais de cem pessoas, & a todos mandou cortar as cabeças, narizes, & orelhas: o que tudo fez salgar, & mandou de presente ao Graõ Turco, diante, pello Cacaya, por que cuidassem que deixaua feitas grandes cruezas nos Portugueses. Esta cidade de Zebit he arzezoada, & todos seus termos á roda são fertilissimos & fresquissimos, de muitos & bons jardins & hortas, por causa das muitas fontes de agoa excellentissima que por ali ha. E em toda esta parte de Arabia Felix não ha coufa mais fresca que esta cidade, & a de Sanáa, trinta legoas ao sertão, de quem em outro lugar, falaremos: em que ha todas as frutas da Europa. O que mais passou a armada do Turco não nos conuem, & por isso a deixamos.

CAPITULO



CAPITVLO V.

*Do que fez o Visorrey tanto que lhe deraõ nouas da fogida dos Turcos. E de como Martim Afonso de Sousa se embarcou pera o reino. E do que socedeo na jornada a Nuno da Cunha, & faleceo no caminho. E de como Elrey o mandaua levar das ilhas, prezo em ferros.*

**P**ARTIDO Francisco de Siqueira o Malauar pera Goa, que leuaua as nouas ao Visorrey dõ Garcia de Noronha de como as Galés eraõ recolhidas, em poucos dias chegou á barra de Goa, onde já o achou com toda a armada prestes esperando recado certo de Antonio da Sylua. E indo demandar o Galeão em que o Visorrey estaua, lhe deu as cartas que leuaua, & as nouas do que passaua na fortaleza de Diu: era isto no coarto d'alua. O Visorrey com aquelle aluoroso, mandou que se desse rebate por toda a armada: & logo da gaui do seu Galeão se tocou vm clarão, que claramente dizia, ponte de prata. E correndo logo as nouas pella armada ficaraõ todos mûy malenconizados, & tristes, por q̃ desejavaõ de prouar a maõ cõ os Rumes, pera o que estauaõ

taõ aluoroçados, que se desfaziaõ, & não sabião qual auia de ser a hora em que o Visorrey os auia de ir buscar. E sabendo agora que eraõ idos, começou a auer grandes pragas, & murmuraçoens, por toda a armada contra o Visorrey, por que os andaua entretendo, & enganando, com lhes dizer cada dia que logo ya, & que elle os meteria em meyo dos imigos: & que se elle não viera do reino, q̃ Nuno da Cunha os ouuera de ir buscar: & que nenhũa Galé ouuera de tornar a Sués, cõ outras cousas q̃ a soltura dos soldados da India lhes fazia dizer. Mas o bom velho, qual outro Quinto Fabio Maximo, cõ suas dilaçoens, & artes, fez alevantar o imigo.

Martim Afonso de Sousa se foi logo ao Visorrey, & lhe pediu licença pera ir com algũas Galés, & nauios de remo apos os imigos, que como yaõ fogindo estaua certo irem desordenados: & que esperaua em Deos ser de muito effeito, & fazer nelles hũa grande preza. O Visorrey lha não concedeo, dizendolhe que era escusado, por que quando elle chegasse a Diu, já os Rumes auiaõ de ser na costa da Arabia, & que não faria mais que perder tempo. Vendo Martim Afonso de Sousa o que o Visorrey lhe negaua, lhe pediu licença pera se ir pera o reino, que lhe elle logo deu, por ficar aquelle lugar de capitão mór do mar vazio, pera o



Quinta Decada. Da historia da India.

dar a seu filho dom Alvaro: & despedido do Visorrey se embarcou pera Cochim em alguns nauios ligeiros. E chegou em poucos dias, achando as naos de viagem de verga d'alto, & se embarcou em hũa dellas em companhia de Nuno da Cunha, com quem continuaremos agora.

Partido de Cochim foi seguindo sua derrota com bom tempo, & depois de ter dobrado o cabo de boa esperança, adoeceo de hũas febres, & camaras, de q̃ veyo a falecer. Foi sua morte muito sentida de todos, & abrindosse seu testamẽto, pera verẽ o q̃ mandaua fazer de si, achouffe nelle hũa verba, em que mandaua, q̃ morrẽdo no mâr, fosse seu corpo lãçado a elle cõ algũas camaras de falcaõ, q̃ mandaua se pagassem a Elrey: por q̃ pella hora em q̃ estaua, q̃ de nienhũa outra cousa lhe era em encargo, nem satisfação em todo o tempo que gouernou a India, deixando declarado por seu testamenteiro no mâr a Ioaõ de Paiua seu Veador, que era capitãõ da sua nao, caualeiro honrado, & de grande sua obrigação. E vm Vicente Paez (de que já falamos no capitulo oitauo do primeiro liuro, q̃ ya na mesma nao, & era pagem de Nuno da Cunha) nos disse, que se achara á cabeceira da sua cama, quando faleceo, & q̃ estando em passamento fizera vm termo, que todos cuidaraõ ser o derradeiro, & tornando a abrir os

olhos, repetira vm pouco entoadado, aquellas palauras do Romano: *Ingrata patria, ossa mea non possidebis*: que taõ escandalizado ya do roim galardão que lhe deraõ de dez annos de seruiço de Governador da India, & de fazer nella tres fortalezas, Chale, Baçaim, & Diu: & isto sem elle ainda saber, que tinha chegado a cousa a tanto ( & pella ventura que fosse a causa a inueja) que o mandauaõ esperar nas ilhas terceiras, com vm grilhaõ muito grande pera com elle o desembarcarem pera o castello de Lixboa, & d'ali o passarem pera a porta de Mañfos em Sanctarem, que Elrey tinha mädado preparar pera elle: que aquelles eraõ os triumphos com que esperauaõ de o receber, por tantas vitorias, quantas alcançou em todo o Oriente. E assi foi, por que chegando a sua nao ás ilhas terceiras, achou ali Antonio Correa de Baarem, que andaua por capitãõ mór de hũa armada esperãdo por elle: & entrando na nao pera o prender, sabendo ser morto, lançou os grilhoes q̃ pera elle leuaua, no seu Ioaõ de Paiua, & a todos os mais criados tambem prendeo, & repartio pellas naos. E chegando a Portugal foraõ desembarcados, & leuados ao limoeiro de Lixboa, a onde estiueraõ alguns meses. A isto acodiraõ os filhos & parentes de Nuno da Cunha, & foraõ fazer suas queixas a Elrey, leuandolhe a mostrar



mostrar o testamêto, em que vio a clausula delle em que declaraua, que lhe pagassem as camaras de falção com que o lançaraõ ao már, por que de outra cousa lhe não era em obrigação. E como era Rey muito Christão, & temente a Deos, & que aquellas cousas tinha mandado fazer por algúas muito roins informaçoes, que alguns lhe deraõ delle, (& pella ventura por lhe tomarem o lugar) mandou que se soltasssem todos os seus. Este he o officio da inueja, fazer da virtude peccado, & fingir vicios onde os não ha, buscando sempre o pior pera reprehender, & vituperar, escondendo o bem com hũa dissimulaçãõ Farisaica, só por se fingirem milhores aos Reys, fundados em suas puras pretenções. E assi ficaõ estes sendo como Cratero vm d'aquelles dous amigos de Alexandre, que o não amaua se não como a Rey, só pelas merces q̃ delle esperaua: mas o outro que era Ephestion, não o amaua se não como Alexandre: por que he muito differente o amor da pessão, ao do officio: & assi este lhe falaua verdades sem interesse como amigo, & não o lisonjaua por Rey como Cratero. E pella ventura que por faltarem Ephestioens aos Reys, vem a faltar os galardoes aos homens, como a este Governador, cujos feitos não luziraõ em seus filhos, por que he muito antigo pagaremse grandes

merecimentos com grandes ingraticoes. Foi Nuno da Cunha casado duas vezes, á primeira com a filha de Fernão Nunez da Sylueira, senhor de Terena, que era neto de Diogo d'Azambuja, de q̃ ouue hũa filha que foi Condeça de Portalegre. A segunda vez casou com hũa irmã do Conde de Sortelha dom Luis da Sylueira, guarda mór d'Elrey, & irmão deste Antonio da Sylueira, que era capitaõ da fortaleza de Diu quando ouue este primeiro cerco, de quem ouue todos os mais filhos legitimos que teue.

#### CAPITVLO VI.

*Das cousas que neste tempo succederaõ em Ceilaõ. E de como o Madune tornou a fazer guerra a seu irmão Rey da Cotta. E da armada que o Visorrey dom Garcia de Noronha lhe mandou descorro, & elle partio pera Diu.*



E necessario pera fiarmos bem a historia, tocarmos vm pouco Ceilaõ de passagem. Andaua o Madune traçando em sua fantesia novos modos pera destruir o irmão de todo: o que quis fazer por guer

T 3 ra, pera



*Quinta Decada. Da historiada India.*

ra, pera o acabar de consumir. E affi tanto que Martim Afonso de Sousa se foi d'aquella ilha, tornou a solicitar o Camorim pera outra armada, que lhe elle negociou, encarregando outra vez aquella jornada a Pachi Marcá. Elrey da Cota foi logo auisado d'aquelles apercebimentos, & despedio logo recado ao Governador Nuno da Cunha, pedindolhe o ajudasse & fauorecesse, pois era vassalo d'Elrey de Portugal: por que estaua muito arriscado a perder aquella reino. Este recado derao ao Governador Nuno da Cunha em Junho passado, pello que logo despedio Paramares (que são correos) por terra a são Thome, a onde viuia Miguel Ferreira, caualeiro muito hórado, & que sabia das cousas de Ceilaõ melhor que todos os que entaõ auia na India: pedindolhe por cartas, que ajuntasse toda a gente & nauios que podesse, & q fosse socorrer aquella Rey, por ficar de lá mais á mão, & que todas as despezas que fizesse elle as pagaria muito bem. E que quando lá não ouesse gente & nauios pera aquella jornada, que tanto q o veraõ entrasse se fosse pera Goa, que elle o auitaria.

Estas cartas foraõ dadas a Miguel Ferreira, que armando algũs nauios, tanto que o veraõ entrou partio pera Goa: por que em são Thome não auia cabedal pera aquella jornada. E dandosse pressa

chegou á cidade de Goa o dia que o Visorrey teue as nouas da fogida das Galés: por que posto q ya com tenção de em Cochim fazer mais nauios & gente, em chegando áquella cidade, que achou nouas da armada do Turco estar sobre Diu, lhe pareceo mais necessario acodir lá com aquelles nauios que leuaua, que não ir a Ceilaõ: por que a todo tempo se podia fazer aquella negocio.

O Visorrey recebeo muito bem Miguel Ferreira, por que já delle tinha informaçãõ, & vendo q era necessario acodir a Diu, & que era forçado socorrer tambem a Ceilaõ, & estaua pera se partir ao outro dia, pôs aquellas cousas em conselho: & assentouffe que era muito justo & necessario socorrer áquelle Rey, por que se não viesse a perder o comercio d'aquella ilha, & q se dessem a Miguel Ferreira cento e vinte homens, & vasilhas pera elles. Concluido isto, por que Miguel Ferreira não podia partir pera Ceilaõ se não em fim de Janeiro, o deixou em Goa negociando, passandolhe todas as prouisoens q lhe pedio.

Feito este negocio se fez o Visorrey á vela com toda a armada que era de vinte & dous nauios grossos, noue Galés, dez Galeotas latinas, & outros muitos nauios de remo, a fora cincoenta que tinha mandado diante. Os capitaens que foraõ nesta jornada



nada são os seguintes.

O Visorrey no Galeão são Dinis, dom Francisco de Lima no Galeão são Ioaõ, dom Ioaõ Deça em são Bertolameu, Baltesar da Sylua no Camorim pequeno, dom Ioaõ Lobo em são Bernardo, dom Iorge Tello, em Sanctiago, Pero de Tayde Inferno em são Boauentura, Antonio de Lemos nos Reys Magos, Vasco da Cunha em outro Galeão, Francisco Pereira de Berredo na nao Cisne, Gaspar Pereira em outra nao, Ruy Lourenço de Tauora na nao santa Clara, Luis Falcão na Garça, dom Garcia de Craсто na nao fieis de Deos, dõ Christouão da Gama na nao santo Antonio, dom Payo de Noronha no Galeão Bufara, dom Manoel de Meneses, na nao são Bertolameu, Christouão de Mello, Francisco de Bairos, Manoel de Mello, Diogo de Sousa em Carauelas, dom Alvaro filho do Visorrey, Ioaõ de Mendoça, dom Ioaõ de Castro, Diogo Lopez de Sousa, Manoel de Sousa, Fernão de Lima, Pero de Lemos, dõ Ioaõ Manoel Alabastro, & Ioaõ de Sousa, em Galés. Os capitaens das Galeotas latinas eraõ Bernaldim de Sousa o Diabo, dõ Ioaõ Mascarenhas, Francisco Pereira, dom Tristaõ de Soro Mayor, dom Francisco de Meneses, Martim Correa da Sylua, dom Diogo d'Almeida filho do Contador mór (a que ca na India poseraõ o sobre alcunha de al-

fenim, por ser muito afidalgado, & muito brando.) Francisco de Sá de Meneses o dos oculos, Fernão de Sousa de Tauora, & dom Antonio de Noronha o Catarras. Os capitaens de fustas & bargantins, dom Francisco de Neronha, dom Diogo de Vasconcellos, Alvaro de Mendoça, Tristaõ de Tayde, Martim Vaz Pacheco, Duarte Pereira, Fernão Rodriguez, Gaspar de Sousa, Fernão de Craсто, Ioaõ Iuzarte tição, Luis Xira Lobo, dom Pedro de Meneses, Francisco Freire, Iorge de Mello Soarez, Iorge de Vasconcellos, Ioaõ de Sepulveda, Manoel Rodriguez Coutinho, Lionel de Lima, Francisco de Ilher, Gaspar Vaz, Tristaõ Fogaça, Gaspar Rodriguez, Simão da Costa, Bastião de Faria, Miguel Vaz, Francisco Alvarez, Felipe Rodriguez, Iacome Tristaõ, & outros fidalgos & caualeiros, a que não achamos os nomes. Dada á vela com toda esta armada, foi correndo a costa com terrenhos, & viraçoens, & tão to auãte como Dabul, lhe deu hũa tormenta muito grande aque chamaõ a vara de Choromandel, cõ que toda a armada esteue perdida, correndo os nauios pequenos por onde melhor poderaõ, acolhendo-se ás enceadas & rios que poderaõ alcançar. Os nauios grossos por não poderem correr, foilhes forçado surgirem. Dom Alvaro de Noronha na Galé bastarda q̃ era velha abrio selhe toda, & com



muito trabalho foi demandar a barra de Dabul, & entrando por ella, achando os mares muy soberbos, encapellaraõ sobre ella, & a encostaraõ sobre a coroa de area do banco onde encalhou, ficando dom Aluaro & os mais pegados ás postissas: & sempre se perderaõ todos se dom Christouaõ da Gama, capitão da nao santo Antonio, que estaua surto na boca da barra, lhe naõ mandara acodir com o seu batel, contra vontade dos officiaes, & por força, que os trouxe todos pera a sua nao. E ao mesmo tempo, indo Ioaõ de Sousa Rates, capitão da Galé espinheiro já alagado de todo, em prepassando pelo mesmo dom Christouaõ, vendo elle o perigo em que a Galé ya, mandoulhe com muita pressa lançar a guns viradores grossos, que permitio Deos q os da Galé afe-rassem, & dandolhes volta ao masto atreparaõse por elles a nao, onde se baldeou toda a gente, ainda que com a pressa se perderaõ alguns homens que cairaõ ao már. Dom Christouaõ correu neste negocio como fidalgo muito pontual, grande Christaõ, & muito animoso: por que estando tambem em trabalho, acodio com tanta diligencia aos alheios, que por sua industria saluou a gête destas duas Galés: & a esta de Ioaõ de Sousa, por que se naõ perdesse a artelharia, a teue sempre atracada a nao com muitos viradores, a té que a

tormenta cessou, sustentandoa cõ muito risco & trabalho seu: & así atracada a leuou a tè Chaul, a onde se concertou. A mais armada esteue perdida. Dom Francisco de Lima no Galeaõ saõ Ioaõ perdeu o batel. O Visorrey alijou todas as cousas de cima ao már, & o mesmo fizeraõ todos os mais Galeões, & naos.

Passada a tormenta, que durou vinte & coatro horas, foraõse todos ajuntar cõ o Visorrey a Chaul, aonde tanto que chegou, mandou logo tirar a artelharia da Galé de dom Aluaro, que toda se saluou. O Visorrey deteu-se pouco, & passou a Baçaim, onde deixou Rui Lourenço de Tanora por capitão, & a sua nao deu a dom Aluaro de Noronha. Dali atraueffou a Diu, onde foi muito bem recebido de Antonio da Sylueira, a quem elle fez muitas honras, & a todos os mais que com elle se acharaõ no cerco. Todos ficaraõ admirados do estado em que aquella fortaleza estaua, que parecia nao destracada em tormenta, sem castellos, nem obras mortas. E certo que foi espectáculo muito pera espantar, ver aquella destruição, & a pouca, & mal tratada gente, que defendeo aquellas roinas, a tamanhos, & taõ poderosos exercitos, & tantas, & taõ medonhas bombardas, aronadoras de tudo.

Por onde se vé bem, quaõ grande abusaõ he, cuidarem algũs que





esta conquista do Oriente foi com negros despidos, & nús, com paos tostados, & arcos fracos & leues, como os das Indias occidentaes, sem ordem de milicia algũa, ou cõ gentes brutas & sem gouerno: por que ca não contenderão os Portugueses, se não com Emperadores potentissimos, como foraõ os Soltoens do Egypto, & com Turcos ferózes, que nũca foraõ domados dos Emperadores da Europa, que não se podem jactar, que suas armadas alcançassem nunca nestas partes vitorias dos nossos, como tẽ alcançadas nessas de lá, de potentissimas armadas dos Reys & senhores Christaõs. Não contendẽ os Portugueses com gentes despidas, fracas, & sem ordem: mas cõ fortissimas nações, & mũy exercitadas na milicia, politicas no viuer, como sãõ Persas, Corações, Magores, Decanis, & Abexins, não despidos, mas armados de armas brancas, & em fermosos caualos cubertados: não com paos tostados, nem com arcos fracos, mas com Basaliscos, Canhoens, Lioens horrendos, quartaos, & Aguias reais, arcabuzaria milhor, & mais bem guarnecida de toda a da Europa. Em fim contendem os Portugueses com tão feras & indomitas nações, que Trajano, Semiramis, & Alexandre, não acabaraõ de sujeitar tanto, como elles oje o tem feito, fazendo passar por baixo do jugo Portugues, tantos Reys & se-

nhores, quantos nunca os Romanos poderaõ domar: de que não damos mais testemunhas que esta nossa historia, onde simplexmente, & sem ornamento, nem arteficio de palauras contamos as grandes & raras vitorias, que nestas partes alcançaraõ. Como se verá nesta de hũa tão potente, & tão soberba armada de Rumes & Iançaros, dos mais escolhidos do imperio do Graõ Turco.

# CAPITOLO VII.

*Das cousas em que o Visorrey dom Garcia de Noronha proueo em Diu: & de como se trataraõ pazes antre elle & Elrey de Cambaya, & dos capitulos com que se concluiroõ.*



**ESEMBARCADO** o Visorrey dom Garcia de Noronha em Diu, a primeira cousa em que proueo foi na fortificação da fortaleza, mandando com muita préssa renoualla mũy bem, & acabar á cisterna, fazerlhe seus terrados pera recolherem as agoas do inuerno. E porque á mor parte dos mercadores, & moradores da cidade estaúa da outra banda, mandou lançar pregoens, & passar seguros reais, pera que todos liurementemente se tornas-



*Quinta Decada. Da historia da India.*

tornassem pera suas casas, & reformassem, & pouoassem sua cidade, concedendolhes grandes liberdades, & priuilegios, com o que todos se tornaraõ. O Visorrey desejando de saber, os desenhos, & pretêsoes d'Elrey de Cambaya, despedio vm estrangeiro chamado Bastiaõ de Borgonha, & com elle vm Gétio, por nome Ralú, pera irem visitar de sua parte a Alucan, & a Cogecofar, por quem lhes mandou dizer, que lhe pezaua muito de os naõ achar naquella ilha pera os ver de mais perto: & que em estremo sentia a ida do Baxá que elle vinha buscar, pera o hospedar como merecia. Instruindo a estes dous de muitas cousas que auiaõ de saber, & fazer, pera verem se estaua Elrey em bordo de pedir pazes. Estes homens se foraõ a Madaba, & visitaraõ aquelles capitaes, que os receberaõ bem: comunicando o Cofar muitas cousas com o Borgonha, porque era muito seu amigo. E antre as praticas que teue com aquelles capitaens, lhe fallaraõ por figuras em pazes: ao q̃ elle se fez de nouas: mas a modo de conselho lhes disse, que o bom seria mandar Elrey visitar o Visorrey, por ser chegado de nouo à India, se estaua já enfadado da guerra: & que nesta visitação poderia ser que se abrisse caminho de falar em pazes.

Estes capitaens deraõ a Elrey conta d'aquelle negocio, & pare-

ceolhe que aquillo seria bõ meyo pera se saber a vontade do Visorrey. Com isto despedio logo a Xacoes por Embaixador (por ter muito conhecimento do costume dos Portugueses) a dar os perabens da vinda ao Visorrey, & com muitas satisfaçoens & desculpas da guerra passada. Dandolhe instruçãõ, pera q̃ se o Visorrey lhe desse algũas mostras de fazer pazes, as aceitasse, & que os apontamentos dellas cõchuiriaõ Rumeacan & Caiascan: que logo tambem despedio pera Nouanager, por estarem mais perto de Diu, a quem deu poderes pera tudo o que fizessem. Xacoes foi a Diu, & da outra bãda da villa dos Rumes se deixou estar a tè o Visorrey o mandar buscar, & o recebeo com grande magestade: & depois de o ouuir lhe mandou que se aposentasse na cidade, & se tiuesse negocios os tratasse cõ o Secretario, & com Gaspar Pirez de Matos seu escriuaõ, de quem o Xacoes era muito amigo. E ajuntandolhe todos, veyo o Embaixador a falar em pazes por remorem tantas vezes, sem lhos quere rem entêder, a tè que se declarou. E dandolhe o Secretario orelhas, perguntando o modo que nisso Elrey mandaua ter, lhe respõdeo: que elle naõ tinha poderes pera cousa algũa, mas que deuia o Visorrey mandar algũa pessoa de cõfiança a tratar aquelle negocio cõ os Regedores do reino que esta



Anno 1538. Liuro Quinto.

uaõ em Nouanager. O Visorrey auisado disto, respondeo: que elle não cometia pazes, que quem as quisesse as tratasse, que ali estaua prestes pera lhe responder. De tudo isto foraõ auisados os Regedores, & logo despediraõ seus inuiados a visitarem o Visorrey de sua parte: mandandolhe dizer, q̃ elles eraõ ali vindos pera o seruirem, & que não tinhaõ licença d'Elrey pera passarem a Diu, que lhe pediaõ, lhes mandasse vm homẽ de confiança, pera com elle tratarem cousas de muita importácia. E tomando parecer sobre isto, assentoussẽ que se lhe mandasse, que nisso não entraua opiniaõ. Pello q̃ despido logo Francisco Mendez de Vasconcellos, & Manoel de Vasconcellos, & com elles o Secretario, & Gaspar Pirez de Matos, & pera lingua Coge percorli. Chegados todos a Nouanager, praticaraõ com os Regedores sobre o negocio de pazes, dandossẽ vns a os outros apontamentos do que pretendiaõ, que se mandaraõ assi a Elrey, como ao Visorrey: & vistos pellos capitaens do conselho d'ambos concluiaraõ as pazes pella maneira seguinte.

Que Elrey de Cambaya mandaria fazer hũa parede antre a cidade & a fortaleza, que cortasse de már a már, de doze palmos de largura, & que as portas que tiuesse estariaõ todo o dia abertas, pera os Portugueses poderem ir & vir

Dom Garcia de Noronha. 114

á cidade, & que de noite se fechariaõ, & os Portugueses se recolheriaõ todos á fortaleza. E que nas portas estariaõ cõtinuamente guardas: assi Portugueses como Mouros: mas que as chaues dellas estariaõ nas maõs dos porteiros d'Elrey de Cambaya.

Que todos os rendimentos que rendessẽ as alfandegas, & todas as mais rendas da ilha se lançariaõ em vm cofre, de que no cabo do anno, tiradas as despezas, & ordinarias dos officiaes, aueria Elrey de Portugal a terça parte, & que na alfandega poria outros tantos officiaes Portugueses, quantos Elrey de Cambaya tiuesse, & que teria cada vna sua chaue do cofre. E que na cidade poderia o Visorrey por vm Ouvidor, Meirinho, & Tannadar, como Elrey de Cambaya tinha, pera administrarem justiça aos seus: ficando porem o senhoria da cidade isento a Elrey de Cambaya. E que auendo differenças antre os Portugueses, Mouros, & Gentios, assi ciuel, como crime, o Catual d'Elrey seria obrigado a levar os Portugueses ao Ouvidor pera delles fazer justiça: & que elle tambem mandaria os naturaes ao Cadi d'Elrey de Cambaya pera a fazer delles.

Que os caualos que viessem da costa de Arabia, de Caxem, & dos portos do estreito de Meca, seriaõ forros de direitos, & que lhes dariaõ cartazes a suas naos, pera poderem



derem nauegar, mostrando certos de como despacharão primeiro as fazendas nas alfândegas.

Concluidos estes apontamentos, tiraraõse delles dous instrumentos, vñ em Parseo pera Elrey de Cambaya, & outro em Portugues pera o Visorrey, que lhe foraõ mandados pera jurarem as pazes, indo o Xacoes a velas jurar pelo Visorrey, o que elle fez com grã de solennidade, & logo as mandou apregoar pella cidade com muitos instrumetos de alegria. O mesmo fez Elrey em Amadabá, presente o Secretario Ioaõ da Costa, Gaspar Pirez de Matos, & Coge percorli, que a isso foraõ: apregoãdossẽ tambem por todo o reino com grãde aluoroço de todos, por estarem já quebrados & auorecidos da guerra.

Estas pazes foraõ murmuradas de alguns, por que auiaõ q̃ foraõ feitas em grande descredito do estado, principalmente na parede q̃ se lhes consintio; com que os nossos ficaraõ encurralados na fortaleza: que depois foi occasiã do segundo cerco que se lhe pôs em tempo do Governador dom Ioaõ de Castro de que trataremos na sexta decada. Os naturaes acodiraõ de todas as partes a pouoar outra vez a cidade de Diu, que se começou a engrandecer: & antre estes tambem foraõ alguns dos que ali deixou o Baxá doentes, & feridos,

em q̃ entrauaõ vñ Ianiçaro Grego, capitaõ de vñ Galeaõ: & vñ Albanes capitaõ de outro: & vñ Iacome de Micina, & outro Iacome Grego, grande fundidor de artelharia. Estes se foraõ ao Visorrey, & se lhe lançaraõ aos pés, dizendo-lhe q̃ eraõ de casta de Christaõs, & que foraõ feitos Mourõs, & tomados às mãys nos berços: q̃ lhe pediaõ os mandasse fazer Christaõs, por que queriaõ ficar no seruiço d'Elrey de Portugal. O Visorrey os agasalhou bem, & lhes fez honras, mandãdoos cathechizar, & dar-lhes todo o necessario. E em vñ dia aprazado pera isso os fez Christaõs a todos com grandes solennidades, & festas, sendo o Visorrey padrinho do Grego, a q̃ pôs nome Garcia de Noronha, q̃ depois foi grande seruidor d'Elrey de Portugal, como em outros lugares diremos. Dos outros foraõ padrinhos, Antonio da Sylueira, dom Aluaro de Noronha, & outros fidalgos, que os vestiraõ mui bem, & lhes deraõ depois dinheiro, & ficaraõ sempre seus chegados, muito contentes & satisfeitos dos gasalhados que acharaõ em os Portugueses.

O Visorrey, tanto que jurou as pazes, despedio Manoel Rodriguez Coutinho, com tres nauios ligeiros, pera ir às portas do estreito a tomar fala das Galês, & tornar com o recado antes do inuernõ, por que se receou que fossem deman-



demandar Ormuz: mandando outro nauio ligeiro a esta fortaleza, com cartas a Martim Afonso de Mello Iularte, pera que estuésse sobre auiso: & destas jornadas adiante daremos rezaõ, por que queremos concluir aqui com as cousas do Visorrey. Foise dando grande pressa ás obras da fortaleza, & da cisterna, em q se fez muito: & o Visorrey proueo os officios da cidade, & da alfandega, cõforme aos capitulos das pazes, & pões outras cousas em ordem.

E por que dom Pedro de Castello branco, fora por mandado do Governador Nuno da Cunha desapossado da fortaleza de Ormuz, como dissemos no capitulo oitauo do segundo liuro, quis o Visorrey entrar em seus negocios, pera dali o despedir pera lá, mandando trazer suas culpas, que foraõ vistas pello Ouuidor geral, & prouedor mór (que entãõ não auia mais letrados, por não ser ainda a malicia tanta.) E foi por elles sentenciado, que fosse acabar de servir o tempo que lhe faltaua de sua fortaleza. O Visorrey o despachou logo dandolhe hũa armada: & andandosse negociando chegaram naos de Ormuz, por quem teue o Visorrey nouas da nao de Ioaõ de Sepulueda q faltaua de sua conserua, de como ficaua em Ormuz: o q elle festejou muito por q a tinha por perdida. Assim também vieraõ nouas, como Xequé hamed, Guazil

de Ormuz era morto: q sendo cõuidado de Martim Afonso de Mello pera um banquete q daua em Torumbaque, a Ioaõ de Sepulueda, indo pera lá no caminho lhe atiraraõ á besta, & o mataraõ: & sempre se sospeitou que o mandara fazer o mesmo dõ Pedro de Castello branco, por q tinha pera si, q elle mandara delle capitulos a Nuno da Cunha, por que o suspenderaõ da sua fortaleza. E como este fidalgo era forte de condiçaõ, (& taõ mal sofrido, q dizem, q poucas vezes perdoou couza q lhe fizesse de q se não vingasse, por todos os meynos q podesse) tiueraõ todos pera si, q a morte do Guazil procedera delle. E por que eraõ chegados procuradores de Xequé Rabeá filho do morto, & de Rexnocorradim, Guazil de Iulfar, a requererem aquelle cargo: teue este tantas intelligencias, & soubesse também negociar pello modo com que se negocea, & acaba tudo: que leuou o cargo, tendo o Xequé Rabeá bẽ diferentes merecimentos: porque em todo o tempo, & em todo o estado onde se encontraraõ interesse & merecimento, sempre este valeo menos. Despachado dom Pedro de Castello branco pera Ormuz já em Março, ou entrada de Abril, deu á vela, & foi seguindo sua viagem.

E porq era tempo do Visorrey se recolher, meteo de posse da fortaleza de Din, Diogo Lopez de Sousa, que



sa, q̃ della era prouido por. Elrey. Feito isto & outros negocios, embarcouſſe pera Goa, onde logo proueo nas couſas de Malaca, & Maluco, mandando muitos prouimẽtos pera aquellas fortalezas. E aſſi despachou Fernão de Moraes pera Pegú, dandolhe vm Galeão muito fermoſo, com mercadorias, & fazendas d'Elrey. Porque neſte tẽpo com auer menos rendimentos, tinha Elrey dinheiro pera as despezas de tamanhas armadas, & pera ſeus tratos & commercios, de que de pois ſe leuou mão, não ſei porque reſpeitos.

CAPITULO VIII.

*Do que acõteceo a Miguel Ferreira na jornada de Ceilão: & de como tomou toda a armada do Camorim. E doſtra tos que teue com o Madune a tẽ matar Pachi Marcã. E do que acõteceo a Manoel de Vaſconcellos na viagem do eſtreito.*



**M**IGUEL Ferreira q̃ ſe ficou em Goa negociando pera o ſocorro de Ceilão, como diſſemos no capitulo ſexto do quinto liuro, deu tanta preſſa a armada que auia de leuar, que na entrada de Feuereiro ſe fez á vela, & foi ſeguindo

ſua jornada com bom tẽpo a tẽ paſſar o cabo de Comorim, & foi correndo aquella coſta, a tẽ os baixos que paſſou á outra banda. Em Manar ſoube, que eſtaua Pachi Marcã com toda ſua armada no rio de Putulão, & os Mouros della com tranqueiras feitas em terra: & que o Pachi Marcã era ido com parte de ſua gente pera Ceilão, em fauor do Madune contra o irmaão. Miguel Ferreira teue iſto por boa ventura, & aſſentou com ſeus capitaens de dar nos Parós que eraõ dezafcis: & indo demandar aquelle rio, chegaraõ a elle no coarto d'alua, & poſtos em armas o entraraõ, & acharaõ os Parós todos encadeados com as popas em terra, & tranqueiras feitas ao longo do már, com a artelharia poſta nellas. Miguel Ferreira remeteo com os nauios, & os entrou logo ſem achar reſiſtencia, & ſaltando em terra todos os noſſos, com grandes eſtrondos comete-raõ as tranqueiras, em que eſtauaõ perto de dous mil homens. E como os tomaraõ de ſobrefalto, quando quiſeraõ acodir ás armas já eraõ entrados dos noſſos com grãdes danos & mortes de muitos: & todauia os q̃ logo não foraõ cortados, acodindo á deſeſaõ, tiueraõ com os noſſos hũa trauada batalha, & no fim della com perda de muitos largaraõ as tranqueiras, que ficaraõ com toda a artelharia em poder dos noſſos, de que tãbẽ ficaraõ



ficaraõ alguns mortos & feridos, ainda que poucos. Miguel Ferreira mandou embarcar a artelharia, & tomando os Parós á toa foi de mandar Columbo onde desembarcou com toda a sua gente posta em armas, & assi se foi marchando pera a cidade da Cotta. Elrey o fayo a receber, porque era grande seu amigo, & lhe deu os parabens da vitoria, recolhendo pera a cidade onde o aposentou bem, & lhe deu conta de tudo o que era passado com o irmão: dizendo-lhe como a tẽ entaõ o tiuera de cerco, & que tanto que tiuera novas do desbarato da armada de Pachi Marcá se recolhera com elle pera Ceitauaca. Miguel Ferreira assentou com Elrey de irem buscar o Madune a Ceitauaca, & não se sair de sobre aquella cidade, sem a tomarem & destruirem de todo ao Madune, por que lhe não deffe mais trabalho a'elle, nẽ opressão ao estado da India, em tantos soccorros como lhe tinha mandados.

E ajuntando Elrey toda a gente que pode começou a marchar pera Ceitauaca, indo Miguel Ferreira na dianteira com quinhentos Portugueses repartidos em cinco bandeiras: & entrando pelas terras do Madune começaram a fazer grandes danos, & cruezas. Miguel Ferreira despedio vm Mo deliar com recado ao Madune, fazendolhe a saber de sua chega-

da: & que lhe affirmava, que se não auia de sair d'aquella ilha sem de todo o deixar destruido: & seguro, & quieto Elrey da Cotta: que lhe pedia lhe mandasse logo Pachi Marcá, & todos os Maluarens que com elle estauaõ, se não que juraua pella Nazaré (juramento que elle sempre fazia) que lhe auia de tomar todo o reino, & perseguillo até o auer ás mãos, & levar sua cabeça ao Visorrey da India. Este recado foi da do ao Madune, que estaua assombrado do poder com que o irmão ya contra elle, & dos danos q yaõ fazendo por seus reinos: & respondeu com muita humildade, que bem sabia elle que não era licito a os Reys entregarem os homens q estauaõ em seu poder: que toda a outra cousa estaua prestes pera fazer, & que todas as amizades que seu irmão quisesse, partidos, & concertos, que todos lhe concederia: Com este homem despedio outro seu, por quem mandou pedir a Elrey seu irmão, que cessassem os danos que ya fazendo, & castigos q ya dando por suas terras: que todas as satisfaçoens que quisesse, elle estaua prestes pera lhas dar. Elrey da Cotta como era bom homem, & tinha boas entranhas, compadecendosse da humildade do irmão, quisera logo retraerse, mas Miguel Ferreira lho não cõsintio, antes mādou dizer ao Madune outra vez, q se determinasse, por q se

V2

lhe não



*Quinta Decada. Da historia da Índia.*

lhe não entregaua Pachimarcá cõ os Malauares todos, que soubesse, que auia de ir a tè dentro de Ceitauaca, em busca delle. Vendo o Madune tamanho defengano, pafmado da determinação de Miguel Ferreira: mandoulhe dizer q se não bolisse donde estaua, que elle o satisfaria de maneira, q não ficasse correndo infamia. E chamando Pachimarcá, & Cunhale Marcá seu irmão lhes disse, como Miguel Ferreira apertaua com elle que lhos entregasse: que lhe parecia bem fazerense hũa noite fogidos, pera elle ter rezaõ de se desculpar. E assi lhes aconselhou, q se passassem pera hũa aldeia do sertão, a onde estariaõ escondidos, a tè Miguel Ferreira se tornar: o q elles fizeraõ logo, levando consigo perto de setenta Mouros de mais sua obrigação.

E caminhando aquella noite por antre os matos, onde por ordem do Madune estauaõ embrenhados muitos Pachas, (que são hũa casta de Chingalás cruellissimos, q tão que derribaõ vm imigo, logo lhe cortão narizes & beiços.) E ao passar deraõ sobre elles às frechadas, & vm, & vm os derribaraõ a todos, & cortadolhes as cabeças as leuaraõ a Miguel Ferreira, com que elle se quietou. Elrey da Cotta fez com o irmão pazes, & recolhidos á cidade da Cotta, mandou Elrey fazer hũa paga aos foldados da armada, & a Miguel

Ferreira, & a todos os capitaes, deu peças & brincos douro & pedraria: & emprestou trinta mil cruzados pera as despezas d'aquella armada. Miguel Ferreira vedo tudo acabado despedio a armada toda cõ os nauios dos Malauares pera Goa, escreuêdo hũa breue carta ao Visorrey, cuja substancia era.

Que elle fizera naquella jornada tudo o que lhe mandara, que deixaua Ceilaõ todo de paz, & que Pachimarcá com toda sua geração era acabado, como lá saberia dos capitaens da armada, & que ali lhe mandaua todos os seus nauios de presente.

Esta armada chegou a Goa em fim de Abril: & o Visorrey fez muitas festas áquella victoria, & muitas honras, & merces aos capitaens. E assi foi este vm dos grandes feitos desta qualidade, que se na India fizeraõ, com que o Malauar ficou tão quebrantado, que mandou logo o Camorim pedir pazes ao Visorrey, que lhas concedeo, como adiante diremos.

Miguel Ferreira depois de despedir a armada pera Goa, elle se fez á vela, pera se ir pera são Thomé, a onde tinha sua casa: levando alguns nauios d'aquella costa em companhia. E voltou por fora da ilha, por não ser já tempo pera ir por dentro, & como era tarde, & o inuerno vinha ameaçado, descarregaraõ as primeiras trouoadas



uoadas (que he vm tempo que a-  
li chamaõ o burro, que venta do  
Sudueste) com que todos estiue-  
raõ perdidos, & espalhandosse:  
& correndo por onde cada vm  
póde, foraõ tomar diferentes pór-  
tos, vns Pegú, outros Tanaçarim,  
& por aquella costa como Miguel  
Ferreira leuaua bom Piloto, &  
bom nauio, passando grandes ris-  
cos & trabalhos, foi tomar a cida-  
de de saõ Thome. Era este ho-  
mem neste tempo de mais de se-  
tenta annos, grande de corpo, se-  
co, enxuto, bem assombrado: gran-  
de caualeiro, & artiloso na guer-  
ra. Nunca foi casado, teue alguns  
filhos naturaes, aposentouffe na-  
quella cidade, onde sempre foi ri-  
co, & honrado, & onde morreo.  
D'ali acodia com muita presteza  
ao seruiço d'Elrey, & era chama-  
do dos Governadores pera gran-  
des necessidades.

E pera concluirmos com as cou-  
fas deste veraõ o faremos com a  
jornada de Manoel Rodriguez  
Coutinho, que como dissemos no  
setimo capitulo do quinto liuro,  
tinha já partido de Diu a espiar as  
Galés: Segundo sua derróta foi a-  
uer vista da costa de Arabia, por  
onde foi tomando fala, & achou  
por nouas serem passadas pera dē-  
tro do estreito, & na boca delle to-  
mou hũa Gelua, onde soube serē  
todas as Galés recolhidas a Sués.  
E voltando pera Goa, chegou a el-

la em fim de Abril, & deu cōta ao  
Visorrey do que passara, com o q̃  
ficou desaliuado.

## CAPITOLO IX.

*Do que aconteceu a Fernão de  
Moraes em Pegú. E de como  
o Bramã entrou conquistan-  
do aquelle reino. E de como  
Fernão de Moraes por fauo-  
recer aquelle Rey, foi morto  
em hũa batalha. E do princi-  
pio & origem destes Reys de  
Pegú, & descripção d'aquel-  
las prouincias.*



**P**ARTIDO Fernão  
de Moraes de Goa,  
como atras dissemos  
no fim do setimo ca-  
pitolo do quinto li-  
uro, seguindo sua derróta pera  
Pegú foi já em Mayo tomar a-  
quelle porto, a onde achou Dio-  
go Aluarez Tellez, com outro Ga-  
leaõ, com que estaua já ali do  
veraõ passado, fazendo resgate  
muito deuagar por naõ acodi-  
rem fazendas por causa das guer-  
ras que o Rey do Bramá an-  
daua fazendo por todo aquelle  
reino, por quem tinha entrado  
com grossos exercitos, pera o con-  
quistar. O Rey de Pegú que naõ  
estaua poderoso como já fora, quis  
se valer dos Portugueses, & mādou  
V 3      pedir



dir a Diogo Aluarez Tellez o quiseffe ajudar naquellas guerras, do que se elle escusou: porque tinha aquelle Galeão d'Elrey a seu cargo, & não tinha licença do Visorrey da India. Agora sabendo ser chegado Fernão de Moraes o mandou visitar com grandes offerecimentos, & a pedir-lhe que se visse com elle: o que elle fez contra o parecer de Diogo Aluarez Tellez. E indoo visitar muito bem acompanhado, lhe pediu o quiseffe ajudar naquellas guerras, fazendolhe tantas promeſſas, que o rendeo. E assi assentaraõ, que elle ficasse nos rios com toda a armada, que era muita: por que tambem o Bramá tinha metido no már a mayor força: & pellos rios abaixo tinha decido com vm grande numero de embarçaõens, aque chamaõ, Chalauegoens, & se remaõ com duas ordens de remos, & são mûy grandes, & capazes de muita gente. Fernão de Moraes, armou hũa Galeota em que se embarcou com cincoenta homens, & começou a andar pellos rios com toda a armada de Pegú, encontrandosse algũas vezes com embarçaõens do Bramá, que destruyo, & assolou. O Bramá tinha partido de seus reinos por terra com grandes exercitos, com que ya marchando deuagar, pello que as suas armadas chegaram primeiro: que eraõ tantas, que

entulhauaõ os rios, que eraõ tão grandes como o Ganges. Elrey foi decendo como vm arrebatado torrente, alagando, assolando, queimando, & destruindo todos os reinos de Pegú, a tẽ chegar aos confins desta cidade, em cujos campos Elrey estaua com seus exercitos. E vendo o poder com que o Bramá ya, não ousando ao esperar, se foi recolhendo pera a banda de Negraes, a onde andaua Fernão de Moraes, com toda a armada. O Bramá chegou á cidade de Pegú, & a tomou, & foi logo seguindo o imigo, por terra & por már com suas armadas. E chegando ellas a hũa ponta que se chama Gina marrecá, que Fernão de Moraes tinha tomado com sua armada, por ser muito estreito: & encontrandosse aqui ambas as armadas, trauaraõ hũa batalha temerosissima, em que os Portuguezes mostraraõ bem o valor de suas pessoas: por que sendo desemparrados da armada de Pegú, sustentou Fernão de Moraes com só a sua Galeota todo o pezo da batalha, sendo abordado por todas as partes d'aquelles Chalauegoens. Mas como o numero era tão desigual, foraõ entrados os Portuguezes, & mortos todos, tendo primeiro feito nos imigos tamanha destruição, que era cousa espantosa de ver, deixando Fernão de Moraes tamanha memoria de si, que ainda



ainda oje dura, & durará antre os Bramás naquelle lugar de Gina marrecá: por cuja morte he antre elles mais celebrado, que por seu proprio nome.

Será este lugar perto de tres legoas pello rio de Pegú acima. He um passo muito estreito, como já dissemos, & da banda do Ponente tem hũa serra que pende sobre a agoa, asperíssima, & talhada ao picaão toda á roda, em que se se fizer hũa fortaleza, pode defender a entrada do rio facilissimamente a todo o poder do mundo: por que toda a embarcação que sóbe pera cima, chegando áquelle passo não vê o rio diante, por que faz volta, & leua o rosto sempre naquella serra, por cujo pé á de passar. Tanto que esta armada se desbaratou, logo se perdeu todo o reino de Pegú, de que o Bramá ficou senhor, & conquistou outros Reis vizinhos que ajudauão ao Rey de Pegú, que elle ouue ás mãos, & lhes cortou as cabeças. Com isto ficou o mór senhor Gêtio que auia em todo o Oriente. E por que nos não lembra que lessemos em algũa escriptura o principio & origem deste reino de Pegú, & de seus Reis, ao menos como o elles tem em suas escripturas, nos pareceo bem darmos aqui rezaõ disto, o que não deue de ser desaprazivel aos curiosos, & affeiçãoados a antiguidades.

Pello que se á de saber, que o reino de Pegú, o seu verdadeiro nome he, Pachou, por se chamar assi a sua principal cidade: cujo nome quer dizer, engano, por um de que um Principe ali usou em um desafio, como logo diremos. Dizem suas escripturas, que reinando em todas aquellas partes de Pegú, Tanaçarim, Rey, Martabaõ: & em outros reinos ao Norte, um Rey da casta do Sol, (de que já demos rezaõ no capitulo decimo do segundo liuro) fora ter áquelle porto de Pegú hũa muito grossa armada, em que ya um Rey, que desejando de conquistar aquelle reino, fairsa em terra com um grosso exercito, & entrando por aquellas terras as foi conquistando, & destruindo, tendo algũas batalhas com aquelle Rey, em que ouue grandes danos de ambas as partes. Cansados de tantas mortes, mandou o Rey estrangeiro desafiar o de Pegú de pessoa a pessoa, confiado em ser um homem agigantado, & de monstruosas forças. A este desafio lhe sayo um filho do Rey de Pegú, mancebo de vinte annos, muito valente homem, & mui exercitado nas armas, & criado no monte, onde tinha mortos á espada muitos Tygres, & lioens. Entrados ambos em campo (naquelle lugar em que oje he a cidade de Pegú, que entãõ era tudo cam-



*Quinta Decada. Da historia da India.*

do campina.) E andando em batalha, já depois de feridos ambos, & de muito grande espaço, no mayor feruor & braueza della, bradou o Principe alto dizendo, Ah falso que trazes gente comtigo pera te fauorecer: o outro virando o rosto, cuidando que vinha alguem, o Principe como era muito ligeiro entrou com elle, & lhe deu hũa estocada pella barriga, de que o virou morto: ficando o mancebo vitorioso: & por que por ali se acabou aquella guerra, & o reino ficou liure por industria, & esforço do Principe, mandou Elrey em memoria d'aquella batalha, fundar naquelle proprio lugar em que ella foi, hũa muito fermosa cidade, a que pôs nome Pachou, que em sua lingoa quer dizer, engano, pello que o Principe vſou no deſaſio.

E porque, como já diſſemos, ſempre miſturaõ fabulas em todas ſuas couſas, pera darem honroſos principios a ſeus Reys, & reinos: fingiraõ, ſegundo contaõ ſuas eſcrituras, que mais de mil annos antes diſto eſtaua já profetizado a fundação deſta cidade. Por que dizem que andando por aquellas partes aquelle ſancto ſeu, aque cha maõ, Budaõ, (de que em outras partes já falamos) trazendo grandes companhias de diſcipulos que o ſeguião, andando naquelle reino de Pegú enſinando a ſaluação a

os homens, eſtando naquelles câpos de Pegú ſobre vm tezo, pondo os olhos naquella parte em q ſe eſta cidade fundou (que entãõ era hũa grande alagoa, em cujo meyo ſe fazia vm ilheo em que eſtauaõ dous paſſaros grandes como patos, com criſtas como gallos, de que ha muitos em Pegú,) & virando pera os diſcipulos lhes diſſe, ainda em aquelle lugar ſe a de vir a fundar hũa grande cidade, em que eu ei de ſer venerado, & honrado, & aſi o hé: por que nella tem oje fermofiſſimos templos & varellas. E os patos que eſtauaõ no ilheo tomaraõ os Reys que depois foraõ, por armas, como oje os trazem os Reys de Pegú. Eſtendeſſe eſte reino desde Tanaçarim (que ſaõ os limites ſeus, & do reino de Siaõ) a tè a boca do rio de Pegú, que ſaõ cem legoas por coſta: & dali virando ao Sudeſte até a ponta de Negraes: & voltãdo ao Nòrte fenece em Negramalè (que ſaõ ſeus termos, & os do reino de Arracaõ) em que aueirá outras cem legoas por coſta. Pera o Nòrte, & Nòrdeſte, ſe eſtende a tè mais de corenta graos d'al-tura, & parte com o reino do Cathayo, cujos eſtremos he a provincia dos Turcos, que o Pegú lhes tomou. Pella banda do Norte, & Noroeſte parte cõ o reino de Auá, pello nacente, com Yaõ: pello Sul, com o már Oceano: & pello Ponente



nente com o reino de Arracaõ. Tem este reino de Pegú, duzentas & sete cidades, a fóra innumeraueis villas, cuja cabeça de todas he a de Pachou: & as mais principaes são Clomo, Chrepó, Sanchi, Chaltil, Sataug, Sobunabú, em que nace[m] diamantes, esmeraldas, ouro, prata, tobis: & em algũas que estão sobre o már se pescaõ aljofres. He

reino muito abastado de mantimentos, gado, manteigas, legumes, aues, casta: D'aqui vai o lácar pera todo o Oriente, & vm fiado de cores vermelho, preto, azul, muito fino, com que se fazem muitas roupas finas. E tem outras muitas cousas que deixamos, por fugir prolixidade.

*Fim do Quinto Liuro.*

LIVRO





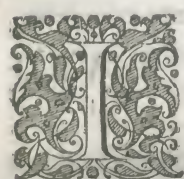
# LIVRO SEXTO

## DA QVINTA DECADA

### DA HISTORIA DA INDIA.

#### CAPITVLO I.

*Dos reinos que o Bramã possuiue, & dos ritos & costumes de todos estes Gentios.*



A que tratamos neste capitulo passado, do fim do quinto liuro, como o Bramã conquistou os reinos de Pegú, mostraremos no principio deste sexto liuro, que gentes são estes Bramás, & que estados possuem, que he cousa muito coriosa. Os Reys Bramás forão antigamente sojeitos aos de Pegú, & tinham por obrigação mandarem suas gentes a trabalhar nas obras do reino, cidades, fortalezas, & outras que os Reys mandauão fazer. Socedeo em tempo do pay deste Rey de Pegú que perdeu o reino, querer fazer um grande edificio sobre o rio de Simão banhã (que assi se chama o de Pegú) pera cuja obra mādou Elrey do Bramã mais de trinta mil seruidores, pedreiros, cauouqueiros, & outros. E em quanto esta obra durou, costumaua Elrey ir muitas vezes vela: & leuaua suas mulheres, & filhos, porque fol

gauão muito de verem aquellas gentes tão diferentes nos trajos & pinturas. E como Elrey quando ya a isto não leuaua gente de guarda, por causa das molheres, que não querem elles que lhas vejaão, vierão os Bramás a reinar malicia, & falandosse todos, estādo Elrey um dia bem descuidado de tal socesão, deraão sobre elle, & o mataraão com todos os da sua companhia, roubando as riquissimas joyas que leuauão as molheres: & metēdosse pellos matos, deraão comfigo em suas terras. Vendo isto os Pegús a leuātaraão por Rey o filho do morto que se chamaua Dachá Rouph, que desejando de vingar a morte do pay, & de tornar a restituir a quelle reino á obediencia, foi lho o tempo estoruando com occasioens de guerras intrinsecas, que se lhe alevantaraão com outros valsallos, que como viraão o Rey morto logo se rebellaraão, com o que ficou tão desfalecido, & fraco, que não pode bolir comfigo. Sabido isto pello Rey dos Bramás, que se chamaua, Pará Mandará, ajuntando seus exercitos, conquistou logo os reinos dos Lanjoens, Laos, Langomas, & outros que eraão sojeitos a Pegú:



O Pegú: com o que ficou tão poderoso de gentes, thifouros, & Alifantes, que lhe creceo a cobiça de se fazer senhor de toda aquella Gentilidade: por ser condição do mundo, não só os Mouros & Gentios medirem os direitos dos reinos pello poder de cada um, mas ainda os Principes Christãos, cuja obrigação he não mouerem guerras, se não muito justificadas. Assim este barbaro Gentio vendosse tão poderoso, quis estender seu Imperio pera todas as partes. E ajuntando grandes exercitos por mar & por terra, em que se afirma trazer dous milhoens de homens, & dez mil Alifantes: & entrando pello reino de Pegú o conquistou a poucos golpes, como no capitulo passado contamos: Ficando com isto tão grande senhor, que ouue sua cobiça por satisfeita. Os reinos que ficou possuindo são os seguintes.

Auá, que foi o seu antigo reino, que será dous meses de caminho do Pegú. E he de saber, que suas medidas das jornadas como nós as nossas legoas, se chamaõ, thao, & cada um destes tem duas mil vezes tres varas de cinco palmos a vara, que fazem seis mil varas, que são trinta mil passos, & a tres palmos por passo, vem a ser tres milhas & meya Italianas, que he hũa legoa nossa. E a cada thao destes tem por todos os caminhos postos marcos, pera os viandantes saberem quantos caminhaõ por dia: & de

ordinario um Bramá anda doze legoas pella conta Portugueza, ou doze marcos dos seus. Este reino de Auá, tem sessenta & duas cidades, que não nomeamos, posto que temos todos os nomes, por escusarmos prolixidade.

Ao Nordeste um mês de caminho está o reino dos Trucos, que o Rey de Pegú tomou ao do Cathayo, que tem sessenta cidades, & as principaes são, Simbi, Sanchaupá, Simbifá, Chanrrá: destas vem muito almiſcar, damascos, & outras fazendas, & tem todas muitas minas de prata & cobre.

O reino de Bimir que fica a Leste de Auá, um mês de caminho, tem vinte & sete cidades grãdes.

O reino de Iangomá, que está ao Nordeste de Pegú, por vinte jornadas, tem trinta & tres cidades.

O reino de Laõjaõ ao Norte deste, um mês & meyo de caminho, tem trinta & oito cidades. He este reino o mais rico de todos os que possui o Bramá, por ter muito ouro & prata, & della saca a mór parte do beigoim que vem á India.

O reino de Mampróm ao nascente deste, um mês de caminho, tem oito cidades: parte pello Levante com o reino de Cochinchina, & pello Sul com o reino de Siaõ, que o Bramá depois conquistou, como adiante diremos, na sexta decada. Este foi ja Emperador sobre todos, como diffemos na fundação



dação de Malaca capitulo primeiro liuro segundo da coarta decada, tem trinta & sete cidades. Ao nascente delle está o grande reino de Camboja, que sempre foi isento, de que adiante com o fauor diuino trataremos. São todos os Gentios destes reinos os mais supersticiosos de todos os do Oriente. E posto que elles, & todos os mais do Industan, creão q̃ ha vm Deos criador de todas as cousas; todauia atribuem todas as acçoens, & necessidades da vida humana a idolos que pera isso tem, & tantos aleuantão de nouo como quantas occasioens pera isso se lhes offerecê: por que se lhes doe o olho, logo lhe levanta idolo, se lhe doe o pé, a mão, a cabeça, em fim pera todos os membros tem dedicados idolos em seus templos, a tẽ pera as necessidades corporaes, cuja estatua está naquella forma & acto como quando se quer exercitar aquella obra. Mas sobre todos adoraõ & veneraõ aquelle idolo chamado Budaõ, de que já atras falamos muitas vezes, no capitulo nono, do liuro quinto, que dizem fora ter áquelle reino, indo da ilha de Ceilaõ, & que fora mandado por Deos, pera lhes dar luz. E assi tem todos tamanha veneração áquella ilha de Ceilaõ, como a coufa santa, & a mór romagem q̃ tem he a do pico q̃ chamaõ de Adaõ: onde o Budaõ, dizem suas escrituras que esteue muitos annos. E por

que sobre este Pico, ouue muito varias opinioens antre os escritores da Europa, logo adiante diremos a verdade do que os naturaes tem delle, conforme a suas escrituras, & o que nos delle parece.

Confessão todos estes Gentios de que tratamos a immortalidade da alma, pellos officios que fazem a seus defuntos, & pellas orações que rezaõ, & esmolos que fazem: por que dizem que estas obras satisfazem na outra vida culpas dos que morrem com ellas. São tão charidosos, que alguns frades nossos (que forão ter a Siaõ, & a Camboja) andando pedindo esmolos pellas portas, lha dauaõ com bem diferente reuerencia do que o nos fazemos, por que se punhaõ de giolhos. E vm frey Antonio da Magdalena frade menor nos contou, que indo por hũa rua em Siaõ com sua sacola pedindo esmola, encontrara com vm Mandarin (q̃ assi chamaõ a seus Regedores, o q̃ tomaraõ dos Chins) que ya a caualo com grande acompanhamento: & encontrando com elle, decaualgara muito depressa, & mandara tomar algũas cousas na praça, & lhas dera com os giolhos no chaõ: pedindolhe rezasse por elle algũa coufa. Que vergonha esta pera Christaõs, que pode ser aja muitos que não fação tamanha reuerencia, nem tenhaõ tamanho acatamento ao diuino Sacramento encontrando pellas ruas. Ha por



por todos estes reinos muitos religiosos de diferentes regras: vna que em Pegú chamaõ Talapoís, & em Siaõ, Bicos: & em Camboja, Chicús. Estes vestê habitos estreitos, & enclaustrados dëtro em seus templos, em que ha muitos, que passaõ de duzentos religiosos. Fazem profissãõ, tem coro, & rezaõ matinas, & as mais horas quasi a nosso modo, mas em todas vns mefros versos. Confessãõ se a seus prelados assentados de giolhos como nós, mas naõ de cousa particular, se naõ em geral. Tem pulpitos em que pregaõ, a que acode grande concurso de ouuintes, & nas pregações trazem as vidas & milagres fingidos dos seus santos. Ha antre elles algũas ordens taõ estreitas como a dos Cartuxos, & muitos delles depois de velhos se recolhem a os ermos a fazer vida solitaria fora da cõmunicaçaõ dos homês, & ali se sustentaõ de eruas & fruitas dos matos. Saem os religiosos de seus conuentos certos dias na semana de dous em dous a pedir esmolas pellas ruas, & chegaõ ás portas com grande mortificaçaõ, vna por hũa parte, & outra pella outra: & das esmolas q̃ lhes daõ se sustentaõ, & naõ comem mais que hũa vez no dia, & o que sobeja daõ a os pobres, & se os naõ ha, ás aues do ceo, por q̃ naõ podem guardar cousa algũa. Naõ tem rendas nem proprio, nem comem carne, nem mataõ cousa viua. Seus vestidos

saõ capas & tunicas de hũa cór amarela escura, tinta que fazem cõ casca de jaqueira: trazem na cabeça sombreiros de papel azeitados. Tem muitos geraes, & escolas, em que ensinaõ todas as sciencias. Tẽ quaresima quasi no mesmo tempo que os Christaõs, & em todos os dias della ha grandes pregações, & no cabo sua Pascoa, com procissãõ de madrugada muito solenne, com festas, tangeres, bailos, danças, & infinitas luminarias, & algũas charolas ao modo das que vaõ nas nossas procissões. Dizem q̃ na quaresima veyo o seu Quiái (que elles tem por Deos (a estar na terra com sua mãy, & que no cabo d'aquelles dias se tornou perra o ceo. E a esta ida fazem estas festas & solennidades. Os seus preceitos saõ quasi como os nossos dos mandamentos, por onde nos parece que estas gentes foraõ doutrinadas pello beaaventurado Apostolo saõ Thome, que por aquellas partes andaria. E como ficaraõ se prelados, & sem mestres, vieraõ a perder a doutrina, & a misturarlhe erros & cerimonias, como cada dia inuentaõ. E concludo com esta gentildade, saõ todos os Gentios destes reinos bestialissimos, & sem policia nenhũa, aluos, as molheres fermosas, & bẽm assombradas, saõ todos dados ao vicio da carne, em que as molheres tem estremos sobre todas. Quasi todos os seus ritos se vsaõ mais por costume, que por



por fundamentos. Os Bramás são aluos, & trazê cabellos como molheres, & dos hombros a tè os gioelhos andaõ pintados de muitos laúores, de hũa tinta azul que fazê com vns ferros quentes. Os Pegús trazem cercilhos como os clérigos antigos: cingem por debaixo de hũas cabayas curtas vns panos como molheres: & nas cabeças trazem hũas beitulhas finas foteadas, leuantadas hũas pontas pera cima como corochas: andaõ descalços, & comem todas as ceuandilhas da terra. Os Siames trazem as cabeças rapadas, & sobre as faces deixaõ ficar grandes guedelhas, & os trajos são quasi como o dos Pegús. O mesmo os Iangomás & Laójoés. Os Trucos trazem cabellos como molheres metidos em coifas de rede de seda, calçaõ meyas d'agulha, & hũas cabayas muito curtas, & por cima hũas ábas postigas, como as dos nossos pellotes de pregas antigos. Tem outras brutalidades, que deixamos por não enfadar.

## CAPITULO II.

*Do Pico, que chamaõ de Adaõ na ilha de Ceilaõ: & das varias opinioens que sobre elle ouue, & do que os naturaes tem.*



O capitulo passado nos offerecemos a dar rezaõ d'aquella pègada, que está sobre aquella serra, a q̃ chamaõ o pico de Adaõ na ilha de Ceilaõ, pella grande variedade que ha nos escritores, & pellas ambusoens que Marco Polo Venero, & Nicolao de Conti, com outros Venezcanos escreueraõ. E porque nos aueriguamos a verdade d'isto com Chingalás muito antigos & praticos nas cousas d'aquella ilha, & em seus ritos & costumes, & nos differaõ o que tem suas escrituras: será bem que tiremos a confusão que a tè gora ouue. Este pico que chamaõ de Adaõ he hũa serra q̃ está no coração d'aquella ilha, em hũas terras que chamaõ, Dinavaca, & he taõ alto que se vé de doze legoas, quando se vay demandar a ilha. Chamaõlhe os naturaes, Amalalá Saripadi, que em sua lingua quer dizer, serra da pègada. Vai sobindo debaixo, & em cima se diuide em dous picos, & em vm delles está esta pègada: & de ambos decem algũas ribeiras de agoa, que se fazem de algũas fontes que em cima tem, & vaõ por differentes partes fazer ao pé da serra vm riacho, que quasi a rodea. Neste ribeiro se lavaõ os romeiros, que se vaõ offerecer á pègada, por que aquelle he o seu baptismo, & aõ que ali se purificaõ. No cume de  
vm



vm destes picos se faz hũa planicia arrezoada, & no meyo della está hũa lagea (q̃ será como duas campas de sepultura) aleuantada sobre grandes pedras, no meyo tem hũa forma de pegada de vm pé muito mayor q̃ os ordinarios, de tal feição, que parece que foi impressa na mesma pedra, da propria maneira que em hũa pouca de cera branda se imprime vm sinete, ou em vm pouco de barro môle, hũa pègada de vm homem. Os romeiros que aqui concorrem (que são infinitos) não só Gentios, mas ainda Mouros, desda Persia a tè China, chegando áquelle riacho, purificaõse, como já dissemos com suas cerimonias, & vestemse de roupas novas. Depois que lhes parece que estão purificados, sobem pella serra que he muito ingreme, & pouca distancia antes de chegarem ao cume, estão atraueffadas hũas traues, de que pende vm sino grande, da feição dos da China, de metal finissimo, & delle pende vm masso grande forrado de couros, em quem cada romeiro he obrigado a dar hũa pancada, pera saberem se vão puros: por que tem pera si, que o que ali chegar immundo não lhe soará o sino, & este tal he obrigado a tornar-se a purificar com outras cerimonias mayores. Taõ enganados os trazem os diabos que lhes metem d'aquella maneira em cabeça que

todos vão puros, por que nunca se achou homem a que o sino deixasse de soar. E nós falamos com pessoas que foraõ a esta romagem em companhia de mais de quinhentas, & a todos soou o sino. Chegados acima, não podẽ fazer mais que bejarem aquella pedra com grande veneração, & tornarem-se: & por nenhum caso podem sobir em cima da lagea, por que he peccado sem absoluição. Os Mouros tambem se vão aqui offerecer: porque dizem q̃ aquella pègada foi de nosso pay Adão, & que d'ali sobio aos ceos, & do derradeiro pé ficou naquella pedra aquella forma.

Marco Polo Veneto; liuro terceiro folio cincoenta & cinco, diz que tem os Mouros pera si, que debaixo d'aquella pedra estava o sepulcro de Adão. E diz mais que os Gentios naturaes contaão, que vm filho de vm Rey chamado Sogomombarcão, desprezando o reino, se recolhera áquella serra a fazer vida santa, & que d'ali sobira aos ceos, & que o pay lhe mandara fazer templos, & levantar estatuas, & que d'ali tiuera principio a idolatria da India. Disto se riraõ os naturaes, a quem o nós perguntamos: mas o que elles tem suas escrituras, & o que oje cantaõ em suas cantigas (em que conseruaõ todas suas antiguidades) he o que logo cõtaremos mûy abreuviadamẽte, por q̃



*Quinta Decada. Da historia da India.*

em todos os seus côtos & historias  
saõ todos mûy prolixos.

Dizem que ouue vm Rey que  
reinaua sobre todo este Oriente:  
que auendo muitos annos que e-  
ra casado sem ter filhos, lhe viera  
Deos no cabo de sua velhice a  
dar vm macho, a mayor, & mais  
fermosa criatura que podia ser: &  
mandandolhe tirar o nascimento  
por seus Astrologos, acharaõ que  
aquelle minino seria santo, & que  
desprezaria os reinos do pay, & se  
faria peregrino ( a que elles cha-  
maõ logues ) de que o pay posto  
em cuidados, determinou de ata-  
lhar todas estas cousas, com en-  
cerrar o filho que não visse cousa  
algũa. E así como foi de cinco  
annos pera cima o recolheo em  
vns paços, que pera isso tinha mã-  
dado fazer, fechados, & cerrados,  
com grandes & frescos jardins por  
dentro, onde o mandou criar em  
companhia de moços nóbres de  
sua idade, com guardas, & vigias,  
pera que fóra d'aquelles ninguem  
mais falasse com elle, por não ver  
nem ouuir cousa que lhe desse pai-  
xaõ, nem soubesse que auia outra  
cousa fóra d'ali, pera que a não de-  
sejasse. Aqui se criou a tè idade de  
dezoito annos, sem saber que auia  
doenças, mortes, nem outras mise-  
rias humanas.

Chegando à idade de entendi-  
mento, não deixou de saber que a-  
uia mais cousas que aquellas que  
via. Pello que mandou pedir ao

pay que o deixasse sair d'ali, & ver  
as cidades & villas do seu reino.  
Isto lhe concedeo Elrey, mandan-  
do tirar fóra, & leualo pella ci-  
dade com grande resguardo. E  
em hũa rua encontrou vm ho-  
mem manco & enfermo, & per-  
guntando aos que yaõ com elle  
o q̃ era, disseraõlhe que eraõ cou-  
sas da natureza mûy ordinarias  
no mundo, em que auia muitos  
mancos, cegos, & com outros de-  
feitos. Outra vez que o tornaraõ a  
tirar fora, vio vm velho muito de-  
crepito encostado a vm bordaõ,  
tremendolhe o corpo todo. El-  
pantado este Principe d'aquella vi-  
são, perguntou o que era: & disse-  
raõlhe que aquillo procedia dos  
muitos annos que viuera, & que  
por isso se vinhaõ os homens que  
chegauaõ áquella idade, a debili-  
tar muito. Outro dia encontrou  
com vm morto que leuauaõ a en-  
terrar com grande pranto: & per-  
guntado por aquillo lho disseraõ:  
ao que o Principe perguntou: co-  
mo, eu & todos auemos de mor-  
rer: & dizendolhe que si ficou ma-  
lenconizado, & triste.

Andando com aquella imagi-  
nação, dizem que lhe appareceo em  
visão vm santo em figura de pe-  
regrino, & que o persuadira ao  
desprezo do mundo, & a vida so-  
litaria. E comó elle andaua já a-  
ballado, & tinha mais largueza,  
teue modo com que desaparece-  
ra em trajos de peregrino, & que  
se me-



se metera por essa terra dentro a fazer vida solitaria, & asperissima. E deixando muitas fabulas que contaõ, assi da fogida, como da peregrinação: depois de correr muitas terras, dizem que fora ter a Ceilaõ, levando já consigo grande concurso de discipulos. Ali naquella serra fez tal vida tantos annos, que o adorauão os naturaes como a Deos. E querendosse partir d'ali pera outras partes, os discipulos que ali ficauão lhe pediraõ lhes deixasse algũa memoria sua, pera em seu nome a reuerenciare: ao que fixando elle o pé naquella lagea, imprimira aquella pegada, que ficou tida em tanta veneração, como temos dito. A este Principe nomeaõ suas historias por muitos nomes: o seu proprio era Dramá Rajo, o por que foi conhecido depois que o tiueraõ por sancto, he o Budaõ, que quer dizer sabio: de que já falamos atras, no capitulo nono do liuro quinto, que dizem, profetizara da cidade de Pegú, pera estas partes se passou depois que deixou Ceilaõ.

A este nome tem dedicado os Gentios por toda a India grandes & soberbos pagodes. Vendo nós esta historia, estiuemos cuidando, se teriaõ os antigos Gentios destas partes em suas escrituras conhecimento do sancto Iosaphat, que foi conuertido por Barlaão, que em sua lenda temos ser filho de vm grande Rey da India, & que tiuera a

mesma criação, & todos os mais termos que temos contado da vida deste Budaõ. E como a historia de Iosaphat auia de ficar escrita pellos naturaes (que nada lhes fica por escreuer) parece que por tempos lhe vieraõ acrescentar muitas fabulas, como elles tem na vida do Budaõ, que nós deixamos, por que nem em dous capitulos as concluirẽmos, da maneira que as elles tem.

E por que nos vem a proposito, o que nos disse vm homem muito antigo das terras de Salfete em Baçaim, do sancto Iosaphat, nos pareceo bem trazela. Andãdo nós nesta ilha de Salfete, vendo aquelle raro & admiravel pagode (que chamaõ do Canará) fabricado em hũa serra, & talhadã em hũa só pedra muitas salas, & hũa dellas tamanha como a grande dos paços da ribeira de Lixboa, & mais de trezentas camaras pella serra acima, quasi em caracol, cada hũa com sua cisterna á porta, na mesma pedra viua, da mais fria & excellente agoa que se pode desejar. E nas portas da sala grande, fermosissimas figuras de vulto tamanhas como gigantes, de obra taõ sotil, & prima, que nem em prata se podiaõ esculpir milhor: com outras muitas grandezas, que deixamos por não ser comprido.

E perguntando a este homem velho, que dissemos, por esta obra, & o que lhe parecia por quẽ fora



*Quinta Decada. Da historia da India.*

feita, nos disse, que sem duvida aquella obra se fizera por mandado do pay do sancto Iosaphat, pera o recolher & criar nella, como diz a sua lèda. E como nós temos della, que fora filho de vm grande Rey da India, bem pôde ser, como já dissemos, que fosse este o Budaõ, de que elles contaõ tantas maravilhas.

E continuando com a pègada do pico, trabalhando nós muito por inquirir a certeza della, correndo muitas antiguidades da India, nos parece que poderá ser do bem auenturado Apostolo saõ Thome, & afsi mesmo hũas nodoas de giolhos, que estaõ impressas o dia d'oje, em hũa pedra grande, que está na parte da pedreira de Columbo, que vm vigairo d'aquella fortaleza nos disse, que notara bẽ muitas vezes, & que lhe não pareceraõ feitas por industria: & isto dizemos por outras semelhantes, q se acharaõ na cidade de Maliapor, onde aquelle Apostolo fez sua casa. Por que posto q sua lenda não declare que fosse ter áquella ilha, cousa he que poderia ser, por que nem de todas as partes por onde andou, se acha feito memoria, como já dissemos no capitulo primeiro do decimo liuro da coarta decada, do tempo em que os Tartaros & Magores receberam a fé de Christo.

Em hũa inquiriçaõ que na cidade de Maliapor se tirou, por

mandado d'Elrey dom Manoel, em tempo do Governador dom Duarte de Meneses, sobre o corpo do sancto Apostolo, testemunhou vm Diogo Fernandez Portuguez, que na era de dezassete fora de Malaca em compãhia de vm Bastiaõ Fernandez, & de vm Armenio chamado Coja Escander, pera visitarem a casa do sancto, & que elle fora o primeiro Portuguez q ali chegara: & que entrando todos dentro nella, a acharaõ cercada de mato, & derribada, & na porta della vm Mouro muito velho, q tinha cuidado de acender ali hũa alampada, por ordem dos Gétios (que sempre tiueraõ muita deuacaõ áquella casa) que lhes contara muitas cousas da vida do Apostolo, q elles não tinhaõ sabidas, nem ouuidas. E que lhes fora mostrar hũa pègada estampada em hũa pedra taõ fresca como se áquella hora se acabara de pôr ali o pé, & aquillo fora de barro, & outra pedra em q estava a nodoa de vm giolho, & q era muito aueriguado antre todos os naturaes, que estes dous sinaes ficaraõ ali do sancto Apostolo: & que quando o mataraõ ajoelhara sobre aquella pedra, & deixara nella aquelle final.

Diz mais, que o anno de dezanoue foraõ ali tres Portugueses de Malaca chamados Antonio Lobo Falcaõ, Manoel Falcaõ, & Ioaõ Moreno: que tomaraõ a pedra da nodoa do giolho, & a quebraraõ, & par-



& partiraõ antre si, leuandoa por grande reliquia, & que depois fizeraõ muitos milagres, como em outra parte diremos. Isto tudo he bastante rezaõ pera proua da conjectura que fazemos da pègada do pico de Adaõ, & das nodoas de giolho da pedreira, serem do santo Apostolo, que andou enchendo a India de milagres, & marauilhas, de que a menor parte temos na sua lenda: & em muitas escrituras temos, que sempre os semelhantes sinaes foraõ milagrosos, & permitidos por Deos.

Em vm pateo da casa santa de Ierusalem, que he lageado de fermosas lageas, em hũa dellas estaõ impressas duas pègadas como esta de que tratamos: que (segundo referem alguns que escreueraõ as cousas do santo templo, & antre elles o padre frey Pantaliaõ) affirmamõ serem de vm Abexim, q ali martyrizaraõ pella fé de Christo, o que teue por bem ficassem ali aquelles vestigios em final de como lhe fora seu martyrio aceito.

Na igreja da Ascensãõ, q está no monte Oliuete, se vé outra pedra com hũa pègada como estas, que deixou ali nosso Senhor IESV CHRISTO, quando sobio aos ceos, do derradeiro pé que aleuantou.

No horto de Gethsemani (naquelle lugar a onde se puferaõ os tres Apostolos, em quanto Christo orou) está outra pedra em que

se encoftaraõ aquelles discipulos, & nella ficaraõ impressos os tres sinaes dos corpos, como em hũa pouca de cera môle. Por onde esta pègada do pico de Adaõ, & as nodoas dos giolhos de que falamos são milagrosas, & as partes da India naquelle tépo não passou que podesse fazer os taes milagres, se não este santo Apostolo. E lendo nós o que diz Dorotheo Bispo de Tiro (& o refere Mapheo no terceiro liuro da historia da India) q nesta pègada do pico de Adaõ, se veneraua a memoria do Eunuco da Raynha Candace, que diz andara pregando o Euangelho por todo o már roxo, Arabia Felice, & na Taprobana, não achamos donde poderia aquelle douto varaõ inferir aquillo, por q em nenhũa escritura se lê, que passasse este Eunuco da Abassia donde era natural. E nós reuoluemos a India, & falamos com muitos Mouros, Géticos, & ainda Iudeos antigos & doutos, & em nenhũa parte della se conhece, nem ha noticia deste Eunuco.

E por concluirmos com estas cousas de Ceilaõ, o faremos breuemente com hũa pera nós muito espantosa, que he: que todas as arvores que jazem pello pé deste pico de Adaõ á roda, & ainda mais de meya legoa afastadas delle, todas por todas as partes fazem com suas copas hũa inclinaçãõ pera a ferra, sendo todas muito direitas



*Quinta Década. Da historia da India.*

nos troncos a tè onde começaõ as ramas, sem vento algum as fazer mudar. Isto tem todos os da ilha por milagre: & se o não he (por q̃ bem pôde ser queira Deos, que fãção todas aquella reuerencia à pègada do seu Apostolo) algũa couza natural deue de auer pera isso. E o que nos parece he nacer aquillo de algũa propriedade, q̃ aquella terra terá de atraer a si as aruõres, como a pedra de ceuar a ferro. E como lemos d'aquella fonte de Plinio, que está no nosso Portugal, que se lhe chegaõ hũa aruore muito grande perto da agoa, a sorue toda, & recolhe em si pella rama, a tè se esconder de todo: agora filosofem sobre isto os coriosos.

Esta ilha toda he tão prospera, que mandando o Rey da Cotta semear duas parás de trigo, respõdeo com sessenta. Os matos são todos de aruores de espinho, & fruitas excellentes. Tem pimenta, gengiure, cardamomo, muitas canas da sucra, mel, muitos gatos dal galea, Alifantes, muita pedraria, rubis, olhos de gato, chrysolitas, amathistas, çafiras verdadeiras, & outras d'agoa, beryllo finissimo, & tão puro, que parece cristal, & todos o tem por esse, no que se enganaõ. Tem ferro, cairo, estopa, muitos rios de agoa excellente, em que se criaõ muitos & bons pescados: tem grandes officiaes de armas, principalmente de espingardas, onde se fazem as milhõres de to-

da a India. Tem muitas bayas, & portos de hũa & da outra parte, capazes de grandes naos & nauios: tem outras muitas couzas que deixamos, por não ser cumprido.

CAPITOLO III.

*Das opinioens, ritos, & ceremonias, de todos os Gentios que jazem antre o fudo & Gange. E do que contem o original de suas escrituras, q̃ os seus Theologos insinaõ em suas escolas.*

**N**A que falamos nos capitulos atras da Gentilidade do Gãge pera fora, parece que cabe aqui bem, darmos rezaõ de toda a outra do Gange pera dentro: & posto que nisto sejamos algũa couza cumprido, podemnos releuar por serem couzas muito coriosas, & a tè gora não trazidas ao mundo neste liogoagem: & tambem nos seruirão de darmos graças a Deos nosso Senhor da merce que nos fez, em nos dar conhecimento de si mesmo, vendo os feos, nefandos, & brutos ritos destes cegos Gentios, que foraõ significados naquella diuersidade de animaes immundos que são Pedro vio naquella visãõ do vaso cheyo delles, como se lê nos Actos dos Apostolos no 1. cap.  
Pello



Pello que se á de saber, que an-  
tre toda a gentildade do Oriente,  
se guarda, & sustenta hũa só opi-  
nião no conhecimento de Deos,  
criação, & corrupção das criaturas,  
que he lição que se lê nas suas es-  
colas, pellos seus Bragmanes, q̃ são  
os mestres de sua religião. Disto té  
muitos liuros em seu latim, a que  
chamão, Gerdaão, que contem tu-  
do o que aõ de crér, & todas as ce-  
rimonias que aõ de fazer. Estes li-  
uros são repartidos por corpos,  
membros, & artigos, cujos origi-  
naes são vns a que elles chamão  
vedaós, que são repartidos em coa-  
tro partes, & estes em outras cin-  
coenta & duas por esta maneira.  
Seis a que chamão xastrá, que são  
os corpos: dezoito a que chamão  
puraná, que são os membros: vin-  
te & oito chamados Agamon, que  
são os artigos: de todos estes fa-  
remos distinção breuemente, pera  
melhor se entenderem.

A primeira parte destes coatro  
originaes, trata da primeira causa,  
da materia primeira, dos Anjos;  
das almas, do premio do bem, da  
pena do mal, da geração das cria-  
turas, de sua corrupção, que cousa  
seja peccado, & como se pode re-  
mir, & absoluer, & por que.

A segunda parte trata dos re-  
gentes aque daõ o dominio sobre  
todas as cousas.

A terceira he toda de doutrina  
moral, conselhos que exortaõ á vir-  
tude, & obrigaõ a auorrer o vi-

cio, & así da vida monastica & po-  
litica: que são a actiua, & contem-  
platiua.

A coarta parte trata das ceri-  
monias dos Pagodes, dos sacrifi-  
cios, & de suas festas: & nestes tam-  
bem metem os encantamentos, fei-  
tiçarias, adiunhaçoens, & arte Ma-  
gica: por que a todas estas cousas  
são muito dados. Todos estes li-  
uros são escritos em versos mūy  
heroycos, & pomposos em pala-  
uras, inuenção que o demonio vr-  
dio, pera que a modulação & sua-  
uidade delles, os obrigassem a ou-  
uilos, pera se lhe afeiçoarem. E así  
o fizeraõ tâto, que qualquer Brag-  
mane que lhes quer fazer crér hũa  
mintira, em a pondo em verso, fica  
tida em tanta veneração & autho-  
ridade, que não auerá cousa que  
lha tire da cabeça: & tanto he isto  
ası, que historias a que nenhũa o-  
rigem sabem, & de cousas ainda q̃  
repunhaõ sua propria ley & costu-  
mes, pello vso de as cantarem em  
verso, así lhes daõ fé como se ás  
viraõ com o olho. Isto lhes nace,  
de não defenderem, nem sustenta-  
rem por rezoens cousa algũa das q̃  
crém: antes em todas se ataõ aos  
mestres que lhas ensinaraõ, & aos  
liuros em que andaõ escritas. De-  
sta arte, ou sciencia de poesia tem  
grandes escolas, & geraes: cada ver-  
so dos seus tem setenta & cinco  
syllabas. Deixando isto tornemos  
ás distinções das coatro partes dos  
seus vedaós.

A primei-



A primeira, que trata da causa primeira segundo os liuros q̃ tem chamados Terúm, Mandramole, Etriuxigão (q̃ são hũas summas de sua Theologia que lêm nas escolas) dizem q̃ esta causa primeira he Deos, & que este he vm espirito puro, incorporeo, infinito, cheyo de todo o poder, de todo o saber, de toda a verdade, & que está em todas as partes, a que chamaõ Xarues Zibarú, que quer dizer, Criador de tudo. Trata mais esta primeira parte da materia dos Anjos a que chamaõ Monixeuarú, q̃ quer dizer os Santos, que dizem que não forão criados, & que são ab eternos com o mesmo Deos. Destes Anjos fazem tres estados, vns limpiſsimos, que acompanhaõ & seruem a Deos: outros menos puros, donde saem as almas que se informaõ nos corpos humanos, pera nelles se purgarem. Os terceiros immundos, & estes seruem de ministros da justiça de Deos, & de carcereiros do inferno, que elles confessaõ, como se verá em seu lugar. As almas tẽ que são immortaes, mas que se tem peccados, como vm morre sua alma se passa ao corpo de qualquer alimaria, onde os anda purgando, a tẽ que mereça sobir ao ceo. E de todas, as q̃ se metem nas vacas, tem por mais ditosas, & por isso são veneradas de todos os Gentios como cousa sagrada.

Chega sua bruteza a tanto, que

quando vm está em passamento, lhe chegaõ hũa vaca a cama, & lhe metem o rabo na mão como can-dea, pera que em se despedindo a alma do corpo, entre logo na vaca, por que o não fação em outro animal mais sujo: por onde parece que tem pera si, que suas almas se metem no animal que está mais perto. E por isso não mataõ os porcosuejos, nem pulgas da cama, nem os piolhos da cabeça. Este negocio das vacas, nunca acabamos de entender a veneração que lhes tem, nem a deidade que lhes attribuem, nem elles o sabem bem declarar. Muitas vezes vimos no reino de Cambaya as vacas ourinarem pellas ruas, & acodirem os Baneanes, homens & mulheres, & apararem as mãos, & tomarem a ourina, & lançaremna por cima das cabeças, como nos fazemos a agoa benta, dizendo algũas palavras.

Dizem mais que as almas dos mais peccadores, & mofinos, se trespassaõ aos corpos dos animaes sujos, & immundos: & o mais peccador de todos no caõ: & que cõfôrme os merecimentos de cada vm assi lhe cabe a sorte & o estado de rico, ou pobre, alto, ou baixo, saõ, ou enfermo. E que de corpo em corpo andaõ purgando seus peccados, a tẽ que de todo tenham satisfeito, & que mereçaõ passar a gloria.

Esta opiniaõ brutal he tão antiga,



tigua, que Empedocles Agrigentino disse, que os espiritos que mal viuiaõ, o ár, o már, a terra, os lançaua de si, & que de lugar em lugar andauaõ purgando suas culpas, a tè passarem á gloria.

Quanto ao premio do bem, & castigo dos males, ha infinitas opinioens: porem está aueriguado auer gloria & pena, mas qual seja esta pena, & a onde, não se acabaõ de determinar.

Tem tambem para si, que em nascendo vñ homem logo vem destinado pera o bem ou pera o mal, & que forçado lhe a de acontecer o pera que naceo, & que não está em sua maõ poderem lhe fofgir, no que negaõ o liure aludrio: & daqui vem dizerem a tudo o q̃ lhes socede, que he seu nacibo. Muitos dizem, que a gloria & premio que se dá aos virtuosos, & em satisfacão de penitencias, & sacrificios: são riquezas, honras, dignidades, & filhos: & que morrendo vñ que teue estes bens, se viueo bem, torna a logralos em outro corpo: & así medem a virtude, pellos bẽs que cada vñ possue.

Outros que se tem por mais atinados na verdade dizem, que no segundo ceo ha vñ lugar a que chamaõ Xoruagó, em que aõ de ir descansar os que bem viuerão, & que no centro da terra ha outro a que chamaõ Naranca, que he todo de fogo, & de tormentos, onde se vaõ pagar os peccados, & que

nesto lugar he tanto genero de tormentos quantas foraõ as diuersidades das culpas.

Dizem mais, que os Anjos da terceira ordẽ são os ministros destas penas, & a estes pintaõ elles có todas as fealdades que podem, como nos fazemos ao demonio, & os nomeauaõ por muitos nomes, & os principaes são Diagal, & Saitan nome por que he bem conhecido em toda a parte, & que a tè antre estes brutos elle não quis perder.

Alguns tem para si que os tormentos não são perpetuos, se não por tempo limitado, & que conforme ás culpas de cada vñ así terá o termo do degredo, & passando elle tornará a nacer de nouo, & tomará outro corpo, em que tornará a viuer no mundo: & que así tantas vezes irá & virá do inferno, a tè que faça obras dinas de ir ao ceo.

No meyo destes dous lugares superior & inferior dizem que ha outro pera as almas que não merecem pena, nem gloria, não tratando de innocentes: mas dizem que se hũa alma teue vñ peccado, por que merecia o inferno, & por outra parte se teue algũa virtude por onde merece a gloria, como dizermos, foi vñ incontinente, mas charidoso com os pobres em igual grao, em tal caso, se pello mal mereceo o inferno, & pello bem o paraíso, entaõ ficará no lugar do meyo aonde não terá pena né gloria.

Quanto



Quanto á criação do primeiro homem, dizem os seus Theologos, que procedê de hũa geração dos deoses immortaes.

Outros, que foraõ formados dos elementos, & que estes foraõ feitos da primeira materia que he eterna: & que todos os elementos tem mistura vns dos outros, somente o fogo que he simplex, & sem mistura.

Outros affirmão que da propria materia de que o mundo foi composto, o foi tambem o homẽ: por onde não dizem, como algũs cuidaõ, que o mundo he eterno, se não a massa de que se fabricou: & nesta criação contaõ fabulas & difbarates sem fundamento.

E concluindo com esta primeira parte com a materia dos peccados, & da absoluição delles. Coatro cousas tem que são peccados vedados em grande maneira, & auorrecidos. A primeira, matar: segunda furtar: & neste não se entẽde o onzenar, & ganhar com engano, por que isto tem elles por religião. A terceira beber vinho: a coarta tomar mulher alheya. Todos estes peccados aõ que se satisfazem por outras coatro maneiras. A primeira por romagens a pagodes, a onde se vaõ offerecer com rezes, & alguns fazem sacrificio de si cortandosse, & cauterizandosse, & dedicando os filhos, & filhas a perpetuo seruiço dos idolos. He taõ grande o concurso da gente

em tempo de suas festas, a se offerecerem aos pagodes com grossas dadiuas, que he espanto. O principal & de mais veneração que ha em todo o industão, são os pagodes de Ramanancor, defronte de Manar, junto aos baixos de Chilaõ. Odixilauaraõ oito legoas de Negapataõ. O de Triquinimale no reino de Gigi, no sertão de Negapataõ. O de Canjauaraõ, duas jornadas da cidade de saõ Thome. O de Tripiti no reino de Bifnaga. O de Tremel no mesmo reino, que tem grossissimo tisouro. O de Iagarnate no reino de Orixal. O de Vixanate em Bengala. Este he cabeça de todos, & de mayor romagem, fazse sua festa em Fevereiro, & dura perto de dous meses: & a gente que em todo este tempo se junta ás festas he tanta, que se affirmam occuparem suas estancias perto de seis legoas. Cada pessoa se offerece com o que pòde, & ouue algũas que se pezaraõ a ouro, & a prata, & affirmasse que o seu tisouro he infinito. Tem mais o Pagode de Tanauaré em Ceilaõ: & o do pico de Adaõ. E o Pagode de laquete, & outros somenos infinitos, onde o demonio he bem venerado.

O segundo modo de penitencias são esmolos a peregrinos, jogos, pera fabricas de pagodes, pera abrir tanques em lugares publicos, fazer casas nos caminhos pera os passageiros, romper ladeiras, abrir



abrir caminhos pera os viandantes, fabricar hospitaes pera passaros. Nós vimos vm na cidade de Cambayete muito pera notar, por que tem enfermarias separadas pera as castas que ali recolhem. São as paredes leuantadas sobre arcos abertos por todas as partes, tapados com redes forijs daramé, tem grandes corredores, & de hũa & de outra banda vão as celas em q̃ estão recolhidos, & tem enfermeiros que correm com aquillo, tem rendas & muitas esmolas pera a fabrica & despeza. Nos conhecemos na cidade de Chaul vm Baneane criado antre os Portugueses muito rico. Este quando faleceo lhe fez seu testameto vm tabaliao Portugues chamado Gaspar Rozado: em que deixaua a todas as confrarias das igrejas de Chaul, trinta pardaos a cada hũa, & pera o hospital de Cambaya dos passaros coatro mil pardaos. Tem este hospital certos homens a que se dão tenças, & comedias, que são obrigados a andar pellos campos, & pellas ruas das cidades, buscando passaros doentes, aleijados, cegos, & de qualquer outra infirmitade pera os leuarem ao hospital: & outros tem cuidado de visitar as prassas onde os Mouros cassadores vão vender os passaros, que compraõ todos, & os tornaõ a lançar a auoar. Fazem tambem curraes pera as alimarias velhas, & doentes, em que as recolhem & cu

raõ: & pera as buscarem tem outros deputados. Estes em achando a bufara velha, o caualo, ou mula, com chagas, ou tolhido, logo he leuado ao seu curral, & curado com grande charidade: mas se acharẽ vm homem paralitico, & tolhido, caido por esse chaõ, naõ lhe daraõ a mão pera se leuantar, ainda que o vejaõ trilhar dos homens, & das bestas, por que dizem, que aquelle por seus peccados chegou áquelle estado. Resgataõ os passaros como dissemos, & naõ o faraõ a vm catiuo, ainda que seja seu pay.

O terceiro modo de absoluição, são jejuns, em que estes Gentios são austerissimos, por que em todo o dia naõ comem, & ha algũs que os tomaõ por espaço de dias, sem em todos comerem cousa alguma.

O coarto modo de absoluição são sacrificios, & de sós tres trataremos. O primeiro na lũa noua de Outubro, em que celebraõ hũa festa em memoria das vitorias que seus idolos tiueraõ cá no mundo. A este sacrificio chamaõ elles, Manuua, naquelle dia os Reys Gentios mandaõ matar de noite algũs vassallos em segredo por eleição dos seus Bragmanes (que pera isto muitas vezes naõ elegem se naõ os que lhes auorrecem.) E mandaõ por o fogo a algũas casas que se queimaõ com quantos estão dentro: & a este chamaõ elles sacrificio de sangue & fogo.

Y

Outro



Quinta Decada. Da historia da India.

Outro tem chamado, Choom, que he o da vaca, por que o dia que se celebra a mataõ com grandes cerimoniaes, & taõ grandes despesas, que sõ os Reys o podem fazer, & ainda hũa sõ vez na vida. Este tem pello remedio mais efficas que todos pera purgar grauíssimas culpas.

Outros estremos de penitencias fazem que poem medo & espãto, por que alguns chegaõ a se deitarem de bruços no chaõ pera passarem por cima delles vns carros em que vaõ os idolos, tamanhos, que quinhentos homens os moue com trabalho: & ficaõ ali espedaçados, & suas reliquias saõ recolhidas de todos cõ grãde veneraçãõ. Outros trazem cilicios de ferro cingidos, que quasi os cortaõ pello meyo. Outros se dependuraõ no ár pellos lombos em vns ganchos de asso mûy agudos, & ali estaõ cantando versos em louuor dos idolos. A estes todos podemos chamar martyres do diabo, que elle com grande cuidado & diligencia procura ter: por que como sempre estudou por contrafazer as obras diuinas, trabalha por exprimir em seus maos, o que Deos obra em seus bons: & o que os martyres de Christo fazem pella verdade, fazem estes pella mintira, & vns & outros pello fructo se conhecem.

CAPITVLO IIII.

*Das outras tres partes de seus originaes, & de todos os mais ritos & costumes destes Gentios, & dos seus tres regentes. E do engano que alguns tiuerãõ em auerem que tiuerãõ conhecimento da Sanctissima Trindade. & das differenças das castas dos Gentios todos.*



O R não fazemos capitulos compridos que enfastiaõ concluirmos com este que abreuiremos, posto que as materias sãõ muitas, mas cortaremos a pena o mais que pudermos. E continuando com a materia de seus originaes, trataremos da segunda parte, & dos seus regentes. Dizem estes cegos Gentios, que aquella primeira causa que conhecem por Deos, he tal, taõ poderosa, que por se não occupar nas cousas de baixo, entregou o gouerno de todos os corpos celestes, a regentes, pera q os mouessem, & gouernasse dando a cada sphaera seu regente, & a cada vm delles seu apetito incitauo q os obriga a gouernar aquillo que tem por officio, & este apetito fingem ser molher. Onde tomaraõ motiuo os seus Theologos pera dizerem que todos os ministros de Deos tinhaõ molheres. A este



A este supremo q̃ dizem ser Deos, o nomeaõ por infinitos nomes, & tem disso vm liuro particular, a q̃ chamaõ Tiuarum. Estes regentes dizem que saõ cinco, por esta maneira.

Ao primeiro que governa o primeiro ceo, que contem todos os planetas, chamaõ Xadaxiuão, & sua molher, Humani.

O segundo que governa a região do fogo, Rudra, & sua molher Paruadi.

O terceiro que rege o ar, Maesura, & sua molher, Maenomadi.

O coarto q̃ rege o elemẽto da agoa, Bisnú, & sua molher, Lacami.

O quinto q̃ governa a terra, Brahemá, & sua molher, Exarasuadi.

Estes cinco dizem que governaõ toda a cousa criada: mas aos tres delles adoraõ como deoses, q̃ saõ Brahemá, Bisnú, & Rudra, que saõ os regentes da terra, agoa, & fogo: por que vm cria, outro augmenta, & outro consume, & porque saõ a causa da geraçaõ, criaçaõ, & corruptaõ de tudo. A estes tres chamaõ por vm só nome Maha Murte, q̃ quer dizer os tres supremos, & affirmam serem gerados do mesmo Deos, & assi os pintaõ jutos vm corpo cõ tres rostos: como vimos no pagode do Alifante, onde está aquella figura na sua capella mayor q̃ he de vulto, tamanha como vm grãde tonel da cinta pera cima somente, laurada naquella pedra como marmore, de laiores taõ pri-

mos & futijs, q̃ he espanto, & tem na cabeça hũa mitra redonda, de tres altos, como saõ as dos Sũmos Põtifices, de obra taõ rara, q̃ excede a todas as que vimos lauradas em pedra, & tal q̃ se póde contar antre as marauilhas do mundo, todo aquelle pagode, em que notamos muitas cousas admiraveis. Em hũa capella vimos o Anjo lançar do paraíso terreal a nossos primeiros pays, & ali logo a Raynha Pacificae quando se deitou com o touro, tudo de vulto. E em vm esteyo do corpo do templo, que será tamanho como saõ Róque de Lisboa vimos o gigante Briareo com cẽ braços, como os poetas o pintaõ. He esta casa de tres naues, & se mal nos naõ lembra, tem ou cinco, ou seis esteyos cada náue, & cada vm delles he da altura da mesma casa, taõ grossos como mastos das naos do reino, & em cada vm ha figuras de vulto tamanhas como os mesmos esteyos, & tem outras cousas muito pera notar & vér. Chamase esta ilha a do Alifante: porq̃ tem sobre vm tezo que se enxerga do már vm Alifante de pedra do tamanho que elles saõ.

E tornando á nossa ordem dos regentes que yamos tratado. Trazem os Gentios em memoria d'aquelles tres, outros tãtos fios de linha d'algodão q̃ lhe pende de vm hõbro, & vay por baixo do outro braço atiracolo, & quãdo selhe daõ seus juramẽtos he naquella linha.

Y 2

Disto



Disto tomaraõ alguns religiosos doutos motiuo pera cuidarem que tiueraõ estes Gentios conhecimẽto da Santtissima Trindade & assi se enganaraõ Ioaõ de Barros, & Damiaõ de Goes, por que naõ tiueraõ a pratica dos Theologos Gentios como nós. E ainda oje se enganaõ muitas pessoas praticando com os Bragmanes, ouuindolhes dizer, que assi como os Christaõs adoraõ tres pessoas em hũa só, assi o fazem elles a outras tres debaixo de vm só, que he o Maha Murte, que acima diffemos. Esta idolatrã parece que se estendeo por todo o Oriente dos antigos Egypcios, que adorauaõ os mesmos elementos: por que estes naõ tendo em seu principio conhecimento algum de Deos, considerando o mouimento, & fermosura das luminarias celestes, comecaõ a honralas por deoses, chamando ao sol, Osiris, & á lãa Isis. E vendo quaõ necessarios eraõ os elementos á vida humana attribuindolhes diuindade, os vieraõ a venerar debaixo de nomes que lhes deraõ, chamando ao ár Iupiter, ao fogo Vulcano, a agoa Neptuno, & á terra Ceres. Estes nomes mudaraõ estes Gentios de q̃ tratamos em outros, com a mesma significação da terceira parte destes originaes, q̃ he de doutrina moral, de que trataremos algũas cousas.

A primeira que nas escolas en-

sinãõ aos moços saõ os nomes dos idolos, & depois que passaõ o A. B. C. lhes lem vns preceitos moraes de bem viuer, & vns prouerbios & auisos pera a vida politica, com muitos adagios & comparaçoens, que todos vsaõ como balizas do estãdo que aõ de seguir, de lauradores, soldados, mercadores, ou letrãdos. Depois de se perfeçoarem no lér & escreuer, daõlhes cousas pera estudar, como pontos de sua ley, cerimoniaes, historias, sentenças graues. E daqui nasce sairem das escolas todos muito resolutos em seus ritos, & muito astutos em seu viuer. A pos isto lhes lêm outros liuros de conselhos, & preceitos moraes, pera conseruação da vida humana. Vm liuro tem elles de vm homem auido antre elles por mûy douto, chamado, Valuuer, natural da cidade de Meliapor, que concorre no mesmo tempo do Apostolo saõ Thome, que contem mil trezentos & trinta versos, em que trata do conhecimento de vm só Criador, da reuerencia que se lhe deue, do louuor da penitencia, humildade, abstinencia, & do desprezo dos idolos: & por estas cousas, & por outras que ali escreuem, se presume que foi doutrinado pello mesmo Apostolo saõ Thome.

A coarta parte de seus originaes que he a derradeira: trata das cerimoniaes, & sacrificios, que ja diffemos,



femos, & aqui só trataremos de seus encantamentos: & primeiro diremos hũa cousa, que já nos ya ficando, pera que se saiba a malicia dos Bragmanes.

Em toda a India ha muitos teplos aleuantados a todos os idolos como já diffemos, fomento ao Brahema não ha vm só: sendo ao que elles attribuem o gouerno da terra, & isto he porque lhe tem elles vsurpado o seu lugar & honra, por que dizem que descêdem delles: & metem em cabeça aos simples, que os ajuntamentos & lugares em que morão (que são sempre separados) são dedicados ao Brahema, & fazemse adorar em seu nome: & assi nas partes que escolhem pera suas viúendas, não lhes entra outra casta algũa per nenhum caso, & sempre estes lugares são sós, em valles sombrios, ao longo de ribeiras, bosques serrados, de arrecais, betrais, jaqueirais, magueiraes, & disto muito: por que como não comem carne, nem peixe, a mór parte de seu mantimento são aquellas frutas. Aos Portugueses só não vedaõ a entrada em seus cercados, ou por respeito que lhes teraõ, ou por outra algũa razão que elles sabem, & não só nas terras de nossa jurdição, mas ainda por esse sertão dentro nas alheyas. E a mim me aconteeo (sendo Visorrey da India dom Antaõ de Noronha) ir de Goa pera Chaul por terra, na força do inuerno, cõ

dous ou tres companheiros, & quando achauamos lugares de Bragmanes, não nos queriamos agasalhar em outros, sem embargo de nos não darem a comer, senaõ o q elles comiaõ, & do grande resguardo & cerimonia com que nos comunicauão: por que nos agasalha uão em varandas que tem na face dos aposentos, & faziaõ o comer dentro em suas casas á sua vontade, & quando o traziaõ o punhaõ no chaõ afastado de nós dez ou doze passos, & tornauaõse a recolher, & nós o yamos buscar. Depois de comermos tornauamos os pratos a seu lugar, que elles vinhaõ arrecadar, & traziaõ vasos cheyos d'agoa que deitauão por cima primeiro que os tocassem, & depois que nos yamos faziaõ muy grandes purificaçoens, lauandosse com muitas ceremonias, & embostando as varandas, como se foramos feridos de algum mal contagioso. E por que tem feito crér aos simples, que quem adóra a vm Bragmane, o faz ao Brahema, lhes vieraõ a ter tamanha veneração, como ao mesmo idolo: & os Reys os trazem por este respeito sempre apar de si, pera com elles fazerem suas eleiçoens: por que lá sente o demonio vm não sei que, neste peccado da hypocresia, que a tè antre estes barbaros reina & gouerna. A causa porque tambem chegaraõ a tanto respeito, he porque se deraõ á especulação das cousas naturaes,



dos finos, & planetas, curfos, qualidades, conjunções, opposições: no que são tão espertos que não erraõ vm ponto: pello que muitas vezes predizem diluuios, secas, fomes, guerras, & outros acontecimentos. E quando os ignorantes vem soceder o que elles dizem, o notaõ por milagre & espirito de profecia, & os adoraõ por deoses. E pera cobrarem mayor credito, & authoridade com todos (por q̃ são os mores hypocritas do mundo) ajudaõse pera tudo da arte Magica, feitiçarias, familiãres, benzedeiras, & de lançadores de espiritos maos. E tudo isto fazem com exteriores medonhos, & vnturas de cinza, que he o final que o demonio lhes tem dado, pera quando se quizerem valer delle. Fazem todos os annos reportorios novos pera os Eclipses do sol & da lũa, & tem vm perpetuo aque chamaõ Panchagaõ, que lhes serue de declarar seus agouros. Vsaõ de sortes, & feitiçarias em vm quadrangulo, em que tem por sua ordem os doze signos do zodiaco, com os me<sup>os</sup> que lhes deraõ, mas com as proprias figuras, & significações q̃ as dos antigos Egypcios. Dizem q̃ ha sete ceos, & que de vm ao outro ha de vacuo, cem mil jornadas, & cada jornada de seis mil legoas, q̃ vem a fazer seiscentas mil legoas. E dizem que este primeiro ceo té em si as estrellas fixas, & os planetas. No segundo ceo que chamaõ

Malougaõ dizem que viuem os deoses com suas molheres. No terceiro ceo chamado Manalougaõ, dizem que estaõ os penitentes. No coarto ceo chamado Genalougaõ os Anjos. No quinto ceo chamado Tapalougaõ, dizem que estaõ os religiosos, que professaraõ castidade, & pobreza. No sexto ceo chamado latalougaõ, repartem elles em tres partes, & em cada hũa dellas vm d'aquelles regentes que já dissemos. Estes ceos dizem que os rodea outro que tem de grossura vm cento de jornadas: & toda esta machina espherica affirmão q̃ a sustenta sobre seus hombros hũa molher chamada Adarasati, que quer dizer verdade, & assi o interpretaõ seus Theologos. Tem pera si que o mundo não he vm só, se não quatorze: os sete superiores, q̃ acima dissemos, & os outros inferiores: & sobre isto cõtaõ abusos sem ordem algũa. Dizem os seus Theologos, que todas criaturas q̃ Deos criou, assi racionais, como irracionais, & ainda vegetatiuas, q̃ tudo auia no ceo, primeiro q̃ Deos fizesse o mundo: & que isto de baixo foi vm retrato do decima. Negaõ os Antipodas: & dizem q̃ o sol não se mete por debaixo da terra, se não que anda ao redor della, erro em que outros mais politicos cairaõ, que Elrey dom Manoel de gloriosa memoria desfez por meyo d'aquelle valeroso capitão dom Vasco da Gama, que del cobrio



cobrio ao mundo, quantas cousas a elle estauão encubertas.

Affirmaõ mais estes Gentios não se sustentar a terra no ár, por nenhũa causa natural ou milagrofa, se não que está sobre certas cabeças de serpentes, & que aquellas também estaõ sobre certos Aliantes, & que os tremores que as vezes socedem na terra são por causa das cobras bolirem, com outras paruoizes sem fundamento. Todas estas brutalidades andaõ escritas em versos, & así as crêm como cousas muito certas, & não accitaõ rezoens algũas, contra o q̃ seus mestres lhes ensinaraõ, & afferraõse aos liuros, & aos mestres de quem aprenderaõ. São todos taõ catiuos do demonio, que nem pera remedearem suas necessidades podem dar vm só passo sem sua licença, catiuandolhes as liberdades com superstiçoens sem conto, de bons & maos dias, de boas & más horas: de feição, que muitas vezes por deixarem passar hũa hora em que acharaõ roim agouro, perdem grandes negocios de fazêdas, & ainda o remedio pera as vidas, & infirmitades, por q̃ nenhũa cousa fazem, sem registarem com seus Bragmanes: & esta he a mór opressão que os pouos té em seus Reys esperarem por boas horas. Estes agouros quasi em todas as criaturas as notaõ: nos homês quãdo no principio de seu negocio, se alguem lhe dá vm espiro só, dei-

xaõ logo tudo. Se por vm caminho encontraõ com hũa só pessoa, tem no por taõ roim final, que se tornaõ pera casa. O huiuar do caõ he auido por final funebre: & así mesmo o cantar do mocho sobre suas casas. A gralha se atraueffa por diante do que caminha, he muito roim final: & nas mais aues consideraõ o voo. Dos bichos no cantar. Na hofga tem mais tento que em tudo: & querendo fazer algũ negocio, se em principio lhes canta, affirmaõ que teraõ roim successo: & destas cousas tem grandes liuros de juizos.

Quanto ás castas, o mayor impedimento que ha na conuersaõ dos Gentios, he a superstiçaõ que guardaõ em suas castas, sem se poderem tocar, communicar, né misturar com outros, como superiores com inferiores: os de vm rito com os de outro. E são nisto taõ abominosos, que já se aconteeo chegarem muitos ao estremo da vida, só por não tocarem no comer do outro, nem em suas cousas, com medo de não perderem a casta, & ficarem immũdos. As pessoas com quem mais guardaõ esta cerimonia, he com os Portuguezes, por que comê vaca, & así em falando com vm delles, ou tocando nelle, logo se vão purificar, como antigamente faziaõ os ludeos com os de Samaria. Nos casamentos per nenhum modo se podem misturar, nem mudar estado. O çapateiro



pateiro com a filha do outro, o outruez o mesmo: & assi todos os mais officios & estados. Couisa em que tambem Licurgo teue muito tento na reformação da sua República, Espartana. Nisto nos não meteremos, porque no nosso Portugal anda isto muy corrupto. Fazem estes Gentios seus casamentos em certo tempo do anno, com grandes cerimoniaes, & duraõ suas festas por espaço de quinze ou mais dias, em que se daõ grandes banquetes, & no cabo se entregão as noiuas com grãdes cerimoniaes, & ellas por nenhum caso podem falar á os maridos, nem elles com as molheres diante dos pays, nem podem nomear vm a outro diante de gente, nem comerem juntos: o que guardaõ taõ infalivelmente, que ainda depois de alguns destes se fazerem Christaõs, guardaõ os mesmos costumes cõ suas molheres, mas este interdicto não durã mais, que em quanto não tem filhos.

Em todo este Oriente ha coatro castas que precedem a todas as mais, segundo vm liuro que tem, chamado Iadegaltutan, que quer dizer pomar de castas, que he vm liuro de nobrezas. A primeira casta he a dos Rayas, que he hũa nação nobilissima, de que todos os Reis do Canará procedem, que se tem por taõ antigos & famosos nas armas nestas partes, como nas da Europa os Godos. Destes se tẽ

tamanha confiança, pella grande fidelidade em que a tẽgora se tem sustentado, assi na paz como na guerra, que seruem da guarda da pessoa dos Reis. Estes tem por opiniaõ nas guerras perderem antes as vidas que as armas, & assi ganhão soldo dobrado de todos: sãõ homens de boa conuersação, cortezes, faciles, & bem acostumados.

A segunda casta he a dos Brámanes, ainda que elles querem preceder aos outros, assi pello sacerdocio, como pellas letras, sobre o que antre elles ha tantas questõs, como antre os nossos doutores, sobre qual precede se as armas, se as letras.

A terceira casta he a dos Cháttins, que sãõ mercadores grossos, de ouro, prata, pedraria, sedas, roupas, & outras fazendas de preço. Destes fazem em todos estes reinos muita conta, pellos proueitos que daõ a suas rendas.

A coarta casta he a dos Balálas, que sãõ os lauradores. Estes sãõ taõ estimados, que podem os Reis casar com suas filhas: por q̃ dizem que sãõ homens que sustentão os reinos: destas coatro castas se deriuão cento nouenta & seis: & estas tambem repartẽ em duas partes, a que chamaõ Valanga, & Elange: q̃ quer dizer os da mão direita, & os da esquerda. E estes como inferiores aos outros, nem pellas ruas lhes podem passar cõ suas



suas procifsoens, nem casamentos. E como estes priuilegios de castas são antiquissimos, nem os mesmos Gentios se sabê determinar, de que casta sejaõ.

CAPITULO V.

*De um nauio de Castelhanos que foi ter ás ilhas de Maluco que se perdeu. E das cousas que acontecerão a Antonio Galuão capitão de Ternate.*

**P**ORQUE as cou-  
sas de Diu nos não  
deraõ lugar pera cõ-  
tinuarmos com as de  
Maluco, o faremos a-

gora aqui, com as que socederaõ,  
parte do anno de trinta & sete, &  
parte do de trinta & oito. E con-  
taremos primeiro de um nauio  
Castelhano que se perdeu nos Pa-  
puas o anno de trinta & sete. Mã-  
dou Fernão Cortez ao Perú um  
Fernão Grizalua em dous nauios  
com um presente ao Piçarro, & da  
torna viagem despedio com a re-  
posta o outro nauio, & elle foi só  
descubrir hūas ilhas que estauão  
ao Ponente, por auer sospeitas de  
ferem riquissimas de ouro: & por-  
que este regimêto do Cortez sem-  
pre o leuou em segredo, tomaraõ  
alguns occasiã pera dizerem que  
o Grizalua ya fogido, por ser me-  
xiricado de certas culpas. Partio e-

ste homem do porto de Pageta q̃  
está em seis graos do Nòrte, no  
principio de Abril, no anno de  
trinta & sete, & correo a Oeste, &  
a Sudueste, a tè se pór em vinte &  
noue graos do Sul. E por lhe ren-  
der o masto arribou em popa á li-  
nha, & morreolhe neste caminho  
o Piloto: & por aquella derrota foi  
a tè se pór em dous graos do Nòr-  
te, a onde lhe acabou de quebrar  
o masto: & remedeandoo cõ hūas  
entenas, foi correndo a tè vinte &  
cinco graos: & indo demandar a  
terra, cuidando que tomassê a Ca-  
lifornia, não achou nenhum final  
della. E por que os ventos eraõ  
Lestes, & Nordestes rijos, determi-  
nou de tornar pera a Equinocial,  
como fez.

Indo assi em sua derrota lhê re-  
quereraõ os da nao que arribassê  
a Maluco, por cursarem pera lá os  
tempos: mas disto se escusou elle  
com lhes dizer que não queria ser  
auido por traidor, nem entrar nas  
demarcaçãoens d'Elrey de Portu-  
gal, sobre o que teue paixoens com  
os officiaes, & vindos ás armas foi  
o Grizalua morto, com um seu so-  
brinho chamado Lopo Dáualos,  
& em seu lugar elegeraõ os da nao  
o Mestre que logo tomou a der-  
rota de Maluco, & acharaõ tantas  
calmarias, que poseraõ coatro me-  
ses a tè os Papuas, que foi a pri-  
meira terra que tomaraõ, & yaõ já  
taes, que não auia mais de sete ho-  
mens viuos: porque todos os mais  
lhe



lhes morreraõ de fomes & trabalhos. Chegando aqui se lhes acabou de despedaçar o nauio de poder, & milagrosamente se sustetou a tẽ entaõ no már, por auer dez meses que nelle andauaõ. E metẽdossej effes que ficaraõ no batel, foraõse de longo de hũa ilha chamada Crespei, donde lhes fairaõ muitos negros, & tantos se meteraõ no batel que o alagaraõ, saluandosse os Castelhanos em terra onde os catiuaraõ, & foraõ leuados a vender por essas ilhas miseravelmente: & alguns foraõ ter a Maluco neste anno de trinta & oito, que Antonio Galuaõ recolheo & fez muitos galalhados, mandãdolhes dar tudo o de que tinhaõ necessidãde. Neste mesmo tempo andaua hũa armada de coffairos d'aquellas ilhas, que tinhaõ feito grandes roubos & danos, auexãdo & maltratando toda aquella Christandade: & sobre tudo ameaçando a todos, que auiaõ de ir sobre Ternate. Disto foi logo Antonio Galuaõ auisado: & como naõ tratava de mais, que do seruiço de Deos, & de seu Rey, determinou de acodir áquellas cousas. E pediu aos Reys de Tidore, & Ternate, algũas Corocoras, que lhe deraõ armadas, & com gẽte, & nellas mãdou embarcar d'esses poucos Portugueses q̃ auia alguns, & fez capitã mór vm clerigo chamado Fernaõ Vinagre, homẽ de muito animo, & de bom entendimento.

Este partio com esta armada em busca da dos coffairos, & tẽdo della auiso a foi demandar: & encontrandosse se enuestiraõ, sendo o padre o primeiro que abalroou á capitania, onde se baldeou logo armado em hũas couraças, com hũa espada & rodella, sendo acompanhado de alguns dos seus: & de maneira pelejaraõ, que com morte dos mais dos imigos axorou a Corocora, & a tomou por popa da sua, & foi ajudar as da sua companhia que estauaõ trauadas. Como as dos imigos viraõ o seu capitã mór destroçado, fogiraõ as que poderaõ, & todauia ficaraõ nas mãos dos nossos a mór parte. Desbaratada a armada foi o padre capitã com ella á toa, visitar todas aquellas ilhas, por que vissem os imigos o castigo que dera aos coffairos, & pera que se refreassẽ foilhes dando em suas pouoaçoens, destruindolhas, & assolandolhas, & aos Christaõs que achaua fazia muitos mimos & galalhados, prometendolhes sempre fauor & ajuda, & persuadindoos a estarem firmes na fé, dandolhes do que podia. Isto fez com tanto amor & brandura, que naõ só obrigouaos Christaõs ao serem de verdade, mas ainda forçou a muitos Gẽrios a irem pedir o baptismo, com grãdes exteriores, de vontade liure, & naõ forçada, que elle consolou, & bautizou, exercitando em quanto por ali andou com muita caridade o



de o officio de verdadeiro preládo, & de muito bom capitaõ. E não auendo mais que fazer, voltou para Ternate, onde foi muito bem recebido.

Poucos dias depois teue Antonio Galuaõ por nouas, que era chegada a Amboino hũa armada de luncos de laoa, que vinhaõ a resgatar crauo: & temendo que sua vinda causasse algũa alteraçãõ, & nouidade naquelles Reys que tinha conseruados em amizade, & com quem ya pairando por necessidade, & que sobre isso lhes dadassem o preço ás drogas, o q̃ feria grande perda do seruiço & fazenda d'Elrey: ordenou com muita pressa vinte & cinco Corocoras, assi das que tinha como de outras que aquelles Reys lhe deraõ, & mandou embarcar nellas corenta Portugueses, & coatro centos dos naturaes, & fez capitaõ mór Diogo Lopez d'Azeuedo: a quem deu por regimêto, que fosse por todas aquellas ilhas em busca dos luncos, & pelejasse com elles.

Partida esta armada tomou a derrota de Amboino, & chegando aquella ilha ouue vista dos luncos, que eraõ dez muito grandes, & preparando a sua armada os foi logo inuistir, por lhe parecer que teriaõ a mór parte da gente em terra, & como de feito assi era. E dâdolhe primeiro a sua salua d'artelharia, & pondolhe as proas, baldeouffe dentro com os Portugue-

ses, a pezar de muitos golpes dos laos, que acodiraõ a lhes defender a entrada: & assi dentro nelles se trauou hũa muito cruel batalha, por que os laos saõ os mais esforçados homens de todas aquellas partes (& assi se traz por adagio, Malayos namorados, laos valentes.) A briga nos luncos andou muito acesa, em que os nossos depois de muitos trâces deixaraõ os laos espedaçados, & os luncos rendidos, os cinco delles, que effes só se abordaraõ: os mais vendo a couisa taõ mal parada, largaraõ as velas & foraõse acolhendo. Nos que ficaraõ presados se acharaõ algũas peças d'artelharia, muitas monicoens, & hũa soma de dinheiro, & fazendas que traziaõ pera o resgate do crauo, de que tambem já acharaõ algum. Com esta vitoria ficaraõ todos os d'aquellas ilhas amedrontados, & foraõ muitos d'aquelles senhores a dar a obediência a Diogo Lopez d'Azeuedo, por q̃ foi costeando todas aquellas ilhas, & castigando alguns reueis, & aos que se yaõ someter debaixo desta vassalagem, fazia grandes gasalhados, & passualhes seguros, & cartas de vassalagem.

E como neste tempo eraõ os homens taõ zelosos da fé de Christo, que nunca cortaraõ com a espada temporal, que tãbem o não fizessẽ com a espirital: não quis Diogo Lopez d'Azeuedo ser nesta parte auido por seruo inutil, & assi não



naõ chegou a qualquer ilha d'aquellas que naõ conuidasse aos natu-  
raes pera as vodas do Senhor,  
por meyo de vm sacerdote que  
comsigo leuou, & assi trouxe á ma-  
nada & rebanho do Senhor os lu-  
gares de Atiua, Matelo, & Meciu-  
el, cujos moradores receberam a  
agoa do santo Baptismo, com grã-  
de alegria & contentamento de to-  
dos, sendo os primeiros os Gover-  
nadores & regedores delles. Mas  
como os ministros Euangelicos e-  
raõ entaõ mui poucos, ficaraõ e-  
stes tenros filhos da igreja desten-  
tados, por naõ auer quem os fosse  
sustentando com o leite da dou-  
trina de Christo, & de seu sagrado  
Euangelho, ficando Christaõs só  
nos nomes. Diogo Lopez d'Aze-  
uedo, depois que por ali fez tudo  
o que ya, & que lhe chegou a  
moução, le recolheo a Ternate, a  
onde foi muito bem recebido do  
capitaõ, & de todos. Neste estado  
deixamos por hora as cousas de  
Maluco a tẽ tornar a ellas.

CAPITVLO VI.

*Da armada que este anno de  
trinta & noue partio do rei-  
no, de que era capitaõ mór  
Diogo Lopez de Sousa: &  
de como o Camorim mandou  
pedir pazes ao Visorrey dom  
Garcia de Noronha: & dos  
capitulos com q̃ lhas concedeo.*

Anno 1539.



O Mo roim socello  
das Galés dos Ru-  
mes, & mais armada  
que veyo cercar a  
fortaleza de Diu (a  
que podemos chamar disbarato,  
pois se recolheraõ fogindo, com  
quasi a metade da gente morta, &  
muitas vazilhas menos) ficaraõ to-  
dos os Reys vizinhos taõ assom-  
brados, que como pasmados, cui-  
dando nesta jornada, & potencia  
da armada do Turco, naõ podião  
acabar de crer aquillo, (por que na  
imaginação de todos auiaõ por ex-  
tinguido de todo o nome Portu-  
gues d'aquella feita: & que os Ru-  
mes ficariaõ senhores de tudo o q̃  
elles possuyão no Oriente: porque  
em todo elle naõ ha mór terror &  
espanto, que este nome de Rumes,  
por que pera os senhorear a todos  
segundo em suas imaginaçoens e-  
stauaõ temidos, & receados, naõ e-  
ra necessario taõ potente armada,  
mas em qualquer parte que qui-  
nhentos Rumes possessem os pés,  
se lhes despejaria logo tudo, sem  
golpe de espada.) E vendo agora  
hũa tamanha armada que atoa-  
ua o mundo, recolherse taõ disba-  
ratada das mãos de taõ poucos ho-  
mens, encolhidos todos trataraõ  
de solicitar a amizade dos Portu-  
gueses, mandando logo o Zama-  
luco, & o Idalxá visitar ao Visor-  
rey, & a confirmar as pazes. O Ca-  
morim & Imperador do Mala-  
uar,



uar,taõ poderoso,& respeitado entre todos os Reys da India, & taõ conhecido por todo o mundo,(taõ to, que por toda a Europa se não nomeaua, se não por Rey de Calecut.) Este desejando de não viver com sobrefaltos, & de grãgear a amizade dos Portuguezes, pera se conseruar em seus reinos,& ainda com seu fauor dilatalos: tratou este inuerno este negocio com Manoel de Brito, capitão da fortaleza de Chalé, a quẽ pedio quisesse ser terceiro com o Visorrey nas pazes & amizades q̃ com elle desejava ter. E tanto puxou por isto q̃ se lhe offereceo pera ir a Goa, em companhia de seus Embaixadores a falar ao Visorrey, o que o Camorim estimou muito. E mandando negociar China Cotiale seu Regedor mór, com muito grande acõpanhamento pera esta jornada, se foi a Chalé, a onde Manoel de Brito o recebeo mūy honradamente, tendo já embarcaçoens prestes pera passar com elle a Goa. Tanto q̃ entrou Setembro, se começou a embarcar,& se fez á vela, deixãdo a fortaleza entregue ao Alcaide mór: & a dez de Setembro chegaram á barra de Goa, juntamente cõ a armada, que aquelle anno tinha partido do reino, que eraõ cinco naos, de quem vinha por capitão mór Diogo Lopez de Sousa, & os mais capitaens, dom Roque Tello prouido com a fortaleza de Cofala, Aluaro Barradas, Simão Sodré,

Anrique de Sousa Chichorro, que o Visorrey dom Garcia de Noronha mandou de Moçambique cõ recado a Portugal, como já dissemos no capitulo 9. do 3. liuro. Sabendo o Visorrey da chegada dos Embaixadores á barra, mandou recado a Manoel de Brito que se detiuesse em Pangim, em quanto se preparaua o recebimento que queria fazer ao Embaixador, mandando agasalhar ali mūy bem,& fez ordenar as cousas necessarias pera elle,& que se lhe preparasse todas as Galés & Fustas pera sua entrada,& aposentos guarnecidos a seu modo. Dahi a alguns dias o recebeo com grande majestade. Estaua o Visorrey dom Garcia de Noronha de tabardo & béca de veludo, barrete redondo com golpes & pontas de pedraria, espada & adaga d'ouro, borzeguis & pantufos de veludo, que era o verdadeiro & antigo trajo Portuguez. E como era de taõ grande estatura de corpo, que lhe sobejaua todo o pescoço por cima de todos os fidalgos que na India auia,& que ali o estauaõ acompanhando,& era de oitenta annos, com hũa barba branca grande & comprida: em sua veneranda pessoa parecia logo dino do cargo que representaua. O Embaixador vinha em meyo do capitão da cidade, & de Manoel de Brito que o leuaua pela mão: & así o apresentaraõ ao Visorrey, que o abraçou, estando

Z

enco-



### *Quinta Decada.*

encostado a hũa cadeira de brocado debaixo de vm docel do mesmo.

Passadas as palauras ordinarias de comprimentos, & de lhe perguntar por Elrey & Principe, o despedido, & mandou agasalhar. Dahi a alguns dias o tornou a ouuir presente Manoel de Brito, Secretario, Veador da fazenda, & mais officiaes, & vieraõ a falar em pazes: o Visorrey lhe mandou que desse os apontamentos ao Secretario pera os verem em conselho, que elle deu, & o Visorrey os mandou lér (presentes todos os fidalgos) q̃ pera isso foraõ chamados, & debatidos, & vistos mûy bem, se vieraõ a concluir as pazes com os capitulos seguintes.

Que o Camorim se obrigaua a dar toda a pimêta de seus reinos pellos preços que a daua Elrey de Cochim: & que o Visorrey lhe largasse a ilha de Camaraõ dorite, que estaua no rio de Chalê, que lhe tinhaõ tomada: em que se faria o pezo, & entrega da pimenta que auia de dar.

Que todo o gengiure de suas terras daria a rezaõ o bår, de nouenta & dous fanoens, entrando nelles os direitos que elle Camorim auia de auer.

Que o Visorrey lhe daria licença pera mãdar cada anno nas naos do reino, por cada cem bares de pimenta que vendesse a Elrey, dous bares & meyo forros pera si, que

### *Da historia da Índia.*

lhe pagariaõ em Portugal a quinze cruzados por cada quintal, & q̃ o dinheiro que nisso se montasse lhe mandariaõ empregado em azougue, vermelhaõ, em coral (fazendas que entaõ eraõ mais requeftadas que todas, & respondiaõ muito.) E a pimenta que embarcasse por sua conta, correria o risco d'Elrey de Portugal, & que perdêdosse algũa naõ, elle seria obrigado a lhe pagar o que nella perdesse. E que todas as fazendas q̃ viessem do reino por sua conta, se lhe entregariaõ na nossa fortaleza de Chalê, ou em Cochim, forras de todos os gastos & despezas, & isto pella muita perda que elle Camorim recebia nos direitos da pimêta que os mercadores de Meca yaõ comprar a seus reinos, por lha naõ poder agóra vender, pella obrigaçaõ do contrato.

Que lhes deixariaõ levar aos mercadores Portugueses, todas as fazendas que quisesse, pera irem vender a Calecut, a onde pagariaõ os direitos ao Camorim, & nelles, & nas vendas, lhes fariaõ muitos fauores.

Que lhe dariaõ seguros a suas naos pera nauegarẽ pera onde quisesse, sem se lhes fazer agrauo algũ, & o q̃ lho fizesse fosse por isso muito bem castigado. Que lhe naõ tirariaõ as jangadas q̃ ao presente tinha em suas terras.

Que quãto á quebra q̃ o Camorim tinha cõ Mangate Caimal: q̃ o Visor-



o Visorrey os cõporia de maneira, que o Mangate ficasse satisfeito.

Que elle Camorim não faria guerra a amigo algum do estado, & q̃ recebendo algũ agrauo de algũ delles, o faria a saber ao Visorrey, ou Governador da India, pera lho emendarem, & satisfazerem: & q̃ não tẽdo elle Camorim o tal cõprimeto, em tal caso o Visorrey ajudaria á pessoa a que elle fizesse guerra, sem por isso quebrar o juramento das pazes. E se o Rey ou senhor com q̃ elle Camorim tiuer algũas differenças, não quizer estar pello que o Visorrey, ou Governador ordenar, em tal caso elle Camorim o poderia castigar.

Que outrossi não consintiria, nẽ a seus vassallos, nem a mercadores estrangeiros, nauegarẽ de seus portos pera os de Meca, nem pera os da costa de Arabia: por que não leuassẽ de seus reinos a pimenta, & gengiure, que era obrigado a dar a Elrey de Portugal, por estes contratos.

Que elle Camorim seria obrigado, a dar toda a ajuda & fauor, ao que governasse o estado, quando lhe fosse requerida, & pedida: & que não receberia em seus portos Turcos, nem Rumes: nem outros imigos do estado.

Que em todas as suas terras, nem de seus vassallos, ouuesse dali por diante nauio algũ ligeiro de guerra, nem de paz, & que todos os que eraõ feitos se aleuantassẽ, & fizes

sem de feição, q̃ não podessem servir mais que pera carga.

Que duas bombardas nossas q̃ tinhaõ tomadas nas guerras passadas de Cochim, as mandaria logo entregar.

Que todos os q̃ em seus reinos não quisessem cõsentir, nem estar por estes contratos de pazes, os lançaria fora delles: & se se não quisessem ir, o Camorim os mandaria matar: & o mesmo poderia fazer a pessoa que governasse o estado, sem o Camorim se escandalizar, antes lhe dar pera isso toda ajuda & fauor.

Que o Visorrey iria a Calecut verse com o Camorim, pera ambos jurarem estas pazes.

Destes cõtratos se fez assẽto no liuro delles pello Secretario Ioaõ da Costa, em q̃ se assinarãõ o Embaixador de Camorim, China Cotiale, q̃ pellos poderes q̃ tinha d'Elrey seu senhor os aceitou, & cõ elle os officiaes d'Elrey, & algũs fidalgos. E logo o Visorrey mandou apregoar as pazes, por toda a cidade de Goa, o q̃ se fez com grandes solenidades, festas, & alegrias de todos. Mandando o Visorrey logo negociar a armada pera se embarcar, despachando as naos da carreira, pera irem a Cochim tomar a carga: mandando vm Galeão com prouimentos a Ceilaõ, & outros pera as fortalezas de Diu, & Ormuz, negociandosse o mais depressa que podia pera se embarcar.



CAPITOLO VII.

*De como o Visorrey dom Garcia de Noronha adoeceo, & mandou seu filho dom Aluaro a jurar as pazes com o Camorim. E de como Antonio da Sylueira se embarcou pera o reino: & de como là foi recebido.*



NDANDO o Visorrey negociãdo-se pera se embarcar, pera se ir ver com o Camorim, como ficou assentado no contrato das pazes: veyo adoeecer de hũas febres: & como era muito velho, ficou logo tão fraco, q̃ quasi não estaua pera governar. Pello q̃ assentou em conselho, q̃ fosse em seu lugar seu filho dom Aluaro, com Diogo Lopez de Sousa, capitaõ mór das naos do reino (q̃ em Goa ficou pera acompaõhar o Visorrey.) E por coadiutores dõ Ioaõ de Castro, Fernão Rodriguez de Castello brãco, veador da fazêda, & Secretario: dãdo-lhes procurações bastãtes pera em seu nome jurarem as pazes com o Camorim. E por q̃ isto era já entrada de Dezembro, embarcaraõ-se com muita pressa, despedindo o Visorrey o Embaixador do Camorim com muitas honras, & peças pera Elrey, & pera elle: & o mesmo pera Elrey de Chalé, & Tanor:

entregandoo a Manoel de Brito q̃ o trouxe. Dom Aluaro se fez á vela com toda a armada, que era de muitos Galeoẽs, & outros nauios: & os capitaẽs que nesta jornada o acompanharaõ foraõ os seguintes.

Diogo Lopez de Sousa, dom Ioaõ de Castro, Fernão Rodriguez de Castello brãco veador da fazêda, dõ Ioaõ de Lima, dõ Ioaõ Deça, dõ Payo de Noronha, dõ Manoel de Meneses, estes em galeoẽs. Capitaẽs de Carauelas, Frãcisco de Bairos, Diogo de Sousa, & outros. De Galẽs, Ioaõ de Mẽdoça, Fernão de Lima, Pero de Lemos, dõ Ioaõ Manoel o Alabastro, Ioaõ de Sousa Rates, & Manoel de Sousa de Sepulueda. Capitaẽs de galeotas & fustas, o Secretario, dom Manoel de Lima, Bernaldim de Sousa, dom Ioaõ Mascarenhas, dom Tristaõ de Soto Mayor, dom Frãcisco de Meneses, Martim Correa da Sylua, dom Diogo d'Almeida Freire: Frãcisco de Sá dos oculos, Fernão de Sousa de Tauora, dom Frãcisco de Noronha, dõ Diogo de Vascõcellos, Tristaõ de Tayde, & outros a q̃ não achamos os nomes. E seguindo sua jornada foraõ sorgir na barra de Pananẽ, a ondẽ o Camorim estaua. Dõ Aluaro mãdou logo desembarcar Manoel de Brito cõ o Embaixador, pera q̃ o fosse entregar ao Camorim, que já o esperaua cõ todos os grãdes, o recebeo cõ muitas hõras, & Manoel de Brito lhe entregou o seu Embaixador que



que leuaua pella mão, assi como o elle fez quando se embarcou pera Goa. O Camorim festejou muito Manoel de Brito, que foi ser hospede do Embaixador, & o Camorim mandou logo visitar dom Aluaro com algum refresco. E tratandosse do modo que se auia de ter no jurar das pazes, de que o Camorim tinha mostrado muito gosto, não poderaõ concluir nas vistas, por rezaõ das preheminências. Pello que se assentou que fosse a terra o Secretario pera com Manoel de Brito as ver jurar, o que se fez ao outro dia com muito grande solennidade, de que se tiraraõ instrumentos. Feito isto, mandou o Camorim, China Cutiale a ver jurar as pazes por dom Aluaro, & com elle tres ou coatro dos de seu conselho. Dom Aluaro tinha no seu Galeaõ todos os fidalgos, & capitães, & elle muito embandeirado, & fermosamente aparamentado, & na tolda os recebeo, onde se fez aquelle auto, ao som de muitas charamelas, trombetas, & saluas da artelharia de toda a armada. Disto se fizeraõ papeis assina-dos por todos.

Acabada esta solennidade, deu dom Aluaro aos do Camorim, peças de brocado, & de escarlata, por que leuaua pera isso muitas, despedindoos muito satisfeitos, & em sua companhia o Secretario, por quem dom Aluaro mandou de nouo visitar o Camorim, & o Prin-

cipe com peças mūy ricas de presente. O Camorim mandou logo apregoar as pazes em Pananè, & Calecut, com grandes solennidades de instrumentos a seu modo, & o mesmo fez dom Aluaro em toda a armada com grandes mostras de alegria. Dali por diante ficaraõ correndo em amizade. Estas pazes duraraõ perto de trinta annos, que foraõ os mais felices que a India teue: porque por toda a costa do Malauar passauaõ nauios de mercadores Portugueses, grandes, & pequenos, carregados de muitas fazendas com dous homens, forgindo por todos aquelles portos, & bayas, sem receberem vm muito pequeno agrauo.

Concluidos os negocios de Pananè, foisse dom Aluaro pera Cochim, onde deu grande pressa á carga das naos, & a tè dez de Janeiro as fez á vela. Dom Esteuaõ da Gama que inuernou em Cochim, a onde fora ter o Março passado, vindo de Malaca, estandosse negociando pera se ir naquella armada pera o reino, dizem que o deixou de fazer por hūas cartas que pellas mesmas naos teue do Conde do Vimioso, sogro do Conde Almirante seu irmaõ, em que lhe dizia, que se Martin Afonso de Sousa fosse ido pera o reino que se deixasse elle ficar na India: & quando não, que se fosse: no que lhe daua claramente a entender, estar na primeira soces-



saõ a pos Martim Afonso de Sousa.

Nesta armada se embarcou Antonio da Sylueira, o do cerco de Diu (a que com muita rezaõ poderamos dar o sobre nome de grãde) que chegando ao reino o forãõ buscar à nao, o Marquez de Villa real, o Conde do Vimioso, o da Vidigueira, o de Sortelha, o do Redondo, & todos os fidalgos & senhores da corte, que o leuaraõ a Elrey dom Ioaõ, q̃ o esperou em casa da Raynha com os lffantes, onde o recebo com muita honra. D'ali se recolheo pera casa de sua molher, filha de Lopo Vaz de Sam Payo, Gouernador que foi da India, que já era morto, com quem estaua desposado por palauras de futuro, (cujo casameto fez seu pay na India, antes de ser Gouernador, como no capitulo terceiro do liuro primeiro da coarta decada temos dito.) Esta senhora o esperaua com todos os parentes & parêtas, pera celebrarem os esposorios. E indo Antonio da Sylueira pello caminho, deteu effe antes de chegar a sua casa, dizêdo ao Marquez & áquelles Condes que o acompanhauaõ, que lhe era necessario tornar a Elrey a lhe pedir licença pera receber sua molher, por que lhe esquecera de o fazer quando lhe beijara a mão. O Conde do Redondo lhe disse que se detiueffo q̃ elle lha iria buscar. E voltando pera o paço entrou com Elrey, & lhe deu conta do negocio: Elrey lhe

disse que era muito contente de elle a receber. Com esta licença chegaraõ a sua casa, a onde estauaõ todos os parentes della, & vm prelado os recebo perante todos.

Era taõ grãde a fama deste homem, & foi taõ espantoso o cerco q̃ sustentou, que todos os Reys Christaõs o mandaraõ visitar pello Embaixadores que traziaõ na corte, & darlhe os parabês das victorias que na India ouue. E Elrey Francisco de França o mandou tirar pello natural, & o seu retrato foi posto na casa da fama, antre os varoens famosos. Era homem de meã estatura, grosso, espadando, de vm juizo sotil & agudo: de grãde coração, & taõ liberal, que se ouue por prodigo. E assi lhe fez isso no jo com Elrey, por que o laneiro de corenta & vm, em que determinaua de prouer a India de Gouernador, o mandou chamar a Almeirim, & dizem que com tençaõ de o mãdar á India, & ali esteue com grandes gastos & despezas, dando banquetes aos senhores da corte, em que despendeo muito. Isto se lhe estranhou taõ, que naõ faltou quem disseffo a Elrey, que lhe naõ conuinha mandar á India homem que tanto sem ordem gasta sua propria fazenda. Pello que Elrey dissimulou, & elegeo pera Gouernador da India Martim Afonso de Sousa, como em seu lugar diremos. E a Antonio da Sylueira despachou com a capitania de Machico



chico na ilha da Madeira de juro  
& de herdade, que renderão então  
quasi oitocentos mil reis.

Viuiu este fidalgo da filha de  
Lopo Vaz logo, por q̃ durou pou-  
co, & casou segunda vez com hũa  
filha de Ruy Fernandez d'Alma-  
da, feitor, & Embaixador d'Elrey  
em Flandes, taõ honrado fidalgo,  
que indo em seu lugar outro a ser-  
uir aquella feitoria, & embaixada,  
dizendo a Elrey de França, que o  
que ya era taõ bom homem co-  
mo Ruy Fernandez, respondeo: se  
elle he tal, affas de forte bom ho-  
mem he. Deraõlhe com esta mo-  
lher, corenta mil cruzados, que lhe  
duraraõ pouco por sua condiçaõ,  
& chegou depois a estado que vê-  
deo a capitania de Machico ao  
Conde do Vimioso, por outros co-  
renta mil, & assi morreo depois  
pobre: mas sempre honrado, por  
que nunca se acanhou em cousa al-  
gũa. Depois de falecer Antonio da  
Sylueira, casou esta senhora, que se  
chamaua dona Clara, com Ruy  
Telez Mordomo mór do Iffante  
dõ Luis, & Alcaide mór de Moura.

### CAPITOLO VIII.

*De como o Visorrey dom Gar-  
cia de Noronha faleceo: &  
das partes, & quali-  
dades de sua  
pessoa.*

**D**E POIS que dom  
Aluaro de Noro-  
nha despachou as  
naos pera o reino,  
deu á vela pera Goa  
indo em sua companhia dom Este-  
uaõ da Gama. Foi deuagar por cau-  
sa dos Noroestes. De passagem vi-  
sitou as fortalezas de Chalé & Ca-  
nanor, deixando alguns nauios de  
remo por aquella costa, por causa  
de alguns ladroens formigueiros  
se os ouuesse: & em fim de Março  
chegou a Goa, achando o Visorrey  
seu pay ja muito mal. E foi sua doé-  
ça em tanto crescimento, que des-  
confiaraõ os medicos delle: por q̃  
era muito velho, & decrepito. E  
mostrãdo claros sinaes de sua fim,  
foi auisado por religiosos: pello q̃  
logo fez todos os autos de Chri-  
staõ, primeiro que tudo. Depois  
mandou chamar todos os fidal-  
gos, & lhes mandou dizer pello  
Secretario, que bem viaõ o estado  
em que estaua esperando por ho-  
ras o fim derradeiro: pera o que  
lhe era necessario desembaraçar-se  
de todos os negocios da vida, pois  
auia de entrar em outros mais im-  
portantes da outra, que eraõ os da  
alma. E por que o seruiço d'Elrey  
naõ perecesse lhes pedia, quisesse  
consentir, que seu filho dom Alua-  
ro gouernasse por elle, em quanto  
elle assi estaua: & que depois de  
falecido se faria o que Elrey man-  
daua nas soceffoens. Os fidalgos  
lhe responderaõ, que Deos lhe da-  
ria.



ria ainda vida & saude pera os gouernar a todos: & que se consentissem no que lhes pedia, & vissem outrem em seu lugar, aueriaõ que ja era morto: que em quanto o tinhaõ viuo, estauaõ todos contentes & satisfeitos: que aquillo era já perto do inuerno em que auia pouco que fazer, pera o que bastaua o veador da fazenda (isto disseraõ elles, por que dom Alvaro era ainda mancebo, & naõ queriaõ que os mandasse em cousa algũa.) O Visorrey naõ replicou a isto, antes mandou ao Veador da fazenda Fernaõ Rodriguez de Castello brãco, que corresse muito depressa cõ os prouimentos das fortalezas, o q̃ elle fez com muita breuidade: despachando vm Galeaõ pera Maluco, & despachado dom Iorge de Crasto pera ir entrar naquella capitania de q̃ estaua prouido, por ter acabado seu tempo Antonio Galuaõ: prouendo tambem as mais fortalezas da India: despachando muitos fidalgos pera irẽ inuernar a ellas, principalmente pera Baçaim onde foraõ dar mesa, Fernaõ de Sousa de Tauora, Fernaõ da Sylua Alcaide mór & Comendador de Alpalhaõ, Francisco de Sã dos oculos, dom Luis de Tayde, Antonio de Souto Mayor, dõ Iorge, & dom Aleixo de Meneses ambos primos. O Visorrey recolheõ se com seu confessor, & outros religiosos, tratando das cousas de sua alma, fazendo seu testamẽto mui-

to á sua vontade, sem cõsentir que se lhe falasse em negocio algum. E como o seu mal era de morte, & com mais rezaõ se podia dizer q̃ era velhice, que infirmitade, entrou no artigo derradeiro: & tomando os diuinos Sacramentos, com grandes mostras de Christaõ, & de arrependimento de suas culpas, falecco aos tres dias do mēs de Abril, deste anno em q̃ andamos de corenta, tendo gouernado a India vm anno & sete mēses. Foi sua morte muito sentida de todos, pelas partes & qualidades de sua pessoa: que por ellas, & por sua idade, & fidalguia, lhe tinhaõ todos muito grande respeito. Seu corpo foi leuado á Sé de Goa, & depositado na capella mór, onde jaz no chaõ, & tem hũa campa de pedra marmore com suas armas & leitreiro. Fizeraõselhe os officios a seu enterramento com muita solennidade, estãdo presentes todos os fidalgos, & officiaes da cidade, & d'Elrey, todos vestidos de dõ.

Foi este Visorrey dom Garcia de Noronha filho de dom Fernando de Noronha, & neto de dom Pedro de Noronha Arcebispo de Lisboa, filho do Conde Gizaõ. Dom Fernando seu pay foi casado com dona Costança de Crasto, filha de Gonçalo d'Albuquerque, senhor de Villa verde, pay do grãde & valeroso capitaõ Afonso d'Albuquerque, Governador que foi da India, desta senhora ouue dom



dom Fernão estes filhos. f. dom Aluaro q̃ foi capitão de Azamor, pay de dom Fernão d'Alvarez de Noronha, dom Antonio de Noronha q̃ morreo na toimada de Goa, dom Afonso de Noronha que foi capitão de Sacotorá: & este dom Garcia q̃ foi casado com hũa filha de dom Aluaro de Castro Governador de Lisboa, q̃ já fora molher de Aires Telez filho herdeiro de Ruy Telez. Della ouue dom Garcia estes filhos. f. dom Aluaro de Noronha, que depois foi capitão da fortaleza de Ormuz, dom Bernardo que o não quis ser, & dom Antonio de Noronha que foi capitão de Malaca. Foi este dō Garcia á India a primeira vez o anno de mil quinhentos & onze, por capitão mór de hũa armada de seis naos, & ficou na India com seu tio Afonso d'Albuquerque. Achouffe na tomada de Benastarim, foi á

quelle anno á Cochim com poderes do Governador fazer a carga das naos, & fez pazes com o Camorim, & desta vez lhe concedeo lugar em Calecut pera fazer a fortaleza: achouffe na escalla da cidade de Adem. Foi o anno de treze outra vez a Cochim fazer á carga das naos, de q̃ era capitão mór loão de Sousa de Lima. Foi outra vez a Ormuz (quando seu tio Afonso d'Albuquerque foi fazer aquella fortaleza) & trouxe de lá na sua nao os quinze Reys cegos, que não eraõ Reys, como em outro lugar diremos, & foisse aquelle anno pera o reino por capitão mór das naos, & lá se seruió Elrey delle muitas vezes nos lugares de Africa, & em outras partes. Primitirá o Senhor que tambem se ouuesse delle por seruido, & que lhe tenha dado sua gloria, & que nella sua alma descanse perpetuamente.

*Fim do Sexto Liuro.*

LIVRO





# LIVRO SETIMO

## DA QVINTA DECADA

### DA HISTORIA DA INDIA.

#### CAPITOLO I.

*De como por morte do Visorrey dom Garcia de Noronha, socedeo na governança da India dom Esteuaõ da Gama: & das cousas em que logo começou a entender.*



ALECIDO o Visorrey dom Garcia de Noronha: estando seu corpo depositado na capella mór da Sé de Goa, depois de feito o officio todo, antes de o enterrarem, abriu o Veador da fazenda o cofre em que estauão as soccessoens da governança da India, presentes todos aquelles fidalgos: & officiaes: & tirou de dentro a primeira soccessão, que entregou ao Secretario pera a abrir, & elle a mostrou ao pouo, pera que vissem q̃ estaua inteira, & sem se nella tocar, nem bolir: & dandoa ao Ouuidor geral a examinou bem. Feitas estas diligencias conforme ao regimento, o Secretario a abriu, lendo primeiro o sobre escrito que dizia assim. Primeira soccessão da governan-

ça da India, que se abrirá falecendo o Visorrey dom Garcia, o q̃ Deos não permita, & ao pé estaua Elrey assinado. Aberta a soccessão foi o Secretario lendoa alto, & achou nella Martim Afonso de Sousa q̃ era ido pera o reino.

E guardando aquella soccessão tirou a segunda, em que fizeraõ o mesmo exame, & diligencia: & abrindo achou nella dom Esteuaõ da Gama, que estaua presente, que foi leuado nos braços de todos, & ali logo lhe fez o Veador da fazenda entrega da India, pella ordem & regimento do estado, dando della a menagem nas mãos do capitão da cidade, & depois tomou o juramento de cumprir com as obrigaçoens de seu cargo, q̃ lhe deu o Ouuidor geral. Acabado este auto, depois do corpo do Visorrey enterrado, recolheosse o Governador pera sua casa, acompanhado de todos os fidalgos, & vereadores da cidade.

A primeira cousa que fez ao outro dia, foi, mandar pello Ouuidor geral, & Prouedor mór dos defuntos, fazer inuentairo de toda sua fazenda, o que se fez com todas as solennidades, & exames necessarios;



O rios, & ordinarios, tomando elle juramento, & dandosse ás pessoas q corriaõ com sua fazenda. Isto fez este Governador por que estaua muito rico, & naõ queria que dissessem, que adquirira tanta fazenda no cargo, por que determinaua de ser nelle muito puro, & desinteressado como foi. E segundo ouuimos a algũas pessoas d'aquelle tempo dinas de credito, montou sua fazenda perto de duzẽtos mil pardaos, coufa que podia ser, por q herdou a de seu irmaõ dom Paulo, & seruiõ de capitaõ da fortaleza de Malaca cinco annos, por que lhe deu Elrey o tempo que restou de seu irmaõ, como ja dissemos no capitulo onze do oitauo liuro da coarta decada. Feito isto, despedio o Governador logo recado a todas as fortalezas da India, fazendolhes saber de sua soçessão, & a voltas das cartas do capitaõ de Baçaim Ruy Lourenço de Tauora, escreueo a Fernão de Sousa de Tauora, de quem era especial amigo que se fosse inuernar a Goa: & assi o fez, por que em lhe dando a carta do Governador, logo se embarcou em hũa Galeota que lhe deu o capitaõ, que era do seruiço do rio, por que todos os mais nauios estauaõ já varados: & ainda esta lhe deu com lhe prometer de lha tornar a mandar, por que a naõ escusaua. Embarcaraõse com elle dom Iorge, & dom Aleixo de Menezes ambos primos. Chegados a

Dabul, por que acharaõ ameaços do inuerno, desembarcouffe Fernão de Sousa de Tauora cõ os outros fidalgos, pera d'ali se irem por terra, & despedio com muita pressa a Galeota pera Baçaim, por que quis antes arriscar sua pessoa em ir por terra, que sua palaura: no que os fidalgos d'aquelle tẽpo traziaõ tanto posto o primor, que antes morreriaõ mil mortes, que cairem em hũa tacha taõ auorrecida ainda em gente baixa, quanto mais em homens que pello sangue tem tantas obrigaçoens, & taõ differẽtes da outra gente.

E assi antre os Gentios & Mouros da India se trazia por exemplo a grande verdade dos Portugueses. E por q depois se mudou isto, com outros muitos & bons costumes, disse vm Rey de Cochim muito auisadamente, que aquelles tempos eraõ os bons em que os Portugueses trouxeraõ á India tres cousas: verdade, espadas largas, & Portugueses de ouro fino: por que esta era a moeda com que naquelles tẽpos se fazia a carga das naos. E por certo que notou aquelle Gẽtio muito bem isto, porque depois que estas cousas vieraõ a faltar na India, declinou ella: por que muitos & mais espantosos feitos se fizeram quando pelejauaõ com espadas largas & ferrugentas, do q se fizeraõ depois com verdugos cõ pridos & dourados, por que aquellas armas traziaõse pera pelejar, & agora



agora vſaõſe eftoutras pera parecer bem. E aſſi dizia Elrey dom Ioaõ o ſegundo, que o bom Portuguez á de ferir com os terços.

E tornando a Fernão de Souſa de Tauora, deſpedida a Galeota pera Baçaim, & elle com os mais tomaraõ o caminho por terra, & em poucos dias chegaraõ a Goa, ſem por todo elle receberem vm pequeno agrauo, aſſi pello grande reſpeito & medo que tinhaõ aos Portugueſes, como pella muita verdade & primor com que elles tratauaõ a todos.

O Governador dom Eſteuaõ da Gama nos primeiros dias deſpedio vm Antonio de Souſa filho da India, q̃ ſabia a lingua Perſia mūy bem, & com elle vm Iudeo chamado Manaffes, pera irem a Ormuz em vm catur muito ligeiro, pera d'ali paſſarem ao reino por terra com cartas a Elrey, do eſtado em que a India ficaua, & de ſua ſocceſſaõ, & pera os Condes da Vidigueira ſeu irmaõ, & do Vimio ſo ſeu ſogro, ſolicitem com Elrey naõ lhe mandar ſocceſſor.

Da jornada deſtes homens naõ achamos lembrança algũa, ſómente ſabemos chegarẽ ao reino, ſendo já nomeado Martim Afonſo de Souſa pera Governador da India: por que teue a valia do Cõde da Caſtanheira ſeu primo com irmaõ, como adiante diremos, & Elrey reſpondeo, que folgara de ſaber que elle governaua, antes de

ter nomeado Martim Afonſo pera ir ſoceder ao Viſorrey dom Garcia de Noronha, & que ſe podera ſem faltar com ſua palavra deixar de o mandar o fizera, pella muita confiança que tinha delle dõ Eſteuaõ o auer de ſeruir bem.

Antre as inſtruções que o Governador dom Eſteuaõ da Gama achou d'Elrey nos papeis de dom Garcia de Noronha, foi hũa, em q̃ lhe encomendaua muito, que mādaffe a Sués queimar as Gálès, por algũas intelligencias, por que naõ paſſaſſem a dar trabalho á India. E querendo elle ſer o autor deſte negocio, determinou de ir em perſoa áquella jornada, por ſer muito importante, & de muita honra, por que eſta deſejaua elle mais que fazenda. Pello que ſe foi por na ribeira a mandar dar preſſa a armada, viſitando a miude os almozás, & prouendoos de todas as couſas neceſſarias. E contaſſe delle que a primeira vez que foi viſitar a ribeira, chamou o Veador da fazenda, & todos os officiaes, & apontador, & toda a mais gente que auia do ſeruiço della, & achou perto de ſetecentos homens Portugueſes, Meſtres, Pilotos, Bombardeiros, marinheiros, grumetes, calafates, carpinteiros, meſtres de bombas, & outros de naos, & nauios, & ſabendo pelloſ pontos paſſados do tempo de Nuno da Cunha, que ſempre paſſaraõ de oitocentos homens, os da obrigação da ribeira, come-



começou a bradar cō os officiaes, por auer tão pouca gente. Trouxemos isto, por q̃ chegou esta ribeira depois a estado de não ter mais de seis sete pessoas, & essas ainda descontentes, & mal pagas.

O Governador foi visitado dos Reis visinhos, com quem confirmou de nouo as pazes, & antre estes foi Elrey de Garzopá, senhor da cidade de Mangalor na costa do Canará que auia muitos annos estaua reuel & aleuantado, sem pagar as pareas, mandouffe reconciliar com o Governador, por vm Embaixador seu chamado Timoja, & deu pellas pareas passadas, oito mil fardos de arroz, & se obrigou de nouo a pagar cada anno dous mil fardos, & que de seus portos nunca mais sairia ladraõ algũ. E posto que o Governador andaua muito occupado na armada, nẽ por isso se descuidou das cousas de nossa religião Christã, tão encarregadas dos Reis de Portugal, a seus Visorreys & Governadores.

E por que em Goa crecia muito a Christandade, & auia muitos moços de diferentes castas, que andauão desagasalhados, ordenou vm Seminario na rua que chamaõ da carreira dos caualos, a que pos nome, o Collegio da sancta Fé, & nelle madoi recolher todos estes moços, tomando a cargo pera maddar correr com sua doutrina o padre Miguel Vaz, Vigairo geral da India, homem virtuoso & Apo-

stolico, q̃ na vinha do Senhor trabalhou, com muito zelo & feruor em quanto esteue na India.

## CAPITOLO II.

*Do que este anno de 1540. aconteceo em Maluco. E de como se descobriraõ as ilhas dos Cellebes, Macaça, Bogis, & outras: & dos Reis. & senhores dellas, que se fizeraõ Christãos: & de como Francisco de Castro descobrio as ilhas de Mindanao.*

**P**OR nos não descuidarmos das cousas de Maluco com que imos continuado por ordeni dos annos, entraremos aqui com o que aconteceo todo este passado naquellas ilhas q̃ deixamos em paz & quietação: & o capitaõ Antonio Galuaõ muito respeitado de todos, tratando mais dõ que compria ao seruiço de Deos & d'Elrey, que do seu proprio particular. Depois de recolhido Diogo Lopez d'Azeuedo com a vitoria dos laos, que atrás contamos no capitulo quinto do sexto liuro, deseioso Antonio Galuaõ de ser vm dos ministros que fizessem soar aquella voz do Euangelho, & em todas aquellas ilhas, & nos fins d'aquellas terras fazer ser ouuida a palavra de Deos,

A a despe-



*Quinta Decada. Da historia da Índia.*

dio vm Ioaõ Fogaça homem honrado em vm nauio pera ir ás ilhas dos Papuas, solicitar a amizade d'aquelles Reys, & ver se achaua nelles disposiçaõ pera o que pretendia. Este homẽ chegou áquellas ilhas, & visitou aquelles Reys, em quem achou mais humanidade do que esperaua, & assentou com elles pazes, & carregou de muitos mantimentos, que os á ali muitos, com que se tornou pera Maluco. No mesmo tempo foraõ a Ternate vns Embaixadores das ilhas dos Macaças (que estaõ ao ponente das de Maluco, perto de sessenta legoas a mais perto) que foraõ muito bem recebidos de Antonio Galuaõ. Vinhaõ entre elles dous mancebos nõbres ambos irmaõs, com quem Antonio Galuaõ tomou grande amizade, & achandolhes disposiçaõ pera o que queria, os conuidou algũas vezes pera banquetes, & os foi apalpando por meyo suaues, pera ver se os podia meter na manada & rebanho do Senhor, & tanto trabalhou nisto, que os rendeo, mandandoos cathechisar, & depois lhes deu o santo Bautismo cõ grande solennidade, & a vm pões nome Antonio, & a outro Miguel Galuaõ: & quando se tornaraõ pera suas terras lhes deu peças & brincoz, de que foraõ taõ satisfeitos, como logo diremos.

Estas ilhas sãõ muitas, & juntas, & andaõ nas cartas de marear lan-

çadas em hũa só muito grande pelo rumbo a que os mareantes chamaõ Nõrte & Sul, perto de cem legoas de comprimento. Quer esta ilha imitar a fõrma de vm gafanhoto grosso, cuja cabeça (que lança pera o Sul, cinco graos & meyo) sãõ os Cellebes, que tem Rey sobre si. Pella Coda que he a parte mais chegada a Maluco atraueffa a Equinocial, & ainda lança quasi vm grao pera a banda do Nõrte. Sãõ estas ilhas senhoreadas de muitos Reys diferentes nas lingoas, definiados nos ritos & costumes. Começando da parte da Coda tem o reino de Bogis, por cima de quem corta a Equinocial. A principal cidade se chama *Savito*, que he grande, de casas sobradadas, & fermosas, mas todas de madeira. Aqui queimaõ os mortos, & suas cinzas se recolhem em vasos que se enterraõ nos campos em lugares separados, onde fazem suas capellas abertas por todas as partes, & todo aquelle anno lhes vaõ todos os dias os parentes levar de comer, que poem em cima das couas, onde os caens, gatos, & aues os vaõ comer, & tomar: & metesselles em cabeça que o defunto o comeo: naõ tem templos: fazem suas oraçoẽs olhando pera os ceos com as mãõs aleuantadas, por onde se vê q̃ tem conhecimento do verdadeiro Deos. Os naturaes naõ tem mais de hũa molher, & os Reys tres & quatro.

Tme



Tem logo o reino de Macaça, sua cidade principal se chama Goa, a qui enterraõ os defuntos.

Tem visinho deste outro reino chamado Dirapa, & a sua cidade principal tẽ o mesmo nome. Estes guardaõ os costumes & ritos dos Bogises, saõ os Reys parentes.

Tem outro reino que chamaõ Chirraná, que tem os mesmos costumes.

Tem outros muitos regulos sojeitos a estes. Ha nestas ilhas algodão, cóbre, ferro, chumbo, & muito ouro de que as molheres fazem manilhas pera os braços. Tem pedraria vermelha de que fazem joyas, sandalo, sapaõ: fazemse nelas muitos & bons panos de seda de muitas feiçoens. Saõ estas ilhas muito abastadas de arroz, legumes, frutas, sal, tem caualos, Alfantes, muitas galinhas, carneiros, bufaras, veados, porcos, perdises, & toda a mais casta do mato, mas não tem vacas. Tem navios de muitas feiçoens, vns a que chamaõ Pelan, que saõ muito ligeiros de remo, com que fazem guerra. Ha outros chamados Lopi, que saõ da carga: & outros maiores a que chamaõ lojoga. Saõ todas estas gentes de cor bassa como os Malucos. Saõ os homens muy bem despostos, & gentis homens, mas sujos no viuer, & muy dados ao peccado nefando: as molheres saõ fermosas, grandes seruiçaes, & todas as que vaõ ter as

maõs dos Portugueses saõ cativas na guerra que sempre fazem vns aos outros, & destas leuaõ todos os annos a vender a Malaca hũa grãde copia dellas.

E tornando aos nossos Christaõs Macaças, que Antonio Galuaõ despedio satisfeitos & contentes, chegãdo a suas terras, fizeraõse novos pregadores da nossa ley, & religiaõ Christã, de quem disse- raõ tantas cousas, que moudos muitos dos naturaes dellas, lhes pediraõ buscasse modo pera serem bautizados. Os novos Christaõs zelosos d'aquelle bem tornaraõse logo pera Ternate, indo com elles outros mancebos nõbres, q todos foraõ bem recebidos de Antonio Galuaõ, & elles lhe pediraõ algum religioso pera irem com elles, porque ficauaõ muitos de seus naturaes, muy abalados, & desejosos de receberem a ley de Christo, & esperauaõ com grãde aluoroço por quem os bautizasse. Antonio Galuaõ deu muitos lououres & graças a Deos por aquella merce, & mandou logo com muita pressa vñ navio, em que mãdou embarcar vñ Frãcisço de Crasto caualeiro muito honrado, & com elle dous sacerdotes pera irem em companhia dos Macaças, excercitar aquelle santo officio, fazendo (primeiro que se partissem) Christaõs todos os que foraõ em companhia d'aquelles dous mãcebos: dãdo regimento a Frãcisço de Crasto, pera  
A a 2 assen-



### *Quinta Década.*

assentar pazes & amizades com aquelles Reys, a quem mandou peças & brincos.

Partido Francisco de Crasto de Ternate, deulhe um tempo contrario tão rijo, que lhe foi forçado correr por onde melhor pode: & no cabo de alguns dias foi dar com húas ilhas q̃ ainda não eraõ sabidas, que estauão ao Norte das de Maluco mais de cem legoas, & por ir falto d'agoa as foi aferrar, mandando a terra algũas pessoas a falar com os naturaes, com quem se não entenderão, mas souberão chamar-se aquella ilha que tomaraõ Setigano: & resgatando ali algũas cousas tornaraõ-se pera o nauio, mandando aquelle Rey pedir a Francisco de Crasto que se visse com elle, como logo fez. El-rey o agasalhou bem, & o teue consigo algũs dias, em que os religiosos que yaõ com Frãcisco de Crasto, o apalparaõ, & achando-o facil & domestico o fizeraõ Christaõ, com tres irmãos seus, & suas casás, molheres, & filhos, pondo nome a El-rey dom Francisco. Ali acodio muito pouo a pedir o baptismo, & así se conuerteo a mór parte dos moradores d'aquellas ilhas.

Depois de gastarem ali mais de um mês, partiraõ-se com grandes saudades do Rey, & de todos os novos Christaõs, & foraõ tomar outra ilha chamada Seligano, a onde tambem conuerteraõ aquelle Rey que se chamou An-

### *Da história da Índia.*

tonio Galuaõ, & o mesmo fez a sua molher, & a duas filhas, & a sessenta pessoas de sua casa, baptizandoos a todos. E así conuerteraõ outros tres Reys de outras ilhas vezinhas chamados, Betuano, Pimilano, & Camisino: a todos estes pões nome Ioannes, em memoria d'El-rey dom Ioaõ de Portugal, em cujo tempo se conuerteraõ estas ilhas.

Foraõ depois achadas o anno de corenta & tres por Bernardo de la Torre: mas aqui se dá a honra de seu descobrimento a este Francisco de Crasto, por que por rezaõ, & verdade he sua propria. Depois que por ali gastou alguns meses naquella tão sancta obra tornou-se pera Ternate, & foi recebido de Antonio Galuaõ, muy bem, dando muitas graças a Deos pella conuersaõ d'aquelles Reys. Tão zeloso foi sempre este homẽ da ley de Christo se estêder & dilatar, q̃ em nenhũa outra couza trazia os pensamẽtos: & así em seu tempo esteue aquella ilha tão cheia de Christaõs, que cada dia acodiaõ ao baptismo, que era pera louuar a Deos.

E por q̃ auia muitos moços nobres Christaõs q̃ andauão desagasalhados, ordenou á sua custa um Seminario onde os recolheo, pera ali serem doutrinados nas cousas da nossa santa ley, & fê Catholica, pera depois virem a ser pregadores della, pella falta que auia entaõ



entaõ de sacerdotes & religiosos. Este Seminario foi depois aprouado pello Santo Concilio Tridentino, & Antonio Galuaõ foi o primeiro fundador delle nas partes da India, por que o que depois fez o Governador dom Estevão da Gama (como atras diffemos no capitulo primeiro do setimo liuro) foi a imitação deste.

Vendo os Mouros a grande multiplicação que auia por todas aquellas ilhas de Christaõs, temendo que sua falsa feita se viesse de todo extinguir nellas: conuocado aquelles Reys de Ternate, Tidore, Geilolo, & outros, a hũa liga geral, pera acodirem áquellas cousas: & praticando sobre ellas, não acharam outro melhor meyo, que mandarem lançar muitos pregoes por todas suas ilhas, que todo o que tomasse a ley dos Christaõs, perdesse seus bẽs, & fosse catiuo pera sempre. Isto meteo taõ grande medo em alguns que andauão pera entrarem na manada & rebanho de Christo, que se sobrestiueraõ, com temor das penas, mas em outros acedeo mais o desejo, por que sem recearem cousa algũa acodiraõ á fortaleza a pedir o baptismo: & entre estes foi um Governador de Ternate, chamado Cachil Colaõ, a que puseraõ nome Manoel Galuaõ, & assi acodio a Ternate um primo d'Elrey de Geilolo, q̃ baptizaraõ com grandes festas, & alouoço de todos.

E pera Deos mostrar mais suas marauilhas, tambem veyo ferido de sua seta, um Mouro Arabio da geração de Mafamede, de tãta autoridade entre todos aquelles Reys & senhores, que o adorauão como a seu proprio Califa. Este com grã de instancia pedio o baptismo, vituperando a ley de Mafamede, contra quem pregou publicamente. Antonio Galuaõ fez a este homẽ muitas honras, baptizandoo com grandes festas, sendo seu padrinho, & dandolhe tudo o necessario da sua fazenda, com o que ficou taõ satisfeito, & contente, que pasmauaõ todos.

Isto foi causa de muitos Mouros & Gentios virem a se converter de maneira, que procedeo Antonio Galuaõ neste negocio todos os seus tres annos taõ Catholicamente, que nelles não fez outros empregos, nem veniagas, nẽ quis nunca comprar um bar de crauo, dizendo que droga, que tinha cinco pontas na cabeça, que representauão as cinco chagas de Christo, pertencia só a Elrey de Portugal, que as trazia por armas: & assi diziaõ as regateiras de Lixboa (quando Elrey dom Manoel andaua em differenças com o Catholico Rey dõ Fernando sobre estas ilhas) que pertenciaõ só a Elrey de Portugal, assi por serem cinco, como pello crauo dellas representar a figura das quinas, que aquelle reino tinha por armas.



*Quinta Decada. Da historia da India.*

E chegou a tanto estremo nisto Antonio Galuaõ, que mandando-lhe Elrey de Tidore hũa quantidade de crauo de presente, o não quis tomar pera si, & o mandou receitar pera Elrey, & meter na sua feitoria. Esta he a rezaõ por que nos seus tres annos despendeo doze mil cruzados que tinha, da herança de seu pay Duarte Galuaõ, que todos leuou pera aquella fortaleza empregados em fazendas. E quando se embarcou pera o reino foi tão pobre, que por não ter com que viuer, nem lhe quererem dar de comer, se meteo no hospital de Lisboa, a onde lhe deraõ hũa ração em quanto viueo: requerendo elle sempre em satisfação de seus seruiços vm conto de réda: mas por fim elle veyo a morrer tão pobre, que o enterrou a confraria da Corte.

Poderamos sobre este negocio dizer muito, mas por não culparmos vm tão bom Rey, como foi Elrey dom Ioaõ o terceiro nos calamamos. Ainda que nesta materia toda a culpa foi, & pomos a seus officiaes, que pera isso os tem o Rey, & se fia delles pera fazerem justiça, & saberem repartir o seu, & não darem os doés de Ajax ao lisongeiro Vlysses. E desta injustiça que elles v'saraõ, tomaraõ os capitães da India occasião, & exemplo, pera não saírem de suas fortalezas, em estado que fiquem á corteza dos despachadores, por que

receaõ de irem ter aos hospitaes, como Antonio Galuaõ, & querem antes perder por carta de mais. E assi trazem mûy versado aquelle adajo (dos necios leaes, se enchem os hospitaes.) Em fim, neste estado estauaõ as cousas de Maluco, quando chegou dom Iorge de Crasto, a quem Antonio Galuaõ entregou a fortaleza: & como foi tempo se embarcou pera a India.

CAPITVLO III.

*De como o senhor de Damaõ foi correr as terras de Baçaim, & de como Ruy Lourenço de Tauora o foi buscar, & do recontro que com elle teve, em que o desbaratou, & lhe tomou o Galeão Zam-buco.*



VANDO Soltaõ Badur deu as terras de Baçaim ao Governador Nuno da Cunha, tomou as a vm capitaõ seu chamado Bramaluco, a quem as tinha dado, juntamente com a cidade de Damaõ, a onde elle se recolheo. Aqui viueo a tè gora muito magoadado de lhe tomarem aquellas terras que lhe rendiaõ muito. Agora sabendo da morte do Visorrey dom Garcia de Noronha, determinou de ver se por todas as vias podia tornar a senho-



a senhorear-se dellas, ao menos comer suas aldeas com a espada na mão, o que parece não auia de ser sem licença d'Elrey de Cambaya, cujo vassallo era, teria seus tratos em segredo. Basta, como quer q fosse, elle entrou pellas terras da jurdição de Baçaim, cõ cinco mil homens de pé, & trezentos de cavallo, sendo á mór força do inuerno: & como as achou sós de guarda, logo se apoderou dellas, mandando apregoar seguros aos lauradores, pera que podessem láurar suas terras sem receberem agrauo, acodindolhe a elle com os foros ordinarios. Com isto lhe começaraõ logo acodir muitos, & outros que não quiserão obedecer se recolherão a Baçaim.

Sabendo Ruy Lourenço de Ta uora capitaõ d'aquella fortaleza, como o Bramaluco era entrado nas terras, tomou parecer com os capitaes & fidalgos que ali inuernaraõ, sobre o que faria: & assentou-se que fossem buscar os inimigos, & lhe dessem batalha, primeiro que tiuessem nouo soccorro, por que se se dissimulasse com elles comeriaõ todas as terras: & Elrey de Cambaya como os visse senhor dellas, tentaria nouidades, & quando menos, os favoreceria em segredo com gente, o q seria muito grande trabalho lãçalos depois fora.

Assentado isto se começou a preparar & fazer alardo da gente

que poderia levar, & achou perto de seiscentos Portugueses, em que entrauaõ cincoenta de ginetes, gente toda lustrosa, & bem armada. De toda esta gente fez coatro badeiras, de que deu as capitancias a Fernão da Sylua Comendador & Alcaide mór de Alpalhaõ, q auia de levar a vanguarda, a dõ Luis de Tayde, que depois foi Conde d'Atouguia, que o Visorrey tinha ali mandado a inuernar com algũs nauios ligeiros, pera em Agosto sair a esperar as naos de Meca. Os outros dous capitaens eraõ Francisco de Sá dos oculos, & Antonio de Soto Mayor: ficando Ruy Lourenço com a gente de cavallo, que os mais delles eraõ fidalgos, & cavaleiros mūy honrados. Leuou mais alguns Naiques, com trezentos ou coatrocentos piaens da terra. E saindo-se da fortaleza, q deixou entregue ao Alcaide mór, começou a caminhar em busca dos inimigos, lançandolhe espias diante, de quem foi auisado que estauaõ na aldea de Bulaõ, ou Bailaõ, duas legoas da fortaleza pera o fertoaõ.

E determinando de os tomar na força da festa, em que os Mouros costumaõ a se lauarem & repoufarem, foi marchando deua-gar, por que tinha saído da cidade no coarto d'alua. E sendo meya legoa do lugar em que estauaõ, parou, & mandou aos seus que descansassem, & almoçassem pera mais

Aa 4 folga-



*Quinta Decada. Da historia da India.*

folgadamente darem nelles: & assi se poseraõ debaixo de vm grande & sombrio arvoredo onde auia agoa, & deraõ de comer & de beber aos caualos, & todos almoçaraõ á sua vontade. Os imigos como traziaõ suas espias foraõ logo auisados da ida dos Portugueses, & de como estauaõ naquelle lugar comendo, & descansando: pello q̃ determinaraõ de os ir cometer, & assi o fizeraõ, chegando aos nossos taõ de sobressalto, que quando os viraõ foi já trauados cõ elles: por que os cometeraõ com grande determinação: & de todo estiueraõ os nossos perdidos, se Fernão da Sylua Alcaide mór de Alpalhaõ, que estaua na dianteira não tiuera o pezo dos imigos, que lhes não deraõ lugar a se armar: & assi com muito animo & valor, com alguns poucos, que o acompanharaõ, teue todo aquelle encontro a tè chegar Antonio de Soto Mayor que o ajudou, achando já Fernão da Sylua ferido nũa perna, & elle fazendo tudo o que se esperaua de seu grãde valor & esforço.

Ruy Lourenço teue com isto tempo pera se armar, & acodindo com todo o resto, deu nos imigos com grande furia, trauandosse todos em hũa aspera batalha. Antonio de Soto Mayor andaua já naquelle tempo com algũas feridas, & tinhaõlhes os Mouros mortos alguns companheiros, mas elles se tinhaõ satisfeito com bem de da-

no dos imigos: tanto que quando chegou Ruy Lourenço de Taouara andauaõ já taõ sofregos, que cuidauaõ ter a vitoria nas maõs. Este dia foi vm em que os nossos mais mostraraõ o valor Portugueses, por que os imigos eraõ muitos, & muito bem armados, & muito determinados: As nossas coatro bandeiras, tanto que o capitaõ chegou que deu Sanctiago nos imigos, fizeraõ elles vm termo com que tiueraõ tempo de se ordenarem, podendo-se pera coatro partes com as costas vns nos outros, por que os imigos os tinhaõ rodeados. Ruy Lourenço ficou de fóra com os cincoenta de caualo, rodeando os seus, & dando alguns toques nos imigos, de que sempre lhes derribou muitos. A espingardaria dos nossos, que jugaua pera todas as partes, fez grande estrago nos Mouros, por que os tomava em descuberto, com o que se começaraõ alguns de retrair. O que entendido por Ruy Lourenço arraçou com todo o poder, apellidando Sanctiago, & deu nelles com tamanho impeto, que com morte de muitos os arrancou do campo. E vendo a merce que Deos lhe fizera, teue os seus, por não auer no alcance algum desmando, & recolheosse ao lugar em que estaua, onde mandou curar os feridos que eraõ muitos, & ali gastaraõ aquelle dia.

Ruy Lourenço tomando parecer



cer sobre o que faria neste negocio, assentaraõ que repoufassẽ ali aquella noite, & que ao outro dia pella manhã fossẽ buscar os inimigos a tẽ os ensecarem, & desbaratarem de todo, & assi passaraõ toda a noite com grandes vigias. No coarto d'alua se leuaraõ, & foraõ marchando pera o lugar de Bailaõ, cuidando que achassẽ nelle os imigos, o que naõ foi assi, por q̃ de tal maneira ficaraõ escaldados das maõs dos nossos, que largaraõ as terras, & se recolheraõ pera o rio de d'Antora. Ruy Lourenço mandou suas espias a pos elles, de quem soube serem passados da outra banda, pello que se tornou a recolher, correndo as terras todas, & reduzindo os lauradores ao seruiço d'Elrey de Portugal: & pera sua segurança ordenou algũas traqueiras em algũs passos, em q̃ põs guarda de piaens da terra, por que os imigos lhes naõ entrassẽ outra vez pellas aldeas.

E por que fõy auisado que no rio de Agaçaim tinhaõ os Mouros hũa muito fermosa nao acabada, & posta ainda no estaleiro, que o Bramaluco tinha pera mandar a Meca, determinou de a ir tomar: pera o que mandou fazer prestes muitos viradores, cabrestantes, & outros aparelhos necessarios pera se lançar ao már. E tanto que o inuerno deu jazigo, deitou dez nauios ao már, de que foi por capitãõ mór dom Luis de Tayde, le-

uando nelles duzentos homens: & em sua companhia mãdou outras embarcaçoens com todos os aparelhos necessarios, mestres, marinheiros, & officiaes pera aquella obra, mandandoos que o fossẽ esperar a Agaçaim: & elle o mesmo dia começou a marchar, com toda a mais gente que auia na fortaleza, & todos os piaens das tranqueiras, & vm grande numero de feruidores das aldeas, pera virarẽ a nao. Era isto em hũa conjunção de agoas viuas: & assi elle por terra, como a armada por már chegaraõ a Agaçaim quasi a vm mesino tempo.

Dom Luys de Tayde entrou o rio de maré chea, & foi desembarcar junto da pouoação, que era muito pello rio dentro, achando algũa resistencia em que lhe mataraõ cinco ou seis homens: mas elle com muito valor desbaratou os imigos, & os foi metendo pella pouoação dẽtro, que já Ruy Lourenço de Tauora vinha entrando, & assolando: & todauia o poder dos imigos era taõ grande, q̃ esteue muito arriscado, por que se determinaraõ com elle alguns Abexins, que lhe mataraõ dez homẽs, & feriraõ muitos. Mas todauia como na dianteira dos nossos pelejavaõ Fernão da Sylua Alcaide mór de Alpalhaõ, Francisco de Sã dos oculos, Antonio de Soto Mayor, & outros fidalgos & caualeiros, de tal maneira apertaraõ com os



os Mouros, que com grande estrago feu os poseraõ em disbarato, & ajuntandosse todos os nossos, así os da armada, como os que foraõ por terra em vm escoadraõ deraõ fogo á cidade por todas as partes por se lhe naõ meterem nella os inimigos que já eraõ recolhidos: & logo os officiaes começaraõ a armar os aparelhos, no que gastaraõ todo aquelle dia & noite, que os nossos passaraõ com grandes vigias. Ao outro dia lançaraõ a nao ao már muito folgadamente, & ás toas foi tirada pera fora: & dom Luis de Tayde com sua armada a leuou pera Baçaim, pera onde Ruy Lourenço de Tauora se foi recolhendo, & depois que dom Luis de Tayde meteo a nao no rio, o tornou a mandar pera a enxada a esperar as naos de Meca cõ cartazes. Esta nao era muito grande, & estroncada toda, pello que lhe pozeraõ nome o Zambuco, que depois fez muitas viagens pera o reino, como em seu lugar diremos.

## CAPITVLO IIII.

*Da armada que este anno de corenta partio do reino pera á Índia, de que era capitão mór Francisco de Sousa Tavares: & das pazes que o Governador dom Estevão da Gama fez com Elrey de Cambaya. E dos apercebimentos*

*que fez pera ir buscar as Galés. E de vm honrado desafio que tiueraõ Ruy Lourenço de Tauora, & dom Francisco de Meneses. E dos Embaixadores que Elrey da Cotta mandou ao reino.*



NDAVA o Governador dom Estevão da Gama muy occupado na armada que pretendia levar ao estreito, ajuntando as coufas necessarias pera aquella jornada, por que forçado auia de inuerner fora da Índia, esperando com grande aluoroço pellas naos do reino, pera saber nouas delle. A dez dias de Setembro surgiraõ na barra de Goa coatro, de que era capitão mór Francisco de Sousa Tavares, & os mais capitaens, Vicente Gil, Simão da Veiga, & Vicente Lourenço Bateuias. Trouxeraõ estas naos boa viagem, & boas nouas da saude d'Elrey, & de todo o reino, que o Governador festejou muito, & antre as instruções q' Elrey mandaua ao Visorrey dom Garcia, era hũa, em que lhe encomendaua muito, q' mandasse queimar as Galés dentro em Sués, & lhe daua os agardecimentos do modo que tiuera nos soccorros de Diu, & no que fizera em se deixar ficar sobre a barra de Goa. Com esta instrução se acabou o Governador



nador de resolver naquella jornada, & despedio logo seu irmão dom Christouão da Gama com hũa armada de nauios ligeiros pera ir a Cochim com cartas áquella cidade, em que lhe pedia o quizessem ajudar com algum emprestimo de dinheiro, & escrauos pera chusma das Galés, pois era pera vni seruiço d'Elrey tão grande, & bem tão commum de toda a India, como ir queimar as Galés dos Rumes, pera segurança de todos: por que em quanto estiuesssem em pé, auiaão todos de viuer cõ sobrelaltos, & o reino de Portugal com inquietações. E juntamente despedio dom Antonio da Gama com oito nauios pera andar na costa do Malauar a tè Dezembro em que auia de partir pera o estreito.

Despedidos estes nauios chegou a Goa vm Embaixador do Bramaluco senhor de Damaão, & requereo ao Governador pazes com muita instancia: mas assentoussse em conselho que se não conluissse com elle em cousa algũa, por quanto era vassallo d'Elrey de Cambaya, & estaua como aleuantado, q se mandasse Embaixador áquelle Rey sobre aquellas cousas, & que lá se conluisssem. Com isto despedio o Governador vm homem a que não achamos o nome, nem as particularidades do regimento, né da jornada: somete em soma soubermos que foi bem recebido de Soltaão Mahamude, q confirmou

as pazes que estauaõ feitas com dom Garcia: & concedeo mais ao Governador dom Estevão da Gama a metade do rendimento da alfandega de Diu, pera Elrey de Portugal, não tendo dado ao Visorrey mais que o terço, & ficaraõ feitas as pazes com o senhor de Damaão. Com isto se recolheo dõ Luis de Tayde com a armada pera Goa, & os fidalgos que inuernaão em Baçaim, pera acompanharem o Governador naquella jornada, por que lhes mandou elle recado. O Governador mādou Manoel de Vasconcellos á costa do Canará a recolher todos os mantimentos que já lá estauaõ feitos, & a receber os oito mil fardos de arroz que Elrey de Garzopá era obrigado a pagar, & a fazer outras cousas necessarias pera a jornada. Posto que estaua resoluto em ir ao estreito, quis todauia por aquillo em parecer dos fidalgos & capitães: & fazendo ajuntamento de todos lhes fez esta fala.

Senhores fidalgos & capitaens, Elrey nosso Senhor por entender que em quanto as Galés, que forão a Diu, estiuesssem em Sués, sempre a India auia de estar com sobrefaltos, por que o Turco não he homem que tão depressa desista das cousas que começa, & mais destas em que tem metido tanto cabedal, & que elle auia por honra de sua religião, pois o principal intento da jornada que mandou fazer



*Quinta Decada. Da historia da India.*

zer por Soleimaão Baxá, foi desempedir a nauegação do estreito do már roxo, que com as nossas armadas lhe tinhamos tão defendida, que quasi se ya perdendo a romagem da casa do seu Mafamede. Pello que nas cartas que Elrey escreueo por terra em reposta das em que lhe o Visorrey dom Garcia de Noronha quẽ Deos tem em gloria, deu conta da jornada das Galés, & por outra instrução que nestas naos mandaua ao Visorrey, lhe encomendaua muito trabalhassẽ por mandar queimar as Galés, pera assi ficar a India segura, & o reino de Portugal desapressado dos grandes soccorros que he forçado mandar todas as vezes q̃ lhe forem nouas que se tornão a armar. E segundo o descuido com q̃ estão varadas em Sués, conforme às informações que pellas espias tenho, muito facilmente se podem queimar, por q̃ se não pôde esperar, nem cuidar, que os Portugueses tenhaõ tamanho atreuimento, que vão cometer com suas armadas o fundo do estreito, tão cheyo de restingas, baixos, & outros perigos que nelle ha. E ainda q̃ ellas estejaõ com grandes guardas & vigias, eu leuo armada & gente pera assolar todo esse estreito: & quanto mais disto fór, entãõ será mayor gloria pera todos os q̃ aqui estamos: por que bem sei que os espiritos de todos se não satisfazẽ, se não de cousas muito arriscadas.

Por isso senhores liurementemente podeis dizer o que mais vos parecer seruiço de Deos, de S. A. & bem deste estãdo.

Callado o Governador, foraõ votando os fidalgos, & quasi todos concordaraõ, que aquella jornada, alem de Elrey a mandar fazer era muito necessaria pellas rezoẽs que apontara, & que elles estauaõ presentes pera o acompanharem nella. Somente Garcia de Sá, Ruy Vaz Pereira, & Diogo Aluarez Tellez, foraõ de diferente parecer: dizendo que se as Galés estauaõ descuidadas, & com tão pouca vigia como elle dizia, que pera se queimarem bastauaõ seis catures ligeiros, que podiaõ entrar o estreito sem serem sintidos, o que não podia fazer hũa armada tamanha como a que pretendia levar de naos, Galeões, & Galés, que forçadamente auiaõ de ir atroando o mundo, & espertando os imigos: & mais estando já tão experimentados, q̃ todas as vezes que nossas armadas grossas entraraõ o estreito, saíraõ delle perdidas, & desbaratadas, como foraõ as dos Governadores Afonso d'Albuquerque, Lopo Soares, & Diogo Lopez de Siqueira: & que alem do perigo, não serviria sua ida de mais, que de esperar o Turco a mandar reforçar os presidios de todos os portos d'aquelle estreito. E sobre tudo isto, que o estado não estaua pera despender trezentos mil cruzados, q̃ aquella armada



armada auia mister : & q̃ elles por entenderem que era afsi mais lertuço d'Elrey o não auiaõ de acompanhar naquella jornada : & que d'aquelle parecer, & de afsi lho requererem auiaõ de tirar estromentos pera mādarem a Elrey. O Governador lhes disse que fizessem o que quisessem, que elles dariaõ conta a Elrey de não acompanharem o seu Governador, & que elle esperaua em Deos de deixar as Gales feitas em cinza, & que elles se auiaõ ainda de arrepender de se não acharem em cousa tão honrosa. Não arrependeremos disse vm delles, antes o festejaremos tanto, que no cais onde desembarcades estéderei esta capa de grã (por que tinha elle hũa vestida) nelle, pera passardes por cima della.

Concluido o conselho, & assentada a ida pellos votos dos mais, começou o Governador a repartir os nauios, & embarçoens pellos capitaens que auiaõ de ir com elle. E pello pouco segredo que nestas cousas teue (por que logo tanto q̃ socedea na governança publiccu esta jornada) deixou de ser de muito grande cfeito, por que chegando logo as nouas a Cambaya, Coçoçar por querer ganhar terra com o Turco, despedio logo hũa nao sua, com cartas pera todos os portos d'aquelle estreito, do auiso da nossa armada.

Andando o Governador reparando os nauios, chegou a Goa Ruy

Lourenço de Tauora capitão de Baçaim pera se ir pera o reino : & diziaffe, que por que aquelle anno vieraõ nouas, que o Conde da Castanheira (que era casado com sua irmã) priuaua muito com Elrey dom Ioão, queria elle ir ver, se por sua valia se podia melhorar, & tornar á India por Governador a tirar dom Estevão. E por que aquella fortaleza de Baçaim ficaua vaga, & entregue ao Alcaide mór, & em Goa andauaõ dous prouidos della, dom Francisco de Meneses, & dom Manoel de Lima : mandou o dom Manoel requerer á dō Francisco, (que era primeiro prouido) que fosse servir seu tempo, por que não queria que depois o embarçasse outro despachado de tras delle, arguindolhe que não fizera diligencias, & que deixara passar o tempo que cabia a dom Francisco. E como elles ambos estauaõ prestes pera acompanhare o Governador nesta jornada, & mūy desuiados de a deixarem por nenhũa fortaleza, (porque os fidalgos deste tempo, traziaõ mais os pensamentos em honras, que em fazendas) vieraõse ambos a concertar, metendosse o Governador por terceiro, nesta fórma. Que Antonio de Lemos da Trofa capitão do Galeão Reys Magos (que era vm fidalgo de setenta annos) trocasse com dom Francisco, & lhe desse o Galeão, & elle ficasse em Baçaim por capitão em lugar de  
B b dom



*Quinta Decada. Da historia da India.*

dom Francisco, por quem correria todo o tempo que a jornada durasse, & que todos os proueitos fossem do dito Antonio de Lemos: & que tanto que o Governador tornasse do estreito fosse dom Francisco acabar seu tempo: & assi se partio logo Antonio de Lemos pera Baçaim, & o Governador deu o Galeão Reis Magos a dom Francisco.

E por que o desafio dantre elle & Ruy Lourenço de Tauora, foi de dependencias da mesma fortaleza, & nelle ouue muy grandes primores antre estes dous fidalgos, não deixaremos de o contar, por q foi muito honrado: & por q delle não recrecerão desgostos algus, né defauenças antre estas duas gerações, o q não fizemos se nisso renouaramos escádalo, antes o fazemos ao grande primor & honra, q os fidalgos d'aquelle tempo vsauão: o caso foi este.

Quando Ruy Lourenço veyo de Baçaim, pera se embarcar pera o reino, dizem q estando em praticas com o Governador, lhe differa que Baçaim era cousa pouca, & que não era pera os homens como elle. E como o Governador contou isto a algũas pessoas, chegou a dom Francisco de Meneses, que tomado d'aquelle negocio (por ser prouido d'aquella fortaleza, & ser vm fidalgo tão honrado, & de tantos merecimentos, q nenhũ outro lhe fazia em cousa algũa ventagem) enfadouse disto tanto,

que diziaõ, que andara esperando Ruy Lourenço, ou pera o acutillar, ou pera lho perguntar: Isto chegou logo ao Governador, que por se achar culpado naquelle negocio, meteo a mão nelle de feição, q satisfez dom Francisco (deuia de ser com lhe affirmar que Ruy Lourenço lhe não differa tal, como na verdade não diria, por que bẽ podia ser naceffe aquillo d'algum amigo de zizancias, que nunca faltaõ) & assi tratou com ambos, que onde quer que se encontrassem se fallassem, & se conuersassem como d'antes. Socedeo logo, estar dom Francisco no terreiro do paço, & entrar nelle Ruy Lourenço: & veyo dom Francisco q estava parado lá no cabo delle, o foi demãdar, & estueraõ vm espaço em conuersação, & apartandosse Ruy Lourenço, q ya em vm caualo folhaõ, & que se ya pondo sobre as pernas, & pelo quebrantar o arremessou duas ou tres vezes muito curto. Dom Francisco de Meneses desconfiou d'aquelle negocio, por que estava o terreiro cheyo de fidalgos, auendo que Ruy Lourenço fizera aquillo de fonfarraõ & bisarria, pera dar a entender a todos que ficara bem d'aquelle negocio. E recolhendosse pera casa muito malencionizado mandou delafiar Ruy Lourenço, que o aceitou: & vendosse ambos no campo pelejaraõ muy bem, & delle se recolheraõ amigos, Ruy Lourenço cõ hũa corti-  
lada



lada por cima de hũa fôte, de que lhe correo muito sangue: & dom Frâncisco de hũa estocada pello braço direito. Isto nunca se soube se não depois de estarem em suas casas, acodindo logo os parentes d'âmbos, & amigos, a saber a cousta como passaua: no que ambos tiuerao tão grande primor, que dom Francisco respondia, que o que dissesse Ruy Lourenço, & elle, que o que dom Francisco contasse isso era: sem nunca se saber o que passaraõ. As feridas foraõ pequenas, & sararaõ logo, & Ruy Lourenço se embarcou pera o reino. Contasse delle aquella galantaria que disse no paço a hũa dama sobrinha do mesmo dom Francisco, filha de dom Ieronymo seu irmaõ, que entrando Ruy Lourenço em casa da Rainha, estando com as damas, pôs os olhos nelle fitos: & vendo elle o modo de como o olhaua, por estar perto della, pôs o dedo na ferida de sobre a fonte dizendo: Senhora, que me olha v. m. esta me deu o senhor dom Francisco vosso tio, que he a mór honra que eu tenho.

E tornando a nosso fio, o Governador deu pressa á escriptura do reino, & despachou as naos pera Cochim a tomar carga, & nellas se embarcou dom Aluaro de Noronha filho do Visorrey dom Garcia de Noronha. Embarcaraõse tambem dous Embaixadores d'Elrey da Cotta de Ceilaõ, que yaõ

muy bem negociados: & por elles mandaua aquelle Rey pedir a Elrey dom Ioaõ. lhe fizesse merce de jurar por Principe herdeiro da Cotta, a vm neto seu, filho de sua filha, & de Tribuli Pandar, por não ter outro herdeiro, mandandolhe a figura do neto, que era de Maraa, em vulto douro, metido em vm grande cofre, com hũa coroa douro, & de muita pedraria na maõ, pera Elrey o coroar cõ ella. Estas naos chegaraõ a Portugal a saluamento: & Elrey recebeu muy bem estes Embaixadores: & pera o auto do juramento do Principe mandou Elrey chamar todos os senhores do reino, & o fez em sala publica com a mór solennidade & cerimonia q̃ podia ser, coroadando o Principe ao modo do reino, mandando q̃ se fizessem grãdes festas, & se corressem touros. E passandolhe sua carta de confirmação, fazêdo muitas merces aos Embaixadores, os tornou a mädar nas naos seguintes muito satisfeitos.

## CAPITOLO V.

*Da grande armada com que o Governador dom Estevão da Gama partio pera o estreito do mar roxo: & do que lhe acontceo a tè chegar a Malaua.*

Bb 2 Despe-



*Quinta Decada. Da historia da India.*



ESPEDIDAS as naos pera Cochim, começou o Governador a fazer paga aos soldados, & a prover os navios, q̃ auia de leuar, de m̃timentos, & monçoens. E tẽdo tudo prestes & negociado, tanto q̃ chegaraõ as armadas de dõ Christouão da Gama, & de dom Antonio da Gama, & de Manoel de Vasconcellos, cõ dinheiro & escrauos, q̃ os moradores de Cochim lhe mandauaõ, & com muitos outros prouimentos: passada a festa do Natal, entregou a India ao Veador da fazenda Fernão Rodriguez de Castello branco, romandolhe della a menagem, dandolhe por coadiutores o capitão da cidade, & o ouuidor geral, logo se embarcou. E ao primeiro de Janeiro de corenta & ṽm se fez á vela, embarcando em ṽm Galeão da armada o Patriarcha dom Ioaõ Belmudes, que tinha vindo do reino pera ir ao Preste Ioaõ, como atras diffemos. Leuaua o Governador setenta & dous navios, em que entravaõ doze de alto bordo, duas Galés, & os sessenta mais, Galeotas, & Catures. Os capitaens que nesta jornada o acompanharaõ sãõ os seguintes.

Dom Francisco de Meneses no Galeão Reys Magos, Tristaõ de Tayde no sãõ Mateus, dom Francisco de Lima no Galeão Bufara, dõ Garcia de Craсто, em sãõ Boa-

uentura, dom Ioaõ de Craсто no Coulaõ, Manoel da Gama em outro Galeão, ṽm foadõ de Pina, capitão da guarda do Governador, em hũa Carauela latina, Francisco de Moura que ya por feitor da armada, em outra nao de mantimentos, Antonio Correa, em ṽm Galeão q̃ leuaua artelharia, & monçoẽs, de sobrecellente, com que ya embarcado o Patraõ mór Afonso Vaz. Capitaẽs das Galés eraõ, dõ Christouão da Gama, & Diogo de Reinosõ. Capitaẽs dos navios de remo, dom Martinho de Sousa, Alonso Hérriquez, Manoel de Sousa de Sepulueda, Bernaldim de Sousa, Fernão da Sylua alcaide mór de Alpalhaõ, Fernão de Sousa de Ta-uora, dom Diogo d'Almeida, filho do Contador mór, dom Iorge Tello, Ioaõ de Mendocha Cassaõ, Henrique Médez de Vascócellos, Martim Correa da Sylua, dom Luis de Tayde, Manoel de Vascócellos, dõ Antonio da Gama, dom Diogo d'Almeida Freire, Luis Médez de Vasconcellos, Antonio Moniz Barreto, Francisco de Sá de Meneses, dos oculos, Manoel da Cunha, Afonso Pereira de Lacerda, Antonio de Soto Mayor, dõ Bernardo de Noronha, filho do Visorrey dõ Garcia de Noronha, Iorge de Mello, Raphael Lobo, Lopo Vaz de Siqueira, Ruy Gomez d'Azeuedo, Vasco da Cunha, Miguel da Cunha, Diogo Pirez de Sá, Miguel Carualho, Fernão de Lima, Antonio de Sá o Rume,



me, Luis de Noronha, Gaspar de Sousa, Ioaõ Iuzarte Tiçaõ, Francisco de Mello Pereira, Iorge Pimintel, Simaõ Botelho, Francisco Freire, Christouaõ de Crasto, Francisco de Ilher, Mateus de Brito, Antonio Pereira, Francisco de Miquita, Duarte Pereira, Ruy de Mello Pereira, dom Ioaõ Lobo, dom Iorge de Meneses, dom Payo de Noronha, Lionel de Lima, Ioaõ Rodriguez d'Araujo, dom Ioaõ Manoel Labastro, Gonçalo Andre, Francisco Alvarez, Pero Froes, Mem Rodriguez de Freitas, Ioaõ Casado, Alvaro Serraõ, o Pereira, & outros a que não achamos os nomes. Nesta frota yaõ dous mil homens os milhores da India.

Seguindo sua viagem com Leuãtes rijos foraõ auer vista da costa de Arabia, posto q̃ derramados. O Governador a foi ver em monte de Felix entrada de Feuereiro, & foi deuagar esperando, pera ajũtar toda a sua armada, porquẽ esperou na boca do estreito da banda do Abexim, ali se foraõ todos ajuntar com elle. Somẽte o Galeaõ de Antonio Correa, q̃ desapareceo, sem se saber onde, nem como. O Governador como teue a armada junta foi demandar a entrada do estreito: & no cabo Rasbel, q̃ estã em doze graos bem na gargãta do estreito, achou vm nauio de q̃era capitãõ Garcia de Noronha, q̃ o Visorrey dom Garcia de Noronha fez

Christaõ em Diu, q̃ o Governador tinha mandado diante a vigiar as Galês, & delle soube estarem varadas em Suês, & q̃ segũdo tinha alcançado, naõ auia no estreito ainda nouas de sua ida: com isto ficou o Governador aluoroçado. E entrando as portas foraõ os nauios de remo fazer agoada em hũa enceeda q̃ fica logo da bãda de dentro. Dali foraõ de longo de hũa enceeda a que pozeraõ nome do Palmar, por ter muitas palmeiras, que estã em doze graos. Dali passaraõ pellas ilhas primeiras em doze graos, & meyo, & pella enceeda velha em treze escassos, & pella enceeda da Fortuna, na mesma altura: & em outra adiante que estã em treze graos & meyo forgio o Governador. Em todas estas enceedas & angras, desde a boca do estreito a tẽ Suês, foi dom Ioaõ de Crasto tomando o sol, & fazendo roteiro, sondando todas aquellas paragens, & notãdo as mais cousas d'aquelle estreito, de que fez vm curioso tratado, que dirigio ao Ifante dom Luis, em que dá muitas & boas rezoens sobre as manchas vermelhas que se achaõ por todo aquelle estreito, sobre que tantas variedades ha, nos escriptores que disso trataõ.

Desta enceeda partio a armada, & foi passando as ilhas da Pascoa, & as do Camelo, em catorze & catorze graos & meyo: & a ilha de Laca em quinze & vm coarto, B b 3 & depois



& depois a enxada dos Medaões em quinze largos a tẽ chegar a Arquico, & a Macuá, que estaõ em quinze graos & meyo. Arquico affirmaõ muitos que foi o lugar de Aduli, de que Arriano fala, que diz foi edificado dos escrauos fugitiuos do Egypto: & Maçua parece ser a ilha de Orene de Ptholomeo. O Governador forgio aqui aos dezoito dias de Feureiro de 1541. & mandou cifar, & alimpar, & prouer os nauios de nouo. E tomando conselho sobre o que faria, assentouffe, que deixasse ali os nauios gróssos, & que com toda a armada de remo passasse a Sués. E os pilotos da terra lhe difficultaraõ a ida dos nauios grandes, affi pello inconueniente do tempo q̃ era tarde, como pellos muitos riscos, & baixos do caminho: com o que se rezumio em se passar aos nauios de remo. E sendo informado dos Regedores de Macuá, como o Rey de Cuaquem (que era amigo do estado da India, & vassalo do Emperador da Abasia) se se tinha feito vassalo do Turco, & que recolhia os Turcos no seu reino, o que era necessario atalhar-se, porque não viessem por ali a se fazerem senhores de todos aquelles portos, & ficar com isso impedida a communicação da Abasia aos Portugueses, pollo que os Reys de Portugal tinhaõ trabalhado tanto solicitandoa por terra, primeiro q̃ se descobrisse a India, & depois por

már mandandolhes seus Embaixadores (como nas historias arras se conta.)

Consideradas todas estas cousas muito bem, determinou o Governador de destruir aquelle Rey de passagem, pera o que despedio logo seu irmaõ dom Christouão com doze nauios, pera que se fosse lançar derredor d'aquella ilha, a tẽ elle chegar com a mais armada, pera que nem Elrey se podesse sair della, nem se vazasse a fazenda pera a terra firme, por que desejava de dar vm ceuo aos soldados: por que aquelle Rey, & seus natu-raes eraõ ricos, & a terra estaua cheya de mercadorias ricas, & entulhada de mercadores de todos os portos do estreito, asfi da banda de Arabia, como da Abasia. Dom Christouão chegou áquella ilha & lançou-se antre ella, & a terra firme, por que não saísse cousa algũa pera fóra: mas Elrey era já passado, por que por terra teue logo nouas da armada Portuguesa: & com muita pressa as despedio pera Sués, que chegaraõ primeiro q̃ o Governador.

## CAPITVLO VI.

*De como o Governador dom Esteuão da Gama, destruiu a ilha de Cuaquem, & de como partio pera Sués, & dos grandes contrastes que achou.*

Depois



**D**E POIS do Gouernador dom Esteuaõ da Gama despedir dom Christouaõ da Gama pera Cuaquem, ficou dando ordem a algũas cousas necessarias, & entregou a armada grossa a Manoel da Gama pera ficar ali com ella, deixando setecentos homens nella, & assi lhe entregou o Patriarcha, pera da tor na viagem lhe dar auimento a sua jornada. Feito isto embarcou se o Gouernador na galeota Vrganda, de que era capitã Lopo Vaz de Siqueira, que era o melhor nauio que auia na India: & os mais capitaens de Galeões & naos se passaraõ a outros nauios de remo. E aos vinte & cinco do mês de Feuereiro, se fez á vela com toda a armada de remo, tirando as Galés, que tambem ficaraõ em Macuá, & com todos chegou a Cuaquem, auendo sete dias que dom Christouaõ lá estaua, & delle soube como Elrey era passado a terra firme, & que todauia a ilha estaua com todo o seu recheo. Elrey de Cuaquem receandosse que lhe destruissem a ilha, mandou logo yisitar o Gouernador, & pedir-lhe pazes, offerecendo todas as satisfacoens que quisesse. Naõ deixou o Gouernador de dar orelhas áquillo, respondendolhe mais humanamente. O Mouro como era astuto, & sabia que o Gouernador naõ se podia deter ali muito, foi-

lhe dilatando o tempo de recado em recado, gastandosse oito dias em lhe mandar prometer a metade do rendimento da alfandega d'aquella ilha, que era o que daua ao Turco: & que lhe daria Pilotos pera o porem em Sués. Estes recados fingio Elrey que yaõ em muito segredo, pello naõ saberem os Turcos que andauaõ em sua companhia, & por derradeiro naõ concluyo em cousa algũa. Vendo o Gouernador aquellas dilacoẽs, & entendẽdo que eraõ manhas dos Turcos, que estauaõ em sua companhia, assentou de o castigar, & de o ir buscar a onde estaua, que era hũa legoa pella terra dentro.

Estas detenças que o Gouernador fez, foraõ a causa principal de elle naõ queimar as galés, & de pór depois tantos dias no caminho, q̃ tiueraõ os Turcos tempo de acudirẽm guarniçoens do Cairo pera guarda das galés: por que se embaracou com cousas que depois podera fazer muito á sua vontade, & em que ya pouco, por que os offerecimentos d'aquelle Rey, posto que por entaõ foraõ verdadeiros, duraria o effeito delles em quanto a armada ali andasse, mas tanto que se recolhesse estaua certo tornar a aleuantar a bolada: por que bem entedia que se naõ auiaõ de formar armadas pera o irem castigar: em fim resolutõ o Gouernador em ir castigar aquelle Rey, desembarcou na terra firme



*Quinta Decada. Da historia da India.*

vm dia de madrugada com mil homens repartidos em duas batalhas, hũa deu a dom Christouão que auia de leuar a vanguarda, & o Governador ficou com a outra em guarda da bandeira de Christo. E marchando apressados pera chegarem ao arrayal antes de amanhecer, como fizerao, dõ Christouão o cometeo com grande determinação, & o entrou com morte & dano de muitos Mouros.

Elrey em lhe dando o rebate caualgou em vm fermoso caualo, & foise recolhendo pera o fertoão, sem esperar golpe de espada. O mesmo fizerao os Turcos que também foraõ escalaurados das mãos dos nossos. O Governador entrou no arrayal, que achou com todo o seu recheyo, que foi logo roubado & escalado: & ao que não poderaõ leuar deraõ o fogo, em que todo se consumio. E não auendo ali mais que fazer se recolheraõ pera a armada, mandando o Governador ao outro dia desembarcar seu irmão dom Christouão em Cuaquem com toda a soldadesca, dandolhes toda aquella cidade (que era muito grande) a escala franca, onde acharaõ muito ouro, prata, marfim, drogas, roupas, & a mór parte disto estaua enterrado pellas casas. Ouue homẽs de coatro & cinco mil cruzados de preza, & muitos de quinhentos, & trezentos. Acharaõse muitas casas cheas de trigo, milho, manteigas,

& outros muitos mantimentos, de que se encheo toda armada. Esta cidade da terra firme de Cuaquẽ por muitas conjecturas parece o lugar de Theron de Arriano, de Plinio, & de Ptholomeo, que elle mete em dezafere graos, posto q̃ oje anda verificado em dezoito. O Governador depois de deixar aquella cidade feita cinza se embarcou, sendo já dez de Março, & deu à vela pera Suẽs: no caminho achou os ventos taõ contrarios, tãtos baixos, & restinguas, que em dezoito dias não andou mais de vinte legoas, por que não caminha uão de noite.

Vendo o Governador que todauiã os ventos não deixauão de cursar da banda de Oes Noroeste, que lhe eraõ muito ponteiros, & q̃ o caminho a tẽ Suẽs era muito cõprido, & perigoso, & que os mantimentos se lhe yaõ acabando, estando recolhido em hũa enxada, tomou parecer com os pilotos sobre o que faria, & todos lhe affirmaraõ, que aquelles tempos ali durauaõ muito, & que não era possível poder chegar a Suẽs com tanta armada: por que yaõ muitos nauios mũy peizados, & que se remauaõ mal, que se lhe releuiã ir a Suẽs, tomasse doze ou quinze nauios, os mais pequenos & ligeiros, & que não leuassẽ outra cousa mais que mantimentos, & q̃ assi ainda com trabalho poderia chegar a onde desejava. Ao Governador



uernador pareceo muito bé aquelle conselho. E logo começou a fazer eleição dos nauios, escolhendo entre todos dezaseis, que eraõ os seguintes.

Elle que ya na vrganda, dom Garcia de Craсто, com que se embarcaram por soldados dom Ioaõ Mascarenhas, & Manoel de Sousa de Sepulveda, Tristaõ de Tayde em vñ catur seu chamado o Papagayo, & com elle Diogo de Reinoso, & Antonio de Soto Mayor, dom Ioaõ de Craсто no catur do Pereirinha, dom Christouaõ da Gama em vñ Calemute, que leuou pera o seruiço da Galé, Francisco de Mello Pereira em hũa fusta sua, dom Frãcisco de Meneses, Duarte Pereira, Iorge de Mello o punho, Diogo Pirez de Sá, Vasco da Cunha, Alonso Anriquez, Fernaõ de Sousa de Tauora, dom Frãcisco de Lima, dom Diogo d'Almeida filho do Contador mór, & Miguel Carualho, estes nauios se despejaram de tudo, enchêdoos de mantimentos, & por elles iriaõ repartidos duzentos & cincoenta homens: ordenando o Governador que os mais nauios se tornassem pera Macuá, onde ficaua a armada grossa de Galeoens, & Galés.

## CAPITVLO VII.

*Das differenças que o Governador tene com alguns fidal-*

*gos: & de muitos agrauados que ouue, por não serem eleitos pera aquella jornada: & do que a armada passou a tè a cidade de Alcocer.*

**E**STA eleição dos fidalgos que auiaõ de ir com o Governador a Sués, tanto que se declarou, todos os que ficaram de fóra se escandalizaram, praguejando publicamente do Governador, & de suas cousas, soltandosse alguns em palauras, como homens que se auiaõ por muito offendidos d'elle. Isto lhe foi ás orelhas, & desejando de temperar aquellas cousas com brá dura, fez ajuntamento de todos estando em terra na enceada, & lhes fez esta breue fala.

Bem sei senhores que a honrosa inueja que vos toca desta eleição, nasce a todos do grande desejo que tendes do seruiço de Deos, & d'Elrey nosso Senhor, & de quererdes mostrar o grande animo & valor de vossas pessoas, de que todos já tendes dado tantas, com tanta experiencia, como he notorio ao mundo todo. E bem entendido he de vosso primor & esforço, quanto sentireis verdes o vosso Governador em perigos & trabalhos, ficando vós de fora não sendo dos primeiros nelles. Nem a mim me conuinha cometer negocio taõ arriscado,



riscado, sem companhia de tão valerosos capitaens, & esforçados caualeiros, de cujo saber, & esforço, me he muito necessario ajudarme & valerme, pera poder sair delle com honra & gloria. Mas como eu não faço esta jornada mais que pera dar fê das Galés, & ver o modo de como estão, por de todo não ficar sem algum feito, já que temos o tempo tanto contra nós cō que esses nauios grandes não podem fudir auante, & de todo se perderá algum bom effeito, se Deos o tiuer ordenado, pareceo melhor aos Pilotos fazer esta eleição dos nauios mais ligeiros, pera ver se á força de braço posso vencer este caminho, & ver as Galés, pera dar rezaõ a Elrey do que vi. E posto que não faça mais, ficarei desculpado com elle, por que bem a de entender que melhor me fora arriscarme com sessenta nauios, q̃ com dezaseis. E na pouquidade delles, & da gente que leuaõ se vé, que não vou a outro fim, por que se fora pera pelejar, a mim mesmo me não conuinha deixar a companhia de tão valerosos companheiros, como aqui estão: & ainda toda a armada com que de Goa parti, com que podera destruir todo este estreito: mas por causa do tempo bem vistes que foi necessario deixar os nauios grossos em Macuá, & estoutros de remo com que cuidei podesse chegar a Sués, ha trinta & seis dias q̃ com elles não

tenho andado mais de vinte legoas. Vejo a monção gasta, & o tempo encarniçado contra nós, & não queria que tamanha armada, & despezas como fez, ficasse de todo sem algum fruto. E por que já agora não posso ter esperanças de outros mais, que de ver as Galés com o olho, como já vos disse (pera o que o tempo ainda não sei se me dará lugar) escolhi estes nauios. E por que não he possível poderdes ir todos nelles, vos peço senhores, ajaes por bê, aos que a sorte vos coube de ficardes: por que tamanho seruiço fazeis nisso a Elrey, como se comigo foreis, & eu alsi lho certificarei, pera que vos faça merces cōforme a vossos merecimentos. E de sua parte vos peço que deiteis de vos os escãdalos, que não seruem de mais, que de seu deseruiço, & vossa inquietação.

Alguns mostraraõ não se satisfazerem das rezoens do Governador, dizendo, que o tempo com que fossem dezaseis nauios, poderiaõ ir todos os mais, mas todavia ficaraõ vm pouco mais moderados, não querendo porem que a jornada se fizesse sem elles: & alsi todos os capitaens & fidalgos se passaraõ aos dezaseis nauios por soldados: & alguns ouue, que tiraõ os bombardeiros, & se metem em seus lugares. Alguns apatiguados do Governador, quiseõ valer se delle pera lhes darem lugares



lugares nos nauios, que elle quis re-  
partir por elles, & vns lhos aceita-  
raõ, outros não, como foi Francis-  
co de Mello Pereira, que mandã-  
dolhe pedir lhe leuasse vñ homiẽ,  
escusouffe com lhe mandar dizer,  
que ya muito pezado, & que ain-  
da deixaua muitos parentes. seus  
na armada, pellos não poder le-  
uar. Sobre isto se passaraõ recados  
de parte a parte, a tẽ chegarem a  
ter palauras de feiçaõ, que enfada-  
do Francisco de Mello lhe man-  
dou dizer, que nem auia de leuar  
o homem, nem elle queria ir com  
elle a Suẽs, & que juraua de vẽder  
o nauio que era seu. A isto lhe sa-  
yo dom Manoel de Lima, q̃ esta-  
ua com elle embarcado por solda-  
do, & lhe pedio que se tal auia de  
fazer, fosse a elle, pois já estaua em-  
barcado nelle. Francisco de Mello  
que estaua com paixãõ lho vẽdeo  
logo por coatro centos cruzados,  
com condiçaõ que leuasse todos  
os homens que estauaõ embarca-  
dos com elle: & deixandolhe tudo  
o que tinha na fusta se passou a hũa  
das que se auiaõ de tornar pera  
Maçua.

O Governador logo foi auisado  
de tudo, & tomouffe muito de dô  
Manoel lhe comprar o nauio, &  
mandoulhe dizer que lhe auia de  
leuar aquelle homem, do que se el-  
le tambem escusou. E como o Go-  
uernador era vñ pouco teimoso  
(coufa de que muito á de fugir  
quem estiuer naquelle lugar) lhe

tornou a mãdar dizer, que ou lho  
auia de leuar, ou não auia de ir cõ  
elle. A isto respondeo dom Ma-  
noel, que elle acompanhaua o ho-  
mem que estaua em lugar d'El-  
rey, & que auia de ir a Suẽs, q̃ por  
isso comprara aquelle nauio. O  
Governador apaixonou se tanto, q̃  
determinou de o ir prender, & mã-  
dalo prezo pera Maçua, ao que lhe  
foi á mãõ dom Francisco de Me-  
nẽses que aquella hora achegou a  
caso, pedindolhe não fosse com a  
paixaõ por diante, por que dom  
Manoel era vñ fidalgo muito hõ-  
rado, & Galego teimoso, q̃ se não  
auia de decer da sua, & que pera  
aquillo auiaõ os Governadores da  
India de ter muita brandura, pera  
temperarem as paixoens dos fidal-  
gos que seruiãõ a Elrey, & não es-  
candalizalos, por que se não aue-  
ria Elrey por seruido disso. Com  
isto ficou o Governador vñ pou-  
co refreado, & dissimulou com a-  
quelle negocio, por que se quise-  
ra ir por diante com elle, era lhe ne-  
cessario enfadar se com muitos, por  
que tambem Alonso Anriquez &  
outro fidalgo, lhe não quise-  
raõ aceitar outros homens.

Aquelle officio que dom Fran-  
cisco de Meneses ali fez, era o dos  
fidalgos d'aquelle tempo, que não  
andauaõ se não a tẽperar paixoẽs,  
& não a acendelas, como póde ser  
que alguns oje façaõ. E tambem os  
Governadores tinhaõ tanto res-  
peito aos fidalgos que se refrea-  
uaõ



uaõ com elles, o que não sei se os d'oje tem.

Em fim assentado a ida, o Governador despedio todos os mais nauios pera Maçuá, & entrada de Abril se fez á vela có os dezaseis: & d'aqui ficou esta enceeda com o nome dos agrauados, que está em altura de vinte graos & meyo do Norte. E seguindo sua derrota, nauegando de dia a remo, por causa do vento que era contrario: & forçando de noite pellas muitas restinguas, & baixos que auia, foraõ taõ deuagar, que se lhes acabou a agoa. E indo Miguel Carualho em grande necessidade della, chegou-se a terra, & vendo hũa baya entrou nella, & mandou alguns marinheiros a ver se auia agoa: estes acharaõ alguns poços della, & hũa muita fermosa fonte, & dando recado a seu capitaõ, fez final a toda a armada que logo acodio: aqui se refrescaraõ, & se aperceberaõ, não achando mais que algũs pastores com seus gados, a que se não fez agrauo algum. Aqui tomou dom loaõ de Crasto o sol, & achou vinte & vm graos & meyo.

Partidos d'ali foraõ seguindo seu caminho: ao outro dia ouuerã vista de hũa gelua, a que deraõ cassa, & vendosse ella apartada varou sobre hũa restinga, lançandosse logo a gente ao mar pera se passar a terra firme, que era perto: mas todavia não pode ser taõ depressa que ao mesmo tempo que varou

se não lançaßem alguns dos nossos á restinga, a onde tomaraõ ainda dous Mouros, com que se recolheraõ pera o Governador, que não souberaõ dar nouas de Sués, por que eraõ d'ali perto, & yaõ pera Cuaquem. O Governador os mandou leuar a bom recado por q̃ sabiaõ a terra, pera se aprobeitar delles. Este lugar em que a gelua varou, está em vinte & dous graos & meyo. D'aqui foraõ nauegando por espaço de cinco dias, & no cabo delles acharaõ hũa fermosa angra onde toda a armada entrou a fazer agoa que achou de muitos poços.

Aqui se defasiaraõ dous soldados, chamados, Antonio do Prado, & Fernaõ Nunez Vidal, que nós conhecemos m̃y bem, & foi da obrigação de dom Diogo de Crasto o magro, d'Euora: & em tempo do Conde do Redondo foi feitor de Goa: Estes soldados eraõ ambos m̃y bons caualeiros, & andando brigando muito espaço, Fernaõ Nunez como era homem m̃y manhoso nas armas, & m̃y destre da mão esquerda, andando com o outro na força da briga, mudou a espada á mão esquerda, & tomando o prado por hũa ilharga em descuberto, deulhe hũa estocada de que logo cahio: & cuidando ficaua morto recolheose pera a fusta de dom Garcia de Crasto, com quem ya: que logo se afastou pera fora, apelidando outros capitaes amigos,



amigos, pera que o Governador lhe não fosse prender o soldado. O Prado era da fusta de Alonso Anriquez, & tanto que lá se sonbe, foraõ os mais soldados por elle, & achãdoõ ainda viuo o recolheraõ, & o curaraõ, & viueo. E nesta era de nouenta & sete em que isto escreuemos, viue ainda vm Fernão Nunez nesta cidade de Goa, que foi vm dos q̃ o leuaraõ ás costas. Deste socesso se ficou esta agoada chamando a do desafio, que está em vinte & coatro graos & meyo.

## CAPITVLO VIII.

*De como o Governador dom Estevão da Gama destruiu a cidade de Alcocer, & des embarcou em Tór. E de como deixou de destruir aquella cidade a rogo dos frades de Santa Caterina de Monte Synai: & dos caualeiros que ali arrou. E da regra que estes frades seguem.*

**P**ARTIDOS da agoada do desafio, dahi a três dias tomaraõ hũa ençada pequena duas legoas antes da cidade de Alcocer, a onde se detiueraõ por daré folga aos marinheiros, mariscado, & ta-

zendo agoa, & começando a vétar o Leuante se recolheraõ cõ muita pressa, & deraõ á vela, por se aproveitarem do vento. Socedco ficarem dous marinheiros em terra, por andarem muito desfuiados, & acodindo á praya vendo ir os nauios á vela, assentaraõ de se ir de longo do már, por q̃ forçadamente os nauios auiaõ de tomar algũa ençada de noite, ou forgiré perto da terra, pera se lançarem a nado a elles: & assi foraõ caminhando a tẽdarem em hũa grande estrada, polla que foraõ dar na cidade de Alcocer. E sendo vistos dos natu- raes, & conhecẽdo q̃ era gẽte estranha (posto q̃ tambem eraõ Mou- ros Arabios como elles) prende- raõnos, & nas perguntas souberaõ da armada Portuguesa, & de tudo o que era passado.

Os moradores da cidade affom- brados com aquellas nouas, man- daraõ com muita pressa as molhe- res pera a serra, & tomaraõ os que eraõ pera isso as armas pera se de- fenderem, se os Portugueses qui- sessẽ entender com elles. An- dando neste trabalho appareceo a nossa armada, que se ya chegan- do bem á terra pera a descobri- rem, & notarem a cidade, que esta- ua estendida sobre o már. Os della lhe atiraraõ algũas bombar- dadas pequenas, que acenderaõ o desejo ao Governador de desem- barcar, por que ya em duuida se o faria ou não: & declarando seu

Cc parecer



*Quinta Decada. Da historia da India.*

parecer a todos os achou conformes. Pello q̃ pondo a proa em terra, deitou a gēte nella, repartida em tres bādeiras, de que eraō capitaēs dom Christouão da Gama, que leuaua a dianteira, Tristaō de Tayde, & o Governador, com todos os fidalgos da armada. Dom Christouão cometeo a cidade com grāde valor, & determinação, desbaratādo os que se lhe offereceraō em defensão, com quem foi entrando de enuolta. Os naturaes cortados do ferro, & do medo dos nossos, largaraō a cidade, & se acolheraō á serra. Dom Christouão mandou recado ao Governador, que a cidade estaua despejada, & indosse chegando mādou tocar a recolher, por que não ouuesse algũ desmancho. Despedindo recado a dom Christouão q̃ se não embarcasse com cousa algũa por não perder tempo, & q̃ se recolhesse, & fosse dando fogo á cidade, o q̃ elle logo fez, ardendo toda sem ficar cousa algũa em pé, no que ouue notauéis perdas, por estar maciça de mantimentos, & fazendas, como aquella que era a principal escala de toda aquella banda.

Os nossos embarcaraōse a seu saluo, & no már queimaraō hũa Nao, & vm Galeão da feição dos nossos, de coatrocentos toneis, & muitas Geluas carregadas de mātimentos, de que primeiro se proueo toda a armada. Os marinheiros que estauaō prezos, nesta reuol-

ta tiueraō tempo pera fogirem, & se embarcaraō em seus nauios. Aqui tomou dom Ioão de Crasto o Sol, & achou que estaua esta cidade em vinte & cinco graos & meyo. Della ao Cairo ha cinco dias de caminho. Nas muitas ruinas de edificios que ainda oje apparecem, se mostra que ja esta cidade foi muito mayor. E así presumiraō alguns que fosse a antiga Filotera, ainda que quanto a nós mais parece Amioformo de Plinio. Este dia, que foi vm Domingo, quatorze de Abril, ficou ali a armada dādo folga aos marinheiros, & ao outro dia se fizeraō á vela, & auaessaraō a outra banda de Arabia, & a quinta feira foraō auer vista do lugar de Tór. O Governador por saber que auia ali Christaōs, determinou de tomar terra, por ver se podia auer fala de algum, pera saber o estado em que estaua Sués: & endireitando com a terra vio andar na praya vm esquadraō de Turcos d'espingardas q̃ se assomou em duzentos, que tanto que ouueraō vista das nossas velas acodiraō á praya a ver o que era. Dom Esteuão mandou tomar as velas, & a remo se foi chegando pera a terra, donde lhe atiraraō algumas bombardadas, & detendosse tomou parecer sobre o q̃ faria, & a todos pareceo bẽ q̃ desembarcassẽ, ainda q̃ não fosse mais que pera tomarem algũa pessoa q̃ lhes desse rezaō de Sués. E armandosse



dosse com muita pressa, mandou o Governador que desembarcassem na mesma ordem que em Alcocer, como logo fizerao, sendo o Governador o derradeiro, & a badeira de Christo que lhe leuaua Luis Anriquez seu Alferes.

Postos em terra, acharao nos Turcos grande resistencia, por que como erao os mais delles de espingardas feriraõ da primeira surriada alguns. Mas dom Christouaõ da Gama apertou tanto com elles, que a seu pezar, & com muito dano os arrancou do campo, & os fez recolher pera a cidade, que era muito arrezoadada, & de grandes casarias. Os da dianteira que yaõ apertando com elles, foraõ entrando de enuolta, mas os Turcos de escaldados vararaõ pella outra banda fóra: & o mesmo fizeraõ todos os moradores. Dom Christouaõ, & Tristaõ de Tayde, foraõ entrando a cidade a pos os inimigos, cada vm por sua parte. Tristaõ de Tayde pella que foi encontrou dous frades dos de monte Synai, que yaõ com muita pressa pedir misericordia aos Portugueses, pera que não dessem fogo á cidade, por que tinhaõ nella vm templo. Tristaõ de Tayde em os vendo, logo conheceo que eraõ religiosos pellos habitos, & tonsuras, por que tinhaõ cercilhos & coroas, & remetendo a elles os leuou nos braços com muito amor, & com elles voltou pera o Gover-

nador, & chegando a elle se lhe lãçaraõ aos pés, pedindolhe da parte de santa Catherina, q̃ perdoasse áquella cidade, & a não mandasse queimar: por que auia nella muitos Christaõs, & vm templo diuino.

O Governador com as lagrimas nos olhos de ver em meyo d'aquelle Mouraismo, religiosos, & Christaõs, abaixandosse todo os leuou nos braços, aleuantandoos com muita charidade. E logo mandou com muita pressa recado a dom Christouaõ que sobrestiuessse, & não fizesse dano algum na cidade, o que elle fez tornandosse pera elle. O Governador ficou com os frades em muitas praticas, & em perguntas de que lhes deraõ boa rezaõ, mas nenhũa do estado em que Sués, nem as Galés estauaõ. Os frades lhe pediraõ que fosse com elles ao seu mosteiro pera os honrar, & pera consolar os mais religiosos, o que elle fez com muito gosto: indo na ordem em que desembarcaraõ, & atraueffaraõ a cidade a tè chegarem ao mosteiro, que era do orago de santa Caterina. A porta delle foraõ muito bem recebidos de todos os mais religiosos, com grandes mostras de amor, & charidade: & tomãdo o Governador no meyo, entraraõ pella igreja em procissão, cantando Psalmos a seu modo. Na capella fez o Governador oração, & pella igreja todos



os mais, com hũa alegria, que lhes pulaua pellos olhos, por serem os primeiros Christãos da Europa, que com mão armada, & com suas armadas chegaraõ áquelle lugar.

E pera memoria de taõ admiravel jornada (muito mais dina de engrandecer que a de lason ao velocino d'ouro) armou o Governador dentro na capella caualeiros a todos os que quizerão, & pediraõ aquella ordem todos os fidalgos: esta foi a causa de que dom Luis de Tayde (que aqui foi armado entaõ caualeiro) mais se jactaua, que de todas as em que se achou: & oje em nosso poder está ainda o proprio aluara de caualeiro que o Governador ali passou a vm Ioaõ Camelo, que relata esta jornada muito por extenso.

Este auto celebrou o Governador com muitos instrumentos de alegria, & com grandes saluas de artelharia: & sobre tudo com muitas graças & lououres que todos deraõ a Deos nosso Senhor, & a bemaumentada sancta, em cuja casa estauaõ, por tamanha merce como aquella. O Governador pediu aos padres algũas reliquias sanctas, pera leuar pera memoria & lembrança sua, que lhes elles deraõ, ainda que poucas, por dizerem que as principaes & mais estimadas estauaõ na propria casa de santa Caterina, que d'ali apparecia em cima do monte Synai, hũa

jornada de caminho: pedindo ao Governador que esperasse dous dias pera lhas irem bulcar. Elle lhes agardeceo muito aquella vontade, dizendolhes, que se não podia deter. E mandandolhes fazer algũas charidades se despedio delles, que o acompanharaõ a tè a praya, a onde todos se abraçaraõ com muito amor não se fartando os nossos de os ver & cariciar. E assi se embarcaraõ com grandes saudades.

Está esta cidade de Tór em altura de pouco mais de vinte & oito graos: foi em outro tempo muito prospera, & por muitas ruinas antigas, & por seu sitio, affirmão alguns Geographos, que foi a antiga Elana. Os frades deste mosteiro de monte Synai, são da ordem de são Basilio, seguem a igreja Grega, & obedecem áquelle Patriarcha, o que a de ser sempre eleito, ou desta ordem, ou da de são Sabba, que são outros religiosos, que viuem apartados do pouo, assi como os nossos Biguinos da serra Doça, a que os Gregos chamaõ Calorios, que quer dizer, homens bons & virtuosos: que seguem os estatutos de santo Antaõ primeiro Abbade. Neste lugar

de Tór ha cinco braças do fundo muito bom & limpo.

CAPL



*De como o Governador dom Esteuaõ da Gama chegou a Sués: & da descripção de todo aquelle estreito: & do sitio deste lugar. E de como querendo desembarcar lhe sa-  
yo muita gente que estava de  
guarnição. E o Governador  
se recolheo, sem fazer cousa  
algũa.*

**P**ARTIDO o Go-  
vernador dom Este-  
uaõ da Gama de Tór-  
pera Sués, foi seguin-  
do sua derrota, & já  
d'ali pera dentro quem não vai  
muito cosido com a terra, a vai v-  
do d'ambas as partes, por que se  
vão metendo no sacco do estreito.  
Por aqui foraõ nauegando de dia  
com muito tento, & forgindo de  
noite por causa das restingas, & no  
cabo de oito dias hũa coarta feira  
á noite forgirão duas legoas de  
Sués com grande aluoroço de to-  
dos. E primeiro que tratemos do  
q' lhe aconteceu, diremos breue-  
mente do sitio deste lugar.

Foi antigamente ali hũa fermo-  
sa cidade, & ao presente era cousa  
taõ pouca, q' não tinha mais de trin-  
ta ou corenta casas de palha: por  
ser o lugar em si deserto, & esteril-  
le, sem hũa aruore, nem erua ver-  
de, nem agoa de que aquelles mo-

radores bebessem, & como são po-  
brissimos, prouense d'algũs poços  
q' estaõ dali a duas legoas, donde  
lha trazem em camellos a vender,  
& ainda esta he taõ salobra, que  
quem a não costuma, a não pode  
beber. Neste lugar aparecem ain-  
da grandes roinas, de hũa muito  
fermosa cidade, que já ali esteue  
em tempo de pagaõs: & muitos  
affirmaõ que foi a dos Heroas,  
taõ nomeada dos escriptores anti-  
gos, posto que a mais cõmun opi-  
nião he que foi a cidade de Arci-  
noc, q' Plinio diz ser no fundo do  
már roxo, edificada ali de Ptholo-  
meo Philadelpho, do nome de  
hũa sua irmã.

Estrabo diz, que esta cidade  
tambem fora já chamada Cleopa-  
trida, & que junto della era a ci-  
dade dos Heroas. Foi esta cidade  
em tempo dos Reis do Egypto,  
a mais celebre que auia por aquel-  
las partes, por que todas as fazen-  
das do Oriente, que yaõ por via  
do már roxo, descarregauão ali:  
& assi o mais importante rendi-  
mento que aquelles Reis tinhaõ,  
eraõ as entradas que se pagauão  
dellas. E era isto tanto assi, que  
affirmaõ Estrábo, & Plinio, que  
desejando Elrey Sefostre de fa-  
zer aquellas entradas mais faci-  
les, por escusar o trabalho de le-  
uarem d'ali as fazendas por ter-  
ra em camellos, mandara abrir  
hũa das bocas do Nilo, chamada  
Delta, pera levar o már por hũa  
fossa



fossa grande a tè a cidade de Arcinoe, que será distancia mūy perto de doze legoas, pera por ella irem as embarçaõens descarregar no Nilo. E por que lhe affirmaraõ que o már roxo era mais alto que o Egypto, & que se lhe desse passagem alagaria toda a terra, leuara maõ da obra.

Outros dizem que esta caua naõ mandara abrir se naõ Elrey Psanítico, sendo moço, & que por sua morte a fora continuando Dario, & que depois Ptholomeo a quise- ra acabar, & que tambem a deixara imperfeita. Esta obra intentou tambem o Turco Amurathes (que morreo agora na era de nouenta & coatro, ou de nouenta & cinco) por que parece desejava de passar por ali suas armadas á India: & mãdou a isso Mamede Baxá, & algũs grandes officiaes pera aquelle negocio: pera que se juntassem com o Baxá do Egypto, & vissem se era possiuel fazerse aquella caua, pera por ella entrar o már roxo no rio Nilo. Estes homens andaraõ fazendo suas traças, & deitando suas medidas, & acharaõ o inconueniente que Sefostre, & que sem duuida o már roxo era mais alto tres covados que o Nilo, & que se perderia toda a terra do Egypto: & leuou por esta rezaõ tambem maõ da obra. Isto nos contou nesta cidade de Goa, ym Rabi muito douto na ley, chamado Ioseph, natural de Soloniche, q̃ dizia que se acha-

ra presente a caso áquellas medidas.

E tornando a nosso fio: Plinio parece que chama tambem a esta cidade de Sués, Daneo, por q̃ diz estas palauras. No vltimo seyo do golfo Arabico, está ym porto chamado Daneo, de que ja determinaraõ levar hũa fossa naueguel a tè o Nilo. Por que naquella cidade de Daneo se descarregauaõ as fazendas q̃ yaõ da India por már, & d'ali passauaõ em casilas a tè Alexandria. Eraõ taõ grossas as entradas que os Reys do Egypto tinhaõ destas fazendas, & ainda o Imperio Romano, (depois que foi ter a seu poder) que affirma Marco Tulio em hũa oração, que rendiaõ doze mil & quinhentos talentos, que pella conta de Budeo fazem sete milhoens & meyo doutro: como milhor se pode ver nos sete volumes das leys, a onde estaõ escritas todas as sortes de fazendas & drógas, que da India yaõ pera aquelle estreito: que Arriano autor Grego, tambem nomea muito particularmente. E por esta rezaõ os Soldoẽs do Egypto mandaraõ abrir muitas cisternas que se enchiaõ d'agoa do Nilo, por aquella caua que Sefostre mandou abrir, o que tudo os Mouros depois desfizerãõ, & derribaraõ, ficando ainda muita parte desta caua, & de outras cousas, conseruando a memoria antiga do que ali foi.

E posto que o nosso Ioaõ de Barros



Barros compare mūy bem este estreito a vm lagarto, & assi o mostra nas cartas, & mapas: todauiā nāo deixaremos de fazer tambem nossa demonstraço, que nāo vai a desproposito, & por ella se entenderá melhor este sitio de Sués, & do modo em que as Galés estauā.

Quer todo este estreito imitar a tromba de vm Alifante, cujos dētes ficaō ali como aquellas duas entradas da bāda de Arabia, & da Abasia. E assi como a tromba vai fazendo aquelle vaō pello meyo, deixando aquellas ilhargas de hūa & da outra parte: assi faz pello meyo deste estreito vm bom canal, & pellas ilhargas quasi que he todo macisso de restingas, ilhas, baixos, & outros impedimentos, por onde se nāo póde nauegar, se nāo de dia, & em vasilhas pequenas, & com muito tento. Vai todo este estreito fenecer naquelle focinho de Alifante, com duas ventās, onde está o lugar de Sués, & naquelle vaō que diuide hūa venta da outra, faz neste lugar vm esteiro, & na venta da banda de Arabia tem vm arrecife de pedra, & da outra banda do Egypto faz hūa ponta de hūa ferra que ali se vai abaixando a té vir beber no már, com hūa praya de area á roda, em cuja póta está vm castello roqueiro de taipa coadrado, de trinta braças em coadra, & em cada hūa seu cubelo cō algūas peças de artelharia. De longo de-

sta praya estauāo varadas as Galés que eraō corenta, que entraō por este esteiro que faz ambas as ventas: & na outra da banda de Arabia estauāo as Naos & Galeoens, que tambem entraō pera se vararem por este canal de agoas viuas.

O Governador tanto que sor-  
gio chamou os capitaēs a si, & lhes disse, que seria bem mandar diante Tristaō de Tayde, com alguns homens de confiança, pera irem a Sués, a ver se podiaō tomar algūa espia, pera saberem o como as Galés estauāo & parecēdo bem a todos, mandou embarcar no Papagayo com Tristaō de Tayde, o Grego laniçaro Garcia de Noronha ( que o Visorrey dom Garcia de Noronha fez em Diu Christaō como temos dito no capitulo setimo do quinto liuro) & com elle tres valerosos soldados, chamados Fernāo Diaz Cesar, Ioaō fidalgo, & Antonio Pereira (este homem reue em Goa hūa irmã chamada Ieronima Pereira casada com vm cidadaō hōrado por nome Simaō da Cunha, de quem reue alguns filhos, & duas filhas casadas, hūa cō Aires de Sousa filho de Christouaō de Sousa de Sanctarem, q̄ foi capitaō de Chaul, nas differenças de Pero Mascarenhas, & Lopo Vaz de Sam Payo, como na coarta Decada dissemos, no capitulo oitauo do terceiro liuro, & outra com Manoel de Saldanha filho de Antonio de Saldanha, tambem



*Quinta Decada. Da historia da India.*

de Sanctarem, que falecco de parto.) Estes tres soldados por ordem do Governador dom Esteuaõ da Gama se despiraõ, & encacharaõ, & se vntaraõ de ceuo todos, pera q̃ não podesse pessoa algũa pegar delles: & deu ordem á Tristaõ de Tayde que fosse ao lugar que lhe mostrasse Garcia de Noronha (q̃ sabia mūy bem a terra) & em muito silécio lançaſſe aquelles tres soldados a nado, pera irem a terra a ver se podiaõ tomar algũa pessoa, pera lhes dar rezaõ de como as Galés estauaõ: dando por regimento a Tristaõ de Tayde, q̃ tornasse a voltar antes do coarto d'alua.

Partido Tristaõ de Tayde, foi remando tudo o que pode, & errando o canal (por ser muito escura a noite) andou as apalpadelas a tẽ se lhe gastar toda a noite. E vendo Tristaõ de Tayde aquillo, tornou a voltar pera a armada, a que chegou de madrugada. Vendo o Governador o que lhe tinha acontecido, mandou leuar ancora, & foi seu caminho, com determinação de ir assi sem mais espia cometer o porto, onde chegou ao outro dia pella menhã, diuisando logo o castello & as Galés, que estauaõ todas varadas ao longo d'aquella praya, com as proas pera o már. Esta vista foi pera todos do mór contentamento que podia ser. O Governador ajuntando a si as fustas, mandou a seu irmaõ dom

Christouaõ da Gama que se adiantasse com oito nauios que lhe nomeou, & que fosse queimar as Galés, & q̃ elle lhe iria com os mais nas costas. Dom Christouaõ com os seus nauios postos em armas foi demandar a terra, & sendo a tiro de falcaõ, dispararaõ das naos um tiro grosso, que era o final q̃ faziaõ aos seus, por que já estauaõ sobre auiso da armada, assi de Cogecoſar, como de Cuaquem. Os nauios yaõ auiados, & adiantaraõ se de todos dom Ioaõ de Craſto, Tristaõ de Tayde, & dom Francisco de Meneses, que eraõ mais ligeiros, & foraõ endireitando com a ponta do esteiro, onde as Galés estauaõ. Vendo dom Christouaõ q̃ já não podia chegar com elles, voltou pera a outra banda a onde estauaõ as naos, pera as queimar: & como d'aquella parte era tudo arrecife, varou por cima delle, & com trabalho se tornou a afastar, & tornou a endireitar pera onde yaõ os outros, & como ya atraueſſado lhe deraõ do castello hũa bombardada, cujo pilouro deu junto delle, & o borrifou todo. Dom Ioaõ de Craſto, Tristaõ de Tayde, & dom Francisco de Meneses chegaraõ a terra, indo os meſmos soldados encuados, com lanças de fogo pera saltarem em terra, & irem por fogo ás Galés: & inda bem os nauios não chegaraõ, quando arrebentaraõ de detras do monte, perto de dous mil Turcos de caualo, com duas



duas bandeiras grandes & farpadas, gente toda muito lustrosa, & remeterão com a praya. Alguns dizem que já o soldado Antonio Pereira estava nella, & que se recolhera com a agoa pelos peitos. Os nossos vendo os Turcos afastar-se pera fora, & lhe derao hũa salua de falcoadas, de que lhe derribarão alguns, & assi se tornarao ao Governador muito descontentes & magoados d'aquelle negocio, que cuidavao fizessem a seu saluo.

O Governador chegou a si todos os capitaens, & lhes perguntou o que faria: ao que todos responderão que não avia mais que recolher, primeiro que os Turcos lançassem algũas Galés ao már, por q se os seguissem lhes dariao trabalho. Com isto se foraõ afastando, & aquella noite forgiraõ na ponta de Pharaõ, em coatro braças, hũa legoa & meya afastada de Sués. Ao outro dia deraõ á vela com vento fresco, & indo de longo da costa de Arabia, mandou o Governador perguntar aos Mouros que tomaraõ na Gelua, se avia por aquella paragem agoa: & elles lhe mostraraõ defronte vm lugar, que diziaõ chamar-se os doze pços de Moyses: & que por aquelle proprio lugar por onde yaõ entao passaraõ os filhos de Israel, quando fugiraõ de Pharaõ: & que aquella era a agoa que se lhes abria. O Governador por que leuava bom

vento não se quis deter. Os soldados que ouviraõ como por ali passara Moyses, encherão alguns frascos d'aquella agoa, & depois de chegarem a Goa foraõ á rua direita onde viviaõ algũs Christaõs novos mercadores, & vasandolhes a agoa pellas portas, diziaõ. Vedes aqui a agoa que se abrio a vossos antepassados, quando foraõ fogindo do Egypto.

Estes pços que ali mostraraõ aquelles Mouros (& q andaõ nas nossas cartas de marear por pços de Moyses) não achamos a causa por que se chamaõ assi. Por que segundo temos da Escritura, depois dos filhos de Israel passarem o már roxo á outra banda, não acharaõ logo agoa, & andaraõ pelo deserto de Sur tres dias, a tẽ irẽ ao lago amargós que Moyses fez doce com a vara: & d'ali passaraõ a Elim onde acharaõ doze fontes de agoa doce.

O Governador foi seguindo sua viagem com vête prospero, & em poucos dias chegaraõ a Maçuá, & achou todos os soldados aleuandados contra Manoel da Gama, que era vm fidalgo taõ forte, & trabalhoso de condiçaõ, que não se podia sofrer: pello que se lhe foraõ oitenta homens pera o Preste, & no caminho foraõ roubados & mortos: & elle tirando deuaõ do caso, enforcou cinco homens, que achou que sabiaõ de sua fogida, que o Governador achou ainda

na



na forca, que estaua na praya.

Estes homens, segundo todos dizem, forão enforcados sem culpa, & á hora de sua morte emprazaraõ a Manoel da Gama, que antes de vm mês endoudeceo, & morreo, indo já o Governador saindo pello estreito fóra, & o mādou enterrar, em hũa d'aquellas ilhas da boca. Tãto que o Governador chegou a Maçuã, que soube do caso, intio muito, & dissimulou, por que Manoel da Gama era seu tio. Chegou o Governador aqui alguns dias já andados de lunho, & deixou-se ficar esperãdo a moução pera a India.

CAPITOLO X.

*De todos os Emperadores Christãos da Ethiopia, que reinarão depois que se descobrio a Índia: & das guerras que lhe fez Elrey de Adel, tomadolhe a mór parte de seu reino: & de como a Raynha mãy d'Elrey, sabendo estar o Governador em Maçuã o mandou visitar, & pedir-lhe soccorro.*



A que auemos de tratar das cousas da Abasia d'aqui por diante, pareceonos bem fazermos hũa breue relação de todos aquelles

Emperadores de que tiuemos conhecimento & noticia a tẽ gora: por que com o fauor diuino pello discurso da historia iremos continuando com os que socederaõ.

Pello que se á de saber, que nos annos do Senhor de mil coatrocentos oitenta & oito: mandou Elrey dom Ioaõ o segundo de Portugal á descubrir o Preste Ioaõ, pella fama que confusamente andaua na Europa delle. Reinaua naquelle tempo sobre toda aquella Ethiopia o Emperador Escander (por outro nome Alexandre) que faleceo naquelle tempo em que dom Vasco da Gama foi a primeira vez descobrir a India. A este socedeo seu filho Naur, que reinou doze annos: & por sua morte ficou seu filho Dauid, minino, debaixo da tutoria de sua mãy Helena, (que he aquella que mandou a Portugal o Embaixador Mateus, que foi aquelle que o anno de mil quinhentos & quinze, leuou consigo dom Rodrigo de Lima, quando Elrey dom Manoel o mādou por Embaixador ao Preste: & já quando lá foi, gouernaua o Dauid, que viueo pouco depois. A este socedeo Vnag Sagad, seu filho, q morreo perto dos annos do Senhor, de mil quinhentos trinta & vm. Ficoulhe socedendo no reino seu filho Atanad Sagad, (que he este com quem auemos de continuar) que por outro nome se chamaua Claudio: & assi o nomeaõ o padre Francisc-



Francisco Alvarez, Castanheda, & Petro Mapheo.

Este tambem ficou moço por morte de seu pay, que já em sua vida trazia grãdes guerras com vñ Rey Mouro visinho chamado Grãda Amed, q̃ reinaua naquella parte, a que os Geographos chamaõ Troglodita, & tinha sua corte na cidade de Zeilá, & chama-se aquelle reino de Adel. Este auia poucos annos que se tinha feito vassallo do Turco Soleimaõ, sendoo antes dos Emperadores da Ethiopia, sobre o que eraõ todas as guerras cõ Elrey Claudio, ou cõ seu pay. Vendo agora o Rey minino, & em poder de tutores: como era sagás, entendeo que aquillo era muita parte de destruição dos reinos: pello que ajuntou grandes exercitos cõ que entrou por toda Ethiopia, conquistando & senhoreãdo tudo por onde passaua, destruindo, & assolãdo os templos, catiuando, & maltratando os Religiosos, fazendosse em poucos annos senhor da mór parte d'aquelle imperio.

O Emperador Claudio recolheosse pera aquella parte do reino de Goïame: & a Raynha sua mãy cõ o Barnagais se meteo em hũa serra chamada Damá, que a natureza fez sobre todas as do mudo inexpugnauel, por esta maneira. Vai sobindo esta serra do meyo de vñ campo grande em igual distancia vñ bom pedaço, em cima se vai estendendo vñ planice em

forma circular, lançando pera todas partes vñ capello, que quer imitar a forma de vñ sombreiro, com a copa virada pera baixo, & a rôda toda de cima he hũa planura que terá hũa muito boa legoa de largura. E asy como o sombreiro virado com as abas por cima lança aquellas fraldas pera fóra: asy esta serra lança aquelle capello taõ direito & igual, que parece que o talharaõ á mão, naõ deixando lugar pera se poder sobir a cima, se naõ por hũa só parte, pello que se sóbe em caracol com trabalho, a té chegarem acima a aba, onde a natureza parece que deu vñ golpe com hũa tisoura, deixãdo naquelle capello hũa pequena abertura como escotilhaõ de nauio, pera entrarem por elle. E pera isso he necessario, lançarem de cima hũa padiola com hũa corda grossa, em que deitada a pessoa he alada á cima: & nesta parte tem hũas portas de ferro pera defensão da sobida, sem embargo de ninguem poder ir acima senaõ for leuado na padiola. Tem esta serra no cume hũa boa pouoação, com vñ templo de Religiosos, em que auerá perto de cincoenta. Té grandes cisternas, em que se recolhe a agoa da chuua, a fora algũas lagoas que o inuerno faz, em que bebe todo o gado grosso, & miudo, que em cima ha de continuo. No plano de cima, semeaõ tanto mantimento de toda a sorte, que bastan-



bastantemente pôde sustentar cada anno quinhentos homens, o q̃ a faz ser muito mais fôrte, por que nem por guerra, nem por fome pode ser tomada. E por ser tal, costumão os Emperadores de Ethiopia recolher nella todos seus filhos, tirando o herdeiro, & ali viuem como fechados, & encarcerados, sem poderem perpetuamente sair d'ali (o que fazem pera cuitar diuisoões entre os irmãos. Aqui tem paços grandes com seus jardins pera sua recreação.

Esta terra escolheo a Raynha, que se chamaua Sabani, & por outro nome Elisabel, com suas molheres, & familia, cō o Barnagais, assi por forte & segura, como por de todo não desemparrar aquella parte, onde já não auia outra couza por conquistar dos Mouros se não ella. Assi estaua este Imperio de Christãos no mais miseravel estado, em que nunca se vio, por q̃ não auia templo em pé, nem Religioso recolhido, por todos andarem pellos desertos desagasalhados, & desconsolados. E chegando as nouas á Raynha, de como hũa armada de Portugueses estaua em Maçuá, & que o Governador da India ya nella, despedia com muita pressa o Barnagais ao visitar, & a lhe presentar as necessidades em que estaua. E auendo poucos dias que o Governador era chegado de Sués, chegou elle a Maçuá, mandolhe diate recado de sua ida.

O Governador tanto que foi auisado della, mandou armar tendas em terra pera o receber, tendo consigo o Patriarcha, & todos os fidalgos, & capitaens, mandando embandeirar toda a armada, & toda a gente della posta em fileiras & ordenanças, diante de sua tenda, & assi o esperou com grande majestade.

Chegado o Barnagais, o Governador o sayo a receber fora de sua tenda, fazendolhe grandes honras & galalhados, & a armada toda lhe deu sua salua. Recolhidos pera dentro, depois de assentados ambos em cadeiras d'espaldas, o Barnagais com hũa cruz de pao na mão perante os fidalgos que estauão em pé derredor do Governador, lhe deu sua embaixada, cujo teor era.

Que a Raynha Sabani, mãy d'Elrey Athana Sagad lhe mãdaua os perabens de sua vinda áquellas partes, & que lhe fazia a saber que Elrey de Zeila com o fauor dos Turcos tinha entrado por todo o Imperio de Ethiopia, & ganhados muitos reinos & prouincias, & destruidos todos os templos diuinos, & auexados os Religiosos, pello q̃ estaua no derradeiro estremo de se perder toda aquella Christandade. E que pois elle era Christão & todos de hũa mesma ley, & Deos o trouxera áquelle tempo, couza q̃ parecia milagrosa, lhe pedia por aquella cruz em que Christo padece,



CAPITVLO XI.

*De como se assentou que se des-  
se soccorro à Raynha. E de  
como o Governador dom Este-  
vão da Gama elegeo pera a-  
quella jornada seu irmão dom  
Christouão da Gama, & do  
que lhe aconteece a té se ver  
com a Raynha.*

deceo, a quiseffe soccorrer, por que  
de todo se não perdessem as reli-  
quias d'aquella Christandade: que  
Deos nosso Senhor teria cuidado  
de lhe pagar aquelle tão grande  
serviço seu: & que elle trazia or-  
dem pera dar todas as cousas que  
fossem necessarias pera a jornada,  
pera toda a gente que fosse. Isto  
lhe disse com tão efficazes exte-  
riores, & ainda interiores de triste-  
za, que o corpo lhe tremia, & os  
olhos eraõ viuas fontes.

O Governador dom Estevão  
da Gama com o barrete fóra to-  
mou a cruz & a beijou, & a pós so-  
bre sua cabeça, & depois consolou  
o Barnagais, & lhe disse que se a-  
uia por muito ditoso em ter vin-  
do a tal tempo áquellas partes, em  
que podesse fazer tamanho servi-  
ço a Deos, & ao Emperador da  
Ethiopia, & comprir em parte cõ  
os desejos que Elrey de Portugal  
sen senhor tinha áquelles Empe-  
radores, que por serem Christãos  
os amava, & tinha como irmãos:  
que se agasalhasse, que trataria cõ  
seus capitaens aquelle negocio, &  
que logo lhe responderia. O Bar-  
nagais se lhe humilhou todo. E sa-  
bendo que aquelle era o Patriar-  
cha, que o Summo Pontifice de  
Roma mandava pera aquelle Im-  
perio, ajoelhousse a seus pès, & to-  
mou sua benção. E despedindosse  
do Governador foisse aposentar  
na cidade que era perto.

**D**ESPEDIDO Bar-  
nagais, chamou o  
Governador todos  
os capitaens a conse-  
lho, & lhe propos a  
embaixada da Raynha, & as neces-  
sidades d'aquella Christãdade, pe-  
dindolhe conselho sobre o q faria.  
Debatido por todos aqille negocio,  
assentaraõ q era muito justo que se  
soccorresse aqille Rey pois era Chri-  
staõ, & pera q vissem os naturaes a  
cõta q tinhaõ os Portugueses, com  
as cousas de sua Religiaõ: que se  
mãdasse em fauor da Raynha um  
capitaõ com coatrocentos homês,  
& com todas as cousas que lhe fos-  
sem necessarias pera aquella guer-  
ra. E como antre todos causou grã  
de aluoroço aquelle negocio, os  
mais d'aquelles fidalgos se foraõ of-  
ferecer ao Governador pera aqilla  
jornada: mas o Governador sem  
dar conta a pessão algũa, elegeo  
dom Christouão da Gama seu ir-  
maõ, o q todos tomaraõ mal, não  
porq não tiuesse todas as partes ne-  
cessarias

D d



*Quinta Decada. Da historia da India.*

cessarias a um bom capitão : mas por que era ainda muito mancebo.

O Governador lhe nomeou quatrocentos homens, repartidos por cinco bandeiras, de que fez capitães Manoel da Cunha, irmão de Vasco da Cunha. João d'Afonseca, Francisco & Inofre d'Abreu ambos irmãos, & Francisco Velho da criação do mesmo dom Christouão. Cada um destes levava cinquenta homens, & o capitão morficou com os cento & cincoenta, para guarda da bandeira de Christouão. Os soldados destas companhias eram dos melhores da armada, que se foram oferecer para aquella jornada. O Governador mandou ordenar oito peças d'artelharia de campo, & cem mosquetes acarretados, & muitas munições. E além das armas que os soldados levavam suas, mandou o Governador dar outras tantas de sobrecellêre, espingardas, lanças, peitos, morriões, & todas as mais cousas que lhe pareciam necessárias em abundância.

Prestes tudo, deu o Barnagais todos os servidores, camellos, mulas, bois, & mais cousas para a fabrica do exercito. E aos seis dias do mês de Julho mandou o Governador que começassem a marchar, despedindo todos com muitas bênçãos, & com seu irmão se apartou por aquella praya só, a onde se despediram com grandes saudades, & lagrimas, como que lhe adiunhava o coração, que se não avia

de ver mais : por que com os derradeiros abraços se viraram as costas com muitos soluços. Recolheu o Governador para o seu Galeão, & dom Christouão foi um pedaço pela praya só desabafando em soluços, & dali se foi a dar ordem ao exercito, que já começava a marchar. O Patriarcha já entregou ao Barnagais, que lhe deu mulas para elle, & para os seus servidores, & assim mesmo todas as cousas bastante-mmente. Indo o exercito seu caminho, tanto que se afastaram da praya, entram por huns serranias muy asperas, & fragosas, & aquella noite se recolheram ao pé dellas.

Ao outro dia começaram a marchar, & como o sol sayo (que naquelle tempo andava no tropico do Cancro, debaixo de que aquellas terras jazem, & ficava perpendicular sobre suas cabeças) era a que tura tão excessiva, que os abraçava, & para mor ajuda a agonia era pouca, de maneira, que passaram muito grande trabalho. Depois de se recolherem com cedo, tomaram parecer sobre o que fariam, assentaram que caminhassem de noite, & se recolhessem de dia, por que o ardor do sol não se podia esperar, & assim o fizeram. E como já por aquellas farras foram dar em um passo tão estreito, & ingreme, que lhes foi necessario descarregar os camellos, & mulas, & passaram os soldados toda a artelharia, munições, & mais fabrica, ás costas, fêdo dom



dom Christouão o primeiro que ferraua do trabalho, com tamanha alegria, que fazia a todos sentirẽ aquillo menos. Seis dias tardaraõ em passar estas agruras, & serra-nias, sendo jornada de dous, de vm homem escoteiro. Decidos os montes á outra banda, deraõ nas grandes campinas de Baróa cabeça do estado do Barnagais, q̃ viraõ todas retalhadas de mui-tas & frescas ribeiras, & assi eraõ todas aquellas terras fertillissimas de matinentos & gados. Por ali foraõ caminhando dous dias, & no cabo delles chegaraõ á cidade de Baróa, que era muito grande, & de fermosos edificios. Por me-yo della atraueffaua vm muito grande rio que de contino trazia muitos & bõs pescados, que se es-palhaua por todos aquelles cam-pos em muitos braços, & pellas margens auia muitas villas, castel-os, quintas, & casas de prazer, que tudo estaua destruido, & desbara-tado com as guerras.

Ao entrar da cidade mandou dom Christouão por as bandeiras em ordenança, & elle com a de Christo, & com elle o Patriarcha detras. A porta da cidade acharaõ muitos frades & Religiosos em procissão cantando as Lada-nhas. Chegados a dõ Christouão, & ao Patriarcha, deitaraõ selhes a os pés, abraçandolhos, & pedindo-lhes misericordia: elles os leuãtaraõ com muitas lagrimas de prazer, de

se verem naquelle estado.

O seu mayoral, começou a en-grandecer com palauras a dom Christouão, dizendolhe que a-quella sua vinda era obra de Deos nosso Senhor, que como seu Apo-stolo o mandaua remir tantas a-uexaçoes, quantas auia quator-ze annos que padecia aquella Christandade, por mãos de Mou-ros imigos de sua fé, que tinhaõ postos todos aquelles Christaõs em hũa miserauel seruidaõ, & os templos, & conuentos de sua Christianissima Religião destroi-dos, assolados, & cõuertidos em casas de abominações: & que naõ auia em todo aquelle imperio templo aleuantado, em que po-dessem offerecer seus sacrificios ao altissimo Deos: de cuja par-te lhe pedia, tornasse sua honra a seu lugar, & que restituísse a-quella terra á sua antiga liberda-de: Isto disse com tanta dór & magoa que moueo a todos a la-grimas. Dom Christouão lhe dis-se, que se consolassem, & tiuessem esperanças em Deos nosso Senhor, que 'elle era o que lhes auia de dar forças, & poder, pera castigar seus imigos.

Acabado isto foraõ caminha-do pera a igreja que estaua to-da arruinada, & parecia que já fora cousa grande, assi em edi-ficios, como em colunas & portais, de que ainda auia muitos finaes. Aqui tinhaõ os Religiosos hũa



capella cuberta de palha em que diziaõ Missa, nella fez dom Christouaõ oraçaõ, & tornou a voltar pera fora da cidade, onde tinha mandado armar suas tendas.

Agalalhados todos, mandou dõ Christouaõ fortificar o seu arrayal, com fossas & vallos fortes, asentando sua artelharia nos lugares necessarios, & repartindo os capitaens por estancias, que cercauaõ todo o arrayal. O Barnagais começou a correr com os mantimentos, dando cada dia oito vacas, & dous bolos de milho & nachinim grandes a cada pessoa, que lhes bastaua bem, & as vacas tambem se repartiaõ por todos. A dom Christouaõ deraõlhe nouas que os Mouros andauaõ por ali perto, & chamando o Barnagais, & mais capitaes Abexins, praticou com elles, sobre o modo que teria naquella jornada, se esperaria pelo Emperadõr, ou se iria buscar os imigos? O Barnagais lhe disse, que o Emperador estaua muito longe, & que auia mister dous meses pera lhe leuarem o recado: que aquillo era inuerno, que se não podia andar pellas terras por serem alagadissas: que era de parecer que se deixassem estar naquelle lugar a tè vir o veraõ, que era ordinario entrar por todo o mês de Outubro, & que entre tanto se podiaõ cometer os imigos com algũs assaltos, pera satisfazer á vontade dos soldados Portugueses, que se

enfadauaõ de estar ociosos: & que se mandasse buscar a Raynha pera andar no exercito: por que como por todo o reino se soubesse estar em cõpanhia dos Portugueses, logo lhe acodiriaõ seus vassallos, & todos os mantimentos de q̃ tiuesse necessidade.

Pareceo bem a dom Christouaõ, & a todos aquelle conselho, & logo despedio vm correo a Raynha, q̃ estaua d'ali a vm dia de caminho, a fazerlhe a saber de sua vinda, & a pedirlhe que se quisesse vir pera elle: & pedio ao Barnagais que fosse a pos o correo pera a fazer vir, & acompanhar: & mādou Miguel da Cunha, & Frãcisco Velho, que fossem com elle com os seus soldados, pera virem acompanhando a Raynha. Tambẽ despedio dom Christouaõ correos, q̃ o Barnagais ordenou, cõ cartas pera o Emperador, em que lhe daua conta de todas estas cousas: & lhe pedia se viesse ajutar com elle, por que esperaua em Deos de desbaratar seus imigos, & de lhe dar seus reinos liures & quietos.

O Barnagais com os capitaens Portugueses chegaraõ ao pé da serra a onde estaua a Raynha, que ja tinha o primeiro recado de dom Christouaõ, & estaua com grande aluoroço: & vendosse o Barnagais com ella, deulhe conta de tudo o que passaua, & com muito aluoroço mādou chamar os Portugueses a cima, a quem ella recebeo



recebeo com muitas honras, & os mandou agasalhar bem, em quanto se fazia prestes, mandando logo dar pressa pera ao outro dia se partir, como fez, deixando ali sua mãy (que ainda era viua) em companhia de seus filhos. Leuaua a Raynha grande casa de donas, donzellas, & seruidores de continuos della: & no meyo dos Portugueses foi caminhando pera Barroá. Dom Christouaõ foi auisado de sua vinda, & preparouse pera a receber, esperandoa fora do exercito, com toda a gente posta em ordenança, & elle vestido muito louçamente: & em aparecendo a Raynha começaraõ os nobres a darlhe hũa fermosa salua de artilharia, & de arcabuzaria, cousa que ella estimou muito, por que nunca tal ouuira.

A Raynha foi entrando por entre as fileiras, que a foraõ saluando de todas as partes. Vinha em hũa fermosa mula, com hũa maneira de andilhas cubertas de seda a tè o chaõ, com vm esparuel que se armaua dos braços das andilhas, que se fechaua todo á roda com cortinas de seda. A Raynha vinha vestida em hũas roupas muito aluas, & finas, & por cima vm bedem de cetim preto com grandes cadilhos d'ouro: trazia na cabeça vns toucados grandes & aluos, & de cima da cabeça lhe caya vm veo que lhe cobria todo o rosto. Tanto que começou a entrar por meyo das fi-

leiras decesso o Barnagais, & a tomou pella redea, com o braço direito despido, pera mayor cortezia: & por cima das espadoas hũa pele de Tygre: & a cada estribeira ya vm senhor dos principaes da mesma maneira. Ella correu as cortinas pera ir vendo os Portugueses. E antes de chegar ao cabo das fileiras a onde dom Christouaõ estaua com a bandeira Real, foise elle adiantando pera lhe falar. O Barnagais a auisou de como elle era, pello que ella por lhe fazer honra leuanteo o veo, & ficou com o rosto descuberto.

Dom Christouaõ chegando á ella humilhouse lhe, & ella o recebeu com grande gasalhado, & mãdoulhe perguntar pello Governador da India seu irmão, & pella saude delle. Elle lhe mãdou dizer que o Governador ficaua bem, & que por entender o gosto q̃ Elrey de Portugal seu senhor tinha de em tudo ajudar, fauorecer, & servir o Emperador seu filho, & a ella: & sabendo o trabalho em q̃ estaua o mandara com aquella gente, pera a acompanhar, & que pera o anno esperaua de lhe mãdar mayor poder: & que entre tanto elle com aquellos soldados estaua muito prestes pera tudo o que fosse seruiço do Emperador seu filho, & seu della. A Raynha com o rosto cheo de gasalhado lhe mandou dizer, q̃ já agora tinha muita cõfiança em Deos nosso Senhor, que as cousas



*Quinta Decada. Da historia da Índia.*

da Ethiôpia, que estauão tão derribadas, tornassem a levantar cabeça, & os imigos de sua fê, pagassem as injurias, & afrontas que tinhaõ feitas a seus templos, & a seus fieis.

Acabado isto tornaraõ a dar outra salua, & dom Christouão foi a pé acompanhando a Raynha a te suas tendas, que lhe tinhaõ já armadas, antre a cidade & o exercito. D'ahi a dous dias a foi dom Christouão visitar estando com ella o Barnagais, & outros senhores

Abexins, & ali tornaraõ a assentar que passassem naquelle lugar o inuerno, & que entre tanto viria recado do Emperador. Assim ficaraõ ali todo o tẽpo que o inuerno durou, corrédo dom Christouão sempre muito pontualmente com o seruiço da Raynha, & com o gouerno do seu exercito, de feição, q̃ não ouue pessoa que se escandalizasse, nem tiuesse agrauo, de soldado algum seu, em todo aquelle tempo.

*Fim do Setimo Liuro.*

LIVRO





# LIVRO OITAVO

## DA QVINTA DECADA

### DA HISTORIA DA INDIA.

## CAPITVLO I.

*De como Martim Afonso de Sousa foi eleito no anno de 1541. pera Governador da India. E de como Elrey mandou pedir a Roma Padres da Companhia: & quaes foram os primeiros que entraram em Portugal, & passaram á India. E do que aconteceu na jornada a Martim Afonso de Sousa até Moçambique, a onde invernou.*



ELLAS cartas q̃ Elrey dom Ioaõ o terceiro teue do Governador dom Esteuaõ da Gama por terra, que chegaraõ este Outubro passado, soube da morte do Visorrey dom Garcia de Noronha, & de sua soçessão, pello que logo determinou de prouer a India de Governador. E posto que dom Esteuaõ da Gama tinha na corte dous parentes taõ honrados, como o Conde da Vidigueira seu irmão, & o do Vimioso seu cunhado (que

trabalharaõ bem por lhe naõ mandarẽ soçessor) todavia pode mais a valia do Conde da Castanheira, que entaõ mandava tudo: & meteo naquelle lugar Martim Afonso de Sousa seu primo com irmão, (que naquellas naos passadas tinha chegado da India, taõ honrado, & cheyo de victorias. E posto q̃ por entaõ parecia que entrava valia naquella eleição, quanto á pessoa foi muito bem acertada: por que este fidalgo tinha todas as partes necessarias pera o cargo, por cujo saber & prudencia, depois em quaõto viueo, foi vm dos principaes do conselho d'Elrey dom Ioaõ, & de Elrey dom Sebastiaõ seu neto.

E como Elrey nesta conquista da India tinhã o intento principal na dilataçãõ da fé Catholica, vendo como nella ya crescendo aquelle graõ de mostarda do Euágelho tanto, que começava a fazer sombra a todo aquelle Pagaismo do Oriente, & que por falta de ministros deixava de se estender ainda mais: vindolhe novas como os Padres da nova Companhia de IESV começavaõ a florescer em letras, & doutrina: despedio correos apressados a Roma, com cartas a

D d 4

dom



*Quinta Decada. Da historia da India.*

dom Pedro Mascarenhas, que lá tinha por Embaixador, pera que lhe ouuesse do Summo Pontifice, & do Padre Ignacio de Loyola, fundador desta noua Religião, seis Padres pera irem á India a pregar, a soprar, & acender o lume da fé naquelles caruoens apagados da gentilidade do Oriente.

Era o Padre Ignacio, ou Ignigo, que era o seu verdadeiro nome, de nação Espanhol, natural da prouincia de Guiposcoa, filho de Beltraão de Loyola, senhor da villa de Loyla, & cabeça d'aquella familia, que era nobilissima, que arrebatado de um amor & charidade sobre natural de Deos, & dos proximos, desejando de aproueitar, & não ser chamado seruo inutil, fayo de sua patria, & nos annos do Senhor de mil, quinhentos, trinta & oito, no Pontificado de Paulo terceiro começou a dar principio áquella noua companhia, pôdo nella as primeiras plantas, não simples, nem tenras, que os ventos & contrastes podessem logo derribar: mas de varoens grauisimos, doutisimos, & de vida Apostolica, que logo começaraõ a espantar o mundo com sua vida & doutrina.

Dom Pedro Mascarenhas, tanto que lhe deraõ as cartas d'Elrey, logo communicou aquelle negocio com o Padre Ignacio, que era seu confessor, mostrandolhe as cartas, & com muita instancia lhe pe-

dio os seis Padres que Elrey lhe encomédaua. O Padre Ignacio lhe disse, que comunicaria aquillo có o Summo Pontifice, mas que não podia dar seis Padres por não terê a tẽ entaõ mais de dez. Todauia dom Pedro Mascarenhas communicou aquelle negocio com o Papa, & elle lhe concedeo os Padres que a Ignacio parecesse bem. Em fim elle elegeo pera áquella jornada os Padres Mestre Simaõ Rodriguez, & Mestre Francisco Xauer, & o Padre Micer Paulo, & oirmaõ Francisco de Monsilhas, & fazendo-se todos preffes partiraõse logo com dõ Pedro Mascarenhas que já estaua auiado.

E chegando a Lixboa acharaõ as naos de verga d'alto. Elrey recebeo bem os Padres, & vêdo sua doutrina pedio ao Padre Mestre Simaõ Rodriguez que ficasse naquelle reino, & os mais mandou embarcar com Martim Afonso de Sousa. O Padre Mestre Simaõ fundou logo o Colegio de Coimbra, que foi o primeiro que os padres tiueraõ em toda a Christandade, tirando o de Roma. O Governador Martim Afonso de Sousa deu à vela a sete de Abril, deste anno de corenta & um: & ya embarcando na nao Santiago. As mais naos eraõ coatro, de que yaõ por capitães, dom Aluaro de Tayde da Gama, filho do Conde Almirante, que ya prouido da capitania de Malaca. Aluaro Barradas, Francisco



cisco de Sousa, & Luis Cayado, cunhado de Pero Lopez de Sousa, irmão de Martim Afonso de Sousa. Embarcaraõse nesta armáda muitos fidalgos, que yaõ servir & merecer. Antre elles foraõ dom Ioaõ Pereira, & dom Duarte de Meneses seu irmão, filhos do Conde da Feira.

Este dom Duarte era mácebo grande cortezaõ, & de quem se contaõ muitas galantarias, & húa só que nos occorreo trataremos pera mostrar o seu brio. Sendo o Governador Martim Afonso de Sousa húa tarde do inuerno no campo, foi este fidalgo em busca d'elle, & achou o lançado na relua com os fidalgos em conuersação: & descaualgando foisse pera elle. O Governador o recebeo cõ grande gasalhado, perguntadolhe, donde vem v. m. senhor dõ Duarte? ao que lhe respondeo com muita graça, de lá venho de tres ou coatro Condes. E assi era, por que era filho & neto do Conde da Feira, & do Condé Prior dom Ioaõ de Meneses. Outra galantaria quasi semelhante aconteeo em outra tarde destas a Bernaldim de Sousa, filho do Alcaide mór de Arronches, que era muito grande cortezaõ, & muito gago. Tinha elle muitas vezes porfias com o Governador Martim Afonso de Sousa, sobre qual era o chefe dos Souzas. Bernaldim de Sousa dizia, que o mórgado de Arronches, & Mar-

tim Afonso, que a casa do Prado. E chegando húa tarde o Bernaldim de Sousa ao campo em busca do Governador, leuantouffe elle ao receber dizendo pera os outros fidalgos, aqui vem o senhor Bernaldim de Sousa, que he dos chefres dos Souzas: ao que lhe elle respondeo gaguejâdo, esse osso aueis vós de roer. Festejouse muito a reposta, como tambem a de dõ Duarte acima.

E tornâdo a nosso fio: Martim Afonso de Sousa foi seguindo sua derróta, em que teue tantos contrastes, que quando foraõ todas as naos ferrar Moçâbique foi já em Setembro, & por não ser tempo de passar á India, deixouse ficar pera a moução de Março. Estaua Ioaõ de Sepulueda por capitaõ em Moçambique, que o recebeo muito bem, & auia pouco que socedera na capitania a Aleixos de Sousa, q tambem ali estaua póbree, por ter gastado tudo em seruiço de Deos, & d'Elrey, como dissemos no capitulo nono do terceiro liuro. O Governador estimou muito achalo ali, por que eraõ parentes & amigos: & por sua honra, esforço, & saber: ficando todos correndo com muitos & grandes primores. E aqui os deixaremos a tẽ

tornar a  
elles.

CAPITULO



CAPITULO II.

*De como o Governador dom Esteuaõ da Gama partio pera a India, & do que lhe aconteceu na jornada a tè chegar a Goa. E de como partio pera Cochim: & das naos que negociou pera mandar ao reino, por faltarem todas as de viagem.*



**D**ESEIOSO o Governador, dom Esteuaõ da Gama, de chegar a Goa, antes das naos do reino, tão que despedio seu irmão dom Christouaõ, mandou fazer prestes a armada, & por fim de Julho se fez á vela, & foi tomar Sacotorá, onde fez agoa, & se proueo de mântimentos. E partindo d'ali lhe deu vm tempo tão grosso, & tormentoso, (por ser a despedida do inuerno da India) que espalhou toda a armada: & foi cada vm correndo por onde melhor pode á vontade dos vêtos, perdidos, & alagados muitas vezes.

A Galeota de Gaspar de Sousa, logo no primeiro dia, não podendo soffrer os mares, abriu por ser velha, & foi comida delles: acabando ali elle com seu irmão, & outros fidalgos que yaõ embarcados co elle. Desapareceo mais a fusta de Aluaro Serrão: todas as outras fo-

raõ alagadas, & cubertas dos mares muitas vezes, & as que poderaõ furdar, os Galeoës trabalharaõ por se porem por suas esteiras, por que ficauaõ os mares maçados, & quebrados: com o que tinhaõ mais algum folego, não largando as bombas das mãos nem de dia né de noite, comendo pouco em pé, & dormindo muito menos, tudo com tanto trabalho do corpo & do espirito, que não auia homem que se podesse menear, & que não fosse desconfiado da vida, fazendo muitos votos, vns de Religiaõ, outros de castidade, outros de romarias, conforme a como Deos os mouia.

Antre estes ouue vm soldado, q por galantaria fez voto a Deos se o liurasse d'aquella tormenta de casar com dona Lianor filha de Garcia de Sá, (q era a mais fermosa dama, que naquelle tempo auia na India: que depois casou com Manoel de Sousa de Sepulueda, q se perdeu com ella no Cabo de boa esperança, como em seu lugar diremos.) Depois da armada chegar a Goa, contaraõ a Garcia de Sá o voto do soldado, o que elle festejou tanto, que o mandou bufcar, & lhe perguntou por coufas da jornada, de que lhe elle deu boa rezaõ: dizendolhe que aquelle inuerno se encheriaõ os mosteiros de soldados, pellos muitos votos que se fizeraõ na tormenta. E vós (disse Garcia de Sá) fizestes alguns?



guns? O soldado lhe disse rindo, um fiz senhor que não posso com prir, posto q da minha parte estou muito prestes. E apertando Garcia de Sá com elle, lho contou, & elle lho festejou muito, & disse ao soldado, que pois em tal tempo lhe vieraõ pensamētos tão honrados, que era justo lhe montassem algũa cousa. E chamando um homem, que tinha cuidado de sua casa, chamado Francisco Nunez, lhe mandou, q agasalhasse consigo aquelle soldado, & lhe desse de comer como a sua propria pessoa: & que lhe desse logo cem pardaos em dinheiro, & lhe fizesse um caixaõ de fato pera sua pessoa o melhor que podesse ser. E disse ao soldado que se agasalhasse, & q em quanto quisesse teria ali certo o necessario: & como se lhe acabasse o dinheiro lhe desse d'olho, que logo seria provido. E assi todo o tempo que viveo foi muito bem tratado d'elle, & muito conhecido de todos pello soldado de Garcia de Sá: & depois que socedeo na governança da India, lhe deu hũa escrevaninha do Galeão de Maluco, & morreo por lá. Trouxemos isto pera q se veja, como os fidalgos d'aquelle tempo tratavaõ os soldados, & os agasalhavaõ.

Tornado ao Governador dom Estevão da Gama foi correndo a tormēta, & posto que o seu Galeão era fermoso, & grande, elle & todos os mais se viraõ muitas vezes

perdidos, seguindoos sempre alguns, que poderaõ aturar, o forol. E no fim de Agosto foi o Governador tomar Angediuva com a mór parte dos Galeoens: a mais armada, vns tomaraõ a barra de Goa a velha, outros foraõ tomar Baçaim, Bombaim, & outros pórtos. O Governador embarcou se logo em alguns navios de remo que o seguirãõ, & entregou a armáda a Manoel dē Vasconcellos, & com os mais fidalgos de sua companhia se partio pera Goa: & os soldados dos Galeoens como yaõ enfadados, ajuntandosse alguns magótes partiraõ se por terra pera Goa, pera onde passaraõ sem lhes fazerem dano, nem descortesia algũa.

O Governador pós dous dias a rē Goa, & foi muito bem recebido da cidade, & ficou esperádo pellas naos do reino todo o Setembro, & parecēdolhe que iriaõ tomar Cochim, determinou de as ir lá esperar, por que se lhe viesse socessor, se embarcasse pera o reino: & quando não, dar auimento á carga das naos. E primeiro que partisse mandou fazer prestes um Galeão pera mandar ao reino d'ali de Goa, por via de Moçábique, pera mór breuidade, & deu a capitania delle a dom Francisco de Lima, escreuendo a Elrey o socesso de sua jornada, & aos Condes da Vidigueira, & do Vimioso, a quem encomendou seus negocios. Este Galeão deixou o Governador prestes pera se



se partir entrada de Outubro, dando por regimento a dom Francisco de Lima que trabalhasse por chegar ao reino antes que as naos fossem partidas. E elle se embarcou pera Cochim, despachado primeiro dom Francisco de Meneses pera ir entrar em Baçaim, & acabar seu tempo. Leuou o Governador seis Galeoens, & perto de trinta nauios de remo: & como leuava vento fresco, em poucos dias foi a Cochim, onde não achou naos, o que o meteo em confusão, por não saber o que seria feito dellas, por q̃ não auiaõ de deixar de partir de Portugal, pello q̃ determinou de mandar duas naos com pimenta, que já estaua comprada, pera ajuda das despezas do reino, por que auia de estar em necessidades, pelos excessiuos gastos que tinha feitos os annos atras passados, nas grandes armadas que á India forão. E assi com muita pressa mandou negociar hũa nao pequena q̃ cõprou a vm casado de Cochim, á que pôs nome são Thome, a capitania della deu a dom Ioaõ Deça: & o Galeão Zambuco q̃ Ruy Lourenço de Tauora tomou em Agaçaim, que fayo de manhas excellentes, cuja capitania deu a Ioaõ de Mendoça Cassão.

E por que sobejáua pimenta, negociou mais hũa Carauela das q̃ comsigo leuou, que deu a dom Pedro de Castello branco, que tinha saído da fortaleza de Ormuz, de

quem elle era muito amigo. Estes tres nauios se negociarão com tanta breuidade, que na entrada de Janeiro deste anno de mil, quinhentos & corenta & dous, em que com o fauor diuino entramos, se fizeram á vela. Embarcaram-se muitos fidalgos nellas, & só na são Thome com dom Ioaõ Deça foraõ, dom Ioaõ Manoel Labastro, dom Diogo d'Almeida filho do Contador mór, dom Ioaõ de Castro, dom Bernardo de Noronha, dom Iorge de Sousa, dom Iorge Tello, dom Ioaõ Lobo, Manoel de Mendoça, & outros.

E por que não auia tantos marinheiros & grumetes, tomaraõ estes fidalgos todo o trabalho da nao á sua conta, repartindo entre si as cousas mais necessarias por esta maneira. Dous delles os amatilhos, outros dous as escotas das gaueas, outros dous os estingues, vm o cabrestante da proa, outro o de popa: & assi toda a viagem acodiraõ a estas cousas com seus criados com tanta diligencia & presteza, que o não poderaõ fazer milhor muito expertos marinheiros: & por esta rezaõ se chamou esta Nao a dos fidalgos, & tiueraõ tão boa viagem, que chegaram a Portugal na entrada de julho. O Governador dom Esteuão da Gama depois de dar auiamento ás Naos, vendo que forçado as de viagem, que faltauaõ, auiaõ de estar em Moçambique, despedio logo



logo vm Galeão, de que fez capitão Luis Mendez de Vasconcellos pera ir lá, dandolhe por regimêto, que se achasse as naos lhe tomasse os cofres do cabedal, & se tornasse a inuernar á India, pera com o dinheiro ser negociada a pimenta pera a carga d'ambas as armadas que auiaõ de chegar em Setebro: así á que estaua inuernada, como a que auia de vir & partir em Março, & de sua viagem adiante daremos rezaõ.

Depois do Governador dom Esteuão da Gama partir de Goa chegaraõ nauios de Ormuz, que deraõ por nouas, que Martim Afonso de Sousa era partido do reino por Governador da India: estas nouas se souberaõ por cartas de Veneza. Estaua em Goa vm fidalgo chamado Diogo Soarez de Mello, Galego, grande caualeiro, que não era amigo do Governador dom Esteuão da Gama, & era o muito grande de Martim Afonso de Sousa. Este sabendo as nouas, & entendendo que auia de estar em Moçambique de inuernada, negociou hũa Galeota em segredo, & partioõse em Dezembro pera o ir buscar.

E primeiro que entremos em outra materia será bem que demos conta da viagé de todas estas naos breuemente, & primeiro continuaremos com dom Francisco de Lima que partio de Goa. Este fidalgo foi seguindo sua derróta,

& na entrada de Dezembro foi tomar Moçambique, a onde achou Martim Afonso de Sousa tal, que lhe não falou por estar com hũas grandes febres, & frenes, rapado da cabeça, & barba, & quasi na derradeira. Dom Francisco de Lima fez agoada, & foi seguindo sua jornada a tẽ chegar ao reino, & entrou por Lisboa em Abril: depois da armada partida pera a India.

Foi este fidalgo muito bem recebido d'Elrey, & por elle soube muito particularmente as nouas da India, & lhe affirmou que Martim Afonso de Sousa seria morto, pello estado em que o deixara em Moçambique. As outras Naos q̃ partiraõ de Cochim, chegaraõ a saluamento: só a Carauela de dom Pedro de Castello branco, encontrou na volta das ilhas dos Açores vns nauios Franceses, que o abordaraõ, & entraraõ, roubádo, & tomadolhe tudo o que leuaua, & así chegou ao reino: & logo se passou a França com cartas d'Elrey a requerer sua fazenda, por que fora roubado auendo pazas antre aquelles dous Reys. Este fidalgo andou na corte de Paris muito tempo, requerendo áquelle Rey lhe mandasse fazer restituição de sua fazenda, sobre o que elle (segundo dizem) mandou fazer diligencias dissimuladas, sabendo elle muy bem o que lhe fizerão, & tendo quinhaõ nas pe-

E c ças



*Quinta Decada. Da historia da India.*

ças que lhe tomaraõ: & dom Pedro lhe conheceo hũas estribeiras d'ouro, & vns aneis ricos. Estando ym dia em praticas com elle, desculpandosse elle, que se não achaua rasto de cousa algũa, nem elle sabia donde aquillo podia vir: lhe respondeo dom Pedro: Como senhor dizeis isso? se as estribeiras que o outro dia leuastes eraõ minhas, & effes aneis que tendes nos dedos eu os mandei fazer? No q̃ isto parou não soubemos cá na India, onde escreuemos isto. Sómente nos parece ouuir em Portugal dizer, que algũas peças & fazendas lhe tornaraõ, por que depois viueo este fidalgo rico: & por sua morte ficou seu filho dom Antonio de Castello branco com muita renda, & casa: & casou com hũa filha do Visorrey dom Garcia de Noronha, cujo casamento os pays delles fizeraõ na India, de quem se não logrou tres meses. E contasse delle esta grandeza: que depois da molher falecer deixando a elle por herdeiro de tudo, tomou o casamento que lhe deraõ em dinheiro (que eraõ quinze mil cruzados) & os mandou a dom Aluaro seu cunhado: mandandolhe dizer, que tinha escrupulo de comer aquelle dinheiro, que seu pay dom Garcia ganhara, & que sua filha taõ mal lograra. Foi dom Pedro de Castello branco casado com hũa filha de Ioaõ Brandaõ, neta do grande Duar-

te Brandaõ.

E tornando á nossa historia. Partido Diogo Soares de Mello na Galeota, chegou a Moçambique em Ianairo, & já achou Martim Afonso de Sousa saõ, que o recebeo muito bem, & estimou muito sua vinda. Logo depois d'elle chegou Luis Mendez de Vasçócellos aque o Governador Martim Afonso de Sousa não fez muita festa, & mãdou meter o Galeão dentro: negociandosse pera se partir em Março, por lhe Diogo Soares de Mello facilitar a jornada.

**CAPITVLO III.**

*De como o Nizamoxã tomou as fortalezas de Sangacã, & Carnalã, que eraõ do estado de Cambaya: & de como dom Francisco de Menezes, capitão de Baçaim, foi soccorrer os senhores dellas, & as tornou a ganhar, & da doação que dellas fizeraõ a Elrey de Portugal.*



**V**ENDO o Nizamoxã as grandes reuoltas que estes annos passados ouue no reino de Cambaya, com a morte de Soltaõ Batur, desejou de auer ás maõs duas fortalezas d'aquelle reino, que e-

stauaõ



estauão nos estremos de seus reinos, sobre duas altissimas serras, que sobião como piramides, em cujo cume estauão ambas muito fortes, así por sitio como por arteficio, que se chamauão Sangaça, & Carnalá, pouca distancia hũa da outra, que aparecem a quem vai pello rio de Bombaim dentro. Estas duas fortalezas tinha Soltaõ Badur dadas a dous Mouros seus vassallos, chamados, Nacoda Amorgim, & Atridican, que nellas residiaõ com gente de guarnição, & comiaõ muitas aldeas q̃ auia por derredor de sua jurdição. Estes dous castellos tinhaõ os Reys de Cambaya naquella parte, como dous marcos dos estremos do seu reino, & do Nizamoxá. E trazendo este Rey o olho sobre ellas auia muito, desejando algũa occasião pera as auer ás mãos, ve-yolha offerecer o tempo na entrada deste veraõ em que entrãmos, com serem ausentes estes capitães, que se apoderaraõ dellas. Quando os dous Mouros Amergim, & Atridican tornaraõ de Cãbaya, & as acharaõ tomadas, não tiueraõ outro remedio, mais, que valeremse de dom Francisco de Meneses capitaõ de Baçaim, que auia pouco era chegado áquella fortaleza, pedindolhe ajuda pera as tornarem a ganhar: obrigandosse a se fazerem vassallos d'El-rey de Portugal.

Esta obrigação, nem os pontos

della não aparecem, nem nós o sabemos: só sabemos que ajuntou dom Francisco de Meneses trezentos Portugueses, & algũs piaçes da terra: & embarcandosse em muitos nauios foi pello rio dentro, desembarcar ao pé d'aquellas fortalezas, & pondo sua gente em ordem, fez della tres bandeiras, de que deu as capitãias a dom Jorge, & a dom Aleixo de Meneses seus sobrinhos, & a outra tomou pera si: & toda a gente da terra ya debaixo da bandeira de Pero de Lemos, Tanadar mór das terras de Baçaim: & os dous capitães Mouros com sua gente, que seriaõ perto de coatrocentos homens. Dom Francisco de Meneses deu a dianteira a dom Aleixo de Meneses que começou logo a marchar pella serra acima, indo todos deuagar por chegarem folgados: & postos em cima cometeraõ a fortaleza de Carnalá, cercandoa á roda, & encostandolhe logo muitas escadas que pera isso leuauaõ, a cometeraõ com grande impeto, pondosse logo em cima dos muros. Os de dentro vendo a determinação dos Portugueses, cortados de medo, se lançaraõ por hũa parte, que ya a pique, serra abaixo, & perigando alguns, os mais se acolheraõ, ficando a fortaleza vazia, que logo foi entrada.

E deixandolhe dentro guarnição foraõ logo em fresco cometer a

E e 2

ter a



ter a de Sangaçá, que já tinha rebatido do que socedera á outra. E não querendo os de dentro experimentar o ferro Portuguez, primeiro que elles chegassem se acolherão, ficando desta feita aquellas fortalezas em poder de dom Francisco de Meneses sem golpe de espada: & logo fez dellas entrega aos Mouros, que lançando suas contas, & vendo que já lhes ficava contenda com o Nizamoxá, não se atreuerão a defender aquellas fortalezas, sem o fauor de dom Francisco de Meneses, & antes que se partisse lhe pediraõ, que a té se segurarem lhes deixasse aquelles dous sobrinhos com alguns soldados, & que elles lhes fariaõ todas as despezas. Dom Francisco de Meneses lho concedeo, deixando dom Alvaro em Sangaçá, & dom Iorge em Carnalá, com sessenta arcabuzeiros cada um, & muitas monicoes, o que tudo prouido se tornou pera Baçaim, & despedio recado ao Governador de tudo o que era passado. O Nizamoxá teve logo auiso do negocio, & despedio tres capitaens com coatro ou cinco mil homens que entraraõ pellas aldeas da jurdição d'aquellas fortalezas, & as destrui-raõ, & assolaraõ de todo. Vendo Amergim & Atridican, que ficauzõ sem rendas pera suprirem as despezas, & que o Nizamoxá auia de meter todo o cabedal por tornar a auer aquellas fortalezas,

assentaraõ, que lhes não vinha bem contenderem com imigo taõ poderoso, que o bom seria largalas de todo aos Portugueses com alguns partidos: & assi se cartearaõ com dom Francisco de Meneses, sobre o que foraõ, & torna-raõ recados a té se concertarem que lhe dariaõ algũas aldeas nas terras de Baçaim, & que largassem aquellas fortalezas, de que logo fizeraõ doaçaõ a Elrey de Portugal, & se recolheraõ a Baçaim.

Dom Francisco de Meneses mandou prouer as fortalezas, como proprias do estado. E por que dom Iorge de Meneses adoeceo, & se foi curar a Baçaim, mandou em seu lugar Pero de Lemos, Tanadar mór. O Nizamoxá, não sabendo ainda deste contrato, auendo que toda a contenda era com os capitaens Mouros, despedio mais capitaes com outros seis mil homens, em que entraraõ muitos Magores, mil arcabuzeiros, & oito centos caualos acubertados, & mandou que lhes tomassem aquellas fortalezas.

Estes capitaens ajuntando os mais que andauaõ pellas terras, foraõ pór cerco á fortaleza de Sangaçá, em que estaua dom Aleixo de Meneses: & cercandoa a roda a cometeraõ por todas as partes com grande determinação. Dom Aleixo, com grande valor & esforço lha defendeo, cõ muito



muito dano dos imigos, que todo aquelle dia lhe não derao espaço pera comerem se não em pé, & có as espingardas nos rostos, & de noite tambem a passaraõ toda có as armas ás costas: & no coarto da modorra deitou dom Aleixo, vm piaõ, homem muito determinado, que se offereceo pera ir dar auiso ao capitaõ de Baçaim. Este piaõ como foi ao pé do castello, em gatinhas, & a rastos, foi passando por bem perto dos imigos, & tomou vm caminho pella serra abaixo, não muito vsado, & andando toda a noite, ao outro dia chegou a Baçaim, & deu recado ao capitaõ.

Dom Francisco de Meneses logo se foi pôr na praya, & mandou repicar o sino pera lhe acodir a gente, & entre tanto fez negociar todas as embarcaçoens grandes & pequenas que achou, que foraõ muitas. Os casados, & soldados, acodindo á praya com suas armas, escolheo dom Francisco de Meneses cento & sessenta homens de pé, & vinte de cavallo, & mandou apellidar ás aldeas, de que lhe logo acodiraõ mil & duzétos piaes, com seus Naiques: & em quanto se estes ajuntauaõ, pera quem deixou embarcaçoens, elle se embarcou com toda a gente. Os fidalgos que o acompanharaõ nesta jornada foraõ, dom Iorge de Meneses que já estaua saõ, dom Roque Tello, dom Pedro de Meneses o rui-

uo, irmão do Conde de Cantanhe de, Rodrigo Homem, Esteuaõ Peixoto, & outros caualeiros hórados: & foi esperando pellos piaens, que o foraõ tomar ao caminho. Ao outro dia foraõ amanhecer ao pé d'aquellas fortalezas. Dom Aleixo foi este dia combatido de todos os capitaens mûy asperamente, fazendo elle, & todos os companheiros tudo o que foi necessario pera sua defensaõ, rebatendo os imigos por muitas vezes, de que algũas os tiueraõ entrados. E esta noite passaraõ tambem grande trabalho, por que os não deixaraõ repouzar vm momento com assaltos: mas bem lhes custou, por que a nossa espingardaria fez nelles bem grande estrago.

### CAPITOLO IIII.

*De como forge de Lima capitaõ de Chaul auisou dom Francisco de Meneses da gente do Nizamoxá, & da grande batalha que deu aos imigos, em que os disbaratou.*



STAVA neste tempo por capitaõ em Chaul Iorge de Lima, que tanto que o Nizamoxá despedio aquelles capitaens, logo teue cartas da sua corte, da gente que era, & pera onde ya. E como conhecia



*Quinta Decada. Da historia da India.*

nhecia do animo & valor de dom Francisco de Meneses, q̃ não auia de deixar de soccorrer aquellas fortalezas, por muito que fosse o poder, todavia pareceólhe obrigação auisalo como fez por hũa carta muiy apressada, em que lhe daua muito particular conta dos capitães que eraõ, & da gente que leuauaõ: aconselhando-lhe, que deuia de sobre estar a té vir recado do Governador, a quem já tinha escrito, que o soccorresse.

Dom Francisco de Meneses tão to que chegou ao pé das fortalezas, desembarcou toda a gente, & despedio um piaõ a Pero de Lemos que estava em Carnalá, com um escrito, em que lhe mandaua dizer, que lhe mandasse ao caminho vinte soldados espingardeiros, & elle ficou junto de hũa ribeira pondo sua gente em ordẽ. Estando aqui, lhe deraõ a carta de Jorge de Lima, que abriu, & leu em segredo, com um rosto muito alegre & risinho. E por que chegauaõ a elle muitos homens pera saberem o que era, sem fazer termo algum foi lendo a carta alto pera que a ouuisssem todos, mudando-lhe as palauras com tanta pressa, & artificio, que foi espanto, na maneira seguinte.

Senhor, saõ partidos alguns capitães do Nizamoxá pera as fortalezas de Sangaçá, & Carnalá, a gente que leuaõ he pouca, & esta ainda forçada, & atemorizada, por

isso apressasse v. m. por que não tem nelles um almoço.

E dobrando a carta, disse:

Vedes aqui senhores do q̃ nos auisa Jorge de Lima: por certo q̃ tomara eu, que foraõ os inimigos mais, pera a vitoria, que por virtude de vossos braços espero de auer, ser mais de gloriar, mas já que assi he, vamos buscar estes poucos, & desenganemo-lhos, por que nos não tornem outra vez a inquietar, & cada um sigame, & faça o que eu fizer: E logo caualgou com a gente posta em ordem, & começou a marchar.

Alguns grandes capitães tiue-raõ pera si, que não era licito mintir nunca, se não offerecêdolle perigo, ou pella saude da patria: & assi o vsou algũas vezes o grãde Sertorio, que em tempo de grandes necessidades mintia a seus soldados, & lhes lia cartas fingidas, pera os tirar do temor em que os viam por que todo o outro mintir em um capitão he baixeza. Da mesma maneira este valeroso capitão dó Francisco de Meneses, vendo que se falaua verdade ficauaõ os das fortalezas á risco de se perderem: por que se descobrisse aos seus o poder dos inimigos, não auiaõ de querer passar d'ali, & tudo se perderia. Em fim elle foi caminhando em muito boa ordem, & logo encontrõ os espingardeiros que Pero de Lemos lhe mandaua. Os inimigos logo tiue-raõ auiso do capitão



pitaõ de Baçaim ser chegado de soccorro, & deceraõ abaixo: & lançaõse em duas emboscadas de mil homens cada hũa, deitando-lhe alguns poucos descubertamente, que trauaraõ com dom Iorge de Meneses que ya na dianteira, q̃ lhes lançou alguns piaens que forãõ pelejãdo com elles a tẽ os meterem no meyo das emboscadas. Os imigos de sofregos sairãõ dellas, & deraõ nos piaens que fizeram voltar pera dom Iorge. Os Portugueses de sua companhia vẽdo os imigos tambem voltaraõ alguns pera irem buscar as embarcaçoens. Dom Iorge com grande animo teue o encõtro aos imigos, chamando pellos que o deixauãõ, & afrontandoos de palauras.

Dom Francisco de Meneses cõ os vinte de caualo, tomou vm passo estreito do rio por onde os imigos auiaõ de passar (& já o vinhaõ demandar) & ali sobre a passagem se trauou hũa aspera batalha, pondo-se dom Francisco de Meneses diante. E ao primeiro em que pôs a lança deu com elle do caualo abaixo, que assi nelle, como nas armas se differençaua dos mais, por onde se julgou ser o capitaõ d'aquella companhia. Dom Roque Tello, dom Pedro de Meneses, Estevão Peixoto, & Rodrigo Homem, nunca largaraõ dom Francisco de Meneses, & todos derribaõ de encontros alguns Mouros, defendendolhes com muito

esforço & valor aquelle passo. Dõ Iorge de Meneses que pelejava na dianteira, pôs as costas pera dom Francisco de Meneses pello naõ cometerem os imigos por detras, & todavia apertaraõ tanto com elle, que se baralharaõ todos, pelejandosse de sua parte com grande esforço.

Aqui socedeo hũa cousa muiy dina de memoria a vm foaõ Trancofo, irmão do Doutor Antonio Trancofo Desembargador da casa do Ciuel (homens muiy nobres que eu conheci muiy bem.) Era este Trancofo vm homem agigantado & muito forçoso, andando aceso na batalha, (em q̃ tinha muiy bem pelejado & mostrado o valor de sua pessoa) alcãçou com a mão esquerda vm Mouro, & metendo-lhe o braço pello singidouro (que era vm camarabando de muitas voltas) o aleuantou no ar, fazendo delle adarga: & remetendo com os Mouros lançouse no meyo delles como vm liaõ matando, & derribando muitos, naõ ouzando os Mouros a descarregar nelle seus golpes, por naõ matarem o companheiro, com que o Trancofo se emparaua dos que lhe tirauãõ, & se alguns lhe deraõ, todos recebeo nelle, & assi desta maneira fez grãdes destruiçoens nos Mouros muito a seu saluo. Feito era este por certo dino de se engrandecer com mais palauras: mas se o ouuermos de fazer a todos os grandes, faltar-



*Quinta Decada. Da historia da India.*

nos á tinta, faltarnos á papel, faltarnos á tempo, & faltarnos á estylo pera isso. Este homem viueo depois muitos annos, & foi casado em Taná, a onde teue netas casadas com dom Francisco de Sousa, & dom Dinis d'Almeida, ambos prouidos da fortaleza de Diu, que nenhum logrou.

E tornando a dom Frãcisco de Meneses, aquella gente de caualo com que pelejava no passo do rio era chegada d'aquella hora do Balagate, & não sabiaõ della os outros capitaens Mouros, & vinhaõ demandar áquella hora aquella ribeira pera refrescarem, & descansar, sem saberem das ciladas q̃ estauaõ armadas aos nossos, & andando em batalha com dom Francisco de Meneses (que os tinha afas bem escandalizados) indo os da parte de dom Iorge em disbarato pera as embarcaçoens, como atras diffemos, foraõ dar em outra cilada que lhes sayo de traués: elles embaraçados com aquelle supito temor tornaraõ a voltar, fugindo pera o perigo, de que primeiro fogiraõ, & foraõ com aquelle impeto pera aquella parte onde dom Francisco de Meneses pelejava, pera se empararem com elle. Os Mouros que pelejavaõ com dõ Francisco de Meneses, não sabêdo o que aquillo era, parecendolhes seria gente que chegaua de soccorro, como já estauaõ escandalizados & bem cortados dos nossos,

supitamente voltaraõ, fogindo d'aquelles que yaõ fogindo dos seus, deixandosse vencer dos que yaõ vencidos.

Vendo dom Francisco de Meneses aquelle medo, foi carregando sobre elles, matando, & derribando nelles á sua vontade. Os nossos que vieraõ fogindo pera dom Francisco de Meneses vendo taõ supita mudança, cobrádo um nouo animo, ajuntandosse com a sua bandeira, foraõ seguindo a victoria. Dom Iorge que a té entaõ esteue em grande aperto pello pezo dos imigos, ajuntandosse todos os seus, foi seguindo o alcance aos Mouros, que se pozeraõ em disbarato, vendo fugir os que pelejavaõ com dom Francisco de Meneses: & leuauaõ tamanho medo, q̃ chegando ao arrayal, que tinhaõ sobre Sangaçá, não parando nelle, foraõ fogindo pella outra banda, indo sempre dom Iorge nas suas costas picandoos, & fazendo nelles muito grande estrágo. Dom Francisco de Meneses chegou acima á fortaleza, & achou o arrayal dos imigos vazio de gẽte, mas não de mantimentos, de moniçoens, & de armas, & de tudo o mais que os imigos com a pressa não poderaõ levar. E não se detendo passou a diante a favorecer dom Iorge que ya no alcance dos imigos, & não se precatando deraõ nelle por detras trezentos espingardeiros que estauaõ sobre Carnalá, que se yaõ recolhen-



*E das pareas a que se obrigou por ellas.*



ORQUE ha muito que deixamos o Governador dom Esteuão da Gama, he necessario tornar

a continuar com elle, por guardarmos a ordem da historia. Depois que despedio as naos pera o reino, logo voltou pera Goa, onde chegou ainda em lanceiro, & despachou Manoel de Sousa de Sepulveda, pera ir entrar na fortaleza de Diu, de que nestas naos foi prouido, por hũa carta missiua. E por q̃ aqui socedeo vm primor bem grã de a dom Ioaõ Mascarenhas com elle, bem differente do que oje se vfa na India antrẽ os fidalgos, naõ deixaremos de o contar.

Estaua dom Ioaõ Mascarenhas prouido da capitania de Diu, por hũa patente que lhe tinha vindo o anno arras passado, pera ir entrar apos Diogo Lopez de Sousa que a estaua seruindo: & nestas naos passadas mandou Elrey a Manoel de Sousa de Sepulveda hũa carta missiua, porque lhe fazia merce da fortaleza de Diu na vagante de Diogo Lopez de Sousa, antepondo a dom Ioaõ Mascarenhas. E diziaõ que aquillo fora cousa da Raynha dona Catherina, que fauorecia muito suas cousas, porque era Castelhana, & seu pay viera com ella de Castella. Tanto que

Manoel

recolhendo pera o arrayal, naõ cuidando que o dano dos seus era taõ grande, & vendo ir dom Francisco de Meneses arrebentaraõ d'aquella maneira, & deraõlhe hũa surriada de que lhe feriraõ alguns, & desuiandosse foraõ dando em alguns dos nossos desmandados, & matareaõ doze.

Dom Francisco de Meneses mandou recado a dom Iorge que se recolheffe, como fez, & tornaraõse pera o arrayal, faindo dom Aleixo da fortaleza a lhe falar. Os mantimentos & monicoens todas se recolheraõ na fortaleza, & tudo o mais se entregou aos soldados que saquearaõ bem á sua vontade, & acharaõ boas prezas. Morreraõ nesta batalha quinhentos dos inimigos, a fora muitos feridos. Dos nossos morreraõ quasi vinte: prouendo dom Francisco de Meneses aquellas fortalezas de mais gente, recolheosse a Baçaim vitorioso.

## CAPITOLO V.

*Do que fez o Governador dom Esteuão da Gama depois q̃ deu auimento ás naos do reino: & de como partio pera o Norte: & do socorro que mandou a Sangaçã, & Carnalã. E dos tratos que Nizamoxã teue com elle, sobre lhe largar aquellas fortalezas:*



*Quinta Decada. Da historia da Índia.*

Manoel de Sousa teue a carta mādou a mostrar a dom Ioaõ Mascarenhas, pera que visse que por ella entraua primeiro na fortaleza, & elle dom Ioaõ Mascarenhas vendo a carta d'Elrey a pós sobre sua cabeça, dizendo que se comprisse sua vontade, pois estaua tão clara, que elle entraria quando lhe coubesse, & assi foi Manoel de Sousa entrar, podendo dom Ioaõ alegar de seu direito, como depois fizeram muitos fidalgos, que tinhaõ mais o olho em seu interesse particular, que no seruiço & vontade d'Elrey, sentenciãdo-se em outros casos semelhantes, que patete sempre precedia á carta missiua, & q a tenção d'Elrey nunca era prejudicar a terceiros, nem meter vm prouido diante do outro. Mas aquella fidalguia & primor dos homens d'aquelle tempo, está tão corrompida neste, que ja não ha nenhum que va entrar em sua fortaleza, ou em qualquer outro cargo com que esteja prouido & despachado sem passar primeiro pello escamel da demãda, arguindo vns aos outros defeitos em suas patentes, & o que ainda he pior, que o fazem em suas pessoas pera lhes precederem.

Esta corrupção & malicia entrou na India depois que nella entraraõ tantos letrados Iuristas, por que com elles entrou vm marulho, que veyo a dar em mares cruzados de trapassas; em que ferue

todo este estado. E deixando esta materia, tornemos a nosso fio. Tanto que o Governador deu expediente em Goa a muitos negocios, tornou-se a embarcar em nauios ligeiros, por causa dos Noroestes, pera ir visitar as fortalezas do Norte, & no caminho encontrou o recado de Iorge de Lima capitão de Chaul, do aperto em que estauaõ as fortalezas de Sangaçá, & Carnalá: & despedio com muita pressa Tristaõ de Tayde com oito nauios em que leuaua duzentos homens pera se ir ajuntar com dom Francisco de Meneses, que se foi adiantando. O Governador dom Esteuaõ da Gama chegou a Chaul ao outro dia, depois que Iorge de Lima escreveu aquella carta a dom Francisco de Meneses, & não auiz ainda nouas do que era passado. E como tinha ja mandado Tristaõ de Tayde com o socorro, ficou esperando recado. Tristaõ de Tayde deusse tanta pressa, que chegou ao pé d'aquellas fortalezas ao outro dia depois de dom Francisco de Meneses se ter ido pera Baçaim: & sabendo da vitoria que tinha alcançado, voltou pera o Governador, que festejou em estremo as nouas, & ficou dando despacho a muitas cousas.

O Nizamoxá teue logo rebate do disbarato dos seus capitaens, & juntamente soube serem ja aquellas fortalezas dos Portugueses: & vendo que ja lhe ficaua contenda com



com homens mais poderosos, & com quem não auia de ter bom partido, ficou muito malenconizado, & logo tambem lhe chegaraõ nouas de como o Governador era chegado a Chaul, por que lhas despidiraõ pella posta. E por que tinha pazes com o estado, & corria com elle em amizade, determinou de o mandar visitar, & a voltas disso ver se podia auer delle aquellas fortalezas com todos os partidos que quisesse, porque lhe não vinha bem estarem em poder alheo duas forças tão importantes nos estremos de seus reinos: por que sempre lhe teria o visinho que as tiuesse, com ellas o pé no pescoço. Pello que logo despidio vm Embaixador mūy bem acompanhado, que o Governador dom Esteuão da Gama recebeo com muitas honras. E depois de fazer sua visitaçãõ, tratou o negocio a que ya sobre aquellas fortalezas, pedindolhe que lhas largasse, que daria as pareas que fossem justas & honestas.

O Governador pòs aquelle negocio em conselho, & assentou se que aquellas fortalezas não seruião ao estado de mais que de fazer despezas com ellas, & que de nenhũa importancia eraõ. Com esta resoluçãõ tratou aquelle negocio com o Embaixador que trazia poderes pera tudo: & vieraõ á concluir, que lhe largaria aquellas duas fortalezas, por que o Zama-

luco lhe obrigaria a dar cada anno de pareas cinco mil pardaos d'ouro, alem dos dous mil que ja pagaua pella obrigaçãõ que lhe pòs o Visorrey dõ Francisco d'Almeida. E que destes sete mil pardaos d'ouro (de que fez obrigaçãõ por encheo, que se não acha, por tudo ser perdido) se pagariaõ os officiaes d'Elrey de Portugal nas fazendas das suas naos, que fossem de Ormuz, ou de Meca ter a aquelle porto de Chaul. E que os Governadores da India as poderiam mandar tomar pera com effeito serem pagos da dita cõtia. Estes sete mil pardaos d'ouro se pagaõ & arrecadaõ por andarem por regimento naquella fortaleza, & pella posse em que Elrey de Portugal está, & não ha delles mais obrigaçãõ: por que neste estado communmente se tratou quasi sempre mais do que releuaua a cada vm em particular, que do que importaua a Elrey. E ainda que nos sobrejara o tépo & a idade pera passar auante, o pouco gosto & fauores que oje á nos homens, nos tem bem encolhido & arrependido desta impreza: por que ja não á no mundo quem pretenda perpetuidade na escritura, se não acréscimento na fazenda.

Queixauasse Ioaõ de Barros ja no tempo que escreuia, que os homens que yaõ da India, de quem tomava as informaçoens, que o marinheiro não lhe queria dar rezaõ



zaõ se naõ da arte de marear: o mercador das fazendas que corriaõ, o soldado das cousas em que elle se achara: & nós queixamos, que nem o marinheiro, nem o mercador, nem o soldado, nem ainda o fidalgo, querem que lhe pergunte se naõ pellos preços das fazendas que correm na terra, pello que valerá em Ormuz, & em Malaca: pello que tiraraõ de suas fortalezas: & todo o que os demanda pera lhes perguntar pellas cousas da guerra, & do conselho, & por outras desta qualidade, que em outro tempo tinhaõ por obrigação, tem vm homẽ por jogral, & naõ lhe falta mais que apedrejaremno por doudo: naõ negando porem que antre tantos naõ aja alguns por quem a honra ainda puxa, & que folgaõ de fauorecer nosso trabalho (com palauras) & sem algum seu.

Deixando estas miserias do mundo, tornemos a nossa historia com segurarmos, que nem o pouco gosto, né os poucos fauores, seraõ bastantes pera desistirmos de nosso proposito: por que ainda q alguns dos presentes naõ pretendão fama, naõ deixaraõ de alcançar os passados toda a sua, que tanto mereceraõ, por que se naõ perca tudo.

(.)

*De como o Governador dom Esteuaõ da Gama escreueo a dom Francisco de Meneses, largasse aquellas duas fortalezas ao Nizamoxa: & de como em fim lhas largou. E de outras cousas em q o Governador proueo. E de todos os Reis Mouros que ouue naquelle reino de Madanager, ou de Chaul.*

**F**EITOS & assina- dos os contratos, pafou o Governador dom Esteuaõ da Gama hũa prouisaõ ao Embaixador pera ir a Baçaim tomar entrega d'aquellas fortalezas: escreuendo a dom Francisco de Meneses, como se assentara em conselho, que se largassem, por q mais importaua ao Estado cinco mil pardaos d'ouro de renda cada anno, sem despeza algũa, q tellas, & sustentalas, com ramanha, & com taõ grande risco. Este Embaixador chegou a Baçaim, & deu a carta, & a prouisaõ a dom Francisco de Meneses, o que elle tomou muito mal, pello que lhe aquellas fortalezas tinhaõ custado. E sobrestado na entrega dellas escreueo ao Governador hũa carta em que se queixaua



queixaua de concluir aquelle negocio sem seu parecer, estando tão perto, sendo elle o que ganhou aquellas fortalezas com a lança na mão, & que auia tão pouco q̃ as tinha descercado com tanto risco seu, & que se ellas custaraõ tanto aos fidalgos que votaraõ naquelle negocio, naõ ouueraõ em algum tempo de ser d'aquelle parecer. E que quãto a elle auia por muito discredito do Estado, largar aquellas fortalezas por aquelle modo, a Rey que nenhum direito tinha nellas: que se algum o tinha era Elrey de Cambaya, de cujo estado eraõ: dando sobre isto muitas rezoens, como fidalgo muito prudente que era, defenganando ao Governador, que em quãto elle fosse capitaõ de Baçaim, as naõ auia de largar. Com isto despedio o Embaixador, que logo mandou pella posta recado ao seu Rey, que como soube o que passaua despedio doze mil homens, pera irem cercar de nouo aq̃llas fortalezas, & mandou ter com o Governador muitas satisfaçoens.

Dõ Frãcisco de Meneses como capitaõ muito precatado, logo receou q̃ o Nizamoxá mandasse gente sobre aquellas fortalezas: pello q̃ com muita pressa se embarcou, levando gente, mantimétos, & munições, & as foi prouer muito bẽ: & o mesmo dia q̃a ellas chegou, teue rebate da dianteira dos inimigos, & deixandoas seguras, & pro-

uidas, tornou-se pera Baçaim. Ao outro dia chegaraõ os capitaens Mouros, & assentaraõ seus exercitos sobre aquellas duas fortalezas, mandando fazer grãdes protestos, & requerimétos aos capitaes dellas, q̃ lhas entregassẽ, como o Governador madaua, & se naõ q̃ dos males q̃ socedessẽ elles seriaõ a causa, & os quebrãtadores das pazes. Os capitaes lhes madaõ dizer, q̃ madaõ fazer aquelles requerimétos ao capitaõ de Baçaim, a quem elles tinhaõ dado dellas as menagens, & que o que elle mandasse isso fariaõ. Os Mouros vendo aquelle defengano comẽçaraõ a guerra, cometendo as fortalezas com grãde determinação, mas os de dentro lhas defenderaõ com outra mayor.

E deixalosemos aqui por continuar com o Embaixador: que depois de dom Francisco de Meneses o defenganar, & de despedir recado ao seu Rey, foise pera Chaul, & deu a carta de dom Frãcisco de Meneses ao Governador: que posto que tomou aquillo mal, bẽentendeo q̃ dom Francisco de Meneses tinha algũa rezaõ de se queixar, ao menos, de lhe naõ dar cõta d'aquelle negocio. Poucos dias depois chegaraõ as cartas do Nizamoxá pera o Governador, em q̃ se queixaua de dom Frãcisco de Meneses, fazendo seus protestos & requerimentos, assi lhe chegaraõ as nouas do aperto & cerco em q̃ os

Ff

capitaens



capitaes Mouros tinhaõ aqllas fortalezas: & vendo que naõ podia fazer outra cousa se naõ comprir os contratos que estauaõ feitos, despedio outra vez o Embaixador com outra prouisaõ pera dõ Francisco de Meneses, em que lhe mandaua, que sem embargo dos inconuenientes que lhe apontara, tanto que aquella visse, entregasse logo a aquelle Embaixador ambas aquellas fortalezas, por cõprir assi ao seruiço d'Elrey de Portugal. Cõ esta prouisaõ chegou o Embaixador a Baçaim, & dádo a dõ Francisco de Meneses, vendo a resolução do Governador, mandou dous homens Portugueses cõ cartas pera os capitaes q̃ estauaõ nas fortalezas, em que lhes mandaua q̃ logo as entregassem ao Embaixador, & se recolhesse a Baçaim, por q̃ o mandaua assi o Governador: & que elle daria conta a Elrey daquillo. O Embaixador chegou áquellas fortalezas com os homes, & cada vm delles foi á sua, & deraõ suas cartas áquelles capitaes. Vendo dom Aleixo de Meneses a carta de dom Francisco, mandou pello proprio Portuguez outra a Pero de Lemos, que estaua em Carnalá, pera saber delle o que determinaua. Pero de Lemos lhe respondeo, que naquelle negocio naõ auia mais, se naõ fazerem o q̃ lhes o Governador, & o seu capitão mandauaõ.

Com isto mandou dom Aleixo

de Meneses dizer pello mesmo Portuguez ao Embaixador, que mandasse recolher seus capitaes, & se afastassem, em quanto se elles recolhiaõ: & mādou recado a Pero de Lemos pera ao outro dia se ir ajuntar com elle. Os Mouros aleuantaraõ seus exercitos da visita das fortalezas, & aquelle dia gastaraõ os Portugueses em se negociarem. Ao outro chegou Pero de Lemos com toda a sua gente a Sangaçá: dom Aleixo de Meneses que estaua prestes sayo da fortaleza, & se ajuntou com elle, & com suas bandeiras desenroladas, & a gente posta em ordenaça, tocando suas caixas, & pifaros, forãõ marchando muito deuagar, disparando sua arcabuzaria per ordẽ, como homens que yaõ vencedores: & assi chegarãõ ao mar onde já acharãõ embarcações, que dom Francisco de Meneses lhes tinha mandado, em que se recolherãõ a Baçaim: ficãdo os dous Portugueses que foraõ com o Embaixador nas fortalezas, pera as entregarem aos capitaens Mouros, como logo fizeraõ. E por que temos prometido de continuar com todos os Reys deste Decan, & já o temos feito com os de Visapór, o faremos agora com estes Reys de Chaul.

Ia temos dado conta no capitolo coarto do decimo liuro da coarta decada, de como os Mouros conquistaraõ o Decan, & daquelles



quelles cinco capitaens que se leuantaraõ com os estados que gouernauaõ, sendo Rey Daudarcan: & antre estes foi vm delles o Nizaman Moluc, que quer dizer, page da lança, (por que o era d'Elrey como já dissemos.) Este no aleuãtamento geral o fez com aquella parte que gouernaua desde Cifardan a tè Nagotana, apelidandosse Soltaõ Hocen, (por que este era o seu nome.) E pòs sua cadeira na cidade de Amadanager. Este reinou a tè os annos, de mil, coatrocentos, nouenta & coatro: & por sua morte socedeo seu filho Beran Soltan, que se jactaua proceder do sangue real dos antigos Reys de Xarbedar, por que se affirmaua, que dando Daudar Soltan, Rey de todo o Decan, hũa molher a este seu capitaõ Nizaman Moluc, que ya já prenhe delle, & que parira este Boran Soltan: & asì se jactaua tanto disto, que depois da morte d'Elrey (que cuidaua que era seu pay) tomou por titulo, Soltan Boran Bauri, que quer dizer, Elrey Boran Falcaõ. Por que asì como esta aue se tem por mais real de todas: asì se tinha elle por mais do sangue real, que todos os outros Reys do Decan.

Foi este Rey grandioso, grande caualeiro, muito liberal, & taõ amigo dos bons caualeiros, que mãdaua por todos os reinos estrangeiros, buscar todos os que auia de

nome, & lhes daua muito, & fazia grandes merces. E asì ajuntou em seu reino todos os estrangeiros famosos, que á India passaraõ naquelle tempo, asì nas armas como nas letras, com o que o engrandeceo sobre todos os do Decan. Em principio de seu reinado descobrio o valeroso capitaõ Vasco da Gama a India, & este foi o que deu a dom Lourenço d'Almeida filho do Visorrey dom Francisco d'Almeida, dous mil pardaos cada anno de pareas pera Elrey de Portugal, pella guarda que daua ás naos, & nauios que yaõ a seus pórtos: que depois o Visorrey dõ Francisco d'Almeida lhe pòs por obrigação de vassalagem, pella culpa que o seu Tanadar de Chaul teue na morte de seu filho dom Lourço d'Almeida, por que os q̃ lhe tinha dado a elle eraõ volutarios. E tãbem foi o q̃ deu a Diogo Lopez de Siqueira, sendo Governador da India, lugar naq̃lle porto de Chaul pera fazer a fortaleza, q̃ ainda oje estã em pé: & o q̃ se concertou com o Governador dom Esleuaõ da Gama sobre as fortalezas de Sangaçã & Carnalã, como agora acabamos de dizer.

Foi este Rey tocado do mal de saõ Lazaro, & buscou todos os remedios pera sarar delle, a tè se banhar em sangue de mininos, de q̃ mandou encher grandes tanques, por lhe fazer crer vm medico, que asì sararia, mas nada aproveitou,



ueitou, & assi viueo muitos annos, como adiante diremos: por que auemos de ir cōtinuando com todos os que forem socedendo, por ser assi necessario.

E tornando ao Governador dō Esteuaõ da Gama. Tanto que cōcluio os negocios de Chaul, passou a Baçaim, & a Diu, & proueo naquellas fortalezas em muitas cousas. De Diu despedio Manoel de Vasconcellos com cinco nauios de remo pera ir ao estreito de Meca a espia as Galés, & a levar prouimentos de monçoens & armas a seu irmão dom Christouaõ da Gama. Os capitaens que cō elle foraõ nos outros nauios eraõ Manoel d' Afõseca, Rafael Lobo, Christouaõ de Crasto, & Afonso Pereira. Despedidos estes nauios, & providas algũas cousas mais naquella fortaleza, deu o Governador à vela pera Goa, aonde chegou, & proueo nas cousas de Malaca, & Maluco. E mãdou Manoel Coutinho a inuerner à fortaleza de Chalè com soldados: & Bernaldim de Sousa a Cochim, & Vasco da Cunha foi a Bengala com hũa nao carregada de fazenda, por conta d'Elrey, que era entaõ viagem, que importaua muito. E porque na costa do Canarà andauaõ alguns ladroens formigueiros, despachou pera andar nella o resto do veraõ Dom Luis de Atayde, com oito nauios, & recolheosse como foi tempo com alguns que tomou.

*Das cousas que acontecerão a dom Christouaõ da Gama na Abasia: & de alguns recontros que teue com os Mouros, em que os disbaratou.*

**D**EIXAMOS dom Christouaõ da Gama na cidade de Baroá, em companhia da Raynha, esperando que passasse o inuerno, & que lhe viesse recado do Emperador, a quem tinha escrito, como já difemos no derradeiro capitulo do 7. liuro, que não tardou muito que lhe não viesse, ainda que não foi a reposta de suas cartas: mas com o primeiro recado da Raynha que o Emperador teue da chegada dos Portugueses, despedio logovm correo mūy apressado cō cartas a dō Christouaõ. Este correo chegou a Baroá, auendo vinte dias que ali estaua, em que lhe dizia, como soubera de sua chegada ali, & que a quelle seruiço feito a Deos, elle o pagaria assi a Elrey seu irmão, como a elle, q̃ lhe pedia muito que se fosse chegado pera elle como entrasse o veraõ, pera se juntarẽ ambos, & irẽ buscar os inimigos, & que cō sua ajuda esperaua de os disbaratar, & destruir de todo. Com esta carta se começou dom Christouaõ a negociar, mãdado a Raynha trazer



trazer muitas mulas, & seruidores pera o meneio do exercito. E em Outubro passado de 541. tanto q as chuvas cessaraõ, começaraõ a marchar em muito boa ordem.

Yão diante dous capitaens com algũas peças de artelharia de campo, & no meyo toda a bagagem, & atras della a Raynha, & o Patriarcha, entregues a cincoenta espingardeiros Portuguezes, de que era capitão Miguel de Castanhoso (q de toda esta jornada fez vm copioso tratado, que está em nosso poder.) Na retaguarda ya dom Christouão, o Barnagais, & os mais capitaes Abexins yaõ pellas ilhargas do escoadraõ, & diante de todo elle yaõ alguns caualos ligeiros pera descobrirem o campo. Nesta ordem caminharão oito dias a tẽ chegarem a hũa ferra que chamaõ o Gane, que era de vm senhor Abexim, que andaua lançado com os Mouros. Aqui veyo vm irmaõ seu lançar-se aos pés da Raynha, & de dom Christouão, a cujo rogo ella lhe fez merce das terras do irmaõ.

Estando aqui chegou recado apressado de como Elrey era jáabalado, & vinha caminhando pera se ajuntar com elles. Por este caminho acodiraõ muitos vassallos q andauão ausentes com medo dos Mouros. Em cima desta ferra do Gane auia hũa cidade, & no mais alto della hũa ermida muito alua, a que nenhũa pessoa po-

dia ir sem muita difficuldade & trabalho, por causa do caminho ser demasiado ingrime, estreito, & de muitas voltas, que era o que o fazia mais difficuloso. Junto desta ermida em hũa pequena casa estauão trezentos homens mirrados, todos cozidos em couros secos, & alguns delles estauão já rotos & gastados, mas os homens saõs & inteiros. Corria entre a gente da terra como per tradição q auia muitos annos que aquelles homẽs vierão ter áquella terra, & que a conquistaraõ em tempo dos Romanos. Outros diziaõ que eraõ santos: & o Patriarcha dom Ioão Bermudes era deste parecer, & que foraõ ali martyrizados pellos Romanos cõ aquelle genero de martyrio, & que isto era o que ouuira dizer no tempo q esteve no Preste antes que fosse Patriarcha. E algũas pessoas lhes tinhaõ taõ grande veneração, que tomauão reliquias suas tẽdoos por santos martyres. Mas não auia nenhum dos naturaes que soubesse dizer o como aquillo era, nem escriptura que disso desse noticia.

Seja o q for o caso he affas notauel, & dino de memoria: nem pode carecer de algum grãde mysterio, estarem tantos annos trezentos homens brancos, cozidos em couros sem lezaõ, ou corrupção algũa. Parece que traz caminho o que dizia o Patriarcha, que foraõ martyrizados em tempo dos Romanos.



*Quinta Decada. Da historia da Índia.*

manos. E ou sejaõ, ou não sejaõ martyres, não he nosso intento affirmalo: mas escreuemolo pera q̃ aja memoria de hũa cousa tão notauel.

D'aquí foraõ os nossos caminhando a tè outra serra fortissima chamada Canete, que estaua por Elrey de Zeila, & tinha dentro mil homens de guarnição. Tinha esta serra tres passos mūy difficultosos, & fortificados com muros & portas, & os caminhos que yaõ ter a ellas eraõ tão ingremes, & estreitos, que era medo vellos, quanto mais comerelos, por que só com galgas se podiaõ defender a todo o poder do mundo. A serra em cima era muito chã, & fresca, de muitas fontes, & ribeiras de agoas serenissimas & singulares: & por derredor muitas aldeas, & grandes criaçoens de gados. Aqui se costumauaõ a coroar os antigos Emperadores da Abasia. A gente que aqui tinha Elrey de Zeilá, saya de continuo a saltar os caminhos, & a destruir as aldeas circum vezinhas.

Informado dom Christouaõ dos danos que d'ali faziaõ, determinou de tomar aquella serra, & tirar d'ali aquelle impedimento. Isto comunicou com a Raynha, & Barnagais, que trabalharaõ muito pello tirarem d'aquelle pensamẽto, pello muito grande risco a que se queria pór, sem proueito algũ: por que auiaõ por cousa muito im-

possivel poderse entrar aquella serra. Mas dom Christouaõ confiado em Deos, por cujo seruico se offerecia a todos aquelles riscos & trabalhos, não desistio de seu proposito: & depois de bem informado, & certificado do sitio, & passos da serra, pós a sua gente em ordem: & mandou Manoel da Cunha, & Frãcisco Velho com suas companhias, & com tres peças de artilharia, que cometessem o primeiro passo: & Ioão d'Afonseca, & Francisco d'Abreu com outras tantas peças que cometessem o segundo, ficando elle com a sua gente pera o terceiro passo. E assi dado ordem a tudo os cometeraõ ao primeiro de Fevereiro, ficando a Raynha, & o Patriarcha, com o Barnagais no exercito, & Miguel de Castanhoso cõ os espingardeiros de sua guarda. E remetendo com os passos deraõ-lhe hũa grande surriada de artilharia, & de arcabuzaria. Os inimigos que estauaõ á lerta descarregaraõ pella serra abaixo com hũa multidão de Galgas, que vieraõ por ali abaixo com tamanho terremoto, que parecia que se desfazia o mundo. Os nossos que já estauaõ ensinados de dom Christouaõ do que auiaõ de fazer, tanto que deraõ sua salua, tornaraõse a recolher pera seus alojamentos: por q̃ não quis este dia mais, que reconhecer os passos como fez. Os Mouros cuidando que os Portugueses fogiaõ deraõ grandes apuradas,



padas, & toda a noite fizeraõ grandes festas, auendo que tinhaõ alcançado hũa grande vitoria. A Raynha ficou triste, por que cuidou q̃ aquella retirada dos nossos fora por não ousarem a cometer a serra, & quasi que desconfiou.

Dom Christouão logo foi auifado de tudo aquillo, & mandoulhe dizer que se não agastasse, por que ao outro dia veria como os Portugueses pelejavaõ, & que elles não costumauaõ a fogir a ninguẽ, que antes perderiaõ as vidas que fogirem polas conseruar. Ao outro dia pella menhã, que foi da Purificação da Virgem Maria Senhora nossa, mandou dom Christouão dizer Missa, a que todos estiueraõ com muita deuação: & acabada ella, remeteraõ na ordem passada com a serra, deixando a artilharia ao sopé della, em parte que podeffe jugar só pera terror. E cometendo os capitaens as partes que lhes estauaõ encomendadas, deitaraõ pellas ilhargas a arcabuzaria, que foi disparando sempre, pera afastarem os imigos que lançaõ as Galgas, que vieraõ caindo com grande terremoto por antre os nossos, matando algũs: os mais como yaõ com aquella furia, foraõ rompendo por tudo a tè chegarẽ às paredes dos passos, sendo os primeiros que se adiantaraõ a tè as portas Manoel da Cunha, & Francisco Velho: & abalroandoas sobiraõ por ellas, levando os imigos

dianete às lançadas, atè a outra porta que estaua antes de chegar ao cume. Aqui foi a referta grande onde mataraõ tres Portugueses. Os Mouros que estauaõ em cima, vns a caualo, outros a pé, vendo a poquidade dos Portugueses, mandaraõ abrir a porta pera que entrassem.

Manoel da Cunha, & Francisco Velho, vendo a determinação & confiança dos imigos entraraõ pelas portas adiante, a tè sobirem ao taboleiro, a onde se trauou hũa feroza batalha. O capitaõ da serra andaua em vm feroso caualo, & dos primeiros encontros matou dous soldados, & como homem soberbo, & confiado, andaua a hũa & a outra mão escaramuçando, atirandolhe os nossos muitas espingardadas sem algũa lhe acertar. Nos outros passos tambem auia trabalho. Ioaõ d'Afonseca, & Francisco d'Abreu, depois de perderẽ alguns companheiros, passaraõ todas as difficultades a tè sobirem ao plano da serra, & o mesmo fez dom Christouão, sofrendo grandes riscos & trabalhos, a tè se pór em cima, a onde se trauou antre todos hũa asperissima batalha, fazendo a nossa espingardaria grande estrago nos imigos.

Em fim tanto apertou dom Christouão pella sua parte, que leuou os Mouros de arrancada, & o mesmo fizeraõ Ioaõ d'Afonseca, & Francisco d'Abreu, que depois de



*Quinta Decada. Da historia da India.*

se ajuntarem foraõ matando & ferindo nos Mouros, a tẽ os leuarem diante de si ao passo em que o seu capitaõ pelejaua com Manoel da Cunha, & Francisco Velho, que tinhaõ pelejado muito bem, por q̃ o faziaõ com a mór força dos imigos, que todos acodiaõ a onde estava o seu capitaõ. Dom Christouaõ, & os mais capitaens chegaraõ áquella parte, ficandolhe já os imigos no meyo, & apertando com elles os pozeraõ em disbarato matando muitos, & os outros com a pressa & desatento, por fugirem da mórte, deraõ em outra muito mais cruel, que foi lançaremse da serra abaixo, & fazeremse em pedaços. O capitaõ Mouro nunca se quis recolher, & pelejou a tẽ o mataré. Auida esta tamanha vitoria, foise dom Christouaõ ao lugar principal, que estava com todo o recheo, & muitas molheres & mininos, q̃ foraõ catiuos, & tndo mais metido a sacco.

Dom Christouaõ mandou pela Raynha, & pello Patriarcha, & sobidos acima ficaraõ pasmados do que viraõ, parecendolhe aquillo sonho: por que na imaginação dos naturaes era cousa que se não podia crer, nem acabar por forças humanas. Dom Christouaõ da Gama pedio ao Patriarcha, que benzeffe hũa Mesquita que ali estava, o que elle logo fez com grandes cerimoniaes, inuocandoa nossa Senhora da Vitoria, onde ao outro

dia se disse Missa, a que todos assistiraõ com grande deuacão. A Raynha se deteuẽ em cima alguns dias, prouendo aquella serra de capitaõ & gente. E pera esta vitoria fer mais celebrada, chegaraõ áquella serra dous Portugueses que Manoel de Vasconcellos despedio de vm porto junto de Maçua: por que depois que partio de Goa entrou aquelle estreito, & não foi de mandar Maçua, por estar pellos Turcos: mas foi tomar outro porto, dez ou doze legoas mais pera dentro, donde despedio aquelles homens com cartas a dom Christouaõ.

Estes homens foraõ recebidos com grande aluoroço de todos, festejandosse por todo o exercito as boas nouas da India. E por que Manoel de Vasconcellos esperaua por seu recado, pera lhe mandar as cousas que lhe leuaua: despedio logo Francisco Velho, com a gente da sua bandeira, em companhia d'aquelles dous homens, pera arrecadar as cousas que Manoel de Vasconcellos lhe trazia, apressando o mais que poderaõ, por que Manoel de Vasconcellos auia de tornar a inuernar á India. Dom

Christouaõ escreueo ao Governador seu irmão muito largamente todas as cousas que a tẽ entaõ lhe eraõ acontecidas.

CAPITULO



*Do que mais aconteeo a dom Christouaõ da Gama: & de como o Rey de Zeilã o foi cometer em os vallos, & da aspera batalha que tiueraõ, em que Elrey foi ferido, & disbaratado: & escapou fôgindo.*



**D**ESPEDIDO Francisco Velho: dahi a poucos dias chegou outro recado do Emperador pera dom Christouaõ da Gama, em que lhe rogaua que se fosse chegando pera elle, por que elle tambem o vinha fazendo, pera se juntarẽ ambos. Com isto começou dõ Christouaõ a marchar na mesma ordẽ em que a tẽ li viera: & foi entrando pellas terras do Iarte (que era outro senhor Abexim) que tambẽ andaua com os Mouros. Este sabendo da ida de dom Christouaõ da Gama, mandou vm Embaixador á Raynha a lhe pedir perdaõ das culpas passadas: & que se obedecera ao Rey de Zeilã, fora por não poder mais, que elle a queria acompanhar, & seruir naquella jornada como seu vassalo que era. A Raynha lhe mandou perdaõ & seguro: com o que elle logo veyo com toda a sua gente a beijar a mão á Raynha, & darlhe a obe-

diencia. Depois foi falar a dom Christouaõ, a quem deu feis caualllos muito fermosos pera sua pessoa, affirmandolhe que pello caminho que leuauaõ não deixariaõ de encontrar Elrey de Zeilã: por que elle tinha sabido por espias certas, que era partido muito determinadamente em busca delle.

Com estas nouas foi dom Christouaõ da Gama caminhado, com niais resguardo, & vagar, por ir esperando por Francisco Velho, q̃ era em Maçuã. Elrey de Zeilã q̃ vinha caminhando em busca dos nossos não tardou dous dias depois, que não tiuesse dom Christouaõ recado dos corredores, que já os Mouros apareciaõ. Dom Christouaõ não se mudou, nem toruou em cousa algũa, antes com grande animo, & conselho, ordenou sua gente em vm fermoso campo, & assentou seu exercito com as costas em hũa serra, fazendoo na mais pequena fórma que pode, ordenandolhe seus vallos, fossas, & trincheiras: plantando sua artelharia á roda, & repartindo as estancias pellos capitaens, ficando a Raynha com o Patriarcha em meyo, com toda a bagagem, & o Barnagais em sua guarda. Aquella noite passaraõ com grande vigia, & ao outro dia que foi Domingo de Ramos appareceraõ os corredores d'Elrey de Zeilã, que vinhaõ descobrindo o campo, & vendo o exercito tornaraõ a voltar.

Dom



*Quinta Decada. Da historia da India.*

Dom Christouão mādou dous Portugueses em caualos ligeiros, q̃ fossẽm descobrir os imigos, q̃ de cima de vm tezo os viraõ, & muito deuagar estiueraõ notando o exercito, & o numero da gente: & tornando a voltar disseraõ que os Mouros eraõ tantos que cobriaõ os campos. Naõ tardou a pos isto muito espaço que naõ começassẽ de aparecer por cima de vm tezo, em que Elrey se pòs auer o arrayal, mandando d'ali alguns capitaens, que fossẽm dar hũa vista aos nossos, & trauassẽm com elles algũas escaramuças, pera os prouocarem a sairem ao campo, fora dos vallos, auendo que se os colheßẽm fora aueria pouco que fazer em os disbaratar. Os capitaens foraõse estendendo pello campo, & cingindo o arrayal com grandes estrondos de atabales, trombetas, & outros instrumentos de guerra, dando mostras de quererem cometer o exercito. Dom Christouão sem perder vm ponto de sua obrigação, visitou todas as estâncias, & proueo em tudo o que lhe pareceo necessario, animando, & esforçando aos Abexins, que os Portugueses naõ tinhaõ necessidade disso: por que o estauaõ tanto, que desejaõ de saltar fora dos vallos, pera pegarem com os Mouros.

E por que se chegauaõ muito, mandou dom Christouão que desparassẽ nelles algũas peças de artilharia, com que os fizeraõ afa-

star com bem de dano, & mortes dos imigos, & todo aquelle dia ficaram no campo á vista dos nossos. A dom Christouão pareceolhe q̃ de noite o quisessem cometer, & toda ella passou com as armas na mão. Ao outro dia tanto que amanheceo, tornaraõ os Mouros a se chegar, adiantandosse alguns Turcos, por ganharem terra com Elrey de Zeilá, que sempre esteue no tezo com tres bandeiras aruoradas, & cometeraõ as estancias cõ grande determinação, despejando primeiro suas cargas, mas a artilharia os escandalizou de maneira, que se afastaraõ cõ muitos menos, & a tiro de espingarda fizeraõ hũas paredes de pedra enfollo, & detras dellas se poseraõ ás espingardadas com os nossos de que feriraõ alguns. Dom Christouão acodio áquella parte, & por que os imigos se naõ fossẽm auezinhar mais com elle, deitou fora Manoel da Cunha, & Inofre d'Abreu, com suas bandeiras pera irem desfazer as paredes.

Saidos elles do arrayal, remeteraõ com as paredes ás espingardadas, & pondolhes os peitos, deitaraõ dellas os Turcos bem escandalizados, & derribaraõ as paredes á sua vontade. Os capitaens d'Elrey de Zeilá vendo fogir os Turcos remeteraõ com os nossos, que os esperaraõ com as costas no arrayal, trauando com elles hũa fermosa batalha, em que ouue algum dano



dano d'ambas as partes, ajudandoos das outras estácias com a artelharia. Dom Christouão da Gama tocou a recolher por que não ouuesse algum desarranjo, o que elles fizerao com muito tento, ficando todo o campo descuberto à artelharia, que fez nos imigos tal estrago, que se recolherao pera onde estaua Elrey. Esta noite passaram os nossos com grande vigia.

E porque naquelle lugar não auia agoa, nem palha pera os caualos, & poucos mantimentos pera a gente, tomou dom Christouão conselho sobre o que faria, & asfentouse que se aleuantassem d'ali, & fossem marchado em vm escoadrao muito fechado: & que se os Mouros os cometessem q' lhes deffem batalha. Com esta resolução se leuarao, & formarao seu escoadrao muito bem, leuando a artelharia de feição, que podesse jogar pera todas as partes. No meyo ya a Raynha, & o Patriarcha, & toda a bagagem.

Dom Christouão da Gama ficou de fora co' oito de caualo pera governar o exercito, & ver com o olho tudo, & o Barnagais com os mais capitaens Abexins repartio em duas alas de ambas as bandas do escoadrao, & nesta fórma foraõ caminhando muito seguros & co'certados. Elrey de Zeilá esteue vendo os Portugueses como se ordenauaõ: & tanto que foraõ marchando pello campo largo, arre-

bentou com todo o poder, & os foi cometer rodeandoos por todas as partes sem os nossos deixarem o compasso que leuauaõ, jugando sua arcabuzaria pera hũa & outra parte, em muito boa ordem. Os Turcos que yaõ afrontados dos Portugueses lhes ganharem as paredes apertaraõ muito com elles, adiantandosse de todos com sua arcabuzaria, com que fizeraõ algũ dano. Dom Christouão da Gama vioffe taõ apertado, que mandou a Manoel da Cunha, que lhes saísse com a sua gente, o que elle logo fez, trauando com os Turcos muito determinadamente, matando-lhes do primeiro cometimento alguns, & fazendoos retrair a seu pezar. Os Mouros vendo os nossos baralhados acodiraõ aos seus, & misturádosse todos rodearaõ Manoel da Cunha, q' fez maravilhas, & todavia esteue arriscado a se perder, se dom Christouão o não soccorrera em pessoa, metendosse no meyo dos imigos como vm liaõ brauo, matando, & derribando muitos: & todavia nos primeiros encontros lhe deraõ hũa arcabufada por hũa perna, com que pelejou sem se sentir que estaua ferido. Elrey acodio aquella parte com todo o seu poder, trauandose entre todos hũa asperíssima batalha, pelejada por todas as partes com grande crueza. A artelharia ficou sempre jugando o melhor q' pode, fazendo nos Mouros dano grandis-



*Quinta Decada. Da historia da India.*

grandissimo. A Raynha vendo a batalha naquelle estado, & a multidão dos Mouros de que toda a roda estava cercada, ouue tudo por perdido: mas todavia vendo o que os Portugueses fazião, & o grã de esforço cõ que pelejauão, não deixaua de ter algũa confiança, em comendando o Patriarcha aquelle negocio a Deos: que permitio que estando a cousa no mayor perigo dessem hũa espingardada em Elrey por hũa coxa que lha atraueffou toda caindo logo no chaõ. Os seus acodindo ali, & cuidando que era morto, aleuantando, abateraõ as tres bandeiras que andauão sempre pegadas com elle, & foraõse recolhendo. Dom Christouão vendo ir os imigos em disbarato, contentouse com a vitoria que Deos lhe tinha dado, & fazendo final a recolher, plantou ali seu exercito pera se curar, & o fazerẽ a muitos que estauão feridos. Morreraõ da nossa parte onze Portugueses, em que entravaõ Luis Rodriguez de Carualho, (aquelle de que muitas vezes falamos no primeiro cerco de Diu no capitulo terceiro do liuro terceiro) & Lopo da Cunha, homẽs fidalgos, & muito bons caualeiros: que primeiro que perdessem as vidas, tomaraõ dellas bem larga satisfação nos imigos, mandádoos dom Christouão da Gama enterrar a todos juntos.

Vendo a Raynha a merce que lhe Deos fizera, mandou armar

suas tendas, & em hũa dellas recolhco todos os feridos que mãdou curar com muito cuidado, fazendo primeiro a dom Christouão, & a Manoel da Cunha, que tambem tinha outra espingardada: estando ella presente à cura de ambos, fazendo com suas proprias mãos os fios, & as ataduras com muitas lagrimas de prazer: & por hũa parte festejava a vitoria, por outra mostrava o sentimento que tinha de ver dom Christouão ferido, administrando ella, & suas molheres todas as cousas necessarias pera os feridos, com muito amor, & charidade. Dõ Christouão não se descuidou com a ferida de sua obrigação, antes depois de curado mandou fortificar o arrayal, indo elle em hũa cadeira correr as estacias, & ver tudo com o olho, & despedio espias pera irẽ saber dos imigos. E logo aquelle mesmo dia escreueo hũa breue carta pera o Governador em que lhe daua cõta da vitoria, & a despedio por um correo pera a leuar a Manoel de Vasconcellos: escreuendo tambẽ a Francisco Velho que se apressasse o mais que podesse pera se vir pera elle por que o ya esperando.

Naquelle lugar se deixaraõ ficar a tẽ o Domingo da Pascoella mandando a Raynha buscar por todas as aldeas vizinhas todas as cousas necessarias pera a gente. Passada aquella somana, achadosse dom Christouão já bem, & os



os mais dos feridos saõs, leuanteu o arrayal pera ir buscar os imigos, que estauão d'ali perto, pera lhes dar batalha, por que estauão atemorizados, & facilmente os poderiaõ disbaratar, & assi foi marchando, muito fechado, & cõ grandes atalayas. Elrey de Zeilá logo foi auisado da ida dos Portugueses: & por que já se achaua bem da espingardada, ao menos fóra de perigo, leuanteu seu campo, & os foi esperar ao caminho, fazendo-se levar em vm andor. Chegados vns á vista dos outros, tornaraõ os Mouros a estender-se pelo campo pera cercarem os nossos á roda, mas os nossos como estauão com a mão folgada da vitoria passada, os esperaraõ com mais determinação, trauandosse antre todos hũa aspera batalha, fazendo a nossa artellaria, & espingardaria nos Mouros mui grande estrago. Os imigos desejando de se satisfazerem da quebra passada, metiaõ-se pella batalha como desesperados, não arreceando perigo algum. Vm capitão de cincoenta caualos, que parece foi magoadado, foisse meter em meyo dos nossos como doudo furioso, mas foi logo morto com á mór parte dos seus.

Dom Christouão subioffe em vm fermoso caualo, & vendo que os nossos leuauão já a melhor, apelidando Sanctiago, Sãctiago, rompo nos Mouros mui denodadamente, seguindo todo o mais ca-

bedal do exercito, & dando nelles com taõ grande impeto, que com morte de muitos os arrancou do campo, fazendolhes virar as costas. Dom Christouão tanto que os vio ir em disbarato, despedio alguns capitaens em companhia do Barnagais, pera q̃ lhes fosssem seguindo o alcance, como fizeraõ, indo derribando, & matando nelles bẽ à sua vontade. Aqui fizeraõ os Abexins maravilhas, que em quãto a batalha esteue arriscada deixaraõ todo o pezo della sobre os nossos. Os Mouros yaõ taõ desordenados, que se dom Christouão da Gama tiuera duzentos Portugueses de caualo, sem duuida Elrey de Zeilá fora tomado ás mãos: por que ya no andor fugindo, & todauia perdeo a mór parte de sua gente no alcance que durou vm bom espaço. Dom Christouão da Gama tomou conselho com o Barnagais, a onde passariaõ aquella noite, & assentaraõ q̃ fosse em hũa ribeira q̃ estaua d'ali mea legoa: & assi foraõ marchando, enterrando primeiro ali noue Portugueses q̃ nesta batalha morreraõ.

Elrey de Zeilá estaua agasalhado nesta mesma ribeira, bem descuidado de os Portugueses poderem passar lá aquelle dia: & os nossos de cuidarẽ achalo ali: chegando os Portugueses á vista della, tanto que teue rebate, meteosse no andor & foi fugindo com muita pressa, & os seus a pos elle: & to-

G g

do o



*Quinta Decada. Da historia da India.*

do o resto do dia, & toda a noite foraõ caminhando com tamanha pressa, que o medo lhes fazia parecer, que os nossos lhes yaõ nas costas: & naõ pararaõ a tẽ se recolherem em hũa serra muito forte. Dom Christouaõ chegou à ribeira, & junto della se alojou por ser muito abundãte de agoas, & muiy abastada de eruas pera as caualgaduras, & ali descansaraõ aquella noite com grandes festas. Ao outro dia chegou Francisco Velho com muitas monicoens, armas, & prouimentos, & com cartas do Governador pera dom Christouaõ, & pera todos os capitaens, cõ o q̃ a vitoria ficou sendo de mais gosto: ainda que meteo grandes inuejas em Frãscisco Velho, & seus companheiros, por se naõ terem achado nella. Ali souberaõ todas as nouas que lhe Manoel de Vasconcellos deu. E por que começauaõ ameassos do inuerno, recolheraõ se a inuernar a onde à Raynha melhor lhe pareceo, & onde podessem ser melhor prouidos de tudo: ali se deixaraõ ficar esperãdo pello Emperador.

**CAPITOLO IX.**

*Do que aconteceu ao Governador Martim Afonso de Sousa em Moçambique, a te partir pera a India. E de como a sua nao se foi perder em Ba-*

*çaim, & elle chegou a Goa. E de como dõ Esteuaõ da Gama lhe entregou a India.*



A muito que deixamos o Governador Martim Afonso de Sousa em Moçambique que, fazẽdose prestes pera ir inuernar á India: & andandosse negociãdo cõ muita pressa, foi auisado q̃ dom Aluaro de Tays de irmão do Governador dõ Esteuaõ da Gama, q̃ viera na sua companhia, determinaua de mandar diãte auisar seu irmão, & q̃ pera isso se negociãua vm Pangayo em muito segredo: & achãdo ser verdade, mandou o prẽder dentro na fortaleza, & a Luis Mendez de Vasconcellos que era o que determinaua de ir a Goa: & mandou pór grandes guardas no rio, por q̃ nada saisse pera fora. E por todos os rios de hũa & da outra parte mãdou tomar todos os pãgayos q̃ auia, fazẽdo sobre isso grãdes exames, pera que naõ fosse cousa algũa diante d'elle. E dando ordem a algũas cousas d'aquella fortaleza, & despedindo vm Catur que ali achou com cartas a Martim Afonso de Mello Iuzarte capitãõ de Ormuz, pera que em Agosto, lhe mandasse todo o rendimento da alfandega, que ouuesse: escreuendo a Elrey, & ao Guazil, cartas de offerecimentos.

Feito



Feito isto embarcou-se no Galeão, em que foi Luis Mendez de Vasconcellos, por ser nauio mais maneauel & ligeiro: leuando consigo Aleixos de Sousa, & a sua nao Sanctiago fez della capitaõ dom Francisco de Noronha, filho de um irmão do Marquez de villa Real, clérigo, pera a leuar consigo, deixando as outras naos pera se irem na moução de Agosto: & a quinze de Março se fez à vela, indo em sua companhia Diogo Soares de Mello na sua Galeota, sem largar hũa hora o Galeão. O Governador foi correndo a costa de Melinde, & forgio na baya d'aquella cidade, onde Elrey o foi logo visitar ao Galeão, com muitas festas & rangeres, & lhe mandou diante um grãde presente de coufas da terra. E detendosse aquelle dia tornou a sua viagem: & por achar muitas calmarias foi tomar Sacotorá, onde se refez de agoa, & refresco. Dali atraueffou com tepos frescos, & no golfo se apartou delle a nao Sanctiago, que foi correndo sua derrota, dandolhe na entrada de Mayo algũas trouoadas, que eraõ ameassos do inuerno, foi auer vista da costa da India, de Dabul pera cima. Ali lhe deu um tempo da parte do Sul tão grosso, que lhe foi forçado correr em popa com um bolão de vela. E como o vento & a tormenta era grãde, & o ceo estaua toldado, & o tempo escuro, não vendo o Piloto por

onde ya foi varar no rio das cabras na ilha de Salfete de Baçaim, a onde se fez em pedaços. A gente parte della se afogou, por se querer lançar a nado à terra: & a outra que se deixou ficar na nao toda se saluou, por que da terra lhe acodiraõ logo muitas almadias. Dom Francisco de Meneses capitaõ de Baçaim, foi logo auisado, & embarcandosse no mesmo dia em algũs nauios acodio a nao, de q̃ com grande diligencia & trabalho tirou o dinheiro do cabedal, & toda a artelharia, & muita fazenda outra, & ainda a mór parte do cobre que leuaua no lastro, & muitas outras coufas da nao, amarras, ancoras, cordoalhas, mastos, vergas, entenas, cabrestantes, poleame, & todas as mais coufas, q̃ ainda serui-raõ depois: & leuou dõ Francisco de Noronha, & toda a gente da nao pera Baçaim, a onde inuernou mandandolhes pagar coarteis, & dar mesas, despendendo muita parte de sua fazenda, & da d'Elrey: por q̃ não atauaõ os Governadores naquelle tempo tão as mãos aos fidalgos, como agora: por q̃ tãbe entendiaõ delles, quaõ puros & desinteressados viuiãõ.

O Governador com a Galeota de Diogo Soares, de Mello q̃ sempre o seguio, foy tambem corredo o tempo q̃ lhe alcãçou, mas ja perto dos Ilheos queimados, & tão pegado com a terra que lhes não fez nojo, & ainda que com trabalho,



*Quinta Decada. Da historia da India.*

forão ferrar a barra de Goa, a seis dias de Mayo ja sol posto: sem auer delle auiso, nem ser visto, por logo escurecer. O Governador desembarcou logo na Galeota de Diogo Soares de Mello, & as onze horas da noite se foi meter nas casas de Antonio Pessoa Correa, a q̃ chamauão, Sanctos, que estaõ fora da cidade no caminho de são Pedro. D'ali despedio na mesma Galeota o Secretario Antonio Cardoso, homem letrado, que com elle vinha, por quem mandou visitar dom Esteuaõ da Gama, & a fazerlhe a saber de sua chegada. E com elle mandou Ieronymo Gonçaluez Sarmiento seu camareiro, & outro homem de sua obrigação, pera que lhe fossem levar o Secretario, & o Thesoureiro: por que vm não podesse fazer prouisão algũa, em quanto dom Esteuaõ lhe não entregaua a India: nem o Thesoureiro podesse fazer pagamento algum, por que sua tenção foi, tomar todos de sobressalto. E assi deu por regimento às pessoas que mandaua, que não lhes dessem lugar pera irem ao Governador, né pera bolirem em cousa algũa. Diogo Soares de Mello foi surgir com a sua Galeota no cais da cidade onde oje estaõ os aposentos dos Visorreys, sendo ja meya noite, ou mais, & disparou vm falção com pilouro, que foi zonindo por cima das casas do sabayo, onde poufaua dom Esteuaõ da Gama. O Se-

cretario desembarcou logo, & foi bater às portas do Governador, a quem mandou recado q̃ estaua ali. Dom Esteuaõ da Gama sayo foracuberto com vm roupaõ, & Antonio Cardoso lhe disse, que o Governador Martim Afonso de Sousa lhe mandaua beijar as mãos, q̃ lhe mandasse nouas de sua saude, & que lhe fazia a saber que era chegado. Dom Esteuaõ com muita segurança lhe perguntou a onde estaua: & dizendolhe que nas casas de Antonio Pessoa, dando à cabeça disse ao Secretario. Assim toma o senhor Martim Afonso como ladraõ? Ora dizeilhe, que sua vinda seja boa: & com isto o despedio. Os outros dous q̃ eraõ enuiados aos officiaes, entraraõ por suas casas, & lhes deraõ o recado do Governador, & não lhes dando lugar pera se vestirem bem, assi mal vestidos os leuaraõ consigo: & co elles se deteu o Governador toda a noite em saber das cousas da fazenda.

Dom Esteuaõ da Gama ficou enfadado do pouco respeito q̃ em Portugal se lhe teue, & de o mandarem tirar por vm homem que não era seu amigo, & toda a noite passou sem dormir, cuidando no agrauo que se lhe fez. As nouas da chegada do nouo Governador correrão logo pella cidade, q̃ começou a arder em aluoroco, acodindo os parçes & amigos de ym & de outro a saberem nouas, &  
aos



aos acompanhar a te amanhecer. Dom Esteuaõ da Gama foi logo auisado de como o Secretario & Thifoureiro foraõ leuados com aquella preffa, do que se tomou tanto, que disse palauras como homẽ magoado. Tanto que foi de dia, mandou dom Esteuaõ recado aos Vereadores, & officiaes: & com os fidalgos que o acompanharaõ, foi a casa do Governador, pera lhe fazer entrega da India. Martin Afonso soube de sua ida, & o sayo a receber fora, mostrando selhe dom Esteuaõ carregado, & de poucos cumprimentos, & ali lhe fez entrega da India, perante Fernaõ Rodriguez de Castello branco, Veador da fazenda, & de Ioaõ da Costa Secretario, que disso fez seu termo ordinario. Feito este autodepidioffe dom Esteuaõ do Governador, & d'ali se embarcou pera Págin, aonde inuernou, sem mais querer correr em amizade com Martin Afonso, que tanto que tomou posse da gouernança logo proueo o cargo de Veador da fazenda em Aleixos de Sousa, que lho aceitou por pobre & por parente.

Os Vereadores prepararaõ vm grande recebimento ao Governador, & dahi a alguns dias entrou em Goa com grandes festas & alegrias. O Padre Mestre Francisco, com os companheiros que vieraõ no Galeaõ com o Governador, se

recolheraõ ao hospital, começando logo a dar grandes mostras de suas vidas, & doutrina, curando os enfermos com muita charidade: visitando os hospitaes dos gafos, consolandoos, & esforçadoos. Aos Domingos & dias Santos sayao pellas ruas a ensinar publicamente a doutrina Christã aos moços, pregando, & confessando a toda a hora que os chamauaõ, com grãde consolação de todo o pouo. Dom Esteuaõ da Gama tanto que se foi pera Pangim, mandou chamar o Ouvidor geral, & o Prouedor mór dos defunctos com seus escriuaens, & mandou por elles fazer inuentairo de toda sua fazenda, tomando elle juramento, & mandando dar a todos os criados que lhe corriaõ com sua fazenda: & segundo ouuimos afirmar a pessoas d'aquelle tempo dinas de fẽ, acharaõse lhe menos cincoenta mil pardaos do que tinha antes de entrar na gouernança, & a mór parte delles gastou

na jornada do estreito,

& disto tirou cer-

tidoens pera

mostrar a

Elrey.

(i)

Gg3

CAPIT



## CAPITOLO X.

*Da armada que este anno de corenta & dous partio da noua Espanha pera as ilhas de Maluco, de que era capitão Ruy Lopez de Villalobos: & do que lhe aconteceu na jornada ate a ilha de Saragaõ. E do auiso que dom Forge de Crasto capitão de Maluco tene desta armada. E de um protesto que mandou fazer ao capitão Ruy Lopez de Villalobos.*



OM a cobiça do crato de Maluco, & com as grandezas q d'aquellas ilhas con-  
taraõ os da armada  
passada, determinou dom Antonio de Mendoça Visorrey da noua Espanha mandar a ellas hũa armada por sua conta, de que elegeo por capitão dom Ioaõ d'Aluarado, Adiantado da prouincia de Gati-  
mara, trezentas legoas do Mexico: que tinha tambem quinhaõ na jornada: mas depois das despe-  
zas feitas faleceo o dom Ioaõ d'Aluarado, de hũa queda que deu de um caualo, andando na conquista da noua Galiza, pello que ficou toda a armada ao Visorrey, que elegeo para ir nella Ruy Lopez de Villalobos. Esta armada partio do

porto de Natiuidad, dia de todos os Sanctos d'este anno de corenta & dous: a armada era de seis nauios, em que iriaõ trezentos & cin-  
coenta soldados, & coatro frades da ordem de sancto Agostinho, de que era mayoral frey Ieronymo de sancto Esteuaõ.

E nauegando ao Ponente no cabo de oito dias viraõ hũa ilha chamada sancto Thomas, que estã em dezoito graos & tres coartos, & passaraõ por algũas despouadas em dezoito graos do Norte. Dia de Natal descobriraõ muitas outras pequenas cheas de aruore-  
do, & taõ alcantilladas, que não ou-  
saraõ a surgir antre ellas. E dia de sancto Esteuaõ o fizeraõ em hũa a que poseraõ o mesmo nome: ali fizeraõ agoa & lenha, & o Villalobos tomou posse della, & de todas as d'aquelle archipelago, pello Emperador Carlos Quinto. A este archipelago pozeraõ nome, dos coraes, pellos arrecifes todos serẽ delles, como os de Maluco: daqui partiraõ dia dos Reys, & passaraõ por muitas ilhas, a que poseraõ nome (por frescas) as dos jardins, que estaõ em dez graos. E nauegando por antre ellas, d'ali a dezoito dias chegaraõ a hũa ilha verde, de que lhes fairaõ alguns Paraos, com gente da terra bassa, como a de Maluco: & chegando junto de hũa das naos da conferua lhe falou um do dos Paraos em Portuguez, & lhes disse, bons dias mata-  
lores:



lotos: & voltaraõ logo, por que viraõ despedirse da nao capitana o esquife pera os ir chamar, & d'aqui se ficaraõ estas ilhas chamando as dos matalotes, que estaõ em dez graos. E logo adiante acharaõ outra ilha, a que poseraõ nome, dos Arrecifes, por ter muitos, que tambem está em dez graos. Passada esta ilha acharaõ outra na mesma altura, a que poseraõ nome a Cesaria por amor do Emperador.

Aqui forgio a armada, & se deuteu trinta & dous dias, & deixaraõ de a pouoar, por naõ ser a terra boa: & por que leuaua o Villalobos determinado de o naõ fazer mais de doze graos. E passando a diante foraõ demandar a ilha de Mindanao, que naõ poderaõ dobrar, por que traziaõ os Pilotos da armada a ponta da ilha em onze graos & meyo, estãdo ella em onze. E achando ali o vento contrario correrã ao Sul, & foraõ forgiar em Saragaõ, & querendo desembarcar, foraõ mal recebidos da gente da terra, & lhe mataraõ coatro companheiros, pello que se tornaraõ a embarcar. Aqui foi ter cõ elles hũa Galeota da sua companhia, que auia dias que se tinha desgarrado com tempo, que foi dar em hũas ilhas muito abastadas de mantimentos, onde se proueraõ, & lhes poseraõ nome as Filipinas, pello Principe dom Felipe, herdeiro do Emperador Carlos Quinto. Aqui em Saragaõ estiu-

raõ alguns dias embarcados, & por que lhes faltauaõ mantimentos, embarcouffe o Villalobos na Galeota, & tomou outro nauio, & foi demãdar outras ilhas que estauaõ á vista, pera ver se achaua nellas cousa de que se prouesse. E chegãdo a ellas, desembarcou na praya com todos os da sua companhia: & em os vendo os naturaes despejaraõ a pouoação, & se acolheraõ a vm outeiro. Os Castelhanos os foraõ cometer, & tiueraõ com elles hũa batalha em que lhe matareaõ muitos, & perderaõ vm sô companheiro: & dando busca à pouoação acharaõ alguns poucos mantimentos, com que se tornaraõ pera a armada. E vendo que por ali naõ tinhaõ onde se prouessem, & sabendo como nas Felipinas acharaõ os da Galeota muitos mantimentos, mandou o general vm Bernardo de la Torre, por capitaõ de vm Galeaõsinho, chamado saõ Ioanillo, & a Pero Ortiz de la rueda na Galeota, & lhes deu por regimento que fõsse aquellas ilhas a buscar mantimentos, com que tornaria a Galeota, & o Galeaõ se faria na volta da noua Espanha com recado ao Visorrey do que lhe tinha socedido naquella jornada, escreuendolhe sobre isso largamente. Estes nauios foraõ ter aquellas ilhas, & a Galeota carregou de mantimentos, & tornou a voltar pera a armada, & o Fernaõ de la Torre se ficou negociando,



& prouendo pera sua jornada: & partio pera a noua Espanha entrada de Agosto, & de sua jornada a diante daremos rezaõ.

Ali ficaraõ os Espanhoes comendo alguns mantimentos q̃ tinhaõ, que se lhe acabaraõ logo, & comecaraõ a passar fomes & necessidades, de feiçaõ, que entraraõ por coufas immundas, & nogentas: como caens, gatos, ratos, cobras, lagartos, & outras coufas semelhantes.

A noua desta armada chegou a Maluco a dom Iorge de Craſto, & por que ſintio na gente da terra algũ aluoroço, despedio logo ṽm Antonio d'Almeida, que diziaõ q̃ era filho bastardo do cõtador mór do reino, com duas Corocoras, & lhe deu por regimento que fosse a ilha de Saragaõ, & ſoubesse a certeza d'aquella armada, & q̃ achandoa, desse hũa carta que leuaua ao capitão mór della.

Partidas estas Corocoras, foraõ com muito trabalho a ilha de Saragaõ, & achando a armada, mandou Antonio d'Almeida pella Corocora da companhia ṽm soldado a pedir ao general licença pera ſe ver com elle, pedindolhe refens pera ſua ſegurança. Chegada a Corocora a armada pòs a nouidade d'aquella embarcação aluoroço em todos os della: & entrando na capitana lhe deu o recado de Antonio d'Almeida. Ruy Lopez de Villalobos o recebeo com mui-

ta honra, & lhe entregou ṽm d'aquelles capitaens, pera ficar na outra Corocora em refens, em quanto vinha falar com elle. Com esta ſegurança foi Antonio d'Almeida ao Galeão, & o capitão mór o recebeu a bordo. E recolhidos pera a varanda lhe deu a carta de dom Iorge, que continha o ſeguinte.

Senhor, por algũas pessoas da terra ſoube da chegada de v. m. a essas ilhas, ſe foi com tempo fortuito, naõ tenho que fazer mais, q̃ pedir-lhe ſe venha pera esta fortaleza, onde o ſiruirei, & prouerei de tudo o neceſſario. Mas ſe ſua vinda he a outra couſa, & por outro respeito, faço-lhe a ſaber que estas ilhas ſão d'Elrey de Portugal, & q̃ pello contrato que eſtá feito antre elle, & o Emperador ſeu cunhado, nenhũa armada ſua pode paſſar das ilhas das velas, que eſtaõ em dezaffete graos eſcaſſos, & que elle eſtaua dos limites pera dentro naquellas ilhas em que eſtaua. Que lhe requeria da parte d'Elrey de Portugal, & do Emperador, que logo ſe tornasse, & naõ quisse quebrantar as pazes que antre elles eſtauaõ feitas.

Ruy Lopez leu a carta, & logo lhe respondeo, dizendo aſſi de palaura a Antonio d'Almeida, como por carta, a dom Iorge: q̃ elle naõ vinha ali a deſeruir Elrey de Portugal em couſa algũa, nem quebraua as pazes, porque aquellas ilhas em que eſtaua eraõ do Emperador:



perador: & com isto lhe escreueo muitos comprimentos, de que os Espanhoes nada são auaros: & teue com Antonio d'Almeida outros. Elle se despedio do Villalobos, sem poder notar a gente que os nauios tinhaõ, nem o modo de como estauaõ, nem elle quis perguntar cousa algũa, por que lho não auiaõ de dizer. E voltando pera Maluco deu conta a dom Iorge do que passaua, & pella carta vio a resposta. E não faltou que murmurasse de Antonio d'Almeida, auendo que vinha peitado dos Castelhanos, por que trazia peças & brincos que lhe elles deraõ.

Vendo dom Iorge a resposta do Villalobos, despedio logo Belchior Fernandez Correa em tres Corocoras, & com elle vm tabaliaõ, por quem lhe mandou fazer grandes protestos, & requerimētos, pera que se saísse d'aquellas ilhas: & deu por regimento a Belchior Fernandez, que lhe mandasse hũa Corocora com a resposta, & que com as outras se fosse por a Taguima, pera dar auiso à nao da carreira, ou à armada, se o Governador a mandasse, de tudo o que era passado.

Belchior Fernandez foi sua derrota, & achou ja os Castelhanos em Mindanao, com muitos menos, por que lhe morreraõ muitos de doenças, & fomes, em Saragaõ, & foi demandar o porto de Camariaõ onde a armada estaua. E

entrando no Galeaõ do capitaõ mór, que o recebeo bẽ, lhe mādou notificar o protesto, & requerimēto que leuaua: q̃ continha o mesmo que por Antonio d'Almeida lhe escreueo. O Villalobos lhe respondeu tambem por outro protesto, feito pello mesmo tabaliaõ: que elle não estaua nos limites do serenissimo Rey de Portugal, nem entraria nelles, por lhe ser muito defeso: mas que estaua nos do Emperador seu senhor. E que lhe requeria que não perturbasse a paz, por que elle estaua muito prestes pera a cumprir em tudo. Cõ isto se despedio Belchior Fernandez, & os Castelhanos ficaraõ naquella lugar, esperando pella Galeota que era nas Felipinas: & vns poucos delles saíraõ vm dia em terra pera tomarem mantimētos, & deraõ os negrõs nelles, & mataraõ alguns: ao que acudio Frãcisco Marinho, mestre do campo com algũa gente, & tambem o mataraõ com muitos de sua companhia: & o Ruy Lopez de Villalobos imaginou sempre que fora ardil do Belchior Fernandez Correa, & q̃ deixara peitados os da terra pera darem nos Espanhoes se fossem a ella. Neste mesmo tempo chegou a Galeota das Felipinas com muitos mantimētos, & deu por nouas que o Galeaõ são Ioanilho, era partido pera a noua Espanha, & que aquella terra era muito boa, & fertil: & que os naturaes os deseja-  
uaõ



uaõ lá muito. Com estas novas tornou o Villalobos a mandar a Galeota, & um bargantim em que foi o mesmo Pero Ortiz, pera que se confederasse com os da terra, & lhe trouxessem mantimentos.

Partidos estes navios dahi a oito dias o fez tambem o Villalobos na sua nao, & dous bargantins que fez (por que outro navio dos da sua companhia era perdido.) E tomou a derrota das Felipinas, & tendo nauegado cincoenta legoas lhe deraõ os brizas, com que não pode passar, & despedio os bargantins pera as Felipinas, & nelles frey Ieronymo de sancto Esteuaõ Prior dos Agostinhos, & elle se foi meter em hũa baya da ilha de Cesaria, chamada Blancai, onde se deixou ficar mais de um mês esperando pellos bargantins, & ali lhe vendiaõ os da terra algum pouco mantimento. A Galeota que ya pera as Felipinas, achou ventos côtrarios, por onde não pode passar, & tomou hũa ilha chamada Hunaco, a onde lhe mataraõ doze soldados. E voltado pera Mindanao, foi tomar a enxada a onde estava o seu general taõ falto de tudo, & em tanto aperto de fome, que daua a cada pessoa, coatro onças de arroz por dia, sem mais outra couza.

E deixandoos agora pera seu tempo, tornaremos a Belchior Fernandez Correa (que foi com o protesto ao Villalobos.) Chegando

a dom Iorge com o recado & protesto que lhe o outro mandava fazer, temendosse de algũa novidade, fortificou se muito bem, & fez um baluarte de pedra & cal no canto do muro q ficava sobre o mar, & forrou o muro com vigas muito grossas, & com seus entulhos. E temendosse que os Castelhanos fossem ao Moro, determinou de mandar lá hũa armada. E por que não tinha mais que duas fustas, pediu a Elrey algũas Corocoras, que lhe ele não quis dar, com bem roins escusas: por que não quis anoiar o Rey de Geilolo, & o de Tidore, que fauoreciaõ os Castelhanos, por pretender seu fauor, se o quisessem tirar do reino: por que esperava todos os annos q tornasse de Goa o irmaõ Tabarija.

Vendo dom Iorge que todos eraõ contra elle tratou de prèder Elrey: mas deixou de o fazer por não quebrar com todos, & pellos não ter declaradamente contra si. Quasi no mesmo tempo a dezoito de Outubro, chegou ao porto de Talangame o Galeaõ da carreira em que ya Gil de Craсто, que socedia naquella capitania a Fernaõ de Craсто, que falecera em Malacca: & por hũa prouisaõ que leuava do Visorrey nomeou em seu lugar a Gil de Craсто, que devia de ser, ou irmaõ, ou primo. Dom Iorge foi logo auisado de sua chegada, & o mādou visitar, & pedir-lhe suas prouisoens. Gil de Craсто lhas leuou,



leuou, & dom Iorge o recebeo bẽ, & o leuou por seu hospede. Ao outro dia presentes os officiaes, lhe pedio dom Iorge a carta de guia pera lhe entregar a fortaleza, & elle a apresentou, & abrindosse, se achou falar sô em Fernão de Craſto: pello que lhe não podia entregar a fortaleza, por que não auia couſa por onde ficasse desobrigado da menagem della. Gil de Craſto fez ſeus protestos: mas em fim o negocio ſe calou, por que dom Iorge o ſatisfez, & lhe comprou muito bem ſua fazenda, & ficaraõ amigos.

## CAPITVLO XI.

*Do que aconteeo a Hamaũ Paxà Rey dos Magores, na corte de Xâ Iſmael: & da ajuda que lhe deu pera tornar a conquiſtar ſeus reynos. E de como foi contra o reino dos Patanes, & de ſua deſcripção: & de como foi desbaratado o Hamaũ, & lhe naceo ſeu filho herdeiro.*



M quanto nos dura o tempo do inuerno, em que não ha q̃ fazer em noſſas couſas, daremos rezaõ das alheas: & eſta ordem guardaremos ſempre pellas não miſtu-

rarmos todas. E aſſi agora daremos conta do que aconteeo ao Rey dos Magores que deixamos desbaratado de Xircan, & acolhido pera Perſia, por que ſaõ couſas que conuem á noſſa hiſtoria, pera melhor intendimento della.

Pello que ſe á de ſaber, q̃ partido Hamaũ Paxà do reino do Cinde (como atras diſſemos no capitulo terceiro do decimo liuro da coarta decada) foi ter á corte de Caſbim onde Xâ Iſmael reſidia, que o recebeo honradamente, compadecendosse de ſuas miſerias, & conſolandoo: prometendolhe toda ajuda & fauor que po-deſſe para cobrar ſeus reynos: mandandolhe dar apoſentos, & todas as couſas neceſſarias a ſua peſſoa, & eſtado. Na corte andou eſte Rey dous annos, dilatandolhe o Iſmael de dia em dia o ſoccorro, ſem acabar de concluir em algũa couſa. O Hamaũ Paxà ſempre trouxe ſuas intelligencias antre os imigos, pera ſer auifado do que paſſaua, andando muito enfadado das dilaçoens d'aquelle Rey. A molher que ſe recolheo a Cabul, (como diſſemos) tanto que ſoube ſer elle na Perſia, o mandou logo auifar, de como eſperauaõ os naturaes d'aquelle reino pera lho dare, por ſer ſeu primo falecido ſem herdeiros. Iſto deu grande alento ao Hamaũ, & mais vontade ao Xâ Iſmael, pera lhe dar o ſoccorro q̃ lhe tinha prometido. A pós eſtas nouas



### *Quinta Decada.*

novas lhe chegaraõ outras : de como o Xircan era ido pera as partes de Bengala a acudir a alguns reinos que se lhe rebellaraõ : & q̃ ficaua o do Dely, & todos os mais com pouco cabedal , & que com qualquer soccorro os podia tornar a ganhar, por isso que se aprobeitasse da occasiaõ do tempo , & que se apressasse, por que o naõ era de a perder taõ boa, & taõ oportuna.

Destas cousas deu conta ao Xá Ismael, dizendolhe como estauaõ dispostas pera com mais facilidade tornar a ganhar o seu. O Xá Ismael muido de compaixão , determinou de o negociar, & lhe pediu a fortaleza de Cahandar com toda sua jurdição, que era do reino de Cabul, que elle herdaua , por q̃ ficaua no estremo d'aquelle reino, & do de Coraçone, que era do Xá Ismael, por ser hũa cousa muito importante pera segurança d'aquelle estado . O Hamaú lha deu & concedeo, concertandosse, q̃ de caminho a entregasse a seus capitaens, & que d'ali fosse conquistar seus reinos. Prometeolhe mais, de tomar seu carapuçaõ , & de seguir sua feita como fez. Com isto lhe ordenou quinze mil Quizil baxis, com que mandou vm filho seu mais moço minino de dez annos, entregue a Beran can seu capitão geral, a quem ya cometida aquella empreza. A tenção do Xá Ismael mandar este filho nesta jornada,

### *Da historia da India.*

foi de elle ficar na cidade de Cahandar, & fazello Rey d'aquelle parte, por que tinha muitos filhos, & queria acomodar este.

Prestes o soccorro, despedioffe o Hamaú do Xá Ismael, & começou a marchar pera o reino de Cabul, a onde a molher o auia d'estar esperando, com toda a gente d'aquelle reino: & antes de chegaré a Cahandar, (que era a cidade que elle tinha prometida a Xá Ismael) faleceo o minino seu filho, & o Beran can despedio recado ao pay pera saber o que faria, indosse detendo a té lhe chegar a reposta do Xá Ismael, que naõ tardou, mandadolhe dizer, que proseguisse elle na jornada, por geral do exercito, a té restituir o Hamaú em seus reinos. Chegado a Cabul tomou o Hamaú a Raynha consigo , com toda a gente que tinha feita: & foi entrando por seus estados, senho-reandosse outra vez delles, desbaratando os capitaens que Xaholaõ tinha deixado com muita gente, & tornou a assentar sua corte na cidade do Dely , onde fez muitas merces a todos os Persas . E vêdo a grande prudencia & esforço de Beran can, lhe pediu quisesse ficar com elle, offerecendolhe taes partidos, que o rendeo: dádolhe muitas terras, & rendas , & o titulo de Cancana (que he a mayor dignidade do reino, que responde a de Condestabre.)

Vendosse o Magor quieto em seu



seu reino, ficando com o de Cabul. (que herdou) muito mór senhor, & mais poderoso que d'antes, não se contentado de possuir o seu em paz, determinou de ir conquistar o reino dos Patanes, & destruir de todo o Xaholaõ, com quem a fortuna já tinha desandado a roda: por que assi como sobio apressado, assi tornou a decer com grande ligeireza. E ajuntando um muito grosso exercito na entrada deste veraõ passado, entrou pello reino dos imigos. (E posto que adiante com o fauor diuino auemos de fazer hũa particular descripção, de todos os estados que este Barbaro possue: aqui iremos fazendo hũa muito breue do caminho que nesta jornada leuou.)

Partido da cidade do Dely, sempre ao nascente, foi entrando por hũa prouincia chamada Matoras, aos tres dias de sua jornada, por onde ha muitos & grandes Pagodes d'aquelles Gentios, continuados dos romeiros de todo o Indu stan. Tres dias foi caminhando por ella, & no cabo delles foi ter á cidade de Tatepur, que está posta sobre hũa fermosa serra. D'ali a um dia de caminho foi á cidade de Agará (que depois foi corte & cabeça do reino dos Magores.) D'aqui foi caminhando doze jornadas, sempre ao longo de um fermoso rio, a té chegar a duas fortalezas, que estauão de hũa & da outra banda, chamadas, Manequi-

pur, & Cará. Dellas a outras tres jornadas, acharaõ a cidade de Ianapur, grande, & de fermosos edificios. D'ali a coatro dias de jornada foraõ á cidade de Galepur, ou Galipi, que parecia que já em outro tempo fora cousa muito grãde, pellas muitas ruinas que nella apparecem, assi de edificios, como de sepulturas & Pagodes. Nesta terra se faz muito alucar candil, que vai a Cambaya, & d'ali pera todas as partes da India. D'ali a dez jornadas foraõ á cidade de Payal, a onde está um soberbo Pagode, dos antigos Reys, de muito grande romagem. Por esta terra passa o rio Gange, & por ser baixa he muitas vezes alagada, & recebeo delle grandes danos & destruiçoens. Pello que indo depois o filho deste Hamaú Paxá, sendo Rey, em romaria áquelle Pagode, vendo o grande dano que suas inundaçoens faziaõ, mandou que se tapasse o Gange em cima, & q' o repartissem por outras partes, como se logo fez. Nesta obra se gastaraõ oito meses, andando de continuo nella corenta mil trabalhadores: & certo q' foi obra igual á d'Elrey Xerxes, quãdo mandou diuidir aquelle rio, quando passou pera Grecia, agastado de se lhe afogar um dos caualos do seu carro, jurando de o fazer passar a vao, a té ás molheres, como fez, diuidindoo em muitos regatos. Neste lugar mandou

H h este



eſte Rey tambem fazer vns paços, de tanta grandeza & mageſtade, q̃ ſe podem contar antre as marauilhas do mundo: por que nos affirmarão os Magores, que poſerão em os fabricar trinta annos, andãdo de continuo dez mil trabalhadores nelles.

Partido o Magor do Payal, em cinco jornadas chegou á cidade de Canár, poſta ſobre vm braço do Gange, grande, forte, & fermofa. D'ali a três jornadas, chegaraõ a hũa prouincia de Gentios chamada Manarás, onde ha muitos & grandes Pagodes: & he taõ continuada ſua romagem de todos os Gentios do Oriente, que ſe affirmã, renderem os direitos das peſſoas (que pagaõ hũa couſa muito pouca) mais de vm milhaõ d'ouro. A eſte pagode ſe foi tambem offerrecer Elrey Gelaldim Mamede, filho deſte Hamaú: & vendo aquelle trafego de romeiros, franqueou aquella romagem a todos liberalmente. D'aqui por diante foraõ entrando pella prouincia dos Patanes, gentes que já ſenhorearaõ todo o Induſtan: & a duas jornadas por ella chegaraõ á cidade de Gaſapur, que tomou muito facilmente. E caminhando adiante outras tres jornadas chegaraõ a outra cidade chamada Iamanea, ſobre quem aſſentou ſeus exercitos, por ter nouas que o imigo Xaholão vinha em busca delle cõ ym groſſo poder. Ali ſe fortificou,

& começou a combater a cidade fortiffimamente, por ver ſe a podia tomar primeiro que o imigo chegaſſe. Xaholan deuſe tanta preſſa, que chegou poucos dias depois, & aſſentou ſeu arrayal da outra bãda do rio, hũa legoa do Magor, dõde o foi cometer com muitas eſcaramuças, de q̃ ambos receberão bẽ de dano. O Patane, q̃ era grãde capitaõ, & de grãdes ardijs, vſou de todos os q̃ pode. O Magor como eſtaua bẽ prouido foi cõbatendo a cidade de uagar: que por ſer muito forte, & eſtar muito bẽnegociada, ſe defendeo muito bẽ, gaſtãdo o Magor ſobre ella até o mēs de Iulho, em que o rio Ganges, que lhe paſſa perto, coſtuma a ter ſuas inundações com tãta braueza, q̃ alaga todos aquelles câpos, mais de oito legoas á roda.

O Patane que eſperaua já por ellas mandou cortar bem em cima dous braços d'aquelle rio, fazendo primeiro grandes prezas. E chegãdo as primeiras agoas, as mãdou largar de noite, que começaraõ a vir rompendo por aquelles campos com vm taõ grande terremoto, que parecia que o mundo ſe deſfazia: & dando no exercito do Magor, q̃ eſtaua em parte baixa, o alagou todo: afogandolhe mais de cincoenta mil homens, a fora caualos, bois, & outras alimarias, que foi vm grãde numero. O Magor ſaluouſe cõ muito trabalho, & quaſi afogado em hũa



hũa azemala por ordê de vm seu azemeleiro : & sua mulher que estava prenhe, & em dias de parir escapou em vm Alifante, com parte de suas molheres em outros. O Parseo Cancaná tambem esteue afogado. Toda aquella noite andarão com grande risco, sem vns saberem dos outros, a té amanhecer, que se começaram a juntar ao Magor alguns capitaens que escaparaõ, com suas gentes, & ajuntou vm exercito de perto de cincoenta mil homens. E por que receou que os imigos fossem a poselle, mandou diante sua mulher, & elle foi passando por todas as cidades q̃ tinha tomadas, levando as guarniçoens q̃ nellas tinha posto, & foise caminhado apressadamente pera o seu reino.

A Raynha que ya algũas jornadas diante, deraõlhe as dores do parto de noite, & dizem algũas pessoas que parira hũa filha: & por que sabia o grande desgosto que o Magor disse auia de ter, receando que lhe viesse tomar auorrecimento, fiandosse de hũa pessoa sua, sabendo que aquella mesma noite parira a mulher de vm Cornaca (que são os que governaõ os Alifantes, de alguns que leuava) vm filho macho, mandou cõ muita pressa, & em muito segredo trocar a filha com elle: & affirmasse, que nem a mulher do Cornaca foubiera da troca, por que quasi foi no mesmo instante que a ca-

bara de parir. Isto nos affirmou muito vm homem Polaco chamado Gabriel, que veyo lá por Moscouia aos Husbeques, & esteve na corte de Abdulacan Rey de Camarcant alguns annos, & dali passou ao Magor em cuja casa & seruiço andou quinze annos, & depois veyo ter a esta cidade de Goa: onde o comunicamos, & foubemos muitas couças d'aquellas partes, que elle notou bem: por ser vm homem muito experto, & de viuo engenho: & pella conta que daua vio tanto ou mais que Marco Polo Veneto: por que correu a Moscouia, a Husbequia, a Persia, a Tartaria, & chegou a Cambalec corte do Graõ Can, & entrou por parte da prouincia da China, & voltou pera o Industan, & correo todos os reinos dos Magores, & todo o de Cambaya, & Cinde: & depois de estar alguns annos em Goa, foise pera Cambayete onde morreo.

A Raynha foi criando o menino, & logo se publicou que parira, pello que voltou vm criado seu a dar nouas ao Magor, que em as ouuindo, & vendo que lhe nacia vm filho em tempo de tantas desauenturas & trabalhos, olhando pera o ceo disse: Alá hacbar, que quer dizer, Deos grande & poderoso: & ao filho poseraõlhe nome Gelaldim: & depois que herdou os estados do pay: & outros reinos q̃ conquistou, ficando mór senhor

H h 2 que



*Quinta Decada. Da historia da India.*

que elle, intitulouse Hachbar, que quer dizer, grande & poderoso.

E quanto á duuida que delle se tem, segundo praticamos com algúas pessoas que o viraõ, & ainda naturaes seus, não parece em sua feição Magor, por que he homem pequeno de corpo, preto, bexigoso, & tão mal barbado, que parece lio, sendo todos os Magores por natureza muito aluos, grandes de corpo, rostos largos, & muito barbados. Algúas pessoas dizem que era filho da Raynha & do Cornaca, & q̃ indo ella no Alifante emprenhara delle.

E tornando ao Magor foi caminhando apressado, & tanto que fayo das terras dos imigos cobrou mais algum alento. E chegando á cidade do Dely, querendo gratificar ao azemeleiro que o liurou da morte, fez aquillo que Assuero a Mardocheu, vestindoo em suas insignias Reaes, mandou o por toda a cidade acompanhado de toda a corte como Rey: & depois o assentou em seu throno, & tres dias continuos o tiraraõ pella cidade com pregoes, q̃ declarauaõ o porq̃ lhe fazia aquella hõra. Concedeo-lhe mais, que tudo o que naquelles tres dias fizesse fosse feito, & q̃ nelles podesse mader como Rey: & que as rendas de todo o reino d'aquelles tres dias fossem suas, & se arrecadassem pera elle, ficando este homem de pobre rico, de baixo, grande diante d'Elrey, q̃ sem-

pre lhe fez honras & merces. Mádou mais Elrey, que em todas as moedas que d'ali em diante se batesssem fossem cunhadas, com hũa figura de hũa azemala, pella em q̃ se saluou.

Nesta jornada se achou um Portuguez chainado Cosmo Correa, casado em Chaul, cõ molher & filhos, que ainda viuem: que por espancar um feitor fogio pera Cábaya, & d'ali se passou á corte do Magor: este homem daua desta jornada muito boa rezaõ, por ser homem auisado, & de que o Magor foi grande amigo. Contaua delle muitas cousas, antre ellas dizia, que estando um dia praticando com elle, lhe pedio, que lhe mostrasse o liuro por onde rezaua, que lhe elle mandou vir, que eraõ hũas horas de nossa Senhora, d'aquellas antigas de coarto, illuminadas todas: abrindoas Elrey, deu logo no começo dos sete psalmos, a onde estaua a historia de David com Bersabet, illuminada, grande, que tomava todo o coarto. E estandoa Elrey vendo, disse a Cosmo Correa, que me darás se te adiuinhar esta historia? Cosmo Correa lhe respondeo, que tinha elle que dar a um tamanho Monarcha. Dame a tua lança, disse o Magor (que era hũa de Portugal) se não eu te darei a cabeça de um porco montes, q̃ diate de ti matarei, & com isso lhe contou a historia, así como a temos na escriptura. Edan-



E dandolhe o liuro lhe disse, que lhe mostrasse os coatro homens q̃ escreuerao a ley dos Christaõs: Cosmo Correa lhe mostrou os Euangelistas, que estauao illumina- dos nos começos das paixões, que Elrey esteue vendo deuagar. E de- pois lhe disse: ora sabe hũa cousa q̃ muitas vezes ouui dizer a meu pay Babur Paxá, que se a ley de Mafamede padecesse detrimento, que não recebesse nenhũa outra, se não aquella que fora escrita por coatro homens. E assi era este bar- baro taõ afeiçoado aos Christaõs, que a onde os via (principalmen- te Portugueses) lhes fazia muitas honras & merces. Desta vez ficou o Magor em seus reinos: & o Xa- holan, assi como se leuantou de nada, assi deceo apressado: por q̃ quando morreo já tinha perdido a mór parte de seus reinos, não lhe ficando herdeiros, & com elle se a- cabou todo.

## CAPITVLO XII.

*De como se descobriraõ as ilhas de Japaõ: & de hũa breue relação do principio, & ori- gem de seus pouoadores: & de alguns ritos, & costumes d'aquellas gentes, & das pro- uincias que tem.*

**E**STANDO este anno de corenta & dous em que anda- mos, tres Portugue- ses companheiros, chamados, Antonio da Mota, Frá- cisco Zeimoto, & Antonio Peixo- to, no porto de Siaõ com vm lun- co seu fazendo suas fazendas, as- sentaraõ de ir á China, por ser en- taõ viagem de muito proueito. E carregando o lunco de pelles, & de outras fazendas deraõ á vela, & cõ bom tempo atraueffaraõ o grãde golfo de Ainaõ, & passaraõ pella cidade de Cantaõ, pera irem bus- car o porto do Chincheo, por que não podiaõ entrar naquella cida- de: por que depois que o anno de mil, quinhentos & quinze Fernão Peres d'Andrade, estando na Chi- na por Embaixador, açoutou vm Mandarim (que são os que gover- naõ a justiça, que antre aquelles Gentios he mûy venerada) de tal maneira ficaraõ os Portugueses o- diados, & auorrecidos, que mãdou Elrey por vm edicto geral, que se não consintissem mais em seus rei- nos, os homẽs das barbas, & olhos grandes: que se escreueo com le- tras grandes d'ouro, & se fixou so- bre as portas da cidade de Cãtaõ. E assi nenhum Portugues mais foi ousado a chegar a seu porto: & al- guns nauios depois por tempos, foraõ a algũas ilhas d'aquella co- sta a commutar suas fazendas, dõ- de tambem os lançaraõ. Depois

Hh 3      passaraõ



*Quinta Decada. Da historia da India.*

passarão ao Chincheo pera onde estes yaó,& onde os consintiaõ,pello proueito que tinhaõ do commercio,mas do már faziaõ seu negocio,por que se não fiauaõ delles. Este Iunco indo demandar o porto do Chincheo,deulhe vm tempo muito grosso, a que os naturaes chamaõ Tufaõ, que he taõ soberbo & feróz,& faz tantas brauezas,& terremotos, que parece que todos os espiritos infernaes andaõ reuoluendo as ondas,& os mares: cuja furia parece que aleana labaredas de fogo nos ares:& em espaço de vm relogio de area,corre o vëto todos os rumos da agulha,& em cada vm delles parece q se vay refinando mais.

He tal este tempo, que as aues do ceo por vm distincto natural o conhecem oito dias antes: porque logo lhe vem decer os ninhos de cima das aruores,& os vaõ esconder em algũas lapas. As nuuens oito dias antes andaõ taõ rasteiras,q parece que as trazem os homens sobre as cabeças, & os mares nestes dias andaõ mūy maçados, & azulados. Primeiro que este tempo dé no már, mostra o ceo vm final mūy conhecido de todos, que he hũa coufa grossa a que os mareantes chamaõ olho de boi,todo de diuersas cores taõ malenconizadas,& tristes, que metem temor a todos os que as vem. E assi como o arco celeste, quando apparece,he final de bonança & sossego:

assi este o he da ira de Deos: que assi podemos chamar a este tēpo.

Os mareantes em vendo o final logo se prepararaõ, assi pera com Deos (por que poucos nauios dos que tomauaõ naquelle tempo no már escapauaõ) como pera o passarem,dando logo com os mastareos em baixo, & alijando ao már todas as coufas de cima, pera ficarem lestes como estes fizeraõ, que se viraõ muitas vezes debaixo do már,& alagados,naõ fazendo conta de si, por que já o Iunco naõ daua pello leme, antes á vontade dos ventos & dos mares era leuado de hũa pera outra parte. O már feruia, os ares representauaõ vm juizo final,com trouoens & relampados,& já nenhum dos companheiros o tinha pera coufa algũa: por que como mortos estauaõ lançados por cima da tolda,& pellos chapiteos, entregues á sua ventura. Em vm extraordinario curso da natureza, que se neste tempo nota,se pode ver, que he o mayor que pode auer no mundo: porque em quanto dura he tal sua força,que reprime o curso ordinario do már,& enfrea as marés dos rios que naõ enchaõ,nem vazem. Durou esta tempestade a estes homens vinte & coatro horas, & no cabo dellas quietou o Iunco: mas ficou tal & taõ desgouernado,que naõ ouue outro remedio mais, q deixaremse ir á vontade dos ventos,que ao cabo de quinze dias o foraõ



forão lançar antre hūas ilhas a onde surgirão, sem saberem a onde estauão.

Da terra acodirão logo embarcaçoens, em que vinhaõ homens mais aluos que os Chins, mas de olhos pequenos, & de poucas barbas. Delles souberão que se chamauaõ aquellas ilhas Nipongi, a que communmente chamamos Iapaõ. E achando naquella gente afabilidade se forão com elles, que os agasalharaõ bem. Ali concertaraõ & aparelharaõ o Iunco, & cõmutaraõ as fazendas por prata, que ali não ha outras: & como foi tempo tornaraõse pera Malaca. A estes homens se deue a gloria deste descobrimento: posto q̃ Marco Polo Veneto tinha dado a conhecer estas ilhas muito primeiro, chamandolhe Zipango, de quem escreueo por roins informações, estãdo no Cathayo algũas cousas, que nos fizeraõ algum tempo duuidar se eraõ estas ilhas Zipango: por que diz no Itinerario que fez, que Zipango era hūa ilha no Oriente, apartada da terra de Mangi em már alto mil & quinhētas milhas, que saõ mais de coatrocentas legoas, & que tinhaõ ouro em tanta quãtidade, que os paços do Rey eraõ cubertos com grandes pastas delle: & que os idolos eraõ de diuersas feiçoens, com testas de boi, outros de caõ, & outros d'outras alimarias: vns com hūa cabeça, outros com duas: vns com dous bra-

ços, outros de vinte a tè cento: & q̃ os que tinhaõ mais braços era mayor Deos. Diz mais que comiaõ carne humana os naturaes de Zipango. Estas cousas nos fizeraõ já duuidar falar de Iapaõ, por q̃ estas ilhas não estaõ afastadas da terra firme de Mangi mais que trinta a té corenta legoas, ouro não ha nenhum, se não o que lhe leuaõ da China. Nos idolos tambem varia, & muito mais no comer da carne humana, cousa q̃ se não achou nunca em algũa das ilhas do Iapaõ: por onde não ha duuida nacer este erro das roins informações que lhe deraõ. Mas sem duuida que estas ilhas saõ o seu Zipango: por que posto que diga estarem apartadas da terra de Mangi tantas legoas, foi quando á distancia do porto do Chincheo, dõde naquelle tẽpo nauegauaõ pera ellas, & a differença que faz da terra de Mangi á da China, he a que causou confusaõ nos Geographos: por que a verdade he, que o reino da China, & o de Mangi todo he vm, & tudo foi sempre sojeito a vm só senhor: & o proprio & verdadeiro nome d'aquelle reino he Cin Mancin, & assi o nomeaõ suas escrituras, & não declarando Marco Polo isto, ouueraõ todos q̃ eraõ duas provincias, Cin, & Mancin.

E d'aqui naceo a Abrahaõ Ortelio lançar no seu theatrum orbis, a provincia da China, desde Cochim China, a té o cabo de

H h 4 Liampo:



Liampó: & d'ali pera o nórtē toda aquella costa que corre fronteira a Iapaó, a faz da prouincia Mangi. E em tudo ha tamanha corrupsaõ, que a prouincia de Cin, que he o verdadeiro nome chama China, & a Manci, Mangi, como tãbem ao nome destas ilhas, q̃ (como dissemos) os naturaes chamão Nipongi, & elle Zipango: & deue de ser este nome corrupto d'aquelle, por q̃ os Chins as nomeaõ que he Gipon, que tem mais seme lhança. E os Portugueses depois que trataraõ aquellas ilhas o corromperaõ nõ de Iapaó. E posto q̃ os Padres da companhia de IESV, que nellas tem taõ dilatada a fé de Christo (como diremos) escreuaõ dellas historia particular de sua descripçaõ, ritos, costumes, origem, & principio, como homens q̃ as penetraraõ todas, & que sabem a verdade dellas, por lerem, & escreuerem a letra dos naturaes, & verem suas escrituras: todauia diremos breuemēte o que dellas podemos alcançar, por informações de alguns coriosos, que a ellas foraõ.

Estaõ estas ilhas do Iapaó alem de toda a India, opostas áquella prouincia a que Ptholomeo chama Cinarum Regio, de trinta pera trinta & oito graos do Polo Arctico, saõ muitas, & a principal he a de Nipongi, em que está a cidade de Meacó, que he a corte, & residencia do Emperador. Esta ilha

affirmaõ os naturaes que tem de comprido quinhentas legoas suas, que fazem trezetas sessenta & seis noffas. Os Pilotos Portugueses a fazem de duzetas & sessenta. Quer esta ilha imitar a figura de um liaõ com as ancas viradas pera a terra da China, & o rosto pera o nascente: o mais alto da cabeça lhe fica em trinta & oito graos do Nórtē, & a ponta do rabo, que he a feição de hũa rapoza, em trinta & quatro. Debaixo d'elle lhe ficaõ as duas ilhas de Ximo, & Xicoco, de que logo daremos rezaõ: & por baixo da barriga desta ilha, lhe ficaõ outras muitas, & o mesmo entre ella, & a terra da China. He repartida esta ilha grande em cincoenta & seis gouernanças. E por que no nomear d'ellas não podemos guardar a ordem de sua situaçaõ, por estarem repartidas por todo aquelle corpo, começaremos da ponta do rabo, & iremos acabar na cabeça.

Nagotono a onde está o porto de Ximino Xeque, & fino a onde está a cidade de Iamaguiche, Aquinoquinum, Bigo, Bicchum, Bijan, Iuami, Izzumo, Misafæca, Farimã, Ccunoconi, Tamba, Meaco, Fogij, Inaba, Tagimã, Tágo, Vocafa, Ca-uachi, Yzumi, Coya, Quinoconi, Ximã, Yxem, Amato, Iga, Vouari, Xiuano, Mino, Vosaca, Vomi, Fida, Iechegó, Chegón, Angua, Iecchum, Noto, Cozzuque, Carnoconi, Mechaua, Tutoni, Serugã, Izzum, Muxaxi,



faxi, Aun, Cuzzaca, Ximoza, Fita-  
chi, Sagamixuno, Ccuque, Chi Ia-  
faá, Vosum, Figou, Chiqugeu, Chi-  
chagá, Bujar, Beigo, Deua, Xura  
canano, Xequei, Aquitano, Xiro,  
Sotono fama, Eccugaruco.

A segunda ilha que está na pô-  
ta do rabo chamada Ximo, he re-  
partida em dez governanças, &  
estas por coatro senhores a que  
chamaõ Iacatas. O primeiro &  
mais poderoso he o de Bungo, q̃  
tem estas governanças: Bunga, Fô-  
ga, Bugem, Chiqugem, & Chicun-  
go. O segundo he o Xaxumá, &  
Vosome. O terceiro o de Fongó. O  
coarto de Arima: & fingem q̃ he  
vm reino muito grande.

A terceira ilha que fica aos pés  
da grande he a de Xicoco, diuidi-  
da em coatro governanças, Ton-  
ca, Sanoqui, Aua, & Lionoconi.

Quão á pouoação destas ilhas,  
são tão soberbos os Iapoens, que  
se tem pellos primeiros do mudo,  
sobre o que fabulaõ cousas muito  
pera rir, de que breuemente dire-  
mos algũas.

Dizem suas escrituras, que vm  
gigante que era senhor dos ceos &  
da terra, tamanho que tinha vm  
pé em cima, & outro em baixo, q̃  
este de vm ouo que pôs vm galo  
formara o mundo todo, da gema  
os ceos, & das claras os elementos:  
& que arremeçara de cima dos  
ceos hũa lança que cayra sobre a-  
quella ilha de Iapaõ, & se metera  
pella terra, & que da abertura del-

la sayra hũa molher muito fermo-  
sa, que estando vm dia assentada á  
borda da agoa sayra vm cocodri-  
lo, & ferrara della, & a cõmunicara  
por força, ficando d'aquelle acces-  
so prenhe, & que por tempo pari-  
ra vm filho, delle & della de que  
se pouoara toda aquella ilha. E  
ainda ha oje muitos Iapoens aque  
chamaõ Cóguis que são fidalgos,  
& continuos da casa do Rey, que  
se jactaõ virem directamente d'a-  
quella casta, & tanto se honraõ dis-  
so, q̃ trazem nos calçoens vns rabos  
dependurados a maneira dos dos  
Cocodrilos.

E deixando as fabulas, a verda-  
de he que procedem dos Chins,  
por q̃ em suas escrituras se acha, q̃  
foi vm Principe d'aquelle reino  
degradado parar naquellas ilhas,  
a onde se deixou ficar, pouoandof-  
se todas da gente que comsigo le-  
uou. Isto em nenhum modo que-  
rem consentir os Iapoens, nem cõ-  
ceder, por auerem os Chins por  
muito inferiores a elles. Em tanto,  
que a mór afronta que se pode fa-  
zer a algum, he chamarlhe Chim:  
& pella mesma maneira se tem os  
Chins por tanto mais honrados q̃  
elles, que o mór desprezo q̃ selhes  
póde fazer, he chamarlhes Iapoês.  
Em fim, o governo destas ilhas em  
seu principio, & ainda oje, andou  
sempre, & anda, nos descendentes  
d'aquelle Principe Chin, que tanto  
que vio a ilha pouoada tomou ti-  
tulo de Rey. E seus descendentes  
vendo



*Quinta Decada. Da historia da India.*

vendo a grande multiplicação, q já auia naquellas ilhas: vm delles vendosse tão grãde senhor, tomou vm titulo soberbissimo, que he, V. O. que quer dizer Emperador. Este em certo modo tomou tambem para si o poder do spiritual, q ficaraõ herdando todos, por q elles confirmaõ os seus Bonzos, q são os mestres de sua religião.

Este Emperador assentou sua cadeira na cidade de Meacó, que está quasi no meyo desta ilha, ou na cintura do liaõ, em que afiguramos que he o mais estreito da ilha: por que por aquella parte não té mais de trinta & coatro legoas de largura, dezoito a té a cidade de Vacaça, que está da bāda do Norte, sobre as costas deste liaõ: & dezafeis pera a banda do Sul, a té a cidade de Saquai. Vm destes Emperadores (por que o gouerno de tamanho imperio lhe daua traballho) proueo aquella ilha de dous Gouernadores, com nome de Cubos, vm com a jurdição de Meacó, pera o Leuante, & outro delle pera o Ponente, pera administra-rem justiça a todos os estados (que se gouernaraõ por Cubos, que os Emperadores prouiaõ) em paz, & sossego, muitas centenas de annos. Mas perto dos do Senhor de mil, atearaõse antre estes dous Cubos taes guerras, que meteraõ toda aquella ilha em reuolta, diuidindosse em dous bandos, fauorecendo o Emperador vm delles: & por

fim do negocio veyo a vencer o da parte contraria, desbaratando em hũa batalha o imigo, & ficando o Emperador nas mãos: & com elle se recolheo á cidade de Meacó, & o meteo em seus paços, onde ficou sem eleição algũa de querer: gouernando o Cubo absolutamente, dando tudo o necessario ao V. O. que nunca perdeo a authoridade assi no espiritual, como no temporal: porque todos os Cubos que yaõ socedendo tyranicamēte tomauaõ a inuestidura de sua mão, fazendolhe seus acatamentos como a senhor supremo.

E o que he muito para admirar, que nesta dinidade de Cubo, depois do primeiro tyranno a té oje, não socedeo filho a pay, nem irmão a outro: por que todos forão mortos por outros tyrannos, ou com ferro, ou com peçonha: socedendo porem sempre na dinidade do V. O. herdeiros naturaes, sem se perder nunca aquella progenia.

Tem os Iapoens oito ou noue feitas, aleuantadas por homens estrangeiros que ali foraõ rer, & que acabaraõ em vida religiosa, a que elles chamaõ Fotoques. E tambẽ alguns naturaes que elles veneraõ por santos, a que chamaõ Camis, fizeraõ outras, & todas são recebidas dos d'aquellas ilhas, tendo bem differentes opinioens, viuendo cada vm na sua, sem lhe ninguem ir á



ir á mão. As feitas são as seguintes. A dos Iexús: estes affirmão q não ha mais que viuer & morrer: esta receberão todos os nobres.

A dos Foccenxum: estes adoraõ o sol, & dizem que depois que vm morre vay viuer lá outra vida em outro mundo.

A dos Iodoxum: estes adoraõ vm idolo a que chamaõ Amida: & crem que todas as vezes que o nomeaõ ficaõ absoltos de seus peccados, & tem vm templo aleuanteado a este idolo, que se chama o paraíso de Amida: em que estaõ todos os idolos de vulto que adoraõ: & affirmão que tem mais de dous mil de diferentes feiçoens, (alsi como acima dissemos no capitulo primeiro do liuro sexto) q Marco Polo escreue.)

A feita Iecoxí: os que a seguem affirmão que depois da morte ha pena pera quem viueo mal, & gloria pera o que obrou bem: esta feita seguem os lauradores.

A feita chamada Iamabuxé, os que a seguem adoraõ os diabos, & communicão com elles domesticamente, & de ordinario lhes apparece em forma de raposa, & cada vez que querem delles algũa cousa os chamaõ com hũa bozina, & tem com elles feito pacto, que cada vez que lho mandarem entraraõ & tornaraõ a sair do corpo da pessoa que lhe differem. E alsi como tem odio a algũa pessoa, logo se vingão pella mão do dia-

bo, por que se mete nella, & a atormenta.

Ha outras feitas de que os Padres da Companhia fazem mais particular menção. Cada rito destes tem seus pregadores, & defensores, a que chamaõ Bonzos, & trazem sinaes de suas opinioens, pera serem conhecidos, & sobre ellas, antre vns & outros ha grandes disputas. Mas sobre todos estes idolos adoraõ a vm, Séutó, que dizẽ que he hũa substancia, & principio de tudo, & que suas moradas são os ceos. Os peccados principaes q antre os Iapoens ha, são, fornicar, furtar, matar, beber, mintir: pera estes vicios tem suas purificaçoens, por esmolas, por officios, oraçoens, & por romagès: mas os peccados que não tem absoluição são, treição, & morte do pay: suas contas são pellos annos que os Reys reinaraõ. E isto baste dos Iapoens.

### CAPITOLO XIII.

*De como Elrey de Zeilã foi soccorrido dos Turcos: & da Serra do Judeo, que dom Christouão da Gama tomou. E de como os inimigos o forão buscar, & do conselho que tomou.*



ESBARATADO Elrey de Zeilã por dom Christouão da Gama, determinou de se valer do Baxá do



*Quinta Decada. Da historia da Índia.*

do Zebit : a quem despedio Embaixadores com muito dinheiro, pera lhe mandar mil Turcos d'espingardas, que lhe elle logo mandou em nauios. Dom Christouão da Gama estaua inuernado na cidade de Offar, esperando cada dia pello Emperador da Abasia, era isto já neste Agosto em que andamos. Socedeo nesta conjunção ir ter com elle vm Iudeu, & lhe disse, que se tinha neccsidade de caualos, & mulas, que elle o leuaria a hũa serra a onde se prouesse de tudo muito abastadamente, pera todo o seu exercito, & que a serra era de Iudeos : & poderia ter coatrocentos Mouros de guarnição, que ali tinha Elrey de Zeilá ( parece que este Iudeo por se vingar de alguns outros seus imigos lhe foi dar aquelle aluitre.) Dom Christouão informandosse do Barnagais, & de outros capitaens Abexins d'aquelle negocio : soube que lhe falaua verdade, & que não só era necessario dar naquella serra pera se prouerem de caualgaduras, & tomaréna aos Mouros, mas ainda pera franquear aquella passagem: por que pello pé della auia de passar o Emperador. Pello que determinou de ir em pessoa áquel le negocio, levando consigo as companhias de Manoel da Cunha, & a de Ioão d'Afonseca, & alguns capitaens Abexins, ficando tudo o mais em guarda da Raynha, & do exercito. E todo aquelle dia foi

caminhando guiado do Iudeo, & passou hũa ribeira grande em jangadas, & da outra banda aluergou, & no coarto da modorra tornaraõ a caminhar, & rompendo a menham chegaraõ ao pé da serra, q era tamanha, que se affirmaua ter doze legoas em roda. O Iudeo q ya por guia o encaminhou logo por vm passo muito facil, por onde foraõ sobindo, achando em certas paragens alguns Mouros de guarda, que logo foraõ mortos. E passando adiante sobiraõ á chá, a onde acodiraõ logo os Mouros de guarnição, que seriaõ perto de coatrocentos: & o seu capitaõ diate em vm fermoso caualo. Dom Christouão que ya em outro muito grande, em vendo o Mouro diante, abaixando a lança bateo as pernas ao caualo, & o cometeo, & foi sua ventura tal, que o leuou na ponta da lança, dando logo com elle morto no chaõ. Os nossos roperaõ no mesmo tempo com os Mouros, dandolhe sua carga de arcabufaria, de que derribaraõ muitos, & baralhandosse vns com os outros, assi apertaraõ os nossos có elles, que os poseraõ em disbarato, fazendolhes virar as costas, & se guindolhe o alcance foraõ matando nelles bem á sua vontade, escapandolhe muito poucos, ficando-lhe vm grosso despojo de caualos & mulas.

Dom Christouão foi demar-  
dar hũa villa das principaes que  
estaua



estaua perto, que era pouoada de Iudeos, como outras seis ou sete que auia na serra, em que aueria perto de oito mil delles: & assegurendo dom Christouão a todos, acodiraõ das outras aldeas a lhe dar a obediencia.

Vm Iudeo douto nos disse nesta cidade de Goa, q̃ aquelles Iudeos & outros que andauão espalhados pella Abasia, & pella Nubia, eraõ de algum d'aquelles tribus q̃ andão desaparecidos.

O Iudeo que guiou a dom Christouão da Gama, vendo as maravilhas q̃ os Portugueses fizeraõ, ficou pasmado, & pediu a dõ Christouão que o fizesse Christão, a elle, & a toda sua familia, molher, filhos, & escravos. O que elle estimou muito, mandandoos baptizar por vm sacerdote que leuaua, sendo seu padrinho, & dandolhe o seu nome & alcunha: & de consentimento de todos os da serra lhe deu o gouerno della. Nisto gastoudous dias, & ao terceiro tornou-se pera o exercito, leuãdo hũa grande preza de caualos, mulas, gado, & de outras cousas. E por q̃ por causa desta carriagem yaõ caminhãdo de uagar, deixou em guarda della Afonso Caldeira com trinta espingardas, & elle se foi apressãdo tanto, que aquelle dia já de noite chegou ao exercito. Ao outro dia teue rebate, q̃ os Mouros vinhaõ em busca delle: pello que se fortificou o melhor que pode, prouen-

do suas estancias mui bem. Elrey de Zeilã com o soccorro dos Turcos ficou taõ soberbo, & confiado, q̃ foi logo buscar dõ Christouão, & aquelle dia appareceu por aquelle campo com todo o seu poder, & se foi logo chegando ao exercito, & lhe deu hũa fermosa salua de arcabuzaria, q̃ se julgou por de novecentas espingardas. E cercaraõ todo o arrayal á roda, ficando os nossos dentro encurralados. Dom Christouão ajuntou-se em casa da Raynha, com os outros capitaens, Portugueses, & Abexins, & tomou parecer sobre o que faria, se seria bem recolher-se á serra que estaua perto, que era muito forte, pera ali esperarem o Emperador. Este conselho ouuera dom Christouão de tomar em principio, tanto que se ajuntou com a Raynha, & segurar-se em parte em que os inimigos o não podessem cercar, a tẽ se ajuntar com o Emperador: & da serra podera sair a dar todos os assaltos que quisesse.

Mas como era mancebo, orgulhoso, & grande caualeiro, mas de pouca experiencia nas cousas da guerra, leuou-se mais do que o seu coração & animo lhe pediaõ (que era não recear cousa algũa) que pellas regras & medidas da milicia, que são prudẽcia, & circũspecção: & como bõ jogador de enxadres, trazer mais o olho nos lances do contrario, que nos seus: & mais no que a de jugar de futuro,



*Quinta Decada. Da historia da India.*

que não nos que joga de presente. Por isso dizia aquella grande Menelao, que mais estimava um Nestor, que dez Ayasses. E Anibal sempre receou mais a Fabio quando não pelejava, que ao Consul Minucio seu companheiro, que cada dia o comedia: por que o sobrejo esforço as mais das vezes dá em perdição, como veyo a fazer o deste fidalgo, que quando entedeo o que lhe releuava, já o não pode executar.

Tornando a nosso fio: Depois que dom Christouão propos no conselho o que lhe pareceo, foraõ os mais de parecer, que já se não podiaõ recolher á serra, por que os mesmos Abexins que andauão cõ elles, que eraõ por natureza falsos & desleaes, em sentindo qualquer mudança, cuidando que o faziaõ de medo, todos se leuantariaõ contra elles, por se sanearem com os inimigos: que o menos mal era deixarem-se estar, porque os Mouros não lhe podiaõ entrar o exercito, por que estaua muy forte, & elles tinhaõ dentro todas as couças necessarias pera se sustentarem a té a vinda do Emperador, que não podia tardar muito. Com esta determinação se deixaraõ ficar, despedindo dom Christouão um correo Abexim, com um escrito a Afonso Caldeira, que ficou atras com a recouagem, pera que fosse demandar o pé da serra, & que no coarto da modorra come-

tesse o exercito, por que elle estaria prestes pera o recolher. Toda esta noite passaraõ os nossos com as armas ás costas, cuidando que os inimigos os cometessem.

**CAPITVLO XIII.**

*De como os Mouros cometeraõ dom Christouão da Gama: & da grande batalha que tueraõ. E de como os nossos foraõ desbaratados, & dom Christouão da Gama catuado: & do cruel martyrio que recebeo.*



O outro dia q̃ foraõ vinte & noue d'Agoſto, em q̃ se celebra a festa da degolação de ſão Ioaõ Bautiſta, determinou Elrey de Zeilã de cometer o exercito dos Portugueſes, & repartindo os ſeus em duas partes, dando a dianteira a os Turcos, ſayo de ſeus alojamentos com grandes carrancas, gritas, vozes, & ſons de inſtumentos, & remetendo com as eſtancias as cometeraõ por duas partes, dando grãdes ſurriadas de eſpingardaria. Dõ Christouão, que eſtaua já preſtes, acodio áquellas partes cõ algũs que o ſeguião, & vido a grãde determinação dos Turcos, receado q̃o entraſſem, determinou de lhes ſair, a fazelos afaſtar. E eſcolhendo cincoenta ſoldados ſayo por hũa



hũa porta, & deu nos Turcos com tamanha furia, que com morte de muitos os arrancou d'ali. E por q̃ vinha carregando sobre elle o pezo dos imigos, se tornou a recolher, com perda de coatro homẽs, & elle com hũa espingardada por hũa perna: & porque ao entrar do vallo vinhaõ já os imigos sobre elle, receãdo Manoel da Cunha (q̃ estaua em hũa estãcia perto, & via tudo) q̃ entrassem de enuolta cõ dom Christouaõ, sayolhe por aquella parte com tamanha furia & braueza, q̃ sem temer a multidãõ delles se meteo em meyo, fazendo nelles tamanho estrago, que de já o não poderem sofrer, se afastaraõ: & Manoel da Cunha se tornou a recolher, com perda de tres soldados. As outras estancias estauaõ em grande aperto, por q̃ quasi q̃ chegaraõ os imigos a caualgalas: & vendosse todos taõ arriscados, querendo antes morrer no campo q̃ nos vallos, arrebentaraõ por elles fóra como lioẽs, & deraõ nos imigos com muita braueza, trauãdosse antre todos hũa muito aspera batalha. Dom Christouaõ assi ferido como estaua sayo de mistura com os seus, fazendo muito bẽ o officio de capitãõ, & de soldado, gouernando, & prouendo nas coulas que lhe pareceraõ necessarias, & pelejando por seu braço cõ muito valor & esforço, andaua em vñ fermoso caualo todo armado: & correndo todas as partes foi dar

com Francisco d'Abreu cercado de vñ grande numero de imigos, & elle no meyo pelejando como desesperado, tẽdo feito nelles grãde estrago, & mandandoo soccorrer por Inofre d'Abreu seu irmão com a sua companhia, passou adiante por ver as outras partes em que se pelejaua. Inofre d'Abreu vendendo o perigo em que seu irmão estaua, sem receyo algum rompeo pellos Mouros, & apresentou-se diante do irmão, q̃ já estaua muito ferido, & ali fez marauilhas. Mas como o numero era taõ desigual, & os Turcos que vieraõ de soccorro, desejavaõ de parecer bẽ a Elrey de Zeilã, fizeraõ cousas espantosas, não receando o ferro dos nossos que os cortaua bem: & assi apertaraõ com elles, que os fizeraõ recolher aos vallos. Aqui deraõ hũa espingardada a Francisco d'Abreu, de q̃ o derribaraõ: o irmão vendoo cair, voltou pera o recolher, dando com grande furia nos imigos, fazendoos deter com morte d'algũs: & querẽdo aleuãtar o irmão lhe deraõ a elle outra espingardada, de q̃ cayo morto sobre elle fazendo ambos neste dia cousas dinas de grãdes lououres. Os nossos estiuerãõ aqui de todo perdidos, recolhẽdosse aos vallos já desbaratados, & sem ordem, ficando muitos mortos no campo. Todo este tempo esteue a Raynha em grande afflição, curãdo por suas mãõs os feridos, ajudando



*Quinta Decada. . Da historia da India.*

dandoa o Patriarcha. Dom Christouão da Gama se recolheo aos vallos o melhor que pode, bem perseguido dos imigos: & mādou a Manoel da Cunha, que com sua gente voltasse a elles, & trabalhasse pellos afastar, & que quando se viesse recolhendo, elle faria outro tanto, por que os imigos não entrassem de mistura com elles. Manoel da Cunha voltou com grande furia & determinação, arremessandosse no meyo dos imigos, como vm rayo abrazador, ferindo, & derribando nelles cruelmente: & fazendoos afastar vm pouco se tornou a recolher pera as estancias como lhe era mandado. Os Turcos tornaraõ a carregar sobre elle com grande impeto: mas dom Christouão lhes tornou a fazer rosto, pera se poder recolher mais á sua vontade: mas como os Mouros vinhaõ crescendo, nesta parte se tornou a trauar hũa muito cruel batalha, em que dom Christouão, & todos os seus como liens famintos se metiaõ em meyo dos imigos, sem recearem a morte: fazendo nelles tamanho estrago, que não parecia o dano feito por taõ poucos, & taõ cansados homens, se não por muitos, & muito folgados. Dom Christouão da Gama (que neste dia mereceo tanto, que bem se podera fazer delle só vm grãde tratado) andando aceso na batalha pelejando por seu braço, & derribando mui-

tos dos imigos: inuejosa a fortuna da gloria de seu valor & esforço, ordenou q̃ lhe dessem outra espingardada pello braço direito (que este dia tinha ganhado tanta honra, & obrádo taõ grandes maravilhas) que lho quebrou de todo, ficando lhe inhabilitado pera a espada. Aqui acodio Manoel da Cunha pello recolher, voltando aos imigos, q̃ vinhaõ já victoriosos, & por seu muito valor & esforço, se detiuerão: pelejãdo os seus soldados como desesperados, vêdo o seu capitaõ mór taõ mal tratado. E taõto apertaraõ com os imigos q̃ os detiuerão, com o que vm soldado teue tẽpo de recolher dom Christouão, tomãdo as costas cõ muito risco seu, (& o nome deste soldado tãbem o tẽpo tẽ gastado, como o tem a outras muitas cousas bem dinas de memoria pello descuido Portuguez.) Aqui recreceo o poder dos imigos, & arrebẽtando como vm furioso torrente, deraõ em os nossos, & os fizeraõ voltar de todo pera as estancias, ficando no cãpo desta feita estirados Ioaõ d'Afonseca, & Francisco Velho, dous canaleiros principaes, que este dia fizeraõ bem grandes cousas. A este tempo estaua dom Christouão curandosse em casa da Raynha, & dizendolhe que lhe entranaõ os vallos, mandou se levar por alguns homens áquella parte por onde diziaõ que entranaõ os imigos, mandando acodir á gente para os defen-



defender: mas como os Mouros vinhaõ d'arrancada, & com a vitoria nas maõs, romperaõ por elles & os entraraõ, acolhendosse os q nelles estauaõ para as tendas da Raynha, cuidando q nella achasẽ remedio. O Patriarcha vendo a cousa perdida, caualgou em hũa ferosa egoa, mui grande corredora, & foise saindo do arrayal pella banda que ya pera a ferra, por que estaua por ali desapressada dos imigos, & alguns Portugueses que o viraõ ir o foraõ seguindo. A Raynha tambem se pòs em outra egoa pera ver se se podia saluar. Dom Christouaõ foi logo auisado disto, & mandou algũas pessoas de confiança que fossem ter maõ nella, por que com sua ida se acabaria tudo. O Barnagais, & mais capitaens Abexins, nunca sairaõ dos vallos pera fora ajudar os nossos, & muitos delles se recolheraõ com o Patriarcha. Os Turcos entraraõ os vallos por duas partes, & vinhaõ já rompendo pello arrayal dentro matando muitos. D'isto se deu rebate a dom Christouaõ que vendosse perdido, quis antes morrer às maõs dos imigos, que ficar catiuo, & assi voltou pera aquella parte com vm furor taõ grande, que lhe fez esquecer as feridas que tinha: & tomando a espada com a maõ esquerda, disse aos seus, que quem o quisesse se-

guir o fizesse, por que elle ya morrer em meyo dos imigos. Alguns que nunca o deixaraõ, vendoo d'aquella maneira o detiucraõ dizendo-lhe, que aquillo era mais desesperaçaõ que determinaçaõ, que pera morrerem com elle, todos estauaõ muito prestes, mas que aquillo era arriscar a alma, por que ninguem podia ir determinadamente buscar a morte: q o bom seria tratar de se saluar, por que com poupar a vida, se remedeava a honra, & ahi lhe ficaua tempo pera se satisfazer d'aquella perda. E tomandoo por força, o poseraõ em vm feroso caualo, & quatorze companheiros em outros: & tomando a Raynha consigo, & o Barnagais, se sairaõ pella outra parte da banda da ferra. O que poderaõ bem fazer, por q como os Mouros andauaõ já senhores do arrayal, descuidaraõse de tudo por roubarem. Logo se deu recado a Elrey de Zeilá, que dom Christouaõ era recolhido: pello que mãdou com muita pressa algũas companhias a pos elle: encomendandolhes muito o trouxessem viuo.

Os Turcos andauaõ espalhados pellas estancias saqueando tudo: & entrando hũa companhia delles nas tendas da Raynha, a onde estauaõ todos os feridos, que não poderaõ fogir: & com hũa crueldade brutal começaraõ a cor



### *Quinta Decada.*

tar nelles. Vendo vm dos feridos aquella bruteza, aleuantouffe o melhor que pode, & pôs o fogo a vns barris de poluora que estauão na mesma tenda, que arrebentaraõ, & deraõ por esses ares com as tendas, & com quantos auia dentro, sem escapar algum com vida.

E tornando a continuar com dom Christouão: tanto que se fayo do arrayal logo lhes anoiteceo, & perdendo o caminho da ferra se foraõ metendo pellos matos, por onde andaraõ toda a noite: mas a Raynha com o Barnagais foraõ atinando melhor com muitos Portugueses em sua companhia: por onde nos parece que Dom Christouão foi o que se não quis recolher á ferra, por que sua tenção seria irse pera as terras do Barnagais. Em fim como quer q fosse, elle andou toda a noite, & tanto que amanheceo acharaõ hũa fonte onde se apearaõ pera darem agoa as caualgadas, & pera repoufarem vm pouco. Ali se apertaraõ as feridas vns aos outros, o melhor que poderaõ. Mas a fortuna não satisfeita ainda de tantos males, ordenou que fossem os Turcos dar com elles, guiados de hũa escrava, que os tinha ali visto. E lançando mão d'elles os leuaraõ amarrados a Elrey de Zeilá, que em estremo estimou esta preza, auendo que Mafamede o ordenara así, por aca-

### *Da historia da India.*

bar de triunfar da vitoria.

E tendo dom Christouão em pé diante de si, lhe mandou dar em seu rosto muitas bofetadas, com as alparcas dos seus escravos. (Vileza nunca vista em outro bar-  
baro) & das barbas lhe mandou fazer tranças, com candeas pequenas de cera, á que mandou pôr o fogo, & disse aos seus, que así fosse leuado por todo o exercito, pera mór vituperio. Dom Christouão soffreo tudo com grande animo & paciencia, & com o coração posto em Deos, por cujo amor, & seruiço padecia aquelle martyrio. Depois de passada aquella afronta o tornaraõ a Elrey, que por sua propria mão lhe cortou a cabeça, por que lhe tinha cobrado taõ grande medo, que lhe não quis dar vida, por não ficar viuendo com sobrelaltos. Aos outros Portugueses mandou meter em malmorras, & alguns morreraõ logo das feridas, & os mais diuiaõ de acabar no catiueiro, por que não achamos feito memoria de algum delles. Aos Turcos lhes pezou muito da morte de dom Christouão, por que desejavaõ de o leuarem de presente ao Graõ Turco, pello valor, & esforço de sua pessoa: mas sua alma sanctissima foise apresentar na gloria diante do dador della, banhada no fresco sangue de seu glorioso martyrio, por que entrou fermosa &



la & triumphante, a onde rece-  
beo a coroa aureola que está guar-  
dada pera todos os que morrerem  
por sua fê, honra, & seruico. De  
que he clara prôua hũa grande  
marauilha que Diogo de Reino-  
so & outra pessoa dina de fé vi-  
rao por se acharem presentes & fe-  
rem da companhia de dom Chri-  
stouao da Gama que o escreuerao.  
E a marauilha foi, que ali onde o  
Rey de Zeilá degolou dom Chri-  
stouao, & o seu sangue se derra-  
mou, naceo logo hũa fonte de a-  
goa que daua saude aos enfermos  
que se lauauaõ com ella.

Outra marauilha aconteceu tã-  
bem no mesmo tempo & dia em  
que este valeroso capitaõ & mar-  
tyr de Christo foi degolado, que  
em certo modo mostraua Deos  
nosso Senhor nella quaõ aceita  
sua morte foi diante delle. Por q̃  
num mosteiro de frades se arran-  
cou por si hũa aruore muito grã-  
de que tinhaõ na crasta, virandof-  
selhe as raizes pera o ar, & a rama  
pera a terra estando o dia muito  
quieto & sereno, & sem lhe prece-  
der nenhũa tempestade a que se  
isto podesse attribuir. E por que  
isto causou espanto & admiração  
nos religiosos que morauaõ no  
mosteiro onde isto aconteceu, no-  
taraõ & escreueraõ o dia que foi,  
por lhe parecer que não carecia  
de mysterio hũa cousa taõ noua,  
& taõ extraordinaria como aquel-

la. E quando souberaõ da morte  
deste glorioso martyr de Christo  
(que asy lhe podemos chamar)  
viraõ que foi no proprio dia em q̃  
a aruore se arrancou, a cuja morte  
elles atribuyaõ aquella marauilha.  
E o que nisto he mais pera notar  
he ver que estando esta aruore já  
auia tempos seca, & com as mais  
das raizes cortadas, aconteceu que  
vencendo o Emperador da Abas-  
sia ao Rey de Zeilá, que degola-  
ra dom Christouao da Gama, lhe  
cortou a cabeça, & no mesmo dia  
em que lha cortaraõ, tornou a ar-  
uore, q̃ estaua seca, a se virar coas  
raizes pera baixo, & meterse na  
terra, & juntamente reuerdecer  
como antes que se arracasse della.

A Raynha meteosse na serra, q̃  
era forte, onde se deixou estar cõ  
grande dór, & tristeza, por não  
ter nouas de dom Christouao, que  
ella amaua como seu filho. Afon-  
so Caldeira (que como atras dis-  
semos, deixou dom Christouao,  
com toda a preza que tomou na  
serra do Iudeo) quis sua boa for-  
tuna, que indo demandar o exer-  
cito: aquelle mesmo dia deraõ cõ  
elle alguns que yaõ fogindo do  
disbarato: & sabendo ser a Ray-  
nha recolhida pera a serra, largan-  
do tudo encaminhou pera ella,  
com o trinta companheiros que  
leuaua, q̃ a Raynha estimou mui-  
to. Poucos dias depois chegaraõ  
as tristes nouas da morte de dom



*Quinta Decada. Da historia da India.*

Christouaõ da Gama, por que todos fizeraõ mûy grande pranto, sendo já ali juntos cento & vinte Portugueses. Só Manoel da Cunha depois de tudo perdido, ajuntou corenta Portugueses, & não querendo encaminhar pera a terra, desuiouse por outro caminho,

& foi ter ás terras do Barnagais, a onde seus vassallos o agasalharaõ, & recolheraõ, mandando d'ali espias a saber de dom Christouaõ, & da Raynha, de que não tinhaõ nouas algũas. Así os deixaremos todos em sua tristeza, a te tornarmos a elles.

*Fim do Oitauo Liuro.*

LIVRO





# LIVRO NONO

## DA QVINTA DECADA

### DA HISTORIA DA INDIA.

## CAPITVLO I.

*D'alguas cousas em que o Governador Martim Afonso de Sousa proueo. E da armada que este anno de corenta & dous partio do reino, sem leuar capitaõ môr. E de como o Governador se embarcou pera Cochim.*



**A**NTO que o Governador Martim Afonso de Sousa, tomou pôsse da governança da India, começou de entender nas cousas da justiça, & fazenda, achando hũa grãde quebra nas pareas que os Reys de Ormuz pagauão, em que já o Governador dom Esteuaõ da Gama o veraõ atrás tinha bolido. E por que o rendimento do estado não viesse tanto a menos, & Elrey de Ormuz se não fosse penhorando mais em diuidas, desejando de prouer naquellas cousas, as pôs em conselho. E pera melhor entendimento desta materia, será necessario tornar de nouo a dar rezaõ das pareas q os Reys de Ormuz paga-

uaõ. Pello que se á de saber, que pello primeiro côtrato que Afonso d'Albuquerque fez com Elrey Ceifadim lhe pôs de pareas quinze mil xerafins d'ouro cada anno. Depois quando Antonio de Saldanha foi por capitaõ môr aos estreitos indo inuernar áquella ilha onde já reinaua Toruxá filho de Ceifadim, lhe acrecêtou mais nas pareas dez mil xerafins, que ficauão sendo vinte & cinco mil. E indo o anno de vinte & tres o Governador dom Duarte de Menezes acodir aos aleuantamentos que ouue naqlla ilha contra os nossos, falecêdo naquelle tépo Elrey Toruxá, aleuantando o Governador por Rey seu filho Mamedxá, fez com elle nouos contratos, escritos por Sebastiaõ de Vargas Secretario do estado, cujos capitulos principaes eraõ.

Que elle recebia aquelle reino de Ormuz da maõ d'Elrey dom Ioaõ de Portugal, que elle & seus soccessores tornariaõ a entregar liuremente á pessoa que os Reys de Portugal mandassem: & que pagaria mais de pareas trinta & cinco mil xerafins d'ouro, que com os vinte & cinco mil dantes, prefaziaõ



ziaõ, sessenta mil xerafins d'ouro: que elle & seus soccessores seriaõ obrigados a pagar em ouro, prata, aljofre, pellos preços da terra: com condição que auendo guerra em Cambaya, donde vinha o principal rendimêto d'aquella alfandega, entaõ os annos que durasse naõ pagariaõ mais que os vinte & cinco mil xerafins de primeiro, o que tudo se verá muito claro em vm liuro dos regimentos das fortalezas da India, que anda nos contos de Goa, recopilado por Simaõ Botelho Veador da fazenda.

Depois disto os annos de vinte & noue, quãdo o Governador Nuno da Cunha foi a Ormuz inuennar vindo do reino, (como na coarta decada fica dito no capitulo terceiro do liuro sexto) depois d'aquella perdição de Barem, fazendo pazes com aquelle Guazil, o condenou em corenta mil pardaos de pareas, pello aleuantamêto que fez, que pagaria do rendimento d'aquelle reino de Barem cada anno perpetuamente. Depois vendo Nuno da Cunha, q̃ aquelle Guazil era vassallo do Rey de Ormuz, os carregou sobre elle, & os pôs por regimento naquella fortaleza, com o que ficaraõ as pareas em cem mil xerafins d'ouro. Estes mandou que se arrecadassem pello rendimento da alfandega de Ormuz, & que naõ abrangendo, lançaassem maõ de todas as mais rendas do reino, a té perfazerem

aquella contia. E por que aquelle Rey ficaua sem ter com que se sustentar, (depois que lhe lançaraõ maõ de todas as rendas) mandou o mesmo Nuno da Cunha, que se lhe naõ bolisse nellas, nem se arrecadassem da alfandega mais q̃ dous terços, & que a demasia se deixasse a Elrey pera suas despesas. E como naquelle tempo naõ rendia a alfandega tanto, que podesse abranger a tudo, ficou Elrey de Ormuz deuendo hũa grande quantidade de dinheiro: por que o que faltaua se lhe carregaua por diuida.

Depois mandando o Visorrey dom Garcia de Noronha a Ormuz, fazer conta destes restes, achou se ficar Elrey deuendo, a té todo o anno de trinta & noue, trezentos setenta & sete mil, & cincoenta & dous xerafins: sete candis, & corenta & seis dinares. Desta cõtia passou Elrey de Ormuz vm conhecimento sellado com o seu sello: que o Governador Martim Afonso de Sousa achou nos cõtos de Goa. E posto que alguns digaõ, que os corenta mil pardaos que o Governador Nuno da Cunha acrecentou nas pareas áquelle Rey, foi pella culpa que lhe achou na morte do Guazil Rax Hamed, (q̃ socedeo naquelle Guazillado em ausencia de Rax Xarafo, que Manoel de Macedo leuou pera o reino (como temos dito no capitulo coarto liuro sexto da coarta decada,)



da) foi roim informaçãõ: por que nõs achamos nas arrecadações dos feitores d'aquelle tempo q̃ seruião em Ormuz, carregados estes corenta mil xerafins, com declaraçãõ q̃ eraõ os que pagauão de pareas o Guazil de Barem pello aleuamento que fez. E por q̃ este Guazil de Barem era vassallo d'Elrey de Ormuz, & elle lhe pagaua aquelles corenta mil pardaos, pello rendimento d'aquelle reino de Barem, & que não podia ser pagar corenta mil a Elrey de Portugal, & outros corenta mil ao de Ormuz: mandou Nuno da Cunha, q̃ se carregassem sobre Elrey aquelles corenta mil pardaos mais, & q̃ elle os arrecadasse do seu Guazil: & que o dinheiro de alguns annos que o Guazil de Barem tinha pagos, se abatessem na diuida q̃ diuia Elrey de Ormuz. E porq̃ os proprios papeis que sobre isto se fizeram, ou são leuados pera o reino, ou perdidos: ficou isto fazendo confusão, & o não podemos aueriguar, fenaõ pello regimento d'aquella fortaleza, que mandaua arrecadar estes cem mil pardaos d'aquelle Rey, sem fazer mais algũa declaração, que só dizer, que eraõ de pareas.

E achando o Governador Martim Afonso de Sousa, os conhecimentos das diuidas nos contos: mandou de nouo fazer conta, desdo anno de trinta & noue, a té a entrada deste de corenta & tres, &

se achou ficar aquelle Rey deuen-do, quinhentos & dezoito mil, & quinhentos & trinta & sete xerafins d'ouro. E por que a contia era muito grande, & não auia esperanças de se arrecadar não querendo que fosse a diuida mais por diante, pôs aquelle negocio em conselho (como começamos a dizer no principio deste capitulo) para ver o meyo que naquillo se podia tomar. E debatido antre todos, assentou-se, que visto como Elrey de Ormuz não podia pagar tanto dinheiro, nem auia por onde se arrecadasse delle, (por que se lhe bolissem nas rendas fóra da alfandega, ficaria sem ter que comer) & q̃ pois se não podia em tempo algũ arrecadar, mais que o rendimento da alfandega, que se lhe mandasse notificar que a largasse toda a Elrey de Portugal, & que lhe quitassem todas as diuidas que deuesse: & que na renda da mesma alfandega se lhe pagassem algũas tenças aos continuos de sua casa: & q̃ fosse o Secretario Antonio Cardoso á Ormuz a pôr aquellas coufas em ordem.

E por que o Governador determinaua de ir a Cochim tanto que as naos do reino chegassem, mandou dar auiamento a armada que auia de levar: por que tambem se assentou em conselho, que se desse um grande castigo á Raynha de Batecallá, por que estaua rebelada, & auia annos que não queria pagar



*Quinta Decada. Da historia da India.*

gar as pareas que diuia. E andando occupado nestas cousas entrada de Setembro chegaram á barra de Goa as naos da sua companhia, que ficaraõ inuernando em Moçambique, & tres mais de viagem, de coatro que partiraõ do reino, q̃ não traziaõ capitaõ mór. Os capitaens eraõ Anrique de Macedo, Baltasar Iorge, & Lopo Ferreira: & o capitaõ que faltaua era Vicente Gil, que se foi perder na costa de Melinde, em parte que se saluou toda a gente.

O Governador começou a pagar soldados para a sua armada, & lançar nauios ao már, por que determinaua de se partir logo pera Cochim a dar ordem á carga das naos, & a escreuer pera o reino. Tambem despachou as naos pera Malaca, em que se embarcou Fernão de Craсто, que era prouido da capitania de Maluco, por que lhe cabia entrar. Dom Esteuaõ da Gama que estaua em Pangim, sem correr com o Governador mandou recado ao Veador da fazenda, que auia mister nauios pera se ir pera Cochim, que lhõs desse dos d'Elrey como era obrigação. O Veador da fazenda o fez a saber ao Governador, que mandou que se lhe dessem com todo o necessario, como se fez, & elle se embarcou sem se despedir do Governador Martim Afonso de Sousa, por que se queria logo embarcar, deu despacho a muitas

cousas, & antre ellas foi agasalhar os Padres da Companhia, que até entaõ estauaõ no hospital, & assentou com os Vereadores que se lhes desse o Seminario que dom Esteuaõ da Gama ordenou na carreira dos caualos, a onde estauaõ os mi-ninos orfaõs, & os nouamente conuertidos á fe Catholica, pera os ensinarem, & doutrinare, & lhes deraõ vm arrezoadado chaõ pera suas officinas.

Os Padres se mudaraõ logo pera lá, & ordenaraõ vm moderado templo, conforme ao lugar & tempo, pera nelle celebrarem os officios diuinos: & começaraõ a administrar com muita charidade os sacramentos, sendo ajudados em tudo dos cidadaõs de Goa cõ muito amor, & assi foraõ crescendo, assi em virtude, como em numero, & templo, por que depois (como diremos) fundaraõ no mesmo lugar aquelle celebrado collegio de saõ Paulo, que he vm dos milhores da Europa.

O Governador deu despacho ao Secretario Antonio Cardolo pera Ormuz, que se embarcou logo, & segundo ouuimos dizer a fidalgos d'aquelle tempo, antre os capitulos que lhe deu de seu regimento foi vm, que deuassse de Martim Afonso de Mello Iuzarte, capitaõ d'aquella fortaleza, por que desejava de embicar com elle, por que não era seu amigo: & assi nos affirmaraõ, que lhe passara hũa



ra hũa prouisaõ em segredo , pera que achandoo culpado nos capitulos que leuaua o mandasse prezo, & elle ficasse por capitão a tè ir o prouido. Mas a verdade he, que lhe mandaraõ de Ormuz muitos capitulos contra elle falsos & mētirosos, porq̃ nestas fortalezas sempre ha homēs de roim zelo , capituladores, & maos de contentar.

O Governador se embarcou de todo, & deu á vela em Outubro, leuãdo comsigo as naos do reino. Os capitaens que nesta jornada o acompanharã foraõ dom Manoel de Lima, dom Martinho de Sousa, Pero Vaz de Siqueira, Alõso Anriquez, Manoel de Sousa de Sepulueda, Bernaldim de Sousa, Fernão da Sylua alcaide mór de Alpalhaõ, Fernão de Sousa de Ta-uora, dom Diogo d'Almeida Freire, Diogo de Mendoca, Diogo de Reinoso, Francisco de Sá de Meneses, Francisco Lopez de Sousa, Antonio de Sá o Rume, dõ Duarte de Meneses, Antonio de Soto mayor, Afonso Pereira de Lacerda, Jorge de Mello o Punho, Lopo Vaz de Siqueira, Diogo Pirez Deça, Fernão de Lima, Gaspar de Sousa, Afonso Furtado, Aluaro de Médoça, dom Francisco de Noronha, Fernão Gomez de Sousa, Ioaõ de Médoça, dõ Ioaõ Anriquez, dom Ioaõ Mascarenhas, Luis Cayado, Vasco da Cunha, Luis Falcaõ, & outros muitos fidalgos & caualeiros a q̃ naõ achamos os nomes. E se-

guindo sua viagem foi forgir com toda sua armada sobre o porto de Batecalá.

## CAPITOLO II.

*Do sitio da cidade de Batecalá: & de como o gouernador Martim Afonso de Sousa desembarcou nella & a destruyó. E de como dom Esteuão da Gama se embarcou pera o reino, & das partes & calidades de sua pessoa.*



STA cidade de Batecalá está na costa do Canará em altura de graos do Norte: foi sempre sogeta aos Reys de Bisnagá: está situada quasi hũa legoa por vm muito fresco rio acima, & estédida em vm plano, cõ muitos palmares, hortas, & fazēdas ao derredor, cõ muitos & grandes câpos, & varzeas em que lameaõ muito arroz, & hũa laya delle a q̃ chamaõ Giracal, o melhor de toda a costa da India, de que se proué a mór parte della. He pouoada de Gentios. He grande, & de grandes edificios & pagodes. Foi sempre muito prospera, rica, & mūy continuada de mercadores estrangeiros da Persia, & da Arabia, que ali yaõ carregar suas naos de fazēdas, por q̃ ha ali muitas sórtes de roupas muito finas, muito gengiure, ferro, & outras cousas. A sua bar-

Kk

ra he



*Quinta Decada. Da historia da India.*

ra he muito roim, & não podê entrar por ella se não nauios de remo, & inda com maré cheya. Na boca della da banda do Nôrte tẽ vm morro alto com pedras na pōta sobre o már, de longo della entra o rio, & torna a voltar caminho do Sul Sueste, alargando pera dêtro cada vez mais. Da outra parte da entrada da barra da banda do Sul, tem hũa praya muito grande, que faz hũa baya a maneira de concha, onde o már em tẽpo dos ponentes quebra, & anda muito banzeiro, por lhe ficar em opposito. Afastado da ponta da barra vm tiro de Falção tem vm ilheo redondo alto, & delle ao már no mesmo paralelo perto de duas legoas outro, cheyos ambos de matto em que andaõ bichos peçonhẽtos, & por antre vm & outro passaõ todas as naos, mas por antre o da terra só fustas. De lôgo de ambos ha algũas abrigadas á que as fustas que ali andaõ d'armada, se acolhem em tempos rijos.

Surto o Governador Martim Afonso de Sousa mãdou requerer á Raynha q̃ lhe mãdasse pagar as pareas q̃ diuia dos annos atras passados, & que lhe entregasse logo todos os nauios de remo que em seu porto estiueſſe, por que d'ali sayão a roubar todo aquelle már, & ella os recolhia dêtro. A Raynha quis vsar de manha cō o Governador, por que sabia q̃ ya pera Cochim, & que se não auia de deter muito,

mandandolhe dizer, q̃ pera tudo estaua prestes, que ajuntaria as pareas, & que os nauios logo se lhe entregariaõ. E pera mayor dissimulaçãõ, ao outro dia lhe mãdou os calcos de tres nauios velhos: & dahi a dous dias outros dous sem virẽ as pareas, gastãdo nestas dilacões sete ou oito dias. O Governador enfadado mandou fazer prestes a todos pera ao outro dia embarcar, como fez, naquella praya da baya, em q̃ ordenou dous esquadroẽs de seiscẽtos homẽs cada vm, dando vm a Fernão de Sousa de Tauora, a quem encomendou a dianteira, ficãdo o Governador cō o outro, em q̃ yaõ os mais dos fidalgos: & pello rio dentro mãdou vinte nauios ligeiros pera irem cometer a cidade pella bãda do már. E pôstos em ordem foraõ marchãdo pera á cidade por meyo d'aquelles palmares, a onde a Raynha mãdou lançar muita gẽte d'espingardas, q̃ trauaraõ com a diãteira, indo os nossos pelejando com elles, sem se sairem de seu compaço, leuãdoos diãte de si a tẽ os meterem pella cidade, em q̃ de enuolta com elles foraõ entrando, achando grãde resistencia, por que acodio ali a Raynha com todo o poder. E como todos pelejauaõ em defenſãõ de sua cidade, molher, filhos, & fazendas, faziaõ marauilhas.

Aqui antes de entrarem na cidade se adiantou vm soldado (a que não achamos o nome) sobre quem



quem carregarão mais de duzentos dos inimigos, cercandoo por todas as partes, mas elle com muito animo, valor, & esforço, saltando a hũa & a outra mão como um liaõ bratio se defendia de todos, ferindo a muitos que trabalharão por lhe chegar.

Estando neste conflicto chegou outro soldado chamado Francisco d'Almeida natural de Sanctarem, & vendoo em tamanho aperto, espantado das cousas que fazia em sua defensão, rompeo por todos os inimigos, ferindo nelles até se pôr junto delle, & com as costas um no outro se defenderão de todos, fazendo nelles muy grande estrago, de feição que já os inimigos não oufauão de os cometer de perto, mas de longe lhes atirauão com muitos tiros de arremesso. Mas ellés como touros magoados das garrochas dos inimigos, bramindo, & affo uiado, arremetiaõ com elles & os magoauão bẽ, trazẽdo elles já muitas feridas: & assi se detiuerão a té chegar o esquadraõ, q̃ remetendo com aquelle cardume, desbaratarão logo, recolhẽdo aq̃lles dous valerosos soldados.

Os que entrarão a cidade apertarão tanto com os inimigos que os arrancarão della, recolhendo-se pera o fertoão. O Governador entrou na cidade, & sabendo ser despejada, a deu a saca aos soldados, q̃ se ceuaraõ bẽ á sua vôtade, não perdoãdo a sexu, nẽ a idade, metẽ-

do tudo a ferro, & depois q̃ se carregaraõ, & fartaõ, deraõ fogo á cidade que por todas as partes ardeo toda sem ficar cousa em pé.

O Governador mandou cortar todos os palmares, & quantas fazendas auia á roda: & depois de tudo consumido, assolado, & feito em cinza, se recolheo pera a armada, deixando por toda aquella costa tamanho terror, & espanto em todos, que se mudou um antigo adajo que por toda a India corria (de Oxar Batecalá) que quer dizer guardar de Batecalá, por serem seus naturaes tão soberbos, que nada sofriaõ. E d'ali por diante se dixe, Oxar Martim Afonso: & assi em qualquer parte da costa da India, em que depois os Portuguezes desembarcauão diziaõ pellós quebrantar, Oxar Martim Afonso, & assi ficaraõ naquella costa tão respeitados, & temidos de todos, que só sua memoria, ou lembrança os atormentaua. O Governador deu á vela, & foi sua derrota pera Cochim, & desembarcando naquella cidade foi della muito bẽ recebido, & logo começou a entender na carga das naos, com que dom Esteuão ya correndo, conforme ao regimento, em que manda Elrey, que todo o Governador que acabasse seu tempo, em quanto estiuẽsse em Cochim vsasse de poderes de Governador, assi na carga das naos como na justiça: ainda que muito depois lhes



*Quinta Decada. Da historia da India.*

tirou o poder, como em seu lugar diremos, na justiça, porque perdoavaõ muitos casos feos, & muitos degredos.

Dom Esteuaõ da Gama, como estaua tomado, & não corria com o Governador, passouse pera a ilha de Ioaõ Pereira, donde se embarcou na entrada de Janeiro na nao Burgaleza. Tiuerão estas naos boa viagem a tè o reino. Sómente a nao Sancto Spirito, de que era capitão Aluaro Barradas, indo por dentro, por onde entaõ yão todas as naos, foisse perder junto de Titangone, a onde se saluou toda a gente, & a mór parte da fazenda. Dom Esteuaõ da Gama foi em Portugal desembarcado por todos os senhores, que o leuaraõ a Elrey, que o recebeo mûy bem. E polo Elrey dom Ioaõ o terceiro querer casar, & elle não querer, lhe não deraõ satisfação de seus seruiços, que foi causa de se elle ir viuer a Veneza com sua licença, donde esteve annos muito respeitado do Senado, a tè o Emperador Carlos Quinto o persuadir com largas promessas de merces que lhe Elrey faria a se vir a Portugal, que lhe não compriraõ.

Foi este fidalgo filho segundo de dom Vasco da Gama, primeiro Conde Almirante, o que descobrio a India. Era homem de meã estatura, bem assombrado, &

alegré: era grosso, espadaudo, & muito barbudo, de cabello preto: & assi parece oje na casa dos Governadores, a onde está o seu retrato muito pello natural. Foi Governador de Lixboa: foi fidalgo liberal, de verdade, muito bom caualeiro, homem que executaua os conselhos, & era porfioso, nunca foi casado: teve vm filho natural chamado dom Vasco da Gama, que deixou por seu herdeiro, & casou com hũa filha de Andre Tellez, mordomo mór do Iffante dô Luis, & dona Caterina Freira em santa Clara de Lixboa. Dizem que depois de velho foi cometido para ir á India, & que se escusara, por que quis quietar, & pera melhor dizer, segurar a consciencia, por que ella & a honra, estão muito arriscadas naquele cargo. Iaz enterrado na Vidigueira em vm conuento de Carmelitas, que se chama nossa Senhora das reliquias, tem capella dotada: & tem vm letreiro na sua sepultura que diz assi:

O que armou caualeiros  
ao pé do monte Synai, ve-  
yo acabar aqui.  
(?)

CAPL



CAPITULO III.

*Do q̃ fez o Governador Martim Afonso de Sousa depois que despedio as naos do reino. E de hũa breue relaçaõ de todas as cousas d'Elrey de Maluco, que estaua em Goa: & de como foi despachado pera ir entrar no seu reino. E das cousas a que o Governador mandou Simão Botelho a Malaca.*



ESPEDIDAS as naos pera Portugal, ficou o Governador Martim Afonso de Sousa dando despacho a alguns Embaixadores que o foraõ visitar, como foi o do Camorim que recebeo muito bem, & confirmou com elle as pazes de nouo. E assi mesmo, o da Raynha de Batecalá, que escrametada do castigo que lhe deraõ, não quis experimentar mais o ferro Portuguez: & mandou pedir com muita humildade perdaõ das culpas passadas, offerecendosse a pagar tudo o diuido, & a continuar com as pareas que era obrigada a pagar cada anno.

O Governador lhe concedeo as pazes com condiçaõ que entregaria logo tudo o que diuia, & que pagaria todos os annos de pareas dous mil fardos de arroz, assi co-

mo se obrigara ao Visorrey dom Francisco d'Almeida.

E que não recolheria em seus pórtos nauios alguns de colãiros.

E que daria lugar pera hũa feitoria, pera estarem os officiaes d'Elrey feitorisando suas cousas.

E que nenhũ gengiure iria mais pera Meca, antes todo se venderia na feitoria pello preço da terra. Disto se fizeraõ papeis, & a Raynha comprio á risca tudo.

Acabados estes negocios, se embarcou o Governador pera Goa, onde começou a entender com as cousas d'Elrey de Maluco, que estaua nella. E por que depois que foi tirado de seu reino não tratamos d'elle, daremos agora hũa breue relaçaõ de todas: por que de proposito as guardamos pera este lugar, pellas não contarmos por pedaços.

Capitulo treze do oitauo liuro da coarta decada temos dado conta, de como chegando Tristaõ de Tayde a Maluco prendera Elrey Tabarija, de Ternate, & o mandara à India, com vm auto de culpas q̃ lhe formara, sendo aquelle Rey innocente de todas. E como Deos nosso Senhor he verdadeiro juiz, & igual pera todos, sem exceçaõ de pessoas, vendo a grande sem justiça que se lhe fazia, pondo os olhos nelle, tratou de o remediar, assi na restituicaõ de seu reino, como na saluaçaõ de sua alma, por esta maneira.

K k 3

Estando



*Quinta Decada. Da historia da Índia.*

Estando este Rey na cidade de Goa, sem lhe falar a feito, por causa da guerra de Diu, dandolhe porem tudo o necessario da fazenda d'Elrey: correndo assi este tempo, veyo a tomar conuersação cõ um homem fidalgo chamado Iurdaõ de Freitas (que já era de mais longe, por algũas vezes que tinha ido a Maluco) & aqui em Goa onde elle correo com mais continuação, se lhe veyo a entregar de feição, que não fazia se não õ que lhe elle aconselhaua: solicitando elle seus negocios com o Governador Nuno da Cunha, a que o tempo não deu lugar pera o despachar. E como Iurdaõ de Freitas era homẽ amigo de Deos & virtuoso: vendo aquelle Rey taõ entregue a seu parecer, apalpou por vezes pera ver se o podia fazer Christão: & achando sempre nelle brandura, & afabilidade, & folgar de ouir praticar nas cousas de nossa ley, & fé Catholica: foi leuando aquelle negocio por termos que o veyo a render, & a elle conhecer a verdade, & cair no engano em que andaua. Tendoo Iurdaõ de Freitas já disposto pera se declararem com elle, deu cõta ao Governador Nuno da Cunha d'aquelle negocio, q̃ elle estimou muito. E vendosse cõ Elrey lhe fez muito differetes galhados: & sabendo delle, que estava seguro & firme em sua vontade, mandou a alguns Religiosos virtuosos que fossem correr com

elle, & o catechizassem como fize-raõ: mostrando elle tamanho gosto d'aquillo, que em poucos dias aprendeo a doutrina Christã.

E estando já sufficiente pera receber o santo sacramento do Baptismo, ordenou o Governador pera aquelle dia as mores festas que podiaõ ser, mandandolhe muito ricos trajos á Portugueza, & elle pedio ao Governador de merce q̃ fosse seu padrinho, & que ouesse por bem que Iurdaõ de Freitas tambem o fosse: porque a elle diuia aquella merce que lhe Deos fazia. Do que o Governador foi muito contente, & assi o bautizaraõ na Sé, pondolhe nome dom Manoel, ficando entregue a Iurdaõ de Freitas, que correo sempre com seus negocios muito pontualmente. E como Elrey lhe estava muito afeiçoado, lhe fez doação da ilha de Amboino, que era sua. E entrando o Governador dom Esteuaõ da Gama na governança, mandou a Elrey dom Ioaõ as culpas deste Rey, escreuendolhe sobre suas cou-sas, & assi o fez o mesmo Rey, pedindolhe, mandasse que lhe fizesse sem justiça. Foraõ estes papeis todos a Elrey, por que estimou muito fazerse aquelle Rey Christão: & por elles vio, que as culpas que lhe pozeraõ eraõ falsas.

Pello que este anno de corenta & tres escreueo ao Governador Martim Afonso de Sousa que o mandasse meter de posse do seu reino,



reino, escreuendolhe cartas mūy honrosas, & mandandolhe muitas peças: & confirmou a Iurdaõ de Freitas a ilha de Amboino com certa jurdição, & fazendolhe merce da capitania de Maluco, pera levar aquelle Rey comfigo, & o meter de posse do seu reino. Pello q̃o Governador mādou negociar ṽm Galeão muito fermoso pera partir este Abril em que andamos, & despachou Iurdaõ de Freitas pera ir entrar na capitania de Maluco (por virem nouas nas naos de Malaca, que Fernão de Crasto, que ya pera entrar nella, era falecido naquelle cidade) dandolhe todas as cousas necessarias pera a viagem, para o seruiço d'aquelle Rey: & em vinte de Abril se fez á vela muito contente & satisfeito do gasalhado que achou nos Governadores da India: & de sua viagem adiante daremos rezaõ.

E por que nas cousas da alfandega de Malaca auia muitas desordens, assi em perjuizo da fazenda d'Elrey, como das partes, pellas muitas injusticias & tyrannias que alguns capitaes vsauaõ, quis o Governador mandar prouer em tudo por Simão Borelho, que despachou com poderes de Veador da fazenda, dandolhe largos regimentos sobre este negocio a que o mandaua. E por não deixarmos esta materia para outro capitulo (por que não sofre a grandeza da historia tanto) diremos breuemē-

te, as cousas que moueraõ ao Governador acodir a isto, & dos antigos costumes do tempo dos Gētiõs & Mouros, por ser assi necessario pera melhor intendimento da historia.

Pello que se á de saber, que depois que o valeroso capitaõ Afonso d'Albuquerque tomou aquella cidade de Malaca a Elrey Soltan Mahamedxá, desejou Elrey dom Manoel em estremo de o restituir á sua cidade, & que ficasse regēdo & gouernando seus vassallos com as rendas da alfandega: por q̃ não queria mais que ter ali hũa fortaleza, pera acarretar d'ali pera a India todas as drogas que ali yaõ ter de todas as partes do Oriente, por modo de comercio: por que auia que correndo todas por suas maõs montaria muito ao estado da India, & que tambem poderiaõ ir ali carregar algũas naos da pimenta de Iaoa, & Sunda, pera o reino. Sobre a tornada d'aquelle Rey pera á cidade de Malaca, trabalhou bē Afonso d'Abuquerque, mandandolhe offerecer liuremente a sua cidade, o que elle não quis aceitar, antes fez muitas vezes guerra áquella fortaleza, como nas decadas de Ioaõ de Barros, & nas nossas se conta.

Vendo Elrey dom Manoel, que aquelle Rey não queria fazer rezaõ algũa de si nesta materia, mādou que se arrecadaassem os direitos d'aquella alfandega, assi &



da mesma maneira que se arrecadauão em tempo de todos os Reys Malayos, que eraõ pella maneira seguinte.

De todas as fazendas que yaõ ter áquella cidade des da boca do rio Ganges a tè o Indo pagauão a seis por cento. E de todas as outras prouincias, des do Ganges a tè a China dauão de todas as fazendas que naquella cidade entrassẽ, a coarta parte a Elrey, pella aualiação da alfandega, & esta aualiação por seus officiaes que sempre punhaõ o que valia doze em oito, & que lhas pagariaõ em outras fazendas: tambem por aualiação dos mesmos officiaes, que sempre a fazião de feição, que nella ganhauão aquelles Reys a vinte por cento. Isto montaua muito áquelles Reys, pella grande copia de nauios & fazendas, que todos os annos yaõ áquella porto, & a estes costumes chamauão na sua lingoa, bulibuliaõ, que se foraõ tambem arrecadando por conta d'Elrey, pagandolhes as fazendas em outras q os Governadores da India mandauão todos os annos pera isso. E alem dos costumes d'Elrey, tomauão os capitaens & officiaes o que queriaõ pera si, fazendo tãtos roubos & tyrannias nisto, que escandalizaraõ os mercadores de feição, que deixauão já de vir áquella cidade, & yaõ buscar os portos dos Reys de Malaca onde achauão mais moderação.

E esquecendosse alguns Governadores de mandarem fazendas pera este resgate, foraõ os capitaens lançando maõ delle pera si, vsurpado a posse d'aquelles costumes, tomando as fazendas que ali yaõ por muito menos, & dádolhes outras por muito mais, & ficou Elrey de Portugal pondo (como lá dizẽ) as linhas de sua casa. Tanto q rendendo d'antes bastantemente pera os gastos, & ordinarias das fortalezas, veyo tudo a tanto menos, q foi necessario mandar-se do rendimento da India, o cabedal pera aquellas despezas. Informado o Governador Martim Afonso de Sousa disto, querendo prouer a tamanhas desordẽs, mandou Simão Botelho (como atras diffemos neste mesmo capitulo) com nouos regimentos, pera tirar aquelles costumes antigos, ordenando q d'ali em diante todos os mercadores de qualquer parte que fossem, naõ pagassem naquella alfandega de Malaca mais que a seis por cento de entrada, tirando as fazendas de Bengala, que estas pagariaõ a oito, & as da China que viessem por maõs dos Portugueses a dez, mas os naturaes naõ pagariaõ mais q a seis. Isto ordenou o Governador por que se yaõ pera aquellas partes muitos Portugueses, & deixauão o seruiço d'Elrey por se faze-rem mercadores, & quis com esta alteração nos direitos ver se podia euitar isto.

Ordena-



Ordenando mais que todos os mantimentos que entrassem naquella cidade, fossem liures & isentos, por que acodissem muitos como fizerao: por que depois de Simão Botelho chegar áquella fortaleza, & pôr os direitos que leuava por regimento, correndo a fama por todas as partes d'aquella liberdade, começarao a acodir tantas fazendas, que aquelle primeiro anno renderao os direitos, vinte & seis mil & duzentos & cincoenta pardaos d'ouro: & depois foraõ subindo tanto mais, que no tempo em que isto escreuemos, rende de ventagem de oitenta mil.

E todavia sempre os capitaens ficaraõ na antiga pòsse de tomarẽ todas as drogas pella aualiação, q̃ he cousa que lhe importaua muito. Despedido Simão Botelho, despachou o Governador a dom Manoel de Lima pera ir entrar na fortaleza de Baçaim, por ter acabado seu tempo dom Francisco de Meneses, & com isto se ferrou o inuerno.

### CAPITVLO III.

*Das cousas que acontecerão na Abasia: & como o Emperador com o fauor dos Portugueses deu batalha a Elrey de Zeilã, em que o disbaratou de todo.*



**E**STANDO a Raynhã recolhida naçla Serra em q̃ a deixamos, muito triste pella mórte de dom Christouão da Gama, esperando cada dia por nouas do Emperador seu filho, que lhe não tardaraõ muito, affirmandolhe que já vinha perto. E tomando conselhõ com os Portugueses que conrela estauaõ sobre o que faria, assentaraõ que se passasse pera a Serra do Iudeo (que por outro nome se chamaua de Caloa) por onde elle forçado auia de passar. E partidos d'ali chegando a ella, já o acharaõ, por que era chegado do dia d'antes. O Emperador recebeo a mãy, o Patriarcha, & os Portugueses muito bem, saindo aos esperar ao caminho, & entaõ soube da morte de dom Christouão, por que mostrou muito grande sentimento. Trazia elle muito pouca gente, por que vinha pella posta, & aforrado. E sabendo das cousas que eraõ passadas, & do poder do inimigo, foilhe necessario deixar se ficar na Serra a tẽ lhe acodirem seus vassallos. D'ali mandou espiar os inimigos, & proueo todos os Portugueses de armas, caualos, & de todas as mais cousas necessarias, mandandolhes armar tẽdas junto das suas, pera os ter sempre a par de si.

A fama de sua chegada correo logo pella terra, que foi causa de começar logo de acodir gente a  
ver



*Quinta Decada. Da historia da India.*

ver o seu Rey, & em muito poucos dias ajuntou seis mil de pé, & coatrocentos de caualo, com que determinou de ir buscar o imigo, como delle tiuesse nouas. E sabendo como Manoel da Cunha com a gente de sua companhia estaua na terra do Barnagais, o mandou logo chamar pella posta, escreuendolhe os Portugueses que viessem pella serra da Raynha, & trouxessem todas as armas de sobrecellente que dom Christouão deixou nella. Poucos dias depois lhe chegaram nouas de como o Rey de Zeilá auendosse por senhor da terra com a vitoria que alcançara, despidira os Turcos pera Zebit, ficando-lhe só os duzentos que trazia de ordinario pera sua guarda: & que com parte de sua gente se passara pera a prouincia de Agá, por onde o Nilo atrauessa, pera se sanctificar, & recrear nelle cō sua molher & familia.

Com estas nouas folgou o Emperador muito, & deu conta dellas aos Portugueses: & aconselhando-se com elles sobre o que faria, lhe disserão que fosse logo buscar o imigo primeiro que se refizesse: por que estaua certo, em tendo nouas de sua chegada, ajuntar todo o seu poder pera o esperar. Com esta determinação se layo da serra do Iudeo, com sua gente posta em muito boa ordem, dando a dianteira aos Portugueses. E caminhando por onde as guias o leua-

uaõ, antes de chegarem a hũa serra que se chamaua Oé nad qas, na prouincia de Ambéa: vm dia pella menhá, encontraraõ vm capitão d'Elrey de Zeilá, com trezêtos de caualo, & dous mil de pé, que parece que se ya pera Elrey, por auer já nouas da chegada do Emperador. Os Portugueses que yão na dianteira mandaraõ recado ao Emperador que se apressasse, por q' elles começauão a trauar com os imigos. Seriaõ os Portugueses por todos cincoenta de caualo, & determinandosse, remeteraõ com os imigos com muito animo, sendo o primeiro que nelles rompeo vm Antonio Cardoso criado d'Elrey homem nobre: que vendo o capitão dos Mouros diante, enretando a lança o encontrou de meyo a meyo, & tomandoo pellos peitos o derribou logo morto. Os outros Portugueses tambem do primeiro encôtro derribaraõ muitos, ficando todos baralhados em hũa aspera batalha, em que os nossos fizeraõ muito por se satisfazerem do agrauo que lhe era feito em lhe matarem dom Christouão da Gama seu capitão mór: & assi quando o Emperador chegou tinhaõ elles feito mūy grande estrago nos imigos.

O Barnagais que ya diante do Emperador, chegando aos nossos que andauão como lieus, baralhousse com elles dando nos Mouros com grande impeto, tambem



lhe derribou muitos. O Emperador apressou-se, & chegando á batalha que vio o furor com que os Portugueses pelejavaõ, & o grãde estrago que tinhaõ feito nos inimigos: pondo as pernas ao caualo se foi meter no meyo delles, animandoos, louuandoos, & pelejando cõ muito valor. Mas como os inimigos entenderaõ que ali estava o Emperador, logo se puseraõ em fugida, indo os que escaparaõ dar novas a Elrey de Zeilá, do q̃ era passado, o que elle sintio em estremo. Perderaõse dos Mouros mais de oitocentos, & outros se espalharaõ, indo muitos feridos a buscar a cura.

O Emperador mandou armar tendas no lugar da batalha, para dar descanso aos Portugueses, que tinhaõ muito bẽ trabalhado, não se fartando de lhes fazer honras, & galalhados: mandando curar alguns feridos, que elle & sua mãy visitaraõ, mandado ter delles muito grande cuidado. Ao outro dia pella menham, leuou o Emperador seu cãpo, & foi marchado para onde estava o Rey de Zeilá, por q̃ com aquella quebra auia d'estar enfraquecido, & tendo andado pouco mais de hũa legoa ouueraõ vista delle: que estava com toda a sua gente em som de batalha, por que sabia q̃ os Portugueses auiaõ de fazer com o Emperador que o fosse buscar. Tinha feito duas batalhas de pé de tres mil homens

cada hũa, & na testa quinhẽtos de caualo, em que elle estava com todos os Turcos.

O Emperador chamou a si os Portugueses, & esteue notando a ordem, em que os inimigos estavaõ, & assentaraõ de os cometer na mesma forma. E assi ordenou outros dous batalhoens de outros tres mil homens cada vm, & na testa pòs trezentos de caualo, em que entravaõ os Portugueses, querendosse tambem o Emperador achar com elles, pedindolhe elles muito por merce que os deixasse sòs. Pòstos nesta ordem foraõ cometer os inimigos, com quem os Portugueses arremeteraõ apellidando Sanctiago: & ferrando com os de caualo se baralharaõ todos em hũa cruel batalha, em que os nossos se assinalaraõ, derribado dos primeiros encontros muitos Mouros, perdendosse sòs dous companheiros. O Emperador na enuolta dos nossos rompeo tambem nos inimigos, sendo dos primeiros que lhes pòs as lanças, & derribando com muita força alguns dos encontros: & tanto apertaraõ com os de caualo, que os fizeraõ recolher ao corpo do exercito quasi desbaratados, & com muitos perdidos. Elrey de Zeilá que era muito bom caualeiro, vendo o disbarato dos seus, sayo do escoadraõ, & se passou à dianteira, tendo os seus, animandoos, esforçandoos, & fazendoos voltar, & elle com vm filho seu



seu de idade de dez annos, que trazia a par de si, remeteo com os noffos que lhe tiuerao o encontro, ficando trauados em hũa aspera batalha. Os escoadroens tambem se baralharao vns com os outros, ficando trauados cruelmente, pella pouca ordem da milicia que vns & outros tinhaõ: mas sempre ouue ventagem de nossa parte, por causa da espingardaria dos Portugueses, com que fizerao em os imigos muy grande estrago, & todauiã a coufa esteue arriscada: mas permitio Deos que vm Portuguez desse hũa espingardada pella barriga a Elrey de Zeilã, que o passou da outra banda, cahindo sobre o arçaõ dianteiro sem ir ao chaõ, por andar presintado no caualo, q̃ defatinado com o estrondo da arcabuzaria foi fugindo pello câpo defenfreadamente.

Tanto que os Mouros viraõ o seu Rey d'aquella maneira, começaraõse a pôr em disbarato: o que os Turcos naõ quiserãõ fazer, auendo por afrõta fugirem: antes quiserãõ morrer como caualeiros, que viuerem com vituperio: & assi se deixaraõ ficar como desesperados, pelejando com o Barnagais, & com os seus, em quem fizeraõ muy grande estrago. Acertou de passar por aquella parte vm Portuguez de caualo, chamado Ioaõ Fernandez, da obrigação de dom Christouaõ (por q̃ todos os mais yaõ no alcance dos Mouros) &

vendo o valor com que os Turcos pelejauaõ, & que o seu capitaõ andaua diante pelejando como vm liaõ, tendo já vm monte de Abexins mortos diante delle, & enrestando a lança quis sua boa ventura que o tomou pellos peitos, dando com elle no chaõ muito mal ferido, & passando com aquella furia do encontro, por que lhe naõ parou o caualo bem, se foi meter no meyo dos Turcos, a onde lhe deraõ hũa cotilada por hũa perna, de que depois ficou aleijado. E voltando logo com muito animo & esforço, vendo que o capitaõ dos Turcos se tornaua a aleuantar, pondolhe outra vez a lança deu com elle no chaõ morto. Com isto se pueraõ entãõ os Turcos em disbarato: & de duzentos que eraõ só corenta escaparaõ. Os Mouros que yaõ do primeiro disbarato, a que os noffos seguiaõ o alcance, perderãõse quasi todos, somente trezentos se recolherãõ com a molher d'Elrey, ficando o filho catiuo em maõs dos noffos, que este dia tomaraõ muy grande satisfação da morte de dom Christouaõ da Gama. O Emperador depois da vitoria concluida, mandou armar suas tendas ao longo do rio, & os Portuguezes a par del-  
le, dandolhes muitos & publicos lououres, & fazendo a todos muitas merces. E auendo coatro dias que isto era passado, chegou Manoel da Cunha com a sua companhia



nhia, q se ouueraõ por muito mo-  
finos, de se não terem achado na-  
quelle soccesso. Ali naquella ri-  
beira se deixou o Emperador ficar  
o inuerno, que já era entrado, mã-  
dando d'ali prouer nas cousas de  
seus reinos, que logo tornou a re-  
duzir á obediencia.

CAPITVLO V.

*Do que aconteeo ao Secretario  
Antonio Cardoso em Ormuz:  
& de como aquelle Rey con-  
cedeo a Alfandega daquella  
ilha: & de outras cousas.*

**P**ARTIDO o Li-  
cenceado Antonio  
Cardoso de Goa, foi  
ter á fortaleza de  
Ormuz em Feuerei-  
ro: & primeiro que desembarcas-  
se foi o capitão Martim Afonso  
de Mello lusarte auisado ao que  
ya: pello que o mandou logo visi-  
tar ao már, & a pedirhe que qui-  
sesse ser seu hospede. O Secretario  
pareceolhe logo aquillo lanço de  
homem confiado, & desembarcou  
em terra, a onde o capitão o espe-  
rou, & o recebeo bem, & d'ali se  
foi pera casas que estauão já des-  
pejadas pera elle. E a primeira cou-  
sa em que entendeo foi em tirar  
deuassa em muito segredo do ca-  
pitão, pellos capitulos que lhe o  
Gouernador deu, & achou mūy

differente informaçã da que ti-  
nhaõ dado ao Gouernador, por q  
não ouue pessoa que se queixasse  
delle, antes todos diziaõ mil bens,  
por que era fidalgo virtuoso, hu-  
mano, & pouco cobiçoso. E tomã-  
do a deuassa a mandou ao Go-  
uernador em hũa nao que partio  
d'ahi a poucos dias: escreuédolhe,  
que Martim Afonso de Mello era  
fidalgo de que Elrey auia de fazer  
muita cõta, & q lhe merecia mui-  
tas hõras & merces. Vista a deuassa  
pello Gouernador, escreueo hũa  
carta ao mesmo Martim Afonso  
de Mello, em que se desculpaua: &  
que folgara em estremo de ser fal-  
so tudo, o que delle disseraõ, & q  
se não esperaua menos procedime-  
to de vm taõ honrado fidalgo, que  
lhe pedia lhe mandasse o Secreta-  
rio inuernar a Goa, & que ficasse  
elle com poderes de Veador da fa-  
zenda. A esta carta dizẽ q lhe res-  
pondeo Martim Afonso de Mello  
vm pouco apaixonado, por que  
entendeo mūy bem, que folgara o  
Gouernador muito de lhe achar  
culpas, & dizia hũa particula della,  
que de Martinho a Martinho ya,  
& que se elle se tinha por bogio, q  
elle era tambem mono.

E tornando a continuar com o  
Secretario: começou a tratar os  
negocios que leuaua por regimen-  
to com Elrey de Ormuz, presente  
o capitão, & Guazil, persuadindoo  
a largar a Elrey de Portugal todo  
o rendimento da alfandega, pois  
LI aquelle



*Quinta Decada. Da historia da Índia.*

aquelle era o melhor meyo pera ficar defendiuido, & desobrigado, de tanta contia de dinheiro, & de se não irem encapellando mais as diuidas, & que Elrey teria respeito a suas despezas, & gastos: por que tambem a tenção do Governador não era despilo de todo. Tãtas cousas lhe disse sobre isto, que lhe cõcedeo tudo o que lhe pedia, dizêdo, q̃ elle era vassallo d'Elrey de Portugal, & que tudo era seu: pois elle possuy a aquelle reino de sua mão, & lho podia tirar cada vez q̃ quisesse. Que lhe lembrava, q̃ elle não tinha outra cousa de q̃ pagar as mocarrarias aos Reys seus vizinhos, nem tenças, & moradias a fidalgos & criados de sua casa, se não d'aquelle rendimento da Alfandega. O Secretariõ como leuaua largo regimento sobre este negocio, veyo a concluir com elle os capitulos seguintes.

Que Elrey de Ormuz largaua a Alfandega d'aquella ilha de Gerum em solido a Elrey de Portugal, com condição que lhe quitaria todas as diuidas que a te entãõ lhe deuesse, de que logo lhe fize-raõ quita em publica forma.

Que Elrey de Portugal lhe mādaria dar do mesmo rendimanto as cousas seguintes. Corenta leques, que são mil & oitocentos xerafins d'ouro cada anno, pera vestiaria de sua pessoa. Duzentos & cincoenta leques mais, que são noue mil, trinta & seis pardaos

d'ouro, pera pagar as mocarrarias, que se entregariaõ ao Guazil, que auia de ser juiz d'aquella alfandega, pera os repartir. Que lhe dariaõ mais todas as tenças & moradias que pagaua a seus criados.

Que os officiaes Mouros que tinha na alfandega auiaõ de ficar sempre correndo com os cargos, que os Reys de Ormuz proueriaõ nas pessoas que quisessem.

Destes capitulos se fizeraõ autos assinados por todos, & se registraraõ nos liuros da feitoria d'aquella fortaleza, com o regimento da alfandega. E alem disto passou Elrey de Ormuz vm formaõ, por onde concedia aquella alfandega aos Reys de Portugal: que nos parececeo bem ir aqui inserto, por ser notauel, que continha o seguinte.

Formaõ em que Elrey d'Ormuz concedeo a Elrey dõ Ioaõ o terceiro as rédas da alfandega d'aquella fortaleza.

Formaõ, sem nenhũ outro igual a elle, a quem mando que todos obedeaõ, pera que se saiba, que minha propria vôtade & determinação he, pella muito grãde amizade cõformidade, & obrigação, que ha entre mim & o meu senhor q̃ em grãdeza chega aos ceos, & tem poder sobre toda a redõdeza da terra & em estado he igual ao Rey da China, vécedor de todas as guerras humanas, grãde Rey de justiça, mayor q̃ todos os Reys do mûdo, chaue



chaue do thifouro que ha sobre a terra, que he a virtude, & a nobreza. Contas por onde se reza o saber reinar. Limpeza de todo o már do reinado, & edificador da pouoação dos moradores. Boceta a onde se encerra a muito fina & preciosa esmeralda. Alto baluarte & defendedor de todos. Sol de justiça, & verdade. Fonte limpa que manté a limpeza da terra, assi o pouoado, como o deserto. Esperança em vm só Deos, & nelle muito confiado, alto Rey dom Ioaõ a quem Deos sostenha no seu reino descansada, & sossegadamente. Sempre os seus bens remedeia a pobreza do mundo, a cujo emparo estou chegado, & a minha boa ventura está em ser cercado de sua sombra, & a colher de minha esmerada fructa que he regada com a agoa de sua merce: & sei certo q a graça do meu Rey de Portugal está comigo, & me tem posto em muito grandes esperanças. Assi que por todas estas vias vi q sou obrigado a ser cóforme a suas cousas, & a pór o reino, & a fazenda por seu seruiço, & o nobre paço d'Elrey de Portugal auelo por minha propria morada & natureza, & não me afastar vm só cabelo de minha obrigação. E por q isto q faço he o q deuo, meu preceito he q o redimêto da ilha Gerum, depois de arrecadadas as mocarrarias, & tças de fidalgos de minha casa, proes, & percallos dos officiaes da alfândega, assi

Mouros, como Portugueses pello costume ordinario, tudo o q mais réder aquella alfandega mando q se entregue aos officiaes d'Elrey de Portugal, em pago das pareas q sou obrigado a lhe pagar. E mádo a todos os officiaes de meu reino, que contra este meu formaõ não troção vm cabelo. Dada na lã de Moarum da era de Mafamede, de nouecentos corenta & oito: q são a 27. de Feuereiro deste anno de corenta & tres, em que andamos.

Passado este formaõ, foi o Veador da fazêda, & Secretario á Alfândega, com o Guazil, & officiaes de ambos os Reys, & tomou pôsse della em nome do de Portugal, começandosse a arrecadar por elle d'aquelle dia em diante, não innoquando nos costumes cousa algũa. Passado isto lançou o Secretario tambem mão das rédas das Orracas, que rendiaõ de ventagem de coatro mil cruzados, pello levar assifor regimento: por que já que concedia áquelle Rey todas as despesas de sua casa, mandou o Governador que se lhe tomassem todas as outras rendas da ilha. Disto se queixou Elrey fazêdo protestos, dizendo que ficaua pobre, & sem cousa com que podesse sustentar seu estado. Esta casa das Orracas q são vinhos que se fazem de jagra de palmeiras ha hũa só naquella ilha. Foi isto em principio cousta tão pouca, que quando Afonso d'Albuquerque fez aquella



*Quinta Decada. Da historia da India.*

fortaleza, deixou um homem mestico chamado Gaspar Pirez por lingua d'aquelle Rey, por falar muito bem Parseo: a quem elle deu a renda das Orracas por tença com o cargo, q' entao montaria duzetos pardaos. Esta casa possuio este homem muitos annos, & delle se ficou chamando, Conaa Gaspar, q' quer dizer, a casa de Gaspar. E indo por tempos crescendo aquella renda muito, lançaraõ os Reys de Ormuz maõ della, dando na mesma casa os duzentos pardaos de tença aos lingoaõs, que ainda oje lograõ. E assi subindo cada dia mais, chegou a render cinco ou seis mil cruzados cada anno, do que aquelles Reys faziaõ merce a alguns capitaens. E socedendo outros a quem elles as naõ queriaõ dar, lhos tomavaõ por força alegando a posse. E outros vsando de mais suauidade lhos tomavaõ por manha, a tẽ que Elrey de Portugal proueo nisso, & mandou que se lhe naõ bolisse nas suas rēdas, como em seu lugar diremos. Concluidas estas cousas embarcouffe o Secretario pera Goa, nos derradeiros nauios que foraõ inuernar.

CAPITVLO VI.

*Do que mais aconteceu a Ruy Lopez de Villalobos, depois que partio do porto de Cama-*

*riaõ, a tẽ chegar ao Moro: & da armada que dom Jorge de Casto mandou em busca da dos Castelhanos: & do que lhe aconteceu pella ilha do Moro.*

**D**EIXAMOS Ruy Lopez de Villalobos na baya de Blaçai, esperando pellas Galeotas q' tinha mandado às Felipinas, a buscar mantimentos, que tardaraõ tanto, que obrigado da necessidade se fez á vela, pera ir às ilhas das Palmeiras, & ás outras suas vizinhas, a buscar mātimentos, & pera d'ahi voltar às Felipinas: & por naõ achar bom vento pera poder tomar aquellas ilhas, mandou gouernar pera Camafo, & chegou ao lugar de Sagalá, de Christaõs arrenegados, que estaua pello Rey de Geilolo, já no fim deste anno de corenta & tres, em que andamos: onde se deixou ficar correndo em amizade com aquelle Rey por recados. Aqui o deixaremos, por tornarmos a continuar com os nauios que tinha mandado pera as Felipinas.

Atras contamos no capitulo decimo do liuro oitauo, como despedira um Bargantim, & a Galeota que se tornou: o Bargantim foi tomar Abuyo, & os da terra os agasalharaõ bem. Estando ali, foi ter



ter com elles outro Bargantim q̃  
partira com o Villalobos, em que  
yaõ trinta soldados, & no outro  
que já ali estaua vinte. Iuntos to-  
dos, mandaraõ oito delles a vm  
lugar d'aquella ilha a buscar man-  
timentos, & lá, ou por sua desfor-  
dem, ou pella malicia dos da terra,  
deraõ nelles, & mataraõ vm, & pré-  
deraõ os mais: escapádo vm só es-  
crauo, que foi dar as nouas aos do  
Bargantim, que armandosse fo-  
raõ dar no lugar, & o entraraõ, &  
tomaraõ os companheiros, vin-  
gandosse bem da morte do outro  
com a de muitos, & com lhes quei-  
marem a pouoação. O outro Bar-  
gantim em que ya Frey Ieronimo  
de sancto Esteuaõ, da ordem de  
santo Agostinho, acabaraõselhe os  
mantimentos, & indo os buscar a  
hũa d'aquellas ilhas, deraõ os na-  
turaes nelles de sobrefalto, & ma-  
taraõlhe quinze homens com o  
capitaõ: & os que escaparaõ fo-  
raõ ter a Abuyo com os outros,  
comendo todo aquelle caminho  
crauo cozido, por não terem outro  
mantimento.

Iuntos os Bargantins todos, ven-  
do que tardaua o seu General, qui-  
seraõ ir saber delle, mas socedeo  
vm soldado ter paixoens com vm  
dos naturaes, que o matou de noi-  
te. E receandosse os Castelhanos  
que dessem nelles, leuaraõse d'ali  
em busca do seu capitaõ, & deu-  
lhes hũa tormenta com que se a-  
partaraõ os Bargantins: vm foi cor

rendo pera a ilha de Cesarea, & o  
outro pera a de Tendaja. Este  
chegando áquella barra de noite,  
fossobrouse, & afogaraõse onze  
soldados, & os mais foraõ a terra,  
a onde foraõ bem agasalhados: &  
como amanheceo foi o outro Bar-  
gantim buscalos, & achandoos bẽ,  
& amigos com os da terra os dei-  
xaraõ, & se foraõ na volta de Ca-  
mafo, atraueffando aquelle golfo,  
em que passaraõ tantos trabalhos,  
que coatro dias não beberaõ a-  
goa, pello que lhes foi forçado tor-  
naremse pera Tendaja, a onde dei-  
xaraõ os companheiros do outro  
Bargantim, & ali se deixaraõ fi-  
car, por que os da terra os tratauaõ  
bem. E assi deixaremos vns & ou-  
tros, por continuarmos cõ dô Ior-  
ge de Crasto capitaõ de Maluco.

Depois de chegar Belchior Fer-  
nandez Correa, com a carta de  
Ruy Lopez de Villalobos (como  
em outra parte dissemos capitolo  
decimo liuro oitauo) determinou  
de armar contra os Castelhanos,  
mas não tinha mais que duas Ga-  
leotas, & não ousaua de pedir às  
Corocoras ao Rey de Tidore, por  
fiar pouco delle: & tambem por-  
que lhe não entendesse a neces-  
sidade em que estaua, por que lhe  
não quis dar esse contentamento,  
& com isso mostrarlhe que o não  
auia mister. Todauia, por que lhe  
pareceo que os Castelhanos auiaõ  
de andar perdidos, & disbaratados  
por antre aquellas ilhas, armou as



*Quinta Decada. Da historia da India.*

duas Galeotas, por que se assi fosse ellas bastauão, & fez capitaõ dellas Iamez Lobo, & Antonio d'Almeida.

Estas Galeotas leuauão cincoẽta homens, & partiraõ em Nouẽbro. Deulhes dom Iorge por regimento que fossem ajudar o Geliato da Gomo Conora, Christaõ ainda que arrenegado, que estaua sobre o lugar de Galilás, que pretendia ser seu: & o imigo estaua recolhido em vm forte muito prouido & bem negociado. Chegadas as Galeotas a Toloco, souberaõ como o Geliato que yaõ fauorecer, estaua sobre a fortaleza imiga: & deixando ali Iamez Lobo a sua Fusta, embarcouffe na de Antonio d'Almeida, & foraõ a Momoya, a onde ajuntaraõ muitos Christaõs da terra. E mudandosse todos a algũs Parõs, foraõ desembarcar em hũa praya, em que vararaõ as embarcaçoens, & às costas as leuaraõ perto de mea legoa por terra, a tẽdarem em hũa fermosa alagoa de agoa doce, & embarcados nos Parõs foraõ pella alagoa dentro mea legoa, & no cabo della metia a terra hũa ponta grossa, que lhe ficaua pegada por vm forte & estreito passo, onde estaua o forte dos imigos. Ali assentaraõ os nossos o seu arrayal, com o Geliato que já ali estaua. Os de dentro tanto q̃ souberaõ serem chegados os Portugueses, bradaraõ de noite que queriaõ pazes, que Iamez Lobo que

era cabeça lhe naõ quis aceitar, por fazer a vontade aos soldados, que esperauaõ auerem d'ali grandes prezas. Ao outro dia pella meanhã, ordenaraõ os nossos duas grãdes jangadas sobre os Parõs, pera irem rodear nellas o forte, que ficaua como ilheo: & embarcados nellas foraõ por derredor, & cometeraõ o forte, indo diãte Iamez Lobo, & pòs a proa na parte que estaua ordenado. E como ali era muito alcantillado, saltaraõ os nossos em terra, vm, & vm: porque assi como vm saltaua recuaua a jangada, & com muito trabalho tornaua a chegar pera saltar outro. Desta desordem creceo o animo aos imigos, & saíraõ de dentro com grande furia: & dando em alguns que estauaõ em terra, os fizeraõ fogir bẽ escallaurados, deixando as armas. Antonio d'Almeida que ya chegando, vendo o desarranjo de Iamez Lobo, varou com a sua jangada sobre hũas pedras, & saltou em terra pera o ajudar a recolher. Os imigos vèdo chegar, acodiraõ áquella parte, cõ o que os de Iamez Lobo tiueraõ lugar de se recolherem á jangada todos muito mal feridos, & os mais delles sem armas. Os imigos chegando a Antonio d'Almeida que estaua em terra, o cometeraõ com grande determinação: mas elle que era esforçado caualheiro se defendeo delles com grande animo & esforço: por que era o numero



mero muito desigual, trauandosse  
antre os nossos & elles hũa muito  
aspera batalha, em que os nossos  
mostraraõ bem o valor de seus  
braços. Iamez Lobo tanto que se  
embarcou na sua jangada, acodio  
a recolher Antonio d'Almeida, o  
q̃ fez com muito trabalho, porque  
teue sempre o pezo dos imigos em  
quanto os seus se recolhiaõ, ficado  
elle por derradeiro, que se embar-  
cou ferido de muitas, & mortaes  
feridas. Aqui aconteceraõ casos  
notaueis.

Andando vm Lopo de Rebo-  
redo pelejando com muito esfor-  
ço, lhe tirou vm dos imigos com  
hũa físga, & o físgou pello rosto,  
começando a alar pella arpoeira,  
q̃ lhe ficaua amarrada a vm bra-  
ço pera o trazer a si (coufa que el-  
les costumaõ muito na guerra) e-  
staua perto d'elle Anrique de Li-  
ma, & vendoo ir así a pós a físga,  
arremeteo a elle com muita pres-  
sa, & com hũa adaga lhe abriu a  
queixada, & lhe largou a físga, & o  
saluou. Iamez Lobo recolheo to-  
dos os da companhia de Antonio  
d'Almeida, muito mal feridos, &  
elle taõ mal, que logo morreo. Re-  
colhido pera o arrayal, se tornou  
pera as Galeotas, & despedio hũa  
dellas com os feridos, que eraõ vin-  
te & sete, pera se irem curar a Ter-  
nate. A Galeota pós dous dias no  
caminho, & chegou á nossa fortale-  
za com os feridos ainda por cu-  
rar: & dom Iorge os foi buscar, &

recebeo com grande tristeza, man-  
dandoos logo curar com grande  
resguardo. As pessoas principaes,  
& que yaõ pior feridos, & mais pe-  
rigosos, eraõ Gabriel Rebello, An-  
tonio de Figueiredo, moço da ca-  
mara do Duque de Barchina, An-  
rique de Lima, Vasco Reymódez,  
& Lopo de Reboredo.

Dom Iorge tornou a mandar a  
Galeota com mais trinta soldados  
a Iamez Lobo pera que tornasse  
a fauorecer o Geliato, que tanto q̃  
chegou logo partio pera lá pella  
mesma alagoa, & nella acharaõ  
tres soldados dos nossos especta-  
dos, & já muito podres. Iamez Lo-  
bo tornou a pôr no lugar de pri-  
meiro: & tanto que os cercados vi-  
raõ outra vez os Portugueses, logo  
largaraõ o forte, q̃ os nossos quei-  
maraõ, assolaraõ, & destruiaraõ de  
todo. Foi isto já no fim deste anno  
de corêta & tres, quasi no mesmo  
tempo que Ruy Lopez de Villa-  
lobos chegou a Cagalá (como a-  
tras dissemos no sexto capitulo do  
liuro nono.) Era este lugar coatro  
legoas do Toloco, a onde estaua  
Iamez Lobo, que tanto que teue  
nouas d'elle, despedio dous solda-  
dos, em vm Paró, com vm requere-  
mento da parte de dom Iorge  
capitaõ da fortaleza de Ternate.  
Estes homens foraõ bem recebi-  
dos do Villalobos, & elles lhe no-  
tificaraõ o protesto, em que dom  
Iorge lhe requeria da parte dos  
Reys de Portugal & Castella, que



*Quinta Decada. Da historia da India.*

fe era entrado naquellas ilhas com tempo fortuito, que se foffem logo pera aquella fortaleza, a onde lhe daria todas as cousas necessarias: mas que se era d'outra maneira que se tornasse a sair dellas, por que eraõ d'Elrey de Portugal, se não que o castigaria, conforme ao contrato que estaua feito pello Emperador, com Elrey d'õ Ioão: & que de todos os danos, mortës, perdas, & mais cousas que disso socedessem, elle daria conta a Elrey de Castella. O Castelhana, depois de lhe notificarẽ o protesto, respondeo, que elle não entraria nas ilhas clauarias, nem em seus limites: & que a todo o tẽpo que lhe constasse estar nellas se tornaria a sair: mas que aquellas em que estaua, auia por de sua Magestade, o Emperador: & que ainda que o não foffem, que a necessidade a tẽ os preceitos diuinos quebrantaua, quanto mais os humanos. Com esta reposta se tornaraõ os soldados. (E os escritores que dizem, que Iamez Lobo mandara ameaçar aos lugares vizinhos se dessem mantimentos aos Castelhanos, enganaraõse: por que todos eraõ do Rey de Tidore, que estaua de guerra com a nossa fortaleza: & todos eraõ nossos inimigos, & nem por requerimentos, nẽ por ameaços auiaõ de deixar de os prouer.)

Com esta reposta se foi Iamez Lobo pera Ternate, com que d'õ

Iorge ficou enfadado: por que não só se auia de ficar receando dos Castelhanos, mas ainda da gente da terra: que como todos são amigos de nouidades receaua que se carteaassem com os Castelhanos, & começou a ter dahi em diãte mais o olho nelles, & diferente resguardo na fortaleza.

O Ruy Lopez de Villalobos pouco depois disso soceder, com achaque de dizer, que o porto em que estaua era doentio, & salto de mantimentos, deu á vela & foisse para Geilolo, a onde foi muito bẽ recebido d'aquelle Rey, & logo fez estancias em terra. E depois de se fortificar, despidio vm Matias de Aluarado com vm requerimento a dom Iorge, que elle recebeo muito bem, & elle lhe mostrou o requerimento que leuaua, em que o Villalobos lhe dizia, que elle chegara áquellas ilhas com fortuna, que lhe pedia, & requeria, que fizesse bom tratamento aos moradores d'aquellas ilhas, por q̃ eraõ vassallos do Emperador, & se não, que acodiria por isso. E que lhe mandasse os Castelhanos das armadas passadas que estauaõ com elle na fortaleza, & assi mesmo a artelharia q̃ fora tomado no forte de Tidore.

Dom Iorge lhe mandou responder por outro requerimento, em q̃ lhe dizia: que aquellas ilhas todas eraõ d'Elrey de Portugal, & que logo se saisse dellas, se não, que o lança-



lançaria por força, & o castigaria como a quebrantador da paz. E q̃ quanto aos Castelhanos, se se quisessem ir pera elle, que o podiaõ fazer, por que não tinha delles necessidade algũa. E que muito mal diziaõ aquellas palauras com as primeiras: & que lhe tornaua a requerer, que se fuisse das ilhas d'Elrey de Portugal. Despedido o Aluarado, & vinda a moução de se irem pera a India, embarcou dom Iorge na nao da carreira Belchior Fernandez Correa, com todos estes protestos por muitas vias, hũas pera dar ao Governador, & outras pera elle leuar pera o reino, (a onde o enuiava com cartas pera Elrey, de tudo o que era passado:) ficando os Castelhanos em Geilolo, & dom Iorge fortificandosse o melhor que pode, & assi os deixaremos a tẽ seu tempo.

## CAPITVLO VII.

*Da grande armada com que o Governador Martim Afonso de Sousa partio pera o pagode de Tremel, & da tormenta que lhe deu, com que não pode passar: & de como desembarcou em Callecoulão, a onde estene desbaratado pela gente da terra.*

**P**OR muitas cartas de alguns homens da India, foi Elrey informado, como no pagode de Tremel (que está no reino de Bisnagá) auia vm infinito chifouro de calas cheyas d'ouro, & com muito pouca goarda, que vm Governador da India facilmente podia tomar se lá fosse em pessoa com hũa armada, com o que ficaria o estado tão rico & prospero, que poderia proseguir nas conquistas que quisesse, & enriquecer á India, & todo o reino de Portugal. Tantas vezes puxaraõ por Elrey nesta materia, q̃ se moueo a mandar fazer aquella jornada, por q̃ estaua pobre, pellas muitas despezas q̃ se tinhaõ feitas, nas grandes armadas que a India tinha mandado de soccorro. E nestas naos passadas mandou ao Governador Martim Afonso de Sousa, que em todo o caso fizesse aquella jornada, em pessoa: mandandolhe os treslados das cartas q̃ da India teue sobre aquella materia, que o Governador teue em muito segredo sem dar conta disto a pessoa algũa. E todo este veraõ se occupou em tomar informação das cousas d'aquelle pagode, & do tempo em que poderia fazer aquella jornada, com pessoas que sabião muito bem d'aquella costa de são Thome, a onde elle estaua.

Informado bem, vio que lhe era necessario partir de Goa na entrada



entrada de Agosto: por que como auia de desembarcar na cidade de são Thome, pera d'ahi caminhar pera o ferraõ doze legoas (que tantas estaua della aquelle pagóde) & lhe era necessario passar os baixos de Chilão, primeiro que a vara de Choromandel descarregasse, que de ordinario costuma a dar na lúã de Setembro, ainda que outras vezes na de Outubro, & que se o tomasse atras delles, alem do risco q̃ corria, por ser o tépo muito grosso, não poderia depois passar auante, & seria forçado arribar a Goa.

Resoluto na viagem gastou todo este inuerno em aperceber a armada que auia de levar, & ajuntar mantimentos, & monçoens, apondo duzentos moradores de Goa com seus caualos pera irem com elle, sem dar conta a pessoa algua do que determinaua, por se não espalharem as nouas, & irem ter a Bisnagá. E dando muita pressa a tudo, tanto que entrou o mês de Julho, deitou ao már todas as Galés, & nauios de remo, & começou de se embarcar, dando primeiro ordem a muitas cousas, deixando o gouerno entregue ao Bispo, & ao capitão da cidade, que era dom Garcia de Crasto, & Aleixos de Sousa Veador da fazêda. E porque o tempo era ainda muito verde, esperou o primeiro jaziguo. E passada a lúã noua que cayo na entrada de Agosto, deu á vela a doze d'aquelle mês.

A armada que leuaua eraõ doze Galés, oito Galeotas, tres Carauelas, & treze Fustas. Os capitães das Galés, a fora o Governador q̃ ya em húa, eraõ, Bernaldim de Sousa, Fernão de Sousa de Tauora, Fernão da Sylua alcaide mór de Alpalhaõ, dom Ioaõ Pireira, Martim Correa da Sylua, Pero Lopez de Sousa irmão do Governador, Luis Cayado, Alonfo Anriquez, & Luis Falcaõ. Das Galeotas eraõ, Diogo de Mendoça, Diogo de Reinolo, Aluaro de Mendoça, dom Francisco de Noronha, Fernão Gomez de Sousa, Ioaõ de Mendoça Chum, dom Ioaõ Anriquez, & dom Martinho de Sousa. Das Carauelas eraõ, Afonso Furta do, dom Ioaõ Mascarenhas, & Vasco da Cunha. Das Fustas eraõ, Antonio de Sá o Rume, Belchior de Sousa, Diogo de Ayala, Rodrigo de Mouilha, Francisco Fernandez Moricale, Simaõ Galego, & outros. Dada á vela com toda esta frota, como o tempo era ainda verde, tornou a descarregar com tamanha furia, que espalhou a armada, & quasi perdida se recolheu aos ilheos de Angediua, sem a Galé de Luis Falcaõ, que aberta foi dar á costa onde se saluou a gente, que foi ter a onde a armada estava. A qui esteue o Governador alguns dias, a té que o tempo lhe deu lugar pera tornar a sua viagem, que foi já entrada de Setembro.

E dando á vela foi seguindo sua derróta



derróta com ventos rijos & secos a té dobrar o cabo do Comori: & como era conjunção de lúia, indo demandar os baixos, descarregou a vara de Choromandel com tanta braueza, que espalhou toda a armada, que esteue perdida, correndo cada vno por onde melhor podia. O Governador có a mór parte das Galés ferrou a ilha das vacas, quasi perdidos & alagados. Ali esteue muitos dias a tè se lhe gastar a moução, & vèdo que já não era tempo pera passar adiante, ficou triste & malenconizado, pello roim socesso que teue húa armada que fez com tanta despeza. E mãdando chamar á sua Galé os capitães, lhes descobrio o a que ya, & lhes mostrou as cartas d'Elrey, & as que lhe escreuerao da India, em que lhe facilitauaõ aquella jornada, dizendolhes, que por ali veriaõ a rezaõ por que fizera aquella armada, que vissem agora o q̃ deuia de fazer, por que elle estaua prestes pera cumprir o que lhe Elrey mandaua: que se era tempo pera ainda passar os baixos que o faria, por que a despeza estaua já feita. E chamados os Pilotos todos praticando se poderiaõ ainda passar, assentaraõ todos que a moução era acabada, & que já não auia que fazer. Com isto se concluyo que se tornassem, com o que o Governador voltou, & tornou a dobrar o cabo, recolhendo alguns nauios de sua companhia, que foi achando

do por aquelles pórtos.

E chegando a Callecoulaõ pera fazer agoada, soube que aquelle Rey era ido pello sertoão a fazer guerra a outro seu vizinho. E como nunca faltaõ homens amigos de aluitres, & de comprazeré aos Governadores, sintindo algũs Martim Afonso de Sousa muito magoadado de não effeituár a jornada, fizeraõlhe crér que o pagode de Tebilicaré, que estaua d'ali a húa legoa pera o sertoão, era taõ rico, & tinha tanto ouro como o de Tremel, pera onde elle fizera tamanhos apercebimentos: & que não estaua em mais encher a armada de ouro, que em o cometer, por q̃ não auia quem lho defendesse.

O Governador Martim Afonso de Sousa cobiçoso de tanto ouro, não atentando que ya contra a obrigação da paz & amizade que tinha com aquelle Rey, sem dar conta mais que aos que o aconselharaõ, desembarcou com toda a gente posta em armas, & foi marchando pera a parte do pagode, fazendo crér que ya ver a terra. E assi chegou a elle sem os naturaes se temerem, nem se recearem de cousa algũa, pella muita fé que tinhaõ na verdade dos Portugueses. E cometendo o pagode que estaua sem guarda o entrou mandando bulcar todo, & cauando por todas as partes, sem achar nelle mais que húa panela d'ouro, que seruia de leuarem agoa, pera lavar

rcm



*Quinta Decada. Da historia da India.*

rem o idolo, que quando muito podia ter tres, ou coatro mil cruzados, & neste saco se deteuue dous dias. Os naturaes vendo o seu templo estragado, & violado, apellidando a gente derredor, ajuntaraõse poucos mais de duzentos Nayres de espingardas & arcos, & foraõ esperar os nossos ao recolher, em vns caminhos estreitos q̃ corriaõ por antre vns vallos altos & fôrtes, & postos em cima delles, em os nossos entrando os começaraõ a derribar á sua vontade: por q̃ como yaõ a fio, & o caminho era muito estreito, & sem algũa maneira de repairo, naõ perdiaõ tiro. Garcia de Sá que leuaua a dianteira sofreo muito trabalho, por que lhe feriraõ & mataraõ muita gente, sem se poder defender, nem offender aos imigos. O Governador ya na retaguarda em vm fermoso caualo, & ficaua mais em barreira ás espingardadas que chouiã de todas as partes sobre elle, de que o Deos liurou pella fortaleza das armas em que deraõ algũas. Os fidalgos que yaõ derredor delle, receando que lhe acontecesse algũ defastre, lhe pediraõ que se decesse: & Vasco da Cunha lhe pegou de hũa estribeira dizendolhe que naõ ya assi bem, que se deuia de decer pera segurar sua pessoa. O Governador dissimulou, por que o naõ tinha por seu amigo, pello ser muito de dom Esteuaõ da Gama, & ouue que lhe naõ aconfe-

lhaua cousa de sua honra. E toda- uia como as espingardadas yaõ crescendo, & começauã a derribar alguns por derredor, tornou Vasco da Cunha a lhe puxar pella perna dizendolhe, que naõ conuinha ao seruiço d'Elrey ir d'aquella maneira, que era forçado decer-se: por que se lhe acontecesse vm defastre se perderia tudo.

O Governador quasi desconfiado lhe disse, pareceuos senhor bem isso? & dizedo Vasco da Cunha que si, se deceo logo, & deu o caualo a vm foaõ d'Anhaya, & lhe mandou que fosse dizer a Garcia de Sá, que se fosse detendo o mais que podesse: o que o Anhaya fez com muito risco de sua pessoa, passando por meyo de nuuens de pilouros & frechas. O Governador chegou á bandeira de Christo assi, & foi caminhando a pé muito affrontado, por que já passaua por cima de corpos mortos. E taõ arriscado foi este negocio, que este- ue muito perto de ser outro semelhante ao de Afonso d'Albuquerque, & do Marichal em Calecut. Com este perigo & risco passaraõ aquella rua, a té darem no campo largo, a onde ficaraõ mais defastogados, ficandolhe na rua trinta mortos, & saindo della mais de cento & cincoenta feridos, de que depois morreraõ alguns.

Aqui foi passado Fulgêcio Freire de hũa espingardada de parte a parte pella barriga, & viueo. O Governador



uernador chegou á praya com bẽ de trabalho, arrependido do roim soçeffo, & pouco proueito d'aquella jornada: que lhe Elrey depois eſtranhou tanto, que na primeira reposta lhe eſcreueo que tornaffe a panella d'ouro ao pagóde donde atiraraõ: & áquelle Rey eſcreueo cartas de mimos, & deſculpaz. O Governador ſe embarcou, & ſe foi pera Cochim. Algũas peſſoas affirmaraõ (que foraõ deſte tempo) que o Governador trouxera hũa grande ſoma d'ouro do pagóde dentro nos barris em que faziaõ agoada pera as arnadas, de que logo ouue murmuraçoens na gente de ſua companhia.

CAPITVLO VIII.

*De como o Accedecan ſe leuantou contra o Idalxã: & dos tratos que teue com dom Garcia de Craſto capitão de Goa, ſobre fazer Mealecan Rey de Viſapôr.*



LGVAS vezes temos dado conta do Accedecan Governador de todo o Concan, que he aquelle que deu as terras firmes de Salſete ao Governador Nuno da Cunha, & depois lhe tornou a fazer guerra. Eſte depois q̃ por morte de Malucan filho de Iſmael trahou de leuatar por Rey Mealecan,

filho de Cuſocan, que foi ſenhor de Goa: o que não pode fazer por ter Abrahemo irmão do Rey morto mais pôſſe, & mais capitaens da ſua parte, & ſobre tudo ſua auó Babu fatima, que era hũa ſenhora de grãde prudência, & conſelho: & depois de Abrahemo ficar Rey, temédoffe o Accedecan por q̃ fora cõtra elle, foiſſe pera baixo pera o Concan donde era Governador.

O Abrahemo como era bõ homem, & de boa natureza, tanto que tomou pôſſe do reino, mandou ſoltar ſeu tio Mealecan, & deu-lhe caſa muito honrada, & o caſou com hũa Princeza, que ſe criara em caſa da Raynha ſua auó, da caſta dos antigos Reys de Xarbodar. E mandou chamar o Accedecan, & ſe reconciliou com elle, perdoãdolhe as culpas paſſadas: por que entêdeo que pera bem governar lhe era mais neceſſario andar cercado de amor, que de armas: perdoando mais a todos os culpados, contra vontade de Icuſ Xandiuã, & dos mais capitaens que foraõ do ſeu bando, que deſejauã de tirar do mundo Mealecan, & o Accedecan, porque entendiaõ da boa natureza d'Elrey que ſe auia logo de governar por elles, & ſempre os auia de ter no primeiro lugar, o que a inueja de governarem tudo lhes não conſintia: pello que foraõ pouco & pouco induzindo Elrey, & fazêdolhe crer, que lhe não conuinha

M m ter



*Quinta Decada. Da historia da India.*

ter seu tio Mealecan no seu reino, por que ya já tendo grande pôsse.

E por que, quem já outra vez estando preso solicitara fazerse Rey, & que todas as vezes que o tempo lhe offerecesse occasião: de pois de solto & poderoso, estava muito certo lançar mão della, & trabalhar por se assentar naquella cadeira: o que lhe seria muito facil, pois tinha o Accedecan por si que o fauorecia & aconselhava. E como este negocio era muito graue, & muito facil de persuadir aos Reys, começou Abrahemo de se pejar com o tio: mas elle como era homem auisado, & entendido a poucos lanços alcãçou, que não andava Elrey gostoso delle, sem saber cousa algũa do que era passado, né o por que, dissimulou o melhor que pode: & vendo o risco que corria sua pessoa naquelle reino, determinou de se desterrar delle, pera viuer sem sobresaltos. E estando vm dia com Elrey só, lhe disse.

Que bem seria lembrado como Icus seu pay, encomendara a Elrey Ismael, que tanto que socedesse no reino, & elle Meale fosse de idade pera entrar em Religião o mandasse pera Meca a servir seu profeta: que elle estava já homẽ, & que por duas obrigações estava penhorado pera aquella jornada, hũa a vontade d'Elrey seu pay, & a outra vm voto que tinha feito de ir acabar na casa de Meca: que

lhe pedia por merce lhe desse licença pera se embarcar com sua casa & familia, por que ya tão cõtente, como se fora a herdar vm grande reino. Elrey folgou com aquella determinação do tio, assi por se tirar de suas imaginações, como por não chegar a ser seu homicida, (por que já andava trassando o modo de como o mandaria matar.) E assi lhe louuou muito seu proposito, mandando-lhe que se fosse embarcar a Dabul, a onde lhe daria embarcação, & todo o necessario.

Negociado o Mealecan, despedioffe d'Elrey, que lhe deu juramento, que não tomasse outro algũ reino, mas que se fosse direito a Meca. E assi se foi embarcar com toda sua familia a Dabul o Abril passado de corenta & vm, & não podendo tomar o estreito por achar tempos contrarios, foi ao porto de Zeilá, a onde invernou. Ali foi roubado, & maltratado da gente da terra, & d'aquelle Rey, de q̃ escandalizado se tornou a embarcar na entrada de Agosto, & com os Ponentes tornou a voltar pera a India, & foi tomar Surrate, porto de Cambaya. D'ali se passou á cidade de Amadabá onde estava Elrey Soltaõ Mahamud, que o recebeo mūy honradamente, & lhe deu casa conforme a sua calidade. E assi lhe deu hũa villa chamada Nagará com suas aldeas, q̃ lhe rendia oito ou dez mil par-daos,



daos, pera despezas de sua casa.

Partido Meale da corte do Idalcan, tratou Elrey logo de auer ás mãos o Accedecan, por q̃ Icusxan, & outros capitaes seus imigos o aticaraõ tâto, que se determinou ao matar, & com este proposito o mādou chamar, ao estremo do reino a onde estaua, pera negocios de importancia. Mas sendo auisado do animo d'Elrey, por algũs seus amigos, dissimulou com a ida: & pera se segurar melhor, se recolheo á cidade de Bilgaõ, que era sua, & está no passo da entrada do Gate, & té hũa fortaleza muito fórte, que fortificou & proueo de tudo pera todo o anno, ajuntando a si a mais gente que pode: & carteandosse com alguns capitaes da corte que se foraõ pera elle. E por que sabia muito bem que tanto que o Idalcan foubesse que estaua elle naquella cidade, auia logo de metter todo o poder contra elle, tratou dous remedios. Vm, ver se podia meter Mealecan no reino, (por que já sabia que estaua em Cambaya:) O outro, quando não podesse fazer isso passarse pera Meca.

Ambos estes começou logo a pôr em effeito, mandando todos seus thifouros (que se affirmaua serem mais de dez milhoens d'ouro) pera o rio de Sanguicer, que tambem era de sua jurdição, por ser porto de már, & d'ali o embarcar cada vez que quisesse. Cartea-

dosse juntamente com Elrey de Cananor, pera o recolher em seu reino, & lhe deixar fazer em vm de seus portos hũa nao pera se ir pera Meca: o que acabou á força de dinheiro, & de dadiuas: mandando logo carpinteiros, & officiaes com todas as cousas necessarias pera começarem a nao. Isto tentou, por que se não ouue por seguro, em algum dos portos do Nizamoxá: por que receou, q̃ por lhe tomar seus thifouros, o matafse, ou entregasse ao Idalcan. Este thifouro mandou pera aquelle rio de Sanguicer por dous capados de grande sua obrigação, chamados Doltiaõ, & Melique Atai, có quinhentos escrauos seus pera sua guarda.

O outro remedio foi de meter Mealecan no reino, que tambem tratou logo juntamente, carteandosse com algũs capitaes seus amigos, que se foraõ pera elle com dez ou doze mil homens de caualo. E como teue estes de sua parte, despedio Embaixadores a dom Garcia de Craſto capitão de Goa, pera tratarem com elle mandar buscar Mealecan a Cambaya, & entregarlho pera o fazer Rey, fauorecendoo pera isso: & que depois de ser Rey lhe daria todo o Concan, pera Elrey de Portugal, que rendia entaõ perto de vm milhaõ d'ouro. Vendo dom Garcia partidos taõ grandes os aceitou, fazendo com os Embaixadores seus papeis.



peis: & despedio logo recado ao Governador: & despachou juntamente um Bastião Lopez Lobato cidadão de Goa, com dous navios de remo pera ir a Cambaya buscar Mealecan, escreuendolhe Accedecan que se fosse pera Goa, & o mesmo fez a Elrey Soltao Mahamud, mandandolhe ricos presentes pera que o deixasse embarcar.

O Accedecan ficou fazendo seus apercebimentos, do que logo o Idalcan foi auisado: & fazendo chamamento de seus capitaens, se negoceou pera acodir em pessoa áquellas cousas. E não sabendo dos tratos que o Accedecan trazia cõ dõ Garcia de Crasto, lhe despedio um correo com cartas em que lhe rogaua mandasse algũs navios sobre a barra de Sanguicer, a impedir, q̃ se não passasse pera Cananor a gente, & thesouros do Accedecan, por q̃ era um aleuantado, & traidor, q̃ pellas leys do reino tinha perdida toda sua fazenda. Offerecendo a mór parte do thesouro pera Elrey de Portugal.

Dom Garcia de Crasto, posto que estaua saneado com o Accedecan (quis cozer a dous cabos, como lá dizem) despedindo logo Nuno Pereira de Lacerda, com cinco navios pera se ir pór sobre a barra de Sanguicer, & q̃ não deixasse sair della cousa algũa, não fiando aquelle segredo mais que delle, por não ir ter ás orelhas do

Accedecan, por não desfamar com elle: aduertindoo, q̃ por debaixo da capa fizesse grandes offerecimentos aos criados q̃ lá tinha, affirmãdolhes que ya em seu fauor, & pera os recolher, se o Idalcan mandasse gente sobre elles, & así o escreueo ao Accedecan: encomendando em muito segredo a Nuno Pereira, que trabalhasse por algũa manha, pellos auer as mãos com o thesouro, & que os leuasse pera Goa. Nuno Pereira se foi pór sobre aquella barra com grande dissimulação, tendo muito grande vigia que nada saísse pera fóra.

CAPITULO IX.

*Do que fez o Governador Martin Afonso de Sousa tanto que teue recado de dom Garcia de Crasto. E da armada que este anno de 43. partio do reino, de que era capitão mór Diogo da Sylueira. E de como o Governador partio pera Goa.*



**P**ARTIDO o recado de dom Garcia de Crasto pera Cochim em poucos dias chegou áqlla cidade, sendo o Governador chegado de dous ou tres atras. E vêdo as cartas & sabendo o q̃ passaua, mandou logo



logo ordenar os Catures ligeiros pera se ir nelles', por mais pressa, por que as Galés estauão destrocadas. E querendosse embarcar, já de vinte de Outubro por diante forgiraõ na barra de Cochim coatro naos, de cinco que este Martim Afonso de Sousa de corenta & tres tinhaõ partido do reino: de que era capitaõ mór Diogo da Sylueira. Os mais capitaens craõ, dom Roque Tello, Fernão d'Aluarez da Cunha, & Simão Sodré. O que faltaua era Iacome Tristaõ, que por desaparelhar arribou ao reino. Diziaõ que trazia Diogo da Sylueira, hũa carta ou aluara d'Elrey em segredo, pera que se achasse Martim Afonso de Sousa morto, & ou morresse estando elle na India se abrisse, em que se affirmaua que socederia o mesmo Diogo da Sylueira na gouernança, sendo porem dom Esteuaõ embarcado pera o reino: por que por aquellas nouas que Elrey teue por dom Francisco de Lima, que dõ Esteuaõ mandou ao reino, que chegou pouco antes que Diogo da Sylueira partisse, soube Elrey, como Martim Afonso de Sousa ficaua em Moçambique muito mal, & dom Francisco lhe affirmou que seria morto: no que querendo Elrey prouer se tal fosse, deu a via ferrada a Diogo da Sylueira pera se abrir na India, em que se dizia, que mandaua, que estando dom Esteuaõ na India ficasse gouernando:

& sendo ido pera o reino, se entregasse a India a Diogo da Sylueira: o que não auia de ser se não se elle morresse estando já Diogo da Sylueira na India. Por que sendo aberta outra socessaõ, não auia de querer dar materia a outras differenças como as de Lopo Vaz de saõ Payo com Pero Mascarenhas. O Gouernador recebeo bem Diogo da Sylueira, & como estaua de caminho deteuessse mais um par de dias, pera dar ordem á carga das naos. E diziaõ, que estando um dia ouuindo Missa na Sé, aleuantandosse o diuino Sacramento, diffiera a Diogo da Sylueira, que estaua com elle, estas palavras.

Dizei senhor a Elrey, que me mande nestas naos socessor, por que me não atreuo a gouernar a India, pella mudança que nella achei nos homens, na verdade, & no primor: se não que juro por aquella hostia consagrada, & pello verdadeiro corpo de Christo que nella está, que eide abrir as socessoes, & entregar este estado á pessoa de quem S. A. o confia nellas, & que não queira arriscar um valsallo como eu a lhe cortar a cabeça. Isto lhe disse de todo seu animo: & certo que se lhe Elrey não mandara socessor, que o ouuera de fazer, por que era um fidalgo muito determinado. O Gouernador deu naquelles dous dias despacho a muitas cousas, & despe

M m 3 dindosse



dosse da cidade, & do capitão mór deu á vela pera Goa, nos catures ligeiros: & sem se deter em outra cousa algũa, em breues dias chegou áquella cidade, passando pelo rio de Sanguicer, a onde estaua Nuno Pereira sem lhe falar.

E chegando a ella começou a entêder nos negocios que estauão praticados antre dom Garcia de Crasto, & o Accedecan: & sabendo a cousa como passaua, & no estado em que estaua, pôs aquillo em conselho: & a muitos pareceo cousa grauíssima, quebraremse as pazes que estauão feitas & juradas com o Idalcán, sem da sua parte auer occasião algũa: que muito mais valia a verdade Portugueza, que todo o thifouro que se esperaua: por que a fé não se auia de quebrantar, nem por réinar (por q̃ César falara neste negocio como Gentio) quãto mais por dinheiro, que estaua em duída, de ser pouco, ou muito: de poder vir ás mãos ou não. E sobre isto como o Governador estaua afeioado ao grãde interesse que se lhe prometia, & offerecia, resumioffe em aceitar os partidos do Accedecan, & fauorecer Mealecan, pois lhe elle certificaua ter direito no reino (que não era mais, que aquelle que os conjurados lhe quêrião dar) por que como todos os Mouros são amigos de nouidades, tomaraõ cada oito dias mudar Rey, pera o que sempre desejaõ de auer vm da ca-

sa real, pera autorizarem com elle suas tyrannias, buscandolhe direito que nunca tiueraõ (como o Accedecan quêria fazer a este Meale, que nenhum tinha naquelle reino mais que dizer que era filho da molher mais nobre, tendo já o reino vindo por morte de Cuso Idalcã seu pay, a Ismael filho mais velho, que tambem o era de gêtia como de Meale: por que ambas as molheres q̃ delle pariraõ eraõ Canarás.) Posto que antre estes Mouros não ha poderse chamar algum de seus filhos legitimos, por serem todos os Reys casados com duzentas, & mais, molheres: & assi nestes reinos muitas vezes vem a foceder o filho, a q̃ o pay os quer deixar, & outras, o que tem mais pôsse & valia.

E posto que Castanheda, & Pietro Mapheo que o segue, digaõ q̃ este Meale era o verdadeiro, & não Ismael: enganaraõse, por que o mesmo Meale nos disse nesta cidade de Goa, q̃ seu irmão Ismael era o mais velho: & ainda oje viuem netos seus que assi o confessão. Mas o Accedecan pera autorizar sua pouca verdade, & tyrannia, fazia crêr ao Governador o contrário, pello que se moueo ao fauorecer, posto que não aueriguamos se ouue da sua parte tão grande engano, por que não auia de faltar, quẽ lhe dissesse a verdade. Aceitados os partidos ficaraõ esperando pello Meale, & entre tanto



tanto despedio o Governador, Diogo de Reinoso pera o estreito de Meca, em um nauio de remo muito ligeiro, pera ir saber nouas das Gales, & de dom Christouão da Gama: dandolhe por regimẽto que não tocassem em porto algum dos Turcos, nem aluoroçasse aquelle estreito, sob pena do caso mayor: pello ter assi Elrey aquelle anno encomendado muito, por que tinha em Constãtinopla Diogo de Mesquita por Embaixador, sobre negocios de muita importancia, que nós ca não podemos saber. E mandaua expressamente que em quãto lá estiuessẽ, não mãdasse nauios ao estreito, por se ter assi concertado com o Turco, que em quanto durasse aquelle negocio, nem nauios nossos entrassem aquelles pórtos, nem os Turcos sahissẽ fora dellas com suas Galês. E isto cometeo o Turco, por que ficou muy assombrado de dom Esteuão da Gama chegar com sua armada a tẽ o porto de Sués, cousa que elle nunca receou. E por esta rezaõ pós o Governador a Diogo de Reinoso taõ grandes penas: q̃ não fizesse mais que tocar Arquico, & saber nouas de dom Christouão, & mandarlhe cartas q̃ lhe escreueo, & tomar fala das Galês, & tornar a voltar, & de sua viagẽ a diante daremos rezaõ.

Depois disto poucos dias chegou á barra de Goa Bastiaõ Lopez Lobato que trazia Mealecan de

Cambaya, & o Governador o recebeu muito bem, mandandoo aposentar honrosamente. Logo comẽçaraõ a correr recados antre o Governador & o Accedecan, sobre aquelle negocio, & veyosse a concluir que o Governador passasse Meale a Pondá, onde acharia alguns capitaens com gente pera o receberem, & o leuarem a tẽ Bilgaõ, a onde elle Accedecan, com os mais capitaens de sua conjuraçãõ o esperauaõ com corenta mil caualos, pera o meterem no Balagate: & que ali faria entrega de todas as terras de Concan; á pessoa que o Governador mandasse. De tudo isto se fizeraõ papeis antre elles & o Meale. O Governador comẽçou logo a fazer prestes pera em pessoa o passar a Pondá, fazendo alardo da gente Portugueza que auia de leuar, & achou tres mil homens, & perto de dous mil piaens da terra. E em quanto se passaõ estes apercebimentos, he necessario que os deixemos um pouco, pera continuarmos com as cousas que neste tempo socederaõ no Balagate.

Ia atrás temos dado conta no capitulo oitauo do liuro nono, de como o Idalcan fora auisado dos mouimentos do Accedecan, sem saber dos tratos que auia antre elle & o Governador, & sendolhe necessario acodir áquellas cousas em pessoa, ajuntou todo o seu poder, & posse no campo pera come-



*Quinta Decada. Da historia da Índia.*

çar a marchar, mandando alguns capitaens diante com perto de quinze mil caualos, com que os da conjuração tiueraõ alguns recontros, em que ouue dano de parte a parte. Estando as cousas neste estado, esperandosse cada dia por Elrey, adoeceo o Accedecan de hũas febres, & como era de nouenta annos, & fraco, faleceo em seis dias, deixando nomeado por herdeiro de toda sua fazenda ao Mealecan, que deixou muito encomendado aos mais capitaens: & por seu testamenteiro, depositario, de todo o seu thifouro nomeou vm Mouro, que era todo o seu gouerno chamado Coge Semaçadim, natural da prouincia Gilan, mandandolhe ainda em sua vida, que fosse ao rio de Sanguicer, & tomasse posse de seus thifouros, & os entregasse a Mealecan. Coge Semaçadim pario logo pella posta, & tomou entrega de tudo: & como teue nouas que o Accedecan era morto, determinou de se passar pera Cananor, & dahi pera Meca, & fazer-se herdeiro: pera o que se carteu com Elrey de Cananor, mandandolhe muitas peças & dinheiro pera que o recolhesse no seu reino, pera d'elle se passar a Meca na nao que lá se fazia. E tendo seus seguros pera se poder ir, querendoo fazer em segredo, por que Nuno Pereira estaua sobre aquella barra, & não deixaua sair cousa algũa pera fóra, somente as almadias pes-

carefas, foi metendo nellas pouco & pouco: & desta maneira meteo em Cananor a mór parte do seu thifouro, ficando elle com determinação de depois de ter mandado tudo se partir por terra. E neste estado deixaremos estas cousas por tornarmos ao Governador, pera irmos assi melhor infiado nossa historia.

CAPITOLO X.

*Da rezaõ por que o Governador Martim Afonso de Sousa deixou de passar Mealecan à outra banda. E da batalha que teue o fidalcan com os conjurados, em que os disparatou.*



ENDO o Governador Martim Afonso de Sousa prestes todas as cousas pera a jornada, tomando Mealecan a par de si, com honras, & preheminencias de Rey, foyse por em Benastarim pera d'ali passar a outra banda. E como elle fazia esta jornada contra o parecer de todos os fidalgos velhos (têdo assentado de se passar ao outro dia pella menhã) Pero de Faria, q̃ era vm fidalgo de oitenta annos, a que todos os Governadores tinhaõ grande respeito, se foi no mór silencio da noite á tenda do Governador,



uernador, & lhe pedio que o ouvisse só, que tinha cousas de seruiço d'Elrey que lhe dizer. O Governador mandou sair pera fora seus criados, por que já estaua recolhido: & ficando sós lhe fez Pedro de Faria esta breue fala.

A obrigação de bom vassallo, a authoridade destes annos, & destas cans, & a grande experiencia que tenho das cousas da guerra, que ha sessenta annos trato, me obrigaõ Senhor a vos fazer esta derradeira lembrança, por que se não diga, q faltaraõ homens neste estado, pera vola fazerem com a liberdade cõ que o eu faço: por que quem a não tiuer pera isto, vay contra o que deue ao seruiço de seu Deos, & do seu Rey.

Quem vos disse senhor, q esta jornada que fazeis não he muito arriscada? & que estes Mouros (q todos per natureza são nossos inimigos) vos não tenhaõ armado alguma treição? & ainda que isto não seja, quem nos segurarã (pois sabemos quaõ varias & inconstantes são estas gentes) que não possa auer antre os conjurados, outra noua determinação? & que de hũa hora pera a outra se possaõ arrepender do cometido, & sanearêse com o seu Rey? Ou a elle fauorecelo Deos, pois tem justiça, & disbaratar os imigos traidores, & aleuantados, & desarmarem em vaõ todos estes apercebimétos, & pretenções, & vós ficardes desacredi-

tado com voffo Rey, & odiado cõ um vizinho taõ proueitoso, que he necessario poupar, & conseruar, como aquelle que de suas terras nos vem todos os prouimentos necessarios, assi pera a sustentação desta cidade, como de todas as armadas que della saem? E que ley ha por onde se possa tomar o seu a seu dono, & fauorecer vassallos aleuantados contra o seu Rey? por certo que isto tudo não he mais q solicitar hũa guerra importuna, como está certo fazernos este Rey como magoado, sem auer da sua parte causa algũa de escandalo, & por cousas que estão incertas: por que posto que este Mealecan se meta oje no reino liurementemente, & cumpra os contratos que tem feitos, & nos entregue o Cõcan, a manham pode quebrar tudo, buscando pera isso achaques, que lhe não aõ de faltar, segundo os Governadores da India vezinhaõ mal com elle, & lançar depois maõ de tudo a nosso despeito, que será hũa afronta mûy grande, & que se não possa satisfazer, pois não té o Estado pôsse pera cousa algũa. E quem nos pôde tambem segurar, que Mealecan depois de Rey nos não seja pior vizinho que este Abrahem, que corre com este Estado taõ pontual: & que estes capitaens q oje se mostraõ tanto vossos seruidores, depois de saneados cõ elle, não sejaõ os que o aconselhem a vos fazer guerra, & desafrontar-se?

Por



*Quinta Decada. Da historia da India.*

Por isso senhor tornai sobre vós, & vede o que fazeis, por que ainda tendes tempo pera noua determinação: por que os erros da guerra, depois de feitos não sofrem emenda.

O Governador Martim Afonso de Sousa lhe agradeceo muito aquellas lembranças: & considerando de nouo naquellas cousas, & medindoas com a rezaõ, veyo a entender que Pero de Faria lhe dizia verdade, & que lhe falaua como homem experimentado & liure. E sem dar conta a pessoa alguma d'aquelle negocio, tanto que foi de madrugada, fingio que lhe vieraõ cartas de Ormuz, & que auia alteração contra a nossa fortaleza: & levantando o campo, tomando o Mealecan a par de si voltou pera á cidade. Os capitaes fidalgos, & todos os mais ficaraõ embaraçados com taõ supita mudança, sem lhes o Governador dar conta do que passaua. Chegados á cidade, mandou o Governador agasalhar Mealecan, em casas grandes, com guardas, & vigias, porque se não fosse, não sabendo ainda cousa alguma da morte do Accedecan, por que tudo foi em vns mesmos dias.

O Idalcan, que estaua em campo, tanto que ajuntou suas gentes, foi decendo o Gate, appareceo sobre a cidade de Bilgaõ, pouco depois da morte do Accedecan. Os capitaens aleuantados sabendo de

sua chegada foraõse recolhendo, vns pera a terra do Nizamaluco, & outros por mais não poderem se recolheraõ na cidade, pera se defenderem nella. Elrey pôs seu campo derredor della, mandandoa combater muito fortemente, & os de dentro defendendosse cõ muito valor: mas como estauaõ amedrontados (que isto he proprio de tyrannos, perderem o animo em presença de seu Rey) começaraõ a descoraçar, pedindo alguns capitaes misericordia a Elrey, que lhe elle concedeo, & outros trabalharaõ por fogir de noite. Nesta confusão foi está cidade entrada, & tomado ás mãos algumas cabeças principaes que logo foraõ feitos pedaços diante d'Elrey. Feito isto pôs ali capitaõ nouo, & o mesmo fez em todas as fortalezas, & tanadarias de Concan, reduzindoo outra vez á coroa do reino, por que o tinha dado ao Accedecan, determinando de mais o não dar a pessoa particular por se não fazer poderoso: arrendando suas terras, & aldeas, & pondo outras cousas em ordem.

CAPL



CAPITVLO XI.

*Dos tratos que ouue antre o Idalcan; & o Governador Martim Afonso de Sousa sobre lhe entregar Mealecan. E de como Cogecemacadin foi a Goa verse com o Governador, & lhe deu oitocentos mil cruzados pera Elrey de Portugal. E de outras muitas cousas,*



**A**VENDO tres dias que o Governador Martim Afonso de Sousa era recolhido pera Goa, chegaraõ as nouas da morte do Accedecan, & de como Elrey disbaratara os cõjurados, & ficaua em Bilgaõ pro uendo nas cousas do Decan. Entaõ acabou de entender que Pero de Faria fora Anjo, que o auisara, por que se tiuera passado á outra banda perderase de todo. E logo com muita breuidade despedio vm Embaixador a visitar o Idalcan, & a darlhe os parabens da victoria, offerecendosse lhe pera tudo o que fosse de seu seruiço. Este Embaixador foi muito bem recebido do Idalcan, & o tornou logo a despedir com grandes agardecimentos d'aquella visitaçãõ: naõ sabendo dos tratos que tinhaõ passado antre elle & o Accedecan: ou se o sabia dissimulouo pello que

lhe conuinha. E sabêdo o Idalcan como Mealecan estaua em Goa, receandosse que em quanto fosse viuo sempre tiuesse alteraçõs (como quem conhecia bem a natureza dos Mouros) & querendosse segurar, tratou de o auer ás mãos por todos os meys que podesse, & despidio logo vm Embaixador, pessoa muito principal de sua casa, pera ir tratar negocios com o Governador, & recebendoo bem o ouuiu só.

Elle lhe disse que o Idalcan seu senhor como grãde seruidor d'Elrey de Portugal, & como quem desejava de conseruar sua amizade, lhe daua & trespassaua liuremente todo o direito que tinha no thifouro do Accedecan, & que o podia mandar tomar em toda a parte em que estiuessse. E q̃ pello muito q̃ merecia ao seruiço d'Elrey de Portugal lhe pedia, lhe mandasse entregar seu tio Mealecan, sobre sua fé de o naõ matar: por que naõ queria mais que polo em parte a onde se naõ podesse recear delle: & que daria por isso a Elrey de Portugal as terras firmes de Salfete, & Bardes, com suas tanadarias, rendas, & alfandegas, perpetuamente, pera elle, & pera todos seus descendentes, que renderiaõ setenta mil pardaos cada anno.

O Governador pós todas aquellas cousas em conselho, & nelle se assentou, que por nenhũa cousa da vida



vida se podia entregar Mealecan que viera de Cambaya, a onde estava seguro, debaixo da fé dos Portugueses. E por que Elrey não perdese hũa tão grande cousa como a que se lhe offerecia, que se buscasse vñ meyo honesto & licito, com que as terras ficassem ao Estado, & o Idalcan satisfeito, & quieto, que pois elle não tratava de mais que de se segurar de Mealecan, por estar cõ elle pejado naquella cidade de Goa: que se mandasse pera o reino, ou pera Malaca, ou Maluco. Isto se fez a saber ao Embaixador, que logo despedio correos ao Idalcan, que estava em Bilgaõ esperádo pella reposta.

Chegadas as cartas, & sabendo o que se tratara, entendendo mñy bem que os Portugueses per nenhum caso lhe auiaõ de entregar Mealecan, & que o que o Governador offerecia era o melhor meyo que naquelle negocio se podia tomar: & que em qualquer d'aquellas partes que Meale estivesse, lhe não podia fazer nojo, aceitou os partidos, & os Embaixadores por virtude de seus poderes, assentaraõ com o Governador aquelle negocio fazendo seus papeis. E logo deraõ posse d'aquellas terras ao Governador, que a mandou actualmente tomar por dom Garcia de Crasto, que foi em companhia dos Embaixadores, que lhas foraõ entregar: & logo se arrendaraõ a Crisna Tanadar mór de

Goa, em cento, & corenta & tres mil pardaos em tres annos: & tantos achamos carregados em receita na arrecadação de Fabiaõ da Mota, que naquelle tempo servia de thifoureiro em Goa.

Despedidos os Embaixadores muito contentes, mandou o Governador ter grãde resguardo em Mealecan, por que se não saísse de Goa, dandolhe hũa grossa teca pera seu divertimento. E por que o Idalcan tambem tinha trespassado o direito que tinha no thizouro do Accedecan em Elrey de Portugal, tratou de ver se por mñha o podia auer ás mãos, & despedio logo Fernão de Sousa de Tauora, em hũa Galé, & com elle Ruy Gonçalvez de Caminha (irmaõ de Ioaõ Alvarez de Caminha thifoureiro do reino, q̃ tinha hũa filha casada com dom Dinis de Faro) este Ruy Gonçalvez de Caminha era grande amigo do Cogecemaçadim, pera ir ao rio de Sanguicer ao persuadir que se fosse a Goa ver com o Governador, leuandolhe pera isso seguros reais, & escreuendolhe o Governador cartas de muitos mimos. E a Fernão de Sousa deu por regimento, que tomasse as fustas da companhia de Nuno Pereira de Lacerda, a quem escreueo que se fosse pera Goa. Chegado Fernão de Sousa áquelle rio, tanto que Nuno Pereira vio as cartas, & regimento do Governador, logo se foi pera Goa



Goa no seu nauio muito agrauado do Governador o tirar d'aquella impresa, em que auia dous meses que estaua.

Ruy Gonçaluez de Caminha se vio em terra com Cogecemaçadim, & tantas cousas lhe disse que o rendeo a ir com elle a Goa, & se embarcou na Galé de Fernão de Sousa. O Governador o recebeo bem, & lhe fez muitos mimos & caricias, & fechados ambos, o que antre si passaraõ ninguem o sabe: fomento o publico foi, que daria a Elrey de Portugal, oitocētos mil cruzados de concerto, pella aução que o Idalcán lhe tinha dado no thifouro do Accedecan, de que daria logo em Cananor coatrocētos mil cruzados, a onde o poriaõ a elle: & os outros coatrocentos mil daria no Março seguinte. Cõ isto o despedio o Governador com muitas honras & peças, & se tornou a embarcar com Fernão de Sousa, & com elle o Secretario Antonio Cardoso, pera tomar entrega do dinheiro, & em vm catur ligeiro o levar a Cochim, & o repar-

tir pellas naos do reino.

Chegados a Sanguicer recolheo Cogecemaçadim toda sua familia em nauios que pera isso leuou, & passou a Cananor, indo com elle Fernão de Sousa. Aquelle Rey o recebeo bem, & elle se aposentou em casas que tinha mandado fazer, & a onde já tinha os seus criados com o thifouro, & quinhentos Naires em guarda, que elle pagaua mūy bem. Logo ao outro dia entregou os coatrocentos mil cruzados a Antonio Cardoso todos em barras d'ouro, & tomando os em vm catur, passou a Cochim já em Ianeiro, & achou já de verga d'alto a nao capitania, & a de Fernão d'Alvarez da Cunha. E entregou a Diogo da Sylueira trezētos mil cruzados, pera no reino os dar a Elrey, & os cento a Iorge de Lima, que tinha acabado de seruir a capitania de Chaul, & ya embarcado na nao de Fernão d'Alvarez. Estas naos tiueraõ boa viagem, & chegaraõ a saluamento: & Elrey estimou muito o dinheiro por estar o reino despezo.

*Fim do Nono Liuro.*

N n

LIVRO





# LIVRO DECIMO

## DA QVINTA DECADA

### DA HISTORIA DA INDIA.

#### CAPITOLO I.

*Do principio do reino de Ormuz, & Reys que a té oje teue. E de como Elrey Xarxa faleceo, & o Governador Martim Afonso de Sousa aleuantou por Rey a Toruxa que estaua em Goa. E de como foi pera seu reino, entregue a Luis Falcão, que ya entrar naquella fortaleza. E de como o Governador se foi ver com Cogecemaçadim a Cananor.*

**P**RIMEIRO que tratemos da morte d'Elrey Xargolxá de Ormuz, que faleceo este veraõ, nos pareceo bem darmos conta da fundação do reino de Ormuz, & de todos os Reys que teue a té oje. Assim por guardarmos a ordẽ q̃ atégora seguimos em todos os reinos, como por tirarmos algũa duuida q̃ se nos offereceo nas Decadas de loão de Barros, quando fala nos Reys cegos, que Afonso d'Albuquerque mandou pera Goa.

Pello que se á de saber, que perto dos annos de nossa redemção, de mil, duzentos & cincoenta, sendo Rey de Persia Abagahan, filho do graõ Tartaro Hallehan (a que todos os escritores chamaõ Alacu, & outros Halaonó, & Marco Polo Hulan) que por mandado de seu irmão Maguhan (q̃ o mesmo Marco Polo poe pello coarto do numero dos Emperadores do Cathayo: & Aiton Armenio pello coarto. E assi o poem Sabellico, & lhe chama Magon, ou Meton) foi cõquistar a terra santa q̃ os Turcos tinhaõ tomado os annos atras de mil & cento & setenta & dous, persuadido do Papa Innocencio coarto, q̃ a isso lhe mandou religiosos, & em toda esta conta vay Marco Polo Veneto errado: & diz elle q̃ este Tartaro Maguchan se fizera Christaõ a rogo de Aiton Rey de Armenia, q̃ se foi cõ elle ver á cida de de Cambalec, a onde elle tinha sua corte: a cujo rogo este Tartaro se fez Christaõ, mandado com elle seu irmão Halehan com grandes exercitos, para tornar a cobrar a terra sãta de poder dos Mouros, como fez: marado em batalha o Califá de Babilonia Mustassem Mubila,



Mubila, em quem se acabaraõ os Califas dos Arabios. No tempo de sua morte ay varias opinioens, por que Marco Polo affirma ser nos annos de mil duzentos & cincoenta. Ayton Armenio, no de mil duzentos cincoenta & oito. E isso mesmo tem o nosso Ioaõ de Barros na 2. decada. Em fim como quer que seja ficou Halehan conquistando toda a Persia, Arabia, Suria, Palestina, & outras prouincias: & por sua morte herdou todos estes estados seu filho Abaca, ou Abagahan, homẽ valeroso, muito amigo dos Christaõs, & q̃ em sua vida perseguio muito aos Mouros. E por q̃ naõ recreça aqui algũa duuida aos leitores quando lerem Halehá, Abagahan, Maguhã, achandoos nomeados nõs autores Abagacan, Magucan, & todos com este sobre nome de Can, saberaõ, que este, Han, he titulo antre os Tartaros, que quer dizer senhor, & delles correo por todos os reinos do Oriente, & he a cousa de que se os grandes mais hõraõ que todas. E como a pronunciação cõ que o elles nomeaõ naõ cabe na nossa, por q̃ o fazem na garganta, & com hũa aspiração q̃ naõ se lhe entende mais que aquella, an, vieraõ a lhe chamar Can, & ainda se corrompeo mais, por que vulgarmente lhe chamaõ, Caõ.

E deixando isto: Por morte de Abagahan, socedeo em todos aquellos estados seu filho Tãgodar,

que se fez Mouro, & foi grande perseguidor de Christaõs. E tornando ao fio de nossa historia. Reinando em Persia este Abagahan: era senhor de todo o estreito Persico, ao menos de todas as ilhas, vm senhor que se chamaua Maleccaez, & tinha seu assento na ilha de Caes, que está pello estreito dentro alem de Ormuz, perto de corenta legoas, pegada á costa de Persia, naquella parte que os naturaes chamaõ Dolestan. Era no mesmo tépo senhor do Magostan, & tudo aquillo que jaz no sertão de Ormuz, a té o cabo de Iasques vm Mouro chamado Groduxa, que tinha seu assento em hũa cidade chamada Armuz, que he a de que Ptholemeo faz menção em suas tauoas: de q̃ ainda oje se vem algũas roinas junto de hũa fortaleza que se chama Cruxtac: ainda que outros dizem, que mais o parecem outras que se vem em vm lugar chamado Menao, que jaz sobre vm rio que atraveffa pello Magostan. Este Groduxa inuejoso do grande commercio, & trato do senhor de Caes, pello grãde concurso de naos, que de continuo auia na sua ilha, que a ella concorriaõ de todas as partes do Oriẽte, desda prouincia da China a té o estreito do már roxo, donde se leuauaõ todas as drõgas, roupas, sedas, pedraria, & todas as mais riquezas & louçainhas de todas as partes, & dali se espalhauaõ pera

Nn 2 Persia,



*Quinta Decada.*

Perfia, Grecia, & pera toda a Europa, com cujas entradas aquelle senhor de Caes estava muito rico. Desejoso Grodusa de fazer algum porto onde auocasse aquelle trato, & naos: vendo que tinha o senhor de Caes hũa ilha deserta pegada a seu senhorio chamada Gerum, por cuja pórtia passauão todas as naos que entrauaõ pera dentro do estreito: & dissimulando o que tinha no peito, tratou com aquelle senhor, que lhe vendesse aquella ilha, pois lhe não seruiã de cousa algũa, & era tão esteril, que não daua hũa só erua verde: nem tinha em si mais que ferras de sal, sem agoa, & sem outra cousa algũa de que se podessem aproveitar. O Malec caez, não caindo na pretensão do Groduxá, vendeo, posto que contra vontade de sua mãy (que dizem lhe profetizou o que depois veyo a ser.) Em fim feito Groduxá senhor d'aquella ilha, a mandou logo pouoar, & formou armadas com que começou a auocar a ella todas as naos que yaõ pera Caéz, fazendo grandes fauores a os mercadores nos direitos, & nas compras, & vendas de suas fazendas: com o que se começou aquelle porto a frequetar, & a faltarem na ilha de Caéz todas as cousas. Sobre isto se moueraõ guerras entre aquelles dous Mouros.

Mas como Groduxá estava já rico & poderoso, não só se defen-

*Da historia da India.*

deo delle, mas ainda lhe foi tomar a ilha de Caéz, fazendosse senhor de todo o seu estado. Era este Malec caez vassallo do Rey de Persia, & tinha lhe mandado pedir socorro contra o inimigo, & quando lhe chegou já tinha perdido o estado. Os Persas que vinhaõ de socorro entraraõ pello senhorio do Groduxá, & o senhorearaõ logo, & o Groduxá se acolheo pera a ilha de Ormuz, donde mandou Embaixadores á Persia com muito dinheiro & peças, offerecendolhe vassalagem. Isto o abrandou de feição que lhe tornou a restituir seu estado, fazendosse seu vassallo, com obrigação de parcas cada anno: & q̃ de cinco em cinco mandasse seus Embaixadores á Persia a dar obediencia a Elrey.

Vendosse Grodusa quieto, começou a fazer cabeça de seu reino aquella ilha Gerum, fundando nella hũa fermosa cidade a que pôs nome Ormuz, como a que tinha no Magostaõ, engrandecendoa tanto com o commercio, & trato das naos, que a ella auocou, que a fez hũa das mais celebradas do Oriente. Reinou este Grodusa no reino de Ormuz trinta annos, ficaraõ lhe dous filhos, o primeiro Torunxa, que reinou vinte & coatro annos: & o outro Mahamedxa que socedeo ao irmão por não ter filhos, q̃ reinou vinte & no ue. A este socedeo Cobadixa seu filho,



filho, que reinou trinta annos, ficaraõlhe dous filhos, Ceifadixá que reinou vinte annos, & Torunxá, que herdou o reino por não ficarem filhos ao irmão, que reinou trinta annos. A este ficaraõ coatro filhos Magcudxá, Xabadi, Xargol, & Xaués: que todos reinaraõ violentamente tirando Magcudxá, mais velho, que reinou dez annos, Xabadi onze, & Xaués, que era o derradeiro, anno & meyo: por que o Xargol que era o mais velho estaua fogido em Lasac, por que o irmão se levantou contra elle, & lhe tomou o reino: & de lá com ajuda d'aquelle Rey veyo contra o irmão, & o lançou fóra do reino ficando elle Rey, em que viuẽto trinta annos.

Este reinaua quando Afonso d'Albuquerque, sendo capitão mór d'aquelle estreito foi ter a Ormuz os annos de mil quinhentos & sete. Faleceo este Rey sem deixar filhos, & os póuos levantaraõ por Rey a Ceifadim, filho de Xaués, aquelle que o irmão lançou fóra do reino, que era entãõ minino de dez annos. Este reinaua quando Afonso d'Albuquerque sendo Governador da India os annos de mil quinhentos & catorze, ganhou aquelle reino, & o fez vassallo d'Elrey de Portugal. Este Ceifadim reinou dez annos, & socedeolhe seu irmão Torúxá que reinou noue annos. A este socedeo Mahamedxá, que reinou

noue annos, & era filho de Ceifadim. Por mórte deste socedeo Xargolxá filho de Torunxá, que foi o que Nuno da Cunha mandou trazer de Ormuz, por euitar diuisoens no reino, & o teue em Cochim, onde ouue vm filho chamado Torunxá em hũa molher Abexim chamada Bibigazelá, por que dizem que tinha olhos de gazéla. Este Xargol mandou depois Nuno da Cunha pera ir soceder no reino, vindolhe nouas da mórte d'Elrey Ceifadim, & foi o que concedeo a alfandega aos Reys de Portugal, como consta das doaçoens que estaõ na feitoria de Ormuz, como atras temos dito no capitulo quinto do nono liuro. Este faleceo este Nouembro passado de corenta & tres. E logo o Guazil & pessoas principaes do reino mandaraõ pedir ao Governador Martim Afonso de Sousa lhes desse Torúxá seu filho que estaua em Goa para herdar o reino, por não auer outro herdeiro.

E primeiro q̃ passemos d'aquí será bem que soltemos a duuida q̃ em principio dissemos, dos treze Reys cegos, que Ioão de Barros diz, que Afonso d'Albuquerque mandou pera Goa, de quem se não fala no catalogo que trouxemos de todos os Reys de Ormuz, nem ouue em algum tempo cegar-se Rey algũ, pera outro lhe tomar o reino depois de ser já Rey. E inquirindo nós isto bê achamos

Nn 3 que



*Quinta Decada. Da historia da India.*

que nenhum dos cegos foi Rey, mas foraõ irmaõs, & primos com irmaõs, filhos de Magçud, Xabaddim, Xargol, & Xaués, d'aquelles coatro irmaõs filhos de Torũxá, q̃ todos reinaraõ vns apos outros. Por q̃ costumauaõ aquelles Reys, tanto que socediaõ, cegarem aos irmaõs, primos, & parentes, que podiaõ ter pretençaõ no reino, & cegauaõnos com hũa pasta de metal tirada do fogo ardendo, & passada por diante dos olhos, cuja força lhe apagaua a vista, ficando-lhes os bugalhos, claros, & inteiros: o q̃ faziaõ por se não recearem delles: & tantos Reys cegos não podiaõ soceder em taõ pouco tempo, & achandoos todos viuos. E nós achamos homens em Goa que se lembravaõ ainda de dous destes cegos, de que se alguns Governadores descuidaraõ tanto, que chegaraõ a pedir esmola: & affirmauanos vm cidadão antigo, nobre, & fidalgo, que vira vm delles naquella terreiro da misericordia de Goa debaixo de hũa aruore, que antigamente ali estaua, que como outro Belisario, pedia esmola dizendo. Day esmola a este a quem cegaraõ por lhe tomareõ o reino.

E tornando a nossa ordem: nestas naos que vieraõ de Ormuz em Março, teue o Governador recado de como era falecido Elrey Xargol, & cartas do Guazil & pouo em que lhe pediaõ Torũxá seu filho pera Rey, que seria de idade

de doze annos, pello que logo o aleuantou por Rey, com a mór solennidade & aparato que pode ser: dando elle depois de aleuantado a menagem nas maõs do Governador, dizendo que recebia aquelle reino pera o ter & governar, em quãto Elrey de Portugal o ouuesse por bem. Feita esta cêrmonia, despachou o Governador logo a Luis Falcaõ Pereira, pera ir entrar na fortaleza de Ormuz, de que era prouido, dandolhe vm Galeaõ, & entregãdolhe aquelle Rey o dia que se d'elle despedio, acompanhãdoõ a té a rua. Dada á vela foraõ seguindo sua jornada.

Vendo o Governador que ficaua desembaraçado de negocios, se embarcou logo pera ir a Cananor a se ver cõ Cogecemaçadim, assi pera arrecadar os coatrocentos mil cruzados que ficou deuen-do, como pera ver se lhe podia arrancar mais das maõs. E pera ir mais aforrádo leuou sós seis Galeões, a em que elle ya, & nas outras Francisco de Sá dos oculos, dom Ioaõ Pereira, Bernaldim de Souza, Ioaõ de Mendoça o Chum, & Afonso Furtado. E leuou mais sete ou oito nauios ligeiros. Dada á vela, em coatro dias chegou a Cananor, & desembarcou na fortaleza, a onde o capitãõ Diogo Aluarez Telles o recebeo & agasalhou muy bem. D'ali tratou com Elrey de se verem, elle, & Cogecemaçadim: & assentou-se que fosse em casa do mesmo



mesmo Cogecemaçadim, a onde Elrey o esperaria. E o dia que auia de ser, mandou Elrey um seu sobrinho que era herdeiro do reino, pera ficar na fortaleza em refens: & mandou acompanhar o Governador por todos os seus Regedores. O Governador partio em um fermoso caualo bem ageasado, rodeado de todos aquelles fidalgos, & gente da armada, custosa, & louçamente vestidos, & com armas secretas. Serião as casas de Cogecemaçadim menos de meya legoa da fortaleza, & por todo aquelle caminho acharão os nossos peças de sedas q Cogecemaçadim mandou estender pera o Governador passar por cima, & muitos ramos, & cousas d'alegria: o que tudo os soldados recolherão. As casas de Cogecemaçadim estauão antre hũas ortas & aruaes frescos & sombrios: & chegando o Governador a ellas, achou já fora Elrey & Cogecemaçadim, que o esperauão: & o receberam mui honradamente. Dali se recolherão pera dentro, a onde auia grandes salas, & varãdas que tudo estaua ricamente aparamentado. Os poyaes das varandas que erão mui grandes, estauão todos cheyos de rosas & eruas cheirosas: & muitos frascos de agoas rozadas, & de outros cheiros, & muitas maneiras de conseruas, pera todos os que quisessem refrescar. O Governador com Elrey & Cogecemaçadim, se recolherão

pera hũa camara, a onde estiueraõ mais de hũa hora fõs, & o que antre elles se passou ninguem o soube, mais que sair o Governador satisfeito & contente. Cogecemaçadim, repartio por todos aquelles fidalgos, capitaens, & criados do Governador, muitas peças ricas de sedas, beirames, bofatas, carlãs, & outras. Despedido o Governador se tornou pera a fortaleza. Ao outro dia mandou Cogecemaçadim entregar os coatrocentos mil cruzados, que era obrigado a dar: & dizia-se, que não ficara o Governador com as mãos vazias. Feito isto, tornou o Governador a voltar pera Goa, & por ter o tempo contra si, pôs mais de quinze dias.

## CAPITULO II.

*Dos recados que ouue antre o Idalcan, & o Governador Martim Afonso de Sousa sobre Mealecan: & de como o Governador o mandou pera Cananor: & de outras cousas.*



ERA já em fim de Março, quando o Governador Martim Afonso de Sousa chegou a Goa, & começou a fazer prestes os prouimentos que auia de mandar pera Malaca & Maluco, sem tratar de



*Quinta Decada. Da historia da India.*

Mealecan, como estaua concertado antre elle & o Idalcan. Disto foi elle logo auizado, assi do que o Governador ~~passou~~ em Cogecemaçadim, como de não querer por então bolir com Mealecan cō quem estaua muito pejado: por q̃ quasi que tornaua a auer alteração antre os capitaens. E querêdo euitar isto mandou com muita pressa vñ Embaixador, chamado Cogemamede Chauili, pera ir ao Governador, requererlhe que lhe comprisse os côtratos que estauão assentados, & que mandasse Mealecan pera Maluco pois então era a moução: & pera o obrigar mais a isso, lhe mandou hũa boa pancada de dinheiro, de que achamos carregados sobre Bastião d'Afonseca feitor que então era de Goa, trinta, & dous mil pardaos d'ouro: & assi lhe mandou noua doação do thísouro do Accedecan.

Este Embaixador foi muito bẽ recebido do Governador, & tratou com elle aquellas cousas. E como estes Mouros trataõ todas suas cousas por figuras: assi este, pera lhe mostrar o como Cogecemaçadim o enganara em muitas partes, no concerto que com elle fez (por que tudo soube o Idalcan) lhe apresentou da parte do Idalcan dous pratos, vñ com poucas folhas de betere (que he a erua q̃ elles de contĩno mastigão) & outro muito cheyo dellas, tanto que pareciaõ quasi infinitas: dizendo-

lhe o Embaixador q̃ dizia o Idalcan seu senhor, que o dinheiro que Cogecemaçadim lhe dera de côcerto, era como aquellas poucas folhas de betere, em comparação do outro prato cheyo dellas, que era figura do muito que lhe ficaua: que lhe pedia trabalhasse por auer tudo ás maõs, pois pertencia a Elrey de Portugal, pella doação que delte lhe tinha feito. O Governador ficou sobrefaltado, por q̃ lhe tinha Cogecemaçadim metido em cabeça que o thísouro não passaua de milhaõ d'ouro. E dando os agardcimentos ao Embaixador d'aquella amizade, que o Idalcan fazia a Elrey de Portugal, lhe disse, que em tudo o satisfaria.

E pera o Embaixador ver que logo punha aquelle negocio em effeito: mandou com muita pressa aparelhar hũa carauela, de que era capitão Pero Vaz de Siqueira, & lhe entregou Mealecan, pera q̃ o fosse pór em Cananor: & que o entregasse ao capitão pera que o tiuesse na fortaleza a bom recado: escreuendolhe que o deixasse de quando em quando ir visitar Elrey, & Cogecemaçadim, ficando-lhe sempre sua molher & filhos dos muros pera dentro, em casas decentes em que o aposentaria. E mandou dizer pello Embaixador (que o vio embarcar) ao Idalcan, que mandaua Mealecan pera Cananor, por que tinha escrito a Elrey de Portugal, sobre os contra-

tos



tos, que tinhaõ feitos, & que esperaua por resposta pera saber o que queria fizesse delle, & que a tè não vir seu recado o não podia mǎdar pera Maluco, por que poderia ser que lhe escreuesse Elrey, q̃ o mandasse pera Portugal. Com isto se foi o Embaixador satisfeito, & o Idalcan o ficou també em parte.

A tenção do Governador mǎdar Mealecan pera Cananor, não achamos della a certeza: mas o q̃ nos parece he, q̃ foi por duas causas: hũa por ter sempre enfreado o Idalcan com o ter taõ perto: & a outra por ver se podia colher o Cogecemaçadim dentro na fortaleza, pera fazer nelle preza, a tè lhe entregar o thifouro: mas o Cogecemaçadim viueo depois com tantas cautellas, que nunca quis ir visitar o Mealecan, seruindoo elle com tudo o que auia mister mūy abastadamente. Antes o Mealecã ya algũas vezes a sua casa: & quando o queria fazer lhe mandaua o capitaõ preparar vm feroso cavallo, mandãdoo acompanhar pela sua guarda: & todauia com tamanho resguardo, que primeiro q̃ fosse, mandaua ver se ficaua sua molher & filhos em casa. E o homem que tinha isto a cargo chamauasse Pero Telez. E ainda nesta era de nouenta & sete, em que isto escreuemos, viue nesta cidade de Goa, & nos deu destas cousas boa informação, como testemunha de vista.

Tanto que o Governador despedio o Mealecan, & o Embaixador do Idalcan, parecêdolhe obrigação mandalo tambem visitar, pois corria taõ pontualmẽte com elle, & a darlhe os agardecimẽtos de tantas amizades, despedio por Embaixador vm homem fidalgo chamado Iorge de Sousa, por quẽ lhe mǎdou vm corioso & rico presente, de sedas, & brocados da Europa, em que entrava hũa peça, q̃ custou a dez mil reis o couado. Mǎdoulhe mais coatro ferosos ginetes ageasados d'ouro & prata, com telizes dobrados de Damascos. E com isto lhe mandou hũa prouisaõ, pera que todos os annos podesse mandar leuar da cidade de Goa, doze caualos forros dos direitos. Este Embaixador foi muito bem recebido do Idalcan, que estimou muito aquella visitaçãõ, & o mǎdou agasalhar na corte, a onde auia de inuernar.

### CAPITVLO III.

*Das cousas que acontecerãõ em Ormuz, a tè chegar Elrey Toruxã. E da guerra que o Rey de Xirãz fez àquelle reino: & de alguns recontros que tiuerãõ com os Portugueses: & que cousas sãõ Mocarrarias.*

Pouco





OVCO ha que demos rezaõ das cou-  
sas do reino de Or-  
muz, & de sua fun-  
dação: & de como  
Groduxá senhor do Magostaõ, se  
fez Rey d'aquella ilha Gerum: Foi  
depois disto correndo o tempo,  
andando aquelle reino sempre em  
seus descendentes, como temos  
contado, socedendo no reino de  
Persia depois tantas mudanças, sen-  
do hũa vez conquistado de Tartar-  
ros, sendo seu Emperador Chiquis-  
can: & depois do Graõ Tamorlaõ,  
depois do Graõ Sofi, com o que a-  
quelles Reys de Ormuz tiueraõ  
lugar pera se isentarem da obriga-  
ção dos da Persia, & de lhe toma-  
rem ainda muitas cousas que a-  
crecentaraõ em seu estádo, como  
foi o reino de Barem, & o de Ca-  
tifa da outra banda de Arabia: Cõ  
isto, & com o comercio, & trato d'a  
quella ilha, creceo muito em ren-  
das. E como de todas as partes do  
Oriente yaõ ali fazendas, acodiaõ  
dellè fertaõ da Persia, Coraçone,  
Georgia, & de todos os mais rei-  
nos a té Moscouia, grandes casilas  
de mercadores, com outras, a co-  
mutar & vender suas fazêdas: estas  
casilas eraõ muitas vezes impedi-  
das por esses caminhos dos Reys  
do Xirás, Lara, & de outros senho-  
res d'esse fertaõ: o que era grande  
perda pera aquella ilha Gerum,  
pella falta que yaõ fazendo em  
suas entradas.

Pello que lhe foi forçado con-  
certarse Elrey de Ormuz com to-  
dos aquelles Reys, por cujas terras  
as suas casilas passauaõ, pera lhes  
naõ impedirem os caminhos, dâ-  
do vns tantos leques cada anno a  
cada vnm: naõ em modo de pareas,  
se naõ de presente, a que elles cha-  
maõ, mocarrarias, de que no fun-  
damento do reino de Ormuz, fa-  
lamos, capitulo segundo do deci-  
mo liuro, sem declararmos o que  
era. E isto era o que aquelle Em-  
baixador da Persia vinha arrecar-  
dar a Ormuz, quãdo Afoñso d'Al-  
buquerque tomou aquella cidade,  
que lhe mandou a mostrar vns ce-  
stos de pilouros, & ferros de lâças,  
dizendo, que aquellas eraõ as pa-  
reas que aquelle reino q̃ era d'El-  
rey de Portugal pagaua a quem as  
pedia. Cõtinuando aquelles Reys  
de Ormuz com estas beneuolências  
(que assi podemos chamar a estas  
mocarrarias) descuidouse o Xar-  
gol Xá, que agora faleceo, de pa-  
gar isto alguns annos ao Rey de  
Xirás: & pella ventura que fosse  
por naõ poder mais, por estar po-  
bre, pellas grandes pareas que pa-  
gaua a Elrey de Portugal. Do que  
enfadado este Rey de Xirás, sabê-  
do da morte do Xargolxá, entrou  
com perto de dez mil canaõs pel-  
las terras do Magostaõ, com duas  
pretençoens, hũa pera se pagar do  
que lhe diuiaõ: a outra, pera ver se  
se podia senhorear d'algũas fortã-  
lezas que por aquella parte auia.  
A gen-



A gente inutil tanto que o sintio foi fugindo pera Ormuz: & a principal, & de guerra, se recolheu pera as fortalezas de Xamel, Minao, & outras a onde se fortificaraõ. Elrey de Xirás sem bolir em cousa algũa, chegou a tè a outra banda de Ormuz, & d'ali escreueo hũa carta a Martim Afonso de Mello Iuzarte, capitão d'aquella fortaleza toda de cumprimentos, sem se declarar, nem concluir em cousa algũa. O capitão entendendo que aquillo era inuençaõ, chamou a conselho os homens que pera isso eraõ, & mostrandolhes a carta praticou com elles aquelle negocio, & assentouse q̃ mãdasse vigiar Elrey de Xirás por algum homem de entendimento, pera ver se podia alcançar sua determinação.

Pera isto escolheu o capitão vm Aleixos Carualho que sabia a lingua Parsea, & por elle mandou dar aquelle Rey os parabês de sua vindo, & agardecerlhe a visitaçaõ, escreuendolhe tambem outra carta cheya de cumprimentos como a sua: & deu por regimento a Aleixos Carualho que trabalhasse por ver se podia alcançar Elrey em palauras, & saber delle, ou de algũ capitão seu, sua determinação.

Partido este homem, despedio tambem o Guazil (que governaua o reino por morte d'Elrey) pera se ir pór da outra banda do Magostaõ, com toda a gente que podesse ajuntar, & que mandasse cõ

muita breuidade prouer as fortalezas, por que se aquelle Rey vinha com algũa má inclinação, as não tomasse descuidadas: o que o Guazil fez com muita pressa. Aleixos Carualho foi em companhia dos Mouros & leuaraõ a carta ao capitão, ao seu exercito, vm dia de caminho, pello serto dentro. Elrey o recebeo bem, & elle lhe deu sua embaixada na fórma que dissemos. Ali se deteu dous dias, & em muitas praticas que teue com Elrey, & com os seus capitaens, não pode alcançar a causa d'aquella vinda, nem o que aquelle Rey determinaua. E passados elles, se despedio, mandando Elrey tambem fazer grandes offerecimẽtos ao capitão.

Partido o Aleixos de Carualho, mandou Elrey logo alguns capitaens sobre as fortalezas de Mejeaõ, & Mináo, do que foi logo auisado: & como já tinha dentro algũa gente, que por entaõ bastaua, não quis bolir comsigo, & mãdou recado ao capitão de Ormuz pedindolhe soccorresse a fortaleza de Mináo, que era a mais importante. Com este recado despedio Martim Afonso de Mello Iuzarte logo Belchior de Sousa, homem fidalgo, & bom caualeiro, cõ setenta Portugueses pera se ir meter naquella fortaleza.

Que passado á outra banda foi marchando no coarto d'alua em muito silencio, mandando diante espias,



*Quinta Decada. Da historia da India.*

espias, porque determinaua de passar pello exercito dos imigos, & meterse dentro, mandando vni Mouro de recado dar auiso aos da fortaleza, pera que estiuesssem prestes pera o recolherem. E indo já perto da fortaleza teue auiso das espias, que hũa companhia de trezentos torquimais ya tambem pera a fortaleza, ajuntarse com os mais que lá estauão. Belchior de Sousa como era homem determinado, disse aos companheiros que chegasssem a elles, & os cometessem, por que como era de noite, & escuro, não podiaõ enxergar os poucos que eraõ, & que esperaua em Deos de os desbaratarem facilmente. E assi foi, que chegando aos Mouros que caminhauão descuidados, arremeteraõ a elles com tamanhas gritas, que fazia parecer o numero mayor: & dandolhes a primeira surriada de arcabuzaria, derribaraõlhe logo mais de coreta: & metendosse de enuolta com elles os começaraõ a cortar á sua vontade.

Os Mouros como não viaõ o numero dos nossos, & o estrondo q̃ faziaõ era de mayor quantidade, parecendolhes que eraõ muitos mais, começaraõ a se pôr em disbarato, ficando os nossos senhores do campo com vm só homẽ perdido: fazendo todos obras bem dinas de mayor capitulo. E vendosse com a maõ folgada foraõ passando adiante, & como era es-

curo, passaraõ de longo do arrayal dos Mouros, & meteraõse na fortaleza. Os Mouros ao outro dia souberaõ o que era passado, & como os Portugueses estauão já dentro, despediraõ recado a Elrey, q̃ lhe mandou outros capitaens, com tres mil homens de soccorro: & juntos todos cercaraõ a fortaleza toda á roda, dandolhe muitos assaltos, em que os Portugueses se defenderaõ co valor com que antes que entrasssem na fortaleza os tinhaõ offendido. As particularidades deste cerco não achamos, & por isso o contamos assi em soma.

O capitaõ de Ormuz tanto que viu que Elrey de Xirás se declaraua, armou cinco nauios, de que eraõ capitaens, Diogo Mendez Dourado, Ioaõ da Cruz, Antonio Machado, Thome de Matos, & Francisco Fernandez, & lhes mandou que andassem por toda a costa do Magostaõ defendendoa, & favorecendo os naturaes. Neste estado estauão as cousas de Ormuz, quando chegou Luis Falcaõ com Elrey Torunxá, que foi muito bê recebido no reino. Com sua chegada correrãõ recados antre elle & Elrey de Xirás, com quem se logo concertou, & elle se recolheo pera suas terras, ficando aquelle reino desapressado: & Martim Afonso de Mello Iuzarte entregou a fortaleza a Luis Falcaõ, & elle ficou inuernando nella.

C A P I



CAPITVLO IIII.

*Do q̃ aconteceo aos Portugue-  
ses na Abasia: & das cousas  
que fez Diogo de Reinoso  
por aquelle estreito.*

**D**EIXAMOS no capitulo 4. do 9. liuro as cousas da Abasia com os nossos ficarem inuernando em companhia do Emperador sobre o rio Nilo, naquelle mesmo lugar a onde ouueraõ aquella grãde vitoria d'Elrey de Zeilá, muito mimosos todos do Emperador, & da Raynha sua mãy, que sempre foi triste pella morte de dom Christouão da Gama: & correndo as nouas por todos os reinos da chegada do Emperador, & do desbarato dos Mouros, & morte do Rey de Zeilá: começaraõ a acodir todos os vassallos que estauaõ recolhidos em serras, & passos fortes, com medo dos Mouros, ficando o Emperador já com um muito poderoso exercito.

Tanto q̃ o veraõ entrou, leuãtou o Emperador seu campo, & foi visitando todos aquelles reinos, quietandoos, & segurandoos, no que os Portugueses o seruiã com muito amor, & elle tambem lho mostrou. E vindosse já chegando o tempo de lhes vir recado da India, pediu Manoel da Cunha ao Emperador licença pera se ir pera Ma-

qua, esperar a armada, q̃ forçado os auia de vir buscar. O Emperador trabalhou muito pello deter: mas releuaua a Manoel da Cunha muito passar á India, & por esta rezaõ insistio na licença, q̃ em fim lhe deu fazendolhes merces a todos os da sua companhia, q̃ eraõ cincoenta: por q̃ os mais quiserã ficar por suas vótades, & muitos delles se casaraõ na terra, & tiueraõ filhos & filhas, q̃ ainda oje viuem lá: & daquelles vieraõ depois á India algũs com suas familias em tẽpo do Visorrey dom Constantino: & dous delles, Simaõ Fernãdez do Preste, & Diogo Diaz do Prestes, ambos homẽs hórados, & ricos, conuersamos nós nesta cidade de Goa, a onde viueraõ, & Elrey depois se seruiuo delles em algũas cousas.

Manoel da Cunha se despedio do Preste Ioaõ, & dos Portugueses com grandes saudades, & foi caminhãdo pera Maquã, onde o deixaremos, por que he necessario continuarmos com Diogo de Reinoso que o Governador Martim Afonso de Sousa mãdou ao estreito espiar as Galês.

Este fidalgo foi fazẽdo sua jornada atẽ embocar o estreito de bãda do Abexim, & foi discorrendo por aq̃lla costa atẽ a ilha de Cuaquẽ, se guardar o regimento que leuaua, (por que era mancebo, & orgulhoso, & o coraçã não lhe soffreo deixar de fazer traueffuras: ) & assi foi tomãdo algũas Geluas que achou,

O o & fazen-



*Quinta Decada. Da historia da India.*

& fazêdo prezas, até chegar a Cuaquem. Ali se deixou andar antre aquella ilha, & a terra firme, defendendo a passagem de hũa a outra parte, esbôbardeando, & atroando a terra de feição q̃ inquietou todo aquelle estreito: por onde logo correrão nouas, que era entrada nelle hũa armada Portuguesa. E assi souo isto, q̃ se affirma chegarem a Constantinopla, & enfadar-se muito o Turco, & fazer queixas a Diogo de Mesquita, q̃ lhe affirmou, seria algum aleuantado: & escreueo sobre isto a Portugal.

E tornãdo a Diogo de Reinoso: deixou-se andar por ali a tẽ se enfadar, q̃ se passou a Maçua, a onde já auia dous dias q̃ era chegado Manoel da Cunha, q̃ cõ os mais Portugueses estaua agasalhado em hũa aldea de Christãos. E acodindo á praya ás bôbardadas q̃ a tirou, acharaõ Diogo de Reinoso, q̃ festejaraõ summamẽte, leuãdoo pera a aldea. Ali se deraõ vns aos outros as nouas de tudo o q̃ era passado. E vêdo Manoel da Cunha q̃ não auia nauios em q̃ se podessẽ ir, elegeraõ antre si vm homem pera leuar as cartas do Preste Ioaõ ao Governador, & as d'Elrey de Portugal, a quẽ elle escreuia pera se lhe mandarẽ nas naos seguintes: & escreuendo todos ao Governador q̃ lhes mãdasse embarcações em q̃ se podessẽ ir, por q̃ não era rezaõ q̃ ficassẽ ali como degradãdos.

Este eleito segundo algũas lem-

branças foi Miguel de Castanhoso por ser homem nõbre, & de muito boa rezaõ, & estar manco de hũa perna: que depois foi ao reino, & leuou as cartas do Emperador a Elrey dom Ioaõ, & lhe apresentou vm tratado q̃ elle fez de toda a jornada de dõ Christouaõ da Gama, a modo de roteiro dia por dia, onde conta todas as cousas muiy particularmẽte, cujo tressado feito no Preste Ioaõ estã em nosso poder, & del le nos aproueitamos, pello auermos por muito verdadeiro: & assi o certificauaõ Simaõ Fernãdez, & Diogo Diaz do Prestes, q̃ a tudo se acharaõ presentes.

Diogo de Reinoso se despedio dos Portugueses que ficaraõ muito tristes, & foi esperar os Ponẽtes a Sacotorã, onde fez agoada, & tomou mâtímẽtos. Dali se fez á vela & chegou a Goa no fim de Abril, & desembarcando se foi ao Governador cõ Miguel de Castanhoso, q̃ elle recebeo bem, & lhe deu as cartas do Emperador da Abasia, & dos Portugueses: & sabendo da morte de dõ Christouaõ a finto muito, assi elle, como todos. Depois sabẽdo o Governador as cousas que Diogo de Reinoso fizera no estreito, & de como trespassara o seu regimento, o mandou prender em ferros. E disse ao Doutor Pero Fernandez Ouuidor geral, q̃ procedessẽ contra elle, & o sentenciassẽ conforme aos merecimẽtos de suas culpas.

E por



E porque sabia o estrondo que aquellas cousas auiaõ de fazer em Constantinopla, despedio logo cõ muita breuidade vm Iudeo chamado Soleimaõ, irmão de Isac do Cairo, com cartas pera Diogo de Mesquita a Constantinopla, em q̃ lhe daua cõta do caso, & de como Diogo de Reinoso ficaua preso pera o castigarem, pedindolhe tiuesse satisfações com o Graõ Turco. Estas cartas lhe foraõ dadas, & elle deu conta aos Baxás do conselho, do q̃ passaua, & de como aquillo fora só vm catur q̃ o Governador mãdara a saber nouas dos Portugueses, q̃ estauaõ na Abasia, & q̃ fizera o capitaõ d'elle algũas trauefuras de moço, mas q̃ seria castigado como homẽ. Cõ isto dizem q̃ se quietara o Turco. Diogo de Reinoso esteue taõ arriscado, q̃ lhe foi necessario chamar-se á menoridade: & sendo de mais de vinte & quatro annos, prouou q̃ era de menos de vinte, cõ o q̃ se liurou: porẽ foi cõdenado em algũ degredo, q̃ depois se lhe perdoou, por q̃ veyo a reposta das cartas q̃ o Iudeo leuou a Diogo de Mesquita, em que dizia ficar o Turco quieto.

CAPITOLO V.

*Das cousas que mais socederão em Maluco: & de como Ruy Lopez de Villalobos se foi a Tidore: & dos recados que se*

*passarão antre elle, & dom Forge. E de como chegou Iurdaõ de Freitas áquella fortaleza, & das cousas que acontecerão com sua chegada. E de como prendeo Elrey de Ternate, & o mandou pera Goa.*



**D**EIXAMOS no capitulo 6. do 9. liuro Ruy Lopez de Villalobos em Geilolo fortificado, a onde esteue alguns meses: & querendo fazer outro pouso pera mais perto, tomou por achague ser a terra muito doentia, & que já os Espanhoes auorreciaõ aos naturaes, & q̃ tratauaõ de os matarem a todos, & tomarem lhes a fazenda, & a artelharia. Com esta fama q̃ espalhou (q̃ era echadissa) despedio vm Prospero de Ramos cõ recado a Elrey de Tidore, mandádoo visitar, & a pedir-lhe licença pera se ir pera elle. Elrey recebeo este homem bẽ, & por elle lhe respondeo, q̃ sempre fora mal tratado dos Portugueses por recolher Castelhanos mas que se fosse elle pera aquella ilha, por que elle naõ o auia de lançar fora da terra, & que vissem elles se eraõ poderosos pera se sustentarẽ nella, & lançarẽ os Portugueses fora d'aquellas ilhas. Com esta reposta tornou o Villalobos a mãdar Matias de Aluarado com outro recado a dom Forge, pedindolhe



*Quinta Decada. Da historia da India.*

lhe q̃ lhe desse nauios pera se passar ás Felipinas, a onde estauão os nauios da sua companhia, & que se fossem taes q̃ nelles se podessem ir pera a noua Espanha, o fariaõ, & se fariaõ d'aquellas ilhas, saluo se o Emperador, ou o Principe Felipe seu filho, ou o Visorrey da noua Espanha mãdassẽ outra cousa. Parece q̃ quis o Castelhanao ver se podia auer ás mãos algũs nauios nossos, pera assi ficar dom Iorge mais enfraquecido. A voltas deste recado mandou o Villalobos a dom Alonso Anriquez com setenta homens, pera q̃ se fosse meter em Tidore. Dom Iorge recebeo o Matias bem, & antes que lhe respondesse foi auisado q̃ dom Alonso ficaua já em Tidore: & tomado das inuẽções do Castelhanao despedio o Matias secamente, & com palavras asperas: & mãdou dizer ao Villalobos, q̃ se fosse logo pera aquella fortaleza, q̃ lhe daria nauios, & tudo o de q̃ tiuesse necessidade pera se ir pera a noua Espanha, senaõ que logo seria com elle.

Destes ameassos lhe deu ao Castelhanao taõ pouco, q̃ logo se passou a Tidore, deixando a nao em Geilolo entregue a Iorge Ortiz de Arates cõ vinte soldados: antre estes entraua Ieronimo de Pedrosa, q̃ naõ estaua bẽ com o Villalobos. Este por cõuersar muito cõ o Rey, & cõ os Mouros, foi mixiricado cõ o Arates q̃ trataua cõ elles treição & q̃ lhe queria entregar a nao, pel-

lo q̃ foi preso & mãdado a Tidore a onde foi esquartejado. Neste tempo arribou o Galeão saõ Ioanillo, q̃ foi seiscentas legoas de Maluco, & coatrocẽtas do cabo del engano na noua Espanha, & por achar tempos contrarios se poseraõ em trinta graos do Norte: & achando que naõ tinhaõ mais que cẽto & vinte arrobas d'agoa arribaraõ ás Felipinas em onze dias, & ali se deixaraõ estar muito tempo por falta de moução, & depois se passaraõ a Tendaja, & d'ali a Caragaõ a onde os da terra lhe mataraõ o mestre.

E por que naõ acharaõ ali o seu capitaõ, tornaraõ se pera a Felipina, & rodearaõ a Cesaria, & chegaraõ outra vez a Tendaja, a onde acharaõ vinte & tres Espanhoes, & tres negros, da noua Espanha com duas negras, & o como ali foraõ ter naõ o achamos em lèbrança. E correndo de longo da Cesaria, acharaõ na baya da Refurreição hũa carta de Ruy Lopez de Villalobos, em que lhe dizia q̃ se fossem pera Geilolo, como fize-raõ. E chegando áquelle porto, sabendo estar ja em Tidore se foraõ pera elle, no cabo de noue meses q̃ tinhaõ partido pera a noua Espanha. Depois de sua chegada, negociou o Villalobos duas Corocoras, em q̃ mãdou Garcia de Escalante a buscar os Castelhanos que estauaõ nas Felipinas, que acharaõ em Tendaja, & com elles o Prior de santo Agostinho, cõ que voltaraõ pera



pera Tidore. Neste tempo começou Elrey de Tidore a fazer hũa fortaleza de pedra ençoſſo, em vm padraſto que ficaua ſobre as coſtas da cidade, no meſmo lugar em q̃ a tinha quando Antonio Galuaõ lha derribou: & por q̃ os Caſtelhanos o ajudauaõ na obra, por cuja indutria a faziaõ, lhes mandou Elrey dar a cada vm dez caxas por dia, q̃ valiaõ tres reaes da noſſa moeda, & algũ pouco de ſagum, & arroz.

E por que iſto não baltava basteo o Villalobos cõ licença d'Elrey vns ceitis pequenos de menos pezo, que os que corriaõ antigamẽte em Portugal, coadrados, & furados pello meyo: obrigandoffe a Elrey aos tornar a tomar no preço em q̃ ſe deſpédẽſſem, ou pagar a quebra quando ſe foſſe. Correndo a obra da fortaleza por ordẽ do Villalobos, tiueraõ rezoẽs vm Gaspar Melio, & outro ſoldado, & o Melio matou o outro, & acolheoffe pera a ilha de Moutel, dõde o Ruy Lopez o mãdou trazer, & em vez de o caſtigar, lhe fez muitas hõras, do q̃ Elrey tomou roins ſoſpeitas, por q̃ o Gaspar Melio foi depois diſto a noſſa fortaleza a negocios ſeus ſe cretamẽte, & ouue Elrey q̃ os Caſtelhanos tratauaõ cõ dõ lorge algũa couſa em ſeu perjuizo, & começoũſſe a carregar, & a dar de mãvõtade a raçaõ aos ſoldados, oq̃ foi cauſa de algũs com neceſſidade ſe paſſarẽ pera a noſſa fortaleza. Neste tẽpo (q̃ era em fim de Nouẽbro)

chegou áquella fortaleza o Galeaõ da carreira, em q̃ ya Iurdaõ de Freitas pera capitaõ. E por q̃ não continuamos com ſua jornada, por as couſas nos não darem lugar, o faremos agora aqui.

Chegado o Galeaõ a Malaca, ſabẽdo Ruy Vaz Pereira capitaõ da cidade, q̃ ali vinha Elrey de Maluco ja feito Chriſtaõ, o foi buscar, & o leuou cõ ſigo, fazẽdolhe a cidade vm grãde recebimento, & foi apouſentado em caſas q̃ pera elle eſtauaõ já preſtes. Aqui acharaõ nouas q̃ Elrey Aeiro (o irmaõ q̃ gouernaua o reino) eſtaua muito poderoso, & bem, & quieto. E como Iurdaõ de Freitas era homẽ q̃ entẽdia mũy bem a terra, receou, q̃ cõ a chegada d'Elrey dõ Manoel, feito Chriſtaõ, ouueſſe algũa alteraçaõ em os naturaes, & que lhe não quiſeſſe entregar o reino, cõ achaque de mudar ley, por que auia o Aeiro de os ter perſuadido, que ſe o recebeſſem, logo os auia de obligar a ſe fazerem Chriſtaõs.

E querendo atalhar a iſto, ajuntandoffe cõ o capitaõ em caſa d'Elrey, aprezentoulhe eſtes inconuenientes, dizẽdo, que pelloſ eſcuſar lhe parecia bẽ ficar Elrey dõ Manoel naquella fortaleza, & que iria elle tomar poſſe da de Maluco, & que na mouçaõ prẽderia o Gouernador Aeiro, & o embarcaria pera a India: & que entãõ iria Elrey dom Manoel, & q̃ tomaria liure & deſembargadamẽte poſſe



do seu reino. Pareceo aquillo bem a Elrey, & ao capitaõ de Malaca, & mais fidalgos & capitaens que ali auia, que para isso se chama- raõ. Vinda a moução se embar- cou Iurdaõ de Freitas, & foi surgir em Talangame, como atras disse- mos. Dom Iorge de Craсто o foi buscar, & o leuou pera sua casa, & logo lhe fez entrega da fortaleza, dandolhe conta do estado em que as cousas estauaõ.

Ruy Lopez de Villalobos sabê- do ser chegado capitaõ nouo o mandou visitar: Iurdaõ de Freitas lhe mandou responder com vm requerimento em que lhe dizia, q logo se fosse fóra d'aquellas ilhas, que eraõ d'Elrey de Portugal, fa- zendo sobre isso seus protestos co- mo os passados de dõ Iorge. Ruy Lopez tornou a replicar, & do re- cado em recado vieraõ a assentar em treguas por oito meses (que e- ra o tempo em que vns & outros podiaõ ter recado da noua Espa- nha, & da India) com estas condi- çoens: que naõ se trataassem, nem communicassem, nem Portugues algum fosse a Tidore, nem Caste- lhano algum a Ternate, sem licen- ça dos capitaens, & que Ruy Lo- pez mandaria hũa pessoa fiel, que lhes comprasse o crauo, & o pozes- sem na praya a onde o tomariaõ: & que se passassem alguns Caste- lhanos a Ternate, ou Portugueses a Tidore, sem terem cometido de- licto algum, se tornassem: & que

naõ tirassem mantimétos, vns das terras dos outros. E que encontrã- dosse no már em seus nauios, se naõ fizessem dano. E que Iurdaõ de Freitas auisaria dez dias antes do tempo de se acabarem as tre- goas. Estes capitulos juraraõ am- bos. E logo despedio o Villalobos o Galeaõ saõ Ioanillo pera a no- ua Espanha com cartas pera o Vi- sorrey, & foi por capitaõ Ignigo Ortiz Alferes mór, & partio a de- zafeis de Mayo deste anno de co- renta & cinco em que entramos. Leuaua o Ortiz por regimento q fosse pella banda do Sul, por que da outra vez foi pella do Norte: & assi se foi por em vinte graos, & passando a Equinocial foi dar na costa dos Papuas, por onde naue- garaõ quinhentas legoas de Leste Oeste, naõ se oulando a sair della por causa das correntes: & algũas vezes desembarcaraõ em terra, & tiueraõ algũas brigas com os natu- raes. E saindosse ao már largo a- charaõ os ventos pella proa, pello que lhes foi forçado tomar hũa ilha pequena, cujos naturaes lhes diziaõ que esperassem vm mês q lhe entrariaõ ventos em popa, o que o Piloto naõ quis fazer, & ar- ribou a Tidore, a onde chegou a coatro de Outubro de corenta & cinco. Com sua chegada ouue tan- tas diuisoens antre elles, que se pas- saraõ muitos Espanhoes pera Ter- nate.

Vendo Elrey isto, offereceose  
20



ao Villalobos, a fazer hũa nao grã-de, pera se ir pera a noua Espanha: & que dobraria a reção aos Castelhanos: mas como todos andauão já antre si reuoltos, nada disto ouue effeito. Ruy Lopez de Villalobos, vendo que arribara o saõ Ioa-nilho, determinou de mandar recado a Espanha por via da India: & pera isto se falou com vm Gaspar Melio, & lhe deu instrucções. Este homem se fez fogido pera a nossa fortaleza, agrauado do seu capitão, & se embarcou depois com dom Iorge, & em Goa faleceo.

Vindo a moução pera dom Iorge se embarcar, teue algũas differenças com Iurdaõ de Freitas, sobre lhe naõ querer deixar embarcar os homens de sua obrigação, pello que lhe emprestou duzentos bares de crauo, & depois de os recolher lhe pediu mais cento, de q se dom Iorge agrauou delle, & andaua atufado. E querẽdo vltimamente embarcar-se, mandou Iurdaõ de Freitas chamar Elrey Aei-ro, pera certos negocios: & como o teue na fortaleza lhe deitou vm macho. Sobre esta prisaõ ouue grã de reuolta em casa d'Elrey, & acodio o Vigairo com o Ouvidor pera quietar as molheres que se espalhauão, & ainda recolherão hũa filha d'Elrey de Tidore, & outra do de Geilolo, q o capitão agasalhau com sua molher.

O Rey de Geilolo mandou logo buscar sua filha, que lhe elle en-

tregou, & o mesmo fez o de Tidore: & veyo por ella Bernardo de la Torre, mestre de campo em doze Corocoras, que a leuou a Elrey cõ grandẽ vaydade. Iurdaõ de Freitas estando já o Galeão de largo foi embarcar Elrey, & o entregou a Francisco d'Azeuedo Coutinho capitão da viagem, que logo deu á vela para Malaca. Os nossos & os Castelhanos ficaraõ correndo em amizade, visitandõsse os capitaens dandõsse banquetes. E indo vm dia á nossa fortaleza o contador Guido de Lauazares a visitar o capitão, antre as praticas que tiue-raõ lhe disse, que pedisse de sua parte ao Villalobos, que o quisesse ajudar contra o Rey de Geilolo, por que lhe queria ir tomar hũa fortaleza que fazia em perjuizo d'aquella d'Elrey de Portugal, & mais por que era contra Mouros imigos de Christãos. Disto se escusou o Villalobos, o que logo soube o Rey de Geilolo, & foi visitar o Villalobos a Tidore: induzindoo a fazer guerra aos nossos, sobre o que elle o naõ ouuiõ.

Andauão as cousas taõ baralhadas que meteraõ em cabeça ao Rey de Tidore, que o Villalobos o queria entregar aos Portugueses, sobre o que se foi ver com elle, & lhe deu satisfaçoens com que o quietou. E estaua o Villalobos taõ mal quisto com todos, que a tẽ o Prior dos Agostinhos seu confessor, o naõ pode sofrer, & se passou



á nossa fortaleza, a onde foi bem agasalhado: & d'ali estreueo ao Villalobos, que tomasse conclusão cõ os Portugueses, primeiro q̃ viesse a armada da India, & depois disto tornou-se a ver com elle em Tido-re, affirmandolhe que estaua ex-comungado elle & todos se se não fossem pera os Portugueses: & vê-do que o não podia mouer, tornou-se pera a nossa fortaleza com todos os seus frâdes, deixando os Castelhanos muito diuisos.

## CAPITVLO VI.

*Da armada que este anno de co-renta & coatro partio do rei-no, de que era capitão môr Fernão Perez d'Andrade: & de como o Governador Martim Afonso de Sousa tratou de auer as mãos Cogecemaçadim: & de como man-dou leuar Mealecan pera Goa.*



**M**VITO magoado andaua o Governador Martim Afonso de Sousa de Cogecemaçadim o ter enganado no negocio do thifouro do Accedecan, fazendolhe crêr, q̃ não passaua de vm milhaõ: & que com lhe dar oitocentos mil cruzados lhe daua a mór parte delle: tẽ-doo mandado defenganar o Idal-

can pella figura dos pratos de be-tere, que dissemos no capitulo se-gundo do liuro decimo: por onde sabidamentẽ lhe ficauão mais de seis milhoẽs d'ouro, posto que ou-tros diziaõ que dez. Do que ma-goad o Governador, como come-çamos a dizer, determinou de ver se podia auer ás mãos Cogecema-çadim, por mimos como da outra vez, & represalo a tẽ lhe dar todo o thifouro, pois o Idalcan tinha delle feito doação a Elrey de Por-tugal. E andando com esta magoa fazendo seus discursos, como o ve-raõ era já entrado, alguns dias an-dados de Setembro, chegou á bar-ra de Goa Fernão Perez d'Andra-de, que tinha partido do reino por capitão mór de cinco naos, que to-das tiueraõ bem roim viagem: por que Simão d'Andrade da sua cõ-panhia arribou ao reino: Simão de Mello sobrinho de Lopo Vaz de saõ Payo, que trazia a fortaleza de Malaca, perdeosse em Moçambi-que. Iacome Tristaõ foi tomar Zanzibar a onde inuernou. Luis de Calataud foi por fóra da ilha de saõ Lourenço, tomar Cochim em Outubro.

Surto Fernão Perez d'Andrade na barra de Goa, tendo recado o Go-uernador de sua chegada, dizẽ que dissera, que elle & Diogo da Syl-ueira eraõ bons pera mûs de car-ga: por que já sabiaõ o caminho. Isto disse, por que tinha cada vm delles vindo á India por capitaens môres



mores tres vezes. Fernão Perez d'Andrade desembarcou, & foi muito bem recebido do Governador, que festejou as boas novas do reino, por que aquelle anno casou Elrey dom Ioão sua filha dona Maria com Felipe filho do Emperador Carlos Quinto, herdeiro de seus estados, d'antre quem nasceu o Principe Carlos, de cujo parto ella faleceo. O Governador Martim Afonso de Sousa como andava com a imaginação em Cogecemaçadim, despedio por fim de Setembro Ruy Gonçalvez de Caminha, que já demos a conhecer no capitulo onze do liuro nono, por ser grande amigo de Cogecemaçadim pera ir a Cananor a ver-se com elle, pera o persuadir ir a Goa a se recrear, & a visitar o Governador, & que lhe affirmasse, q̃ tinha delle grãdes saudades, & não lhe descobrio sua tenção, nem a outra pessoa algũa.

Ruy Gonçalvez se embarcou em um Catur muito ligeiro, & em breues dias foi ter a Cananor, & foi ser hospede de Cogecemaçadim, que o festejou muito. E vindo com elle a praticas o persuadio ir-se a Goa a visitar o Governador, que era grãde seu amigo, & a desenfadar-se alguns dias naquella cidade, a onde cõpraria brincos do reino á sua vontade, & que se tornaria quando quisesse. Tãtas couzas lhe disse sobre este negocio, & assi o obrigou pellas amizades do

Governador, que o abalou a se ir com elle: & mandou embarcar o seruiço de sua pessoa mais maneiro pera ir afforçado, & sete mil cruzados em dinheiro, pera as despesas dos dias que em Goa estivesse. E querendo vltimamente embarcar sua pessoa, dizem que fora persuadido d'alguns Portuguezes que desejauão de o grangear, que não fizesse aquella jornada, & que se deixasse estar, que estaua bem, & isto sem saberem cousa algũa, não sospeitarem nada da tenção do Governador, mas só por suas naturezas, & por que todos se aproueituauão d'elle, & elle fazia emprestimos, & amizades a todos, & assi o seruião como se foraõ seus escravos. O Cogecemaçadim, com o q̃ lhe estes disserão, arrependeosse de ter cometido aquelle negocio, & fingio hũa indisposição com q̃ se deitou em cama, desculpandosse de Ruy Gonçalvez de Caminha, pedindolhe que o mesmo fizesse do Governador, mandando desembarcar o seu seruiço, & recamar: & disse a Ruy Gonçalvez de Caminha que os sete mil cruzados em dinheiro, leuasse, & entregasse ao Governador, pera os mandar á Raynha dona Catharina, de que lhe fazia seruiço pera uns chapins.

Ruy Gonçalvez ficou triste de ver esta tão supita mudança, & não podendo al fazer se embarcou, & chegou a Goa, dando conta ao Governador



uernador das cousas que passara com Cogecemaçadim, que elle em estremo sentio, por lhe escapar d'a quella feita das mãos. E querendo todavia ver, se por aquella via o podia acarretar a Goa, mandou a Ruy Gonçaluez de Caminha, q os sete mil cruzados que trazia de Cogecemaçadim, os empregasse em peças & brincos do reino, que lhe melhor parecessem, & q o Cogecemaçadim mais estimaria, & lhas leuasse, & trabalhasse outra vez pello persuadir a se ir defendar a Goa. Ruy Gonçaluez o fez assi, & empregou todo o dinheiro em escarlatas finas, veludos de cores, peças de prata de bestiaes, agoas rozadas, & de outras muitas sortes de cousas que lhe pareceo que Cogecemaçadim estimaria, embarcando tudo no mesmo cattur foi ter a Cananor, onde foi bem recebido de Cogecemaçadim, que folgou com as peças que lhe leuaua. Ruy Gonçaluez deixou fse ficar seu hospede algũs dias, em que tornou apertar com elle, sobre a ida de Goa, affirmandolhe o muito que o Governador o desejava de ver, assi por ser muito seu amigo, como por desejar praticar com elle cousas de muita importancia, & que releuauão muito. O Cogecemaçadim como da primeira vez desarmou a ida, não ouie podelo tornar a armar: não por que se receasse de cousa algũa, por que se tiuera algũas sospeitas, não

entrara em vm Galeão que auia poucos dias chegara de Ceilaõ, & fõrgira naquella baya, de que era capitão Pero de Mesquita, a que o Cogecemaçadim foi ver alguns Alifantes que leuaua, & andou no Galeão muito deuagar, & muito seguro, sem se temer de cousa algũa.

Mas a principal rezaõ por que deixaua de ir a Goa, era, não se que rer alongar do seu thifouro, por q não sabia o que lhe aconteceria, por que o tinha dentro em suas casas, & vigiado de cõtino, de quinhentos Naires a que pagaua soldo: & tinha tomado por jangada a Pocarale Regedor mór do reino que lhe custaua bem. Era este Mouro Pocarale muito rico, & foi tio do Aderrajo, que fez muitas vezes guerra áquella fortaleza de Cananor, como em seu lugar diremos. Vendo Ruy Gonçaluez de Caminha que não podia abalar o Cogecemaçadim, despedio fse delle, q lhe deu peças muito ricas pera se mandarem á Raynha dona Catharina, & outras pera o Governador, & o mesmo Ruy Gonçaluez de Caminha não tornou com as mãos vazias.

Chegado a Goa deu conta ao Governador do que tinha passado, do que enfadado, assentou cõfigo de ir a Cananor, sem dar conta a pessoa algũa disso: & pera o q determinaua de fazer, despedio alguns cattures ligeiros pera irêbulcar



car Mealecan a Cananor, que em breues dias lho trouxeraõ a Goa. A tenção que o Governador nisto teue, nos não souberaõ dizer: mas auia de ser, por que ali estauaõ as naos do reino, por que o Idalcan cuidasse, que o queria embarcar pera Portugal, por ver se lhe podia arrancar mais algũa cousa das mãos, por que queria ter nelle um ninho de guincho, como lá dizem: ainda que o mais certo parece, sentir algũa alteração no Idalcan, & assentar-se em conselho, q̃ o mandasse levar pera Goa, pera o enfrear com elle, por que era a cousa que o mais inquietaua que todas.

CAPITVLO VII.

*De como o Governador Martim Afonso de Sousa ordenou um Galeão pera mandar ao reino, por faltarem naos. E de como se embarcou pera Cananor sem dar conta a pessoa algũa, & foiter a Baçaim: & das differenças que teue com dom Manoel de Lima capitão da fortaleza.*



A V A o Governador Martim Afonso de Sousa grande pressa as cousas do reino, pera fazer a jornada que pretendia: mandando lançar a armada ao már, & dei-

tando fama, que auia nouas de Galés, & que as queria ir buscar. E por que não auia mais de hũa nao, mandou negociar outra do Estado pera mandar ao reino, com carga de pimenta, & drogas: de que deu a capitania a Martim Correa da Sylua: & a carga desta nao (segundos nos parece) foi feita com o dinheiro q̃ Cogecemaçadim deu: por que dos quatrocentos mil cruzados que o Governador arrecadou d'elle este Março passado, não achamos carregados sobre o feitor Bastião d'Afonseca, que naquelle tempo seruia, mais que cento & corenta & oito mil: & vinte & cinco pardaos. E não achando nós na India carga, nem despeza algũa da outra demasia, nos parece que se despendero na carga desta nao. Esta confusão tem nacido da perda dos liuros & papeis que a tẽgora ouue neste Estado: nem ainda na casa da India póde ser se não ache isto, se releuar buscar-se, por quanto esta nao indo pera o reino se foi perder na ilha de Zambar, a onde auia de desaparecer o liuro da carga.

Em fim como quer que seja, o Governador deu grande pressa as duas naos pera irem a Cochim tomar a carga: & antes de as despedir chegaraõ nouas que estaua em Cochim a nao de Luis de Calatãud, com que em estremo folgou, & logo despedio as outras com Aleixos de Sousa, Veador da fazenda,



*Quinta Decada.*

da, pera ir fazer a carga, ficado elle escreuendo pera o reino breuemēte. E sacodindosse de todos os negocios, se embarcou no fim de Novembro, despedindo pera o Malauar por capitaō mór, Anrique de Sousa Chichorro, irmão de Aleixos de Sousa, com seis nauios. Despedida esta armada o Governador se fez á vela, leuando sete Galeoēs: elle em saō Dinis, Pero de Faria no Coulaō, dom Ioaō Anriquez em Sanctiago, que estaua dado a Martin Afonso de Mello Iuzarte, que tinha vindo de Ormuz, que por lhe darem cartas d'Elrey q̃ o mandaua ir pera o reino lhe largou o Galeaō, & se foi pera Cochim. Antonio da Sylueira, o de Terena, ya no Galeaō saō Ioaō, q̃ era de Ioaō de Sepulueda, que tambem lho largou, & se foi pera Cochim, pera se embarcar pera o reino, agrauado de lhe Elrey não escreuer, & em Cochim achou cartas suas na nao do Calataud, pello que se deixou ficar. Leuaua o Governador mais sete Carauelas, de que eraō capitaens, dom Ioaō Mascarenhas, Aluaro de Mendoça, Afonso Furtado, Pero Vaz de Siqueira, Pero de Tayde Inferno, Luis Cayado, & Pantaliao de Sá. Leuaua mais noue Galés, cujos capitaens eraō, Fracisco de Sá de Meneses, dom Ioaō Pereira, Bernaldim de Sousa, Ioaō de Mendoça, Fernão da Sylua Alcaide mór de Alpalhaō, Fernão de Sousa de Tauora, Pero Lopez de

*Da' p̃siquoria da India.*

Sousa: & yaō tambem muitos nauios de rema a cujos capitaēs não achamos os nomes.

Dada á vela, foi o Governador tomando a derrota do Norte: & como ventauaō os ventos Lestes, em breues dias foi surgir com toda aquella frota na barra de Baçaim: & logo mandou tomar casas em terra pera sua pessão, sem ter comprimento algum com dō Manoel de Lima capitaō da fortaleza, que já estaua muito agruado do Governador, por lhe mandar inuernar áquella cidade, um Veador da fazenda letrado, com todos os poderes na fazenda, & na justiça, deixando a elle sem algum: pello que aquelle inuerno teue algũs desgostos com o Veador da fazenda, por lhe ir á mão a tudo, ficado elle na sua fortaleza como hũa estatua. E vendo agóra que chegaua o Governador áquelle porto, & que sem ter com elle comprimento algum, mãdara tomar casas em terra, sendo obrigação agasalhar se na fortaleza d'Elrey, como todos os Governadores a tẽ entaō fizeram: entendeo que não vinha seu amigo. E así quando desembarcou o foi esperar á praya sem lhe fazer a cerimonia da entrega das chaues, como era costume em todas as fortalezas, a que os Governadores da India chegauaō, nem ter com elle outro algum comprimento, & o foi acompanhando até os aposentos que estauaō pera elle,



elle, & á porta se despedio, & se tornou pera a fortaleza. E no caminho lhe differaõ algũs fidalgos seus amigos, que aquelle anno vieraõ do reino, que era falecida hũa sua tia, que o criara, que elle amava como mãy, de q̃ ficou em estremo anojado, & se encerrou, & mādou cortar dó.

O Governador vendo o modo de como dõ Manoel de Lima corraera com elle, & que lhe não fizera recebimento algũ, nem gafalhado, quasi q̃ se ouue por afrontado. E chamando o Doutor Pero Fernandez Ouvidor geral lhe disse, q̃ lhe fosse prender dom Manoel de Lima, & o leuasse pera vm dos Galeoës da armada, qual elle quisesse, dõde se não sairia a tẽ elle mādando o contrario. O Doutor Pero Fernandez se foi á fortaleza, & achou dom Manoel encerrado & anojado: & sem embargo disso, lhe notificou o mādado do Governador que leuava assinado por elle. Dom Manoel lhe disse, que fizesse seu officio: mas que se o Governador o mandava prender por lhe não fazer recebimento, nem lhe entregar as chaves da fortaleza, que elle o não fizera, se não pello pouco caso que lhe vira fazer da fortaleza d'Elrẽy, tendo obrigação de se ir aposentar nella, & ver o de que tinha necessidade. E que quanto a se despedir delle da porta, & o não tornar a ver, fora pelas novas que lhe deraõ da morte

de sua tia, que o criara como mãy; por quem estava encerrado, & anojado como via: & que tinha mādado cortar dó, por que esperava pera o ir visitar, sem embargo de lhe mostrar em tanta cousa que não era seu amigo: mas que era por correr com elle como Governador da India.

O Ouvidor geral, usando aqui mais de pontos de letrado que de cortezaõ, não deixou de fazer sua diligencia, vêdo elle muito bem as rezoës que dom Manoel de Lima tinha por si, & o leuou pera vm dos Galeoës da armada. Dom Manoel de Lima mādou logo por seus criados tirar todo o seu fato, & fazêda da fortaleza, como homem q̃ determinava não tornar mais pera ella. O Doutor Pero Fernandez se foi ao Governador, & lhe deu conta de tudo o que passara com dõ Manoel de Lima, & sabendo elle q̃ era verdade a morte da tia, tornou lhe a mandar dizer pello Ouvidor geral, que se tornasse pera a sua fortaleza: por q̃ já estava informado da verdade. Dom Manoel de Lima lhe respondeo, que estava beprezo, & que não queria cousa alguma da fortaleza, por que se ya pera o reino. O Governador Martim Afonso de Sousa arrepedido do q̃ tinha usado com elle, pediu a Pero de Faria, que era grande seu amigo (& fidalgo q̃ por velho lhe tinhaõ todos respeito) que se fosse ver com elle, & trabalhasse pello

Pp

mode-



moderar, & lho leuasse lá. Pero de Faria se foi ao Galeão, & teue com dom Manoel de Lima, por parte do Governador grandes satisfações, & desculpas, pedindolhe quisesse ir com elle a vello, por q̃ bastaua pera sua satisfação mostrar-se arrependido do q̃ lhe tinha feito. Dom Manoel de Lima o não quis ouuir naquelle negocio, dizendo-lhe que era filho mais velho de seu pay, que se queria ir pera o reino: & que quando lhe Elrey não desse de comer, que viuiria com o q̃ seu pay viueo. Pero de Faria se tornou ao Governador, & lhe deu conta do que com elle passara. Do que elle ficou muito pejado naquelle negocio, por que aquelle fidalgo era de muitos merecimentos, & muito aparentado em Portugal, & tãbem por que arreceou q̃ Elrey lhe estranhasse muito o que com elle tinha vsado: porque nunca os Reys querẽ, que os seus Governadores, & Visorreys, lhe enxualhẽ, & tratẽ mal seus fidalgos, & vassallos: por q̃ muitas vezes se aconteeo já, quererẽ algũs com o braço do Rey, vingar-se de escandalos particulares, & satisfazerem seu apetite. O Governador tornou a mandar a elle Pero de Faria cuidando que o achasse já mais brãdo, & mais fóra da paixaõ: mas dom Manoel de Lima o não quis ouuir, dizendolhe, que não tornasse lá mais sobre aquelle negocio, por que seria necessario fechar

lhe a porta, & que o não quisesse pôr a risco de lhe fazer aquella descortezia, por que era seu seruidor.

Vendo o Governador quão duro estaua, o mandou levar asy prezo pello Ouuidor geral, o que dô Manoel de Lima não refusou. E fechados em hũa camara ambos, o que passaraõ não se sabe, somente dizer dom Manoel, que se auia de ir pera o reino: ao que lhe disse o Governador: ora ja que asy he, cumpre ao seruiço d'Elrey que vos não embarqueis. A isto tirou dom Manoel d'aljabeira hũa prouisaõ d'Elrey, & lha deu na sua mão, em que lhe daua licença pera se ir pera Portugal: & mandaua ao Governador da India que lho não impedisse, posto que ouuesse cerco da fortaleza, ou nouas de Galês. Vendo o Governador aquillo, lhe tornou a prouisaõ, & lhe disse que fizesse o que quisesse. Dô Manoel de Lima lhe disse, voume, & segurouos hũa couisa, que em Portugal não faça queixume de vos a Elrey.

Saído d'ali embarcou-se em vm catur ligeiro, & se foi pera Cochim, ôde tomou as naos de verga d'alto, & se embarcou com Fernão Perez d'Andrade, & Ioaõ de Sepulueda lhe deu toda a sua matalota-gẽ, por que deixou de ir pera o reino, pellas rezoens que atras disse-mos. Estas naos tiueraõ boa viagem. Somete a de Martim Correa da



CAPITULO VIII.

*Do que fez o Governador Martim Afonso de Sousa em Baçaim: & de como voltou pera Cananor: & se vio em segredo com o capitão. E de como Anrique de Sousa matou o Aderrajão de Cananor, & seu irmão.*



da Sylua q se foi perder em Zanzibar, a onde achou a nao saõ Felipe, de q era capitão Iacome Tristaõ, & os mais dos soldados doctes. Este fidalgo os mandou curar á sua custa muito bem: & a todos os mais deu mesas, & lhes fez os gastos a tè os trazer na mesma nao a inuernar á India.

Dom Manoel de Lima chegou ao reino, & não tratou dos agrauios de Martim Afonso de Sousa, mas presumiaffe que esperaua por elle pera o desafiar: & alguns parêres que na India tinha, o affirmuaõ tão publicamente, que foi ter ás orelhas do Governador. E vestindosse vm dia de festa muito loução, tendo hũa espada na cinta, que lhe tinha dado o graõ capitão Gonçalo Fernandez, sendo moço: saindo pera a casa onde os fidalgos o estauão esperando, (antre quem estauão os parentes de dom Manoel de Lima, que diziaõ que o auia de desafiar) & olhando o Governador pera os fidalgos, lhes perguntou se estaua gentil homem, & gabandoo todos, pôs a mão na espada dizendo: pois sabe que quem me mandar desafiar, q lhe eide ir lá. E muito bem sabia elle que dom Manoel de Lima o auia de fazer, & assi o affirmaraõ a Elrey: mas elle o atalhou pella maneira que adiante se verá no capitolo setimo do liuro terceiro da sexta decada.

O outro dia que isto passou, que foi ao segundo da chegada do Governador, mandou em terra armar coatro mesas pera darem de comer aos soldados, pera mayor dissimulação do que determinaua: por que nem dos muito amigos se fiaua. E auendo coatro dias que estaua em terra, tornou a embarcar cõ muita pressa, & dando à vela se fez na volta do Leste, como q ya demãdar a costa da Arabia: & sendo vinte legoas afastado da terra, tornou a voltar caminho do Sul, por onde gouernou tres dias, & no cabo delles pôs a proa a Leste, a tè descobrir a terra, & á vista della foi demãdar monte Deli, a onde foi surgir com toda a armada de noite sem ser visto da terra. E sem dar conta a pessõa alguma do que queria fazer, se embarcou no catur de Simão Galego, mādando chamar Fernão da Sylua Alcaide mór de Alpalhaõ, Fernão



de Soufa de Tauora, Francisco de Sá de Meneses, & um filho Bastardo de Thome de Soufa, Veador que foi d'Elrey dom Ioaõ, que lhe ficava em lugar de sobrinho, que lhe levava um guiaõ de Christo, & tomando mais os navios do Pireirinha, do Siqueira, & de Francisco Fernandez o Moricale, que eraõ os mais ligeiros da armada, afastandosse de noite della, sem o saber pessoa viua, mais que os que consigo levava, tomando o remo em punho pera Cananor, andou aquellas quatro legoas, em pouco mais de duas horas. E chegando á couraça bradaraõ pellas vigias que chamassem o capitaõ, que era cousa que importava sem lhe dizerem que estava ali o Governador. Diogo Alvarez Tellez affomou á couraça, & o Governador lhe madoou dizer, que mandasse afastar as vigias como fez. E dandolhe a conhecer, entrou por hũa bõbardeira, & ambos sós praticaraõ menos de meya hora: & o que trataraõ foi, que trabalhasse por lhe colher na fortaleza Cogecemaçadim por mimos, ou por outra algũa inuenção: & que vindo a ella o prendesse, & lho madaffe logo a bom recado a Goa, por Anrique de Soufa. E que quando o não podesse auer ás mãos, trabalhasse por colher Pocarale Aderrajaõ, a que Cogecemaçadim estava entregue: & que o represasse, pera a troco delle auer Cogecemaçadim. E que quando tambem o não podesse colher na

fortaleza, o encomendasse a Anrique de Soufa capitaõ mór do Malauar, que era seu amigo, & todas as vezes que ya a Cananor o buscava & visitava, pera que o prendesse, & o tivesse na armada a tê lhe entregar o Cogecemaçadim. Deixandolhe pera isso um mandado seu, que já levava feito: & encomendadolhe muito o segredo se tornou a embarcar, & voltou pera a armada, que chegou de madrugada. E metendosse no seu Galeão deu logo á vela pera Goa, a onde chegou em breues dias, desarmandosse de toda hũa armada tamanha, com o que todos ficaraõ embaraçados, vendo as voltas que dera sem verem effeito algum.

O capitaõ de Cananor depois do Governador recolhido, foi visitar Elrey, & Cogecemaçadim, como muitas vezes fazia, mandadolhes brincos & mimos. E vindo dia de Natal madoou conuidar a Cogecemaçadim, pera lhe dar um báquete, do que se elle escusou: & não se pôde presumir que fosse auisado d'alguem, por que o Governador só de si tinha fiado aquelle segredo. Mas foi, ou por que o coração lhe adivinharia algũa cousa, ou porque veria algũ roim agouro: por que estes Mouros nunca fazem cousa algũa, sem eleição de horas boas, ou más, & sem notarem sinaes de bons ou maos agouros, nas aues, nas alimarias, & em todas as mais criaturas: por que lhes fazem os seus Bragmanes



manes crer cem mil abusoens : & quando são pera seus negocios, todas as horas são boas, mas pera os alheyos, sempre lhe achão um inconueniente, com que lhe estoruaõ negocios bem importantes. Mas q̃ he de espantar auer isto em Mouros, & Gentios, se antre Christãos vemos os que governaõ os Reys fecharemnos pera todos, & teremnos abertos sempre pera si, limitando tempos & dias pera os despachos alheyos, & pera os seus não auer limite nem termo, por q̃ todas as horas são suas?

E continuando com a historia. Vendo o capitaõ de Cananor, que não podia auer ás mãos Cogece-maçadim, tratou de trazer á fortaleza o Aderrajaõ, & nem isso pode fazer. Pello que chegando áquella baya Anrique de Sousa, vendosse com elle em muito segredo, lhe deu o mandado do Governador, encomendandolhe muito que trabalhasse por auer o Pocarale Aderajaõ as mãos, & embarcalo na armada. Anrique de Sousa se deixou estar na baya, & mandou logo visitar Pocarale, como sempre costumaua : & d'ahi a dous dias lhe mandou pedir que se vissem na praya, por que tinha alguns negocios que tratar com elle. O Pocarale vestiose pera ir lá, o que a molher trabalhou de estoruar, dizendo, que não fosse por entaõ, por que não sabia o que o coração lhe dizia. Mas como não ha poder fu-

gir á mão de Deos, sem dar pellos rogos da molher, foisse á praya cõ um seu irmão, & achou ja Anrique de Sousa nella. E demadandoo foraõ praticado sós em muitas coufas: & de passo em passo, de pratica em pratica o leuou a tè onde tinha negociada algũa gente, & almadias, pera o prender & meter nellas: por que as fustas não podiaõ chegar tanto á terra, Pocarale embebido na pratica se foi deixando ir, & tendoo já perto liouffe com elle, & quis leualo nos ares pera dar com elle nas almadias, Pocarale, que era um Mouro grande & forçoso, vendosse d'aquella maneira, abraçouse com Anrique de Sousa de feição que o sogigou, bradando pellos seus, que começaraõ a dar grandes cûquiadas a seu modo, á que acodio logo muita gente da cidade, que era perto. O irmão do Pocarale que estaua um pouco afastado, com alguns criados seus, acodio logo com as armas pera valer ao irmão. Anrique de Sousa que tinha o olho nelle, & estaua fugigando do Pocarale, bradou a os seus que o matasem: & correndo um hũa lança por elle o varou de parte a parte caindo logo morto: & outro endireitou com o irmão que ya ja pera ferir Anrique de Sousa, & o matou logo. Anrique de Sousa se foi recolhendo ás almadias, por que carregaua já muita gente sobre elles, & quasi se recolheo com a agoa pella



*Quinta Decada. Da historia da India.*

cinta, & todos os mais.

Elrey teue logo rebate do que passaua, & acodio á cidade muito sentido do caso, & mandou logo apregoar guerra contra a nossa fortaleza, que logo se fechou, & velou. O capitão escreueo o soccesso ao Governador, pedindolhe gête, moniçoens, & prouimentos. Isto sentio elle em estremo, & acabou de perder as esperanças de auer Cogecemaçadim ás mãos: & logo despedio Pantaliao de Sá com cincoenta soldados pera ir inuernar naquella fortaleza, escreuendo a Elrey cartas de satisfaçoens, lançando a culpa a Anrique de Sousa, prometendolhe de o castigar. Mas Elrey não se quietou, & assi ficou aquelle inuerno a nossa fortaleza fechada, sem communicação da cidade, donde lhe yaõ os prouimentos que lhe começaraõ a faltar. D'aqui ficarão os Portugueses desacreditados naquelle reino, que correo sempre com o Estado em grande amizade: & depois d'aquelle grande cerco, que sendo Lourenço de Brito capitão em tempo do Visorrey dom Francisco d'Almeida, poseraõ áquella fortaleza, nunca mais lhe fizeraõ guerra: & todas as que d'aqui por diante ouue, (de que com o fauor diuino trataremos, que molestaraõ muito o Estado) procederaõ deste negocio: por que o sobrinho do Aderrajaõ, que lhe herdou a casa & o titulo, sempre em quanto vi-

ueo (que foraõ depois mais de cincoenta annos) foi o mór imigo q o Estado teue, & sempre fez guerra áquella fortaleza.

CAPITVLO IX.

*De como Manoel de Sousa de Sepulveda, capitão de Diu, desmanchou as paredes, que Elrey de Cambaya mandaua fazer antre a fortaleza, & a cidade. E da fala que Cogecofar sobre isso fez a Elrey, em que o persuadio a fazer guerra cõtra os Portugueses.*

**D**EPOIS de Elrey Soltaõ Mamude de Cábaya se ver quieto em seu reino, começou a sentir a grã de sojeição que lhe ficaua com a fortaleza dos Portugueses naquella ilha de Diu, & a perda de parte das rendas della: & não poderem suas naos nauegar com a liberdade passada, se não á vontade dos Portugueses, & com saluo conducto seu. E o que sobre tudo o atormentaua & magoaua mais, era a morte d'Elrey Soltaõ Badur seu tio: dentro em seu reino, á vista da sua cidade, & de seus exercitos, sobre fé, & verdade dos Portugueses, indo visitar o Governador como amigo ao seu Galeaõ. E trazendo esta dór de continuo dentro em seu



seu coração, trassaua comfigo modos pera se satisfazer de tantas afrontas, & pera tornar a auer a sua ilha, liure da sogeição em q̃ estaua: determinãdo de tomar aquella fortaleza, ou por manha, ou por força. Pera isto mandou que se fizesse a parede como estaua assentado no contrato das pazes, antre ella & a cidade. Esta parede se começou a levantar sem fazerem caso de coufa algũa, só com os officiaes, por mayor dissimulação, cõ quem corria o Tanadar da cidade. Manoel de Sousa de Sepulveda, capitão d'aquella fortaleza, tão to que vio crescer as paredes começouse a asombrar com ellas, auendo que fora grande descredito do Estado concederemselhes: porque ficauão com ellas os Portugueses encurralados. E por ir correndo a obra da fortaleza que estaua aberta por muitos lugares, foi tambem dissimulando, & fortificandosse.

E por que o circuito da fortaleza, & antigo muro era muito pequeno, & antre o muro & a caua ficaua vm releixo de mais de tres braças de largura, em que se podiaõ meter muitos imigos, mādou fazer o muro pella borda da caua, metêdo toda aquella largura mais dêtro: & fez dous baluartes novos mayores que os antigos, são Thome que ficaua a metade sobre a rocha firme, & a outra sobre vm cotouello da caua q̃ se entulhou. O outro era são Ioaõ, que depois

se chamou o baluarte da rama, como na sexta Decada se verá, quando tratarmos do grande cerco de dom Ioaõ Mascarenhas. Fez tambem de nouo o baluarte são lorge sobre a porta, ficando a fortaleza em mayor fórma, & mais fórte, por causa dos baluartes ficarem mais capazes, assi pera a artelharia, como pera os soldados. Tanto que Manoel de Sousa teue acabada esta obra, & se vio fechado, ajuntou toda a gente que auia na fortaleza, & sayo com as armas nas mãos hũa menham, & deu nos que trabalhauão nas paredes fazendoos fogir, ficandolhes toda a ferramenta, com que mandou logo desfazer as paredes, que ainda que eraõ de pedra ençosso, eraõ muito largas, & grossas. Nisto gastou alguns dias, estando sempre no campo, mandando recolher na fortaleza, toda a pedra, andaimos, & mais pe trechos.

O Tanadar acodio áquillo cõ recados, & protestos, da parte de Soltaõ Mamude, a quem logo mādou auisar do negocio: mas Manoel de Sousa não deixou de dar pressa á obra, primeiro que viesse gente de Cambaya. Chegado o recado a Soltaõ Mamude, como andaua com a magoa da morte do tio, & das mais cousas que acima diffemos, ficou tal, que parecia que queria rebentar de pezar, recolhêdoosse tão malenconizado, que andou alguns dias sem querer ver gente.



*Quinta Decada. Da historia da India.*

gente. Cogecofar que na corte tinha o primeiro lugar, védo Elrey com tamanha tristeza, & malenconia, se foi a elle, estando com algũs capitaens principaes, & lhe pedio licença pera lhe dizer algũas coufas, que compriaõ a seu seruiço: & dandolha elle, posto em pé lhe fez esta fala.

A coufa de q̃ me oje mais glorio, muito grãde & poderoso Rey, he, de se ter visto em mim depois que vim a estes reinos, a principal parte que á de ter o bom vassallo, q̃ he lealdade, & amor a seu Rey: o que nace as mais das vezes, ou sempre, da parte do Rey, quando sabe galardoar seruiços, & reparar merces: por que entãõ poem os vassallos em muito grandes obrigações: & o que arrisca mais a vida por seu seruiço, effe se té por mais ditoso. Eu vim de minha patria em companhia do Baxá Mostafá Carman, que me criou como filho & chegamos á fortaleza de Diu poucos dias antes que o Governador Nuno da Cunha, depois d'aquelle grande incendio, & destruição da ilha de Bet: estando Melique Tocaõ senhor d'aquella ilha a risco de a largar, com temor da armada Portuguesa, que vinha assombrando o mundo: & o Baxá Mostafá o tirou do medo em que estaua, & se fortificou de feição q̃ se tornaraõ os Portugueses escalurados. Neste feito não tiue eu o menos quinhaõ. Depois nos tra-

balhos que o grãde Soltaõ Badur teue com os Magores, quando se senhorearaõ do seu reino, quasi todos o desempararaõ, & se passaraõ pera os imigos, mas eu sempre o acompanhei & serui com muito amor & gosto, a té a hora em que os Portugueses o mataraõ, q̃ pello não deixar fiquei catiuo em seu poder ferido, & á morte. E prouera a Deos q̃ ali acabara eu, pois perdi vm Rey taõ conhecido de meus seruiços & merecimentos: q̃ por elles me fez honrado, rico, & grande em seu reino. Depois succedendolhe o Miraõ seu sobrinho tambem o serui com muito amor & zelo, & agora V. A. não sinto em mim menos amor & fidelidade, nem eu tambem menos desejos, & obras, em vossa grandeza, de que estou bem satisfeito. Seruiõse de mim no grande cerco de Diu em que perdi esta maõ, & ainda tenho estouta, & esta vida, & a de minha mulher & filhos, & toda a fazenda que V. A. me deu, pera perder tudo por seu seruiço.

Por isso senhor lembrouos que tendes aqui este vassallo, & effes q̃ ahi estaõ, que não valem menos q̃ eu, acodi por vossa honra, & trabalhai por vingar a injusta morte d'Elrey vosso tio, & não queiraes viuer com tamanha infamia antre todos os Reys do Oriente, q̃ sempre se assombraraõ com a potencia de Cambaya. Vos tendes thissouros, muito poder, grandes capitães,



taes, muita & muito grossa artelha-  
ria, muitos almazens de monicoes,  
mantimentos naõ vos aõ de faltar,  
tendes em fim tudo o que vos he  
necessario, pera poder conquistar  
grandes reinos, quanto mais hũa  
fortaleza fraca, & guardada de  
poucos Portugueses, & ainda que  
todos quantos ha na India nella  
estiueraõ, naõ vos poderaõ resistir.  
Ninguem vos nega que naõ saõ  
muito valerosos, mas saõ taõ pou-  
cos que naõ chegaõ a cinco mil  
todos os que ha espalhados por to-  
da a India, & com serẽ taõ poucos,  
temse feito senhores, capitaens, &  
Gouernadores de todos os lugares  
maritimos de todo o Oriente, to-  
mãdo tamanho dominio sobre to-  
dos os Reys delle, q̃ naõ podẽ na-  
uegar suas naos sem sua licẽça, cou-  
sa q̃ se naõ pode nem deue sofrer,  
a vns homẽs estrangeiros, q̃ entra-  
raõ em todos estes reinos em habi-  
to de mercadores, pedindo comer-  
cio & lugares pera se aposentarẽ,  
& metendo em cabeça que faziaõ  
casas pera seus recolhimentos &  
feitorias, fizeraõ fortalezas com q̃  
começaraõ a sopear a todos. Por  
isso o Rey sê tu o primeiro, q̃ acu-  
das pella honra de todos, & man-  
dalhes requerer que olhem pella  
de Mafamede vosso Profeta, que  
estes homens tanto vituperaõ & a-  
frontaõ, & q̃ os lancem fóra da In-  
dia, & de seus reinos, pera que a ro-  
magem da casa da Meca fique na  
liberdade em que d'antes estaua. E

pera estes de Diu eu me offereço  
cõ todos os meus thifouros, pera  
lhes fazer guerra, & lhes tomar a  
fortaleza: & pera isso mãdarei pe-  
dir a Elrey de Zebit meu paren-  
te, Rumes, & Turcos a soldo, pera  
o q̃ lhe mandarei nestas naos q̃ aõ  
de ir d'aqui a poucos dias, muito  
dinheiro. E em quanto se estas ne-  
goceaõ & sollicitaõ, sou de parecer  
que corras com dissimulaçaõ neste  
negocio, por se naõ precatarem nẽ  
aperceberem os Portugueses de  
Diu, antes agora mais q̃ nunca te  
finjas com o Gouernador, & o mã-  
des visitar pello segurar, pera que  
quando tiuermos tudo prestes os  
tomemos descuidados.

Acabada esta fala lhe disse El-  
rey que lhe agardecia aquellas lê-  
branças, & o amor & vontade que  
mostraua a seu seruiço, que elle o  
fazia d'ali por diante capitão geral  
de todo o seu exercito, pera que  
logo começasse a correr com as  
coufas que lhe parecessem neces-  
sarias, & q̃a té o tépo em q̃ se des-  
enrolassem as badeiras sobre Diu  
se guardasse o segredo d'aquellas  
coufas. Cogeçofar fez logo escre-  
uer cartas a todos os Reys da India  
até os do Malauar, persuadindoos  
a hũa liga geral contra os Portu-  
gueses. A substância desta fala, & de-  
stas coufas, soubemos de Caracem  
genro de Cogeçofar, que se achou  
a ella presente, & em Baroche a on-  
de era capitão, & onde o nós cõuer-  
samos (como em outra parte disse-

Qq mos



*Quinta Decada. Da historia da India.*

mo) nos contou todas estas cousas, & outras. Manoel de Sousa de Sepulueda, tanto que desmanchou a parede, que foi em laneiro, auisou o Governador do que tinha feito, pedindolhe que prouesse aquella fortaleza de gente, & monicoens, pera que se ouuesse algũa alteraçaõ nos Mouros, o naõ tomassẽ descuidado: o que o Governador fez logo, mandandolhe alguns capitães com soldados.

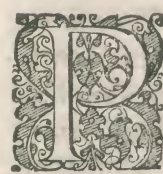
E por que neste tempo chegou a Goa Belchior Fernandez Correa, com as cartas de dõ Iorge de Craſto em que lhe daua cõta da chegada de Ruy Lopez de Villalobos aquellas ilhas, & de tudo o que cõ elle lhe tinha socedido: & q̃ tam- bem era falecido Ruy Vaz Pereira capitão de Malaca: começou logo a prouer naquellas cousas, & ordenou de mãdar a Maluco hũa armada, de que elegeo por capitão mór Fernão de Sousa de Tauora: & lhe deu vm Galeão, & duas Fustas, de q̃ deu as capitãias a Lionel de Lima, & a Manoel de Mesquita. E por que naõ auia prouidos de Malaca, deu aquella capitania a Garcia de Sá, por ser vm fidalgo velho, & lhe deu por regimento que desse mais gente & nauios a Fernão de Sousa.

Partida esta armada despachou o Governador a dõ Ioaõ Mascarenhas pera ir entrar na capitania de Diu, por acabar em Abril Manoel de Sousa de Sepulueda: & mãdou

em sua companhia Bernaldim de Sousa, & Iorge de Sousa seu irmão com soldados, pera inuernerem naquella fortaleza, & todos partirão no mês de Abril.

CAPITULO X.

*De como Fernão de Sousa chegou a Malaca: & de como faleceo naquella fortaleza Elrey dõ Manoel, Rey de Maluco: & de como deixou Elrey de Portugal por herdeiro de seus reinos. E da posse que Furdaõ de Freitas tomou delles por Elrey dom João.*



**ARTIDO** Fernão de Sousa de Tauora, de Goa, foi ter á cidade de Malaca em Junho, & logo tratou cõ Garcia de Sá, os nauios, & soldados que lhe auia de dar, & sobre a embarcaçaõ d'Elrey dom Manoel, que tambem leuaua por regimento que leuasse comſigo, & o metesse de posse do reino. Garcia de Sá sobre os nauios & gẽte, q̃ lhe o Governador mãdou dar, andou em dilaçoẽs muito. Neste tẽpo faleceo Elrey dom Manoel, que se estaua fazendo prestes pera se ir pera o seu reino. Mas como Deos nosso Senhor o tinha eleito pera  
outro



outro milhor, & de mais dura, ordenou que falecesse d'aquella infirmitade, recebendo primeiro os diuinos Sacramentos com grandes mostras de contrição, & de arrependimêto de seus peccados, ordenado seu testamêto muito á sua vontade: dispondo das cousas de sua alma, não como Christão nouel, se não como se fora criado de minino cõ o leite da Igreja Catholica. Faleceo aos trinta dias deste mês de lunho, do anno de corenta & cinco, em q̃ andamos. Seu corpo foi enterrado o mais sollemnemete q̃ pode ser, com grande dór & sentimento de todos de q̃ era muito amado, como era rezaõ o fosse ṽm Rey que tinha saído das treuas de sua cegueira, & entrado na luz da verdade do Euangelho. E abrindosse seu testamêto, que estaua solenne, acharaõ que despunha de muitos legados pios por sua alma, & nomeaua por herdeiro de seu reino a Elrey de Portugal. E porq̃ a verba em que o declara he muito substancial, pera o direito q̃ Elrey de Portugal tẽ adquirido n'aquelle reino, nos pareceo bem ir aqui escrita de verbo ad verbum, así como a achamos no tressado do testamento, que está registado nos contos de Goa, donde o tiramos. Diz a verba así.

Declaro eu dõ Manoel Rey de Maluco, que eu sou filho de Cachil Sulano Magirá, & da Raynha Niachile Pocaraga, filha d'Elrey

Almançor de Tidore: Reys que foraõ de Ternate, Moutel, Maquiem, Cajaõ, & de todas as terras do Moro, & Batochina: & como filho d'antre ambos me pertécia direitamente aquelle reino, de q̃ fui jurado por Rey, por mórte de meus irmãos mais velhos, Cachil Bojal, & Cachil Dayalo, q̃ reinaraõ antes de mim. E estando de posse d'aquelle reino, sendo muito leal a Elrey de Portugal meu senhor, Tristaõ de Tayde capitaõ de Maluco, así por falsas informações, como por me ter má vontade, me prendeo, & mādou á India ao Governador Nuno da Cunha, q̃ vendo os autos de minhas culpas & de uassas q̃ se tiraraõ, me julgou por sem culpa, & que fosse tomar posse de meus reinos. E estando em Goa, vendo a ley dos Christãos ser santa & virtuosa, cheya de toda a verdade, inspirou Deos nosso Senhor em mim, que a aceitasse, o q̃ fiz, conuertendome á verdadeira fé de Christo, deixando a feita & cegueira em que antes me criei, & andei, & recebi o Sacramento do santo bautismo na Sé de Goa, & foraõ meus padrinhos o Governador, & Iurdaõ de Freitas. Depois recebi o Sacramêto da santa Cõfirmação, de maneira q̃ sou fiel & verdadeiro Christão. Depois fui despachado pera me ir pera o meu reino, cujo caminho atégora o não acabei de fazer, por que o Visorrey dom Garcia de Noronha, & o



*Quinta Decada. Da historia da India.*

Gouernador dom Esteuaõ da Gama me naõ acabaraõ de despachar, como era rezaõ. E agora estãdo nesta cidade & fortaleza de Malaca, despachado pello Gouernador Martim Afonso de Sousa, pera me ir pera meu reino adoeci. E por que naõ sei o que nosso Senhor de mim determinará, por descargo de minha consciẽcia quero dispõr de meu reino, como seja seruico de Deos nosso Senhor, como de feito disponho, na maneira seguinte.

Digo que sou Christaõ, & já q̃ meu reino he de Rey Christaõ naõ deue de o herdar, nem soceder nel le Mouro algum. E meu irmaõ Aeiro q̃ agora está nelle, he mais moço, Mouro, & filho de outra mãy que naõ he Raynha: & porq̃ naõ he bem que venha aquelle rei no por minha mórte, se naõ a outro Christaõ como eu, pera conuerter meus pouos á fé de Christo, como eu espera ua de fazer se viuera: & pois naõ tenho socessor Christaõ, instituo por herdeiro de meus reinos, & por meu testamẽteiro a Elrey de Portugal, cujo vassalo sou: & deste dia pera todo sãpre renuncio nelle todo o direito real, & actual, que nos ditos reinos tenho, pera delles fazer, & dispõr, como seus. E lhe peço por merce que se ouuer de prouer Rey, ou Gouernador, seja tal, q̃ tenha proposito de fazer todos aquelles pouos Christaõs, & ainda trabalhar

por os fazer aos Reys vizinhos, & comarcaõs, por que assi derminaua eu de fazer, se me Deos lá leuara, por que com isto será minha alma descansada.

Estes saõ os fructos que os Reys de Portugal cada dia recolhem de sta conquista do Oriente, que saõ de mais proueito & respondencia, que todas as drogas delle. Esta foi a fazenda de mais estima que nas naos deste anno foi ao reino, que Elrey dom Ioaõ ouue pello melhor emprego do mundo, dando muitas graças a Deos, por ver vm Rey Mouro, taõ apartado da Igreja Romana, lá nos principios do Oriente receber com tanto amor a ley de Christo, & guardala de feição esse pouco que viueo, que poderia enuergonhar aos mais dos Christaõs da Europa: & de crer he, que iria sua alma a gozar de outro reino sem fim. E tornando a nosso fio.

Tanto que foi tempo, de Fernaõ de Sousa de Tauora se partir pera Maluco, deulhe Garcia de Sá vm fustarraõ com corenta soldados, de que fez capitaõ a Ioaõ Galuaõ homem nobre & muito bom caualeiro. Garcia de Sá embarcou com Fernaõ de Sousa de Tauora a mãy, & padraõ d'Elrey dom Manoel, que com elle foraõ pera Goa: & assi mandou o tressado do testamento a Iurdaõ de Freitas, pera lá se lhe cõprirem seus legados. Depois de Fernaõ de Sousa de Tauora



Tauora partido, chegou a Malaca dom Iorge de Casto com Elrey Aeiro, & sabendo da morte do irmao fez por elle grãdes estremos. E dizendolhe Garcia de Sá que se tornasse pera Maluco pera governar aquelle reino, a té Elrey de Portugal mandar o que se auia de fazer: não quis, dizendo, que já auia de chegar a Goa a se ver com o Governador, & assi se embarcou como foi tempo. Fernão de Sousa de Tauora chegou a Maluco, & sabendosse da morte d'Elrey dom Manoel, vestioffe Iurdaõ de Freitas de dó, & foi desbarcar a mãy & padrao, & os mandou pera a sua cidade. E logo por virtude do testamento tomou posse d'aquelle reino, em nome d'Elrey dom Ioaõ de Portugal, estando presentes todos os grandes, & Regedores do reino: & elle & Fernão de Sousa elegeraõ pera o governar a mãy & padrao d'Elrey dom Manoel, & elle com elles a té vir recado de Portugal. E assi ficaraõ as cousas por entaõ, por que o que mais socedeo se conta na sexta decada, no governo de dom Ioaõ de Castro, de cujo tempo saõ.

# CAPITVLO XI.

*Dos requerimentos que o Idalcan mandou fazer ao Governador Martim Afonso de Sousa sobre Mealecan: &*

*do que sobre isso passaraõ: & das partes & qualidades deste Governador.*



**A**NTO que o Governador Martim Afonso de Sousa mandou trazer Mealecã de Cananor pera Goa, logo o Idalcan foi auisado disso, do que ficou muito enfadado, & tratou com os do seu conselho, sobre o que faria naquelle negocio. E assentou se que mandasse notificar ao Governador, que, ou lhe comprisse os contratos q̃ estauaõ feitos, ou lhe largasse as terras que lhe dera: & que quando não fizesse hũa cousa nem a outra, entaõ lhas mandasse tomar por força, por que já entaõ ficariaõ as culpas todas sobre o Governador. E por que elle era ido fóra, esperou q̃ viesse. E tanto que teue recado q̃ estaua em Goa, despedio vm coreyo com cartas pera elle, em que lhe pedia que comprisse os côtratos que estauaõ feitos antre ambos, quando lhe deu as terras de Salsete & Bardes: & mandasse logo Mealecan pera Malaca, já que não fora pera Portugal, & quando não, que lho entregasse, ou lhe largasse as terras que lhe tinha dado, se não que faria o que lhe parecesse que mais lhe conuinha.

Estas cartas chegaraõ ao Governador, quando despedia Fernão de Sousa de Tauora pera Maluco:



luco: & vêdo a determinação dellas, mandou logo meter Mealecan na torre da menagem, & ordenou com muita pressa Ioaõ Fernandez de Nigreiros, cidadão principal de Goa, pera ir em forma de Embaixador ao Idalcan, por quem lhe mandou dizer, que se deixaua de mandar Mealecan pera fóra, era, por que tinha escrito nas naos passadas a Elrey sobre aquelle negocio, pera elle ordenar o que faria, & que esperaua por resposta sua: & que pera melhor o seguir o mandara trazer de Cananor, dõde podia fogir, & o tinha na torre da menagem, diante de seus olhos, a onde se não podia recear de cousa algũa. Este Embaixador não foi bem recebido, & ouuindo as rezões do Governador, parecendo lhe tudo cumprimentos & inuencões, mandou prender o Embaixador, & todos os Portuguezes q̃ estauão naquella cidade, & recolher suas fazendas, pondoos a muito bom recado, com tenção de os não largar a té lhe entregarem Mealecan: aconselhando-lhe seus capitaens que não soffresse tanto: & que mandasse logo um exercito a cobrar as terras de Salsere & Bardes: o que elle por então não quis fazer, por que como sua tenção era auer as mãos Mealecan, ou o fazer lançar pera parte onde se elle não receasse: ouue que lhe bastaua pera isso os penhores que tinha. O Governador tanto que

foube da prisão do Embaixador ficou malenconizado, & começou a correr com recados, assi com o Idalcan, como com os seus grandes do conselho: mandando-lhe afirmar, que pera o verão mandaria Mealecan pera Malaca. Nisto se passou o inuerno, sem se tomar conclusão em cousa algũa, a té surgir na barra de Goa dom Ioaõ de Castro, que vinha por Governador (como no principio da sexta decada diremos.) O Governador gastou este inuerno em reformar a armada, por que por sem duvida tinha que lhe viria socessor, & lha queria deixar toda preparada.

O Bispo dõ Ioaõ d'Albuquerque, ordenou este inuerno em seu Bispoado algũas cousas que lhe parecerão de seruiço de Deos. E por q̃ a cidade de Goa era grande, & cada vez ya crescendo mais, & não podia o cura de santa Caterina administrar os sacramentos a todos os moradores della: por que a té então fora governado todo o espirital por um Vigairo geral, reparatio toda a cidade com seus arrabaldes em coatro freguezias, que de nouo proueo de Vigairos, & beneficiados. A primeira foi a de santa Caterina (que como disse-mos) quando logo o Bispo chegou à India, foi elegida em sede Episcopal.) A segunda a de nossa Senhora do Rosairo. A terceira de nossa Senhora da Luz. A coarta de santa Luzia: ordenando santas & boas



& boas constituições, assi pera as cousas que tocavaõ ao culto diuino, como pera o bom gouerno de suas ouelhas.

E pois por aqui acabamos esta quinta decada, & o tempo do gouerno de Martim Afonso de Sousa, concluamos este capitulo com as partes & qualidades de sua pessoa, & linhagem. Foi este Governador filho mais velho de Lopo de Sousa, & de dona Britiz d'Albuquerque: foi seu pay Alcaide mór de Bargança, que lhe rendia perto de coatrocentos mil reis. E parece que dizendolhe o coração q̃ auia de ser muito honrado, tanto que o pay faleceo engeitou a Alcaidaria mór ao Duque, & foise viuer com o príncipe dom Ioaõ, filho d'Elrey dom Manoel: & por que era ainda mancebo, seruiose delle de seu page: parece que lhe acôteceo vm desastre, ou desgraça, de que enueirgonhado elle, por que era muito pontual, fogio da corte, & se foi a Salamanca, a onde se namorou de hũa dama Castelhana, chamada dona Ana Pimintel, com quem casou, & trouxe a Portugal. Era já neste répo o príncipe dom Ioaõ Rey, q̃ o tornou a recolher, fazendolhe honras & merces. D'ahi a alguns tempos o mādou por capitão mór de hũa armada pera o Brazil, em q̃ o seruió bé. Depois o mandou por capitão mór do mar da India o anno de trinta & coatro, como dissemos no capitulo 1. do liuro 9. da 4.

decada. Foi homẽ de muito grandes pensamentos, & já em moço tinha tamanho brio, & opiniaõ: q̃ passando por Bargança o grande capitão Gõçalo Fernãdez de Cordoua, lhe fez Lopo de Sousa, pay de Martim Afonso de Sousa grandes galhados: & o mandou acompanhar pello filho algũas jornadas: & ao despedir delle, tirou o graõ capitão vm rico colar d'ouro & pedraria que leuaua ao pescoço, sobre os trajos de caminho, & foi pera lho lançar ao seu: Martim Afonso se afastou pera fóra, como q̃ naõ o queria. O q̃ visto pello graõ capitão (entendendo que aquillo era opiniaõ) lhe disse: ora senhor bem vos entendo, deueis de querer armas: & tirando a espada que leuaua na cinta lha deu, & elle a tomou com grande acatamento, estimandoa muito, & assi a trouxe sempre cõsigo: & nos dias de mores festas a trazia na cinta. Foi este Governador homem de boa estatura, gentil homem, & apraziuel. Era muito prudente, & de grande conselho, & por isso foi sempre vm dos principaes do d'Elrey, em quáto gouernou a Raynha dona Caterina por seu neto dom Sebastiaõ & algum tempo depois delle tomar o gouerno. Era apressado em suas coulas, & grande conhecedor do tempo, tanto, que parecia q̃ os adiunhaua, pello muito discurso que delles tinha.

E assi entendendo q̃ Elrey auia de



## *Quinta Decada. Da historia da India.*

de bolir com os do seu conselho, lançouse primeiro de fóra com achaques que tomou, & não tardou muito que não ouuesse nisto nouidades. Foi rico da India com o que leuou, & com merces q̃ sempre lhe fizeraõ. Constituiu vm arzeado morgado que deixou a seu filho Pero Lopez de Sousa, em que entraua a villa d'Alcoentre. Foi homem que em quanto gouernou, poupou mais o superfluo, & despendeo milhor o necessario que todos: por que pagou trinta & cinco contos de diuidas velhas, & tres quarteis cada anno, a toda a gente da India: & tinha sempre cincoenta mil pardaos em deposito, pera as necessidades que sobreuiessem ao Estado. Foi tão amigo de olhar pella fazenda d'Elrey, q̃ foi o primeiro que ordenou mandar Veadores della ás fortalezas. E costumaua a dizer, que pera Elrey ter dinheiro, auia de auer mui

tos que o ajuntassem, & vm só que o gastasse. No que se enganou, por que depois se veyo a entêder, que estes veadores da fazenda eraõ os mores destruidores que ella tinha. E por isso mandou depois Elrey q̃ os não ouuesse, como em seu lugar diremos. Primeiro que entregasse a India a dom Ioaõ de Castro, mãdou pôr o seu retrato na casa a onde estauaõ os dos outros Governadores: & ainda está oje pello natural do seu tamanho cõ o trajo ao antigo: roupa aberta de mangas de roca, com golpes & botoes, jubaõ de petrina baixa, & sobre elle couraças postas sobre veludo cravadas, mufcos dos antigos, espada á tera, & barrete redondo cõ golpes & pontas d'ouro. E por aqui temos concluido com esta quinta decada á gloria & honra de Deos nosso Senhor, que viue & reina in saecula saeculorum Amen.

*Fim da Quinta Decada.*



ue  
or  
ue  
os  
a.  
q  
ar  
le  
a  
on  
a-  
r-  
o  
r-  
s,  
l-  
a  
a  
i  
a  
s  
1